

**A GUERRA ENTRE CHINA E
ESTADOS UNIDOS NA COREIA**
DA ESCALADA ÀS NEGOCIAÇÕES
DE CESSAR-FOGO

Catálogo na Fonte
Elaborado por: Josefina A. S. Guedes
Bibliotecária CRB 9/870

D812g Duarte, Érico Esteves
2019 A guerra entre China e Estados Unidos na Coreia: da escalada às negociações de cessar-fogo / Érico Esteves Duarte. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019.
391 p. ; 27 cm (Ciências Sociais)

Inclui bibliografias
ISBN 978-85-473-3074-3

1. Guerrilhas – Guerras e operações – China. 2. Guerrilhas – Guerras e operações – Estados Unidos. 3. Operações militares. 4. Relações internacionais – Coreia.
5. Coreia – História. I. Título. II Série.

CDD – 355.4

Livro de acordo com a normalização técnica da ABNT

Editora e Livraria Appris Ltda.
Av. Manoel Ribas, 2265 – Mercês
Curitiba/PR – CEP: 80810-002
Tel: (41) 3156 - 4731
www.editoraappris.com.br

Appris
editora

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Érico Duarte

**A GUERRA ENTRE CHINA E
ESTADOS UNIDOS NA COREIA**
DA ESCALADA ÀS NEGOCIAÇÕES
DE CESSAR-FOGO

Appris
editora

Editora Appris Ltda.
1.^a Edição - Copyright© 2019 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.
Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores.
Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto V. de A. Coelho Marli Caetano Sara C. de Andrade Coelho
COMITÊ EDITORIAL	Andréa Barbosa Gouveia - UFPR Edmeire C. Pereira - UFPR Ireneide da Silva - UFC Jacques de Lima Ferreira - UP Marilda Aparecida Behrens - PUCPR
ASSESSORIA EDITORIAL	Bruna Fernanda Martins
REVISÃO	Thalita Martins da Silva Milczvski
PRODUÇÃO EDITORIAL	Lucas Andrade
DIAGRAMAÇÃO	Luciano Popadiuk
CAPA	Murilo Maciel
COMUNICAÇÃO	Carlos Eduardo Pereira Débora Nazário Karla Pipolo Olegário
LIVRARIAS E EVENTOS	Estevão Misael
GERÊNCIA DE FINANÇAS	Selma Maria Fernandes do Valle

COMITÊ CIENTÍFICO DA COLEÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS

DIREÇÃO CIENTÍFICA Fabiano Santos (UERJ-IESP)

CONSULTORES	Alicia Ferreira Gonçalves (UFPB)	Jordão Horta Nunes (UFG)
	Artur Perrusi (UFPB)	José Henrique Artigas de Godoy (UFPB)
	Carlos Xavier de Azevedo Netto (UFPB)	Josilene Pinheiro Mariz (UFCEG)
	Charles Pessanha (UFRJ)	Leticia Andrade (UEMS)
	Flávio Munhoz Sofiati (UFG)	Luiz Gonzaga Teixeira (USP)
	Elisandro Pires Frigo (UFPR-Palotina)	Marcelo Almeida Peloggio (UFC)
	Gabriel Augusto Miranda Setti (UnB)	Maurício Novaes Souza (IF Sudeste-MG)
	Helcimara de Souza Telles (UFMG)	Michelle Sato Frigo (UFPR-Palotina)
	Ireneide Soares da Silva (UFC-UFPI)	Revalino Freitas (UFG)
	João Feres Junior (Uerj)	Simone Wolff (UEL)

Guerra é uma disputa de força, mas o padrão original de força se altera no curso da guerra.

Mao Tse-Tung, 1938.

A democracia é desconfortavelmente parecida com um daqueles monstros pré-históricos com um corpo tão longo quanto este quarto e um cérebro do tamanho de um alfinete: ele jaz ali em sua confortável lama primitiva e dá pouca atenção ao seu ambiente; ele é lento para se irritar – na verdade, você praticamente tem que bater na sua cauda para conscientizá-lo de que seus interesses estão sendo perturbados, mas uma vez que ele percebe isso, ele se apega a eles com tanta determinação cega que ele não apenas destrói seu adversário, mas em grande parte destrói seu habitat nativo.

George Kennan, 1951.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao povo da Coreia do Sul, pela paciência e gentileza que sempre tiveram com a minha insistente e, muitas vezes, desorientada determinação de conhecer sua história militar. A ideia do presente livro se desenvolveu durante minha pesquisa de doutorado sobre a logística da guerra. Sua empreitada e potencial de contribuição mostraram-se muito maiores do que eu era capaz de lidar na época. Sua retomada foi reiniciada, timidamente, em 2012, com uma viagem de um mês pelas cidades e regiões que foram os principais campos de batalha dessa guerra. Portanto, aos coreanos, meu muito obrigado.

Mas, apenas durante meu período de pesquisas na Alemanha e Reino Unido, pude retomar o livro. Por isso, devo agradecer ao Instituto de Estudos de Paz e Política de Segurança da Universidade de Hamburgo, na pessoa de seu diretor, na época, Michael Brzoska. Bem como a parceria estratégica da professora Patrícia Schneider, pela acolhida e pela oportunidade de imersão em minha pesquisa ao longo de 2015. De maneira similar, a revisão bibliográfica não teria sido possível sem a disponibilidade da biblioteca do Joint Services and Command Staff College, à qual tive acesso durante meu período como pesquisador no Centro Corbett de Estudos de Política Marítima do King's College, em Shrivenham, em 2016. Agradeço ao seu diretor Greg Kennedy, que ofereceu generosamente todos os recursos de que precisei. Todo esse período de pesquisa no exterior e este livro também não seriam possíveis sem a bolsa de pós-doutorado da Capes, pela qual fui beneficiado entre 2015 e 2016 e em relação à qual apresento, finalmente, seu último resultado.

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, existe a crescente produção e preocupação acadêmica, jornalística e política quanto à possibilidade de uma guerra de influência na Ásia entre Estados Unidos e China, com implicações globais, principalmente em decorrência da ascensão chinesa e das tensões derivadas de ações norte-coreanas. O que poucos sabem, e o que a literatura especializada tem sido pouco efetiva em esclarecer e informar, é que: *isso já aconteceu*. China e Estados Unidos já guerrearam entre si pela autonomia da Coreia do Norte, pela balança de poder da Ásia e pelo status quo político internacional entre 1950 e 1953.

Ainda que hoje as potenciais consequências e a complexidade de tal choque seriam muito maiores, existe uma memória, principalmente entre chineses e norte-coreanos, do que significou para suas nações a “Guerra para Libertação da Pátria” ou a “Guerra para Resistência à América e Assistência à Coreia”. No Ocidente, tende-se a imiscuir a Guerra entre as Coreias de junho a outubro de 1950 com a nova guerra que teve início após o envolvimento chinês em novembro de 1950. Por essa razão, ela é mais comumente denominada como “Guerra Esquecida” ou “Guerra Desconhecida”.

A Guerra Sino-americana foi o choque entre potências que teve as maiores implicações políticas do século XX, após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Em torno de três milhões de soldados de 26 diferentes nacionalidades foram envolvidos. A partir de dezembro de 1950, Pequim, Washington, as demais capitais de Estado e as Nações Unidas passaram a se consternar com essa nova guerra. Com os sucessos de suas ofensivas na Península Coreana contra a coalizão de forças das Nações Unidas sob o comando dos Estados Unidos, a China se apresentou, pela primeira vez na sua história contemporânea, como uma potência. Ela desafiou o país e a ordem hegemônica do pós-Segunda Guerra Mundial, clamando para si a posição que achava sua por direito no Conselho de Segurança das Nações Unidas (e não do regime instalado em Taiwan), na Ásia e no mundo. A entrada da China comunista na Guerra da Coreia a transformou completamente para a Guerra Sino-americana.

Minha ambição mais ampla com esse livro é confrontar o desafio de compreensão contemporânea de guerras limitadas a partir do seu caso contemporâneo mais clássico. Ele reconta e reconstrói a história da guerra entre China e Estados Unidos na Península Coreana entre dezembro de 1950 e julho de 1951, ou seja, desde o reconhecimento mútuo de beligerância entre eles, passando pelas alternâncias de seus objetivos políticos, ofensivas e defensivas, sucessos e fracassos até alcançarem um equilíbrio estratégico que possibilitou a abertura das negociações de cessar-fogo.

Eu tenho como público-alvo principal, mas não exclusivo, o oficial e suboficial militares, cujas carreiras por mais especializadas e intelectualizadas que venham se tornando, ainda não são observadas como um público e mercado editorial e que demanda uma literatura adequada. Em segundo lugar, o decisor político e o estudioso de questões relacionadas à segurança e à defesa. Em todos esses casos, tenho o compromisso normativo de elaboração e disponibilização de um estudo que ajude na reflexão e educação da tomada de decisões sobre guerra. Por um lado, devido à origem bélica da maioria dos países e o papel central das forças armadas nesse processo, a identidade e valores das instituições militares, principalmente as terrestres, são embebidas por categorias absolutas e mais

relacionadas aos elementos existenciais de guerras ilimitadas. No caso brasileiro, as sombras da Guerra da Tríplice Aliança, das guerras mundiais e mesmo das Guerras Napoleônicas ainda pairam e influenciam muito a cultura organizacional castrense, desviando a orientação das revisões das doutrinas, instruções e procedimentos das forças armadas brasileiras necessários para contextos similares ao de guerras limitadas. Por outro lado, uma parte significativa da literatura acadêmica brasileira não aponta a utilidade e a relevância da qualificação civil em assuntos de segurança e defesa para além de uma cláusula democrática de controle civil sobre os militares. O presente livro contribui para apontar um tipo de guerra em que a colaboração entre militares e civis não é uma opção, mas um imperativo. Para esse público, o livro, como um todo, é apontado como um apoio ao aprendizado e à compreensão sobre o uso da força.

Para além disso, eu faço uma contribuição empírica ao organizar e sintetizar uma perspectiva multidimensional a partir de fontes ocidentais e orientais, primárias e secundárias, que é original e relevante. Os capítulos dois e três combinadamente com a terceira parte do livro podem ser lidos separadamente e serem de maior e direto interesse do leitor de História das Relações Internacionais que busca maior compreensão da Guerra da Coreia, da Guerra Sino-americana e das políticas externas de Estados Unidos, China e União Soviética no pós-Segunda Guerra Mundial.

A Parte II analisa a arte da guerra do contexto da Guerra Sino-americana. Ela analisa os elementos físicos da Península Coreana, os comandantes e suas condições de comando e os vários aspectos táticos e logísticos das forças combatentes. Portanto, compreende os capítulos mais técnicos do livro e é dedicada a profissionais militares e dos Estudos Estratégicos. Apesar de não ser imprescindível, possibilita um entendimento mais aprofundado da terceira parte do livro.

Por fim, para os aficionados, como eu, pela história de operações militares, a Parte III atenderá aos seus interesses, de forma bastante satisfatória.

Érico Duarte

SUMÁRIO

1

INTRODUÇÃO.....	15
1.1 A EVOLUÇÃO DA GUERRA DA COREIA PARA A GUERRA SINO-AMERICANA.....	17
1.2 DEFINIÇÃO DE GUERRA LIMITADA E BASE TEÓRICA.....	22
1.3 FONTES DE ESTUDO.....	24

PARTE I

BASES CONCEITUAIS E HISTÓRICAS

2

A TEORIA DA GUERRA LIMITADA DE CLAUSEWITZ.....	29
---	-----------

3

O CONTEXTO DA GUERRA SINO-AMERICANA	37
3.1 AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS CHINESAS E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO SOCIALISTA ASIÁTICO.....	37
3.2 RAZÕES HISTÓRICAS E IMEDIATAS CHINESAS PARA A GUERRA COM OS ESTADOS UNIDOS.....	43
3.3 INSTITUIÇÕES POLÍTICAS NORTE-AMERICANAS E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO HEGEMÔNICO	53
3.4 RAZÕES HISTÓRICAS E IMEDIATAS NORTE-AMERICANAS PARA A GUERRA COM A CHINA	61
3.5 NÚMEROS DAS FORÇAS COMBATENTES CHINESAS E DA COALIZÃO COMUNISTA.....	69
3.6 NÚMEROS DAS FORÇAS COMBATENTES NORTE-AMERICANAS E DA COALIZÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.....	73

4

ANÁLISE DOS FINS: PROPÓSITOS POLÍTICOS E POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS	81
4.1 AS CONDIÇÕES POLÍTICAS	81
4.2 AS POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS DA CHINA.....	86
4.3 AS POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS DOS ESTADOS UNIDOS.....	96
4.4 AVALIAÇÃO POLÍTICA DA GUERRA SINO-AMERICANA.....	108

PARTE II

A ANÁLISE DOS MEIOS

5

O TEATRO DE OPERAÇÕES DA PENÍNSULA COREANA.....	115
--	------------

6

O COMANDANTE E AS FORÇAS COMBATENTES CHINESES.....	123
6.1 PENG DEHUI E O COMANDO DAS FORÇAS DA COALIZÃO COMUNISTA	123
6.2 A CAPACIDADE COMBATENTE DAS FORÇAS CHINESES E NORTE-COREANAS.....	126
6.3 AS CONDIÇÕES LOGÍSTICAS CHINESES	137
6.3.1 A Mobilização das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas.....	138
6.3.2 A Movimentação das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas	142
6.3.3 A Manutenção das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas	145

7

O COMANDANTE E AS FORÇAS COMBATENTES NORTE-AMERICANAS	153
7.1 MATTHEW RIDGWAY E O COMANDO DAS FORÇAS NORTE-AMERICANAS.....	154
7.2 A CAPACIDADE COMBATENTE DAS FORÇAS NORTE-AMERICANAS.....	158
7.3 AS CONDIÇÕES LOGÍSTICAS NORTE-AMERICANAS.....	169
7.3.1 A Mobilização das Forças Combatentes dos Estados Unidos e da Coalizão das Nações Unidas	170
7.3.2 A Movimentação das Forças Combatentes Norte-americanas.....	176
7.3.3 A Manutenção das Forças Combatentes Norte-americanas.....	181
Galeria de Fotos do Arquivo do Autor.....	186

PARTE III

A ANÁLISE DOS MÉTODOS

8

OS PLANOS DA GUERRA SINO-AMERICANA.....	203
8.1 O PLANO DE MAO TSE-TUNG.....	205
8.2 O PLANO DE MATTHEW RIDGWAY	211

9

A OFENSIVA CHINESA DE ANO-NOVO: DE 31 DE DEZEMBRO DE 1950 A 14 DE JANEIRO DE 1951.....	217
9.1 CONDIÇÕES RELATIVAS DE FORÇA.....	217
9.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES.....	222
9.2.1 A 1ª Batalha do Rio Imjin – 31 de dezembro de 1950 a 8 de janeiro de 1951.....	225
9.2.2 As Batalhas de Chuncheon-Hoengseong e Wonju – 29 de dezembro de 1950 a 15 de janeiro de 1951.....	230
9.3 IMPLICAÇÕES DIPLOMÁTICAS E AVALIAÇÃO.....	237

10

A OFENSIVA NORTE-AMERICANA PARA RECONQUISTA DE SEUL: 25 DE JANEIRO A 22 DE ABRIL DE 1951.....	241
10.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS.....	241
10.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES.....	246
10.3 INÍCIO DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY.....	249
10.3.1 A Batalha dos Tuneis Gêmeos, 28 de janeiro – 3 de fevereiro.....	252
10.4 O AVANÇO NORTE-AMERICANO AO RIO HAN, 4 A 10 DE FEVEREIRO.....	257
10.4.1 A Batalha de Hoengseong de 7 a 18 de fevereiro.....	259
10.4.2 A Batalha de Chipyeong-ni de 11 a 15 de fevereiro.....	267
10.5 A RECAPTURA DE SEUL.....	274
10.6 A BREVE FASE COERCITIVA DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY.....	279
10.7 AVALIAÇÃO DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY.....	281

11

A OFENSIVA CHINESA DA PRIMAVERA, 22 DE ABRIL A 27 DE MAIO.....	287
11.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS.....	287
11.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES.....	291
11.3 A 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG, 22 A 30 DE ABRIL.....	295
11.3.1 A 2ª Batalha do Rio Imjin, 22 a 29 abril.....	298
11.3.2 A Batalha de Yonchon, 22 a 28 de abril.....	306
11.3.3 A Batalha do Rio Kapyong, 22 a 28 de abril.....	308
11.4 O ENCERRAMENTO 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG.....	313
11.5 SUSPENSÃO DA AÇÃO.....	315

11.6 A 2ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG, 16 A 27 DE MAIO	320
11.6.1A Batalha do Rio Soyang, 16 a 21 de Maio	325
11.7 O CONTRAGOLPE NORTE-AMERICANO	337
11.8 AVALIAÇÃO	342

12

A OFENSIVA NORTE-AMERICANA PARA O CESSAR-FOGO, 27 DE MAIO A JULHO DE 1951

12.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS	345
12.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES.....	347
12.3 INÍCIO DA 2ª OFENSIVA DE RIDGWAY.....	351
12.3.1 A Batalha de Yeoncheon, 1 a 13 de junho	353
12.3.2 Batalha de Hwacheon, 5 a 14 de junho.....	355
12.3.3 As Batalhas pela Nova Linha Kansas, 4 a 14 de junho.....	357
12.4 A ABERTURA DAS NEGOCIAÇÕES DE CESSAR-FOGO	361
12.5 AVALIAÇÃO DA 2ª OFENSIVA DE RIDGWAY	365

13

CONCLUSÃO: AVALIAÇÃO FINAL E CRÍTICA.....

13.1 AVALIAÇÃO E CRÍTICA DA CHINA	368
13.2 AVALIAÇÃO E CRÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS	376
13.3 AS IMPLICAÇÕES DA GUERRA SINO-AMERICANA.....	378

REFERÊNCIAS.....

381

INTRODUÇÃO

O entendimento de que entre 25 de junho de 1950 e 27 de julho de 1953 tenha ocorrido uma única guerra – com continuidade de objetivos políticos, metas bélicas, planos, relações diplomáticas, comandantes e forças combatentes – é um erro factual grave. Esse mau-entendimento também omite as particularidades de um tipo de guerra estranha naquela época e que se torna cada vez mais comum no século 21: uma guerra entre coalizões em que as barganhas ocorrem enquanto se luta, e as implicações políticas das ações combinadas de uso da força e da diplomacia não se limitam ao entorno do teatro de operações, mas afetam os interesses de beligerantes, e terceiros países, em outras regiões – ou guerra limitada.

O atual debate estratégico retorna ao estudo desse tipo de fenômeno, e a essa guerra em particular, em decorrência das condutas bem-sucedidas de guerras limitadas pela Rússia na Geórgia, Criméia e Ucrânia; e como seus desdobramentos inauguram um novo padrão de relações políticas entre “Ocidente” e Rússia.¹ Apesar do viés marcadamente eurocêntrico, esse debate não tem como constatação central o retorno das guerras limitadas, pois essas nunca deixaram de ser um dos mais recorrentes fenômenos estratégicos. Vide as várias constatações de sua relevância para compreensão do panorama de segurança da América do Sul e do Brasil², do Oriente Médio, da África, do sul da Ásia e mesmo da política de segurança dos Estados Unidos de, pelo menos, os últimos sessenta anos.³ Estudos estatísticos mais amplos apontam que apenas entre 10% e 19% das guerras travadas entre 1816 e 1985 podem ser enquadradas como completamente distintas de guerras limitadas.⁴

O problema central do debate corrente é que existe um prognóstico pessimista dessas novas relações entre “Ocidente” e Rússia tendo em vista o mau histórico de guerras limitadas travadas pelos Estados Unidos e Europa. Entre 1990 e 2001, os Estados Unidos teriam feito uso combinado e bem-sucedido de coerção e diplomacia em cinco de dezesseis ocasiões, e os demais países “ocidentais” teriam realizado seis condutas com sucesso de trinta e seis casos.⁵ Para além de dificuldades

¹ FREEDMAN, Lawrence, Ukraine and the Art of Limited War, *Survival*, v. 56, n. 6, p. 7–38, 2014, p. 7; GRYGIEL, Jakub; MITCHELL, Wes, Limited War Is Back, *National Interest*, n. 133, p. 37–44, 2014, p. 37.

² Para uma análise histórica de como as guerras limitadas conformaram os Estados-nação da América Latina, sugiro CENTENO. *Blood and Debt: War and the Nation-State in Latin America*, Philadelphia: Penn State University Press, 2003. Uma formulação analítica preliminar para o contexto estratégico brasileiro seguida de recomendações de política de defesa, é presente em Duarte A Conduta da Guerra na Era Digital e suas Implicações para o Brasil: uma Análise de Conceitos, Políticas e Práticas de Defesa, *Texto para Discussão (Ipea)*, jun. 2012, p. 66–85.

³ BYMAN, Daniel; WAXMAN, Matthew, *The Dynamics of Coercion: American Foreign Policy and the Limits of Military Might*, New York: Cambridge University Press, 2002. DOUGHERTY, Kevin, *The United States Military in Limited Wars: Case Studies in Success and failure, 1945-1999*. Jefferson: McFarland, 2012; DUYVESTEYN, Isabelle, *Clausewitz and African Wars – Politics and Strategy in Liberia and Somalia*, New York: Frank Cass, 2004.

⁴ BENNETT, D. Scott; STAM III, Allan, The Duration of Interstate Wars, *The American Political Science Review*, v. 90, n. 2, p. 239–257, 1996; WEISIGER, Alex, *Logic of War: Explanations for Limited and Unlimited Conflicts*, Ithaca: Cornell University Press, 2013, p. 2–3.

⁵ ART, Robert, Coercive diplomacy: What Do We Know?, In: ART, Robert; CRONIN, Patrick (Org.), *The United States and Coercive Diplomacy*, Washington: United States Institute of Peace, 2003, p. 386; JAKOBSEN, Peter Viggo, Coercive Diplomacy, In: COLLINS, Allan (Org.), *Contempo-*

intrínsecas de casos específicos, o diagnóstico é que existe um problema grave na compreensão sobre as possibilidades e limites do uso combinado de coerção militar e barganha que, de uma maneira ou de outra, tem provocado a falta de competência em como conduzir esse tipo de guerra.⁶

Aponta-se aqui que a constatação da correlação entre a truncada compreensão e a baixa performance na conduta de guerras limitadas é mais um sintoma da “grande divisória nuclear”.⁷ Em que a omissão ou recusa às bases teóricas clássicas por parte dos estudiosos e praticantes contemporâneos apenas incorre em perdas para eles mesmos.

Diferente das experiências das demais grandes guerras do século 20, e da conduta da própria Guerra da Coreia até então, a Guerra entre China e Estados Unidos foi uma guerra em que chanceleres e diplomatas tinham grande relevância, e mesmo generais e almirantes tiveram que agir como negociadores. Isso era percebido como contraditório, pois envolvia as duas grandes potências do século 20 e 21 que, ainda assim, eram refreadas a uma guerra sem vitórias decisivas. No contexto do século 20, esse entendimento foi definido como sendo a alternativa às guerras convencionais totais e à hecatombe nuclear.⁸ Não surpreendentemente, esse simples procedimento lógico de antítese não foi capaz de oferecer arcabouço conceitual suficiente para os comandantes estadunidenses e chineses, que tiveram que aprender sobre ela enquanto a conduziam, e seus países sofreram por isso. O impacto dessa guerra foi tão agudo que existiu a preocupação por parte de burocratas e analistas da época em registrar os documentos e acontecimentos, perpetuando seu estudo no futuro,⁹ inclusive do ponto de vista da Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz.¹⁰

Na verdade, ao contrário dessa orientação, o estudo da Guerra da Coreia pouco se avançou para além do registro histórico e, mais importante, a Guerra Sino-americana é relegada a uma posição marginal e obscura na formação militar, diplomática e política. Com raras exceções,¹¹ não existe uma compreensão conceitualmente embasada da Guerra Sino-americana como uma guerra limitada que sirva de reservatório de conhecimento para sua compreensão e mesmo para a reflexão de guerras limitadas posteriores. Marcante como foi para o século 20, esse embate deveria ser um estudo de caso clássico para educação de comandantes, diplomatas e chefes de estado.

Nesse sentido que aponto o principal argumento do presente livro. A Guerra Sino-americana é tratada aqui como o caso clássico para estudos sobre guerra limitada, guerra de coalizões, diplomacia coercitiva, relações sino-americanas e Coreia do Norte. Recuperando a teoria de guerra

rary Security Studies, Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 291; JAKOBSEN, Peter Viggo, Pushing the Limits of Military Coercion Theory, **International Studies Perspectives**, v. 12, n. 2, p. 153–170, 2011, p. 152.

⁶ HOWARD, Michael, When Wars Are Decisive?, **Survival**, v. 41, n. 1, p. 126–135, 1999; JAKOBSEN, Pushing the Limits of Military Coercion Theory, p. 154; JERVIS, Robert, Bridges, Barriers, and Gaps: Research and Policy, **Political Psychology**, v. 29, n. 4, p. 571–592, 2008, p. 589; GRIF-FIN, Christopher, From Limited War to Limited Victory: Clausewitz and Allied Strategy in Afghanistan, **Contemporary Security Policy**, v. 35, n. 3, p. 446–467, 2014, p. 461; GRYGIEL; MITCHELL, Limited War Is Back, p. 38; HAWKINS, William, Imposing peace: Total vs. Limited Wars, and the Need to Put Boots on the Ground, **Parameters**, v. 30, n. 2, p. 72, 2000, p. 73; JAKOBSEN, Pushing the Limits of Military Coercion Theory, p. 153.

⁷ GRAY, Colin, Across the Nuclear Divide, Strategic Studies Past and Present, **International Security**, v. 2, n. 1, p. 24–46, 1977; PROENÇA JÚNIOR, Domício; DUARTE, Érico, Os Estudos Estratégicos como Base Reflexiva da Defesa Nacional, **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 50, n. 1, p. 29–46, 2007.

⁸ OSGOOD, Robert E., **Limited War Revisited**, Boulder, Colo: Westview Pr, 1979.

⁹ GOODRICH, Leland, **Korea: A Study of U.S. Policy in the United Nations**, Washington: Council on Foreign Relations, 1956; BERGER, Carl, **The Korea Knot: A Military-Political History**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1957; BLOOMFIELD, Lincoln Palmer, **International Military Forces**, Boston: Little, Brown, 1964.

¹⁰ GUTTMAN, Allen, **Korea and the Theory of Limited War**, Lexington: DC Heath & Company, 1967.

¹¹ MALKASIAN, Carter, **A History of Modern Wars of Attrition**, Westport: Praeger Publishers, 2002; MALKASIAN, Carter, Toward a Better Understanding of Attrition: The Korean and Vietnam Wars, **The Journal of Military History**, v. 68, n. 3, p. 911–942, 2004.

limitada de Carl von Clausewitz para sua verificação e tratamento como fonte de reflexão e mesmo aprendizado, realiza-se a análise crítica (*kritik*) da campanha que abre a Guerra Sino-americana e transforma a Guerra da Coreia em algo muito além de que uma guerra civil internacionalizada. O livro tem como recorte a análise dos efeitos mútuos dos desenvolvimentos militares e diplomáticos entre Estados Unidos, China e suas respectivas coalizões desde a escalada dessa guerra a partir de dezembro de 1950 e até sua moderação e início das negociações de cessar-fogo abertas no próprio teatro coreano, a partir de 10 de julho de 1951.

1.1 A EVOLUÇÃO DA GUERRA DA COREIA PARA A GUERRA SINO-AMERICANA

O primeiro esforço de delimitação do livro é a demarcação dos atributos políticos e estratégicos da Guerra da Coreia e da Guerra Sino-americana. A Guerra da Coreia teve início e desenvolvimento que podem ser compreendidos a partir de três conotações, que foram alteradas, principalmente a primeira, pelo choque chinês contra a coalizão liderada pelos Estados Unidos.

A primeira e mais distinta conotação da Guerra da Coreia é que ela tenha sido o escalonamento de uma fratura da sociedade coreana, que vinha sendo incapaz de produzir uma consciência política nacional e uma solução nativa no contexto posterior ao domínio japonês. Nesse sentido, a Guerra da Coreia foi resultado da falência das instituições e lideranças políticas coreanas que demandaram algum tipo de arbitragem internacional, ocorrido dentro dos padrões do embate da Guerra Fria.¹² Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a Coreia foi palco de um padrão de desenvolvimento político em que grupos locais passaram a ter papel mais destacado. Houve desenfreios movimentos e choques entre grupos políticos das mais variadas tendências que apenas mediante aos envolvimento soviético e norte-americano compuseram as lideranças políticas no norte em torno de Kim Il-Sung e no sul em torno de Syngman Rhee. Ambos eram produtos antagônicos de uma sociedade desestruturada com a sucessão de domínios estrangeiros desde meados do século 19. A questão crítica era que suas perspectivas – respectivamente, revolucionária e reacionária – foram os mais fortes elementos de escalonamento aos extremos da Guerra da Coreia. A única particularidade comum entre Kim Il-Sung e Syngman Rhee era o objetivo inconciliável de unificação das Coreias sob suas respectivas bandeiras.¹³

Segundo, essas duas guerras na Coreia foram a última campanha de Stalin na promoção da revolução comunista.¹⁴ A invasão norte-coreana era o projeto político de Kim Il-Sung que foi transformada e passou a servir principalmente à política externa do líder Mao Tse-Tsung a partir do envolvimento chinês. Porém, a direção geral de Stalin foi o elemento essencial para o desenvolvimento da Guerra da Coreia em termos de objetivo, *timing* e caráter, sendo que apenas o primeiro aspecto foi preservado na passagem para a Guerra Sino-americana.

O *objetivo* político da invasão norte-coreana, do ponto de vista Stalin, era assegurar a China dentro de zona de influência soviética. Apenas secundariamente era seu objetivo estender uma zona

¹² MILLETT, Allan R. *The War for Korea, 1945-1950: A House Burning*. Lawrence: University Press of Kansas, 2005.

¹³ HU, Wanli, *Mao's American Strategy and the Korean War*. Tese (Doutorado) – Universidade de Massachusetts, Amherst, 2005, p. 217.

¹⁴ LEVINE, Alan, *Stalin's Last War; Korea and the Approach to World War III*. McFarland: Jefferson, 2005.

tampão soviética na Ásia contra os Estados Unidos e o Japão.¹⁵ Já o *timing* da invasão seguia o convencimento de Stalin que os Estados Unidos não se interporiam. Por um lado, Stalin era bombardeado pelos argumentos de Kim Il-Sung de que como eles não tinham interposto militarmente na guerra civil da China. Portanto, sendo a Coreia um país de menor importância, os Estados Unidos teriam certamente um impulso ainda menor para envolvimento. Um famoso discurso do Secretário de Estado Dean Acheson de fevereiro de 1950 – em que a Coreia era apontada como fora da área de cobertura dos Estados Unidos na Ásia – foi um elemento importante para que esse convencimento se firmasse. Por outro lado, Stalin, por meio de seus serviços de inteligência e da imprensa norte-americana, concluiu que se os Estados Unidos desejassem interpor na defesa da Coreia do Sul, isso levaria meses de preparação. Se Kim fosse rápido e decisivo o suficiente, o tempo estaria ao seu favor. No pior cenário possível, uma intervenção americana levaria ao choque entre Estados Unidos e China, cujo principal resultado seria a hostilidade entre eles, o que levaria Mao a buscar ainda mais o apoio de Stalin.¹⁶ Por fim, o *caráter* da coalizão comunista sob os desígnios de Stalin era defensivo, e apenas posteriormente converteu-se a objetivos políticos positivos. Até dezembro de 1950, Stalin planejava baseado na estimativa que o Ocidente era muito mais forte e coeso que seu bloco comunista. Originalmente, os tratados de assistência militar da União Soviética com a Coreia do Norte de 1945 e com a China comunista de 1950 eram pautados por um medo de ofensivas conduzidas, respectivamente, pela Coreia do Sul e pelo regime chinês nacionalista em Taiwan, com apoio dos Estados Unidos.¹⁷ Toda a articulação entre União Soviética, China e Coreia do Norte sob a batuta de Stalin tinha como objetivo político original a manutenção do *status quo* soviético na Ásia, por meio da prevenção contra o fortalecimento chinês, a acentuação da presença norte-americana ou, mesmo num futuro mais distante, a recuperação do Japão.

Uma terceira e última conotação, que se tornou mais crítica após o envolvimento chinês, é que a Guerra da Coreia foi a revisão da política externa dos Estados Unidos para a Ásia e a reafirmação de seu papel na contenção da União Soviética e do comunismo. Toda a política norte-americana para a Ásia após a Segunda Guerra Mundial foi subordinada a um único objetivo: enquadrar o Japão como o bastião dos Estados Unidos na Ásia e na Guerra Fria. Para o Secretário de Estado Dean Acheson, era algo natural que o Japão fosse o grande tesouro da Ásia e que, dessa maneira, servisse como centro fulcral da recuperação econômica e de estabilidade política da região. Por isso, ele ajustou todas as políticas que os Estados Unidos tinham para o Extremo Oriente em função de garantir o ressurgimento do Japão como potência. O compromisso dos Estados Unidos com Taiwan, a aproximação indesejada com a China comunista e o envolvimento na Coreia eram medidas subsidiárias a essa linha-mestra. No pensamento de Acheson, o Pacífico deveria ser uma área de influência predominante dos Estados Unidos para o bem de sua economia e como forma de contenção do comunismo. O controle do Pacífico dar-se-ia a partir do Japão porque essa era a única nação industrializada do Oriente. E a melhor forma de recuperação regional era a reconstrução do Japão segundo seu sistema de comércio pré-guerra. No entanto, apesar da consistência da política externa norte-americana para o Japão, o mesmo não se pode dizer das políticas subsidiárias para a Coreia e a China.¹⁸

¹⁵ YU, Bin, What China Learned from its "Forgotten War" in Korea, In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 246–247.

¹⁶ GONCHAROV, Sergei; LEWIS, John; XUE, Litai. **Uncertain Partners: Stalin, Mao, and the Korean War**, Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 141–142, 146, 151.

¹⁷ MANSOUROV, Alexander, **Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War**. Tese (Doutorado) – Universidade de Columbia, 1997, p. 398.

¹⁸ MCGLOTHLEN, Ronald L., **Controlling the Waves: Dean Acheson and U.S. Foreign Policy in Asia**. New York: W W Norton, 1993, p. 17, 21, 24, 25, 34; 50–51.

A invasão norte-coreana de 25 de junho de 1950 levou os Estados Unidos a uma resposta ambígua e, ao mesmo tempo, energética.¹⁹ A ambiguidade era fruto do envolvimento oscilante dos Estados Unidos na Coreia e a força da resposta norte-americana era resultado do medo da punhalada contra o coração do Japão, como a invasão era definida por Acheson. Do ponto de vista do envolvimento dos Estados Unidos, a completa surpresa e despreparo da resposta à invasão norte-coreana e, depois, à intervenção chinesa foram dos elementos mais críticos de sua história política. A principal consequência disso seria uma tensão institucional de grandes proporções.

Nas vésperas da invasão norte-coreana, os Estados Unidos viviam em um estado de ansiedade e esperavam pelo incidente que levaria o mundo à terceira guerra mundial.²⁰ Mas eles esperavam um ataque na Alemanha, Turquia, Grécia ou Irã.²¹ Todos esses pareciam lugares de mais elevado valor e operacionalmente mais convenientes aos soviéticos.²² E, de fato, eram: a mudança da posição soviética em torno da questão norte-coreana também foi rápida. Stalin deslocou a disputa bipolar para um contexto e um padrão de uso da força além (ou aquém) do esperado pelos Estados Unidos.²³ Tornando-se, portanto, um raro caso de surpresa estratégica.²⁴

Ao início de 1950, o entendimento norte-americano era de que havia pouca possibilidade de uma invasão da Coreia do Norte num futuro recente.²⁵ O esforço militar de ambição limitada em um atrasado país asiático era algo que se desenvolveu abaixo do radar do monitoramento político dos Estados Unidos.²⁶ Em grande parte, porque a política de contenção de Truman, antes da Guerra da Coreia, resumia-se apenas a ameaça de ataques aéreos estratégicos em combinação com o provimento de suprimentos militares e equipamento para países ameaçados; mesmo depois que o monopólio nuclear fora quebrado pelos soviéticos em setembro de 1949.²⁷ Essa era uma grave deficiência da política externa dos Estados Unidos que a nova política de segurança nacional – NSC 68 – procurava revisar desde o início do ano de 1950. Essa demandava uma estratégia equilibrada e criticava a perspectiva da Junta dos Chefes de Estado-maior, reduzida à resposta aérea estratégica na defesa da Europa, um papel marginal das forças combatentes terrestres e o abandono de áreas marginais como a Coreia. O Conselho de Segurança Nacional apontava que ataques nucleares lidavam apenas com a perspectiva de dissuasão contra uma guerra total e as alternativas de confrontação comunista eram deixadas de lado. Por isso tudo, não houve qualquer antecipação à crise coreana e toda orientação política que se seguiu foi em um ambiente de alta incerteza e improvisação. Portanto, parte das razões do desenvolvimento bélico na Coreia deu-se por conta de uma má elaborada e, consequentemente, volátil política externa norte-americana para a Ásia.²⁸

¹⁹ Essa resposta envolveu: o envio de suprimentos à Coreia do Sul; da Força Aérea dos Estados Unidos para proteção do aeroporto de Kimpo; o envio da 7ª Frota da Marinha para proteção de Taiwan; a assistência à Indochina; o reforço da posição norte-americana nas Filipinas; e uma ação de condenação à invasão norte-coreana nas Nações Unidas. ACHESON, Dean, *The Korean War*, New York: W. W. Norton, 1971, p. 21, 23..

²⁰ JERVIS, R. The Impact of the Korean War on the Cold War, *Journal of Conflict Resolution*, v. 24, n. 4, p. 563–592, 1980, p. 566.

²¹ ACHESON. *The Korean War*, p. 19.

²² Ibid.

²³ GEORGE, Alexander, American Policy-Making and the North Korean Aggression, *In: Korea and the Theory of Limited War*, Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 66.

²⁴ Segundo Clausewitz (1986, VI-3, 363-366), surpresas estratégicas são raras, pois o posicionamento de forças militares em posição de ofensiva leva tempo e dificilmente passa despercebida. Mais importante que isso, as razões políticas que motivam tal concentração de meios, geralmente, têm razões mais profundas e antigas, por isso reconhecidas antes de sua evolução para níveis coercitivos.

²⁵ KAUFMANN, Burton. *The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command*, New York: Newbery, 1986, p. 25–27, 28–29.

²⁶ JERVIS. *The Impact of the Korean War on the Cold War*, p. 572–574.

²⁷ HUSTON, James A. *Guns and Butter, Powder and Rice: US Army Logistics in the Korean War*. Cranbury: Associated University Press, 1989, p. 18–21; JERVIS, The Impact of the Korean War on the Cold War, p. 572; LICHTERMAN, Martin, Korea: Problems in Limited War, *In: National Security in the Nuclear Age: Basic Facts and Theories*, New York: Praeger, 1960, p. 31–33.

²⁸ STUECK, William, *Rethinking the Korean War: A New Diplomatic and Strategic History*. Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 214.

Ainda assim, tal resposta foi um dos elementos mais surpreendentes. Por um lado, ela mudou radicalmente as orientações que se mantinha desde 1947, impactando com surpresa aliados e rivais, pois fazia da situação coreana uma crise internacional.²⁹ A velocidade do comprometimento norte-americano foi algo que nem Stalin nem Kim esperavam, e que Mao apenas era capaz de entender como algo conspiratório e planejado furtivamente havia muito tempo. Por outro lado, essa resposta era altamente desarticulada e desamparada de qualquer perspectiva além do curtíssimo prazo.³⁰ Tanto que a constituição, o envio e a retirada do Oitavo Exército dos Estados Unidos na Coreia seguiram a lógica temporária e subordinada de emprego da força na Ásia em relação à Europa, onde verdadeiramente a Guerra Fria seria travada.³¹

O envolvimento chinês na Coreia produziu uma nova guerra, distinta da anterior por três aspectos principais. Primeiro, as forças combatentes chinesas passaram a ser o principal contingente militar no teatro de operações coreano com consequências de como e para quais metas bélicas e objetivos políticos se travava a guerra. A partir de então, a China passava a ter papel central nas dimensões estratégicas e logísticas, por conseguinte se alterou o caráter da coalizão comunista. Diante da possibilidade de uma derrota norte-americana nos campos de batalhas, Stalin refez sua estimativa com relação ao equilíbrio relativo global de forças com o Ocidente e passou a considerar objetivos políticos positivos. Inicialmente um resultado estratégico que pudesse drenar as forças dos Estados Unidos, provocar uma reviravolta nos alinhamentos dentro das Nações Unidas e ameaçar o Japão, efetivamente.³²

Segundo, houve uma profunda revisão na conduta da guerra pelos Estados Unidos. O presidente Henry Truman usou a justificativa do envolvimento chinês para retomar o controle e cercar o insulamento do estamento militar, criado pela geração de oficiais militares vitoriosos da Segunda Guerra Mundial que controlavam o processo decisório do Pentágono e deste com os comandos militares mundo afora. A principal evidência disso foram as ascensões do Departamento de Estado e do Escritório de Mobilização de Defesa como agências-chave e compostas apenas por civis com acesso direto ao presidente para controle e desenho das implicações políticas e logísticas da guerra, que passava a ter efeitos globais mais significativos. A intervenção chinesa foi o evento catalisador definitivo para a mobilização ocidental para uma possível terceira guerra mundial na Europa e materialização da NSC-68, o que incluía a perseguição de uma rede de alianças nos vários continentes, incluindo a América do Sul e o Brasil. Alterou-se, por fim, também as relações dos Estados Unidos com sua coalizão, principalmente com a *Commonwealth* britânica que passou a pressionar Truman para uma política de guerra mais moderada e consequente.

Terceiro, enquanto a participação norte-americana na Guerra da Coreia tinha a conotação de “uma ação policial” internacional, no choque com a China, foi o momento divisor de águas em que as principais propostas civilizatórias do século 20 se apresentavam e qualificaram o valor de suas vontades e vocações políticas. Apenas após o envolvimento chinês e transformação do caráter da guerra, que os Estados Unidos reconheceram que se tratava de um embate em torno de propostas

²⁹ JIAN, Chen. In the Name of Revolution: China's Road to the Korean War Revisited, In: **The Korean War in World History**, Lexington: University Press of Kentucky, 2004, p. 105.

³⁰ ACHESON. **The Korean War**, p. 54.

³¹ FAUTUA, David T. The “Long Pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army, **The Journal of Military History**, v. 61, n. 1, p. 93, 1997, p. 110.

³² GONCHAROV; LEWIS; XUE. **Uncertain Partners**, p. 207, 2012.

alternativas de organização social. Sem essa constatação, não é possível apreciar os significados interpretados pelas sociedades envolvidas e a superioridade moral que chineses e norte-americanos se apresentavam ao mundo a partir dessa nova guerra. A partir de então, as questões coreanas originais tornaram-se periféricas e as questões políticas entre China e Estados Unidos tornaram-se centrais. Por um lado, existia a expectativa chinesa de recuperação da posição de “Império do Meio” frente aos bárbaros capitalistas, como expresso por Mao Tse-tung.³³ A confrontação com os Estados Unidos era profetizada e tida como necessária para consolidação da “nova” identidade nacional chinesa.³⁴ Do ponto de vista norte-americano, por outro lado, o choque com a China foi o primeiro e real teste frente aos comunistas na defesa da nova ordem internacional em construção e, especificamente, forçou os Estados Unidos a abandonarem a política de não reconhecimento e isolamento da China comunista e a leniente mobilização para consolidação de suas alianças e contenção da União Soviética.³⁵ Essa perspectiva norte-americana, como interpretada por seu comandante-de-campo nessa nova guerra, o general Matthew Ridgway, foi apresentada em memorando para todos os soldados de sua coalizão ao assumir comando em dezembro de 1950. Em *Why We Are Here*, ele expôs:

As questões reais são se o poder da civilização ocidental, como Deus o permitiu florescer em nossas terras amadas, desafiará e derrotará o comunismo; se a regra dos homens que atiram em seus prisioneiros, escravizam seus cidadãos, e desmontam a dignidade do homem, deve deslocar a regra daqueles a quem o indivíduo e seus direitos individuais são sagrados; se vamos sobreviver com a mão de Deus para nos guiar e liderar, ou perecer na existência morta de um mundo sem Deus.

[...]

Na análise final, a questão agora unida aqui na Coreia é se o comunismo ou a liberdade individual prevalecerá, e, não se engane, se o próximo arroubo de pessoas guiadas pelo medo que acabamos de testemunhar em todo o [rio] Han, e continuar a testemunhar em outras áreas, deve ser contestado e derrotado além-mar ou permitido, passo a passo, se aproximar de nossa própria pátria e em algum momento futuro, ainda que distante, engolir os nossos próprios entes queridos em toda a sua miséria e desespero [sic].

[...]

Essas são as coisas pelas quais lutamos. Nunca os membros de qualquer comando militar tiveram um desafio maior do que nós, ou uma oportunidade mais nobre de mostrar a nós mesmos e ao nosso povo o seu melhor e, assim, honrar a profissão de armas, e aqueles que nos criaram.³⁶

Assim, a partir de dezembro de 1950, a Península Coreana tornou-se o palco para que a negociação por meio das armas padronizasse os contrastes de dois sistemas culturais e ideológicos

³³ Ibid., p. 203.

³⁴ BI, J., *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*. Tese (Doutorado) – Carleton University, Ontario, 1996; HU, Wanli, *Mao's American strategy and the Korean War*, University of Massachusetts Amherst, 2005; JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War*, New York: Columbia University Press, 1996, p. 41, 93–94; ZHU, Pingchao. *The road to an armistice: An examination of the Chinese and American diplomacy during the Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950–1953*, Miami University, 1998.

³⁵ JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, New York: Columbia University Press, 1994, p. 44–48, 216.

³⁶ RIDGWAY, Matthew B. *Why We Are Here?*, 1951. Para uma interpretação desse documento como expressão dos valores de Ridgway, ver Soffer *The Unipolar Illusion Revisited: The Coming End of the United States' Unipolar Moment*, *International Security*, v. 31, n. 2, p. 7–21, 2006, p. 121–124.

muito distantes entre si. Dramaticamente difícil porque ela se desenvolveu por meio de um esparato diplomático sem diplomatas. Desde 1945, Estados Unidos e China não tinham representações diplomáticas entre si, e nem a China comunista era reconhecida pelos Estados Unidos e as Nações Unidas. A distância cultural entre eles passou a ser minimamente reconhecida e harmonizada ao longo da campanha de 1951 e, com o seu resultado, das negociações de cessar-fogo a partir de julho do mesmo ano. A padronização dos relacionamentos de alteridade entre ambas as sociedades decorreu de um equilíbrio de poder objetivo – de forças combatentes no teatro de operações.

A partir da disponibilização de recursos e meios limitados num espaço geográfico isolado, as principais propostas civilizatórias do século 20 – comunista e capitalista – tomaram contato e confrontação contínua, estabelecendo suas bandeiras sobre posições relativas de equilíbrio de poder a partir do qual negociações passaram a ser cogitadas e mesmo oportunas. Mas esse não dizia respeito a *qualquer* equilíbrio de poder. Ambos os lados perseguiram vantagens no teatro de operações que dessem vantagem nas mesas de negociações de cessar-fogo em Kaesong (e depois em Panmunjom) e nas várias comissões e no Conselho de Segurança das Nações Unidas em Nova Iorque.

Por parte da China, tal condição de vantagem estratégica foi produzida e desperdiçada em janeiro de 1951, dando a oportunidade para que os Estados Unidos aprendessem a configurá-la de acordo com o entendimento de um equilíbrio de poder segundo certos parâmetros de vantagem necessários para que seus objetivos políticos fossem alcançados.³⁷

Um segundo argumento principal que busco sustentar neste livro, portanto, *é que a China perdeu essa guerra*. Primeiro porque ela desperdiçou a oportunidade de direcioná-la em um momento de ganhos políticos com vantagens diplomáticas e estratégicas extraordinárias e inesperadas em troca de uma busca cega por uma vitória decisiva. Segundo, porque os Estados Unidos foram capazes de impor o momento e a agenda de negociação para o cessar-fogo, bem como retirar da China todas as concessões almejadas.

Além disso, desde que em guerras limitadas, raramente, há vitórias retumbantes, o fortalecimento ou enfraquecimento relativo tornam-se os principais parâmetros de sucesso. Mesmo antes de julho de 1951, os Estados Unidos já se encontravam política e militarmente mais fortes que seus oponentes, na Coreia e na Europa. Evidências disso foram: a composição das forças combatentes de sua coalizão na Coreia foi replicada na estruturação militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a série de acordos dos Estados Unidos com outros países produzidos durante essa guerra – com destaque para o tratado de paz com o Japão. Que ao principal comandante da coalizão das Nações Unidas na Coreia, general Matthew Ridgway, fosse atribuída a responsabilidade de firmar tal tratado em 1952 e, logo depois, fosse realocado como comandante supremo das forças aliadas na Europa e da Otan, não foram simples coincidências, mas medidas articuladas dentro de uma reorientação política influenciada pelos resultados estratégicos alcançados na Guerra Sino-americana em 1951.

1.2 DEFINIÇÃO DE GUERRA LIMITADA E BASE TEÓRICA.

É necessária realizar uma definição do fenômeno bélico e apresentar as bases teóricas do estudo. Não existe contestação ao fato que a concepção de guerras limitadas foi empreendida por Carl von Clausewitz e Julian Corbett, sendo recuperada na esteira da Guerra da Sino-americana por:

³⁷ JERVIS. *The Impact of the Korean War on the Cold War*, p. 16–17.

[...] cientistas políticos e especialistas em defesa ocidentais, que buscavam conceber o uso da força, seja na guerra ou na dissuasão, como um instrumento efetivo de contenção da União Soviética, China e os grupos comunistas internacionais alinhados a eles.³⁸

Existe um consenso quanto à contundência e à originalidade da formulação teórica de Clausewitz sobre guerras limitadas. No entanto, é também reconhecida que tal formulação no *Da Guerra* é incipiente. Além disso, o esforço de relacionar suas proposições conceituais com seus estudos de análise crítica sobre casos de guerras limitadas ainda aguarda seu empreendimento.³⁹ Ainda assim, uma formulação preliminar é possível a partir de uma parcela desses escritos, em especial o capítulo “Propósitos e Meios da Guerra” do *Da Guerra* e a *Campanha de 1796 na Itália*.

Quanto a Corbett, ele não apenas cunhou o termo “guerra limitada”, mas desenvolveu uma das mais originais contribuições teóricas sobre a guerra.⁴⁰ A teoria das operações marítimas em guerras limitadas foi apresentada em *Some Principles of Maritime Strategy* e teve suas proposições testadas e expandidas em *The Maritime Operations of Russo-Japanese War 1904-1905* (publicado originalmente em 1914). Além da verificação do poder explanatório da teoria de guerras limitadas para o século 20, esse livro seria importante por outras duas razões. Por um lado, Corbett avançou as primeiras proposições conceituais sobre operações conjuntas.⁴¹ Por outro lado, o caso histórico de estudo é muito relevante porque ocorreu no mesmo teatro de operações da Guerra Sino-americana e com algum efeito sobre ela em razão de ter sido o início do processo alienação da Manchúria do controle chinês. Portanto, a sua utilidade reside não apenas em termos teóricos, mas também como referência de eventos históricos que afetaram os relacionamentos políticos entre União Soviética, China e países ocidentais mesmo cinquenta anos após a guerra entre o Império Russo e o Império Japonês.

Apesar disso, como na Guerra Sino-americana houve o comando do mar incontestado pelos Estados Unidos, não existe a oportunidade de verificação das proposições de Corbett. Por isso, eu decidi por não as incluir neste livro, apenas suas argumentações que ilustram ou reforçam a formulação original de Clausewitz.⁴²

Guerras limitadas são aquelas em que o inimigo é compelido a uma barganha diplomática após os custos de resistência armada e de perdas pelos enfrentamentos ultrapassarem um determinado limiar.⁴³ Guerras limitadas são “lutas enquanto se negocia”, envolvendo a produção de equilíbrio de forças no teatro de operações e de equilíbrio de recursos de barganha na mesa negociação de maneira simultânea, interligada e interativa.

³⁸ OSGOOD. *Limited War Revisited*, p. 2.

³⁹ *A Guerra dos Russos contra os Turcos de 1736-1739; As Campanhas de Frederico o Grande de 1741-1762; A Campanha de Herzoge von Braunschweig gegen na Holanda de 1787; A Campanha de 1796 na Itália; e A Campanha de 1799 na Suíça*. Os três primeiros textos são disponíveis apenas na sua forma original em alemão gótico. Todos esses estudos foram publicados nos tomos V a X das obras completas (*Hinterlassene Werke*) de Clausewitz entre 1833 e 1837.

⁴⁰ GAT, Azar. *A History of Military Thought: From the Enlightenment to the Cold War*, 1. ed. New York: Oxford University Press, USA, 2002; HANDEL, Michael, Corbett, Clausewitz, and Sun Tzu, *Naval War College Review*, v. 53, n. 4, p. 106, 2000; J J WIDEN, Sir Julian Corbett and the Theoretical Study of War, *Journal of Strategic Studies*, v. 30, n. 1, p. 109, 2007.

⁴¹ ANGSTROM, Jan; WIDEN, J. J. *Contemporary Military Theory: Dynamics of War*, London; New York: Routledge, 2015, p. 96.

⁴² Um estudo preliminar de sua teoria na análise crítica da campanha marítima argentina da Guerra das Malvinas é disponível em DUARTE, Érico; MACHADO, Luis Rodrigo. Uma Análise Crítica da Guerra das Malvinas/Falklands pela Teoria das Operações Marítimas em Guerras Limitadas de Corbett. In: ENCONTRO DA ENABED, 10. *Anais* [...]. São Paulo: Abed, 2018.

⁴³ CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*, Princeton: University of Princeton Press, 1984, cap. I-1 e I-2.

Elas ocorrem em contextos que a motivação popular é mínima ou moderada e o objetivo político estipulado pelo governo é de valor também apenas razoável. Dessa maneira, a mobilização dos recursos para a condução das hostilidades é limitada e escassa. Ou seja, a perda de recursos convertidos em meios de combate não será fácil ou rapidamente substituída. Por isso, um lado dificilmente será capaz de desarmar o outro e o desejo por paz irá aumentar ou diminuir dependendo da probabilidade de sucesso e da quantidade de esforço necessário. Se os incentivos são de igual valor em ambos os lados, ambos resolverão suas disputas políticas por meio do alcance de um equilíbrio aceitável para ambos os lados. Se os incentivos de um lado significam perdas do outro, portanto um acordo demorará mais para ser produzido, e aquele lado capaz de sustentar enfrentamentos por mais tempo conseguirá melhores condições de barganha sobre aquele que urge mais pela paz.

Embora uma guerra limitada não seja uma guerra “existencial” ou “incondicional”, ela não é necessariamente absolvida ou aquém de grande destruição e danos a vida política ordinária. Ela é um tipo de relacionamento político que articula o uso da força e a barganha diplomática na oferta de incentivos positivos e negativos que avancem pontos de uma agenda de negociação.

O fenômeno das guerras limitadas é a principal forma de busca violenta por poder e interesses entre grupos políticos, logo deveria ser um objeto constante de estudo pelas Relações Internacionais. Embora guerras ilimitadas como as Guerras Púnicas, as Guerras Napoleônicas e a Segunda Guerra Mundial tenham sido centrais na reconfiguração dos seus respectivos sistemas políticos interestatais; são as guerras limitadas que norteiam as transições e mudanças estruturais da política global.⁴⁴ A partir delas que se alteram no longo prazo os equilíbrios de poder, retirando e transferindo recursos entre as unidades de um sistema e expandindo, restringindo ou alterando as relações entre elas. É por meio de guerras limitadas que grandes potências constroem suas áreas de influências e acumulam seus meios materiais e coercitivos diferenciados. Mas também é no fracasso em delimitar instâncias de disputa limitada com outras potências, geralmente mais fracas, e superestimarem a correlação de meios e, assim, a resistência ilimitada de seus oponentes que grandes potências declinam, pelos menos parcial ou temporariamente.⁴⁵

O terceiro e maior argumento deste livro é que a teoria de guerra limitada de Clausewitz contribui para o avanço do debate estratégico contemporâneo, ao produzir a identificação, análise e avaliação da conduta de guerras limitadas; e a possibilidade de corroboração dessas inferências em estudos de caso que iluminam problemas práticos do desenho de planos e da conduta da guerra em si. Nesse sentido, a Guerra Sino-americana torna-se um estudo de caso obrigatório em razão de sua importância histórica e potencial investigativo.

1.3 FONTES DE ESTUDO

A pesquisa do livro desenvolveu-se a partir de uma ampla revisão bibliográfica ocidental e oriental, documentação primária e estudos de campo na Coreia. No caso da participação dos Estados

⁴⁴ GILPIN, Robert. *War and Change in World Politics*, New York: Cambridge University Press, 1983.

⁴⁵ Vide o caso britânico na construção do seu primeiro império a partir das guerras da Sucessão Austríaca, Espanhola e dos Sete Anos, e seu declínio temporário em razão da derrota da Guerra de Independência dos Estados Unidos SIMMS, Brendan. *Three Victories and a Defeat: The Rise and Fall of the First British Empire*. New York: Basic Books, 2008., que poderia ter sido estancada se os líderes políticos e comandantes britânicos tivessem comedido seus objetivos estratégicos e barganhado com a liderança política revolucionária das colônias norte-americanas Duarte, *A Independência Norte Americana: Guerra, Revolução e Logística*.

Unidos e a coalizão de países das Nações Unidas, existe suficiente disponibilidade de material que registra as decisões e ações políticas, nas suas dimensões diplomáticas e estratégicas, bem como de seus aspectos logísticos e doutrinários. Existe suficiente material sobre o papel do Congresso, da imprensa e a variação do apoio popular. A participação militar e diplomática dos países coligados, principalmente da *Commonwealth* e da Coreia do Sul, é organizada e relevante por permitir corrigir as lacunas e omissões das fontes norte-americanas, que ainda são bastante limitadas às narrativas das participações de departamentos, unidades e contingentes, cujos registros primários são disponíveis e abertos na internet.⁴⁶

Do lado chinês e da coalizão comunista, a disponibilidade não é plena, mas suficiente em razão da revisão e expansão de bases secundárias e primárias. Isso se explica pelo fato que a China comunista no período da guerra encontrava-se em um estágio de Estado em formação. Isso teria repercussão num governo ainda de baixa institucionalização e burocratização e que não era capaz e nem desejava registrar todos os ocorridos do período. Os primeiros registros de oficiais e figuras-chave da China na guerra surgiram em um contexto distinto e posterior, em que se desejava marcar a contribuição individual à Revolução Chinesa e manter o discurso propagandístico de que guerra na Coreia tivesse sido uma vitória retumbante da coalizão comunista e conduzida impecavelmente. Uma parte importante dos registros chineses sobre a guerra – exemplarmente do comandante chinês na guerra, Peng Dehuai – ocorreu sob a motivação de expurgos de oficiais do exército chinês por Mao Tse-tung ao fim da década de 1950 e durante o período de terror da Revolução Cultural entre 1966 e 1976. Um esforço de revisão tem sido feito desde a década de 1980, inclusive para recuperação das reais contribuições desses personagens.

Porém, esse não era o caso da União Soviética, que registrou tudo que ocorreu no período, com o zelo de recuperar e arquivar documentação norte-coreana e chinesa. No contexto pós-Guerra Fria, a abertura desses arquivos a estudiosos chineses e russos, e ocasionalmente ocidentais, tem sido relevante na reconstrução das decisões e ações da coalizão comunista na guerra. Nesse sentido, a real contribuição acadêmica chinesa é contemporânea e da década de 1990 em diante por meio de pesquisadores e alunos de pós-graduação chineses, geralmente vinculados a instituições norte-americanas, com pesquisas em arquivos russos. Mais recentemente, obras de estudiosos chineses e japoneses com amplas bases primárias, acesso à documentação oficial chinesa e a entrevistas de comandantes, oficiais e combatentes vêm sendo traduzidas para o inglês, com destaque para a obra de Xiaobing Li, *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*.

Por fim, eu realizei uma viagem à Coreia do Sul em 2012, com visita aos memoriais e aos campos de batalhas de Inchon, Wonju, Punchbowl, Hwacheon e Choerwon ou Triângulo de Ferro, além da Zona Desmilitarizada (DMZ). Todos esses foram lugares onde ocorreram a maioria e as mais importantes batalhas do período em que o livro tem seu enfoque principal.

⁴⁶ Ver, exemplarmente, os relatórios da 2ª Divisão de Infantaria norte-americana, a mais atuante e decisiva dessa guerra. Disponível em: https://www.koreanwar.org/html/2011_2id_nara_records.html. Acesso em: 3 fev. 2019.

PARTE I

BASES CONCEITUAIS E HISTÓRICAS

A TEORIA DA GUERRA LIMITADA DE CLAUSEWITZ

A Teoria da Guerra de Clausewitz é a mais marcante realização intelectual para o entendimento sobre a guerra.⁴⁷ Sua realização é distinta do pensamento e teorias da guerra que foram produzidas antes e é inegável seu papel como ponto de referência de tudo que foi consistentemente produzido depois. Sua distinção reside na sua conformação de uma metodologia de estudo da guerra e da educação formal sobre a guerra.

Para tal, aponta-se que Clausewitz realiza três desenvolvimentos conceituais para formulação e refino dessa contribuição. São elas:

- Que a definição de guerra não faz sentido senão como a continuação da política com outros meios;
- A conceituação dos tipos de guerras que existem na realidade: guerras ilimitadas e guerras limitadas;
- A constatação das razões de tendência de superioridade da defesa sobre o ataque.

Afirma-se aqui que essas três contribuições conceituais estão amplamente vinculadas entre si e devem ser a linha de exposição sobre guerras limitadas. Foi na Nota de revisão de 1827 que Clausewitz apontou pela primeira vez esse contraste entre guerras ilimitadas e guerras limitadas e indicou como isso implicou na revisão do *Da Guerra*.

Guerras podem ser de dois tipos, no sentido que o objetivo é sobrepujar o oponente – faze-lo politicamente desamparado ou militarmente impotente, assim o forçando a assinar qualquer paz que nos agrade; ou meramente ocupar alguns de seus distritos fronteiriços, de maneira que nós os anexemos ou os usamos para barganha nas negociações de paz. Transições entre um tipo e ou outro vão obviamente ocorrer no meu tratamento, mas o fato é que os propósitos dos dois tipos de guerras são muito diferentes e devem estar claros todo o tempo, e seus pontos são irreconciliáveis.

Essa distinção entre os dois tipos de guerras é uma questão factual. Porém, não menos prática é a importância de outro ponto que deve ser absolutamente claro, notadamente que a guerra é nada que a continuação da política com outros meios. Se isso é firmemente mantido em mente por todo o tempo, isso irá facilitar o estudo do objeto e o todo será mais fácil de analisar.⁴⁸

Portanto, o entendimento de guerras limitadas é mais bem realizado ao se introduzir e desenvolver seus conceitos em contraste com os conceitos relacionados a guerras ilimitadas. O próprio

⁴⁷ Aqui se usa a versão inglesa de 1984 traduzida por Peter Paret e Michael Howard. No entanto, são bastante difundidas as controvérsias de algumas de suas decisões de tradução. Portanto, faz-se uso também da edição integral alemã disponibilizada gratuitamente como ebook em 2012 pela editora Null Papier Verlag. Disponível em: www.null-papier.de/clausewitz. Acesso em: 3 fev. 2019.

⁴⁸ CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**. Princeton: University of Princeton Press, 1984, p. 69–70.

Clausewitz empreende essa exposição uma única vez, em “Propósitos e Meios da Guerra”, o capítulo 2 do Livro I do *Da Guerra*. Portanto, é este capítulo que oferece a principal fonte de entendimento dos dois tipos de guerra, mas, principalmente, suas principais considerações sobre guerras limitadas.

Esse também é o procedimento realizado por Corbett na Parte I de *Some Principles of Maritime Strategy*, intitulada “Theory of War”, em que a maioria dos capítulos e das considerações também tem maior atenção para guerras limitadas. Corbett aponta que o entendimento de guerras limitadas foi desenvolvido por Clausewitz a partir do contraste com guerras ilimitadas em termos de utilidade e motivação políticas e os métodos de emprego das forças combatentes em cada uma delas.⁴⁹ No primeiro nível de distinção, existe a qualificação do papel da política na conformação da guerra, enquanto que o segundo nível de distinção abarca as distinções entre ataque e defesa e entre campanhas ofensivas e defensivas nos dois tipos de guerra.⁵⁰

Assim, a primeira distinção entre guerras limitadas e ilimitadas é quanto o objetivo político determina o foco de aplicação da força e os padrões de intensidade de esforço.

Em qualquer objetivo, a questão vital e panorâmica é a intensidade com qual o espírito da nação foi absorvido para seu alcance. O ponto real para se determinar na formulação de qualquer plano é: qual foi o significado do objetivo para os dois beligerantes, quais os sacrifícios que eles fariam por ele, quais os riscos que eles estavam preparados para correr?⁵¹

Clausewitz aponta que a instrumentalização e a subserviência da guerra aos propósitos e circunstâncias da guerra repercutem que sua natureza seja sempre complexa e mutável. De acordo com isso, ele apresenta os elementos de uma guerra ilimitada. Estas são guerras em que a animosidade e os efeitos recíprocos de elementos hostis demandam que sua vontade de seguir lutando seja quebrada. Para tal, é necessário que:

- Suas forças combatentes sejam destruídas ou colocadas em uma condição em que elas não possam mais seguir lutando;
- O país precisa ser ocupado, e assim evitar que ele constitua novas forças;
- Finalmente, o governo oponente e seus aliados têm que ser conduzidos a pedir pela paz ou a população ser feita submissa.⁵²

Clausewitz faz a qualificação que, em guerras ilimitadas, essas três metas para as atividades combatentes, ou metas bélicas seguem em ordem sequencial. Existe uma ordem natural entre a destruição das forças combatentes, a subjugação do país e a realização de um acordo de paz com o oponente. Em guerras ilimitadas, a conduta de guerra não ocorre ao mesmo tempo em que as

⁴⁹ CORBETT, Julian S. *Some Principles of Maritime Strategy*. London, New York: Longmans, Green and Co., 1911, p. 45–46.

⁵⁰ CORBETT, *Some Principles of Maritime Strategy*, [s.l.]: Project Gutenberg eBook, 2005, p. 41, 43–44. Também faz o importante reconhecimento que esse entendimento dos dois tipos de guerras não é homogêneo em toda a sua obra em razão de sua morte prematura, sendo, portanto, reconsiderar ou, simplesmente, desconsiderar certas partes do *Da Guerra*. Por mais que isso pareça ser um procedimento correto e adequado, é interessante notar como ele foi pouco executado desde então. Esse entendimento não é explícito em Delbrück, por exemplo, mas foi perversamente operado desde a Primeira Guerra Mundial por supostos comentaristas e críticos da obra de Clausewitz. BASSFORD, Christopher, John Keegan and the Grand Tradition of Trashing Clausewitz, *War in History*, v. 1, n. 3, p. 319–336, 1994.. O problema foi definitivamente resolvido por Diniz & Proença Júnior A Criterion for Settling Inconsistencies in Clausewitz's On War, *Journal of Strategic Studies*, v. 37, n. 6–7, p. 879–902, 2014..

⁵¹ CORBETT. *Some Principles of Maritime Strategy*, p. 41.

⁵² CLAUSEWITZ. *On War*, p. 90.

negociações, mas antes, pois envolvem questões políticas em relações às quais o oponente recusa qualquer termo de paz.⁵³

Nessa qualificação política de guerras ilimitadas, Clausewitz faz um adendo muito importante: guerras ilimitadas deveriam ser improváveis de ocorrer entre dois lados marcadamente díspares em meios materiais, a não ser que, em casos muito particulares, o lado mais forte e com interesses políticos positivos seja inábil para conduzir a guerra, implicando em improbabilidade de vitória ou custos inaceitáveis.

Já guerras limitadas, por serem resultado de outro tipo de relacionamento político, geralmente são encerradas pela manipulação generalizada por ambos os lados justamente desses cálculos de probabilidades e custos. Essas são originadas mais por circunstâncias que profundas motivações e causas necessárias. Portanto, elas não são encerradas pelo colapso de um lado, mas pela análise da probabilidade de derrota e/ou a realização por um dos lados ou os dois que os custos necessários, em magnitude e duração, excedem o valor político de um objetivo. Assim, Clausewitz aponta que guerras limitadas são encerradas a partir da concessão de um acordo de paz de um lado a outro *no decorrer dos enfrentamentos* e a partir de um cálculo objetivo e racional. Ou seja,

Quando os motivos e tensões são tênues, podemos imaginar que o mais claro prospecto de derrota pode ser suficiente como causa para um lado conceder. Se desde o início, o outro lado sente que isso é provável, ele irá obviamente concentrar-se em realizar esta probabilidade ao invés de tomar o longo caminho e derrotar o oponente totalmente.

De ainda maior influência na decisão de se fazer paz é a conscientização de todo o esforço já realizado e dos esforços ainda a ocorrer. Desde que a guerra não é um ato de paixão sem sentido, mas é controlada pelo seu objetivo político, o valor deste objetivo deve determinar os sacrifícios a serem feitos por ele em *magnitude* e também em *duração*. Uma vez que o dispêndio de esforço excede o valor do objetivo político, o objetivo deve ser renunciado e ter-se a paz⁵⁴.

Portanto, em guerras ilimitadas o acordo de paz é imposto quando um lado derrotado se encontra prostrado, e esse acordo tem muito mais utilidade em extinguir futuras fagulhas de hostilidade. Já em guerras limitadas, o acordo de paz é uma decisão política a partir das análises por cada parte das probabilidades da ocorrência de derrotas e das estimativas dos custos de se continuar travando tal guerra.

Nós entendemos, que na guerra, quando um lado não pode tornar o outro completamente indefeso, o desejo por paz em ambos os lados irá aumentar ou diminuir com a probabilidade de sucessos adicionais e os custos de esforço que estes requerem. Quando esses motivos forem em ambos os lados igualmente fortes, então eles encontrarão um meio-termo para suas diferenças políticas. Que esses motivos sejam mais fortes de alcançar por um, deveriam permitir que eles fossem mais fracos para o outro. Quando suas somas apenas se bastam, então paz em relação a eles ocorrerá, mas naturalmente terá o melhor dela, o lado com o menor motivo para fazê-la.⁵⁵

⁵³ CLAUSEWITZ. *On War*, p. 91.

⁵⁴ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Vom Kriege*. Düsseldorf: Null Papier Verlag, 2012, p. 43; CLAUSEWITZ. *On War*, p. 91–92, itálicos do original.

⁵⁵ CLAUSEWITZ. *Vom Kriege*, p. 44. A tradução inglesa de Pater & Howard toma algumas liberdades na sua tradução do alemão como a tradução de motivo (*Motiv*) para incentivo (em alemão *Anreiz*, *Ansporn*, *Ermutigung*) e a introdução da palavra barganha à sentença Clausewitz, *On War*, 92. Certamente, essas decisões de tradução aproximam mais o entendimento de Clausewitz às teorias de escolha racional.

Isso implica outro aspecto distintivo da variação de objetivos políticos no curso de guerras limitadas e ilimitadas. Em guerras ilimitadas, tal variação não existe, os objetivos políticos são polares e mantêm-se assim até o término da guerra. Embora guerras limitadas apresentem lados com objetivos políticos positivos e negativos, esses podem alterar muito no curso da guerra e podem mudar completamente dependendo “do curso dos eventos e suas prováveis consequências”.

As implicações dos propósitos e relacionamentos de uma guerra limitada fazem dela um fenômeno mais complexo que guerras ilimitadas, de maneira que as avaliações e decisões políticas são parte inerente do desenho e conduta das campanhas. Isso é tão significativo que existem importantes distinções entre guerras ilimitadas e limitadas quanto às opções de metas bélicas e como as forças combatentes podem ser empregadas.

Recuperando a dualidade entre o colapso dos meios ou a exaustão da vontade de guerrear, Clausewitz desenvolve a explanação das propriedades dessas metas dependendo do tipo de guerra. Ele considera primeiro “as metas que conduzem o oponente para a prostração”, basicamente a destruição das forças combatentes e conquistas de territórios. Em guerras ilimitadas, a destruição das forças combatentes deve ser a ação mais apropriada como primeira meta bélica e a conquista de território apenas uma consequência, seguidas de outras metas que busquem quebrar a resistência do oponente. A ocupação de território oponente antes da destruição das forças combatentes deve ocorrer apenas como um mal necessário.

No entanto, em guerras limitadas, o colapso do oponente não é a meta. Enfrentamentos são conduzidos a fim de tornar o oponente inseguro sobre o futuro e impressionado pela sua situação de inferioridade. Nesses casos, deve-se ter uma limitação na aplicação de força e essa não deve ser mais que o absolutamente necessário. A conquista de território, por sua vez, deve ser conduzida no contexto que o oponente não busca, mas teme enfrentamentos decisivos. Assim, a conquista de um pedaço de território mal defendido ou mesmo indefeso é uma vantagem nela mesma. Pois, se ele não deseja lutar por esse território ou não tem meios para tal, esse pode ser um atalho para o acordo de paz. Em guerras limitadas, portanto, a destruição de forças combatentes e a conquista de territórios nunca são um fim em si mesmo, mas recursos para explorar a expectativa de improbabilidade de sucesso do oponente. Assim sendo, desde que respeitado a economia de forças, nada impede ou determina que tenha que existir um sequenciamento entre elas. Ou seja, diferente de guerras ilimitadas, em guerras limitadas, a conquista oportuna de territórios pode ocorrer antes ou sem que o oponente tenha tido suas forças combatentes colapsadas.

Adicionalmente, ele aponta que em guerras limitadas existem outros meios que podem afetar as probabilidades de sucesso, além da destruição das forças combatentes. Esses são empreendimentos que afetam imediatamente as equações políticas, como aqueles que neutralizam ou enfraquecem aliados do oponente, ou nos ganham novos aliados. Esse ponto é importante, que passa despercebido na maioria das interpretações da obra de Clausewitz. Desde que ele define que a guerra é a continuação da política *com* outros meios, aqui ele reconhece a existência desses outros meios que podem alterar o equilíbrio de forças e tornar a expectativa de sucesso mais improvável aos olhos do oponente. Nesse sentido, existe outra distinção entre guerras ilimitadas e limitadas, desde que as últimas podem ter seus objetivos políticos atendidos com outros meios além do choque de forças combatentes.⁵⁶

⁵⁶ CLAUSEWITZ. *Vom Kriege*, p. 45.

Alternativamente à destruição das forças combatentes do oponente, ele se refere aos meios coercitivos que têm como efeito tornar mais elevados os custos do esforço do oponente. O propósito aqui é fazer o oponente consumir suas forças em decorrência da ação das nossas sobre as suas e em decorrência da perda de território que passamos a controlar. Ambas as metas diferem em significado dependendo de com quais outros objetivos políticos elas coincidem, e sobre cada uma delas é necessário um escrutínio político próprio. Clausewitz reforça que a condução desse tipo de campanha é plenamente adequada em guerras limitadas, mas ele reforça a importância da avaliação política adequada a fim de se evitar consequências adicionais indesejadas. Pois, objetivos políticos de maior valor sempre exigem mais esforço, o mesmo ocorre se não se satisfaz com os ganhos adquiridos e busca-se uma nova meta motivada pelo sucesso anterior. Clausewitz repete várias vezes que se a prostração do oponente não é ou não pode ser a meta, devem-se adicionar incentivos negativos que levem a guerra para um encerramento. Por isso, deve-se se contentar com o menor objetivo político possível, pois serão sempre necessárias ações adicionais a fim de exaurir o oponente e fazê-lo desistir.

Em extensão a essas metas, ele aponta três métodos para fazer o oponente consumir suas forças: a tomada de uma de suas províncias para reivindicar reparações de guerra ou devasta-la com o objetivo político de provocar mais ampla desvantagem ou dano ao oponente. O segundo método é tomar um curso em preferência a umas das duas metas recém-citadas, de maneira a aumentar as perdas do oponente e pressioná-lo. A reivindicação de reparações dá preferência a um ganho financeiro, enquanto a devastação implica em alguma medida de destruição das forças combatentes. Apesar do primeiro empreendimento não parecer a princípio uma atividade combatente, ambas demandarão considerações estratégicas da liderança política.⁵⁷

Por fim, ele aponta que a terceira meta é a mais importante: a exaustão gradual das condições físicas e morais das forças combatentes do oponente. E é aqui que existe a adição mais distintiva de uma guerra limitada: após as metas serem alcançadas e o objetivo político satisfeito, deve-se usar das vantagens da defesa unicamente para desgaste do oponente a fim de encerrar a guerra. Clausewitz deixa claro que não se trata de uma absoluta passividade, mas o uso máximo das vantagens relativas de se lutar na defensiva para exaurir as forças do oponente até ele renunciar seus propósitos positivos. Nesse sentido, essa ação defensiva é distinta de uma campanha defensiva numa guerra ilimitada, que potencialmente deve evoluir para uma contraofensiva. Em guerras limitadas, essa campanha defensiva deve se aproximar de pura resistência ou autodefesa, de maneira a preservar as nossas forças, assegurar nossos ganhos e compensar qualquer pressão do oponente. De maneira que a mera duração dos enfrentamentos baste para que ele desista, já que o esforço necessário não equivale mais o seu objetivo político.⁵⁸

A consideração desses métodos implica que guerras ilimitadas e limitadas possuem uma distinção cardinal nos métodos de serem conduzidas. Quando os objetivos são ilimitados e isso clama todo o esforço de guerra do oponente, fica evidente que nenhuma decisão definitiva poderá ser alcançada até que todo esse esforço de guerra seja quebrado.

A não ser que se tenha uma razoável esperança de ser capaz de fazer isso, seria uma má política buscar uma conclusão pela força – ou seja, não se deveria ir à guerra. Já no caso de

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ CLAUSEWITZ. *On War*, p. 94.

guerras limitadas, a completa destruição das forças combatentes do oponente está além do que é necessário. É possível alcançar a conclusão da guerra através da tomada do objeto e se beneficiar dos elementos de força inerentes da defesa, configurando uma situação que é mais custosa para o oponente move-lo que o valor do objeto para ele.⁵⁹

De fato, a conversão para uma campanha defensiva em uma guerra limitada não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade estratégica.

O argumento é este: que, como toda ofensiva estratégica tende a deixar pontos próprios descobertos, envolve sempre maior ou menor provisão para suas defesas. É óbvio, portanto, que se nós almejamos um objeto territorial limitado, a proporção de defesa requerida tenderá a ser maior que se nós direcionássemos nosso ataque às forças principais do oponente. Em guerras ilimitadas, nosso ataque tenderá ele mesmo a defender tudo em todo lugar, por forçar o oponente a concentrar contra nosso ataque.⁶⁰

Assim, Clausewitz segue com uma avaliação dos riscos e limites de cada um desses métodos. Antes, ele frisa que todos eles são adequados, particularmente se a prostração do oponente não é a meta. No caso de guerras limitadas, todos eles atendam a quebrar a vontade do oponente e trazê-lo para negociação de paz.

A destruição das forças combatentes é um método cuja efetividade é determinada por um objetivo político e não pelos meios disponíveis. Assim, embora a destruição das forças oponentes ofereça sucesso de maior escopo, é também aquele método que incorre em maiores esforços e risco de dano em caso de fracasso. Seja no contexto de guerras ou ilimitadas ou limitadas, é aquele método que afeta mais os cálculos do oponente. Mas nem sempre é o método adequado e nunca pode ser executado sem cautela, pois: “a agressividade cega que destrói o ataque, e não a defesa”.⁶¹

No entanto, a condução dos métodos seguintes – a conquista de território e a conquista temporária de território – devem seguir tendo como certeza que oponente não buscará, com razoável expectativa de sucesso, destruir nossas forças combatentes. Pois, a conquista de território propriamente dito ou sua exploração como recurso de barganha demandam planos e recursos que excluem a possibilidade de condução de grandes enfrentamentos. Isso porque a concentração de força é especialmente difícil pela necessidade de proteger o objeto em disputa e ainda as áreas importantes que podem ser alvos e estar sob o risco de ação pelo oponente. Se o oponente é capaz de produzir meios combatentes, ou existe o envolvimento de uma terceira parte que possui tais meios, qualquer um desses dois terá grandes vantagens de derrotar as seções dispersas de nossas forças combatentes.⁶²

Quanto ao último método, o desgaste das forças combatentes do oponente, seus riscos e limites estão nos atributos intrínsecos da defesa e do ataque. Desde que a questão aqui é perdurar em condições de enfrentamento por mais tempo que o oponente, a destruição das forças combatentes e a preservação das nossas próprias – ou seja, as taxas relativas de perdas – “são partes integrais de um

⁵⁹ CORBETT. *Some Principles of Maritime Strategy*, p. 45.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 53–54.

⁶¹ CLAUSEWITZ. *On War*, p. 97.

⁶² *Ibid.*

mesmo propósito”.⁶³ Portanto, deve-se buscar se beneficiar das vantagens intrínsecas das campanhas defensivas e se prevenir contra os elementos degenerativos da campanha ofensiva.

Em circunstâncias de objetivos políticos predominantemente negativos em guerras limitadas, Clausewitz claramente aponta que a simples resistência passiva será insustentável em algum momento. Pois, uma postura plenamente negativa apenas posterga uma decisão, mas não a realiza. Assim, se “se chega a um momento em que mais espera traz excessivas desvantagens, então o benefício de uma política negativa foi exaurido”.⁶⁴ Isso implica na necessidade de alguma medida de destruição das forças combatentes do oponente para que ele desista de seus objetivos.

Em circunstâncias de objetivos políticos positivos em guerras limitadas, a conquista e a defesa do objeto podem trazer a guerra imediatamente para um acordo de paz. Isso porque a campanha defensiva nesse estágio de uma guerra limitada não sofre das desvantagens da defesa em uma guerra ilimitada, os efeitos morais e materiais de perda de território e ainda a perda de iniciativa. Portanto, é uma posição bastante forte, permitindo inclusive o sucesso estratégico de forças menores sobre maiores.⁶⁵

É possível que os esforços necessários de contragolpe em comparação ao valor do objetivo político e outras agendas que o oponente possua gerem mais perdas que ganhos. Ou seja, o oponente faz a avaliação que ultrapassou o ponto culminante da vitória. Segundo Clausewitz, esse fenômeno é mais provável de ocorrer em guerras limitadas que ilimitadas, sendo, portanto, a razão da possibilidade de sua manipulação na maioria das guerras e ser a razão pela qual o objetivo de todo plano de campanha ofensiva deva ser o momento de conversão para uma defensiva.⁶⁶

Mas pode ser necessário um terceiro estágio da guerra, ou uma segunda campanha ofensiva, mas distinta da primeira, “na qual se busca exercer pressão geral sobre o oponente para fazê-lo aceitar a situação adversa em que ele foi colocado”.⁶⁷ Idealmente, essa se daria pela condução de uma ofensiva estratégica servida de enfrentamentos defensivos.

Essas são em efeito das condições às quais a guerra limitada deveria dar – isso é, se o teatro e método foram bem escolhidos. Deve ser lembrado que o uso desse tipo de guerra pressupõe que nós somos capazes de prontidão e mobilidades superiores ou por sermos mais convenientemente situados em nos estabelecermos no objeto territorial antes que nosso oponente adquira força para prevenir-se a nós. Isso feito, nós temos a iniciativa, e assumindo que o oponente não é capaz de atacar nosso território, deve conformar nossa abertura da empreitada para nos prevalecer. Nós estaremos em posição de encontrar seu ataque em terreno de nossa escolha e nos favorecer com as oportunidades de contrataque assim que seus distantes e, portanto, exaustos movimentos ofensivos possivelmente permitir.⁶⁸

É de fundamental importância, nesse estágio, que não se deve perder de foco que a meta é a manutenção de uma balança de poder favorável, pondo pesos e contrapesos. Portanto, a grande

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ibid., p. 99.

⁶⁵ CORBETT, Sir Julian S. *Maritime Operations in the Russo-Japanese War, 1904-1905: Volume One*, Annapolis: Naval Institute Press, 2015, p. 63; CORBETT. *Some Principles of Maritime Strategy*, p. 72.

⁶⁶ CLAUSEWITZ. *On War*, p. 570-571.

⁶⁷ CORBETT. *Some Principles of Maritime Strategy*, p. 46, 74.

⁶⁸ Ibid., p. 73.

preocupação deve ser, primeiro, reter os ganhos e territórios que dão a situação de vantagem e, segundo, conquistar ou depredar outros territórios apenas se eles forem de valor político para o oponente e em retaliação para manter o equilíbrio. Caso contrário, pode se assumir por tempo demais a ofensiva, o que terá poder resultar em demasiado desgaste e impor uma tensão na concentração e dispersão das forças combatentes para manutenção dos equilíbrios estratégicos e diplomáticos.⁶⁹

Meu principal argumento neste livro é que a teoria de guerra limitada de Carl von Clausewitz é consistente e útil para as demandas contemporâneas. Pois, ela:

- Propõe conceitos claros e operacionalizáveis ao desenvolverem teorias que tem como foco a tomada de decisão dos comandantes e o emprego de forças combatentes;
- Combina consistentemente deduções hipotéticas com a avaliação de estudos de caso;
- Aborda e responde a vários dos problemas políticos e estratégicos práticos comuns.

Ademais, ao concluir que mais importante que prever resultados, é identificar e explicar os processos políticos e as atividades combatentes mais relevantes, a literatura demanda por uma abordagem que permita uma narrativa analítica das interações entre as variáveis de casos e apontar problemas mais comuns de planejamento e conduta de guerras limitadas.⁷⁰ Entende-se que essa demanda é atendida pela análise crítica, nos moldes conduzidos por Clausewitz, de estudos de casos contemporâneos. Com isso justifico, também por razões epistemológicas, uma análise crítica da Guerra Sino-americana, que teste as proposições conceituais e a abordagem de Clausewitz para um contexto mais recente a fim de testar suas consistências na compreensão de questões políticas, estratégicas, logísticas e táticas atuais.

⁶⁹ CLAUSEWITZ. *Vom Kriege*, p. 612.

⁷⁰ ELLIS, J. W.; GREENE, T. E. The Contextual Study: A Structured Approach to the Study of Political and Military Aspects of Limited War, *Operations Research*, v. 8, n. 5, p. 639–651, 1960, p. 640–642, 649.

O CONTEXTO DA GUERRA SINO-AMERICANA

Neste capítulo, definem-se os antecedentes históricos que levaram ambas as sociedades – chinesa e norte-americana – a escalonar suas relações para a guerra. Ele apresenta antecedentes históricos, dados objetivos e subjetivos necessários para a análise crítica de maneira mais sintética possível. São apresentadas as condições institucionais e políticas de China e Estados Unidos, as razões que ambas as lideranças políticas apontavam para a guerra e os números dos contingentes que os dois lados tinham a mão quando a Guerra Sino-americana se tornou uma realidade. Delineiam-se também as relações dos países com suas respectivas coalizões como veículos de expressão e realização de interesses pessoais e nacionais. Dessa maneira, espera-se oferecer os elementos suficientes para estimar as vontades políticas e os meios de força disponíveis.

3.1 AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS CHINESAS E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO SOCIALISTA ASIÁTICO

Na China da década de 1950, o Exército de Libertação Popular, o Partido Comunista e o novo Estado que se construía não tinham parâmetros claros. Esse foi um período obscuro em termos institucionais.

Após a guerra civil, o que restara do aparato burocrático chinês da era anterior, fragmentado e subordinado ao Ocidente, foi renegado e o Partido Chinês e o Exército de Libertação Popular (ELP) eram a estrutura e o instrumento do Estado, respectivamente. A condição chinesa naquele momento era resultado da experiência dos trinta anos anteriores do Politburo – o Partido Comunista da China – como uma organização guerrilheira na gestão de um Estado militarizado, de maneira que se mantinha a sociedade chinesa mobilizada em economia de guerra, enquanto o Exército de Libertação Popular encaminhava a transformação revolucionária.

Uma primeira consequência disso era um Estado de baixa institucionalização e especialização. Não existia algo como departamentos para atividades-fim e departamentos para atividades-meio, ou funções militares e funções civis. Existia uma simbiose entre as várias instâncias governamentais e elites militares e não militares que fluíam na ocupação de cargos militares e não militares. Outra característica particular era de que não existia responsabilização de cargos e instituições, mas de indivíduos. Aos indivíduos eram dadas as funções e tarefas militares, políticas e administrativas.⁷¹ Esse princípio de organização traria drásticas consequências sobre o Exército Voluntário Popular Chinês que combateria a coalizão das Nações Unidas na Coreia. Isso porque produziu grande heterogeneidade entre as unidades combatentes e quando houvesse a necessidade de padronização e

⁷¹ BI. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, p. 253, 255.

criação de departamentos permanentes – o Departamento Logístico em 1951, por exemplo – houve grande resistência e subsequente lentidão na execução dessas reformas e seus efeitos seriam refletidos nas capacidades combatentes chinesas apenas ao fim da guerra.⁷²

Uma última característica da dominação do Partido Comunista sobre o Estado era que o Politburo fazia muito bom uso da prerrogativa da ditadura da maioria. Quando uma decisão era tomada, não se aceitava oposição e minorias. Ela era imposta sobre todas as extensões da China comunista, inclusive sobre o Exército e a população. Na estrutura chinesa, a relações entre fins e meios era unilateral. Não existia redimensionamento das decisões políticas em coordenação com seus meios. Indivíduos eram responsabilizados por quaisquer falhas que ocorressem na execução das decisões tomadas pela cúpula do Politburo.

Por sua vez, o Exército de Libertação Popular nasceu do Partido Comunista e originalmente também era uma organização guerrilheira. Porém, no processo de vitórias e de controle de novos territórios durante a guerra civil, houve a aglutinação de unidades combatentes do exército nacionalista e de várias unidades combatentes dos senhores de guerra chineses que, em boa medida, eram mais profissionais que as comunistas.⁷³ A partir de um processo de conversão ideológica e imposição coercitiva, o Exército de Libertação Popular passou a adquirir pessoal especializado e unidades estruturadas de oficiais e soldados que não eram originalmente comunistas. Isso teve duas consequências. Por um lado, em pouco tempo, esse exército passou a ser mais institucionalizado e bem mais numeroso que o Partido Comunista. Por isso, o Partido Comunista podia contar mais e mais com o ELP para a administração do Estado e da sociedade chineses. Foi por meio do ELP que se controlava territórios, mobilizava a população, se fazia os ajustes na sociedade e conversões de recursos necessários para o novo Estado chinês.

Por outro lado, houve uma preocupação crescente no controle dessa estrutura tão importante, que tendia a ganhar autonomia ao passo que se institucionalizava e crescia. Além do comando do Exército ser composto apenas por membros da diretoria do Partido, existia a supervisão por oficiais do Partido de toda estrutura do ELP até a unidade de pelotão. Quando decisões políticas eram tomadas – como a de ir à guerra – automaticamente esses comissários políticos eram mobilizados para instrução de todos os quadros de oficiais e soldados. Seja para o apaziguamento de desentendimentos e dúvidas, seja para o preparo psicológico das forças. O ELP deveria ser mantido, mais do que um instrumento do Estado, mas como um instrumento do Partido. No pensamento de Mao, a revolução chinesa seria protegida na medida em que o Partido Comunista fosse salvaguardado. A criação do Estado e a transformação da sociedade dariam pela instrumentalização do ELP na constante mobilização da sociedade.⁷⁴

A orientação dessa transformação não era consensual dentro da liderança do Partido. A partir do momento da vitória da guerra civil e da conquista do Estado, passaram a existir facções internas a favor de reprodução do modelo soviético – como fizeram os norte-coreanos – e outros a favor de uma orientação mais oriental e distinta. Essas divisões políticas também traziam as propostas de modernização do exército chinês para uma força nacional. Mao, particularmente, discordava de um exército altamente profissional e burocratizado, ao assumir que material humano em grande

⁷² SHRADER, Charles R. *Communist Logistics in the Korean War*: Westport: Greenwood Press, 1995, p. 40–44.

⁷³ JOWETT, Phillip. *Chinese Civil War Armies, 1911-1949*, Oxford: Osprey, 1997.

⁷⁴ BI. *On the Strategies of East Asian Limited Wars*: States, Militaries, Technologies, p. 244, 254.

quantidade, munido de armamentos soviéticos bastaria.⁷⁵ Quando se desejou, após a Guerra Sino-americana, uma ampla modernização militar com as lições aprendidas, ele temeu que isso significasse uma sovietação das forças armadas e do Estado, distanciando-os dos propósitos originais que ele estipulava e também de seu controle.⁷⁶ Esses aspectos explicam os expurgos que Mao aplicou ao exército chinês após a Guerra Sino-americana e as punições exemplares ao comandante das forças chinesas na Coreia, Peng Dehuai, que se tornaria ministro da defesa e principal defensor da modernização militar chinesa segundo um modelo soviético.

A visão de estado e guerra de Mao foi, em boa medida, derivada de uma interpretação marxista de Clausewitz desenvolvida desde meados do século 19 por Friederich Engels.⁷⁷ O manifesto existencialista de Clausewitz na defesa da Prússia contra Bonaparte até às últimas consequências e pelo emprego do povo armado era algo de grande impacto no imaginário de Mao, bem como nos valores do moral e dos aspectos humanos na guerra.⁷⁸ Esses aspectos conceituais eram utilizados para reforçar o dogmatismo que ele tomou como a Guerra Sino-americana e todas as demais poderiam ser ganhas.⁷⁹ Essa perspectiva da guerra de Mao é importante para compreender o conteúdo normativo de suas decisões e intervenções sobre os planos e a conduta da guerra na Coreia, até meados de 1951, detalhadamente inspecionadas na terceira parte do livro.

Mao Tse-Tung era o líder do Partido Comunista e herói da revolução chinesa e da guerra civil, por isso a decisão final para intervenção chinesa na Guerra da Coreia foi sua e forçada sobre o Politburo de maneira messiânica. O caráter simbiótico entre Partido e ELP na conformação do Estado, a ditadura da maioria do Partido sob a decisão de intervenção na Coreia, somados à tradição personalista da cultura chinesa tornaram a sua posição despótica na condução da guerra.

Tal conduta foi significativamente influenciada pelas linhas gerais da coalizão comunista com União Soviética e Coreia do Norte. Essa era uma estrutura de baixa institucionalização, de maneira que o processo decisório e a própria coalizão tornaram-se fontes mais de escalada do que moderação das decisões chinesas. Outra consequência dessa baixa institucionalização era a vantagem comparativa soviética no processo de tomada de decisão política por ser o aliado mais poderoso e

⁷⁵ ZHANG, Shu Guang. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953**. Lawrence: University Press of Kansas, 1995, p. 29.

⁷⁶ MALKASIAN. **Toward a Better Understanding of Attrition**, p. 224.

⁷⁷ JIANXIANG, Bi. **The impact of Clausewitz on Mao: war and politics**. Dissertação (Mestrado) – University of Alberta, Edmonton, 1989; ZHANG, Yuan Lin. **“Mao Zedong und Carl von Clausewitz: Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich”**. Tese (Doutorado) – Universidade de Mannheim, Mannheim, 1995.

⁷⁸ Existem evidências do estudo de Clausewitz por Mao. Inicialmente, teria existido a influência indireta por via dos estudos, durante a década de 1920, dos autores socialistas clássicos: Engels, Lênin e Trotsky, que desenvolveram seus entendimentos de guerra e revolução a partir de Clausewitz. Posteriormente, especula-se a presença da influência direta de Clausewitz no texto *Sobre a Retificação de Ideias Incorretas no Partido* de dezembro de 1929. Sabe-se que Mao leu extratos do *Da Guerra* entre 13 de março e 4 de abril de 1938, desde que não existia uma tradução integral para o chinês. No mesmo ano, Mao fez palestras a partir dessas leituras parciais entre 26 de maio e 3 de junho e esses estudos ainda produziram três documentos: *Sobre a Guerra de Prostração* (maio de 1938), *Problemas Estratégicos na Guerrilha contra o Japão* (maio de 1938) e *Problemas de Guerra e Estratégia* (novembro de 1938). Esses textos compõem o segundo volume das obras selecionadas, amplamente disponibilizadas na internet a partir da seleção de seus escritos e palestras Mao Tse-Tung, *Selected Works of Mao Tse-Tung Volume II* (Foreign Language Press, 1967), Disponível em: <http://www.marx2mao.com/PDFs/MaoSW2.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019. Mao tem apreciação condensada de Clausewitz, mas repleta de inconsistências, como discutido em Jianxiang *The Impact of Clausewitz on Mao: War and Politics*. A principal fonte de contradição deriva de uma tentativa de compatibilizar uma interpretação de Clausewitz como “Mahadi da Guerra Total” – já amplamente desconsiderada – com o *Arte da Guerra* de Sun Tzu. A incompatibilidade é dominante e Mao não foi capaz de decidir se Clausewitz era defensor da guerra total, ou da vitória sem derramamento de sangue. Para acesso a passagens exemplares da inconsistência de Mao apontadas por Jianxiang, ver: p. 51-55, 145-146, 148, 150-151. Sobre as evidências da influência de Clausewitz em Mao: p. 61-64. Sobre a conformação do pensamento de Mao a partir da Teoria da Guerra: p. 70, 74, 89, 92, 152, 155. Ver ainda Zhang. **“Mao Zedong und Carl von Clausewitz : Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich”**.

⁷⁹ JIANXIANG. **The Impact of Clausewitz on Mao**, p. 242, 262.

o fornecedor de recursos essenciais e exclusivos, como apoio diplomático internacional, material e expertise bélicos e relatórios atualizados de inteligência.

Por um lado, na relação com a Coreia do Norte, a União Soviética detinha uma ampla capacidade de influência, pois, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, orientava a construção do Estado norte-coreano. Além disso, a nova elite norte-coreana era formada por cidadãos ou ex-residentes soviéticos, como o próprio Kim-Il-Sung. A partir desses dois canais, a embaixada soviética gerenciava centenas de assessores e técnicos soviéticos na “alocação da força de trabalho norte-coreana, gestão de recursos, planejamento econômico, transferência tecnológica, construção do exército norte-coreano e na orientação ideológica”.⁸⁰

Por outro lado, o Pacto Sino-Soviético de 1950 era mal formulado e não estabelecia os parâmetros de compromisso político entre Stalin e Mao: não havia metas de médio e longo prazos, não se abraçava distintamente o bloco comunista e não era estabelecido um processo decisório. Todas as questões seriam tratadas *ad hoc*. Ou seja, não existia uma institucionalidade ou planejamento que garantissem a perpetuação da aliança estratégica. Era, de fato, um acordo de momento segundo os interesses e objetivos específicos de Stalin e Mao. Esse pacto era mais motivado pelo medo e incertezas comuns com relação ao Ocidente, que eram maiores – mas que não neutralizaram – as mútuas suspeitas entre soviéticos e chineses. Essas motivações negativas não garantiam metas positivas que possibilitassem um real compromisso. Por isso, tendia a desconfiança e concessões forçadas entre Stalin e Mao.⁸¹ O principal ponto de suspeita era com relação aos reais interesses nacionais de ambos os lados. Em 1945, Stalin tinha escolhido Chiang Kai-shek como parceiro na Ásia, e esse lhe concedeu a Manchúria em troca, por isso a revisão desse acordo era o termo crucial para que a China de Mao assinasse o pacto. A própria decisão chinesa de entrar na guerra levava em consideração evitar uma longa presença militar estrangeira – em particular a soviética – na região, algo que Stalin, realmente, ambicionava.⁸² Mas Mao também desejava a guerra como forma de adquirir toda a transferência de material bélico moderno que até então era apenas uma promessa de Stalin. Ao longo da guerra, a composição de uma Força Aérea, bem como o significativo incremento de artilharia, blindados e fortificações, era vista por Mao como um resultado positivo da guerra, sem a qual Stalin nunca concederia a transferência.⁸³ Como consequência, o Pacto Sino-Soviético não era um arrimo da coalizão comunista contra a coalizão de países que compunham a coalizão em torno dos Estados Unidos e nunca existiu uma articulação fina entre esforços diplomáticos entre os três países, principalmente por deficiência chinesa.

Um aspecto positivo da coalizão comunista foi o acesso chinês ao serviço de espionagem soviético, em especial dos notórios espiões Kim Philby, Guy Burgess e Donald Maclean. Algo impressionante das campanhas chinesas era a precisão de seu conhecimento quanto à disposição, composição das forças norte-americanas e seus aliados, bem como a velocidade com que recebiam a informação das decisões políticas norte-americanas – como a de ultrapassar o paralelo 38° em 11 de setembro de 1950. O vazamento de informações seria mais drástico a partir do momento que

⁸⁰ MANSOUROV, *Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War*, p. 68–68.

⁸¹ WEATHERSBY, Kathryn. The Soviet Role in the Korean War: the State of Historical Knowledge. In: *The Korean War in World History*, Lexington: University Press of Kentucky, 2004, p. 218–221.

⁸² NAKAJIMA, M., The Sino-Soviet Confrontation: Its Roots in the International Background of the Korean War, *The Australian Journal of Chinese Affairs*, n. 1, p. 19–47, 1979, p. 34; SHEN, Zhihua, China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese–Soviet–Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War, *Journal of Strategic Studies*, v. 33, n. 2, p. 211–230, 2010, p. 229.

⁸³ XUEZHI, Hong, The CPVF's Combat and Logistics. In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 136.

Macleon assumiu posição no departamento americano do serviço diplomático britânico. Praticamente todas as deliberações anglo-saxões entre novembro de 1950 e meados de 1951 seriam repassadas aos soviéticos e, em alguma medida, para os chineses.⁸⁴

A coalizão comunista era composta a partir de um objetivo negativo comum de oposição aos Estados Unidos, e ela era tensionada pelos objetivos positivos individuais de cada uma das três partes, que eram acobertados entre si e que alteravam o padrão de interação entre União Soviética, China e Coreia do Norte. Ademais, a expediência e a improvisação na composição e coordenação dessa coalizão exacerbavam a condição política em que dava as bases de sua sustentação: as biografias de seus líderes-marechais. Não existia representação militar entre os três Estados, e a interação da coalizão comunista era por meio da informalidade, socialização e entendimentos tácitos entre seus líderes.⁸⁵ Portanto, uma comparação dessas três personalidades é útil.

Os três tiveram trajetórias revolucionárias similares: (i) vieram de pobres famílias rurais em ambientes de tradições religiosas e patriarcais; (ii) viam a vida urbana e moderna com suspeita; (iii) beneficiaram-se de educação formal melhor que outros indivíduos de suas classes sociais. Stalin e Kim estudaram em escolas paroquiais católicas e Mao fez cursos universitários; (iv) tiveram uma juventude rebelde e fugiram das condições de pobreza e violência de suas respectivas famílias, e acabaram se envolvendo com grupos criminosos ou revolucionários para auto sobrevivência e foram perseguidos por autoridades locais; (v) eram *outsiders* que, de uma maneira ou de outra, escolheram a via revolucionária para realização de suas ambições e aspirações pessoais; (vi) aderiram aos quadros de revolucionários profissionais e perseveraram a perseguições, expurgos e prisões. Porém, ao alcançarem destacada estatura e influência dentro dos movimentos revolucionários em que se desenvolveram, a revolução tornou-se um instrumento para consolidação dos ganhos pessoais de poder que tinham adquirido; (vii) na maturidade de suas trajetórias pessoais, os três líderes comunistas eram viúvos e tinham perdido outros familiares, de maneira que os partidos comunistas e seus respectivos Estados eram suas únicas preocupações, e assim compartilhavam uma visão paternalista e hierárquica de suas respectivas posições como líderes.⁸⁶ Stalin, Kim e Mao tinham experiências de vida similares que facilitaram sua mútua comunicação e compreensão. Isso era um elemento importante na união contra o Ocidente, mas era também uma fragilidade porque eles viam entre si suas próprias fraquezas e ambições.

De fato, o desenho da coalizão comunista em torno das guerras na Coreia foi repleto de maus cálculos e manipulações das várias partes, de maneira que nunca houve uma coordenação afinada, nem uma convergência real de interesses políticos. Cada um dos três operou a partir de premissas que eram acobertadas e fatos que eram fabricados ou meias verdades. Kim decidiu por uma invasão porque sua estratégia, anterior a 1949, de insurgência comunista na Coreia do Sul com o uso de guerrilhas foi sem sucesso. Ele apresentou o caso da invasão em bases que nunca levaram em conta a correção das causas do fracasso da estratégia passada. Kim soube explorar os desejos de Stalin para a Ásia e de que haveria uma vitória rápida e que os Estados Unidos nunca responderiam, pelos menos a tempo. Posteriormente, a coalizão foi dominada por políticas e percepções soviéticas e chinesas que não tinham nada a ver com a unificação coreana. A coalizão não produziu nenhum mecanismo

⁸⁴ ROE, P. **The Dragon Strikes: China and Korean War**, June-December 1950. Novato: Presidio, 2000, p. 407.

⁸⁵ WEATHERSBY. **The Soviet Role in the Korean War**: the State of Historical Knowledge, p. 72-73.

⁸⁶ MANSOUROV. **Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War**, p. 41-47.

de análise conjunta ou tomada de decisão conjunta, e de qualquer maneira, pouco envolveu Kim Il-Sung e a Coreia do Norte.⁸⁷

Por isso, existiam diferenças biográficas que afetaram a inclinação diferenciada que cada um dos três tinha com relação ao desfecho da guerra e que criava uma hierarquia de comando e de preferências mais ou menos tácitas entre eles. Em 1950, Stalin, Mao e Kim se encontravam por volta dos 70, 50 e 30 anos, respectivamente. Portanto, pertenciam a gerações distintas. Isso teve impacto nas relações entre eles de várias maneiras. Primeiro, cada um deles era líder das revoluções de seus respectivos países que se encontravam em estágios de desenvolvimento distintos, bem como eles tinham propensões diferenciadas à prudência e ao risco. Stalin era mais cauteloso e avesso a riscos que Mao, e Kim era o mais aventureiro de todos. Porém, Stalin e Mao eram mais perseverantes nas suas decisões e não eram facilmente revertidas. Em segundo lugar, existia uma hierarquia informal entre eles. Apesar da fraternidade ideológica, eles eram asiáticos e que levavam em conta implicitamente a idade e a experiência de vida acumulada. A própria formação paternalista e confuciana de Mao e Kim favorecia o respeito maior deferido a Stalin. Mao como o “filho primogênito” tinha um papel de executor das decisões e Kim – como caçula – tinha que acatar as decisões dos outros dois. Algo peculiar das relações entre essas três figuras durante a guerra foi que Mao e Kim raramente disseram “não” para Stalin.

Uma última e mais importante consequência das diferenças geracionais era o envolvimento pessoal de cada um dos três à Guerra Sino-americana. Para Kim, ela era a maior e a única campanha internacional de sua vida e não era uma opção perder, tendo em vista seu pequeno prestígio e ter que se provar como líder e por possuir ainda rivais internos e sua sobrevivência política estar em jogo. Já para Stalin, a guerra tinha um potencial especial, pois poderia ser sua última, ou a penúltima, campanha decisiva no choque contra o Ocidente, por isso ela também não era para ser perdida. No entanto, Stalin não tinha a urgência de Kim, pois a Coreia era uma componente de um tabuleiro mais amplo, cujo mais relevante troféu era a Europa.

Mao Tse-Tung se encontrava em combates sucessivos desde a década de 1920. Do seu ponto de vista, essa era apenas mais uma guerra entre as que ele já travou e as muitas que ele ainda esperava travar. Sua posição política poderia ser afetada, mas não sua liderança. Apesar do aspecto messiânico de enfrentar a grande potência imperialista, inicialmente ele não esperava que as questões da (re) inserção internacional da China como grande potência fossem decididas na Coreia. Por fim, seu domínio do cenário político chinês garantia sua manutenção no poder.

Note-se, portanto, que a coalizão comunista foi a principal fonte de escalada aos extremos e teve grande efeito sobre a liderança de Mao Tse-tung, inclusive levando-o a ambicionar maiores e distintos resultados políticos do que o inicialmente anunciado e a arriscar campanhas à revelia de seus comandantes de campo.⁸⁸

⁸⁷ WEATHERSBY, Kathryn. Stalin and the Decision for War in Korea. In: **War and Democracy: A Comparative Study of the Korean War and the Peloponnesian War**, New York: East Gate Book, 2001, p. 214–217.

⁸⁸ STUECK, William. **Rethinking the Korean War: A New Diplomatic and Strategic History**. Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 231.

3.2 RAZÕES HISTÓRICAS E IMEDIATAS CHINESAS PARA A GUERRA COM OS ESTADOS UNIDOS

A mentalidade chinesa no período da guerra na Coreia era de um nacionalismo revolucionário. Esse era desdobrado em um sentimento de responsabilidade com as outras revoluções socialistas na Ásia e no mundo e na determinação de manter a dinâmica interna da revolução chinesa após a vitória na guerra civil em 1949. Mao Tse-Tung e a nova elite política do país queriam que uma “nova” China fosse agente da ruptura de códigos de comportamento e princípios das relações internacionais contemporâneas, que viam como produtos da dominação ocidental. Com essa perspectiva, o leninismo era adaptado para uma doutrina de salvação chinesa e asiática, e o choque com os Estados Unidos – identificados como a principal potência capitalista – era parte da revolução e processo pelo o qual os chineses poderiam se redimir do seu passado.⁸⁹

Mao vislumbrava que, como em qualquer guerra, os vitoriosos da Segunda Guerra Mundial – Estados Unidos e União Soviética – iriam se confrontar em algum momento, assim como os comunistas voltaram a confrontar os chineses nacionalistas logo após a derrota do Japão. Esse confronto entre as duas superpotências seria uma barreira para movimentos de autodeterminação e novas realocações de poder, pois Mao entendia que a China teria que pender para o lado norte-americano ou para o lado soviético em algum momento.⁹⁰ Porém, é interessante notar que a opção pelos soviéticos não foi automática, apesar da descendência ideológica. No fundo, Mao via os soviéticos e os americanos como bárbaros, igualmente, e nunca negou a superioridade moral e cultural da China sobre as duas superpotências. Por isso, a decisão de Mao por qualquer aproximação seria por conveniência e abandonada assim que tivesse cumprido seu objetivo – proteger a revolução chinesa – ou caso se tornasse um risco.⁹¹

Inicialmente, no período de consolidação da aliança contra o Japão na Segunda Guerra Mundial, Mao nutriu, por um tempo, a possibilidade que talvez sua missão fosse mais branda. Forças progressistas dentro dos Estados Unidos e a aliança com União Soviética poderiam criar um ambiente mais favorável à transformação chinesa. Mao pareceu ter sido profundamente tocado pelo carisma de Franklin Roosevelt.⁹² Em especial pelas promessas e compromissos firmados em dezembro de 1943 na Conferência de Teerã de uma Ásia livre da dominação do Japão, e de qualquer outra. Tal otimismo foi nutrido pelos contatos que Mao mantinha com Earl Browder, líder do partido comunista norte-americano, que garantia as intenções de Roosevelt. Entretanto, o desencantamento com os Estados Unidos ocorreu a partir do contato com a missão diplomática Hurley a partir de 1944.⁹³

O problema era que o chefe da missão norte-americana para conciliação entre chineses nacionalistas e comunistas – Patrick Hurley – era descaradamente anticomunista e incapaz de manter uma relação cordial com o Politburo. Tal contato foi marcante para Mao, desde que a Missão Hurley tinha sido seu primeiro contato direto com norte-americanos. A inclinação destes a favor dos nacionalistas seria mais forte e se tornaria a orientação presidencial com a substituição de Hurley

⁸⁹ BI, J. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*. Tese (Doutorado) – Carleton University, Ontario, 1996, p. 248; JIAN. *In the Name of Revolution: China's Road to the Korean War Revisited*, p. 94–96.

⁹⁰ GONCHAROV, Sergei; LEWIS, John; XUE, Litai. *Uncertain Partners: Stalin, Mao, and the Korean War*. Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 206–207.

⁹¹ HU. *Mao's American strategy and the Korean War*, p. 62; ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 443–446.

⁹² HU. 2005, p. 114–115

⁹³ HU. *Mao's American strategy and the Korean War*, p. 31–32.

por George Marshall ao fim de 1945. A Missão Marshall operou em prol da unificação da China, mas já com a inclinação de estabelecer um sistema pluripartidário com predominância do Partido Nacionalista chinês. No entanto, nem Chiang Kai-Chek, nem Mao eram favoráveis a algum sistema de compromisso e a acomodação política. Para ambos, não existia a possibilidade de compartilhamento da liderança política da China. Ambos também viam o período de iniciativas norte-americanas como uma fase de recuperação de suas forças para um *round* final da guerra civil.⁹⁴ A partir de 1946, o Partido Comunista concluiu que os Estados Unidos diferiam em objetivos políticos e não serviriam como protetores da revolução chinesa. A perspectiva chinesa dos Estados Unidos tornou-se finalmente antagônica a partir de 1947.

A partir de então os Estados Unidos endureceram sua posição contra a União Soviética e qualquer revolução comunista, o que repercutiu num alinhamento definitivo a favor da China nacionalista, particularmente com o reinício da guerra civil.⁹⁵ Nesse contexto que se desenvolveu a ruptura das relações sino-americanas, que foram ainda mais agravadas com a vitória comunista em agosto de 1949. Por um lado, os Estados Unidos conduziram uma política de não reconhecimento e isolamento da China comunista perante seus aliados e organismos internacionais como forma de forçá-la a reconhecer os interesses norte-americanos na Ásia.⁹⁶ Por outro lado, o novo regime chinês propôs um novo padrão diplomático das relações entre China e os Estados Unidos. De fato, cobrou-se o reconhecimento norte-americano (simbolicamente em nome do Ocidente) pelo tratamento exploratório e desigual imposto à China desde a Guerra do Ópio e, por conseguinte, uma retratação ao se aceitar a China como igual.⁹⁷ Perante a óbvia recusa norte-americana, Mao justificou a política de não reconhecimento das potências ocidentais para a expulsão de suas representações da China comunista.⁹⁸ Assim, a opção dos Estados Unidos como um parceiro estava anulada, mas a partir de cálculos e decisões em bases mais pragmáticas que ideológicas.

Já as relações chinesas com a União Soviética também seguiram pragmáticas e, por isso, repletas de suspeitas alimentadas por incidentes que conformaram o entendimento de Mao que qualquer aliança com Stalin envolveria grandes riscos para qualquer país.⁹⁹ A primeira instância de tensão ocorreu quando os chineses se recusaram em usar seu exército como escudo às forças japonesas e em sacrifício e salvaguarda da União Soviética. Posteriormente, Mao teria ficado especialmente enfurecido com a acomodação entre Estados Unidos e União Soviética na Conferência de Yalta – em fevereiro de 1945 – quando se acertaram áreas de influência soviética na Ásia em troca da ofensiva do Exército Vermelho contra os japoneses na Manchúria. Além das aquisições diretas e indiretas, Stalin manteve contato com os dois lados da guerra civil chinesa desde que intencionava que ambos os lados se desgastassem na região, abrindo a possibilidade de sua anexação pela União Soviética,¹⁰⁰ o que seria celebrado entre Stalin e Chiang Kai-Chek como preço de sua inclinação aos nacionalistas em 1945.¹⁰¹

⁹⁴ Ibid., p. 11–117, 143–147.

⁹⁵ GONCHAROV; LEWIS; XUE, 1995, p. 206–207; HU, 2005, p. 32, 155–158

⁹⁶ Ibid., p. 162.

⁹⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 42–48.

⁹⁸ HU, Wanli. *Mao's American Strategy and the Korean War*. Tese (de Doutorado), University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2005, p. 155, 158–159.

⁹⁹ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 206–207.

¹⁰⁰ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 66–68.

¹⁰¹ SHEN. *China and the Dispatch of the Soviet Air Force*, p. 229.

Assim, o Pacto Sino-Soviético de 1950 tinha, do ponto de vista chinês, dois objetivos específicos. Proteção da revolução contra potências ocidentais e Japão e a anulação do acordo de alienação da Manchúria à União Soviética e sua reintegração à China. Nesse momento, não existia qualquer expectativa quanto a uma real aliança estratégica com a União Soviética, nem na condução da internacionalização da revolução socialista.¹⁰²

Isso reforçou a inclinação de Mao e demais líderes do movimento comunista chinês no desenvolvimento de uma visão de mundo particular para sua política externa pós-guerra civil. A China comunista desenvolveu sua própria linguagem e lógica de explicação das relações internacionais e do seu papel nelas a partir de uma versão particular da teoria marxista-leninista original.¹⁰³ O etnocentrismo chinês criou um vínculo entre a guerra pela libertação nacional da China e a guerra internacional pelo proletariado. A Guerra Fria era uma luta de classes, cujo sucesso comunista dependia da vitória dos chineses na sua própria guerra civil – que, de fato, apenas seria concluída com a conquista de Taiwan – e seu apoio aos movimentos de libertação nacional da Ásia e mundo afora que floresciam com o declínio das potências europeias.¹⁰⁴

A perspectiva ideológica chinesa teve por base a teoria da zona intermediária.¹⁰⁵ Essa teoria explicava o papel revolucionário da China no mundo, como ela deveria se inserir nas relações internacionais e como a luta internacional de classes era dependente e, ao mesmo tempo, agente da ascensão da China como grande potência.

Em primeiro lugar, a teoria da zona intermediária expressava o comprometimento do Partido Comunista com a transformação da ordem internacional ao desafiar os Estados Unidos como principal potência da Ásia e Pacífico. Em segundo lugar, a teoria dava nova formulação à perspectiva anterior de alinhamento com uma superpotência. A China residia numa zona intermediária entre Estados Unidos e União Soviética, mas ao mesmo tempo a China residia entre as forças democráticas do mundo – lideradas pela União Soviética – contra as forças reacionárias do mundo – lideradas pelos Estados Unidos. Isso ofereceu uma explicação suficiente para as diferenças e suspeitas que se tinha com a União Soviética, e se moderava a reação nacionalista a uma subordinação à zona de influência de uma potência estrangeira.

Em terceiro lugar, essa teoria expressou o etnocentrismo chinês que atrelava a Guerra Fria ao sucesso do projeto de restauração da China. Por essa ótica, Estados Unidos e União Soviética disputavam a zona intermediária do mundo que seria determinada na sua porção mais significativa: a China. Por isso, a principal contradição do mundo pós-Segunda Guerra seria resolvida num front entre China e Estados Unidos.

¹⁰² As negociações para formulação do pacto foram duras e foram suspensas durante vários dias após a apresentação por Mao de uma posição firme pela revisão da alienação ver THORTON. *Odd Man Out: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War*. Washington: Brassey's, 2000, p. 38–39, 43–49.

¹⁰³ Para os chineses, Lênin desenvolveu, a partir das teorias de Marx, uma doutrina ideológica para a realidade contemporânea da Rússia. Seus princípios gerais de organização de partidos comunistas que poderiam ser aplicados à revolução de qualquer país. No entanto, esses princípios gerais tinham que ser adaptados para a realidade chinesa, que estava além da experiência de Marx e Lênin. Portanto, os comunistas chineses não reconheciam uma ideologia abstrata e absoluta, mas prática, concreta e historicista. E assim ela poderia ser convergida com aspectos culturais, históricos e filosóficos chineses BI. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, p. 247–249.

¹⁰⁴ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 9–10, 213–215.

¹⁰⁵ HU. *Mao's American strategy and the Korean War*, p. 141–142; JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 17, 20–21, 247–250.

Assim, quando da vitória comunista na guerra civil chinesa e a expulsão dos nacionalistas em abril de 1949, Mao e o Partido Comunista já possuíam um plano político formado para inserção da nova República Popular da China no contexto da Guerra Fria. A política nacional tinha como objetivo a transformação da arcaica sociedade chinesa e proteger o Partido Comunista. A política externa tinha como objetivos a alteração das relações desiguais com as potências estrangeiras e a ascensão da China à condição de grande potência. Nesse sentido, a inserção da China como uma força revolucionária da Ásia e a confrontação com os Estados Unidos tornaram-se objetivos entrelaçados. Com isso, o antagonismo entre chineses e norte-americanos passou a ser repleto de incidentes resultantes da agenda de segurança internacional chinesa,¹⁰⁶ que passou a ter duas orientações. Uma orientação negativa contra a constante expectativa de uma intervenção armada norte-americana – que se esperou que ocorresse durante ou após guerra civil chinesa – mas que nunca veio. Mao explicou que os Estados Unidos não teriam explorado a oportunidade de intervir na China por conta de restrições internas e externas que os tornavam incapazes de intervir em outras áreas da Ásia. Mas essa era uma estimava de curto prazo e invariavelmente a China teria uma confrontação direta com os Estados Unidos.¹⁰⁷ Durante esse intervalo, a China voltaria sua atenção e sua política externa para Taiwan, Vietnã e Coreia.¹⁰⁸

Por isso, a outra orientação da política externa chinesa era positiva e envolvia a expansão de sua influência para a sua periferia. Com a consolidação do governo comunista em abril de 1949 e o crescente envolvimento dos Estados Unidos em Taiwan, Coreia do Sul e na Indochina. Ainda que essa orientação tivesse também uma implicação defensiva – em garantir as fronteiras do recém-criado Estado comunista chinês – a principal intenção era de confrontação em áreas onde os Estados Unidos tivessem alguma presença na Ásia.

Obviamente, a prioridade chinesa era Taiwan. Com a janela de oportunidade dada pelos norte-americanos, Mao julgou que a “libertação de Taiwan” era crucial para a consolidação de todos os objetivos nacionais da revolução chinesa. De fato, enquanto Taiwan não fosse anexada, a guerra civil ainda não teria terminado. Consequentemente, já no verão de 1949, o Terceiro Exército de Campo do Exército de Libertação Popular foi deslocado da costa chinesa em torno de Xangai – onde foi posicionado contra uma invasão norte-americana – com destino a Taiwan. As primeiras operações foram dois ataques para a tomada das ilhas de Dengbu e Quemoy. Ambos fracassaram com pesadas baixas e a liderança chinesa constatou que a invasão de Taiwan seria difícil e necessitaria da concentração de 16 Corpos-de-Exército e da assistência soviética em apoio marítimo e aéreo. Por isso, ela foi postergada para o verão de 1950, justamente quando a invasão norte-coreana estaria sendo lançada. Em 28 de junho de 1950, três dias após o início da invasão norte coreana, o Comitê Central do Politburo havia decidido a favor da invasão a Taiwan para abril ou maio de 1951.¹⁰⁹

Importante ressaltar que os chineses avaliaram como mínimas as chances de os Estados Unidos intervirem a favor de Taiwan. Entendeu-se que os tomadores de decisão em Washington encontrariam grande dificuldade em operar uma aliança entre Reino Unido, Filipinas e Japão, por

¹⁰⁶ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 9–10, 41.

¹⁰⁷ ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 93.

¹⁰⁸ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 93–94.

¹⁰⁹ HARUKI, Wada. *The Korean War: an International History*, Plymouth: Rowman & Littlefield, 2014, p. 97; JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 65, 97–98; ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 94–98; SHEN, China and the Dispatch of the Soviet Air Force, p. 188.

exemplo. De um ponto de vista militar, viam os Estados Unidos numa condição vulnerável e que eles precisariam de cinco anos para mobilização de tropas para uma grande guerra no Extremo Oriente. Os generais chineses concluíram que restava aos Estados Unidos o apoio por meio do envio de aviões e material bélico para as forças nacionalistas.¹¹⁰

A aproximação com a Indochina ocorreu por iniciativa de Ho Chi Minh em janeiro de 1950, que enfrentava os franceses desde a Segunda Guerra Mundial. Ele pediu assistência, o que Mao viu prontamente como uma oportunidade para reforço da fronteira sul chinesa e para exercício da liderança chinesa na região. Em abril do mesmo ano, foram enviados assessores militares chineses e material bélico.¹¹¹ Interessante notar a confirmação por Mao da noção de vulnerabilidade dos Estados Unidos desde que a reação norte-americana ao envolvimento chinês na Indochina foi mínima.¹¹² Criou-se aqui um padrão de desconsideração da capacidade combatente dos Estados Unidos que seria crucial no curso de envolvimento da China na Coreia.

Historicamente, os comunistas coreanos tinham fortes laços com seus camaradas chineses. Desde a década de 1920, muitos comunistas coreanos participaram de atividades revolucionárias na China e se tornaram membros do Partido Comunista Chinês, inclusive Kim Il-Sung que vivia na Manchúria desde a infância e faria parte ainda da guerrilha contra o Japão na década de 1930, antes de ingressar no Exército Vermelho soviético. Na década seguinte, 100 mil coreanos combateram em fileiras chinesas, sendo três divisões – 156^a, 164^a e 166^a – inteiramente coreanas e cotadas entre as melhores. Adicionalmente, durante a guerra civil, a Coreia do Norte serviu de base de operações para as forças chinesas comunistas no principal teatro de operações da Manchúria, que se tornaria a base de operações para o restante da progressão comunista na guerra civil chinesa. Nesse planejamento, o Departamento Nordeste do Exército de Libertação Popular chinês contaria com 20 mil toneladas de material bélico e seria ainda um refúgio para soldados feridos e doentes.¹¹³

Para além da política externa de confrontação com os Estados Unidos, a China sentiu-se em débito com Coreia do Norte e comprometida com o sucesso da revolução comunista do camarada menor. Assim, apesar de Mao ter apresentado reservas quanto à questão da unificação coreana quando ela foi apresentada por Stalin, ele entendeu que os Estados Unidos considerariam essa como uma questão interna e concordou que eles não se envolveriam e que Kim realmente tinha que explorar essa janela de oportunidade.¹¹⁴ Desse momento em diante, as pressões soviética e norte-coreana para o envolvimento chinês na Guerra da Coreia foram intensas, bem como o dilema de Mao em sua concordância.

Por um lado, a acentuação da crise entre as duas Coreias seria útil para a China em termos de justificar a consolidação do controle da sociedade e estado chineses pelo Politburo, e adicionalmente promoveria sua influência e prestígio chinês, como no caso do Vietnã. A vinculação com qualquer possibilidade de confrontação comunista com os Estados Unidos, ou seus satélites – Coreia do Sul – atendia aos objetivos chineses. A teoria da zona intermediária sustentava que o compromisso chinês

¹¹⁰ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 102.

¹¹¹ ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 94.

¹¹² JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 104–106.

¹¹³ ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 106–108.

¹¹⁴ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 87–88.

com a Coreia do Norte seria mais que solidariedade entre comunistas, mas era também calcada em motivações ideológicas e nacionalistas próprias.¹¹⁵

Por outro lado, se o choque com os Estados Unidos era inexorável, preferencialmente esse momento não seria 1950 e nem o teatro a Península Coreana. O objetivo prioritário chinês era a salvaguarda do regime e a normalização das condições sociais do país. Ao início de 1950, avançavam-se amplas reformas econômicas, inclusive contando com a desmobilização de 1,4 milhões de soldados para realocação de recursos para redução dos impostos sobre grãos e camponeses. Isso também explica porque, em termos de política de segurança, Taiwan era prioritário sobre qualquer outra questão regional ou internacional, desde que havia a necessidade de pacificação do sul do país das guerrilhas nacionalistas.¹¹⁶ Além disso, a nova China pleiteava uma nova inserção internacional, o que o envolvimento em uma guerra de conquista certamente colocaria em risco. Comprovação disso foi que a proposta indiana de inclusão da China comunista como membro permanente do Conselho de Segurança em junho de 1950 – durante o início da invasão norte coreana – foi rejeitada em setembro do mesmo ano.¹¹⁷

O projeto norte-coreano fez Mao levar em conta a possibilidade de enfrentar os Estados Unidos diretamente antes do que ele originalmente supunha. Mesmo sem considerar um confronto direto com os Estados Unidos, a simples continuidade da presença norte-americana na Coreia do Sul era uma ameaça. Colocaria em risco a Manchúria, encorajaria grupos dissidentes a desafiar o controle comunista e existia o medo de operações anfíbias diretamente contra o território chinês a partir de Taiwan. A principal ameaça era a possibilidade de escalada e o envolvimento soviético, o que certamente tornaria a China em um teatro de operações.

A questão não era de fácil solução e Mao teria mudado quatro vezes sua decisão até seu comprometimento final e definitivo.¹¹⁸ Concluiu-se que os chineses não tinham tantos recursos para escolher a hora e local mais favoráveis. A iniciativa teria sido norte-americana e caberia aos chineses se superarem e responderem ao seu destino manifesto e à intervenção dos Estados Unidos, se ela ocorresse. A decisão política final pelo apoio chinês à invasão norte-coreana ocorreu antes da inferência quanto à viabilidade dos meios de guerra. Apesar de reconhecerem a inexperiência do Exército de Libertação Popular contra uma força ocidental e a possibilidade de grandes constrangimentos logísticos, a decisão foi também calcada numa avaliação negativa da capacidade combatente dos Estados Unidos.¹¹⁹

Stalin não compartilhava do desdém chinês e acreditava que o envolvimento dos Estados Unidos teria dramáticas consequências. Porém, Stalin e Mao concordavam que a possibilidade de intervenção norte-americana era mínima. Suas avaliações eram baseadas em suas respectivas experiências nas últimas guerras. Como ocorreu na guerra civil chinesa, Mao acreditava que o envolvimento na guerra civil coreana seria, no máximo, indireto. Para Stalin, os Estados Unidos nunca se envolveriam numa guerra sem a necessidade e possibilidade de uma grande concentração de forças, o que demandaria tempo e apoio doméstico, assim a relevância marginal da Coreia e a

¹¹⁵ ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War*, June-December 1950, p. 42.

¹¹⁶ BI. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, p. 258–259; NAKAJIMA, *The Sino-Soviet Confrontation: Its Roots in the International Background of the Korean War*, p. 28.

¹¹⁷ THORNTON. *Odd Man Out: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War*, p. 318.

¹¹⁸ HU. *Mao's American strategy and the Korean War*, p. 29–30.

¹¹⁹ ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War*, June-December 1950, p. 76–77.

presença militar diminuta dos Estados Unidos na Ásia não permitiriam tais condições. Por fim, Kim não tinha qualquer contato com os Estados Unidos e, talvez por isso, deu ampla garantia de sucesso e risco mínimo, pois a Coreia do Sul era um país menor e publicamente reconhecido como fora das prioridades norte-americanas para a Ásia.

Portanto, do ponto de vista chinês da Guerra da Coreia, mais importante que a invasão norte-coreana foi a surpresa com a reação dos Estados Unidos. Embora a possibilidade de uma intervenção norte-americana sempre tenha existido, a velocidade do compromisso de Truman com a Coreia do Sul e, principalmente, a neutralização do Estreito de Taiwan apenas confirmou a teoria da zona intermediária. Os americanos não poderiam ter gastado tantos recursos apenas para proteger um país tão distante e pouco significativo para a sua política externa. Teria que existir um plano em andamento relacionado ao fracasso da atuação americana na guerra civil chinesa.¹²⁰ A intervenção norte-americana impôs uma ameaça real e iminente e uma grande tensão na cúpula do novo regime chinês. O cumprimento do compromisso com os colegas comunistas tornou-se irrelevante, a grande questão era o grau e o momento do envolvimento chinês.

Em 5 de julho, o chanceler chinês Zhou Enlai informou Nikolai Roschin, embaixador soviético na China, que seriam enviados 120 mil soldados para a Manchúria e que eles interviriam se as forças oponentes ultrapassassem o paralelo 38°, mas disfarçados de soldados norte coreanos. Questionou-se se a URSS daria apoio aéreo. Com tal confirmação dada por Stalin naquele momento, Mao ordenou a criação do Exército de Defesa Nordeste em 7 de julho. O General Su Yu, até então responsável pela invasão de Taiwan, foi apontado como o comandante deste contingente até ele ser configurado como o Exército Popular de Voluntários Chineses (EPVC). A cúpula do Partido Comunista também deliberou sobre a preparação para o envolvimento chinês e iniciou-se a mobilização política da nação com novos programas de propaganda de guerra. Havia sido decidido também a criação de um departamento logístico junto ao comando da Região Militar Nordeste e o envio do Quarto Grupo de Exércitos de Campo – o mais experiente do exército chinês. Essas preparações não foram apenas conduzidas tendo em vista a operações na fronteira com a Coreia do Norte, mas dentro da Coreia. Em 14 de julho, a decisão chinesa foi informada a Kim Il-Sung.¹²¹

Em 5 de agosto, Mao informou que essas forças tinham que estar prontas para emprego em setembro. Mas seus oficiais disseram que tal prazo era inviável e Mao o estendeu. Em 31 de agosto, já existia a estimativa de forças a serem enviadas e de baixas esperadas. Essas estimativas e preparações foram feitas tendo em vista o emprego das forças chinesas no período mais breve possível e aproveitando a situação de impasse em que se encontrava a guerra nesse período.¹²²

Considerou-se o melhor momento para a intervenção chinesa quando as forças oponentes estivessem em torno do paralelo 38°. Isso colocaria a China numa condição politicamente favorável e logisticamente mais viável e não seria sábio deixar que as forças oponentes chegassem a ameaçar a fronteira Nordeste. Existem evidências que o Partido Comunista Chinês teria decidido que a intervenção deveria ocorrer entre fim de agosto e começo de setembro.¹²³ Assim, diferente do que

¹²⁰ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 159; ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War*, June-December 1950, p. 69.

¹²¹ SHENG, Michael. Chinese Intervention, *In: The Ashgate Research Companion to the Korean War*. London: Routledge, 2014, p. 361.

¹²² JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 139; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 58–59.

¹²³ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 151–152; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 63–64.

alguns autores apontam,¹²⁴ o paralelo 38º não era uma divisória política, mas estratégica, para o envolvimento chinês. Pelas várias razões que expusemos até aqui, isso quer dizer que a contenção das forças norte-americanas à Coreia do Sul dificilmente teria contido a intervenção chinesa e não se aceitaria a Coreia do Norte como a zona tampão entre a Manchúria e as forças norte-americanas na Coreia do Sul.¹²⁵

Em 5 de setembro, Mao era otimista e apostava que os Estados Unidos não teriam como sustentar suas operações na Coreia com os compromissos na Alemanha e os constrangimentos logísticos de dois oceanos. No entanto, o sucesso da operação em Inchon teve impacto nas suas expectativas, que reconheceu que subestimava os Estados Unidos.

A postergação da intervenção chinesa para outubro ocorreu devido a três pontos cruciais. Primeiro, o recém-organizado Exército para Defesa da Fronteira Nordeste não foi capaz de atender o plano de preparação estipulado, por mais que Mao tenha pressionado para isso. Segundo, o consentimento norte-coreano não foi automático. Kim tinha real expectativa de sucesso e esperava vencer a guerra sozinho, sem a assistência chinesa. Ele relutou na sua concessão até o sucesso do assalto anfíbio em Inchon em setembro de 1950, operação antecipada por Zhou Enlai ao início da guerra.¹²⁶ E foi o choque do seu sucesso que levou ao extremo as tensões dentro da coalizão comunista, exacerbando suspeitas e antagonismos que até então eram moderados, e que marcariam os cálculos chineses para próximas campanhas até o fim da guerra.¹²⁷

Terceiro, o mês de outubro de 1950 foi o período mais crítico do processo decisório chinês, em decorrência das barganhas entre Stalin e Mao terem alcançado seu ápice. Na noite de 1 de outubro, Mao recebeu a requisição formal de Kim para a ajuda chinesa. Obviamente, a requisição passou anteriormente pelo crivo de Stalin, em relação a qual Stalin era inconvincente. Ao final das contas, a situação forçava Stalin a conceder a Mao uma posição privilegiada dentro da coalizão comunista, pois as decisões das operações militares na Coreia não viriam mais exclusivamente de Moscou, mas de Pequim em consulta com os demais líderes.¹²⁸

Em resposta a requisição de Kim, uma reunião de emergência foi conduzida pelo Comitê Permanente do Partido Comunista chinês, em que a posição de Mao prevaleceu. Na madrugada do dia 2 de outubro, e antes da confirmação de decisão pelo diretório do Partido, Mao elaborou um telegrama supostamente para Stalin informando a posição chinesa, baseado em duas questões. Primeiro, a derrota e conquista da Coreia do Norte colocaria em risco a revolução comunista no Oriente. Ele acreditava ainda que era capaz de superar em quatro vezes o número de soldados e entre 1,5 e duas vezes o poder de fogo de artilharia dos EUA. Ele entendia que a guerra não duraria muito. Mas esse telegrama não foi enviado, mas arquivado. Contrário a uma comunicação muito apressada, e sem a possibilidade de barganha, ele preferiu uma comunicação via embaixadas. Blefou que não enviaria forças no momento, apontando que faltava meios e vontade para entrar na guerra, desde que isso levaria a um confronto com os Estados Unidos, potencialmente envolvendo também

¹²⁴ Por exemplo, SCHELLING, Thomas C. **Arms and Influence**. Santa Barbara: Praeger, 1977, p. 54–55.

¹²⁵ CHRISTENSEN, Thomas J., Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace: The Lessons of Mao's Korean War Telegrams, **International Security**, v. 17, n. 1, p. 122, 1992.

¹²⁶ GONCHAROV; LEWIS; XUE. **Uncertain Partners**, p. 171.

¹²⁷ JIAN. **China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation**, p. 155–158.

¹²⁸ GONCHAROV; LEWIS; XUE. **Uncertain Partners**, p. 154–155; WEATHERSBY. **The Soviet Role in the Korean War: the State of Historical Knowledge**, p. 73–75, 78.

a União Soviética. Ele apontou a contrariedade do Comitê Central e queria que a questão fosse discutida pessoalmente por Zhou Enlai e Lin Biao em Moscou.

A literatura explica que Mao queria a confirmação do apoio logístico e de apoio aéreo soviéticos e ainda uma confirmação oficial do Partido Comunista chinês. Possivelmente, Mao também não teria tanta convicção sobre a possibilidade de derrotar os Estados Unidos. As minutas das reuniões do Politburo de 1 a 5 de outubro ainda não são públicas. Mas os relatos pessoais apontam que a maioria dos membros do diretório central era contra a intervenção. Pelo que essas fontes indicam, Mao não impôs sua decisão aos seus pares, basicamente porque ela não estava formada. Caso contrário, tais reuniões não teriam se alongado tanto e Mao não teria pacientemente escutado todas as posições a respeito. Mais que isso, Peng Dehuai atestou que Mao incentivou as considerações de pontos a favor e contrários a fim de formar sua própria posição. Considera-se que, na verdade, a manobra de Mao era manter a indefinição da posição chinesa atrelada ao Partido, não a ele, como forma de pressionar Stalin.¹²⁹ As fontes apontam que a questão do apoio aéreo não se tornou crítica até 11 de outubro, quando Enlai se encontrou com Stalin. Então, possivelmente Mao ainda não estaria barganhando por isso.

A decisão final pela intervenção chinesa foi dada em 5 de outubro quando ainda se contava que a União Soviética daria apoio aéreo direto.¹³⁰ Mesmo assim, os generais chineses questionaram a viabilidade do plano de intervenção. Argumentaram que a China não estava preparada para enfrentar os Estados Unidos, nem operar durante o inverno que se aproximava. O pior ficaria por vir quando Stalin comunicou em 12 de outubro que a União Soviética não teria qualquer participação na guerra. Até então, os chineses contavam com o guarda-chuva soviético para enfrentar a força aérea norte-americana. Mas, segundo Stalin, existiriam constrangimentos logísticos e a força aérea soviética ainda não estava em condições de apoiar as forças chinesas, pelo menos inicialmente. Mais importante, havia o risco de confrontação direta entre forças soviéticas e norte-americanas, cujo resultado seria incalculável. Ainda assim, Stalin encorajou a China a enviar forças no apoio a Kim. Ele alertou que sem auxílio, os norte-coreanos não sobreviveriam mais que uma semana e apenas questionou qual seria a ameaça para a China da presença de forças norte-americanas no rio Yalu. Adicionalmente, ele avisou que a China estivesse preparada para absorver o fluxo de camaradas refugiados que viriam com a derrocada do governo da Coreia do Norte. Por fim, Stalin prometeu material bélico suficiente e que a força aérea soviética protegeria o Nordeste chinês e áreas costeiras – a retaguarda e flancos das forças chinesas – e suas linhas de comunicações por sobre o rio Yalu. Essa comunicação de Stalin foi sua peça final na realização de seu principal objetivo desde o início: a China estava presa a um choque inevitável com as forças norte-americanas e a uma dependência do “irmão maior soviético”.¹³¹

As justificativas de Stalin para a retirada do apoio aéreo soviética à China era uma artimanha política porque, do ponto de vista logístico, alas aéreas soviéticas estavam prontas para emprego na Coreia. A Divisão Aérea Belov já estava mobilizada em Shenyang e a espera de instruções. Além disso, o ministro da defesa Vasilevskii também já tinha relatado que o 304º Regimento da 32ª Divisão de

¹²⁹ SHENG. *Chinese Intervention*, p. 363.

¹³⁰ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 82.

¹³¹ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 197–198.

Ataque Aéreo estava pronto para ser deslocado para Pyonyang, na Coreia do Norte, em cinco dias e, se desejado, estaria pronto para emprego em 3 de outubro.¹³²

Portanto, é relevante para todo estudo sobre a Guerra Sino-americana a consideração dos interesses de Josef Stalin e como esses afetaram os objetivos políticos chineses. Stalin via como inevitável a terceira guerra mundial que daria o golpe definitivo contra o imperialismo capitalista. Mas ele queria entrar nessa guerra com as melhores condições possíveis e o período de fortalecimento soviético para estar à altura seria longo. Em suas estimativas do equilíbrio internacional de forças, os Estados Unidos tinham grande superioridade na Europa e mesmo na Ásia, em razão do desenvolvimento da bomba de hidrogênio e um posicionamento militar mais firme no Japão desde 1949. Ele também se preocupava com a possibilidade de aproximação entre China e Estados Unidos, desde que ambos os países sabiam das ambições soviéticas pela Manchúria e Stalin via Taiwan como um único e pequeno empecilho para a acomodação entre eles. Assim, o teatro de operações asiático lhe trouxe preocupações mais imediatas que o europeu e demandava alguma medida em resposta. A China tinha quer ter um papel como instrumento de golpes revolucionários na Ásia que expandiriam a zona de influência comunista, aumentando a ameaças contra o Japão e o dispêndio dos recursos globais dos Estados Unidos.¹³³

Por isso, desde o início, a Guerra da Coreia foi planejada, autorizada e diretamente assistida por Stalin tendo muito claro para si que não comprometeria forças soviéticas e considerando o envolvimento chinês, pelo menos politicamente. Estender-se-ia a zona de influência soviética ao impor uma linha divisória entre a China e o Ocidente. O efeito político imediato era que o domínio comunista da Coreia iria fazer os Estados Unidos e seus aliados mais determinados em apoiar Taiwan, o que dificultaria qualquer aproximação com a China.

Mas Stalin ainda queria manter a Coreia como um satélite soviético, o que permitiria manter a presença soviética na Manchúria. Assim, sua decisão de prover ou não apoio aéreo era calcado no cálculo de equilíbrio de poder no teatro de operações que permitisse isso. Em um primeiro momento, Stalin concluiu que a mobilização e envolvimento chineses eram mais do que suficiente para contrapor o avanço norte-americano. No entanto, a expectativa de uma vitória chinesa rápida e decisiva, possivelmente, teria como consequência substituir a influência soviética na região. Por isso, ele esperava que a intervenção chinesa sem apoio aéreo soviético levasse a um impasse desgastante. O sucesso do avanço norte-americano em outubro de 1950 o fez rever suas expectativas. Era possível que esse concluísse a conquista da Coreia do Norte antes que as forças chinesas estivessem integralmente prontas para a interposição. Por fim, em 1 de novembro, Stalin informou Mao que a força aérea soviética seria reforçada em Andong e operaria limitadamente em uma aérea avançada dentro da Coreia do Norte, a fim de assegurar o rio Yalu – denominada “Alameda MIG” pelos norte-americanos.¹³⁴

¹³² SHEN, Zhihua. China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese–Soviet–Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War. In: CASEY, Steven (Org.). *The Korean War at Sixty: New Approaches to the Study of the Korean War*, London: Routledge, 2014, p. 62.

¹³³ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 155, 159, 207, 212; HU. *Mao's American strategy and the Korean War*, p. 82–84; WEATHERSBY. *The Soviet Role in the Korean War: the State of Historical Knowledge*, p. 67–70.

¹³⁴ SHEN. *China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese–Soviet–Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War*, p. 64–66.

Mao foi capaz de identificar a artimanha soviética e jamais se esqueceria dela.¹³⁵ Tal crise também oferecia uma oportunidade: a intervenção chinesa daria as condições para que a China tomasse uma posição central nas revoluções socialistas na Ásia. A partir dessa convicção, Mao teve atuação dominante para a união do Partido Comunista chinês e para a decisão de intervenção com ou sem ajuda soviética em 17 de outubro de 1950.¹³⁶ Surpreendentemente, Mao foi capaz de aplacar o desânimo de seus generais e concentrar ainda mais as deliberações da guerra em suas mãos. Como expressão peculiar da cultura política daquele momento, a Guerra Sino-americana tornava-se sua responsabilidade individual e ele passaria a deliberar integralmente sobre as forças combatentes chinesas e norte-coreanas, seus planos e preparações.¹³⁷

3.3 INSTITUIÇÕES POLÍTICAS NORTE-AMERICANAS E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO HEGEMÔNICO

No contexto da Guerra da Coreia, o presidente Henry Truman detinha a função de comandante-chefe das forças norte-americanas e, adicionalmente, ele recebeu poderes amplos das Nações Unidas para formação de um comando unificado da coalizão dos países-membros que compuseram a força de interposição à invasão norte-coreana e depois de confrontação com a China. Particular dessa responsabilidade adicional adquirida foi que ele não tinha que prestar contas de suas decisões ou realizar consultas com qualquer agência das Nações Unidas. Portanto, a análise do processo decisório da coalizão das Nações Unidas, diferente do caso comunista, centra-se no processo decisório norte-americano e quanto os seus aliados foram capazes de provocar alguma influência sobre ele.

Em graus menos drásticos que a China comunista, mas ainda assim similares, ao início da Guerra entre as Coreias, os Estados Unidos atravessavam um período de cinco anos de grandes reformas institucionais em que houve a criação de novos departamentos, carreiras e procedimentos. Esse é um dos poucos casos em que é possível visualizar com bastante nitidez o processo de reforma institucional de um país durante uma guerra e a tensão que a crise provocada pela intervenção chinesa. Mais precisamente, foi durante a Guerra da Coreia e sua evolução para a Guerra Sino-americana que ocorreu a maior reforma dos Estados Unidos em política externa e defesa desde a sua independência. A partir do *National Security Act* de 1947 que viria se conformar toda a estrutura norte-americana para política de segurança de maneira praticamente inalterada até o fim da Guerra Fria. Inclusive dispondo da criação física do Departamento de Estado, do Departamento de Defesa, da Agência Central de Inteligência (CIA), da Força Aérea e do Corpo de Fuzileiros Navais, além da reconfiguração da Junta de Chefes de Estado-maior e do Conselho de Segurança Nacional. É relevante inspecionar como essas reformas institucionais influenciaram e foram influenciadas a partir do momento em que se notou a alteração do sistema internacional para uma bipolaridade. Existem neste caso, de maneira suficientemente nítida, os efeitos das interações entre fatores sistêmicos e institucionais na política externa dos Estados Unidos para as guerras na Coreia. Os ajustes dessa política externa foi um divisor de águas em termos de sua relação com as Organizações das Nações Unidas (ONU) e seus

¹³⁵ YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 246–247.

¹³⁶ JIAN. *In the Name of Revolution: China's Road to the Korean War Revisited*, p. 110; SHEN. *China and the Dispatch of the Soviet Air Force*.

¹³⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 201–202, 218–219.

aliados, de seus parâmetros de utilização da guerra e outros meios para oposição ao comunismo.¹³⁸ Essa reestruturação administrativa modernizava o Estado norte-americano para uma nova era de primazia internacional, porém criava clivagens e choques geracionais dentro e fora dele.

A principal instância de assessoria do presidente norte-americano para situações de crise tornava-se o recém-criado Conselho de Segurança Nacional (*National Security Council* – NSC), composto pelo Presidente, Vice-Presidente (Alben W. Barkley), o Assessor de Segurança Nacional (Averell Harriman), o Secretário de Estado (Dean Acheson), o Secretário de Defesa (George Marshall) e o chefe do Comitê de Recursos de Segurança Nacional (Arthur Hill). Outras figuras do Executivo poderiam fazer parte do conselho – como os secretários do Exército, Marinha e Força Aérea; mas que não foram incluídos por decisão de Truman. O principal órgão militar assessor do presidente era a Junta de Chefes de Estado-maior (*Joint Chiefs of Staff* – JCS), que teve como comandante durante todo o período da guerra o general Omar Bradley.

A JCS ficava formalmente abaixo do Secretário de Defesa e reunia os oficiais-chefes de planejamento das três forças com a função de servirem como assessores militares do presidente.¹³⁹ Conjuntamente, a Junta tinha autoridade equivalente ao do Secretário da Defesa, mas tinha estatuto apenas de formulação de planos. Individualmente, os membros da Junta tinham a estatura dos secretários dos departamentos militares e a função executiva de instrução aos comandos unificados nos Estados Unidos, Europa e Ásia.¹⁴⁰

Após a Segunda Guerra Mundial, criaram-se comandantes de todas as unidades das três forças singulares norte-americanas seguindo uma delimitação geográfica de autoridade. Esses comandantes eram subordinados à Junta e não diretamente ao Secretário de Defesa – como ocorreria a partir da década de 1980. Interessante notar que essa subordinação não era de um comando unificado a toda Junta, mas a um dos seus membros, dependendo das disposições das forças singulares naquela área geográfica, de fato dependendo da atuação de cada uma delas em uma dada região durante a Segunda Guerra Mundial. No caso da Coreia, o comando unificado recaiu sob a responsabilidade do comando do Extremo Oriente (*Far East Command* – FEC) e a subordinação deste ao Chefe de Estado Maior do Exército, o General Lawton Collins.

Portanto, a Collins ficava a responsabilidade de planejamento do Exército norte-americano, assessoria da posição de Exército na Junta e ao presidente, toda a deliberação com o comando unificado do Extremo Oriente e a instrução do plano de guerra ao comandante-chefe da coalizão das Nações Unidas nas guerras na Coreia. Nesse sentido, essas foram empreitadas do Exército norte-americano com a colaboração de outras forças e departamentos.

É importante notar que todas essas lideranças militares, bem como o Secretário da Defesa, eram figuras notórias da Segunda Guerra Mundial e compartilhavam experiências de combate,

¹³⁸ FRIEDMAN, N. *Fifty-Year War: Conflict and Strategy in the Cold War*, Annapolis: Naval Institute Press, 2000; MCCANN, David R.; STRAUSS, Barry S., *War and Democracy: A Comparative Study of the Korean War and the Peloponnesian War*, New Ed. New York: East Gate Book, 2001; STUECK, *Rethinking the Korean War*.

¹³⁹ O *US Marine Corps* não seria membro efetivo da Junta de Chefes de Estado-maior até a década de 1970, mas comporia a Junta ocasionalmente quando sua atuação era relevante, como no caso das guerras da Coreia e Sino-americana.

¹⁴⁰ Diferente do que ocorreria após reformas na década de 1980, quando se reforçaria as prerrogativas civis e se diminuiriam as da Junta, alimentando-se a apresentação de posições autônomas dos militares e, possivelmente, alternativas pelo Secretário de Defesa na assessoria do presidente. A partir desse período, a Junta seria destacada do Departamento de Defesa tornando-se apenas uma instância de assessoria direta ao presidente. Por sua vez, ficaria ao Secretário de Defesa a responsabilidade de instrução dos comandantes-chefes, bem como a formulação de planos de guerra.

comando e, logo, pontos de vista quase sempre unânimes. O fato que o Secretário de Defesa George Marshall ter sido um oficial general, reformado, mais sênior e comandante direto de todos os outros durante a Segunda Guerra Mundial, neutralizava o caráter civil e independente de sua posição. Na prática, as decisões da Junta eram quase sempre automaticamente as decisões “civis” do Secretário de Defesa, que, na prática, não era, naquele contexto, uma autoridade plenamente civil.

A principal consequência desse ambiente institucional era o peso desproporcional dos militares nas decisões de política de defesa e de política externa. Essa era uma condição que constrangia as decisões e ações presidenciais, particularmente se tem em vista a biografia e caráter de Henry Truman. Ele não teve uma experiência militar combatente, embora tenha sido membro da Liga Americana que foi à Primeira Guerra Mundial em funções administrativas. Mas essa limitada experiência direta com organizações militares criou uma forte impressão de desconfiança em relação a eles. Com o termino da Segunda Mundial, Truman teve como agenda a transferência de poder das mãos dos militares e, sempre que pode, incluiu ao seu redor pessoas de confiança sem histórico militar. Esse era o caso do Assessor de Segurança Nacional Averell Harriman: homem de confiança de Truman na Agência de Cooperação Econômica para a recuperação europeia e principal relator da política soviética para Ásia até a reestruturação do Departamento de Estado.¹⁴¹

A expansão do Departamento de Estado como a principal assessoria realmente civil do presidente era uma tônica das reformas institucionais promovidas por Truman. Essa foi a instituição – vis-à-vis com os departamentos militares – que mais se expandiu ao longo da Segunda Guerra Mundial. A ascensão dos Estados Unidos como principal liderança global por meio das grandes conferências entre países aliados e a partir da criação das Nações Unidas, Organização do Tratado do Atlântico Norte, Organização dos Estados Americanos, diversas outras organizações internacionais e regionais criadas e a expansão da comunidade internacional em números de países levaram o Departamento de Estado a ter pessoal e estrutura que fazia frente ao peso burocrático dos departamentos militares.¹⁴² A fragilidade viria de seu orçamento aportado ser inicialmente muito menor que o do Departamento de Defesa.

O equilíbrio entre ambos os departamentos ocorreria com significativa tensão burocrática e, definitivamente, com ascensão de Dean Acheson a Secretário de Estado em janeiro de 1949 na posição do general George Marshall.¹⁴³ Antes disso, as execuções da Doutrina Truman e dos planos Marshall e São Francisco eram concentradas nas mãos de autoridades militares. A desmobilização das forças singulares e os pareceres negativos de agência e comitês independentes sobre os resultados dos planos de reconstrução europeia – principalmente da Agência de Cooperação Econômica – levaram à transferência para o Departamento de Estado de um volume significativo de recursos orçamentários e a uma maior participação nas políticas de administração dos países ocupados e em vias de independência.

No esforço de equilibrar a constituição da Junta de Chefe de Estado Maior por figuras notórias da Segunda Guerra Mundial e a ainda frágil estrutura civil do escritório do Secretário de Defesa, a ascensão de Acheson a Secretário de Estado marcou uma reestruturação e a composição

¹⁴¹ MILLETT, Allan R. *The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North*. Lawrence: University Press of Kansas, 2010, p. 53–55.

¹⁴² KRINER, Douglas; SHEN, Francis. Limited War and American Political Engagement, *The Journal of Politics*, v. 71, n. 04, p. 1514–1529, 2009, p. 425–609.

¹⁴³ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 18–20; MCLELLAN, D.S. Dean Acheson and the Korean War, *Political Science Quarterly*, v. 83, n. 1, p. 16–39, 1968.

do alto-escalão com um time de figuras que se tornaram o núcleo do Departamento de Estado por anos. John Allison, John Foster Dulles e Dean Rusk ocuparam as posições respectivamente de Subsecretário de Estado e Chefe do Escritório de Assuntos do Nordeste Asiático; Embaixador-chefe e Vice Subsecretário; e Secretário Assistente para Assuntos do Extremo Oriente.¹⁴⁴ Eles seriam os formuladores da política externa norte-americana por anos e responsáveis pela transformação da NSC-68 de um simples documento para a linha mestra da política externa dos Estados Unidos na contenção da União Soviética durante a Guerra Fria.

No entanto, Truman encontrou nas guerras na Coreia o ápice da resistência às suas reformas em razão da particularidade da estrutura do Comando do Extremo Oriente e do processo decisório entre esse e a Junta de Chefes de Estado-maior.

Os comandantes do Extremo Oriente durante esse período ocupavam cinco posições simultaneamente. Primeiro, de Comandante Supremo das Forças Aliadas, ou seja, o agente dos 13 países vitoriosos da Segunda Guerra Mundial na ocupação do Japão e seus antigos domínios, na formalização do tratado de paz e no reordenamento político da região em coordenação – em maior ou menor grau, dependendo do caso – com as Nações Unidas. Essa era uma posição de liderança política, apesar das deliberações serem realmente conduzidas em Washington por uma comissão apropriada. Segundo, de governador militar da ilha Ryukus, Coreia do Sul e (até 1949) do Japão. Ou seja, de principal autoridade política responsável pelas políticas domésticas e por coordenação da reconstrução das instâncias governamentais locais. Terceiro, de comandante-chefe do comando unificado de todas as forças combatentes dos Estados Unidos das áreas citadas acima e ainda do Pacífico ocidental, o que incluía as ilhas Marianas e Filipinas. Essa atribuição tinha a prerrogativa de coordenar os vários grupos de planejamento e operação conjunta das forças combatentes e as agências de assuntos civis. Quarto, comandante imediato do Exército dos Estados Unidos no Extremo Oriente. Quinto, a partir de julho de 1950, a função de comandante da coalizão das Nações Unidas. No caso das três últimas atribuições, elas eram conduzidas por um mesmo gabinete. Ou seja, o Quartel-Geral do Exército do Extremo Oriente era uma instância administrativa que centralizava o planejamento das atividades combatentes e preparatórias de todas as forças combatentes do Extremo Oriente, em coordenação com as unidades da Força Aérea e Marinha ali comissionadas.

Portanto, o Comando do Extremo Oriente era uma posição de imenso poder de um general de exército e que, durante as guerras na Coreia, foi pouco afetada pelas reformas institucionais de Truman, seja pelo seu limitado alcance a uma estrutura organizacional tão ampla e distante geograficamente, seja pelo caráter de seu primeiro e longo comandante: Douglas MacArthur.

O organograma a seguir reproduz a estrutura militar dos Estados Unidos durante as guerras na Coreia.

¹⁴⁴ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 45.

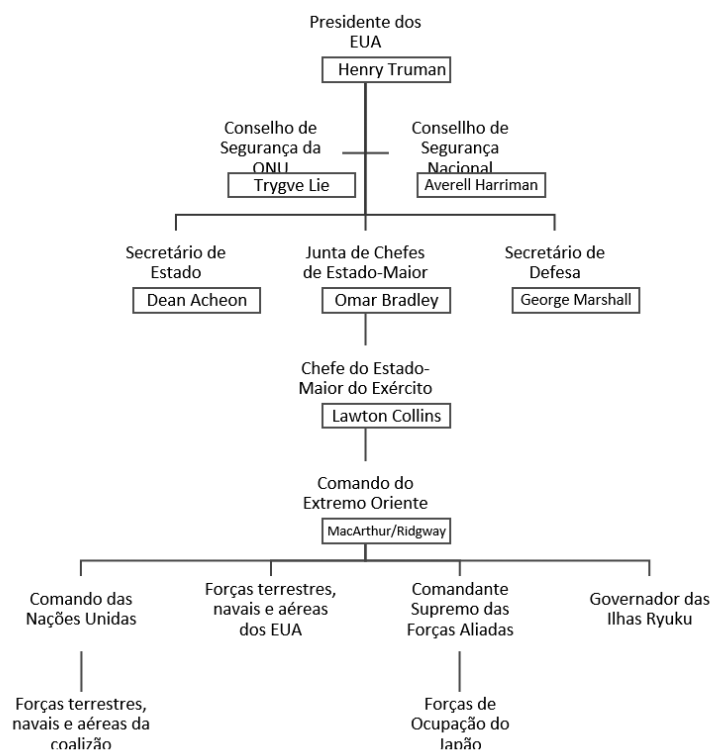


FIGURA 3.1 – ESTRUTURA MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE A GUERRA SINO-AMERICANA

FONTE: o autor

A condução de todas essas funções no Extremo Oriente era servida de uma cadeia de subordinação e comunicação ineficiente com seu comandante-supremo, o presidente Truman. Um plano de campanha tinha que ser formulado pelo gabinete de planejamento do general Collins, que o transmitia para a Junta. Esse plano era revisado nas seções cabíveis do Estado-maior do Exército para preparação da posição de Collins como o representante do Exército na Junta, que geralmente era dominante porque era a força com ação executiva no Comando Unificado do Extremo Oriente. Se o plano encaminhado a MacArthur extrapolasse “aspectos puramente militares” – não era claro quem determinava isso – o Departamento de Estado seria consultado e deveria dar seu aval. Uma recomendação da Junta com adendos do Departamento de Estado iria para o Secretário de Defesa Marshall, que adicionaria comentários antes de sua apresentação ao presidente Truman¹⁴⁵.

Certamente, no calor dos eventos, a predominância do Exército nesse processo decisório permitia que esses procedimentos fossem informalmente acelerados. De qualquer maneira, o papel do Secretário de Defesa, como contraponto à assessoria militar, era inexistente e o presidente era demasiadamente insulado do processo decisório da Junta e do contato com os comandantes-de-campo. Também não é surpreendente a constatação de que o encaminhamento das orientações políticas pelo Comando do Extremo Oriente era extremamente sujeito ao carisma e avaliação do seu comandante a partir do momento que houvesse algum tipo de indefinição ou incapacidade das

¹⁴⁵ HERMES, Walter. *United States Army in the Korean War: Truce Tent and Fighting Front*. Washington: US Center of Military History, 1992, p. 56.

lideranças militares em Washington. Por sua vez, também não é surpreendente notar a dificuldade de coordenação das atividades combatentes com as intenções de política externa deliberadas pelo presidente junto ao Secretário de Estado, desde que essa instituição era praticamente alijada do processo decisório de guerra.

O principal resultado da estrutura institucional dos Estados Unidos no contexto da Guerra Sino-americana, portanto, foi que o presidente Truman e o Secretário de Estado Acheson eram figuras solitárias e altamente suscetíveis à mentalidade dos militares que compunham o governo e as forças singulares. Essa condição doméstica ajuda a explicar o recorrente problema de avaliação de fins e meios e a tensão existente para confrontar a iminência de se produzir uma reação à agressão norte-coreana. Nesse sentido, houve uma disputa grave entre perspectivas do papel de uso da força, que teve seu ápice com a intervenção chinesa e, como consequência, esse foi o momento a partir de quando Truman passou a ter um papel mais firme na condução da guerra. As vacilantes políticas norte-americanas para a Coreia do Sul e a Guerra Fria evoluíram para uma crise institucional das relações civil-militares nos Estados Unidos durante a guerra contra a China.

Até a entrada da China, a máquina institucional para a defesa dos Estados Unidos correu solta e insulada. Com os sucessos da campanha chinesa de 1950, entre novembro e dezembro de 1950, toda a estrutura norte-americana encontrou-se em apatia. Apenas a partir de janeiro de 1951 que Truman tomou as rédeas para si e o Departamento de Estado passou a deliberar a instrução das metas bélicas e diplomáticas e toda a articulação com aliados, Congresso e opinião pública.

Outra consequência institucional do grande peso burocrático dos militares foi a profunda revisão no pós-Segunda Guerra das estruturas de administração pública para a conversão de recursos sociais para militares, a partir de então completamente em mãos civis. A criação do Comitê de Recursos de Segurança Nacional dentro do Conselho de Segurança Nacional e, em especial, do Escritório de Mobilização de Defesa, em reação à intervenção chinesa em dezembro de 1950, permitiram que os procedimentos de preparação e manutenção das forças combatentes fossem limitados aos objetivos políticos definidos por Truman. Distintamente da Segunda Guerra Mundial, estabeleceu-se controles institucionais para que as atividades de mobilização não ocorressem de maneira emancipada pelos militares. Adicionalmente, ambos os departamentos de mobilização seguiam o padrão de serem dirigidas por figuras de confiança pessoal de Truman e sem passado militar. Charles E. Wilson – como chefe do Escritório para Mobilização de Defesa – era executivo da General Electric e William Henry Harrison – chefe da Administração para Produção de Defesa – era executivo da International Telephone and Telegraph Company (ITT). Apesar dos vínculos com o setor privado, nenhum deles era novato em políticas de mobilização e tinham servido na Segunda Guerra Mundial no Comitê de Produção de Guerra.¹⁴⁶

A Guerra da Coreia e a Guerra Sino-americana foram as primeiras instâncias em que os Estados Unidos enfrentavam outras potências, sendo uma delas considerada uma potência regional, sem a completa mobilização da sociedade. Também foram as primeiras em que rebaixava o status dos militares na sociedade norte-americana da Segunda Guerra Mundial e os subordinavam a tomadores de decisão e departamentos civis.¹⁴⁷ A tensão gerada por essa transição institucional gerou grandes

¹⁴⁶ PIERPAOLI, Paul G. **Truman and Korea: The Political Culture of the Early Cold War**. Columbia: University of Missouri Press, 1999.

¹⁴⁷ HUNTINGTON, Samuel. **O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996, p. 410–415.

obstruções por parte dos militares e foi um pano de fundo político importante ao que ocorria nos campos de batalha na Ásia, pois ficou centrada entre Truman em Washington e MacArthur em Tóquio.

Inicialmente, o Congresso e a opinião pública manifestaram grande apoio às decisões presidenciais na Guerra da Coreia. No dia 27 de junho de 1950, quando o presidente Truman tinha apenas anunciado ações marítimas e aéreas de oposição à Coreia do Norte, já havia congressistas discutindo pela intervenção terrestre, inclusive com a proposta e aprovação nas duas casas, em apenas um dia, do projeto de lei que estendia o serviço militar obrigatório dos reservistas por mais um ano. Após a entrada da China e consequente mudança (ou definição) de objetivos políticos e metas bélicas por Truman, esse apoio começou a se esvaír. Congresso e opinião pública tiveram pouco tempo para assimilar as mudanças ocorridas na reorientação política da guerra e pouca capacidade para entender o novo relacionamento político internacional iniciado com o envolvimento da China na Coreia.

No caso do Congresso, a Guerra Sino-americana tornou-se pano de fundo para o “Grande Debate” do início da década de 1950. Esse foi inicialmente relacionado com as relações civis-militares, mas expandiu para um debate sobre a divisão dos poderes nos Estados Unidos e o papel do Legislativo.¹⁴⁸ No caso da população, havia frustração com relação à limitada expressão de superioridade norte-americana e confusão com relação à noção de mobilização parcial. Em pesquisa *Gallop* realizada em agosto de 1950, 66% da população apoiava o envolvimento norte-americano como conduzido por Truman, 12% apoiavam a retirada das forças e 20% apoiavam o escalonamento. Após a intervenção chinesa, em nova pesquisa realizada em dezembro de 1950, esse apoio popular a Truman caiu para 39%, mas apenas 11% apoiavam uma retirada e 40% apoiavam o escalonamento. Esse apoio ao escalonamento elevaria para 49% em pesquisa de junho de 1951.¹⁴⁹ O público norte-americano expressou um sentimento misto de desinformação, frustração e insatisfação com a Guerra Sino-americana. Existia uma reação confusa contra o excesso ou timidez da ação norte-americana.

Truman teve pouco sucesso em esclarecer para um público criado ao longo de duas cruzadas mundiais uma guerra que em vários momentos não passava de escaramuças durante longos momentos de pausas. Esses sentimentos foram reforçados pelos debates públicos que impunham um falso dilema e uma interpretação enviesada da Guerra Sino-americana. Apontou-se que essa, como qualquer guerra, tinha apenas duas alternativas de aplicação de forças convencionais: retirada ou guerra total. Por fim, o debate ainda era falho, particularmente no Congresso, ao não colocar a Guerra Sino-americana no contexto da Guerra Fria e de como os esforços de mobilização e ações combatentes na Ásia eram parte de uma estratégia global e diretamente relacionados com medidas em execução na Europa Ocidental.¹⁵⁰

As transformações e tensões das condições políticas domésticas dos Estados Unidos também eram refratárias da redefinição do seu papel internacional no pós-Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo em que eles não podiam mais voltar a uma condição isolacionista e despreparada de meios de força para interceder em questões internacionais, havia uma hesitação de qual era a dimensão da superpotência norte-americana. Existia o orgulho e o exercício do prestígio pelos serviços prestados no combate aos nazistas e nos esforços de reconstrução de um mundo mais liberal.

¹⁴⁸ RIGGS, James Richard. **Congress and the Conduct of the Korean War**, Purdue University, 1972.

¹⁴⁹ JONES, R.K. Limited warfare as a pragmatic concern: The bounds of domestic consensus, the controlled use of force, and United States security, *DAI*, v. 57, n. 01A, p. 290, 1995, p. 79–83.

¹⁵⁰ COTTRELL, Alvin; DOUGHERTY, James. The Lessons of Korea: War and the Power of Man, *In: Korea and the Theory of Limited War*, Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 91–92.

A ameaça soviética foi percebida em operações de insurgência na Europa e a reação inicial foi com grande leniência. Mas quando ela foi iminente na Coreia, um ódio protestante ressurgia – como que mantido intacto – entre a população e as castas militares.

Esse tipo de reação não era mais compatível com a posição dos Estados Unidos de provedor internacional e havia a necessidade de induzir a conformação e inclusão de instituições e estamentos mais corporativistas da sociedade norte-americana. Isso quer dizer que, desde a década de 1940, um aspecto sociológico discutido nos Estados Unidos era a necessidade de formação de carreiras profissionais e a produção de burocracias especializadas nas diversas áreas do Estado e sociedade civil norte-americanas como consequência da industrialização e urbanização e em resposta ao seu novo status internacional. No contexto das guerras da Coreia e Sino-americana, as reformas de Truman levaram em consideração a necessidade de mapeamento e institucionalização de coalizões entre essas áreas. A sucessão de Matthew Ridgway à posição de MacArthur no Comando do Extremo Oriente é considerada como emblemática dessa iniciativa de mudança das bases sociais dentro do alto oficialato das forças armadas norte-americanas, tornando-se menos aristocráticas e mais burguesas ou mesmo proletárias.¹⁵¹

Outro desafio institucional dos Estados Unidos foi a criação e sustentação da coalizão das Nações Unidas contra os comunistas na Coreia. As Nações Unidas não possuíam institucionalização para tal coordenação e a prerrogativa recaiu sobre o Secretário de Estado Dean Acheson. De outro lado, os Estados Unidos nunca aceitaram outra forma de arranjo militar que um comando unificado sob sua estrutura militar, possível de ser aprovado em 7 de julho de 1950 porque a União Soviética se ausentou do Conselho de Segurança das Nações Unidas até agosto, a partir de quando esse órgão ficou paralisado. A partir da resolução “Unidos pela Paz” de 3 de novembro de 1950, tentou-se transferir parte das prerrogativas do Conselho de Segurança para a Assembleia Geral. Essa se tornou fundamental para o desenvolvimento das barganhas diplomáticas entre Estados Unidos e seus aliados e a coalizão comunistas, mas nunca foi eficaz em assumir o papel executivo do Conselho de Segurança. Consequentemente, não havia outra maneira de condução das questões diplomáticas do que diretamente entre Estados Unidos e seus aliados e das questões militares de maneira concentrada a partir do Comando Unificado das Nações Unidas em Tóquio.¹⁵²

Apenas com a intervenção chinesa, os Estados Unidos concederam à flexibilização dos seus poderes amplos na composição do comando unificado da coalizão das Nações Unidas e condução da guerra. Implementaram-se procedimentos formais de consulta para comunicação das atividades combatentes e manutenção do consenso político com os países que compunham a coalizão – o Comitê dos Dezesesseis. Do ponto de vista dos Estados Unidos, esse foi mais um elemento que contribuiu para a moderação dos seus objetivos políticos e metas bélicas na Guerra Sino-americana.¹⁵³

A reação dos aliados europeus à Guerra da Coreia foi vacilante. Por um lado, houve um sentimento de alívio com a reação norte-americana contra a agressão norte-coreana, pois esse era um sinal positivo de comprometimento dos Estados Unidos com o recém-criado conceito de segurança coletiva e, mais importante, na proteção de outros países contra a ameaça comunista.¹⁵⁴ Por

¹⁵¹ SOFFER, Jonathan. **General Matthew B. Ridgway: from Progressivism to Reaganism, 1895-1993**. Westport: Praeger, 1998, p. 1-9.

¹⁵² GOODRICH. **Korea: A Study of U.S. Policy in the United Nations**. p. 119-120, 179-180.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 146.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 108-109, 208.

outro lado, não existia um entendimento claro e nem se dava muita importância para a situação na Ásia e Pacífico. O Reino Unido, em particular, julgava que o engajamento norte-americano na Ásia pudesse significar desaceleração na constituição da Otan. De fato, os europeus não compartilhavam da importância que os Estados Unidos davam para o Japão e as questões regionais em torno dele. Essas divergências de interesses foram agravadas com a entrada da China. A coordenação de esforços diplomáticos chineses com soviéticos também teve grande impacto internacional e nas Nações Unidas. Alguns países – como o Canadá – chegaram a concordar com a perspectiva chinesa de que os Estados Unidos desenvolviam uma atitude imperialista na Ásia. De maneira geral, os Estados Unidos nunca conseguiram uma coalizão diplomática unívoca contra a China. Um bloqueio econômico, por exemplo, nunca foi aprovado pelos seus aliados.¹⁵⁵

Portanto, é importante frisar a distinção da coalizão das Nações Unidas da coalizão comunista, e seus efeitos na China, por ter sido sempre uma fonte de moderação dos Estados Unidos na Guerra Sino-americana. Em especial a comunidade britânica de países, a *Commonwealth*, foi capaz de influenciar os Estados Unidos e foi importante na execução de articulações diplomáticas na Assembleia Geral em correspondência com os enfrentamentos na Coreia ao longo de 1951.¹⁵⁶ Mas a importância dos aliados foi ainda mais relevante em fortalecer a prerrogativa de comandante-supremo do presidente dos Estados Unidos sobre os instrumentos militares e diplomáticos do seu país. A partir das conferências com seus aliados que Truman foi levado a desenvolver novos objetivos políticos e metas bélicas para fazer frente à China e a forçar toda a máquina de guerra norte-americana a persegui-los de maneira sintonizada e articulada com as operações diplomáticas.¹⁵⁷

3.4 RAZÕES HISTÓRICAS E IMEDIATAS NORTE-AMERICANAS PARA A GUERRA COM A CHINA

Do ponto de vista norte-americano, as relações com a China podem ser enquadradas a partir de duas perspectivas que se sobrepõem. A primeira refere-se à política externa norte-americana para a Ásia no contexto da Guerra Fria em que os objetivos dos Estados Unidos para Coreia do Sul, Taiwan e China eram intermediários e ajustados de acordo com as circunstâncias e dependendo da importância que se dava a cada uma desses países na proteção e reconstrução do Japão. Importante ressaltar ainda que não existia pelos Estados Unidos qualquer outro tipo de inter-relacionamento direto dos acontecimentos que se desenvolviam em cada desses países, apesar do histórico recente das guerras contra a dominação japonesa e a civil chinesa. Uma segunda perspectiva refere-se estritamente às tentativas de normalização das relações com a China, que da perspectiva norte-americana, significava a recuperação da condição privilegiada adquirida quando do envolvimento dos Estados Unidos na intervenção ocidental na China em 1901 em sucessão a Revolução dos Boxers, e que passou a ser revista e confrontada pelo Partido Comunista chinês ao passo que este assumia o poder. Assim, para os Estados Unidos, a China não tinha um valor relevante dentro do contexto

¹⁵⁵ COTTRELL; DOUGHERTY. *The Lessons of Korea: War and the Power of Man*, p. 83, 91; FOOT, Rosemary, *A Substitute for Victory: The Politics of Peacemaking at the Korean Armistice Talks*. Ithaca: Cornell University Press, 1990, p. 7.

¹⁵⁶ Ver BARNES, Robert. Branding an Aggressor: The Commonwealth, the United Nations and Chinese Intervention in the Korean War, November 1950-January 1951, *Journal of Strategic Studies*, v. 33, n. 2, p. 231–253, 2010; MOUNT, Graeme Stewart; LAFERRIÈRE, André. *The Diplomacy of War: the Case of Korea*. Montreal: Black Rose Books, 2004.

¹⁵⁷ FOOT. *A Substitute for Victory*, p. 208; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 364.

da Guerra Fria, apesar de haver algum impacto em Washington dos sucessivos fracassos da política externa para aquele país.

No ano de 1949, observava-se a escalada das relações entre Estados Unidos e União Soviética. Além das disputas por áreas de influência na Europa e na Ásia, os Estados Unidos viam como grave o teste atômico soviético de 23 de setembro e a expectativa que pudessem equiparar o arsenal norte-americano em seis meses.¹⁵⁸ Por isso, viam com urgência a consolidação das relações com seus aliados na Europa e a criação de um arranjo similar na Ásia, ainda bastante precário. Principalmente tendo em vista a degeneração das relações com a China e a assinatura do Pacto Sino-Soviético em fevereiro de 1950. Ademais, os Estados Unidos viram-se pressionados pela proposta pela Índia de substituição da Taiwan pela China comunista no Conselho de Segurança das Nações Unidas em junho de 1950.¹⁵⁹

A política externa dos Estados Unidos tinha como intenção estabelecer uma ascendência do Japão na Ásia segundo linhas similares ao projeto do Japão imperial da “Grande Esfera de Prosperidade do Oriente Extremo”. Porém, com a importante substituição do militarismo japonês pela tutelação norte-americana na região. Esse foi um ponto controverso da política externa como delineada por Dean Acheson e que sofreu grande resistência das esferas militares.¹⁶⁰

Acheson pressionava por essa orientação política externa desde 1946, quando ainda era Sub-secretário de Estado, como a principal linha da política externa norte-americana para a Ásia: da mesma maneira que a reconstrução da Alemanha tornava-se a linha-mestra para a recuperação e estabilização da Europa Ocidental, o Japão seria o baluarte da Ásia. Em outubro de 1948, a recuperação do Japão ganhava status de política de segurança nacional mediante a resolução presidencial da NSC 13/2. A elevação da seriedade com a questão deveu-se a estimativa de vitória dos comunistas na China e às insurgências na Indochina, Malásia e Índias Holandesas Orientais. Associava-se ainda a importância do Sudoeste Asiático como fonte de matérias primas para o Japão.¹⁶¹

Nessas mesmas linhas que se delineava a política externa norte-americana para a Coreia, por ser a principal fonte de comida do Japão. Antes da Segunda Guerra Mundial, o Japão importava apenas 30% de sua comida da Coreia, mas tal laço econômico tornou-se crítico a partir de 1947 com um cenário de fome – e de levantes – diante da condição devastada do país e, ao mesmo tempo, da explosão das taxas de natalidade japonesas. As importações de comida da Coreia elevaram-se para 70% e apenas 45% da população japonesa encontrava-se em condições adequadas de autossustentação e o restante dependia de auxílio governamental. Ainda assim, a política dos Estados Unidos para a Coreia nunca foi consistente. Essas oscilações foram resultadas principalmente das diferenças de visão entre Acheson e a estratégica global do Pentágono, que levaram a sua resignação em 1947 e regresso apenas dois anos depois. Assim, os Estados Unidos tiveram três políticas para a Coreia do Sul, cuja alternância se explica pelos períodos de presença (setembro de 1946 a junho de 1947), saída (julho de 1947 a janeiro de 1949) e retorno de Acheson ao Departamento de Estado (janeiro de 1949 a junho de 1950). Entre esses períodos, a política externa norte-americana oscilou, respectivamente,

¹⁵⁸ THORNTON. *Odd Man Out*: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War. p. 127.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 268.

¹⁶⁰ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 17–21, 80.

¹⁶¹ HU. “*Mao’s American Strategy and the Korean War*”. p. 152.

entre o comprometimento econômico com a Coreia, uma política que liquidava esse compromisso e sua renovação.¹⁶²

Nesse último estágio, em 23 de março de 1949, foi aprovada a resolução NCS 8/2, que revertia a política de liquidar a presença dos Estados Unidos na Coreia do Sul. A nova política indicava que era necessário dar a ela apoio político, econômico e militar. Apesar disso, o Pentágono continuou sua política de retirada militar da Coreia e a Junta de Chefes de Estado-maior forçava uma política restritiva, baseando-se em relatório de Dwight Eisenhower como Chefe-de-Estado do Exército até então. Esse analisava que a URSS evitaria guerras convencionais por 5 anos e que os Estados Unidos poderiam limitar sua segurança ao guarda-chuva nuclear e reduzir suas forças e planos de guerra convencionais.¹⁶³ E foi nessa linha que todo planejamento dos departamentos militares norte-americanos seguiu com relação à Coreia, mesmo com fortes oposições. Inclusive da Agência Central de Inteligência (CIA) que previu uma invasão norte-coreana assim que os Estados Unidos completassem sua retirada militar em junho de 1949.¹⁶⁴ Por isso tudo que se explica que os Estados Unidos não tinham qualquer preparo para uma ação militar na Península Coreana e nenhum plano de contingência foi elaborado pela JCS.

E esse era o contexto quando Acheson fez seu famoso discurso de 12 de janeiro de 1950, quando se mencionou que a Coreia estava fora do guarda-chuva norte-americano. Mas esse não era um anúncio de uma nova proposta ou orientação, mas se reafirmava uma política para Ásia que não foi formulada por ele e que também não era novidade para ninguém dentro do governo norte-americano. Acheson fazia esse discurso como expressão de sua posição de voto vencido e como crítica a posição da Junta de Chefes de Estado Maior.¹⁶⁵

Por isso, a decisão de Truman pela reação armada à invasão norte-coreana foi uma surpresa para todos, inclusive os norte-americanos. Desde o início, a reação dos Estados Unidos foi embasada na confrontação bipolar com a União Soviética e em defesa da ordem internacional. Apesar da necessidade de se mostrar uma reação firme, mas contida, Acheson orientava que – como na Grécia em 1947 e em Berlim entre 1948 e 1949 – ela seria suficiente e provocaria um recuo soviético em seu estratagema. O excesso de otimismo e a ausência de uma política clara e de longo prazo para a Coreia ajudam a explicar o excesso de latitude dada a MacArthur como comandante e a susceptibilidade norte-americana a mudanças de objetivos políticos e metas bélicas até a intervenção chinesa.¹⁶⁶

¹⁶² Ver MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, cap. 3.

¹⁶³ Essa posição seguia a proposta por uma “força mínima”, e era tão forte dentro do estamento militar norte-americano, que mesmo da aprovação de uma diretiva presidencial – a NSC-68 – contra ela e a favor de uma “força balanceada”, nunca foi, de fato, implementada até a Guerra da Coreia. Fautua, “The ‘Long Pull’ Army”, janeiro de 1997, p. 97–98, 100.

¹⁶⁴ Como uma agência recém-criada e civil, a CIA tinha baixa estima junto aos militares norte-americanos. Já os serviços de inteligência do Exército e Força Aérea na Ásia não processaram ou ignoraram os indícios do ataque da Coreia do Norte. De maio a abril de 1950, várias comunicações norte-coreanas foram captadas pelos Estados Unidos, mas não foram identificadas como relacionadas ao início da invasão até após o seu início. Em abril de 1950, a Agência de Segurança do Exército executou uma operação limitada de busca e desenvolvimento do tráfico de rádio da Coreia do Norte. Nenhuma das 200 mensagens coletadas foram processadas antes do início da guerra desde que elas não tinham alta prioridade, nem existia apoio linguístico para suas devidas decodificações. Mesmo a coleta de comunicações norte-coreanas estava em quinto lugar junto à lista do Comitê de Inteligência de Comunicações dos Estados Unidos, atrás de Indochina, Alemanha Ocidental, Irã e Iugoslávia. Também houve falha no interrogatório de prisioneiros norte-coreanos antes da guerra pela falta de linguistas treinados. Após de 26 de junho, as transmissões norte-coreanas tornaram-se prioridade mesmo sobre as soviéticas. Os códigos eram facilmente quebrados e foi possível usar essa fonte de inteligência para as operações no Perímetro de Busan. Ver Peter Knight, “Intelligence”, In: BOOSE JR., Donald; Mastray, JAMES (Org.). *The Ashgate Research Companion to the Korean War*. London: Rombach, 2014, p. 200–201.

¹⁶⁵ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 67, 73.

¹⁶⁶ ACHESON. *The Korean War*, p. 54; HESS, Gary. *Presidential Decisions for War: Korea, Vietnam, the Persian Gulf, and Iraq*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001. p. 21–23.

Para os Estados Unidos, Taiwan era de valor superior ao da Coreia do Sul e da própria China, por isso sua manutenção fora do controle comunista – soviético ou chinês – era um dos poucos pontos em que havia consenso entre os departamentos de Estado e o de Defesa. Seja pela sua importância na proteção marítima das ilhas japonesas e das rotas comerciais com o Ocidente, seja em razão dos vínculos econômicos com o Japão vindos do período da dominação imperial da ilha chinesa. Esse era um ponto forte da política externa dos Estados Unidos para Ásia e os Estados Unidos dificilmente a concederiam à China comunista.¹⁶⁷

O cenário ideal para os Estados Unidos era aquele em que Taiwan não ficasse nas mãos dos comunistas, nem de um líder não comunista inconsequente, tamanha era sua importância. Na perspectiva norte-americana, Taiwan tinha um valor em si mesmo maior que o governo de Chiang Kai-shek e não se estabelecia um vínculo necessário entre os dois. As relações dos Estados Unidos com o líder da China nacionalista eram tensas, mais tensas que as relações com o governo sul-coreano de Syngman Rhee. Chiang era visto como corrupto, mau administrador e alienava sua população e recursos econômicos da defesa contra os comunistas. Por isso, a tônica da política externa ao longo de 1949 foi de sua substituição por outra liderança. Com a inviabilidade desse projeto e a consolidação da vitória de Mao no continente, os Estados Unidos passaram por um curto período de distanciamento de Taiwan para reavaliação. A invasão norte-coreana ocorreu no período em que as relações dos Estados Unidos com Taiwan estavam sendo normalizadas em um novo padrão de assistência econômica e consideração sobre a proteção de Taiwan pela Marinha norte-americana, tendo em vista o nível de hostilidade diplomática das relações com a China comunista que se exacerbava desde fim do ano de 1949, e principalmente a partir do Pacto Sino-Soviético de 14 de fevereiro de 1950.¹⁶⁸

Portanto, diferente do que considerava Stalin, e de certa maneira, Mao Tse-Tung, era irreal a possibilidade de uma aproximação entre Estados Unidos e China comunista por meio da concessão pelo primeiro de Taiwan para o segundo. A manutenção de Taiwan independente era o único item positivo e definido da posição norte-americana com relação à China. Qualquer que fosse o potencial das relações sino-americanas, a salvaguarda do Japão era o objetivo maior, e Taiwan era um bastião principal desse objetivo. Isso explica porque a primeira decisão executiva de Truman na reação à invasão norte-coreana foi a neutralização de qualquer possibilidade de ação contra Taiwan.¹⁶⁹

Os Estados Unidos tiveram duas políticas específicas para a China continental. Uma executada antes da ascensão comunista e outra implementada depois. A primeira evoluiu das relações complicadas que os Estados Unidos mantinham com a China em estado de guerra civil durante a década de 1940. Ainda que se alegasse não interferência, os Estados Unidos mantinham vários programas de favorecimento ao partido nacionalista. Essa política vacilante reforçava o antagonismo e suspeita dos comunistas com relação aos Estados Unidos. De fato, essa percepção, que se desenvolveria em acusação, procedia. A Revolução Chinesa foi um segundo caso de revolução em que os Estados Unidos se envolveram (a primeira tinha sido a Russa) contraditoriamente com sua própria origem revolucionária. De fato, os Estados Unidos nunca foram capazes de desenvolver para a China uma política definitiva de distanciamento ou intervencionismo.

¹⁶⁷ HU. *Mao's American Strategy and the Korean War*, p. 153.

¹⁶⁸ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 87–87.

¹⁶⁹ ACHESON. *The Korean War*, p. 20–21; KAUFMANN. *The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command*, p. 39.

Por um lado, os Estados Unidos tinham uma orientação de distanciamento em razão de uma leitura bastante negativa da China. Em 1948, um relatório elaborado por George Kennan, a frente do time de planejamento político do Departamento de Estado, descrevia um panorama desolador da economia chinesa: não existia qualquer prospecto de se encontrar capital, mercado e recursos para sua industrialização. A China também era um país de difícil influência política devido ao seu forte nacionalismo. Assim, concluíram que a China seria para a União Soviética “mais um pântano estratégico que um trampolim estratégico”. Por isso, não existia razão que justificasse uma ação prioritária para mantê-la longe da dominação soviética ou que fosse de qualquer outro valor para os interesses norte-americanos.¹⁷⁰ Apesar de seus limites internos, percebia-se que o crescente nacionalismo chinês seria um desafio a qualquer controle que a União Soviética desejasse submeter. De qualquer maneira, a política norte-americana de longo prazo era encontrar e explorar oportunidades de romper com as relações sino-soviéticas para desgaste deste último do que para atração do primeiro. Porém, esse não era um objetivo prioritário e a diplomacia norte-americana deveria ser flexível. Esse relatório do Departamento de Estado foi encaminhado para o Conselho de Segurança Nacional que o promulgou como diretiva presidencial – NSC 34/1 – em agosto de 1948.

Por outro lado, os Estados Unidos realmente acreditavam que a China pudesse ser capaz de produzir um tipo de regime sob um princípio de compromisso e que havia uma falha de comunicação entre as partes nacionalistas e comunistas e seria possível a produção de uma base normativa comum – republicana – entre eles. Os Estados Unidos poderiam contribuir e atender seus interesses ao mesmo tempo, expressando uma hibridação típica dos norte-americanos entre idealismo e realismo em sua política externa. Existia aí também um problema de alteridade presente nas várias missões diplomáticas enviadas à China entre as décadas de 1940 e 1950 e que expressavam a incapacidade norte-americana de entender o distinto padrão político chinês.¹⁷¹

Esse parcial e confuso otimismo persistiu mesmo no cenário de vitória comunista na guerra civil chinesa. A política para a China era atualizada em março de 1949 pela diretiva NSC 34/2 e reconheceu que os nacionalistas estavam perdendo a guerra e que o novo regime comunista seria hostil aos Estados Unidos. Das duas constatações, a derrota nacionalista era inevitável, mas a hostilidade comunista poderia ser minimizada. Por isso, encaminhou-se a redução da ajuda militar aos nacionalistas e se tentou manter contatos diplomáticos com o Partido Comunista Chinês.

Esses ajustes também foram resultado da ascensão de Dean Acheson a Secretário de Estado em janeiro de 1949. A questão trazida por Acheson era que, se para os Estados Unidos, a China continental era vista como de baixa relevância econômica e política, ela passava a ser vista de alta importância para a recuperação econômica japonesa. A Agência de Administração de Cooperação Econômica – a agência para administração dos recursos do Plano Marshall e São Francisco – reportou ao Departamento de Estado que o Japão não teria chances de recuperação e autossuficiência econômicas sem o restabelecimento do comércio com a China e a Manchúria. No período 1930-1938, as relações com China conformavam 15% do comércio internacional do Japão, sendo que quase todo ferro em lingotes e carvão que moviam a indústria japonesa vinha da China continental. Por isso, ela passava a ser indiretamente importante para os Estados Unidos e tornava-se um objetivo de sua política externa restabelecer as relações comerciais entre Japão e China. Tal orientação tornou-se

¹⁷⁰ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 136–145.

¹⁷¹ HOYT, E. *The Day the Chinese Attacked: Korea 1950* (New York: McGraw-Hill Book Company, 1990), p. 48; HU. “Mao’s American Strategy and the Korean War”, p. 146, 176.

oficial em 3 de março de 1949 por meio da diretiva presidencial NSC-42. Essa sofreu pesadas críticas das lideranças militares que entendiam que os laços sino-japoneses pudessem ser subversivamente explorados pelos soviéticos.¹⁷² Por isso, os Estados Unidos mantiveram um equilíbrio muito frágil nas relações com a China comunista. Ela era, ao mesmo tempo, uma necessidade e uma ameaça para o Japão, o que levava os Estados Unidos a elaborarem contatos diplomáticos inevitavelmente dúbios com os comunistas.¹⁷³

A ascensão de Mao era vista pelos norte-americanos como uma oportunidade para retomada das relações diplomáticas e influenciar a China segundo os interesses da política externa dos Estados Unidos para a Ásia. Ou seja, mais distante da União Soviética e mais próxima do Japão.¹⁷⁴ Porém, no furor da vitória da guerra civil e da consolidação do poder entre as várias facções internas do Partido Comunista Chinês, os problemas de codificação e má-interpretação passavam a ser recorrentes e viriam a exacerbar a hostilidade e todas as possibilidades de acomodação foram esgotadas rapidamente entre 1949 e 1950.

Desde abril de 1949, a embaixada dos Estados Unidos na China tentou formalizar contatos com os comunistas para negociações em torno do reconhecimento do governo chinês, mas não era explícito quem deveria ser contatado do lado chinês e em que termos. Alternativamente, foram tentadas vias indiretas e pessoais por parte das representações norte-americanas, também sem sucesso. O antagonismo entre Estados Unidos e China comunista passou a ser mais e mais reforçado pela falta de contato direto e formal que exacerbava os contrastes culturais e ideológicos entre as lideranças políticas dos dois países. Toda e cada tentativa de contato norte-americano eram interpretadas pela China como mais um movimento de oposição. Já por parte dos Estados Unidos, havia uma desconsideração do papel da China comunista no contexto da Guerra Fria e uma ignorância de como os chineses percebiam os Estados Unidos, e cada um de seus atos.

O pior deles foi uma tentativa audaciosa de Acheson de produzir uma resposta diplomática que se desdobrasse em algum tipo de interação. Ele iniciou uma campanha internacional de não reconhecimento do novo governo chinês que, a partir de anúncio em março de 1949, seria revista caso o novo regime atendesse três requisitos: (i) controle do território chinês e manutenção da ordem pública; (ii) disposição para cumprimento das obrigações internacionais; e (iii) reconhecimento pela população do novo regime. O segundo item era o mais crítico, pois dizia respeito às instalações militares estabelecidas na China pelos Estados Unidos desde a Rebelião Boxer de 1901. Ainda assim, por três meses, os Estados Unidos não tiveram qualquer resposta. Apenas em junho de 1949, houve o convite feito por Mao Tse-Tung para uma missão diplomática norte-americana fosse enviada a Pequim. Recusada por suspeita de manobra, que, de fato, era. No mesmo mês de junho, Mao publicou um panfleto que acusava o imperialismo norte-americano e anunciava a aliança com os soviéticos como medida para combater esse mal. Nesse mesmo período, ocorreram vários incidentes com instalações e pessoal consular norte-americanos, o que levou Acheson a fechar toda representação consular em 1 de outubro de 1949 e todas as instalações norte-americanas em território chinês em 14 de janeiro de 1950.¹⁷⁵ Consequentemente, encerrou-se qualquer relação oficial diplomática dos

¹⁷² MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 136–145.

¹⁷³ HU. "Mao's American Strategy and the Korean War", p. 149.

¹⁷⁴ MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 158.

¹⁷⁵ HU. *Mao's American Strategy and the Korean War*, p. 151, 163; JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 44–48; MCGLOTHLEN. *Controlling the Waves*, p. 44.

Estados Unidos com a China, que seriam retomadas no contexto das negociações do armistício da Guerra Sino-americana.

Portanto, quando os Estados Unidos responderam à invasão norte-coreana com deslocamento de forças para a Coreia e, principalmente, com a neutralização de Taiwan; não houve qualquer reconhecimento – nem se dava real importância – de como essas medidas seriam interpretadas pela China.¹⁷⁶ Pior que isso, ao passo que as forças da coalizão das Nações Unidas rebatiam as forças da Coreia do Norte, as lideranças políticas e militares dos Estados Unidos se comprometiam cada vez mais com uma avaliação otimista e irrealista da interpretação chinesa da Guerra da Coreia. Em Washington, acreditava-se que os chineses não interviriam por quatro razões. Primeiro, eles estavam focados em questões domésticas. A economia chinesa estava em frangalhos e os comunistas não tinham controle absoluto do país. Não seria razoável nesse momento drenar recursos e forças combatentes para uma confrontação no estrangeiro. Segundo, a China só teria condições de um esforço expedicionário caso tivesse amplo apoio soviético, o que a faria ainda mais vulnerável aos interesses de Stalin. Terceiro, uma ação agressiva da China na Coreia dificultaria ainda mais seu processo de reconhecimento internacional e de inserção no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Quarto, já em outubro de 1950, os norte-americanos reconheciam que depois da operação anfíbia de Inchon e a recuperação de Seul, havia se passado a janela de oportunidade estratégica para uma ação chinesa.¹⁷⁷ Boa parte dessa avaliação norte-americana era reprodução dos cálculos britânicos, que se apresentavam como melhores especialistas em China e endossaram a conclusão que ela não interviria.¹⁷⁸

Esse *wishinful thinking* se manteve na liderança norte-americana mesmo quando houve a mudança de objetivo político de contenção à agressão norte-coreana pela unificação das Coreias sob o governo de Syngman Rhee.¹⁷⁹ Consequentemente, alteraram-se as metas bélicas de defesa do território sul-coreano pela ultrapassagem do paralelo 38° para destruição das forças combatentes norte-coreanas, deposição de seu governo e controle de seu território até o rio Yalu, na fronteira com a Manchúria.¹⁸⁰ Além da oportunidade que as condições operacionais davam, avaliou-se nesse momento que a restauração do status quo não removeria a instabilidade na Península Coreana, e alguma medida, de envolvimento norte-americano. Ademais, uma vitória decisiva seria uma punição adequada contra agressões sob auspícios das Nações Unidas e seria um golpe importante contra o comunismo.¹⁸¹ A autorização das Nações Unidas para a operações na Coreia do Norte foi aprovada em 7 de outubro de 1950 em resolução proposta pelo Reino Unido.

Em 12 de outubro, todos os serviços de inteligência dos Estados Unidos falharam ao avaliar como impossível a China intervir no ano de 1950 devido a limitações de suas forças combatentes.¹⁸² Mais grave, Truman faria uma conferência de emergência com MacArthur nas Ilhas Wake no Oceano

¹⁷⁶ HU. *Mao's American Strategy and the Korean War*, p. 154.

¹⁷⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 169.

¹⁷⁸ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 171, 184, 189; MOUNT; LAFERRIÈRE. *The Diplomacy of War*, p. 57, 59, 87–88; ROE, *The Dragon Strikes: China and Korean War, June–December 1950*, p. 405–406.

¹⁷⁹ GOODRICH. *Korea: A Study of U.S. Policy in the United Nations*, p. 5, 182.

¹⁸⁰ HAMBURGER, Kenneth Earl. *Leadership in the Crucible: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chip'yong-Ni*, Austin: Texas A&M University Press, 2003, p. 88–89; JONES, Robert Keith, *Limited Warfare as a Pragmatic Concern*, Tese (Doutorado), Louisiana State University, Baton Rouge, 1995, p. 69–70.

¹⁸¹ HESS. *Presidential Decisions for War*, p. 44–45.

¹⁸² KNIGHT. *Intelligence*, p. 205–208.

Pacífico em 15 de outubro, em que o general removiu a possibilidade de guerra com a China.¹⁸³ Por isso, os Estados Unidos decidiram pela unificação em 17 de outubro de 1950.

A China teria sinalizado contra a mudança do objetivo norte-americano. Primeiro, houve duas comunicações de Zhou Enlai para a ONU indicando a preocupação chinesa e o apoio à busca por uma solução pacífica, depois protestando contra a política dos Estados Unidos. Segundo, houve comunicações indiretas a partir do representante da União Soviética no Conselho de Segurança e por meio de diplomatas indianos. Por fim, houve a intensificação da propaganda de guerra pelos meios de comunicação de massa chineses e o início da mobilização de soldados na Manchúria.

Todos esses sinais foram ignorados pelos Estados Unidos. Uma parte da literatura interpreta que os Estados Unidos foram incapazes de ler corretamente esses sinais. As declarações do ministro Zhou Enlai e a intensificação da propaganda de guerra pelos meios de comunicação de massa eram interpretados como medidas para consolidação interna do regime comunista. O primeiro contato com unidades chinesas já em outubro de 1950 foi uma surpresa, mas ainda assim interpretado de maneira otimista.¹⁸⁴ Outra parte da literatura aponta que tal acúmulo de erros como suspeito e que tal fracasso de inteligência teria sido fabricado. Truman saberia, ao menos, das intenções de Mao e que seria difícil, após o sucesso da operação em Inchon, conter suas forças e o momento político para unificação das Coreia, mesmo com o risco de confronto com a China.¹⁸⁵

De qualquer maneira, quando a intervenção chinesa era inegável e efetiva em desbaratar suas forças combatentes em novembro de 1950, houve a paralisia da liderança norte-americana. E ela não foi capaz de gerar uma reação concatenada por quase três meses.

O início de uma posição norte-americana frente à China ocorreu na esteira da ação de outros países no âmbito das Nações Unidas. A primeira iniciativa foi apresentada pelo Reino Unido que rapidamente tentou uma saída diplomática. A partir da última semana de novembro, propôs a criação de uma área desmilitarizada entre a Manchúria e a Coreia do Norte. Adicionalmente, um bloco de países árabes e asiáticos apresentou uma resolução na Assembleia Geral estabelecendo um comitê tripartite para busca de um cessar-fogo.¹⁸⁶ Uma delegação do governo da China comunista foi convidada e, logo, passou a participar das conversações.

Apenas após a definição de uma situação política dentro das Nações Unidas e manifestação das condições e objetivos políticos chineses que os Estados Unidos passaram a esboçar uma posição política em Washington. Mais uma vez, houve uma divisão entre, de um lado, o Departamento de Estado e, de outro, a Junta. O primeiro era a favor da continuidade da guerra, enquanto o segundo inclinava-se para o abrandamento ou mesmo retirada norte-americana para reforço da defesa do Japão, desde que julgava que a Coreia não era o teatro adequado para travar uma guerra total.

A entrada da China na Coreia produzia um novo contexto que tinha que ser considerado do ponto de vista mais amplo da Guerra Fria. Os Estados Unidos temiam a escalada simultânea

¹⁸³ Não existem minutas dessa conferência de urgência e o seu conteúdo é baseado nos relatos de membros do gabinete presentes. HESS. **Presidential Decisions for War**, p. 52; THORNTON. **Odd Man Out: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War**, p. 355, 358–359.

¹⁸⁴ KAUFMANN. **The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command**, p. 405–406.

¹⁸⁵ THORNTON. **Odd Man Out: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War**, p. 351–353.

¹⁸⁶ KAUFMANN. **The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command**, p. 113–115.

de confrontos com a China na Indochina e Hong Kong.¹⁸⁷ Tinham ainda que considerar se essa era não era uma ação coordenada com a União Soviética e seus satélites na Europa. A primeira constatação foi que os Estados Unidos tinham que limitar sua confrontação com a China e buscar algum tipo de acomodação. No entanto, não era óbvio nem se sabia se seria viável que os Estados Unidos conseguissem moldar algum tipo de relacionamento diplomático com a China. Não existiam representações entre os dois países havia meses e a atuação chinesa nas Nações Unidas deixava claro que ela não era interessada em qualquer tipo de comprometimento naquele momento da guerra.¹⁸⁸

A decisão política de Truman foi esboçada em conferencia extraordinária com o primeiro-ministro britânico Atlee em 7 de dezembro de 1950. A China devia ser contida na Ásia ao norte do paralelo 38°, os Estados Unidos pressionariam por uma resolução na Assembleia Geral condenando a agressão e ainda trabalhariam fora das Nações Unidas na articulação de países asiáticos contra a China. Por fim, Truman considerava a proposição de Atlee pela concessão à China de Taiwan e um assento permanente no Conselho de Segurança como “fantasia”.¹⁸⁹

Apesar da conformação política, o choque do sucesso da ofensiva chinesa de 1950 foi particularmente forte entre os militares norte-americanos, pois ela destruiu todas suas avaliações e expectativas sobre a Coreia e a China. A Junta de Chefes de Estado-maior era incapaz de reformular um plano de guerra para MacArthur. Inicialmente, instruiu-o que uma vitória decisiva na Coreia não era mais possível e que deter o ataque chinês era o principal interesse dos Estados Unidos. Além da falta de detalhe das instruções, MacArthur as julgava essencialmente contraditórias e simplesmente discordava delas. Ele não concebia a possibilidade de confrontação contra um grande exército inimigo por meio de uma resistência limitada.¹⁹⁰ Apenas a partir dos sucessos iniciais no teatro de operações, sob o novo comandante-de-campo das forças das Nações Unidas, Matthew Ridgway, que a liderança militar em Washington passou a considerar seriamente a possibilidade de outro resultado na Coreia que o desastre ou a retirada.

3.5 NÚMEROS DAS FORÇAS COMBATENTES CHINESAS E DA COALIZÃO COMUNISTA

Os números norte-coreanos e chineses são suficientemente disponíveis para o estudo de sua evolução ao longo da guerra.

Em junho de 1950, o exército norte-coreano iniciou sua invasão com 146 mil soldados contra 100 mil sul-coreanos.¹⁹¹ E essa teria sido a maior vantagem numérica dos comunistas em toda a guerra. Dois meses depois, quando as forças da coalizão das Nações Unidas foram capazes de reter uma posição em torno do Perímetro de Busan, o desgaste da ofensiva imprimia uma redução para 70 mil soldados norte-coreanos efetivos no front. A partir de setembro, os norte-coreanos encontravam-se na defensiva, por isso foram capazes de se fortalecer para um efetivo de 97 mil soldados. Porém,

¹⁸⁷ Algo pouco explorado na literatura são as ações do movimento comunista japonês orientadas por Stalin em 1951 no Japão, inclusive com sabotagens e outras tentativas de prejudicar o esforço de guerra para apoio das tropas da coalizão das Nações Unidas na Coreia. Ver LEVINE. *Stalin's Last War: Korea and the Approach to World War III*, p. 227–228.

¹⁸⁸ OSTHOLM, Hakon. *The First Year of Korean War; The Road toward Armistice*, Tese (Doutorado) – Kent State University, 1982, p. 229–231.

¹⁸⁹ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 364.

¹⁹⁰ KAUFMAN, Burton I. *The Korean War: Challenges In Crisis, Credibility And Command*, 2 Sub. New York: Mcgraw-Hill College, 1996, p. 117–121.

¹⁹¹ FARRAR-HOCKLEY, Anthony. *The British Part in the Korean War: An Honourable Discharge*, London: HMSO, 1995, p. 407–408.

os quinze dias de operações após o assalto anfíbio em Inchon e o avanço das forças sob o comando do general Walton Walker na Coreia do Norte adentro levaram à destruição de 2/3 daquela força, restando apenas 30 mil soldados. Em grande parte, ela foi desbaratada e seus soldados migraram para a Manchúria junto ao seu governo. A partir de um significativo esforço, Kim Il-sung e seu aliado soviético foram capazes de construir um novo exército norte-coreano. Para início da Campanha de 1951, punham em campo **88 mil** soldados efetivos de um total de em torno de **180 mil**.¹⁹²

Os efeitos da guerra com os Estados Unidos ainda eram graves e a reorganização das forças norte-coreanas levaria muito tempo. A maior parte do contingente era rearmado e treinado por assessores soviéticos e as unidades disponibilizadas para agirem com as forças chinesas estavam com reduzido efetivo e material, estando várias divisões reduzidas a 1/3 de sua força, ou seja, apenas um regimento (ver tabela 3.1 abaixo).

A China, por sua vez, não possuía forças dispostas na sua fronteira nordeste ao início da Guerra da Coreia. Apenas em outubro de 1950, elas passaram a entrar em território norte-coreano. Esse primeiro contingente seria formado por em torno de 180 mil soldados do XIII Grupo de Exércitos do Quarto Exército de Campo. Ele chegaria à Coreia em outubro e seria disposto na porção ocidental da península, fazendo frente ao Oitavo Exército dos Estados Unidos. Uma segunda coluna chinesa de 120 mil soldados era o IX Grupo de Exércitos, que fez frente ao X Corpo norte-americano na porção oriental da península, próximo a Chosin Reservoir. Portanto, foram com esse total de **300 mil** soldados que a China abriu sua intervenção na Coreia.¹⁹³

Não existem dados precisos sobre a proporção de efetivos e reservas chinesas em 1950. Porém, a média dos primeiros seis meses do ano de 1951 – que conformam o período histórico deste estudo – foi resultado da capacidade logística chinesa de sustentar em condição efetiva de apenas 40% do seu contingente total e o restante mantido em reserva. Se assumido tal proporção como padrão, é possível especular que a China iniciou sua intervenção em outubro de 1950 com meros **120 mil** soldados. No entanto, como não existem dados que confirmem essa especulação, é necessário considerar a possibilidade de que os chineses tenham comprometido efetivamente com outra fração de suas forças totais.

Quanto às campanhas de 1951, existe o excelente tratamento dos números e correlações de forças na tese doutoral de Kelly Jordan *Three Armies in Korea* de 1999, que, em grande parte, viabiliza o presente estudo e sobre o qual nos baseamos. Ele aponta que os números efetivos chineses para abertura da campanha de 1951 eram de **174 mil soldados** de um total de **419 mil**. Somando-se as forças norte-coreanas, os números efetivos e totais do exército da coalizão comunistas em janeiro de 1951 eram, respectivamente, **262.800** e **599.184**, sendo o restante – 336.384 – de reservas.¹⁹⁴ Devido a essa grande quantidade de forças em reserva – em sua maior parte dispostas na Manchúria, ou seja, politicamente protegidas dos fogos aéreos e navais das Nações Unidas, e constrangidas pelo estrutural gargalo logístico das forças comunistas – que existiu uma grande variação de unidades e composições efetivas que participaram dos enfrentamentos entre janeiro e julho de 1951. Também é importante reforçar com dados nossa constatação anterior de que a intervenção chinesa tenha

¹⁹² HUSTON, J.A., *Guns and butter, powder and rice : U.S. Army Logistics in the Korean War*, Selinsgrove: Susquehanna University Press, 1989, p. 351; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 91.

¹⁹³ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 90–91.

¹⁹⁴ JORDAN, Kelly C. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*. Tese (Doutorado) – The Ohio State University, Columbus, 1999, p. 271.

tornado a Guerra da Coreia na Guerra Sino-americana: na média, os chineses compuseram 70% das forças comunistas ao longo do ano de 1951.

Adicionalmente às forças terrestres, é necessário oferecer o registro possível das forças de apoio comunistas – navais e aéreas.

A Coreia do Norte iniciou a reorganização de sua guarda costeira em marinha com assistência soviética a partir de 1949. Essa marinha era basicamente uma força constabular com barcos patrulhas e dois regimentos de fuzileiros navais. Envolvia, no início da guerra, um efetivo de 14 mil. Por volta de agosto de 1950, a maior parte dessa marinha foi destruída pela marinha norte-americana e os regimentos de fuzileiros foram redistribuídos em brigadas de infantaria.¹⁹⁵ No caso da China comunista, a marinha era subordinada ao Exército de Libertação Popular (ELP) e basicamente uma frota de guarda costeira formada a partir da tomada de embarcações e marinheiros capturados/desertores das forças chinesas nacionalistas. Pela falta de pessoal comunista qualificado, não existia confiança sobre essas unidades, que foram mantidas em operação em áreas seguras de fácil controle pelo ELP. Por isso, elas permaneceram concentradas na costa com Taiwan ou no patrulhamento de rios chineses.¹⁹⁶

A Coreia do Norte possuía, originalmente, uma unidade aérea civil que foi militarizada em 1946 e passou a ser reorganizada mediante assistência soviética. Ao início da guerra, existia uma força aérea de 210 aviões em três regimentos (caça, ataque e treino) e um efetivo de 2.100 pilotos e técnicos. Como no caso da marinha, a maior parte dessa força aérea foi destruída em setembro de 1950 e o que restou dela foi redirecionada para unidades aéreas chinesas.¹⁹⁷

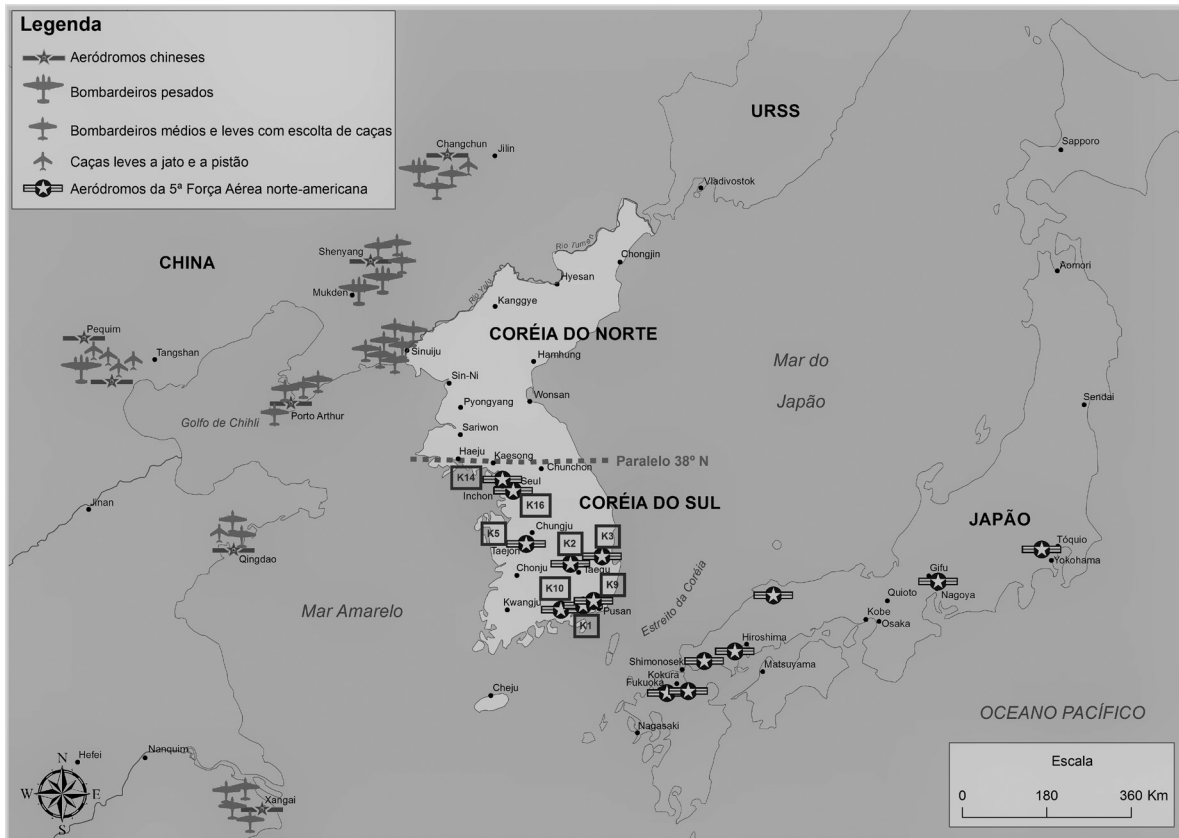
Da mesma maneira que sua marinha, a força aérea chinesa foi constituída a partir de apreensões das forças nacionalistas, por isso constituída em sua maioria por aviões japoneses e norte-americanos. Ela era insuficiente para fazer frente à força aérea norte-americana, o que levou Stalin a tomar medidas que garantissem a proteção aérea da retaguarda de seus aliados, e a própria segurança da União Soviética. Entre outubro e dezembro de 1950, ele autorizou o envio de 15 divisões do 67º Corpo Aéreo para o nordeste chinês e áreas costeiras. Além da defesa aérea da China, elas tinham a missão de treinar pilotos chineses. Aviões pilotados por soviéticos foram mantidos bem ao norte da fronteira coreana, apesar de não lhes ser permitido a condução de missões ofensivas e terem tido um papel mínimo no apoio de operações terrestres¹⁹⁸. Abaixo segue um mapa com a disposição das bases a serviço das forças da coalizão comunista.

¹⁹⁵ ROTTMAN, Gordon L. **Korean War Order of Battle**: United States, United Nations, and Communist Ground, Naval, and Air Forces, 1950-1953, Santa Barbara: Praeger Publishers, 2002, p. 170-171.

¹⁹⁶ Ibid., p. 183.

¹⁹⁷ Ibid., p. 169-170.

¹⁹⁸ GONCHAROV; LEWIS; XUE. **Uncertain Partners**, p. 200-201.



MAPA 3.1 – BASES AÉREAS E PISTAS DE POUSO DA GUERRA SINO-AMERICANA

FONTE: o autor

Por isso, apesar dessa convergência de esforços, os Estados Unidos tinham o comando do espaço aéreo e se beneficiaram enormemente disso no apoio das operações terrestres. Como consequência, a partir de novembro de 1950, houve a criação de um comando aéreo unificado chinês e a reorganização de sua força aérea para defesa do seu espaço aéreo. A partir de 1951, essa força passou a ter uma composição mais significativa de 700 aviões e um efetivo de 672 pilotos, passando a ser capaz de contestar do comando do ar das Nações Unidas ao norte da Coreia do Norte. A composição da força aérea comunista é apresentada a abaixo.

País	Tipo de Avião	Designação	Número
China	Caça	MiG-15	445
China	Apoio aproximado	Il-10	175
Coreia do Norte	Caça	Yak-3, 5, 9 La-5, 7, 9, 11	150
Coreia do Norte	Observação	Po-2	Desconhecido
Coreia do Norte	Hidroavião	MNe-2	Desconhecido

TABELA 3.1 – FORÇA AÉREA DA COALIZÃO COMUNISTA

FONTE: Jordan (1999), p. 143

Por fim, é importante informar que as unidades chinesas não tinham serviços de apoio logístico orgânicos e que essas foram organizadas separadamente no Departamento de Serviços de Retaguarda, com um comando e pessoal chineses e assessoramento soviético para atendimento de unidades chinesas e norte-coreanas. Ele foi organizado em Mukden na Manchúria desde o fim de 1950 sob o comando T'ao Ying e tinha a estrutura básica de um Exército de Campo do Exército de Libertação Popular chinês e um efetivo de 59 mil civis e militares¹⁹⁹. Apesar de não serem tropas empregadas em enfrentamentos, elas merecem ser consideradas por que esse departamento evoluiu para um comando logístico a partir em junho de 1951 e foi importante para que a coalizão comunista superasse vários de seus constrangimentos logísticos.

Assim, somando-se todas essas frações, conclui-se que sob o comando de Peng Dehuai havia um efetivo total de em torno de **650 mil** soldados, sendo **262 mil** efetivamente disponíveis ao combate terrestre e em território coreano no início de 1951.²⁰⁰

3.6 NÚMEROS DAS FORÇAS COMBATENTES NORTE-AMERICANAS E DA COALIZÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

O estudo dos efetivos da coalizão norte-americana, surpreendentemente, demanda mais cautela que os números da coalizão comunista. Em primeiro lugar, existe um viés geral de redução dos números dessa coalizão, para destaque da superioridade numérica comunista. Segundo, como a maioria dos estudos foi produzida a partir de relatórios das forças singulares norte-americanas ou por autores veteranos dessas, existe uma tendência de apresentar apenas os números das forças norte-americanas e subtrair os efetivos sul-coreanos e de aliados. Principalmente no caso das unidades sul-coreanas, existe uma tendência de relegar seu valor quantitativo em decorrência de seu mais baixo desempenho combatente durante o primeiro ano da guerra.

Terceiro, existe uma tendência de apontar apenas os dados das forças terrestres. As publicações oficiais das marinha e forças aérea dos Estados Unidos apresentam sua participação em termos de unidades e comandantes, e mesmo assim não existe uma sistematização clara do total de navios e aviões e os dados sobre pessoal de apoio atuando em bases navais e aéreas geralmente são omitidos. No caso dos aliados, os dados de suas contribuições em marinha e força aérea são confusos e demandaram tratamento para seu uso neste estudo.²⁰¹

Por essas razões, os números apresentados aqui foram organizados a partir da composição de várias fontes, o que torna importante apresentar progressivamente as frações relativas das forças combatentes da coalizão das Nações Unidas, antes de seus números totais.

Como foi discutido anteriormente, do ponto de vista norte-americano, a Guerra da Coreia era uma campanha de abertura (possivelmente diversionária) da terceira guerra mundial. O teatro

¹⁹⁹ **Mao's Generals Remember Korea**. First. Lawrence: University Press Of Kansas, 2001, p. 5–6; SHRADER, Charles R. **U.S. Military Logistics, 1607-1991: A Research Guide**, annotated edition. Westport: Greenwood Press, 1992, p. 40–44.

²⁰⁰ XUEZHI. **The CPVF's Combat and Logistics**, p. 135.

²⁰¹ Farrar-Hockley (1990, 1995), por exemplo, em seus belíssimos dois volumes *The British Part in the Korean War*, apresenta dados precisos das forças norte-coreanas e sul-coreanas, bem como a composição de suas forças. Porém, não procede da mesma maneira na apresentação das unidades que compuseram a *Commonwealth Brigade* e depois a *Commonwealth Division*, limitando-se a apresentação de unidades e veículos combatentes, ou unidades e comandantes.

de operações asiático era inferior em valor político que o europeu, por isso houve o deslocamento das melhores tropas e material para a Alemanha e não para a Coreia. No processo de mobilização, o Exército era a força singular mais despreparada e, por isso, a que sofreu maior reforço de efetivos nos dois teatros de operação.²⁰² A tabela abaixo ilustra tal esforço ao apresentar a expansão de unidades ativas do Exército dos Estados Unidos antes da Guerra da Coreia e após sua evolução para a Guerra Sino-americana. Como se pode constatar no cruzamento de alguns desses números com o restante dessa exposição, a maioria das novas unidades ativada não foi deslocada para o Extremo Oriente. A Guerra da Coreia marcou ainda um aumento significativo – quase o triplo – das forças combatentes estacionadas nos Estados Unidos, ou sua Zona de Interior (ZI). A tabela 3.2 abaixo apresenta a variação dos efetivos nos três teatros de operação reforçados com soldados a partir do início da Guerra da Coreia. Importante é frisar a distinção do efetivo norte-americano após a intervenção chinesa, principalmente no ápice de sua primeira campanha, no período entre março a julho de 1951, quando o contingente na Coreia superou em muito o deslocado para a Alemanha. Após julho desse ano, existiria alguma estabilização do teatro asiático e início das negociações do armistício, possibilitando a retomada do esforço principal de deslocamento de forças para o teatro europeu.

Mes	Nº Total	Total na ZI	Reservas	Coreia	Alemanha
Maio 1950	593.526	353.248 (58,5%)	140.000 (23,6%)	494 (0,08%)	80.072 (13,5%)
Setembro 1950	641.568	332.700 (50,3%)	90.000 (14%)	90.092 (14%)	81.430 (12,7%)
Março 1951	1.414.182	927.816 (65,6%)	396.000 (28%)	202.590 (14,3%)	92.552 (6,5%)
Julho 1951	1.542.441	933.741 (60,5%)	301.513 (19,5%)	217.596 (14,1%)	142.504 (9,2%)

TABELA 3.2 – DISTRIBUIÇÃO DO EFETIVO DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA DA COREIA, DE MAIO DE 1950 A JULHO DE 1951

FONTE: Donnelly (2007), p. 816

Na tabela acima, existe a significativa falta da apresentação dos efetivos em dezembro de 1950 e em janeiro de 1951, período em que os Estados Unidos reconheceram a oposição política chinesa. Geralmente, o número que se apresenta das forças terrestres norte-americanas no início de 1951 é em torno de 150 mil soldados, pois esse é o contingente regular do Oitavo Exército, principal unidade deslocada do Exército dos Estados Unidos para a Coreia a partir do Japão. Tal número é, no entanto, impreciso porque não adiciona todas as forças terrestres não orgânicas ao Exército e que não combateram até então subordinadas ao Oitavo Exército. A omissão é especialmente grave com relação à divisão de fuzileiros navais – de **23 mil soldados** – e, muitas vezes, o próprio restante do X Corpo que até dezembro de 1950 foi um comando separado.²⁰³ De qualquer maneira, para a Guerra Sino-Americana, o X Corpo teve uma composição nominal de **79.736 soldados**. Também, é comum a omissão da componente terrestre dos países que aderiram à coalizão das Nações Unidas, em torno de **23 mil soldados** em dezembro de 1950.

²⁰² DONNELLY, William. “The Best Army that Can Be Put in the Field in the Circumstances”: The US Army, July 1951-July 1953, *Journal of Military History*, v. 71, n. 3, p. 809–847, 2007; FARTUA, David. The “Long Pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army, *Journal of Military History*, v. 61, n. 1, p. 93–120, 1997, p. 816.

²⁰³ Esse é o caso de Jordan (1999), que embora tenha à disposição os números efetivos da força terrestres do Comando das Nações Unidas, prefere seguir sua análise de correlação de força com coalizão comunista, excluindo o X Corpo, aliados e sul-coreanos. (comparar p. 62 com p.271-273).

É importante frisar que as unidades dos países aliados foram incluídas a regimentos norte-americanos. No caso das forças sul-coreanas, havia divisões subordinadas a Corpos-de-Exército norte-americanos e outros dois Corpos-de-Exército – o I e o III – sul-coreanos com duas divisões cada. Todas essas foram subordinadas ao comando do Oitavo Exército pelo período da guerra. Além delas, havia ainda um contingente sul-coreano que reforçava as unidades norte-americanas por meio do programa Katusa (*Korean Augmentation to the United States Army*) e contabilizavam mais de 12 mil soldados. Por essas razões, não é razoável tratar essas unidades segregadas das norte-americanas em uma análise crítica.

Existe, na literatura, uma tendência de relegar às forças sul-coreanas o papel de auxiliares ou forças de baixo rendimento ou importância para as campanhas. De fato, ainda que se possam registrar várias unidades de baixo desempenho responsáveis por derrotas nos campos de batalhas, foram essas forças que contaram com as mais elevadas baixas da guerra e que a partir de 1952 compuseram a principal parte do efetivo da coalizão. De qualquer maneira, para explicação de derrotas e vitórias da coalizão em torno dos Estados Unidos em 1951, é necessária a consideração de seus números. Em junho de 1950, as forças de defesa terrestre da República da Coreia do Sul (RCS) contavam com 150.501 soldados. Mas ao início da guerra com China e a partir de grande esforço, elas chegaram a **206.182**, além de **2.374 fuzileiros navais**, que operaram com a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Portanto, o número final que se chega como efetivo das forças terrestres da coalizão das Nações Unidas é **460.729**.²⁰⁴ E são com esses números que Ridgway formularia sua campanha de 1951. A tabela 3.3 abaixo discrimina os números e a composição da força terrestre da coalizão das Nações Unidas.

²⁰⁴ Esse número total é próximo ao apresentado pela última referência bibliográfica compulsada a fazer tal tratamento: 443.271. MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 372, 378.

País	Unidade	Data de Desembarque	Efetivo
Estados Unidos	Oitavo Exército	Agosto-Dezembro 1950	136.525
	X Corpo	Janeiro de 1951	79.736
	Katusa	Dezembro, 1950	12.573
Contingente dos Estados Unidos			228.861
Coreia do Sul	Exército	Agosto-Dezembro 1950	206.182
	Fuzileiros Navais		2.374
Contingente da República da Coreia do Sul			208.506
Reino Unido	27ª Brigada	Agosto 1950	1.500
	29ª Brigada	Novembro 1950	8.000
Canadá	2º Batalhão	Novembro 1950	1.050
Austrália	10º Batalhão	Setembro 1950	1.243
Nova Zelândia	16º Regimento de Artilharia	Dezembro 1950	1.044
França	Batalhão de Coreé	Novembro 1950	1.185
Holanda	Destacamento Holandês	Novembro 1950	740
Turquia	1º Comando	Outubro 1950	5.455
Grécia	Batalhão Helênico Real	Dezembro 1950	840
Filipinas	3º Batalhão	Setembro 1950	1.038
Tailândia	21º Regimento	Novembro 1950	1.217
Contingente dos países coligados			23.312
Força Terrestre Total do Comando das Nações Unidas			460.729

TABELA 3.3 – NÚMEROS E COMPOSIÇÃO DA FORÇA TERRESTRE DA COALIZÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, JANEIRO DE 1951²⁰⁵

FONTE: Jordan (1999), p. 225-226; Edwards, p. 512-525; Appleman (1990), p. 40

Como estimado no caso comunista, é importante distinguir entre números totais e efetivos. Por condições logísticas e padrão doutrinário completamente diferentes, o Exército norte-americano mantinha sempre dois regimentos engajado no front para cada um na reserva ou em recondicionamento. Por conta disso, aplicava, em média 2/3 de suas forças totais nos esforços combatentes, estando as demais em recondicionamento. Ao se subtrair ainda a divisão de fuzileiros navais, que estariam aptos a voltar a ação apenas entre janeiro e fevereiro de 1951, os números efetivos das forças norte-americanas e seus aliados ao início de 1951 eram em torno de **310.603 soldados**.

A força naval da coalizão das Nações Unidas foi composta basicamente pelos Estados Unidos, mas com contribuição pontual de navios das marinhas de países aliados e um efetivo significativo da Marinha da Coreia do Sul.

Em decorrência do comando dos mares Amarelo e do Japão pela Marinha dos Estados Unidos, assume-se que o efetivo computado sofreu variações não muito significativas a partir de sua composição ao fim de 1950. Nesse sentido, utiliza-se como efetivo da marinha da coalizão das Nações Unidas o apontado por Huston (1989, 123-124):

²⁰⁵ A composição dessa tabela é a partir basicamente dos dados oferecidos por Appleman (1990), subtraídos o contingente da Força Aérea dos Estados Unidos, que utilizamos abaixo, e uma apreciação mais ampla, baseadas nas demais referências bibliográficas mais atualizadas, quanto ao contingente dos aliados, o que resulta numa diferença de algumas centenas de Appleman.

- Efetivo das forças-tarefas da Marinha dos Estados: 13.933;
- Tropas da Marinha e Corpo Fuzileiros em atividades desembarcadas na Coreia do Sul: 600;
- Marinha da Coreia do Sul: 23.000 (descontados os fuzileiros navais em operação terrestre);
- Efetivo total: **33.867**.

Essa força naval foi rapidamente organizada e pronta já em setembro de 1950 em quatro grupos, cuja visualização é possível na tabela a seguir. A Força-tarefa 77 foi organizada em torno da 7ª Frota do Pacífico de Porta-Aviões com as funções de apoio de fogo aproximado, controle de espaço aéreo e interdição. A Força-tarefa 90 era a componente anfíbia da coalizão. A Força-tarefa 95 foi composta com os navios das marinhas norte-americanas, coligadas, principalmente britânica, e da Coreia do Sul. Ela foi organizada em três grupos com funções de bloqueio de portos e linhas marítimas da Península Coreana, apoio logístico e escolta. Por fim, a Força-tarefa 96 tinha a função de resgate e salvamento.

Grupo	Composição	Função
Força-tarefa 77	2 Porta-aviões	Interdição Controle de espaço aéreo Apoio de fogo aproximado
	1 Porta-aviões leve	
	1 Cruzeiro pesado	
	1 Cruzeiro leve	
	8 Destroieres	
	4 Navios-lançadores de foguetes	
Força-tarefa 90	Grupo de apoio	Desembarque anfíbio
	1 Transporte de ataque	
	1 Navio de carga de ataque	
	1 Navio tanque de desembarque	
	5 Estações de Desembarque	
	46 Blindados de desembarque	
	180 Navios de transporte de carga	
	3 Embarcações de desembarque rápido	
	1 Reboque	
	1 Embarcação de reparos	
	1 Embarcação de resgate	
	1 Embarcação de sinais	
Força-tarefa 95.1	2 Porta-aviões leves	Bloqueio da Costa Oeste
	2 Cruzeiros leves	
	9 Destroieres	
	7 Fragatas	
	1 Navio hospital	
	1 Navio tanque	
Força-tarefa 95.2	1 Navio depósito	Bloqueio da Costa Leste
	1 Porta-aviões leve	
	2 Cruzeiros pesados	
	1 Cruzeiro antiaéreo	
Força-tarefa 95.3	6 Destroieres	Escolta
	3 Fragatas	
Força-tarefa 95.7	4 Navios patrulhas	Varredura e anti-minagem
	17 Navios de varredura anti minas	
Força-tarefa 96	2 Aeroplanos	Busca e salvamento
	5 Esquadrões de patrulhas	

TABELA 3.4 – FORÇAS NAVAIS DA COALIZÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NA COREIA

FONTE: Farrar-Hockley (1990), p. 413-414

No caso da força aérea da coalizão, existem dados mais sistematizados.²⁰⁶ Os números são:

- Força Aérea dos Estados Unidos: 13.605;

²⁰⁶ HUSTON. **Guns and butter, powder and Rice:** U.S. Army Logistics in the Korean War, 123.124; Roy Edgar Appleman, *Ridgway Duels for Korea* (Texas: Texas A&M University Press, 1990), 40; M. Hermansen, “United States Military Logistics in the First Part of the Korean War” (University of Oslo, 2000), cap. 3.

- Elemento Aéreo do Corpo de Fuzileiros Navais: 5.800;
- Forças Aéreas dos países coligados: 1.100;
- Força Aérea da Coreia do Sul: 1.865;
- Total: **22.370**.

O mapa 3 da seção anterior a essa também apresenta a disposição e composição das bases aéreas da força aérea norte-americana em dezembro de 1950. Importante notar que a ala aérea de caças era concentrada na Base Aérea de Johnson, próxima a Tóquio, e além do alcance de qualquer ataque da coalizão comunista.

Note-se também a proporção significativa de bombardeiros aéreos (*bombers*) e aviões de observação tática e reconhecimento (*tactical air control* – TAC). Tendo em vista o papel central do primeiro grupo aéreo para a campanha terrestre, vale-se de um registro mais detalhado da composição da componente da força aérea dedicada ao apoio de fogo aéreo aproximado, que segue a diante.

País/Força	Tipo de Avião	Designação	Números
Força Aérea EUA	Caça-bombardeiro	F-51	187
Força Aérea EUA	Caça-bombardeiro	F-80C	252
Força Aérea EUA	Caça-bombardeiro	F-84E	75
Força Aérea EUA	Caça	F-86A, F86D	75
Força Aérea EUA	Bombardeiro leve	B-26	139
Força Aérea EUA	Bombardeiro médio	B-29	90
Marinha dos EUA	Caça-bombardeiro	F7F	24
Marinha dos EUA	Caça-bombardeiro	F9F	66
Marinha dos EUA	Caça-bombardeiro	F4U	259
Marinha dos EUA	Caça-bombardeiro	AD	73
Fuzileiros Navais EUA	Caça-bombardeiro	F7F	24
Fuzileiros Navais EUA	Caça-bombardeiro	F9F	24
Fuzileiros Navais EUA	Caça-bombardeiro	F4U	142
Austrália	Caça-bombardeiro	F-51	31
África do Sul	Caça-bombardeiro	F-51	31
Coreia do Sul	Caça-bombardeiro	F-51	10

TABELA 3.5 – AVIÕES DISPONÍVEIS PARA APOIO DE FOGO APROXIMADO PELA COALIZÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

FONTE: Jordan (1999), p. 133

Somando-se todas as frações apresentadas até aqui, conclui-se que o efetivo total das forças sob o Comando do Extremo Oriente ao início de 1951 era de **516.966**, sendo em torno de **310 mil** soldados o contingente terrestre efetivo sob o comando do Oitavo Exército.

ANÁLISE DOS FINS: PROPÓSITOS POLÍTICOS E POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS

A análise dos fins apresenta formulações a partir da Teoria da Guerra que orientam nosso recorte dos eventos que tornaram a Guerra da Coreia a Guerra Sino-americana, tendo como limite temporal agosto de 1951. Ressaltam-se os aspectos importantes dessas guerras para as condutas dessa primeira e mais importante fase da guerra entre chineses e norte-americanos, estabelecendo os relacionamentos de causalidade entre as duas guerras.

Portanto, uma primeira e necessária qualificação é a distinção da Guerra Sino-americana como um tipo de guerra derivada mas distinta da guerra entre as Coreias. Confrontam-se as metas bélicas traçadas por ambos os lados, analisando se elas eram correspondentes aos efeitos políticos desejados e se os meios disponibilizados tinham razoável expectativa de alcance para realiza-los. Enquanto os chineses seguiram com motivações e condições de força preservadas, os norte-americanos sofreram uma profunda e traumática reavaliação dos propósitos e expectativas e custos de sucesso de seu envolvimento na Coreia.

Por fim, a última parte da análise dos fins é uma avaliação parcial da guerra no estágio justamente anterior a dezembro de 1950. Essa é uma análise parcial porque ela não se dá sobre a guerra como um todo, nem leva em conta todos os acontecimentos e informações que teriam consequências depois do período sob análise, ou aqueles que teriam consequências para eventos em outros teatros que o coreano. Executa-se uma avaliação suficiente das decisões e ações realizadas até então para se distinguir os efeitos específicos de decisões e cursos de ação tomados pelos comandantes-de-campo. E esse conjunto que também permite formular algumas hipóteses que os capítulos seguintes do livro se propõem a inferir e testar.

4.1 AS CONDIÇÕES POLÍTICAS

Essa seção do capítulo apresenta um primeiro contraste entre expectativas teóricas e fatos históricos. Primeiro, ela enquadra as condições das relações políticas da Guerra Sino-americana a partir da Teoria da Guerra. Segundo, recupera e ordena a evolução das decisões políticas de cada lado, ressaltando aspectos importantes e estabelecendo os relacionamentos de causalidade entre eles. A partir do contraste entre o tipo de guerra apontado do ponto de vista teórico e as decisões históricas tomadas com relação aos objetivos políticos, apresentam-se, como resultado, uma nova série de expectativas de efeitos e resultados dessas decisões para as metas bélicas, métodos de conduta da guerra e a preparação para a guerra de China e Estados Unidos a serem analisadas no restante do livro.

Seguindo esse procedimento, deve-se distinguir a Guerra Sino-americana, a partir de novembro de 1950, da Guerra entre as Coreias, que se iniciou em julho do mesmo ano e teve a participação norte-americana logo no mês seguinte. As duas Coreias tinham objetivos que eram inaceitáveis entre elas e seriam apenas atendidos quando um lado tivesse submetido o outro à condição de impotência: uma guerra ilimitada. O próprio envolvimento norte-americano era movido por objetivos políticos originalmente limitados, que foram alterados após a ultrapassagem do paralelo 38°. Em razão da superioridade de meios, da autonomia de comando de Douglas MacArthur e da oportunidade posta à mão, a unificação das Coreias era quase um fato consumado em outubro de 1950.

Distinto disso, a expectativa teórica para a Guerra Sino-americana – segundo os fatos apresentados – é que ela era outra guerra e limitada. A relação política entre China e Estados Unidos desenvolvia-se a partir de circunstâncias históricas anteriores que originaram motivações mais brandas. Adicionalmente, o teatro de operações coreano era em si estrangeiro e de valor relativamente baixo para ambos.

A partir da Teoria da Guerra de Clausewitz, define-se essa como um caso em que os objetivos políticos e motivações originais de ambos os lados permitia a intermediação negociada para o fim da guerra. Esse foi um tipo de guerra em que não era necessária, desejável ou possível a prostração de um lado para que houvesse o seu encerramento. A narrativa e dados históricos do terceiro capítulo permitem considerar que existia a possibilidade de entendimento entre as lideranças políticas chinesa e norte-americana, enquanto que ambas as sociedades mal se reconheciam e tinham grande indefinição de alteridade entre elas. Ou seja, do ponto de vista das populações, existia uma tábua rasa de sentimentos, por isso de grande volatilidade e não apenas em escalada linear aos extremos. Nesse sentido, ainda que pudesse surgir – e mesmo se manipular – um mútuo sentimento de hostilidade, não existia um histórico que alimentasse motivações exacerbadas. A hostilidade entre Estados Unidos e China era essencialmente em termos de intenções de seus líderes motivadas pelo contexto da Guerra Fria.

Como uma guerra limitada – uma negociação enquanto lutando – a Guerra Sino-americana é um caso em que é razoável a expectativa de uma articulação entre fins e meios em constante atualização na medida em que ambas as partes interagem. Adicionalmente, as condições políticas domésticas e as inserções internacionais de Estados Unidos e China eram transientes, o que provocaram vieses nos cálculos de suas lideranças políticas ao passo que suas instituições governamentais eram ajustadas, assim como os compromissos com seus aliados. Por sua vez, essa foi uma guerra de coalizões, por isso sujeita a flutuações e descompassos na delimitação dos fins políticos entre parceiros que possuíam interesses particulares que nem sempre eram compatíveis ou mesmo reconhecidos. A confrontação sino-americana foi uma guerra limitada em que o que estava em disputa era um equilíbrio de forças que impusesse ao outro lado o reconhecimento de mudança ou manutenção de um status quo político regional de impacto internacional. Esses eram, respectivamente, os pleitos chinês e norte-americano.

Aponta-se que a Guerra Sino-americana atende ainda aos requisitos de guerra limitada pelo isolamento geográfico entre os territórios nacionais dos principais beligerantes e a existência de questões mais prementes em outras regiões. Dessa maneira, por um lado, havia menor possibilidade de contragolpes mútuos aos territórios nacionais entre chineses e norte-americanos na busca por

objetos de vantagem e permuta que incorresse no risco de escalada aos extremos.²⁰⁷ Alternativamente, o teatro coreano oferecia condições estratégicas para a limitação e pausa na tomada de objetivos e ataques às forças oponentes, de forma a comunicar e atender demandas de negociações diplomáticas nas Nações Unidas e, posteriormente, nas negociações de armistício em Kaseong. Por outro lado, para Estados Unidos e China, existiam outros objetivos políticos mais relevantes que a disputa pelo futuro da Coreia. Enquanto que para os Estados Unidos, o Japão e a Europa eram objetivos políticos além do alcance chinês, a Manchúria e a consolidação do regime comunista pela China não afetavam os principais interesses norte-americanos na Guerra Fria.

No entanto, guerras ilimitadas e limitadas são padrões teóricos de relacionamentos e nada impede que ocorra transição entre elas. Além da inércia das condições políticas e estratégicas da Guerra entre as Coreias até novembro de 1950, existiam quatro elementos que poderiam escalar a guerra e dificultar o alcance de um equilíbrio satisfatório entre China e Estados Unidos.

Primeiro, ambos os países passavam por mudanças institucionais e geracionais importantes que dificultaram a relação entre eles, embora não favorecessem necessariamente a escalada. A inexistência de representação diplomática do novo regime chinês nos Estados Unidos e nas Nações Unidas desde meses antes do início da Guerra Sino-americana postergou as negociações diplomáticas, que foram estabelecidas por canais indiretos e, diretamente, apenas em julho de 1951 a poucos quilômetros do front de batalha. Por isso, existia grande dificuldade para que um lado compreendesse os objetivos e intenções e, conseqüentemente, fosse capaz de antecipar e barganhar com o outro. Assim, embora não houvesse polarização de conteúdo político entre chineses e norte-americanos, havia um sério problema relacional entre eles.²⁰⁸

Segundo, a maior proximidade chinesa do teatro de operações a deixava relativamente mais vulnerável e com maior urgência para uma definição dessa guerra. Isso possibilitava alguma medida de escalada pelos Estados Unidos, pois estes tinham meios para atacar objetivos de valor no território chinês a partir de bombardeios. No entanto, a falta de meios para tomar e reter esses objetivos para posterior barganha, a subordinação do teatro asiático ao europeu na estratégia global norte-americana e o risco de envolvimento soviético tornavam qualquer ação nessas linhas de baixa utilidade política e de grande risco.

Terceiro, as correlações geográficas e estratégicas relativas também permitem explicar o papel diferenciado dos aliados chineses e norte-americanos. A União Soviética era bem mais próxima da Península Coreana e a unificação desta pela Coreia do Norte tinha razoável valor político. De outro lado, todos os aliados dos Estados Unidos eram isolados do teatro coreano e seus envolvimento tinham um caráter mais simbólico que imediato. Assim, independentemente das motivações de seus líderes, os valores diferenciados do teatro coreano para seus vários atores ajudam a explicar o efeito moderador da coalizão das Nações Unidas sobre os Estados Unidos e o efeito escalonador da coalizão comunista sobre a China.

Por fim, a complexidade e variação desses múltiplos fatores cobravam um papel destacado de Mao Tse-Tung e Harry Truman na atualização de objetivos e valores políticos e estratégicos, com grande importância para o desenho e execução dos planos de guerra. A isso se adiciona a questão

²⁰⁷ CORBETT. *Some Principles of Maritime Strategy*, p. 54–55.

²⁰⁸ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 62. Porém, existe aqui uma discordância parcial de Jian, que limita o problema de relações políticas entre chineses e norte-americanos à inexistência de comunicação entre eles.

fundamental que, para chineses e norte-americanos, o teatro coreano era expedicionário e apenas um entre vários que demandavam seus respectivos envolvimento e recursos nacionais. Para ambos os lados, apesar da utilidade da condução de ofensivas, elas sempre ocorreram com grandes riscos de super extensão de recursos, de descompasso com os objetivos da guerra e efeitos negativos para demais objetivos de política externa de ambos os países. Portanto, os pontos culminantes da ofensiva eram prementes e próximos para ambos. *A consequência estratégica disso para os desenhos de planos de guerra é que o lado que encontrasse em vantagens política e estratégica e ainda em uma posição defensiva confortável deveria mantê-la, de modo a forçar o outro lado a ultrapassar o seu ponto culminante e ceder a termos de negociação.*

O caso da Guerra Sino-americana enfrenta uma expectativa comum, mas não teórica, de que um lado na ofensiva política tenha que estar necessariamente na ofensiva estratégica. E de que um lado na defensiva estratégica tenha que travar necessariamente apenas enfrentamentos defensivos. No caso de uma guerra limitada, qualquer pleito político é sustentado por uma vantagem relativa no equilíbrio de forças de maneira que se possa barganhar com o oponente. Por um lado, cedendo-lhe objetos de valor anteriormente conquistados e ameaçando-lhe a conquista de novos. Ou, por outro lado, prolongando o conflito em uma taxa de baixas desfavorável ao oponente. Nesse sentido, o uso da força segue oferecendo incentivos positivos e negativos que abram as negociações ou avancem pontos de uma agenda já em andamento.

O aspecto fundamental da guerra limitada é o que lado que constitui um equilíbrio estratégico vantajoso deve consolidar essa vantagem por meio de uma defensiva estratégica. Por um lado, se se conquistou objetos de interesse do oponente, deve-se ser capaz de retê-los até o momento mais oportuno de permuta, e ser capaz ainda de continuar defendendo os objetos próprios que possam elevar os recursos de barganha do oponente. Por outro lado, se não existem objetos de valor político disponíveis para negociação, deve-se ser capaz de sustentar o equilíbrio de força vantajoso por mais tempo que o suportável pelo adversário. Nesse sentido, considera-se a condução de enfrentamentos principalmente defensivos dentro de uma perspectiva de economia de forças. Pois, o lado que tiver taxas de perdas relativas superiores, cederá aos pontos da agenda política do outro. A expectativa teórica é que essa atuação defensiva final que permite a consolidação de um acordo de paz ou cessar-fogo vantajoso, seja por meio de uma última permuta de objetos, seja pela desistência do oponente de seguir lutando e aceitação da proposta de acordo do oponente. Isso permite considerar as condições políticas relativas de ambos os lados.

Do ponto de vista chinês, a salvaguarda da Manchúria era o objetivo político principal e isso tornava inaceitável qualquer arranjo que mantivesse forças estrangeiras na Coreia do Norte.²⁰⁹ Tal região era alienada desde fins do século 19 e era vista como o baluarte da recuperação econômica e política da China. Qualquer avaliação da região no período também não pode deixar de considerar que a Guerra da Coreia parecia recuperar as ambições soviéticas de reaver as conquistas russas na região até a Guerra Russo-Japonesa.²¹⁰ Ainda eram recentes as marcas da expansão russa para a Ásia

²⁰⁹ Esse ponto é relevante na literatura pois ele desqualifica a posição de Schelling em *Arms and Influence*, p.55, que teria sido possível alguma acomodação entre chineses e norte-americanos, caso estes últimos tivessem sinalizado adequadamente que não tinham intenções ofensivas sobre o território chinês. Baseado nessa suposição da posição política chinesa, Schelling também apontou que as forças chinesas também poderiam ter sido aplicada mais efetivamente para dissuadir o avanço da coalizão das Nações Unidas ver CHRISTENSEN. "Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace", 140–42.

²¹⁰ NAKAJIMA, Mineo. The Sino-Soviet Confrontation: Its Roots in the International Background of the Korean War, *The Australian Journal of Chinese Affairs*, n. 1, p. 19, 1979, p. 35–37.

ao longo do século 19 por meio de conquistas de territórios chineses, expansão esta que foi apenas estancada (e substituída) pelos japoneses em 1905 e restauradas à União Soviética pelas concessões aliadas durante a Segunda Guerra Mundial. A própria presença soviética na Coreia do Norte seria evidência dessa renovada expansão em direção à Ásia, pois esse envolvimento alienava uma região que tinha sido vassalo chinês desde 1644 e perdida para o Japão desde 1895.

Após o termino da guerra civil e a assinatura do Pacto Soviético em 1950, Mao tinha a expectativa de que teria condições e tempo suficientes para a reintegração da Manchúria, mesmo com a possibilidade da guerra entre as Coreias. Mas, de fato, a Guerra da Coreia agravou as disputas internas do Politburo pelo futuro político da China, principalmente porque o governador dessa região, Gao Gang, era um notório e influente líder chinês pró-Stalin. Assim, o aumento da presença militar soviética na Manchúria também era uma motivação principal para o comprometimento chinês com a guerra na Coreia.

Por isso, a possibilidade de algum resultado positivo do envolvimento chinês na Coreia – a contestação da ordem internacional por uma proposta comunista – era um bônus possível, mas não a principal motivação chinesa. Ou seja, *a priori* a China não ambicionava objetivos políticos positivos. O sucesso da “terceira ofensiva” de dezembro de 1950 a janeiro de 1951 que produziu as vantagens estratégicas e diplomáticas além de expectativa inicial chinesa e que fez Mao e Stalin a considerarem objetivos mais ambiciosos. Além do desbaratamento das forças sul-coreanas, norte-americanas e aliadas, houve rapidamente a apresentação de uma proposta de um comitê de cessar-fogo pelos países aliados dos Estados Unidos e também pelos países neutros no conflito. A condição estratégica de vantagem da China em janeiro de 1951 trazia a expectativa por uma nova vitória e a possibilidade de imposição de termos aos norte-americanos sem condicionantes e concessões.

Do ponto de vista norte-americano, a Guerra da Coreia era, em um primeiro momento, uma simples operação de interposição que seria resolvida rapidamente. De maneira que os Estados Unidos poderiam retornar integralmente para a situação anterior de rearmamento cauteloso e manutenção da dotação orçamentária prevista para o ano de 1950. Essa perspectiva era correspondente a uma orientação política dominante, contra qual Truman lutava, mais isolacionista e amparada na avaliação da Junta de Chefes de Estado Maior de superioridade militar em relação à União Soviética. Contraditoriamente, quando houve a intervenção chinesa entre outubro e novembro de 1950, a coalizão das Nações Unidas ainda tinha como objetivo político a unificação da Coreia e a destruição das forças da Coreia do Norte, ainda que essa fosse subordinada a uma política global de contraposição a expansão da influência soviética, principalmente na Europa. Mas a contraofensiva chinesa de 1950 impôs a necessidade de revisão das diretivas políticas e metas bélicas, que foi lenta e leniente. Truman sofreu grandes pressões do Congresso, aliados e militares pelo um cessar-fogo imediato e retirada, além dos problemas com a ineficiente cadeia de comando com o Extremo Oriente.²¹¹

Por isso tudo, as ambiguidades das orientações políticas e estratégicas foram superadas apenas com a publicação da diretiva presidencial NSC 48/15 em 17 de maio de 1951, quando haveria: a confirmação da alteração dos objetivos políticos da guerra, a revisão de uma vitória militar por uma solução negociada e a deposição de MacArthur.²¹² Ou seja, durante seis meses de guerra com a

²¹¹ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 313.

²¹² JONES. *Limited Warfare as a Pragmatic Concern*, p. 72; MALKASIAN, Carter. *A History of Modern Wars of Attrition*, Westport: Praeger, 2002, p. 132-133.

China, existiu grande volatilidade quanto aos parâmetros de condução da guerra pelos norte-americanos e grande possibilidade de fracasso por falta de correspondência entre fins e meios. A nova conduta da guerra demandou ajustes institucionais no estamento militar dos Estados Unidos dos dois lados do globo, sendo o auge dessa transição a ascensão de Ridgway à posição de MacArthur como Comandante do Extremo Oriente e da coalizão das Nações Unidas. Por fim, mudava-se completamente a expectativa de confrontação com a União Soviética e tinha início uma mobilização de crise e alteração completa de todo o planejamento fiscal do país.²¹³

4.2 AS POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS DA CHINA.

Originalmente, o envolvimento chinês foi com uma orientação política defensiva. Os únicos objetivos de Mao eram salvaguardar seu regime e a preservação da recém-adquirida Manchúria. Por isso, o compromisso do apoio chinês à revolução norte-coreana, antes do início da guerra, foi feito com o entendimento que ela ocorreria sem intervenção norte-americana. Tendo sempre em vistas riscos e perdas, a decisão de Mao era calcada no entendimento que a China deveria ter participação central em qualquer desenvolvimento político e militar que envolvesse a Manchúria. A inatividade chinesa daria oportunidade para grupos internos antissocialistas ou pró-União Soviética. Os chineses baseavam suas decisões na consciência histórica da interdependência entre as seguranças chinesas e coreanas, mas também no entendimento que o excesso desse envolvimento causou a queda das dinastias Wei, Sui, Ming e Qing.²¹⁴

Com o envolvimento norte-americano e observando a correlação de forças, a China não tinha meios para condução mais do que uma ofensiva limitada que garantisse a defesa e restauração do regime e território da Coreia do Norte. Certamente, ela deveria ter convertido suas forças para uma posição defensiva, fortificado essa posição e considerado apenas conduzir demais ofensivas na medida da necessidade de alcançar um comprometimento da coalizão da Nações Unidas, em correspondências com os segundo e terceiro estágios estratégicos da conduta de guerras limitadas segundo Clausewitz (discutidos no capítulo 2). Desde que o alcance desse comprometimento entre os beligerantes se tornou a posição dominante e explícita de aliados europeus dos Estados Unidos nas Nações Unidas, bem como de países neutros, como a Índia; a China tinha condições de barganhar um acordo economizando seus recursos militares e limitando seu envolvimento na Coreia. A China manteve essas orientações políticas e estratégicas até dezembro de 1950, quando alterou radicalmente suas orientações políticas e estratégicas. A partir de janeiro, Mao orientava a busca por uma vitória total que pusesse os Estados Unidos em condições de conceder a alteração do status quo chinês na Ásia e no mundo. No entanto, isso foi feito ignorando ou à revelia das condições objetivas das forças combatentes chinesas e com possíveis de danos desnecessários para a China. É importante, portanto, apresentar os elementos factuais que produzem à discrepância entre a expectativa que elaborei e aquela historicamente empreendida por Mao Tse-Tung.

A surpresa e o sucesso do envolvimento norte-americano na Coreia forneceram a leitura que essa se tratava de uma ofensiva, não apenas estratégica, mas também política do Ocidente contra a

²¹³ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 366-367.

²¹⁴ NAKAJIMA. *The Sino-Soviet Confrontation: Its Roots in the International Background of the Korean War*, p. 34, 37.

Ásia.²¹⁵ Os objetivos políticos chineses orientavam metas bélicas para enfrentar as forças combatentes das Nações Unidas buscando como efeito proteger as fronteiras chinesas de forma a estabilizar sua ordem social doméstica, ainda atribuladas pela longa guerra civil e reformas em andamento. As metas bélicas para tanto eram expulsar as forças norte-americanas da Coreia ou, pelo menos, da Coreia do Norte. Inicialmente, existia incerteza entre os generais chineses sobre o limiar entre essas duas metas. Alguns consideravam que se deveria fortificar o rio Yalu e a maioria reconheceu que não seria possível vencer os norte-americanos e que isto demandaria um curso de ação cauteloso.²¹⁶

Portanto, o plano de guerra original formulado pelo comandante do exército voluntário chinês, Peng Dehuai, era a seleção de pontos fortes defensivos entre as montanhas ao norte da Coreia do Norte, onde seria possível usar das forças disponíveis para reter o avanço das Nações Unidas por um bom tempo. Possivelmente, seria necessário um recuo para a Manchúria e tendo o rio Yalu como primeira linha defensiva.²¹⁷

Porém, a partir de conversações com Stalin, Mao tomou as rédeas das deliberações. O plano de guerra original de Mao em outubro de 1950 antecipava a pouca probabilidade de as forças chinesas serem capazes de aniquilar e expulsar as forças dos Estados Unidos. Esses contavam com total vantagem aérea e ampla vantagem de artilharia. Mesmo em termos de enfrentamento, apesar de considerar a superioridade chinesa, Mao não tinha total convicção, pois enfrentaria forças ocidentais veteranas da Segunda Guerra Mundial. Porém, o cálculo de Mao era baseado na convicção tácita de que os chineses poderiam equilibrar as vantagens combatentes dos Estados Unidos concentrando números quatro vezes maiores. Adicionalmente, Mao tinha alguma apreensão a uma declaração de guerra aberta dos Estados Unidos contra a China e ações contra o território chinês. Na conclusão de sua avaliação, ele calculava que os chineses tinham meios para uma campanha curta que estancasse o avanço norte-americano e ganho de tempo até que a assistência soviética tivesse efeito em força aérea, artilharia, suprimentos e desenvolvimento de uma estrutura administrativa para um estágio mais avançado da guerra, que seria estagnado.

Mao associava que apenas nesse estágio de estagnação que seria razoável proceder com negociações, mas ele não concebia a possibilidade de negociações diplomáticas durante as operações. Ele separava negociações diplomáticas da negociação armada nos campos de batalha e estabelecia uma pré-condição de conclusão de uma para início da outra.²¹⁸ Nesse sentido, existe uma clara contradição entre as expectativas teóricas e aquelas que orientaram as decisões de Mao-Tse-Tung.

Ademais, alimentado por Stalin, Mao decidiu originalmente por uma meta bélica mais ampla de choque com as forças norte-americanas forte o suficiente para assegurar seu desgaste a um nível que tornasse improvável sua presença no território norte-coreano e qualquer ameaça ao território chinês. Antes do dia 7 de outubro de 1950, data em que as forças norte-americanas atravessaram o paralelo 38º, tal decisão já havia sido tomada. Isso porque já se tinha estimativas que esse seria o melhor momento para a intervenção chinesa, pois seria quando as forças chinesas teriam um terreno melhor para seu estilo de combate de infiltração, as forças norte-americanas teriam menor vantagem estratégica pela extensão de linhas de comunicações em um terreno mais escarpado e quando

²¹⁵ ROE. *The Dragon Strikes*, 69, 102, 126–28; ZHANG. “Mao Zedong und Carl von Clausewitz: Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich”, 78.

²¹⁶ BI, Jianxiang. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, Tese (Doutorado) – Carleton University, 1996, p. 257.

²¹⁷ FARRAR-HOCKLEY, Anthony. *The British Part in the Korean War: A Distant Obligation*. London: HMSO, 1990, p. 8–9.

²¹⁸ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 175–179.

a China teria justificativa política para sua intervenção.²¹⁹ Até então, tinha-se a expectativa que o apoio aéreo soviético seria um fator de compensação ao maior poder de fogo dos Estados Unidos.²²⁰ Tais expectativas e metas seriam revistos várias vezes ao longo da guerra.

Primeiro, em 10 de outubro de 1950, quando foi comunicado por Stalin que ele não cumpriria sua parte no apoio direto no teatro coreano. Como discutido anteriormente, esse foi o momento de maior tensão dentro da coalizão comunista e da liderança chinesa. Principalmente porque, ao longo de todo esse processo decisório, Mao e a Comissão Militar Central do Partido Comunista chinês levavam em conta a possibilidade que a intervenção chinesa poderia ter como retaliação norte-americana o emprego de bombardeios contra o território chinês. Esse era um cenário indesejado, por isso o apoio aéreo soviético era importante, seja para proteção do território chinês, seja para acelerar e, de fato, possibilitar a expulsão das forças norte-americanas da Coreia do Norte.²²¹ Por essa razão que Mao suspendeu temporariamente as operações chinesas na Coreia em outubro e autorizou sua renovação apenas em novembro de 1950, após reavaliação de metas e planos.²²²

A revisão do apoio aéreo soviético provocou a redução de objetivos políticos e estratégicos chineses.²²³ A preservação da Coreia do Norte era o principal efeito político desejado, o que envolvia alguma acomodação, pelo menos temporária, com os países ocidentais. Em telegrama de Mao para o chanceler Zhou Enlai de 14 de outubro, ele sumariou o plano de guerra chinês. A meta bélica passava a ser a preservação do regime norte-coreano por meio do posicionamento das forças chinesas em perímetro defensivo em três camadas a partir de Tokchon, localizado a 146 km ao norte de Pyongyang e a 200 km da fronteira com a China (ver mapa abaixo), na espera do material bélico soviético. Esse seria um longo período de reforço – que poderia levar até seis meses – em que a orientação de Mao era evitar batalhas com as forças norte-americanas e combater apenas unidades sul-coreanas.²²⁴ Durante esse período, as forças chinesas manteriam esse perímetro e apenas responderia a ataques norte-americanos, e se daria margem para uma mediação caso ela tivesse início. Apenas com o termino dessa fase de preparação e sem início de uma mediação com o ocidente que os chineses conduziram um contragolpe e limitadamente até Pyongyang e Wonsan, respectivamente a capital e o principal porto norte-coreanos.²²⁵ Dessa maneira, as forças chinesas também estariam posicionadas a uma distância segura da Coreia do Sul e das bases de operações dos Estados Unidos: Inchon e Seul.²²⁶

²¹⁹ Ibid., p. 152, 154–155.

²²⁰ CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 128.

²²¹ Ibid., p. 137–138.

²²² JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 155–156.

²²³ Para uma análise detalhada da documentação disponível do plano de guerra original de Mao Tse-Tung, ver Jian 175–79. Para a mais recente revisão de documentação chinesa e russa sobre as deliberações chinesas, ver Zhihua & Xia “Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War: China's Rejection of the UN Cease-Fire Resolution in Early 1951”, *Asian Perspective* 35, n° 2 (2011): 187–209.

²²⁴ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 189.

²²⁵ Nesse ponto existe discordância na literatura, enquanto Christensen aponta que Mao ainda sustentava metas bélicas mais amplas, e apenas flexibilizava seu *timing*, os demais autores citados aqui interpretam que Mao já passaria a considerar uma limitação de seus objetivos. CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 139–140; GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 179; JIAN, Chen. *The Sino-Soviet Alliance and China's Entry into the Korean War*, p. 33; ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 189–190.

²²⁶ Esse plano era correspondente com os escritos de Mao Tse-Tung de 1938 sobre como conduzir uma guerra contra um oponente mais forte. Seria necessário insistir em uma estratégia de três estágios: (i) a ofensiva estratégica do inimigo e nossa defensiva estratégica; (ii) a consolidação estratégica do inimigo e nossa preparação para contraofensiva; (iii) a nossa contraofensiva e retirada estratégica do inimigo. Ver: Mao Tse-Tung, *Selected Works of Mao Tse-Tung Volume II*, 113–194; ZHANG. “*Mao Zedong und Carl von Clausewitz: Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich*”, p. 25–26.

Em telegrama de 23 de outubro, Mao detalhou esse plano apontando a margem para acomodação com norte-americanos e demais forças ocidentais na Coreia do Sul, ou seja, a possibilidade de abertura de negociações. O chanceler chinês Zhou Enlai definiu o objetivo chinês como o de estabilizar a guerra em direção a uma mediação.²²⁷

A revisão da participação soviética teve um impacto especial na convicção pessoal de Mao Tse-Tung, pois ele julgava que a combinação da qualidade subjetiva do soldado chinês com o material bélico soviético garantiria a vitória sobre as forças norte-americanas.²²⁸ Do ponto de vista militar, ele argumentou que as tropas americanas eram inferiores em termos de efetividade de combate porque, “embora possuam excelente equipamento moderno, seus oficiais e soldados não são adeptos de batalhas noturnas, combate corpo a corpo e cargas de baioneta”. Em contrapartida, as forças chinesas “tiveram uma rica experiência nos últimos dez anos na luta contra um inimigo com equipamentos modernos ... e são bons em combate corpo a corpo, batalhas noturnas, assaltos nas montanhas e cargas de baioneta”. Taticamente, as forças dos EUA não eram flexíveis, porque “os soldados americanos sempre se limitam aos limites dos códigos e regulamentos militares, e suas táticas são maçantes e mecânicas”. Por outro lado, as forças chinesas eram “boas em manobrar, flexibilidade e mobilidade e, em particular, boas em cercar e atacar os flancos do inimigo, fazendo cursos tortuosos, bem como dispersando e escondendo forças”.²²⁹

Tal crença foi baseada em um mito da superioridade tática chinesa, de fato um preconceito dos ocidentais, e em um conteúdo normativo particular de Mao sobre superioridade de qualidades subjetivas sobre objetivas da guerra.²³⁰ Mao constatava que os norte-americanos tinham mais baixo desempenho combatente que os alemães e japoneses.²³¹ Seja qual fosse esse entendimento, deve-se apontar que ele era eminentemente tático, e desconsiderava aspectos logísticos e estratégicos da intervenção chinesa. Tal perspectiva não era consensual no Politburo e Mao encontrou grande oposição para a manutenção da intervenção chinesa.²³² A principal consequência era sua integral e pessoal responsabilidade pelos resultados. Por isso, entre 18 de outubro a 8 de novembro de 1950, Mao encaminhou quase 50 telegramas ao comando das forças chinesas na Coreia, dando instruções sobre todos os aspectos da guerra, expondo-se à empreitada de micro gestão à distância e marginalização de Peng Dehuai como comandante.

As expectativas de que a Guerra Sino-americana pudesse atender outros objetivos políticos mais ambiciosos ascenderam no curso dos enfrentamentos no fim de 1950 e começo de 1951. Apenas com cumprimento das metas bélicas da “segunda ofensiva chinesa” – que União Soviética e China reformulam a orientação política da guerra para objetivos políticos positivos. Por um lado, Stalin passou a ambicionar que a Guerra da Sino-americana pudesse realmente evoluir para mais que uma escaramuça e se tornar numa campanha preparatória para uma última guerra de constru-

²²⁷ CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 137–140; GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 179; JIAN. *The Sino-Soviet Alliance and China's Entry into the Korean War*, p. 33.

²²⁸ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 224; HU, Wanli. *Mao's American Strategy and the Korean War*. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2005, p. 37, 40.

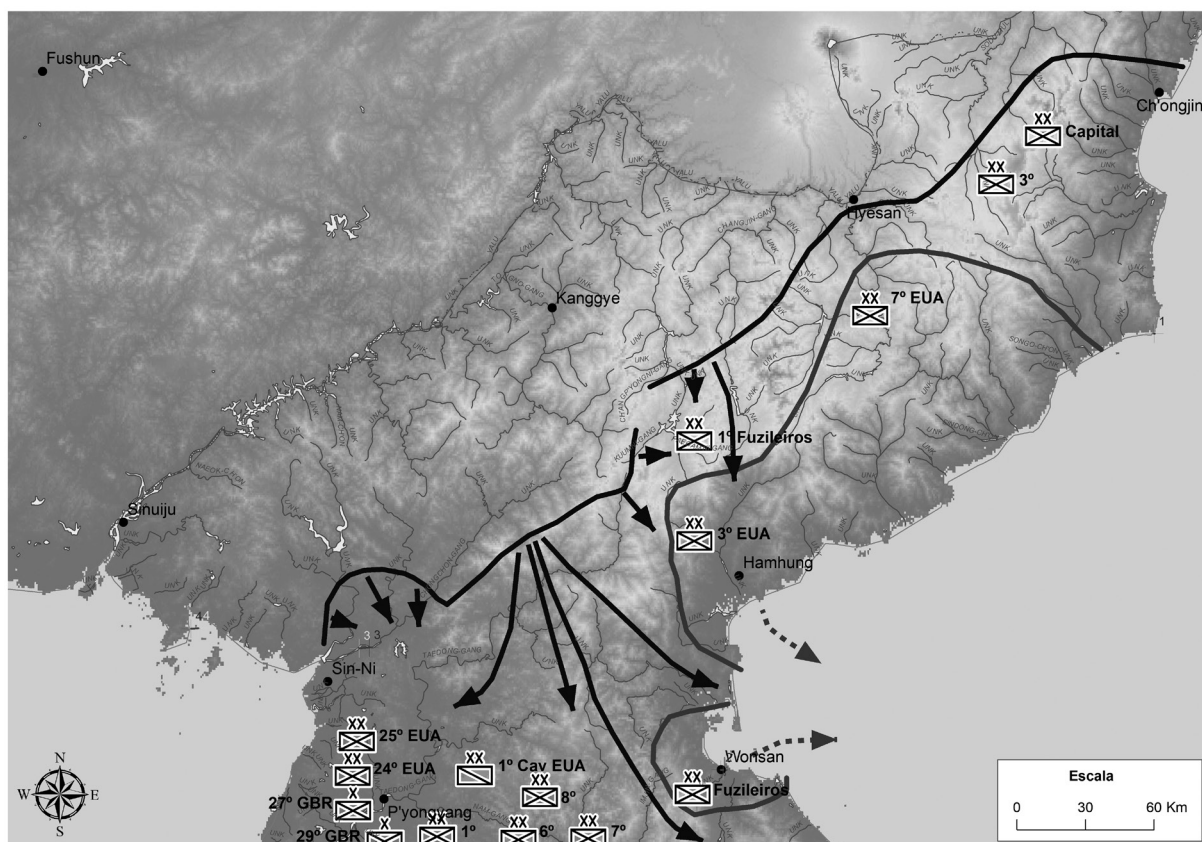
²²⁹ ROE. *The Dragon Strikes*, p. 78.

²³⁰ Essa era uma concepção similar à de doutrinas europeias entre o fim do século 19 e a Primeira Grande Guerra, justamente aquela leitura que fundamentaria a educação de Mao-Tse-Tung. GONCHAROV, LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, 1995, 203; ZHANG. “Mao Zedong und Carl von Clausewitz: Theorien des Kriegeres, Beziehung, Darstellung und Vergleich”, p. 85.

²³¹ BI. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, p. 260–263.

²³² JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 209, 218–219.

ção da primazia soviética sobre o Ocidente. Por outro lado, Mao passou a ambicionar que a China tinha condições de meios na Coreia – próprias e sem maior dependência do arsenal soviético – para alterar seu status quo internacional.



MAPA 4.1– A OFENSIVA CHINESA DE 25 DE NOVEMBRO A 24 DE DEZEMBRO DE 1950

FONTE: o autor

O envolvimento pessoal de Mao tornou pouco objetivo e distanciado do fogo de batalha, afetando seu julgamento e decisões políticas e estratégicas posteriores.²³³ Em telegrama de 21 de novembro, ele dava orientações a Peng que alteravam o emprego das forças chinesas na Coreia: as forças chinesas não deveriam ser mais posicionadas em defesas estáticas e deveriam tomar a ofensiva. Peng questionou se essa instrução era praticável e sugeriu ataques seletivos a partir de uma posição defensiva bem estabelecida. Mao insistiu em uma defensiva estratégica baseada apenas em enfrentamentos ofensivos, e assim seria conduzida a “segunda ofensiva chinesa” a partir de 25 de novembro – que, de fato, foram enfrentamentos ofensivos de uma defensiva estratégica tendo em vista a consolidação de um perímetro defensivo ao norte da Coreia do Norte.

Como consequência diplomática desses embates, houve o primeiro contato realizado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas convidando a China a esclarecer seus objetivos com

²³³ JIN KYUNG KIM. “The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry” (University of Hawai’i, 1996), 279.

relação à Coreia, no dia 8 de novembro. A resposta ocorreu de maneira sincronizada com a “segunda ofensiva chinesa”. Até então não era claro o estado de beligerância chinesa e o convite para sua participação extraordinária seguiu em reação ao relatório de MacArthur de 6 de novembro sobre o contato com soldados chineses nas semanas anteriores.²³⁴ Para maximização de suas declarações nas Nações Unidas, a delegação chinesa chegou à Nova York no dia anterior ao início de sua contraofensiva e o primeiro discurso oficial do chefe de sua delegação, general Wu Xiuquan, ocorreu quatro dias depois, quando se tinha os primeiros resultados dos enfrentamentos. Assim, no dia 28 de novembro, a representação chinesa tinha uma posição de força e encontrava as representações dos países membros da coalizão das Nações Unidas na Coreia em choque. Isso foi certamente arquitetado para que essa declaração alcançasse o maior impacto possível.

O general Wu denunciou os Estados Unidos como agressores do território chinês e pela intervenção na Coreia. Ele informou que o desejo do povo chinês era por um fim negociado das hostilidades e era inclinado a uma solução das questões domésticas coreanas pelos próprios coreanos. Por isso, recomendava a retirada de todas as forças estrangeiras da península e que a guerra fosse resolvida entre os coreanos.²³⁵ Portanto, inicialmente, a posição inicial da China era defensiva e sua perspectiva ideal para a Guerra Sino-americana era uma neutralização da crise. Nesse primeiro momento, a missão da delegação chinesa era dar maior publicidade possível à posição chinesa e prolongar as negociações até que a contraofensiva chinesa chegasse ao seu término.

A presença chinesa no Conselho de Segurança teve impacto internacional e foi considerada um sucesso por Mao. O ponto importante aqui é que por inabilidade diplomática própria e pela influência soviética, os chineses desenvolveram posições impossíveis de acomodação com os Estados Unidos. Não coincidentemente, é justamente no mesmo dia 28 de novembro que se tem registrado a comunicação final de Mao para Peng com um novo tom na orientação na conduta da guerra ao demandar o aniquilamento de divisões norte-americanas para resolução da questão coreana.²³⁶

É importante considerar a influência de Stalin no desenho dos próximos estágios da intervenção chinesa e de seus representantes na orientação dos chineses nas Nações Unidas. Por influência soviética, a China recusou ou dificultou todas as opções de negociação diplomática, inclusive aquelas que lhe davam vantagem política. As representações soviéticas e chinesas articularam suas ações levando em conta a não concessão norte-americana as suas demandas. A intenção, em última instância, era que os Estados Unidos rompessem as negociações para elevar a pressão internacional contra sua presença na Ásia e mesmo seu prestígio junto a seus aliados asiáticos e europeus. Mas o resultado último disso era que os termos para o cessar-fogo de Mao eram tomados como absolutos e evitavam qualquer acomodação entre China e o Ocidente possível,²³⁷ enquanto a contraofensiva chinesa tornava-se integralmente em uma ofensiva.

²³⁴ BARNES, Robert. Branding the Aggressor: The Commonwealth, the United Nations and Chinese Intervention in the Korean War, November 1950-January 1951, In: CASEY, Steven (Org.). **The Korean War at Sixty: New Approaches to the Study of the Korean War**, New York: Routledge, 2012, p. 74.

²³⁵ PINGCHAO ZHU. “The Road to an Armistice An Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953” (Miami University, 1998), 28. Disponível em: http://www.worldcat.org/title/road-to-an-armistice-an-examination-of-the-chinese-and-american-diplomacy-during-the-korean-war-cease-fire-negotiations-1950-1953/oclc/43036393?referer=list_view. Acesso em: 3 fev. 2019.

²³⁶ KIM. “The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry”, 282.

²³⁷ Ver ZHU. “The Road to an Armistice an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953”, 32, 34, 38, 41 e 55.

A coordenação entre as operações militares chinesas na Coreia e as ações diplomáticas nas Nações Unidas criava uma oportunidade única e jamais antecipada por Stalin. Ela enfraquecia a posição norte-americana e criava novas frentes e oportunidades para avanço soviético na Eurásia. Algo que a União Soviética nunca desfrutou antes em fóruns internacionais e que Stalin desejava prolongar o máximo possível. Por isso, sua delegação soviética manipulou a comitiva chinesa a recusar qualquer comprometimento, mesmo aqueles que lhe davam em troca amplos ganhos e condições de barganha.

No dia 7 de dezembro, o embaixador indiano em Pequim, Sardar Panikkar, encaminhou ao Vice-Ministro de Relações Exteriores chinês, Zhang Hangu, um memorando com o apoio de outras 12 nações árabes e asiáticas a ser submetido nas Nações Unidas. Este propunha a abertura de uma conferência internacional que incluía a retirada de forças estrangeiras da Coreia, a jurisdição e retirada dos Estados Unidos de Taiwan e a inclusão da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Zhang Hanfu desconsiderou o memorando, apontando que a retirada das forças estrangeiras da Coreia e dos Estados Unidos de Taiwan como requisitos para o cessar-fogo. No dia 8 de dezembro, a Índia tentou um segundo contato, em escalão mais baixo, entre o conselheiro Triloki Kaul e o vice-diretor-geral chinês do Departamento de Assuntos Asiáticos, Chen Jiakang, para esclarecimento das vantagens do memorando. Enquanto o chinês não compreendia a falta de uma condenação ou oposição da agressão norte-americana imediata, o diplomata indiano explicava que a situação estratégica chinesa era de grande vantagem e deveria ser explorada diplomaticamente. Portanto a abertura de negociações e o cessar-fogo não deveriam ser vistos como um sinal de fraqueza. No dia 12 de dezembro, Panikkar conseguiu se encontrar com Zhou Enlai, ministro de Relações Exteriores chinês, que queria avaliar qual seria a reação norte-americana e das Nações Unidas.²³⁸ Mais do que um país neutro, a Índia atuava inclinada a favorecer a situação chinesa, por isso insistiu em esclarecer aos chineses as imensas vantagens que o encaminhamento proposto oferecia.

Nas Nações Unidas, a orientação de Moscou era que sua representação deveria opor a inclusão de qualquer resolução do comitê de cessar-fogo na agenda de debates no Conselho de Segurança, e que a representação chinesa deveria ser orientada na Assembleia Geral. A apreensão de Stalin era que a China fosse moderada ou isolada por uma maioria de países que eram simpáticos aos norte-americanos e britânicos. Adicionalmente, na Assembleia Geral não se aplicava o veto soviético, por isso acordos poderiam ser firmados além de seu poder de interrupção. Dessa maneira, a União Soviética buscou limitar o envolvimento chinês nas Nações Unidas ao Conselho de Segurança.

Ademais, é interessante notar como a União Soviética controlava qualquer formulação diplomática chinesa. Zhou Enlai não apenas se consultou com Moscou antes de se encontrar com o embaixador indiano Panikkar, como no dia seguinte ao encontro, em 13 de dezembro, era Jacob Malik, embaixador soviético na Conselho de Segurança, que reproduziu o conteúdo das conversas entre Panikkar e Zhou como condições chinesas para o início das negociações de cessar-fogo²³⁹:

- A retirada das tropas das Nações Unidas da Coreia;
- A retirada da 7ª Frota dos Estados Unidos da área de Taiwan;
- A inclusão da China como membro das Nações Unidas.

²³⁸ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 192–193.

²³⁹ ZHU. "The Road to an Armistice: an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953", 29–30.

Desde então, a delegação chinesa passou a expressar que não poderia participar de novas negociações enquanto as condições do discurso de Malik não fossem atendidas. O discurso de Malik fazia parte de uma ofensiva diplomática soviética a fim de neutralizar as sanções desejadas pelos Estados Unidos. De maneira também combinada, foi no dia 13 de dezembro que se tem a primeira comunicação de Mao a Peng cobrando a ultrapassagem do paralelo 38° pelas forças combatentes chinesas, como forma de maximizar a situação de fragilidade diplomática e estratégica dos Estados Unidos.²⁴⁰ Inicialmente, Mao apoiava o plano original de manter as forças chinesas ao norte do paralelo 38° até a primavera de 1951, quando as deficiências logísticas tivessem sido supridas e ter-se-iam melhores condições climáticas para as operações. Originalmente, “a terceira ofensiva” seria uma campanha defensiva servida também de enfrentamentos ofensivos. Considerava-se a possibilidade de extremo prolongamento das linhas de comunicação chinesas e a possibilidade de fortalecimento das forças das Nações Unidas à medida que recuassem. Portanto, a travessia para o sul do paralelo 38° seria apenas como demonstração de força, e não se antecipava a captura de Seul.²⁴¹

Em 14 de dezembro, houve uma última tentativa na Assembleia Geral de um comitê de cessar-fogo formado por Canadá, Irã e Índia.²⁴² Esse comitê tripartite fez contato com Pequim pedindo autorização para uma visita à China com a proposta de negociações e estabelecimento de uma zona desmilitarizada a partir da borda sul do paralelo 38°. A resposta de Zhou Enlai, da mesma maneira que antes, sob as instruções de Stalin, foi de que a China reconhecia tal comitê como ilegal e reforçou os itens anteriores como pré-requisitos para o cessar-fogo.²⁴³ No dia seguinte, em 15 de dezembro de 1950, sem perspectiva de alteração dos parâmetros de atuação da delegação chinesa, esta decidiu abandonar as negociações e sua representação nas Nações Unidas.²⁴⁴

Daí em diante, a representação soviética monopolizou o papel de porta-voz da coalizão comunista nas Nações Unidas. Stalin estancava qualquer inclinação pela acomodação chinesa e argumentando que os chineses precisavam ter mais paciência e a pressionar por suas demandas assim que novos resultados estratégicos fossem alcançados. Ele apontava que a liberação de Seul seria o momento ideal para tal.²⁴⁵ Por isso que, diante desse contexto diplomático considerado favorável, Stalin pressionava Mao e Peng na condução das operações ofensivas que “libertassem Seul”.

A retirada chinesa das Nações Unidas reduziu o impacto moral ou normativo da posição comunista, mas ela atendia o objetivo soviético de postergar, se não inviabilizar, o entendimento entre chineses e norte-americanos. Nesse momento, a China tinha condições de realizar, pelo menos, todos os seus objetivos originais nas Nações Unidas, e possivelmente encerrar a guerra. Mas esse não era o interesse de Stalin que continuou a pressionar pela continuidade da ofensiva ao sul do paralelo 38°. Como incentivo, foi a partir desse momento que Stalin cedeu às pressões norte-coreanas

²⁴⁰ KIM. *The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry*, p. 282.

²⁴¹ FARRAR-HOCKLEY. *The British Part in the Korean War*, p. 15.

²⁴² A Assembleia-Geral tentou incorporar funções mais executivas do Conselho de Segurança, a partir da resolução ‘Unidos pela Paz’ de 3 de novembro, mas que foram vetadas por norte-americanos e soviéticos. GOODRICH, Leland Matthew. *Korea: a Study of U. S. Policy in the United Nations*, Washington: Council on Foreign Relations, 1956, p. 178–180.

²⁴³ GOODRICH, 159; ZHU. “The Road to an Armistice an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953”, 44–45.

²⁴⁴ KAUFMANN. *The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command*, 114–15; ZHU. “The Road to an Armistice an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953”, 40–45.

²⁴⁵ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 355.

e chinesas por transferência de mais material bélico e, mais importante, a partir de quando a força aérea soviética passou se envolver na guerra.²⁴⁶

Esse cenário que elevou as expectativas de Mao Tse-Tsung a rever toda orientação e prudência políticas para a guerra com os Estados Unidos. Ele adotou o entendimento de conquistar seus objetivos políticos a partir de uma ofensiva chinesa imediata. Isso porque se as forças dos Estados Unidos cumprissem as diretivas de cessar-fogo e estancassem seu avanço em torno do paralelo 38°, tal posicionamento por meses daria condições para que elas estabelecessem boas medidas defensivas que poderiam neutralizar qualquer vantagem futura chinesa e prolongaria a guerra a uma prostração, inaceitável para suas condições logísticas daquele momento. Mao estimou que as possibilidades de ganhos, assim como a correlação de forças, eram maiores em janeiro de 1951 do que meses depois. Certamente, ele operava um cálculo de probabilidades e um blefe ao alterar as metas bélicas e desenhá-las a “terceira ofensiva” como a primeira e real ofensiva chinesa.

Em 29 de dezembro, ele esclareceu Peng Dehuai que as forças chinesas tinham que atravessar o paralelo 38°, pois ele entendia que a principal razão para a Declaração Asiática era ganhar tempo para as forças norte-americanas se reagruparem para novas ofensivas. Se as forças chinesas se mantivessem estancadas ao norte do paralelo, elas estariam em grande desvantagem política e não aproveitariam o momento de fragilidade moral das forças norte-americanas.²⁴⁷ Dessa maneira, a ofensiva planejada para ocorrer seis meses após o envolvimento chinês – ou seja, em abril – era antecipada em quatro meses e para atendimento de novos e mais ambiciosos objetivos políticos.

Mao reformulou as metas bélicas para exploração da inerente superioridade tática chinesa e atual vantagens estratégica e diplomática. Ele apontou uma nova meta bélica, suas condicionantes táticas e as implicações estratégicas e diplomáticas. A meta bélica passava ser a destruição das forças norte-americanas e sua expulsão da Península Coreana (e não apenas da Coreia do Norte). Para tal, era necessário usar a vantagem de operações noturnas para destruí-las e sitiá-las às grandes cidades. Isso daria tempo para que os chineses adquirissem artilharia e aviões, permitindo que se abrissem negociações em condições possíveis de uma guerra prostrada. Essa nova meta implicava na preparação contra uma declaração de guerra norte-americana à China, que resultaria em ataques aéreos e bloqueio naval. Essas operações não se desenvolveriam para um grande conflito, mas teriam a meta de impor sofrimento e desgaste da vontade chinesa de seguir intervindo na Coreia. Por fim, ele considerou a possibilidade de uma maior simetria entre as duas coalizões que levaria à estagnação que anteciparia a eventualidade de uma “guerra estática”. Nesse caso, existia a necessidade de mobilização total da economia chinesa, o que tinha efeito político desejado de justificar a extensão de seu controle pelo Politburo.

As condições diplomáticas e estratégicas associadas ao combustível soviético levaram Mao a decidir pela alteração do curso da conduta da guerra chinesa. Os chineses deveriam assumir o risco de iniciar uma ofensiva estratégica integral, que traria ganhos de uma ou de outra forma. Ou ela traria vitória decisiva, ou ela traria vantagens adicionais caso a guerra atingisse um estágio de estagnação. Mao passou a pressionar seu comandante para que se explorasse a janela de oportuni-

²⁴⁶ Stueck (2002, 140) aponta que a partir desse momento as forças das Nações Unidas passaram a abater e identificar caças e pilotos soviéticos, mas que isso foi mantido em sigilo do público.

²⁴⁷ KIM. “The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry”, 282; ZHU. “The Road to an Armistice: an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953”, 48-51.

dade de capturar Seul e destruir o máximo possível de forças sul-coreanas e norte-americanas ao mesmo tempo. E essas foram as metas bélicas da “terceira ofensiva chinesa”, com início na noite de 31 de dezembro de 1950, apenas uma semana após da conclusão da “segunda ofensiva”.

O comandante Peng indicou que a melhor forma de realização dos objetivos chineses era direcionar um golpe à região central da península, pelo eixo por meio da cidade de Wonju, aproveitando a fraca disposição do X Corpo-de-Exército norte-americano a leste, desde a sua retirada dramática de Chosin Reservoir, o que permitiria flanquear o Oitavo Exército a oeste, que recuaria e possivelmente cederia em um segundo momento Seul.

As previsões de Peng foram corretas, e no dia 4 de janeiro, as forças chinesas ocuparam Seul e as forças do Oitavo Comando dos Estados Unidos se posicionaram ao sul do rio Han, inclusive com a destruição das principais pontes de acesso entre as suas margens. O principal resultado disso foi que, no dia 11 de janeiro de 1951, o Grupo de Cessar-Fogo da Assembleia-Geral aprovou uma resolução que, além do cessar-fogo, propunha a retirada gradual das forças estrangeiras da Coreia e a realização de uma conferência entre Estados Unidos, China e União Soviética para discussão das questões do Extremo Oriente, incluindo aquelas relacionadas a Taiwan e à inclusão da China comunista nas Nações Unidas. Extraordinariamente, essa resolução tinha o endosso dos Estados Unidos, que o fez com a “fervorosa esperança e crença que os chineses a rejeitariam”.²⁴⁸

Mas esse não era o interesse de Stalin que continuou a orientar a conduta diplomática chinesa e pressionar pela continuidade da ofensiva ao sul do paralelo 38°. Ou seja, mais uma vez, Zhou Enlai pediu orientação de Stalin antes de uma decisão. Ele ofereceu a sugestão de que se deveria recusar a proposta, e continuar na definição de propostas impossíveis de aceitação pelos Estados Unidos, forçando-os a romper as negociações. O argumento produzido por Zhou com a orientação soviética era que a proposta seguia o princípio “cessar-fogo primeiro, negociar depois”, o que ele acusava como inviável para uma paz genuína. Ele elevou o tom demandando que quaisquer negociações fossem realizadas na própria China.

Nesse momento, a China tinha as melhores condições possíveis – diplomáticas e estratégicas – para a conversão à defesa. Mas não o fez. De um ponto de vista político, existiam duas razões principais. Primeiro, a dependência chinesa de toda e qualquer deliberação diplomática do aval soviético. Para além da consciência e certa submissão, as consultas de Zhou Enlai a Stalin, e não a Mao, criaram um descompasso político entre as situações estratégicas e diplomáticas. Ao que tudo indica, Mao concedeu a Zhou as negociações para se concentrar na microgestão à distância das forças chinesas na Coreia, abrindo mão, portanto, de cumprir um papel muito mais importante: a defesa dos interesses chineses dos soviéticos. Segundo, a ambição de Mao não se contentava com a retenção de posições e defensivas mesmo depois da tomada de Seul e continuou-se a ofensiva chinesa por mais dez dias ao sul do paralelo 38° e se iniciou a preparação para mais uma e grande ofensiva entre abril e maio de 1951. Mao foi contra a recomendação de seus generais que recomendaram contra uma ofensiva próxima ao período de chuvas na Península Coreana, sem a preparação necessária e pela busca de metas que desgastariam as forças chinesas. Ainda assim, no dia 14 de janeiro, ele urgia a preparação de mais uma ofensiva para abril e maio de 1951, a fim de resolver “fundamentalmente a questão”.²⁴⁹

²⁴⁸ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 196.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 197.

A resultante disso, é que, nesse momento, de um ponto de vista diplomático, *Mao tinha amplas condições de realizar todos os seus objetivos, e possivelmente encerrar a guerra*. Ademais, de um ponto de vista estratégico, Mao tinha que ter levado em conta o ponto culminante da vitória. Ou seja, ele tinha que ter considerado se as forças chinesas tinham condições de serem convertidas e sustentarem uma posição defensiva contra uma contraofensiva norte-americana.²⁵⁰ Seja durante o preparo para a ofensiva da primavera, seja no caso do fracasso desta. Diferente disso, ele não fez nenhuma dessas considerações e, de fato, as negligenciou e rebateu as feitas por seus generais. *As orientações políticas – diplomáticas e estratégicas – de Mao Tse-Tung a partir de janeiro de 1951 condenaram o sucesso da conduta da guerra chinesa contra os Estados Unidos*.

Nesse sentido, torna-se tarefa do restante livro corroborar a assertiva de que a continuidade da ofensiva chinesa após janeiro de 1951 degradou suas condições de sucesso nessa guerra, bem como buscar causas adicionais que expliquem por que a China não converteu suas forças para uma defensiva estratégica nesse momento.

4.3 AS POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS DOS ESTADOS UNIDOS

Em guerras limitadas, uma ofensiva estratégica serve de igual maneira a objetivos políticos positivos e negativos. Geralmente, ela pode incrementar as condições de barganha de um lado, e exaurir as condições do adversário de resistência nas negociações alterando o status quo de vantagens ao seu favor. Ela também pode ser aplicada contra as forças combatentes com a meta de evitar que o oponente possa alterar suas condições de vantagem anteriormente conquistadas.

Ao contrário de defensivas estratégicas, existe a necessidade de condução de ofensivas na inversa proporção que se tem mais recursos de barganha que o adversário. Ou seja, quanto mais forte é um lado na mesa de negociações, menos ele terá que conduzir ofensivas e poderá, assim, conservar suas forças de maneira a preservar tal status quo de vantagens. É o lado sob pressão na mesa de negociações que precisa buscar iniciativas de enfrentamentos que produzam resultados políticos que compensem essa vantagem diplomática do oponente e deteriore seus meios de força.

Portanto, o emprego de ofensivas advém, em primeiro lugar, de uma necessidade de produção de vantagem no equilíbrio de forças que afete o equilíbrio diplomático entre dois lados. A expectativa teórica é, em primeiro lugar, que ofensivas sejam conduzidas principalmente pelo lado em condições de desvantagem diplomática, pois ele precisa reverter o equilíbrio de forças ou ceder aos termos políticos do oponente. Em segundo lugar, dependendo das negociações em curso, o lado em vantagem estratégica poderá desejar ampliar essas condições se elas não forem suficientes para imposição ou conclusão da negociação. Ou seja, em razão de condições de simetria de barganha, pode existir a paralisação ou indefinição das negociações, demandando mais recursos de barganha produzidos a partir de operações no teatro de operações.

Neste último caso, deve-se considerar o risco de uma ofensiva em razão de sua gramática ser inerentemente desgastante. Em especial no caso de guerras limitadas, os recursos de forças e valor político dos objetivos são limitados e, conseqüentemente, são mais próximos os limites entre as condições de vantagens e os pontos culminantes do ataque e da vitória. Deve-se considerar, portanto,

²⁵⁰ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 207.

a viabilidade da empreitada porque se ela for sem sucesso e demasiadamente custosa em meios combatentes, isso poderá acarretar em ainda mais vantagens a favor do oponente.

As metas bélicas de uma ofensiva em uma guerra limitada envolvem: (i) a reconquista de territórios próprios sob posse do oponente, enfraquecendo ou anulando seus usos por ele como recursos de barganha; (ii) a conquista de territórios de valor para o oponente e que possam ser permutados na mesa de negociações; (iii) a destruição local de forças combatentes do oponente para realização das metas (i) e (ii); (iv) a expansão da guerra para regiões ou meios de combate que aumentem o desgaste relativo das capacidades físicas e morais das forças combatentes do oponente, ou seja, a imposição de uma taxa de perdas relativas que aumentem o custo do oponente continuar mais lutando que negociando.

As primeiras três metas envolvem o tipo de estratégia de prostração, enquanto o último o tipo de estratégia de desgaste. As metas do primeiro tipo são mais comuns pelo lado em condição de vantagem e que deseja manter ou aumentar suas condições de barganha. A meta do segundo tipo de estratégia é mais comum pelo lado em condições de desvantagem na mesa de negociações e no teatro de operações. Isso porque, por um lado, de um ponto de vista amplo da arte da guerra, o lado na defensiva pode produzir novas forças, alinhar com novos aliados ou realizar medidas diplomáticas e combatentes limitadas que rompam alianças do adversário.

Por outro lado, de um ponto mais restrito da conduta da guerra, a condução de ofensivas em condições estratégicas de desvantagem demanda enfrentamentos em condições, muito provavelmente, também de desvantagem tática na busca das metas (i) a (iii). Pois, enfrentar um lado mais forte e/ou mais bem posicionado é um prospecto de difícil sucesso. Isso demanda, antes, uma série de enfrentamentos para redução de sua vantagem estratégica. Assim, a meta (iv) deverá ser delimitada como uma primeira meta bélica para criação das condições para a realização das outras três, a serem perseguidas ao passo que se equilibra a correlação de forças.

A expectativa que se produz a partir da Teoria da Guerra para os Estados Unidos na Guerra Sino-americana é a condução de uma ofensiva de desgaste de forças combatentes chinesas e norte-coreanas segundo a meta (iv). Apenas após a reversão da desvantagem na correlação de forças que se tornaria mais viável a realização das metas (i) a (iii). Ou seja, a recuperação de posições importantes para os Estados Unidos, a tomada de posições importantes para a China ou de áreas com terreno que favorecessem taticamente as forças combatentes norte-americanas em enfrentamentos defensivos, até o momento que se auferisse vantagem estratégica suficiente para barganha na mesa de negociações.

No contraste dessas expectativas a partir da Teoria da Guerra com os fatos históricos, que se analisam as decisões tomadas desde dezembro de 1950. Existia indefinição de objetivos políticos e metas bélicas por parte dos Estados Unidos com relação à Coreia e mesmo à Guerra Fria. A intervenção da China provocou o surgimento de novas condições políticas e estratégicas que elevaram o ambiente de incerteza e a inclinação psicológica derrotista dentro dos Estados Unidos. Os fins políticos a serem perseguidos pelos Estados Unidos na Guerra Sino-americana foram definidos de maneira gradual e a partir do momento que se ganhou confiança da capacidade combatente das forças norte-americanas em reverter a situação no teatro de operações. Inclusive porque, como se pode concluir no capítulo seis a oito adiante, suas condições logísticas eram bastante superiores às aquelas disponíveis pelas forças combatentes chinesas. Portanto, existiam meios suficientes para serem utilizados na produção de resultados estratégicos positivos.

No entanto, deve-se deixar clara a discrepância entre as expectativas teóricas e as decisões tomadas. No caso dos Estados Unidos, não exista e não se foi capaz de formular um plano de guerra contra a China na Coreia. Não existia um plano de defensiva estratégica para resistência às forças chinesas e as forças norte-americanas seguiram desarticuladas em um recuo desarranjado e sem metas bélicas a partir de novembro de 1950. O Comando do Extremo Oriente passou a operar por inércia. Embora se esboçasse ataques contra o território chinês, executaram-se as medidas e os planos operacionais que existiam previamente a Guerra entre as Coreias – ainda que fossem possivelmente anacrônicos – como os planos operacionais para: evacuação da Coreia do Sul, o envio de seu governo para o exílio e as atividades preparatórias para reforço da proteção do Japão. Tais desorientações políticas e estratégicas deram ampla margem para o sucesso da coalizão comunista, inclusive para além de suas estimativas mais positivas. Portanto, como seria avaliado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, os equilíbrios estratégicos e diplomáticos poderiam ser revertidos apenas aos custos de extensivas ofensivas contra as forças chinesas, de modo a pressionar diplomaticamente a China e rever seus objetivos políticos e aceitar algum tipo de comprometimento negociado.

Os objetivos políticos dos Estados Unidos na Guerra entre as Coreias era interpor a invasão norte-coreana e salvaguardar a Coreia do Sul de uma dominação comunista. Seu objetivo último era a manutenção do status quo da região. A partir do momento em que as condições estratégicas norte-americanas estavam amplamente favoráveis, entre setembro e novembro de 1950, houve uma mudança importante para metas bélicas de resultado político positivo. Estabeleceram-se: a destruição das forças norte-coreanas e a criação das condições necessárias para a unificação das duas Coreias sob Syngman Rhee. Portanto, as lideranças política e militar da coalizão das Nações Unidas também passaram a considerar objetivos mais ambiciosos em função de resultados no teatro de operações, da mesma maneira que a China faria meses depois. Isso deu grande margem para a ação autônoma de MacArthur.²⁵¹ Primeiro, sua ofensiva ao norte seguiu uma deliberação própria com concessão posterior de Truman. Segundo, após a defensiva chinesa de novembro de 1950 que rebateu as forças das Nações Unidas para o sul de Tokchon, MacArthur passou a pedir autorização para ataques aéreos ao território chinês e/ou abertura de um segundo teatro a partir de Taiwan, utilizando-se das forças chinesas nacionalistas de Chiang Kai-shek.

Essa extrapolação foi redimensionada aos objetivos políticos originais com a intervenção chinesa e reafirmados ao final da terceira – e real – ofensiva chinesa. A entrada da China na guerra fez com que o presidente dos Estados Unidos revisse – de fato, apresentasse pela primeira vez e de maneira cristalina e inequívoca – quais eram os objetivos políticos norte-americanos e seus parâmetros no contexto da Guerra Fria. No entanto, tal posicionamento por Truman não foi imediato, mas em reação às contradições e diferenças entre os grupos da burocracia norte-americana que paralisaram seu assessoramento em frente à crise. Portanto, a produção de objetivos políticos e metas bélicas claras e a imposição desses ao estamento militar não foi um processo linear, mas sujeito a reveses e não houve orientações de Washington para o Comando do Extremo Oriente até janeiro de 1951.

Com a debanda de suas forças, a primeira reação de MacArthur foi pânico e apenas em 8 de dezembro de 1950 ele enviou relatório mais comedido sobre sua situação na Coreia: ele apontava a superioridade dos números chineses, dificuldades na operação das forças norte-americanas e

²⁵¹ KAUFMAN. *The Korean War*, p. 60–61, 85–86, 96.

a recomendação por uma estratégia de desgaste. No entanto, não houve decisão em Washington sobre qual estratégia seguir, apesar do consenso de oposição contra qualquer concessão aos chineses enquanto as forças norte-americanas estivessem em retirada.²⁵² A primeira impressão apresentada pelo Departamento de Estado observou que os objetivos da China eram incertos e possivelmente maleáveis por meio das Nações Unidas e existia a possibilidade de explorar possíveis fissuras entre chineses e soviéticos. As mais prováveis metas chinesas seriam defender o rio Yalu e dar algum socorro a Kim-Il-Sung. Antecipava-se ainda que qualquer ação contra a Manchúria traria uma resposta militar total. Já a CIA estimava que a China tivesse em torno de 700 mil soldados entre a Manchúria e a Coreia do Norte e que seu objetivo seria a criação de uma área tampão ao sul do rio Yalu. Também estipulava que os chineses assumiriam o risco de escalada na proporção do apoio soviético e que dentro de 30 a 60 dias poderiam acumular meios para colocar as forças norte-americanas na defensiva. Por fim, a Junta de Chefes de Estado-maior (JCS) recomendou que não se precipitasse nenhuma negociação naquele momento de incertezas e concluíram que a China não queria uma guerra de grandes proporções e que não tinha força suficiente para expulsar as forças norte-americanas sem apoio das forças aéreas e navais soviéticas. Por fim, a Junta apoiava uma defensiva estratégica servida de enfrentamentos ofensivos e defensivos até que os objetivos chineses ficassem mais claros,²⁵³ mas julgava que a Coreia não era um teatro adequado para travar uma grande guerra.

Essas posições evoluíram para uma recomendação a favor de um cessar-fogo, porém os departamentos de Estado e de Defesa discordavam em quais termos. O primeiro inclinava-se a favor da continuidade da guerra, enquanto o segundo se inclinava para o abrandamento ou mesmo retirada das forças da Coreia para proteção do Japão. O fiel da balança foi o Secretário da Defesa George Marshall que passou a combater o sentimento de derrotismo que se instaurou entre os militares norte-americanos em Washington. Ele apontou que a situação na Coreia poderia ser contida, mas com as forças à mão, pois a 82ª Divisão Aeroterrestre era a única divisão em reserva e ela era *a única reserva* em caso de extensão da crise coreana para a Europa e o Oriente Médio. Qualquer deslocamento de novas divisões teria como prioridade o Ocidente e à Coreia seriam enviadas apenas reposições individuais de tropas e nenhuma nova divisão até março de 1951. Por fim, Marshall colocou-se contra qualquer ataque a Manchúria, o que trouxe o apoio da JCS e de toda corporação do Exército norte-americano, inclusive já com sugestões pela substituição de MacArthur no Comando do Extremo Oriente. A orientação decisiva de Marshall permitiu que o Secretário de Estado, Dean Acheson, recomendasse a revogação da resolução NSC 81/2 que propunha a unificação coreana. Em substituição, houve a orientação final de que não deveria haver cessar-fogo ou qualquer negociação nas Nações Unidas até que as forças na Coreia passassem a ter vantagem estratégica.²⁵⁴

A intervenção chinesa provocou a tomada de medidas com relação ao embate da Guerra Fria. Reforçou-se a coleta de informações sobre ações chinesas e soviéticas em outros teatros, reforçou-se as unidades aéreas e navais na proteção do Japão e se justificou a implementação da histórica resolução NSC 68, que previa o rearmamento militar norte-americano no contexto da Guerra Fria, e que vinha sendo impedida de ser executada até então por argumentos orçamentários. Até o

²⁵² MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 122.

²⁵³ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 313.

²⁵⁴ HERMES, Walter. *United States Army in the Korean War: Truce Tent and Fighting Front*, Washington: US Center of Military History, 1992, p. 59; KAUFMAN. *The Korean War*, p. 117-121; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 351, 358-359.

envolvimento chinês, tal resolução foi rechaçada no Congresso norte-americano. Por isso, a partir de sua aprovação em 15 de dezembro de 1950 que Truman declarou estado de emergência nacional e mobilização de crise.²⁵⁵

A intervenção chinesa também teve efeitos na unidade da coalizão das Nações Unidas, pois passou a existir divergências quanto à alocação de recursos para fazer frente à China e para subsidiar os esforços de reconstrução da defesa da Europa. O Reino Unido rapidamente tentou uma saída diplomática para encerramento da guerra e, na última semana de novembro, propôs a criação de uma área desmilitarizada entre a Manchúria e a Coreia do Norte e a formação de um comitê de negociação nas Nações Unidas com representação especial chinesa.²⁵⁶ Como reação a tal tendência entre seus aliados e os aliados da China nas Nações Unidas, os Estados Unidos acenaram de pronto que não barganhariam o reconhecimento da China comunista, Taiwan ou um assento permanente no Conselho de Segurança em troca da Coreia do Sul.²⁵⁷ De fato, tal orientação seguia menos uma convicção firme e mais uma posição de cautela de Truman como resultado da paralisia e falta de consenso entre os vários grupos do processo decisório norte-americano. Porém, de outro lado, Truman compreendia que uma guerra unilateral com a China comunista não teria apoio de seus aliados e enfraqueceria os mecanismos de segurança coletiva em processo de criação com as Nações Unidas e a Otan. Por isso, Truman tinha que impor controle sobre as operações militares também como maneira de sinalizar seu reconhecimento dos interesses dos países da Europa Ocidental, ainda fragilizados e suscetíveis à ruptura no caso de escalada da tensão com a União Soviética.

A primeira ação diplomática dos Estados Unidos foi principalmente para restabelecer a unidade entre seus aliados. Nesse momento, ainda não existia uma revisão dos seus objetivos políticos e propuseram no Conselho de Segurança uma resolução que condenava a intervenção chinesa e reforçava a determinação das Nações Unidas de permanecer na Coreia até sua unificação, que foi vetada pela União Soviética. A mesma proposta foi submetida na Assembleia Geral no dia 5 de dezembro de 1950. Apesar de ela ter tido outros cinco países como coautores e aprovada com o apoio computado de quarenta e seis membros, no mesmo dia, um bloco de treze países árabes e asiáticos submeteram uma resolução que cobrava a desmilitarização de toda região: a retirada de forças chinesas e das Nações Unidas, a Marinha dos Estados Unidos de Taiwan e o desarmamento das duas Coreias.²⁵⁸ A “Declaração Asiática”, como ficou conhecida, enfraqueceu a posição dos Estados Unidos em Nova York e Washington. Ainda assim, por perda de iniciativa e receio de alienar países aliados e amigos, o Departamento de Estado instruiu o apoio a ela, que foi aprovada em 13 de dezembro. Isso resultou em intensas pressões diplomáticas para que os Estados Unidos aceitassem um cessar-fogo. A resistência a essas pressões e a possibilidade de reverter esse cenário diplomático dependia do maior ou menor sucesso da contraofensiva chinesa desde então.²⁵⁹

Portanto, a formulação dos objetivos políticos norte-americanos para a Guerra Sino-americana evoluiu, primeiro, de uma agenda negativa daquilo que não era desejado pelos Estados Unidos

²⁵⁵ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 366-367.

²⁵⁶ KAUFMAN. *The Korean War*, p. 98-102.

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 113-114.

²⁵⁸ O Bloco era formado por: Afeganistão, Burma, Índia, Síria, Iêmen, Irã, Iraque Indonésia, Egito, Líbano, Paquistão, Filipinas e Arábia Saudita.

²⁵⁹ ZHU. “*The Road to an Armistice: an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953*”, p. 34-35.

nos teatros asiáticos e europeu e, apenas, posteriormente do que era positivamente desejado da guerra contra a China na Coreia. De uma maneira ou de outra, a decisão pela limitação da guerra foi voluntariamente decidida pelos Estados Unidos tendo em vista as condições relativas de forças, e não por imposição de seus oponentes e, mesmo, aliados.²⁶⁰

De um ponto de vista político, a percepção norte-americana dos chineses ao longo das conversações nas Nações Unidas era a pior possível. Primeiro, os diplomatas dos Estados Unidos censuravam as Nações Unidas como um fórum adequado para as negociações porque era distante demais das situações nos campos de batalha. Ademais, sua estrutura multilateral, em que aliados e terceiros países tinham poder de influência, diluía as condições de barganha norte-americana em correspondência a sua posição centralizada na coalizão das Nações Unidas na Coreia. Segundo, a representação diplomática da República Popular da China na pessoa do general Wu não deixava claro se o governo chinês ou o soviético eram os verdadeiros responsáveis pelo exército “voluntário” chinês, ou se apenas seu comandante imediato deveria ser reconhecido como a autoridade para falar por ele. Essa desvinculação era inaceitável para os norte-americanos, pois chineses e soviéticos faziam uso diplomático dos resultados estratégicos das ações dessas forças. Terceiro, o governo da China comunista não era reconhecido pelos Estados Unidos. Portanto, as negociações não poderiam ser desenvolvidas nas Nações Unidas porque a presença de uma representação chinesa conferia a China um reconhecimento implícito e gratuito, algo que os Estados Unidos evitaram conceder muito antes da Guerra Sino-americana. Era preciso, portanto, encontrar outra maneira de negociar com os chineses pelas Nações Unidas, mas fora dela. Quarto, os Estados Unidos não queriam ceder às pressões para negociação do panorama político da Ásia.²⁶¹

Em oposição a essa orientação política, entre dezembro de 1950 e janeiro de 1951, a posição da Junta de Chefes de Estado-maior e do general MacArthur consolidou-se a favor da retirada das forças da Coreia e reforço da defesa do Japão e ambos concordavam com preparações preliminares de uma cabeça-de-praia em Busan, antecipando a retirada. Na contramão desse pessimismo e levando em conta suas prerrogativas como comandante-de-campo a partir de 23 de dezembro de 1950, Matthew Ridgway confirmou que as forças combatentes norte-americanas tinham condições de estabelecer uma defesa em torno de Busan para uma cabeça-de-praia ou evacuação imediata. Porém, ele pedia esclarecimento e consideração sobre os riscos e a complexidade na execução de ambas as operações, principalmente da segunda.

Por fim, o Departamento de Estado foi decisivo em conter o movimento burocrático em Washington pela retirada. Recomendava a manutenção das forças na Coreia aplicando-se o máximo de pressão possível sobre as forças chinesas, mesmo considerando a não adição de novos contingentes. A apreensão do Departamento de Estado era o efeito da retirada na situação diplomática norte-americana nas Nações Unidas e na relação política com os aliados europeus. Aquela era a pior hora possível para concessões à China, em qualquer sentido, inclusive no militar. Se os Estados Unidos não poderiam vencer a guerra em um sentido convencional, também não deveriam deixar o oponente clamar tal coisa. Desde 21 de dezembro, Dean Rusk – o secretário-assistente de Dean Acheson para assuntos do Extremo Oriente – elaborava um memorando que definia objetivos limi-

²⁶⁰ COTTRELL, Alvin; DOUGHERTY, James. *The Lessons of Korea: War and the Power of Man*, In: **Korea and the Theory of Limited War**. Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 80.

²⁶¹ ACHESON, Dean. **The Korean War**. New York: WW Norton & Co Inc, 1969.p. 54, 56–57, 121; HAKON. **The First Year of Korean War: The Road toward Armistice**, p. 255.

tados para a guerra. Ele recomendou uma estratégia de desgaste das forças chinesas que forçasse o estabelecimento de um cessar-fogo em torno do paralelo 38°. Esse memorando foi discutido no Conselho de Segurança Nacional e estabelecia uma hierarquia decrescente de preferências:

- A guerra não deveria arruinar a economia dos Estados Unidos ou levar a opinião pública contra os conceitos de segurança coletiva e defesa avançada, sancionados pela ONU;
- A condução da guerra não poderia exaurir os recursos e forças necessários para a defesa da Europa Ocidental, a dissuasão nuclear e o provimento da reserva estratégica de forças convencionais nos Estados Unidos;
- A defesa do Japão não poderia ser colocada em risco na defesa da Coreia;
- Nem as batalhas, nem as negociações, poderiam aumentar o risco de uma guerra regional ou global com a União Soviética;
- Tal entendimento negociado com a China demandaria operações militares contínuas, limitadas na Coreia e se evitando ataques a bases chinesas e soviéticas;
- Dever-se-ia alcançar um entendimento negociado que preservasse a República da Coreia do Sul.²⁶²

De um ponto de vista político, os objetivos dos Estados Unidos convergiam para a preservação ou recuperação de um status quo político na Ásia, portanto, eles eram defensivos. E com essa orientação defensiva que um plano de guerra deveria ser formulado. Ele teria como finalidade última garantir que os comunistas não pudessem vencer uma guerra convencional regional. Por isso, dever-se-ia alcançar um cessar-fogo apenas diante das melhores condições militares possíveis. Exemplarmente, dever-se-ia encontrar uma posição no teatro que oferecesse as melhores condições de defesa do paralelo 38°, portanto não se restringia a possibilidade das forças das Nações Unidas tomarem posições defensivas ao seu Norte. Essas linhas gerais foram comunicadas ao MacArthur o dia 29 de dezembro de 1951.²⁶³

Essas orientações eram frontalmente questionadas pelo Comandante do Extremo Oriente, que se tornava ainda mais beligerante. Ele não se contentava com a anulação da meta de destruição das forças da Coreia do Norte e nem de restrição geográfica de suas operações. Pelo contrário, MacArthur insistia no emprego de forças da China nacionalista para abertura de um flanco estratégico no continente que escoasse o esforço chinês da Coreia; no uso das forças navais e aéreas contra o território chinês para sua punição; e pedia mesmo a consideração de armamentos nucleares no equilíbrio à horda humana comunista. Essas requisições foram encaminhadas a Washington oficialmente em 31 de dezembro de 1950. Na avaliação de MacArthur, e de parte da JCS, se o oponente era a China, os meios combatentes disponíveis na Ásia deveriam ser concentrados contra ela, em prejuízo ou economia de qualquer esforço a favor da Coreia do Sul a partir daquele momento.

A requisição pelo uso de armamento nuclear era a única requisição que recebia negativa automática de Washington, por três razões. Primeiro, a Junta e analistas civis julgavam que as guerras na Coreia eram parte de um estratagema soviético, deliberadamente formulado para que os Estados Unidos empregassem seus limitados recursos de armamentos nucleares, e estes tinham que ser poupados para o cenário de guerra europeia. Segundo, essa recusa foi orientada pelos relatórios dos comandantes norte-americanos que apontavam a inexistência de alvos adequados. Terceiro, os

²⁶² MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 122–123; MALKASIAN. *Toward a Better Understanding of Attrition*, p. 921–922; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 393–395.

²⁶³ MALKASIAN. *Toward a Better Understanding of Attrition*, p. 921–922; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 295, 365.

aliados dos Estados Unidos, em especial o Reino Unido, vetavam radicalmente, o que levou Truman a se comprometer formalmente que o arsenal nuclear não seria usado.²⁶⁴ O restante da resposta a MacArthur pela Junta foi formulada pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, general Lawton Collins. Na formulação de uma resposta que amadurecesse o novo plano de guerra, ele propôs três alternativas de curso de ação para o Conselho de Segurança Nacional:

- Continuar a guerra com restrições limitantes;
- Alargar e redirecionar o conflito, bombardeando a China continental, bloqueando a sua costa, e dando liberdade a atuação de Chiang Kai-shek para lutar na Coreia e no sul da China;
- Desenvolvimento de um de curso de ação que levaria à China a aceitar a permanecer ao norte do paralelo 38°.²⁶⁵

Truman requisitou que se avançasse na formulação de um plano que combinasse a primeira e terceira alternativas. Sua decisão era informada da posição política dos aliados norte-americanos, muito menos convictos e interessados numa guerra com a China do que com a Coreia do Norte, por isso tinham se tornando muito mais articulados a partir de então, principalmente a *Commonwealth* britânica.²⁶⁶ Por isso, enquanto os enfrentamentos fossem limitados aos territórios coreanos e contra um exército chinês sem bandeira, os Estados Unidos contariam com o apoio desses aliados. A decisão pela moderação na guerra com a China também era resultado de uma estimativa global. Truman estimava que havia uma condição de fraqueza do Ocidente, principalmente na Europa Ocidental. Por isso, enquanto a Otan estivesse sendo materializada de fato em termos combatentes, não poderia haver uma escalada na Ásia.²⁶⁷

Adicionalmente, existiam importantes desentendimentos na delimitação de parâmetros de *timing*, perdas e regras de engajamento. Não existia orientação doutrinária nos Estados Unidos de como produzir vantagem estratégica sem emprego progressivo e ofensivo da força. Essas dificuldades tornaram-se ainda maiores, pois justamente no Ano-Novo tinha início uma ofensiva chinesa. No entanto, em resposta a ela, Matthew Ridgway passaria a executar sua própria interpretação da situação na ausência de orientações políticas e estratégicas claras.²⁶⁸

No curso desse imbróglio, um comunicado a MacArthur foi expedido apenas em 9 de janeiro de 1951, e este continha as primeiras orientações estratégicas formuladas por Washington desde a entrada da China na guerra. Elas tinham três pontos principais:

²⁶⁴ HALPERIN, “*The Limiting Process in the Korean War*”, 99–100; HARUKI. *The Korean War: an International History*, 150. Em 7 de dezembro de 1952, a mobilização parcial da economia proveu uma ampla renovação do estoque de bombas atômicas táticas. Por conta disso, as restrições apontadas seriam afrouxadas e doze ogivas foram deslocadas e disponibilizadas.

²⁶⁵ FEHRENBACH, T.R. *This Kind of War: The Classic Korean War History – Fiftieth Anniversary Edition*, Dulles: Brassey’s, 2000, p. 272–273.

²⁶⁶ MOUNT; LAFERRIÈRE. *The Diplomacy of War*, p. 66, 72, 185.

²⁶⁷ FEHRENBACH. *This Kind of War*, p. 276; HAKON. *The First Year of Korean War: The Road toward Armistice*, p. 226–227.

²⁶⁸ As considerações sobre o desenvolvimento dos novos objetivos políticos de guerra e metas bélicas são ancoradas em MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, 2002, 122–23; MALKASIAN. “*Toward a Better Understanding of Attrition*”, 921–22, no entanto, com importantes ajustes. Em primeiro lugar, Malkasian apresenta inconsistências conceituais na sua formulação de “guerra de atrito” e “estratégia de exaustão” desenvolvida a partir de uma impossível harmonização entre a Teoria da Guerra de Clausewitz e a concepção de estratégia indireta de Liddell Hart. O principal resultado disso é que ele toma ambas como sinônimas e é incapaz de distinguir objetivos políticos de metas bélicas e ainda de tipos de estratégias. Em segundo lugar, Malkasian parece ser inconsistente na sua aplicação de seu conceito no caso da Guerra Sino-americana em termos cronológicos. Ainda que ele reconheça que o desenvolvimento dessa nova orientação política sofreu retrocessos, ele assume que uma assimilação precoce do Pentágono, que, de fato, foi imposta a partir de fevereiro de 1951 com importantes consequências sobre a estrutura da cadeia de comando dos Estados Unidos e expressão no debate público norte-americano.

- Havia pouca possibilidade de reforço das forças norte-americanas na Coreia;
- Desautorizava-se qualquer bloqueio ou atividade marítima na costa chinesa até a estabilização da situação na Coreia ou sua evacuação;
- Não se autorizava qualquer ataque ao território chinês, sem antes qualquer ataque anterior por forças chinesas a forças americanas fora do teatro coreano.

MacArthur considerava tais demandas contraditórias: uma resistência a uma potência militar sem escalonamento para uma grande guerra. Adicionalmente, não haviam sido dadas a ele instruções claras para condução das campanhas na Península Coreana.²⁶⁹ A contrariedade de MacArthur encontrava eco na própria Junta, que recomendava o escalonamento com a China, com ou sem a retirada da Coreia do Sul.

Portanto, a reunião ordinária do Conselho de Segurança Nacional do dia 12 de janeiro de 1951 foi fatídica porque seus membros eram informados dessa avaliação e da recusa chinesa à proposta de conferência sobre Extremo Oriente proposta pela Comissão de Cessar-Fogo das Nações Unidas em 11 de janeiro. O Conselho tinha três propostas de encaminhamento da guerra a partir de então. Além da proposta de escalonamento de MacArthur, já circulava rascunhos mais avançados da proposta de condução moderada de Rusk e ainda existia à mão a proposta anterior da Junta a favor da retirada das forças da Coreia e salvaguarda de um governo sul-coreano no exílio. O fiel da medida para a decisão presidencial foi o relatório de campo encaminhado também no dia 11 de janeiro por Ridgway que confirmava a capacidade combatente norte-americana. Ele era convicto que, com exceção de uma intervenção soviética, era possível infligir perdas significativas aos chineses. Por essa data, a ofensiva chinesa de Ano-Novo já se esgotava, em parte, por insuficiência logística de meios chineses, e, por outra parte, porque Ridgway já encaminhava uma estratégia de desgaste. Adicionalmente, ele já tinha ordenado a condução de patrulhas e formulava um plano de contraofensiva.²⁷⁰

Truman decidiu-se a favor do encaminhamento da proposta do Departamento de Estado, segundo a uma convicção clara sobre o contexto político internacional em que se encontravam os Estados Unidos. O medo de que os Estados Unidos pudessem alienar seus aliados europeus se atuasse vigorosamente na Ásia também se estendia para os países asiáticos, caso as forças de Chiang Kai-shek fossem usadas. Em razão das restrições orçamentárias anteriores, era claro que os Estados Unidos não estavam preparados para um choque direto com a União Soviética. Por isso, a Guerra Sino-americana tinha que ser rigidamente localizada.²⁷¹ A decisão de Truman era beneficiada dos contatos reservados da chancelaria dos Estados Unidos com escalões intermediários da China que ocorriam desde o dia 6 de janeiro. Tendo em vista à dificuldade de se produzir negociações minimamente produtivas nas Nações Unidas, os chineses responderam positivamente a esses contatos não oficiais. Foi por meio deles que os norte-americanos, pela primeira vez, passaram a ter alguma noção da composição da China comunista. Aprendeu-se que: os três principais grupos políticos chineses eram stalinistas, comunistas nacionalistas e nacionalistas não comunistas; que Mao não era stalinista mas um comunista nacionalista; que as condições domésticas chinesas para guerra eram precárias, seja em termos de apoio popular, seja de preparação para uma guerra de desgaste com os Estados Unidos; e, por fim, que a China vivia um dilema nas suas relações com a União Soviética.

²⁶⁹ KAUFMAN. *The Korean War*, p. 117–121.

²⁷⁰ BLAIR, Clay. *The Forgotten War: American In Korean, 1950–1953*. New York: Anchor, 1987, p. 621–624; MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 123.

²⁷¹ COTTRELL; DOUGHERTY. *The Lessons of Korea: War and the Power of Man*, p. 80.

A conclusão era que havia pouca margem de alteração nas condições de negociação com a China se se mantivesse sua relação subordinada à União Soviética nas Nações Unidas.²⁷²

Em execução da decisão presidencial, no dia 13 de janeiro, os Estados Unidos iniciaram uma ofensiva diplomática a fim de reverter a posição de desvantagem nas Nações Unidas. O bloco da *Commonwealth* submeteu uma segunda proposta de cessar-fogo aos chineses, que também foi recusada ao passo que eles ainda não tinham encerrado sua ofensiva.²⁷³ Isso provocou um mal-estar com relação ao apoio anterior exacerbado à China e favoreceu as articulações futuras para condenação de sua intervenção como uma agressão. Definitivamente, neutralizavam-se as Nações Unidas como o fórum de negociação entre chineses e norte-americanos, mas principalmente limitava-se a influência soviética.²⁷⁴

Concomitantemente, o plano de campanha de Ridgway recebeu apoio em Washington a partir das avaliações preliminares positivas de seus resultados e encerraria o impasse em Washington. Em 15 de janeiro, Ridgway iniciou uma operação de reconhecimento em força que abria sua contraofensiva – a Operação *Wolfhound* – que duraria até 17 de janeiro. Adicionalmente, a CIA informou o Conselho de Segurança Nacional que a geografia coreana era adequada para o tipo de conduta escolhida por Ridgway. Rusk reforçou essa estimativa positiva com a recomendação de que as forças das Nações Unidas deveriam impor máxima punição com o mínimo de perdas. Por fim, entre 15 e 19 de janeiro, Lawton Collins e Hoyt Vanderberg, visitaram o Japão e a Coreia e reportaram à Junta como adequadas às condições das forças combatentes norte-americanas sob Ridgway. A partir dessa constatação, ao fim de sua visita, eles entregaram em mãos uma carta presidencial a MacArthur que afirmava a decisão pela condução de uma guerra limitada. Truman tinha esperança que isso pudesse conter os impulsos de seu comandante, desde que resistia em substituí-lo, pois julgava uma má ideia em um momento de crise e pelo alvoroço certo que isso provocaria pelos Republicanos no Congresso.²⁷⁵ Por isso, se endossava o emprego de forças sul-coreanas, poder de fogo naval e aéreo, e em se dar mais importância à taxa relativa de baixas de que conquista de terreno.²⁷⁶

Beneficiados pelos resultados dessa ofensiva conduzida por Ridgway, os Estados Unidos pressionaram pela aprovação de uma resolução em 1 de fevereiro na Assembleia das Nações Unidas que classificava a China como nação agressora.²⁷⁷ A razão dessa ação diplomática era clara: a inviabilização das Nações Unidas como o espaço para as negociações de cessar-fogo e a limitação da crise sino-americana à Coreia e aos comandantes das forças em oposição.²⁷⁸ No entanto, Rusk

²⁷² ZHU. *The Road to an Armistice: an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953*, p. 75–80.

²⁷³ MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 122–123; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 313, 316.

²⁷⁴ ZHU. *The Road to an Armistice an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953*, cap. 1.

²⁷⁵ KAUFMANN. *The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command*, p. 117–121; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 351, 358–359.

²⁷⁶ MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 125; TUCKER, Spencer. *Encyclopedia of the Korean War: A Political, Social and Military History*, New York: Checkmark Books, 2002, p. 168–169.

²⁷⁷ KAUFMAN. *The Korean War*, p. 133–138.

²⁷⁸ Esse é um cálculo norte-americano que Kaufman não reconhece e não entende. Portanto, ele critica tal ação diplomática como a eliminação pela administração Truman de qualquer possibilidade de uma acomodação antecipada com a China. Ele entende que a China era um país invasor mas relutantemente e que era ansioso por uma solução aceitável pelo Ocidente. Para a sua crítica ao encaminhamento norte-americano em 1951, ver: KAUFMAN, 1986, p. 138.

apontava a necessidade de se alcançar um cessar-fogo logo que possível, caso contrário os apoios internacional e popular conquistados com os recentes sucessos diplomáticos se esvaneceriam.²⁷⁹

Com o amadurecimento dessa coordenação entre ações diplomáticas e militares, publicou-se em 11 de fevereiro a deliberação definitiva – e inovadora para o contexto norte-americano – das orientações políticas e das metas diplomáticas e bélicas que produziriam um cessar-fogo dentro das condições desejadas pelos Estados Unidos.²⁸⁰

- O efeito político último desejado era a aceitação chinesa do *status quo ante* de 25 de junho de 1950. Para tal, delineavam-se como;
- Metas diplomáticas:
 - Estancar qualquer discussão com a China sobre outras questões asiáticas que aquelas que concernem a Coreia;
 - Aprovação de uma resolução na Assembleia das Nações Unidas nos termos norte-americanos;
- Metas bélicas:
 - Conter a escalada e, conseqüentemente, a necessidade de reforço de ambos os lados;
 - Recuperação do território da República da Coreia do Sul e estabelecimento de um robusto exército nativo que permita a retirada dos contingentes aliados;
 - Apresentavam ainda as seguintes cautelas estratégicas, que podem ser assumidas como *os limiares de pontos culminantes da ofensiva* norte-americana:
 - Ao se atingir o paralelo 38°, era necessária uma pausa para apreciação dos esforços militares e diplomáticos para a paz;
 - O paralelo não devia ser considerado sacrossanto para os propósitos políticos e militares, mas devia ser considerado as posições mais adequadas do ponto de vista tático.

Essa posição não foi aprovada imediatamente, pois não havia unanimidade no Conselho de Segurança Nacional. O Pentágono tinha várias restrições. Primeiro, existia dentro da JCS desatendimento de quanta punição seria necessária para que houvesse concessão da China a um cessar-fogo. Enquanto os generais Collins e Bradley do Exército apontavam como arriscado as retaliações contra alvos no território chinês, o general-do-ar Vandenberg da Força Aérea apontava que não existiam muitos alvos remanescentes para interdição na Coreia do Norte. Segundo, ainda havia a preocupação se era possível sustentar uma posição no paralelo 38° sem pôr em risco a segurança das forças armadas desde que se acreditava que não existia melhor posição defensiva que às margens do rio Han. É importante ressaltar que ambas as considerações eram deslocadas, pois eram politicamente insensatas. Enquanto a primeira reificava interdições aéreas como efetivas na quebra da vontade política do oponente, a segunda resultaria em abrir mão de Seoul ou, pelo menos, conceder a sua divisão. Terceiro, existia grande incerteza de como os enfrentamentos deveriam ser conduzidos. Não que se desejasse efetuar uma microgestão a partir de Washington. O problema era que não existiam bases doutrinárias para os tipos de operações a serem conduzidas na Coreia. O termo “guerra limitada” foi inaugurado no manual de campo do Exército dos Estados Unidos FM 100-5 *Operations* de

²⁷⁹ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 125.

²⁸⁰ FARRAR-HOCKLEY. *The British Part in the Korean War*, p. 55–56; HAKON. *The First Year of Korean War: The Road toward Armistice*, p. 258.

1954, como resultado da Guerra Sino-americana, e não existia qualquer amparo doutrinário antes e durante a mesma.²⁸¹

Por fim, existia a questão em aberto quanto à apreensão dos efeitos globais de uma estratégia de desgaste contra a China. Ou seja, os limiares de sua conduta antes que ela pusesse em risco, no médio prazo, a capacidade de defesa do Japão e mesmo o equilíbrio global de forças. Certamente, essa era uma consideração de difícil conclusão *a priori* e, por isso mesmo, mantida em aberto e sem decisão definitiva pelo Conselho de Segurança Nacional. Sua consideração seria apenas possível mediante atualizações sobre as operações, desenhadas e conduzidas segundo o julgamento de Ridgway do teatro de operações. Exemplarmente, não houve qualquer delimitação detalhada com relação a uma segunda ultrapassagem do paralelo 38º, realizado em março de 1951, mas o endosso dos limites estratégicos para a campanha ofensiva: negou-se qualquer tentativa de unificar a Coreia por meio da força e a expansão da guerra para outros teatros – como proposto por MacArthur.²⁸²

É evidente que o descompasso entre os departamentos de Estado e de Defesa norte-americanos nunca produziram um consenso, pois suas posições envolviam percepções completamente distintas sobre a utilidade da guerra. Principalmente porque ao passo que a ofensiva de Ridgway passava a ter resultados positivos, o Secretário de Defesa Marshall e o JCS voltaram a pressionar a favor de se explorar oportunidades de destruir as forças chinesas assim que o paralelo 38º fosse ultrapassado e desqualificaram a orientação apresentada pelo Secretário de Estado Dean Acheson que tal avanço reduziria a possibilidade de um compromisso negociado com a China.²⁸³ Tal impasse tornou-se impossível de ser sustentado a partir do momento em que Ridgway buscou contatos com sua contraparte chinesa entre março e abril de 1951 para abertura das negociações. Nesse momento, existiria pouca possibilidade de condições para negociações na Coreia se não houvesse a homogeneização entre os comandantes militares norte-americanos de quais eram os parâmetros políticos a serem respeitados. Por isso, após três meses do início do choque com as forças chinesas, Truman não podia mais arriscar a continuidade de impasse e tinha que usar de sua prerrogativa de comandante-supremo para superá-la. Ele comandou a execução das orientações elaboradas pelo Departamento de Estado e confrontou a oposição do estamento militar. Tal liderança foi combatida dentro e fora do governo norte-americano.²⁸⁴ Enquanto o público e os militares norte-americanos não eram capazes de compreender o cálculo do equilíbrio global de poder, especificamente os militares tomaram a limitação na Coreia – e curiosamente a proibição da retirada das forças norte-americanas de península – como concessão aos chineses. Lichterman registrou a questão da seguinte maneira:

Diante de uma lista de várias tentativas de MacArthur para mudar a política de seu governo, deve ser apontado com toda a justiça para o general que a maioria de seus comandantes de campo, com a notável exceção do General Ridgway, não tinham simpatia com as políticas da Administração. Como, de fato, era o caso da maioria do público americano também. Como disse Samuel Huntington, “lutar contra uma guerra segundo Von Clausewitz, e não Ludendorff, foi uma experiência nova para os americanos e que eles geralmente não

²⁸¹ FAUTUA, David T. The “long pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the creation of the Cold War U.S. Army, *The Journal of Military History*, v. 61, n. 1, p. 93, 1997, p. 118. Por exemplo, a produção de posições defensivas fortificadas e trincheiras era algo perdido nos manuais doutrinários dos Estados Unidos da Primeira Guerra Mundial. Felizmente, esse conhecimento estaria vivido entre os demais componentes da coalizão, particularmente franceses e turcos.

²⁸² KAUFMAN. *The Korean War*, p. 50–51.

²⁸³ MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 126.

²⁸⁴ STUECK. *Rethinking the Korean War*, p. 133.

estavam dispostos a aceitar”. Os generais e o público pensaram em termos da “vitória total” da Segunda Guerra Mundial. Além disso, os comandantes de campo e MacArthur sofriam da crônica doença militar da “localite” e do profundo sentimento de frustração produzido por essa doença. Aqueles militares sentiam que a importância de seu teatro era subestimada pelos formuladores de políticas em Washington e que outros setores, particularmente a Europa Ocidental, estavam sendo superestimados. O fato de que essa visão estreita resultou do imediatismo de suas tarefas escapou dos generais na Coreia. MacArthur, na ocasião, negou que estivesse aflito com “localite” e sugeriu que uma visão abrangente dos assuntos mundiais mostrava que uma grande batalha global contra o comunismo tinha de ser travada e que, portanto, a guerra no Extremo Oriente não deveria ser limitada.²⁸⁵

A submissão da Junta às orientações de Truman ocorreu mediante a constatação da capacidade das forças combatentes em conduzir uma campanha ofensiva limitada e a destituição de MacArthur como Comandante do Extremo Oriente, seguida da revisão institucional que isso deflagrou. A resolução presidencial NSC 48/5 de 17 de maio de 1951 sintetizou e tornou público as orientações de 1 fevereiro ao se delimitar quatro objetivos para a Guerra Sino-americana: a) o encerramento das hostilidades sob condições aceitáveis de armistício; b) o estabelecimento da autoridade da República da Coreia do Sul pelo menos até o paralelo 38°; c) a retirada de forças não coreanas da Península Coreana; d) os meios de alcance desses objetivos continuariam sendo limitados.²⁸⁶ Se, por um lado, uma exposição sobre o impacto institucional da conduta da guerra na Coreia foi suficientemente discutida; a reversão da situação estratégica no teatro de operações, por outro lado, é um dos principais focos das análises dos meios e dos métodos nos próximos capítulos.

4.4 AVALIAÇÃO POLÍTICA DA GUERRA SINO-AMERICANA

Aqui se realiza uma avaliação e crítica da utilidade da Guerra Sino-americana para ambos os lados e em quais termos. É empreendida uma avaliação da cadeia de decisões tomadas e os cursos de ação encaminhados até o início do ano de 1951 e que foram relevantes para o desenlace da guerra até julho de 1951, período que denominamos como a Primeira Campanha de 1951. Por fim, na medida da oportunidade, contrafactuais são aplicados para reforço da crítica positiva ou negativa dos tomadores de decisão política e comandantes.

Tendo em vista que os objetivos norte-americanos para a Guerra da Coreia tinham se tornado efetivamente a criação de um regime liberal na Península Coreana, com a possibilidade que a Manchúria servisse como a área-tampão com o mundo comunista; não havia outra possibilidade que a recorrência à guerra pela China. Além dos impactos políticos indesejados diretos de um regime não comunista em toda a Coreia, sob uma figura notoriamente reacionária e beligerante como Syngman Rhee e com apoio das principais potências militares ocidentais; há de se considerar que a Manchúria tornar-se-ia uma segunda divisória da Guerra Fria. Possivelmente, em linhas similares ao que vinha ocorrendo até então em Berlim. Tendo em vista todos os desenvolvimentos políticos e sociais que isso implicou para os alemães nesse período, não era uma simples conjectura a possibilidade

²⁸⁵ LICHTERMAN. Martin, Korea: Problems in Limited War, In: **National Security in the Nuclear Age: Basic Facts and Theories**. New York: Praeger, 1960, p. 51–53.

²⁸⁶ MALKASIAN. **A History of Modern Wars of Attrition**, p. 132–133; MILLETT. **The War for Korea, 1950–1951**, p. 126.

de alienação da Manchúria dos rumos ambicionados pelo novo regime chinês. Por isso, a situação política demandava, de fato, uma intervenção firme e definitiva por parte da China.

Por um lado, era importante para a China a estabilização da região quanto antes para desmobilização da presença militar estrangeira na região e, inclusive, da presença militar soviética na Manchúria. Por outro lado, os números e as condições logísticas relativos das forças combatentes apontam que a China não era capaz de produzir ou sustentar uma significativa margem de vantagem estratégica. Por isso, ela deveria conduzir uma guerra limitada.

Correlacionando as condições políticas, estratégicas e logísticas iniciais para a guerra e suas outras prioridades políticas, não havia como a China apoiar uma intervenção que produzisse mais que a garantia do *status quo ante* da intervenção norte-coreana e que favorecesse a redução mútua da presença militar de todas as partes. Dos pontos de vistas estratégico e logístico, era necessária uma resolução política que permitisse o recuo e redução, pelo menos, parcial das forças chinesas da Coreia. Entre todas as partes envolvidas, quem possuía piores condições econômicas e políticas domésticas para seguir lutando era a China, sendo, portanto, quem deveria urgir e moldar os eventos estratégicos e diplomáticos para uma resolução aceitável quanto antes. Portanto, uma redução, senão uma retirada geral de forças estrangeiras da região, *inclusive das forças soviéticas*, servia mais a China naquele momento do que qualquer outro desenvolvimento. Ou seja, o custo de investimento para realizações de objetivos políticos mais ambiciosos na Coreia demandava a suspensão ou postergação na realização de outros objetivos políticos chineses considerados essenciais, além do enorme risco envolvido.

É compreensível todo o esforço de Mao Tse-Tung para criação de uma unidade política na China junto a líderes políticos e militares e uma sociedade que viviam nessa condição, pelo menos, desde a década 1920, para condução de mais uma guerra. Nesse sentido, sua liderança foi exemplar e os resultados estratégicos e políticos imediatos mais que compensadores. No entanto, é difícil entender como, nesse ambiente de grande risco, incerteza e transição políticos, Mao mudaria tão radicalmente sua posição política para a guerra com tanta convicção. É ainda difícil de justificar sua perseverança em continuar no blefe por ganhos políticos tão amplos e inusitados para além de um breve momento. Pois, a China não tinha quaisquer condições de planejamento político, disponibilidade de meios de poder e expertise diplomática para fazer frente às duas superpotências em seus jogos de poder regional e internacional. Isso era especialmente sensível tendo em vista seus limites e vulnerabilidades na articulação política das atividades administrativas na China, combatentes na Coreia e diplomáticas em Nova York.

Também é difícil compreender, tendo em vista o histórico político recente das relações entre China e União Soviética, a concessão de Mao Tse-Tsung a Stalin na formulação e conduta da diplomacia chinesa.

No entanto, um contrafactual importante aqui era que a China precisaria retomar sua representação diplomática extraordinária nas Nações Unidas para continuar a explorar as possibilidades de uso diplomático de seu sucesso estratégico. Seja para legitimação internacional da realização de seus objetivos políticos, seja para manipulação adicional do efeito moderador dos aliados e países amigos dos Estados Unidos sobre os próprios Estados Unidos. Isso permite aplicar uma primeira crítica de nosso estudo: a retirada da representação diplomática chinesa das Nações Unidas foi o grande erro de Mao Tse-Tung até então.

Primeiro, o convite e presença da representação chinesa nas Nações Unidas era um ganho político líquido e, mesmo após sua retirada, seu retorno continuaria a poder explorar as vantagens diplomáticas e estratégicas chinesas, ainda que houvesse algum desgaste e necessidade de maior concessão.

Segundo, os chineses não podiam mais contar com a ausência de um contato direto com os Estados Unidos e ignorar seus objetivos. Independente dos termos, momento e implicações do cessar-fogo; os chineses tinham que manter um contato diplomático, ainda que indireto, com eles para apresentação mutua de intenções e vontades políticas.

Terceiro, com a finalidade de atender o objetivo político de retirada da presença militar soviética da Manchúria, a China tinha que utilizar sua condição de vantagens estratégica na Coreia e diplomática nas Nações Unidas sobre os seus oponentes para avançar sua liderança em relação a seus próprios aliados. A China entrou na Coreia basicamente sob a chantagem de Stalin e também subordinada aos objetivos políticos de Kim Il-Sung. No entanto, Mao Tse-Tung deveria ter avaliado qual o grau de solidariedade com seus aliados e quão pragmático ele deveria proceder na realização de objetivos chineses em comparação com os de seus pares. Levando em conta ainda as condições iniciais chinesas, desprovida de apoio soviético e responsável em redimir o desarranjo norte-coreano, Mao deveria fazer prevalecer suas perspectivas no estabelecimento das metas bélicas das forças comunistas e disputar por maior participação no processo decisório do bloco socialista para além dos termos do Pacto Sino-Soviético. *Ou seja, os objetivos políticos chineses demandavam ser barganhados com a União Soviética, tanto quanto com os Estados Unidos.*

No entanto, no procedimento de uma análise crítica, as finalidades políticas respondem parcialmente pelas causas das decisões e resultados dos enfrentamentos. Isso demanda que o restante deste livro verifique outras possíveis causas e, principalmente, as consequências da China ter ambicionado objetivos políticos e metas bélicas além do que uma guerra limitada poderia lhe prover naquele momento.

Já o aparato norte-americano para exercício de sua hegemonia era inadequado. Existiam dois fatores que tornaram a instrumentalização política da guerra para tal arriscada e temerária. Primeiro, os limites de alteridade por parte dos Estados Unidos, que eram incapazes de conceber um regime comunista asiático e como lidar com ele.²⁸⁷ Se os grupos revolucionários chineses já eram um desafio para compreensão e envolvimento norte-americanos na China antes da guerra civil, os Estados Unidos levariam ainda quase uma geração para desenvolver relações “normais” com a China comunista após a Guerra Sino-americana. Segundo, as estruturas de planejamento e comando militares dos Estados Unidos eram inadequadas em termos institucionais e dependeram das idiossincrasias de figuras-chave específicas para revisão de tendências dominantes a favor da escalada ou à retirada na Coreia.

O impacto da Guerra Sino-americana no cálculo político dos Estados Unidos foi que ela tornou ainda mais complicado e urgente definições de sua política externa para a Ásia e a Guerra Fria. Ou seja, a indefinição da revisão dos objetivos políticos e metas bélicas contra a China se deram porque ainda não tinham sido definidas as finalidades para a guerra contra a Coreia. Existiam três objetivos políticos gerais de sua política externa para os quais não se sabia ao certo como materializar a partir da aplicação limitada de forças combatentes: a retirada de forças combatentes comunistas da

²⁸⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 216.

Coreia do Sul, a contenção de futuras agressões comunistas à Coreia do Sul e a contenção de ofensivas motivadas pela União Soviética em outras regiões do globo.²⁸⁸ Antes de novembro de 1950, a China não era considerada uma variável relevante para nenhuma delas. Portanto, o reconhecimento e, depois, o atendimento desses objetivos gerais, tendo que considerar uma resolução com a China como um objetivo político intermediário, demandou um ajuste de foco no emprego de todo o aparato norte-americano ainda em construção para o qual não havia qualquer preparo.

Assim, aponta-se que os Estados Unidos cometeram dois graves erros políticos de início. O primeiro erro foi que consideraram a Guerra da Coreia como um ato isolado do restante da Ásia. Ou seja, não consideraram os efeitos da guerra para além das forças no teatro de operações sobre seu principal rival: a União Soviética. Consequentemente, o segundo erro foi que os Estados Unidos não foram capazes de reconhecer e organizar uma resposta decisiva à intervenção chinesa, dando a Mao e Stalin tempo e a possibilidade das iniciativas estratégica e diplomática.²⁸⁹ A surpresa estratégica da intervenção chinesa provocou tal choque e desamparo que os Estados Unidos não foram capazes de desenhar um rumo de ação efetivo por quase três meses.²⁹⁰ Tiveram os Estados Unidos reconhecido mais rapidamente o envolvimento chinês, eles poderiam, por exemplo, ter se preparado para o estabelecimento de linhas e pontos de defesa desde o início, postergando ou reduzindo os efeitos diplomáticos das operações chinesas. Tal cautela foi incluída como item inerente do plano de campanha e dos planos de cada operação formulados por Ridgway a partir de janeiro de 1951. Mas isso nunca foi considerado antes e, portanto, critica-se a imprudência de MacArthur como, de fato, comandante-de-campo até então.

Por um lado, se desde outubro ou novembro de 1950, as forças norte-americanas tivessem sido convertidas para uma defensiva, os Estados Unidos em articulação com seus aliados teriam tido melhores condições de avaliação e controle da situação política. Até esse momento, havia desarticulação entre metas bélicas e diplomáticas, sendo que, geralmente, as segundas eram formuladas a reboque das primeiras. Assim, portanto, com limitada deliberação ou consideração pelos Estados Unidos das posições de aliados e países neutros, para não mencionar a China.

Por outro lado, a busca por uma nova meta de destruição de todas as forças comunistas até o rio Yalu fez com que as forças norte-americanas atravessassem o ponto culminante da vitória. As forças combatentes dos Estados Unidos, em especial, não foram capazes de vencer enfrentamentos defensivos e foram obrigadas não apenas a abrir mão de terreno e objetivos de interesse do oponente – como Pyongyang e outras posições de valor estratégico e logístico – como tiveram que ceder objetivos políticos e estratégicos próprios importantes, como Seul e Inchon. Adicionalmente, o impacto político geral foi tal que os Estados Unidos colocaram em risco o equilíbrio de poder na Ásia: um objetivo político muito mais importante e que sobrepujava todos os efeitos políticos da unificação das Coreias.²⁹¹

²⁸⁸ GEORGE. *American Policy-Making and the North Korean Aggression*, p. 75.

²⁸⁹ COTTRELL; DOUGHERTY. *The Lessons of Korea: War and the Power of Man*, p. 81; MCLELLAN, D.S., Dean Acheson and the Korean War, *Political Science Quarterly*, v. 83, n. 1, p. 16–39, 1968, p. 39.

²⁹⁰ Thornton oferece um contraponto na literatura e é o principal defensor da “double trap theory”. Segundo ele, sob desígnio de Truman, o fracasso de inteligência pelos Estados Unidos teria sido fabricado, assim como as falhas de processo decisório a fim de culpar MacArthur pelo choque com a China. Ver: THORNTON. *Odd Man Out: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War*, p. 351–53, 355, 358–59. Como avaliação, sua interpretação histórica é útil para oferecer contraponto, no entanto a literatura é bastante reativa a ela à ausência de dados que a suportem, e a convicção como o autor as apresenta. De qualquer maneira, ela serve como contrafactual enquanto ela não é plenamente falsificada.

²⁹¹ CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 132; MCLELLAN. *Dean Acheson and the Korean War*, p. 39.

Aqui não se corroboram a avaliação e o contrafactual de Schelling em *Arms and Influence*, em que aponta que o avanço ao rio Yalu teria sido um erro político porque impossibilitaria uma área-tampão entre as forças chinesas e norte-americanas e a possibilidade de construção de uma relação estratégica a partir de pontos focais sem ou com mínimo enfrentamento. Como se atesta pelas documentações soviética e chinesa, desde antes da retomada de Inchon em 1950, a decisão política pela intervenção chinesa na Coreia era irreversível. Portanto, a guerra com a China era inevitável e necessária desde que ela seria instrumentalizada, principalmente pela União Soviética, como recurso de barganha para um esforço de desestabilização da primazia dos Estados Unidos na política internacional pós-Segunda Guerra Mundial. O erro que se aponta aqui é, portanto, de caráter estratégico, quanto ao emprego das forças combatentes no teatro de operações, e não política, sobre a utilidade e iminência da guerra.

Nesse sentido, embora seja possível (e fácil) criticar negativamente Truman pela sua forma omissa na orientação política da Guerra da Coreia e na elaboração de uma posição em relação à Guerra Sino-americana, é difícil conceber um contrafactual de como *a priori* ele poderia ter contrapesado e domado o estamento militar norte-americano. Em geral, seu gabinete diplomático e militar era desqualificado no assessoramento para conduta de uma guerra limitada. Isso ficou evidente na orientação consensual pela alteração do objetivo político a favor da unificação das Coreias. Militares e diplomatas deram embasamentos abstratos e desconectados da realidade, apontando o valor de uma vitória e de um golpe moral ao comunismo.²⁹²

Individualmente, o principal erro político de Truman foi subestimar as condições da política doméstica para sustentar o apoio necessário para travar uma guerra limitada. Seja pela expectativa de uma guerra rápida, seja pela expectativa de auferir automaticamente legitimidade ao travar uma ação policial internacional contra uma agressão, Truman errou ao não desenvolver e orientar um debate público sobre a guerra, principalmente no Congresso. Desde o início e mesmo após o término da guerra, Truman foi mais reativo do que proativo nessa tarefa, dando oportunidade ao seus rivais domésticos e entraves burocráticos.²⁹³

Adicionalmente, uma distinção clara da condição política dos Estados Unidos em comparação com a China eram os efeitos moderadores e multiplicadores de suas alianças. Se no contexto da guerra contra a Coreia, tiveram uma atuação pálida; os aliados europeus e asiáticos dos Estados Unidos, desde o início da nova guerra, tiveram um papel central para que ela não escalonasse e na articulação das ações diplomáticas nas Nações Unidas. Portanto, a condição de desvantagem estratégica e diplomática inicial forçou os Estados Unidos a incrementar a sinergia com seus aliados na Ásia e na Europa, que até então também eram pouco definidas ou mesmo ambíguas.

²⁹² HESS, *Presidential Decisions for War*, p. 41, 44–45.

²⁹³ *Ibid.*, p. 73, 225.

PARTE II

A ANÁLISE DOS MEIOS

O TEATRO DE OPERAÇÕES DA PENÍNSULA COREANA

A Guerra Sino-americana foi travada entre duas forças expedicionárias. Nesse sentido, as características do teatro de operações ganham uma importância adicional. Em primeiro lugar, demanda-se que se faça as necessárias distinções das infraestruturas nativas que foram utilizadas por ambos, dependendo da evolução das duas guerras. Isso é especialmente importante porque a disponibilidade de recursos e infraestrutura era bastante heterogênea ao longo da Península.

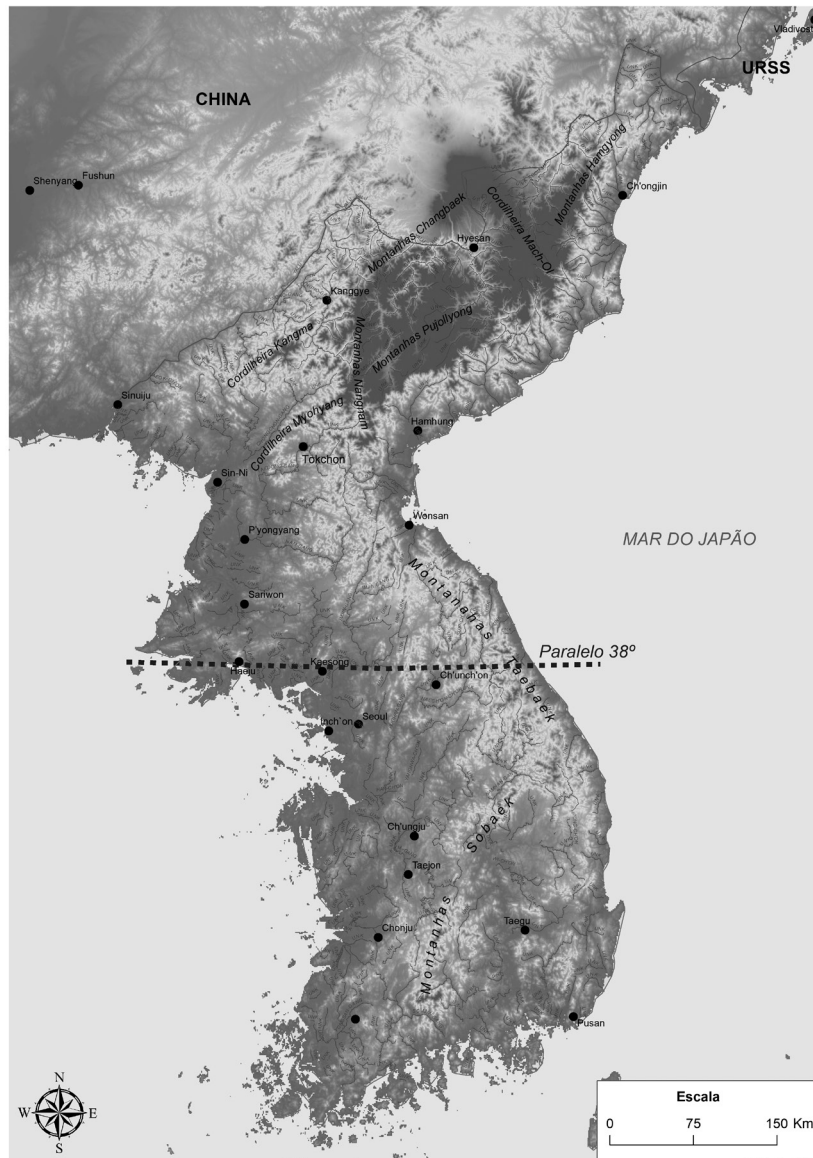
Segundo, a produção de meios de força localmente foi limitada e não teria efeito sobre nenhum dos dois lados até o último terço da guerra, quando ambos os lados se esforçaram em produzir forças combatentes coreanas que ancorassem suas posições na mesa de negociações. A expectativa teórica é que nenhuma das duas forças se beneficiariam dos recursos plenos de uma defensiva estratégica e ambas as forças – independentemente de seus objetivos e motivações políticas – tiveram suas capacidades combatentes, bem como suas capacidades relacionadas a atividades preparatórias, desgastadas pelo teatro de operações.

O entendimento necessário neste estágio preliminar no estudo é a distinção das características geográficas física, humana e econômica da Península Coreana, de maneira a poder se relacionar posteriormente como elas afetaram as duas coalizões de forças combatentes em oposição. Coreia do Norte e Coreia do Sul tinham atributos distintos e impuseram limitações e possibilidades distintas às particularidades de arte da guerra e conduta da guerra das principais lideranças dessas coalizões, China e Estados Unidos, em especial quando cada uma dessas coalizões avançava sobre a base de operações oponente.

O clima coreano é de grande variação entre as estações de calor, chuva e frio. A Coreia tem condições como um país do Sudoeste Asiático e frio siberiano. Essas variações de tempo tiveram vários efeitos sobre as operações militares. Em primeiro lugar, a quantidade de chuvas, montanhas e massas climáticas frias limitaram a observação e operações aéreas, o que para os Estados Unidos era um problema, pois esse efeito climático era mais limitador quanto mais ao norte as forças estivessem dispostas. Esse foi um aspecto adicional junto à falha norte-americana em tomar conhecimento das primeiras ações chinesas.

As condições climáticas da península impuseram grande risco às operações marítimas. Principalmente o Mar do Japão é especialmente violento e repleto de tempestades. A transposição de material e combustível entre navios-cargueiros e navios-tanques era uma operação especialmente arriscada para as técnicas da época. Medidas de segurança e de estabilização eram pouco aplicadas. Por sua vez, a chuva e o frio constrangeram as operações aeronavais. O congelamento das pistas, equipamentos e aeronaves era um problema grave para os porta-aviões da Marinha dos Estados

Unidos, em especial porque não foram projetados para tais condições climáticas de operação. De fato, acidentes foram o principal item de baixa dessa força na Guerra da Coreia e na Guerra Sino-americana.



MAPA 5.1 – O TEATRO DE OPERAÇÕES COREANO

FONTE: o autor

Apesar da característica física de uma península, a Coreia não era bem provida de portos naturais, mas com condições geográficas de extensivas áreas costeiras pantanosas e com grandes variações das marés, principalmente no mar Amarelo, e existência de cordilheiras junto à costa oriental. A limitação de portos deu-se ainda pela limitada economia doméstica, muito mais orientada para a complementação do mercado japonês. Por isso, o principal porto – o de Busan – foi disposto no quadrante sudeste da península, enquanto o restante de portos em Kunsan, Yosü, Mokpo

e Chinnampo eram pouco mais que portos de vilas de pescadores. Os portos do quadrante nordeste – Wonsan e Huingnam – tinham o mesmo potencial de Busan, mas não foram desenvolvidos.²⁹⁴ Isso teve como impacto a restrição no deslocamento de material e no transporte embarcado interno pelo país, principalmente aos norte-americanos que tinham o comando dos mares e livre ação de sua marinha. A tabela abaixo apresenta as características dos principais portos coreanos na época.

Porto	Capacidade de tonela- gem militar (ton ² /dia)	Área de estoque		Características
		Área aberta (acres)	Área coberta (m ²)	
Changjon	3000			
Chinhae	4500			Raso, mas bom para transportes de chatas
Chinnampo	3000	10	58.500	Principal porto de carvão
Chongjin	19.700	11	18.500	Segundo maior porto
Hungnam	8000	10	56.400	Maior porto industrial nordeste
Wonsan	7400		22.300	Maior porto da costa leste
Songjin	3500	59	23.700	Pesqueiro e industrial
Tasado	3000		48.7000	Porto mais ao norte da costa oeste maré de 6 metros
Inchon	8000	45	68.700	Bem desenvolvido, mas com maré de 9 metros
Kunsan	2400			Principal porto agrícola sudoeste
Masan	4600		36.200	
Mokpo	1500			Pequeno, fortes correntes, 80km do Mar Amarelo
Najin	9000		37.100	Possibilidade de estoque em más condições de até 210.000 barris de combustíveis
Pohang	5000		5500	Pesqueiro
Busan	30.000		77.100	Limitado acesso de rodovias, estoque de até 340.000 barris de combustíveis
Tongyong	1800	10	11.600	Limitada capacidade e
Unggi	5100	30	11.100	
Yosu	4700	4,3	18500	Suplementar a Busan
Capacidade total de tonelagem na Coreia			116.000 ton² por dia	

TABELA 5.1 – PORTOS DA COREIA EM 1950

FONTE: Shrader (1995), p. 11

Os dados dessa tabela são fundamentais em dois sentidos. Primeiro, em retratar como, potencialmente, a disponibilidade de portos era equilibrada entre as duas forças. Enquanto os chineses tinham a disponibilidade de deslocar mais de 52 mil toneladas por dia, as forças norte-americanas tinham à disposição o volume de mais de 63 mil toneladas. Isso ressalta o impacto do comando do mar pela Marinha dos Estados Unidos sobre o movimento e sustentação das forças chinesas e norte-coreanas, algo fundamental no desempenho dessas forças na guerra. De outro lado, considerando que o consumo diário das forças terrestres da coalizão era de 10 mil toneladas por dia, o estoque

²⁹⁴ SHRADER, Charles R. *Communist Logistics in the Korean War*. Westport: Greenwood Press, 1995, p. 10,13.

de material diário, após a entrada da China na guerra e o recuo dessas forças ao sul do paralelo 38°, a partir dos Estados Unidos, Japão e Europa era razoável, mas não abundante. Segundo, há de se considerar o efeito dessa disponibilidade de portos ao longo dos avanços e recuos das forças. Note-se a menor disponibilidade de portos na porção ocidental da Península, mas de maior volume de ancoragem e estocagem, e a maior disponibilidade de portos de menor capacidade na porção oriental, com exceção de Busan.

O terreno e clima coreanos pouco favoreceram o uso de transportes ribeirinhos. Além disso, historicamente houve a tendência de emprego dos rios para outras vocações econômicas específicas. No Sul para irrigação das áreas de plantio, e no Norte para a produção de energia das indústrias pesadas.

A chuva e frio impunham também constrangimentos às operações terrestres em termos de trafegabilidade. Neve, gelo e baixa visibilidade no inverno; e lama, inundações e poeira, no verão; impunham condições adversas para o uso e manutenção de estradas e linhas férreas. As chuvas de junho a setembro inundavam áreas baixas e os rios geralmente transbordavam. A mobilidade motorizada era limitada pelas plantações alagadas de arroz mais presentes na Coreia do Sul que na do Norte. Elas eram alagadas entre maio e outubro no Sul e entre março e outubro no Norte. O período mais favorável para o tráfego terrestre era entre setembro e novembro.²⁹⁵

O sistema ferroviário coreano foi construído pelos japoneses no começo do século 20 e concentrava 80% do tráfego comercial do país. Esse era um bom sistema e com capacidade de transporte de 20 mil toneladas diárias, mas que foi degenerado pela falta de manutenção, principalmente no Norte – onde boa parte da mão-de-obra especializada migrou com o advento do governo comunista. A maior parte da rede era de bitola convencional, mas apenas 500 km eram de trilhos duplos e 841 km eram de bitola reduzida em áreas de terreno mais limitado. Os principais terminais eram Seul, Pyongyang e Busan. Os principais centros de reparos eram Seul, Busan, Pyongyang, Wonsan e Chongjin; capazes de reparar 1.300 locomotivas, 2.000 vagões de passageiros e 3.000 de carga por ano. Porém, em 1950, apenas 500 locomotivas estavam em funcionamento, 70% dos 2.000 vagões de passageiros estavam em más condições. Existiam 7.000 vagões de carga, sendo 1.000 de bitola reduzida. Não existe informação de quanto desses vagões estavam operando ao início da guerra, mas grande parte deles foi destruída entre a invasão norte-coreana e a contraofensivas das Nações Unidas e chinesas em 1950.²⁹⁶ A tabela a seguir apresenta dados sobre as características das principais linhas férreas da Coreia ao início da guerra.

²⁹⁵ Ibid., p. 20.

²⁹⁶ HUSTON, James A. **Guns and Butter, Powder and Rice: U.S. Army Logistics in the Korean War**, Selinsgrove: Susquehanna University Press, 1989, p. 245–251; SHRADER. **Communist Logistics in the Korean War**, p. 13–14.

Linha	Extensão (km)	Tipo de trilho	Número Estimado de Trens/Dia		Pontes		Túneis	
			Soldados	Carga	Nº	Extensão (km)	Nº	Extensão (km)
I Busan-Seoul	434	Duplo	5	25	460	19	63	23
II Busan-Seoul	499	Simples	2	8	311	13	96	36,2
IIA Pohang-Kyongju	37	Simples	6	2	25	0,7	5	?
III Taejon-Mokpo	257	Simples	2	5	153	5,8	9	2,1
IV Iri-Yosu	201	Simples	2	8	105	3,6	7	2,8
V Seul-Sinuiju	499	Duplo/Simples	2	8	100	8,1	15	3,7
VI Seul-Inchon	30	Duplo	2	8	9	0,3	0	-
VII Seul-Chunchon	96	Simples	2	8	67	2,8	12	2,1
VIII Seul-Najin*	1190	Simples	2	8	490	18	108	40
IX Pyongyang-Manpojin	354	Simples	2	2	?	?	?	?
X Chinnampo-Sunchon-Kowon	252	Simples	2	8	13	?	13	16,3

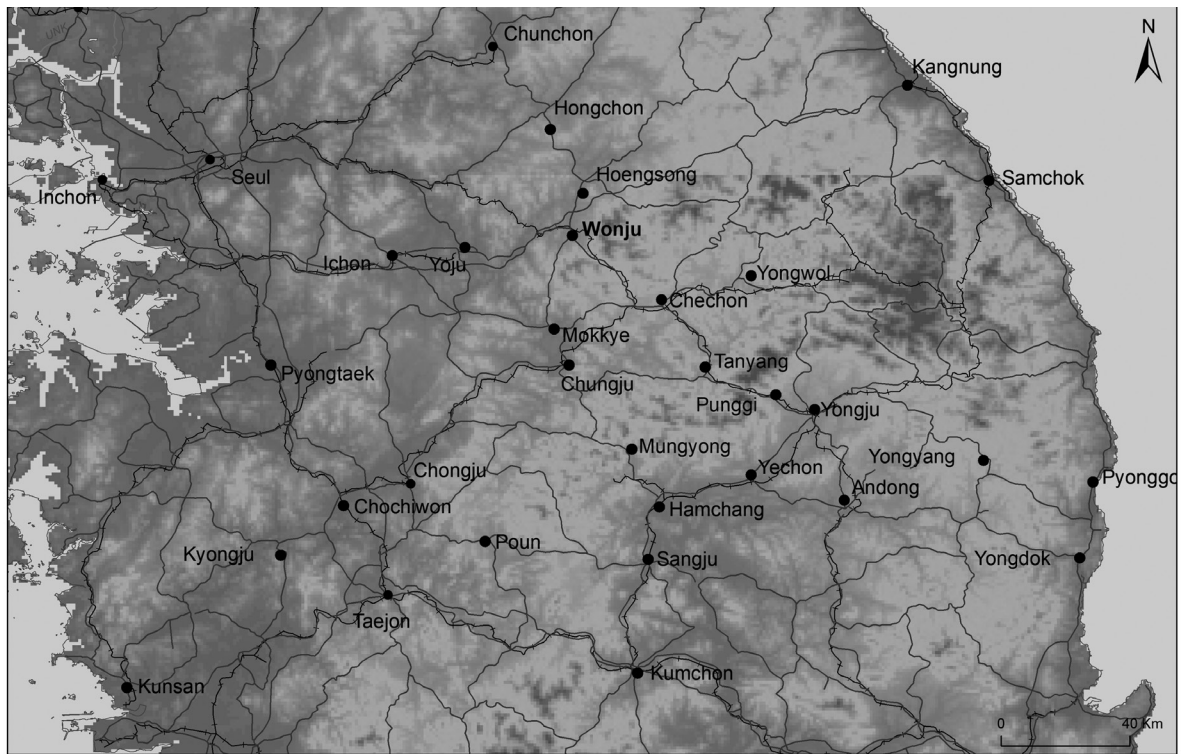
TABELA 5.2 – SISTEMA FERROVIÁRIO COREANO EM 1950

FONTE: Shrader, C. R. (1995), p. 114

* Najin (ou Rashin) é uma pequena vila no extremo nordeste da Coreia do Norte, hoje denominada Rason

No período da Guerra Sino-americana, os dois principais troncos de linhas ferroviárias eram localizados ao sul do paralelo 38° e favoreceram mais as forças norte-americanas que as chinesas. A principal linha ferroviária era a de trilho duplo ligando Busan a Seul por meio dos entrepostos Taegu, Taejon e Yongdungpo. O segundo principal tronco ferroviário ficava na porção oriental do país próximo ao paralelo 38°, ligando as cidades de Yongchon, Andong, Chenchon e Wonju.

É importante registrar que, originalmente, enquanto a primeira conexão principal era capaz de suprir o esforço de guerra norte-americano, e conseqüentemente qualquer esforço comunista, de 10 mil toneladas por dia, a segunda malha oriental era capaz de transportar apenas 1/3 desse volume, e teve que ser complementada por serviços motorizados e aéreos, dependendo de qual força a controlasse. Esse segundo tronco ferroviário tinha uma importância adicional por ser aquele que conectava os sistemas ferroviário e rodoviário da porção oriental da península com Seul. Porém, era de trilho simples e repleto de túneis e pontes. Nesse sentido, a cidade de Wonju tinha especial importância para qualquer um dos dois lados da guerra que desejasse se manter na latitude do paralelo 38°, o que explica essa cidade ter sido o campo das mais importantes batalhas da guerra.



MAPA 5.2 – O CORREDOR CENTRAL DA COREIA

FONTE: o autor

A Coreia possuía 32 mil quilômetros de estradas. A maioria não era pavimentada, porém revestida com cascalho e com largura inadequada para duas vias de trânsito. As pistas possuíam curvas fechadas e inclinações íngremes nas áreas montanhosas e próximas a pontes, além de serem susceptíveis às chuvas de verão e à neve de inverno, que as tornavam em grande parte inadequadas para o tráfego militar. O sistema rodoviário tinha disposição similar ao ferroviário, orientado no eixo norte-sul, era mais numeroso nas áreas mais planas e baixas do quadrante sudoeste do país e mais escassas no nordeste, e com poucas vias conectando as costas. Seul era o ponto focal do sistema e a melhor estrada era a que conectava Seul a Busan e estimava-se sua capacidade de transporte em 8 mil toneladas por dia se sustentando 24 horas de uso. Outra estrada adequada era a de Seul a Taegu (principal terminal terrestre ao norte de Busan), que também sustentava 8 mil toneladas por dia. Uma terceira estrada principal na Coreia do Sul seguia a linha férrea da costa oriental e era capaz de sustentar 6 mil toneladas diárias. A curta estrada entre Inchon e Seul sustentava 20 mil toneladas. Por isso, as principais estradas da península permaneceram sob o controle das forças norte-americanas e sustentavam o deslocamento consolidado de 42 mil toneladas por dia.²⁹⁷

Na Coreia do Norte, existiam cinco estradas entre a Manchúria e a Coreia do Norte a partir de Sunuiju, Chongsongjin, Manpojin, Linchiang e Chongjin. Elas eram melhores ao noroeste e piores ao nordeste e totalizavam uma capacidade total de 33 mil toneladas de transporte por dia. No entanto, considerando que a estrada mais oriental entre Chongjin e Wonsan foi desde o início

²⁹⁷ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 251–257.

inutilizada pela Marinha dos Estados Unidos, a capacidade máxima de transporte da modal rodoviária disponível na Coreia do Norte era de 26 mil toneladas diárias.²⁹⁸

Se do ponto de vista de infraestrutura, a Coreia do Sul oferecia vantagens às forças norte-americanas; em termos de capacidade industrial, a Coreia do Norte oferecia algumas vantagens às forças chinesas. Em decorrência de ser uma extensão geológica da Manchúria, a Coreia do Norte era uma região potencialmente mais próspera em termos de recursos naturais e industriais. Ela tinha reservas em uma série de minérios: ferro, tungstênio, cobalto, cobre, chumbo, zinco, molibdênio, níquel, grafite, ouro e prata. Porém, a maior parte do carvão para a atividade metalúrgica tinha que ser importada da China comunista. Adicionalmente, não possuía nenhuma reserva conhecida de petróleo, mas tinha amplo potencial hidrelétrico, que junto ao parque industrial, fora aproveitado e tornou-se herança da presença japonesa entre 1910 e 1945. Embora possuísse 75% das indústrias da península, a produção industrial norte-coreana reduziu-se pela destruição da guerra, extorsão soviética e deterioração pelo manuseio por pessoal menos qualificado após a retirada japonesa.

Na verdade, a Coreia comunista nunca foi capaz de restabelecer os padrões de produção do período japonês e a capacidade industrial durante a Guerra da Coreia foi limitada. Ela nunca foi capaz de atender suas próprias necessidades de aço e ferro, pois havia apenas seis fábricas em operação, que sofreram considerável atenção dos bombardeiros norte-americanos. O forte da indústria norte-coreana era a produção química, principalmente aquela voltada para a agricultura – ou seja, fertilizantes – por isso, facilmente convertíveis para produção de explosivos. Embora não tivesse capacidade para produzir grandes peças de guerra como tanques, artilharia e caminhões; ela tinha alguma capacidade de produção de armamento leve, munição, uniformes e outros tipos de suprimentos. Adicionalmente, a Coreia do Norte era capaz de refinar 80% de suas necessidades de combustível, lubrificantes e derivados necessários para a guerra.²⁹⁹

Em contraposição, 80% das terras aráveis da península estavam na Coreia do Sul e esta era maior produtora de comida. Por isso, capaz de sustentar uma população mais numerosa, o que teria efeito nas capacidades relativas das coalizões em oposição na produção de forças regulares e milícias a partir da população local. Algo que seria relevante apenas a partir do segundo ano da Guerra Sino Americana.

Por isso tudo, a composição de aspectos climáticos e geográficos da Península Coreia com os sistemas de transporte de então implicava sérias limitações às operações. As montanhas ao norte restringem as rotas de passagem entre o sul da Manchúria e o norte da Coreia do Norte, e a cordilheira Taebaek impõe restrição nas comunicações entre as porções leste e oeste da península da fronteira com a China até a área mais central próxima a capital da Coreia do Norte, Pyongyang. As rodovias e ferrovias que conectavam ambas as porções eram de mais baixa qualidade, bem como as linhas de tráfego terrestre do setor oriental da península em relação ao setor ocidental, onde se encontrariam as maiores cidades. Os rios coreanos são em sua maioria dispostos em eixo Leste-Oeste e foram obstáculos e não meios de transporte, bem como os grandes reservatórios de água para hidrelétricas entre os paralelos 38° e 37°. Adicionalmente, o escarpado terreno coreano dificultou a construção e manutenção de ferrovias e rodovias devido à necessidade de muitos túneis e pontes. Entre as duas

²⁹⁸ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 18.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 60–62.

Coreias, o terreno da Coreia do Norte era especialmente difícil, o que tinha efeito sobre os sistemas ferroviários e rodoviários, mais limitados em comparação com a Coreia do Sul.

De um ponto de vista estratégico, a estrutura geológica desfavoreceu a concentração de forças dos dois lados e dificultou as comunicações no eixo Leste-Oeste, sendo que os rios foram obstáculos para o deslocamento no eixo Norte-Sul. De um ponto de vista tático, os limites topográficos de efeito no transporte terrestre favoreceram o emprego de interdição de artilharia e aérea na porção oeste do país e este foi mais limitado na região mais escapada da porção leste, o que afetou principalmente a concentração de fogos pelos Estados Unidos em apoio ao X Corpo. Da mesma maneira, o emprego de armas e forças combinadas, bem como serviços de manutenção motorizados, era mais viável nos setores ocidentais e Sul do paralelo 38° que nas porções orientais ao Norte desse paralelo. Nesses últimos setores seriam aonde a infantaria a pé seria a arma predominante.

O COMANDANTE E AS FORÇAS COMBATENTES CHINESES

Aqui cabe delinear as linhas gerais do projeto de força das forças chinesas e norte-coreanas e as linhas gerais que determinaram as expectativas de seu emprego. Apesar de possuírem origens similares, como forças guerrilheiras, as forças chinesas e norte-coreanas iniciaram a evolução para forças convencionais poucos anos antes das guerras na Coreia e esse ainda era um processo em andamento durante elas. Particularmente do ponto de vista de Mao Tse-Tung, a completitude de tal transição era um dos seus objetivos na guerra. Ainda assim, essas duas forças possuíam diferenças entre si em termos de desempenhos, linhas doutrinárias e desenho de força, que foram razoavelmente articuladas pelo pensamento estratégico chinês dominante, elaborado durante sua guerra civil. No entanto, constrangimentos de ordens logística e política na composição do comando das forças comunistas criaram constrangimentos, que são tratados a seguir.

6.1 PENG DEHUI E O COMANDO DAS FORÇAS DA COALIZÃO COMUNISTA

No caso chinês, apesar de ter existido apenas um único comandante do Exército Popular de Voluntários Chineses (EPVC) na Coreia, Peng Dehuai, a realização do procedimento de descrição de seus aspectos biográficos é mais difícil pela limitação de fontes.³⁰⁰ Peng Dehuai, assim como vários comandantes chineses, e seus registros, sofreram com um expurgo ao fim da década de 1950. O mesmo ocorreu durante a Revolução Cultural entre as décadas de 1960 e 1970, que destruiu ainda boa parte da documentação e escritos envolvendo Peng Dehuai. Até a década de 1980, mesmo na China, o conhecimento do papel de Peng Dehuai na Guerra Sino-americana era pouco conhecido.³⁰¹

Um resultado disso foi que muitos autores ocidentais, até bem recentemente, ainda identificavam erradamente Lin Biao como o comandante das forças chinesas na Coreia.³⁰² Isso porque,

³⁰⁰ Uma revisão parcial do carisma e biografia de Mao Tse-tung foi realizada no capítulo 3. Para uma apreciação mais atualizada e densa e considerando seus impactos para a Guerra Sino-americana, ver HU. **Mao's American Strategy and the Korean War**. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2005, p. 38–43, 72..

³⁰¹ Para uma apresentação do esforço de reavaliação do papel histórico de Peng na China, ver DEHUI. **Memoirs of a Chinese Marshal: The Autobiographical Notes of Peng Dehuai (1898-1974)**, Honolulu: University Press of the Pacific, 2005, p. 1–11. Ver LI *et al.* **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001.. Para uma ampla revisão qualificada dos documentos oficiais de Peng Dehuai relacionados à Guerra Sino-americana disponibilizados até meados da década de 1990, ver ZHANG. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953**, Lawrence: University Press of Kansas, 1995.

³⁰² FEHRENBACH. **This Kind of War: The Classic Korean War History – Fiftieth Anniversary Edition**. Dulles: Brassey's, 2000, p. 193–341, afirma que até a abertura das negociações, em 1 de julho de 1951, o Comando das Nações Unidas entendia que comandante chinês era Lin Biao. Apenas recentemente se reviu, nos Estados Unidos, o entendimento que Lin Biao teria sido o comandante das forças chinesas em janeiro ou fevereiro de 1951 TUCKER, Spencer C. *et al.* **Encyclopedia of the Korean War: A Political, Social, and Military History**, New Ed. New York: Checkmark Books, 2002, p. 516..

durante a guerra civil, ele era o comandante do Quarto Exército de Campo – de onde veio a maior parte do contingente deslocado para a Coreia e que travou a maior parte das campanhas – e porque ele era o mais notório general chinês da época.³⁰³

Diferente de Peng Dehuai, Lin Biao (1907-1971) foi desde o início de sua carreira um militar engajado com a causa comunista, esteve com Mao na famosa Longa Marcha e foi o comandante do Quarto Exército de Campo contra o Japão e depois nas grandes campanhas na região nordeste durante a Guerra Civil.³⁰⁴ Portanto, foi o comandante que comandou o contingente chinês com mais alto nível e segundo padrões similares de um exército convencional moderno. Sua recusa em comandar a guerra contra os Estados Unidos foi um dos primeiros eventos que levaram Mao Tse-Tsung a centralizar a conduta da guerra na Coreia nas suas próprias mãos. Lin Biao era contra qualquer guerra fora das fronteiras chinesas enquanto o novo regime comunista ainda estivesse em processo de consolidação e o país destruído. Para ele, não havia outra possibilidade de que grandes baixas chinesas no confronto com as forças norte americanas, e o plano de ação mais adequado era o fortalecimento das defesas fronteiriças, mobilização de forças aéreas, navais e de artilharia e apoiar a Coreia do Norte em uma guerrilha.³⁰⁵

Oficialmente, Lin Biao acusou má-saúde e se retirou para a União Soviética para tratamento, ficando distante de todo envolvimento chinês na guerra. Tal reação foi um incômodo ao longo de três meses para Mao e a diretoria do Politburo, que inquiriu Lin Biao várias vezes e teve que proceder na escolha de um substituto à altura. Primeiro, consideraram Su Yu – vice-comandante do Terceiro Exército de Campo e responsável pela organização da campanha contra Taiwan de meados de 1949. Mas esse também tinha problemas de saúde e teve que ser hospitalizado.

Peng Dehuai foi a terceira opção de Mao para o comando das forças chinesas na Coreia. O primeiro contato com Peng foi feito em 27 de agosto de 1950 por telegrama. A consulta direta junto ao Politburo foi feita em fim de setembro e a confirmação em 2 de outubro de 1950.³⁰⁶ Ou seja, quando o primeiro contingente do Exército Popular de Voluntários já estava posicionado e em processo de infiltração na Coreia do Norte.

A biografia de Peng Dehuai (1898-1974) explica a parcial relutância de Mao Tse-Tsung em tê-lo em uma posição tão relevante. Dehuai não era um comunista “puro”, mas um convertido. Ele nasceu na vila de Wushi, condado de Xiangtan da província de Hunan. Teve sua carreira militar iniciada com a fragmentação política chinesa após a deposição de seu último monarca na Revolução de 1911, alistando-se ao exército dos senhores-da-guerra da província de Hunan em 1916, principalmente como forma de subsistência de sua família. A província de Hunan foi uma das primeiras a aplicar uma reforma modernizante na China, inclusive com a criação de uma academia militar, na qual Peng ingressou e se formou. Em razão da orientação repressiva do exército e do governo de Hunan sobre a população camponesa da qual tinha origem, Peng começou clandestinamente a se aproximar de lideranças comunistas locais. Dessa maneira, alistou-se secretamente ao Partido Comunista chinês em 1928 e teve papel relevante no Levante Pingxiang, que levou à deflagração de parte do Exército de Hunan para a causa comunista. Seus registros históricos na década de 1930 são

³⁰³ JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, New York: Columbia University Press, 1994, p. 174.

³⁰⁴ TUCKER *et al.*, *Encyclopedia of the Korean War*, p. 387.

³⁰⁵ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 80-81.

³⁰⁶ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 175; ROE, P. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, Novato: Presidio, 2000, p. 74.

esporádicos. Mas se sabe que participou de campanhas em janeiro de 1929, julho de 1930, janeiro de 1932 e da Longa Marcha com Mao Tse-tsung, Lin Biao e outros grandes nomes do movimento comunista chinês. Também lutou contra o Japão em 1940. Entre 1940 e 1946, ele parece não ter tido posições de comando.

Durante a guerra civil, entre 1946 e 1949, seu histórico militar não foi considerado brilhante: de 29 batalhas comandadas contra as tropas nacionalistas, teve 15 vitórias e 14 derrotas, tendo se desempenhado melhor em operações defensivas e de guerrilha do que grandes operações ofensivas. Há de se levar em consideração que o teatro de operações em que atuou, o noroeste, não era o mais crítico e sim secundário em relação aos outros, como o teatro nordeste, por exemplo. Na microfísica de poder do Exército de Libertação Popular e do Partido Comunista, Peng não foi capaz de galgar mais elevadas posições ou ter uma grande base de apoio e influência.³⁰⁷

Esse levantamento histórico ajuda a compreender a razão pela qual ele sofreu tanta intervenção e controle direto de Mao. Para além das dinâmicas políticas domésticas próprias da China no período e da coalizão comunista, existia considerável distensão entre os comandantes mais seniores e a diretoria do Politburo. A falta de consenso político quanto à guerra tornava Mao receoso em delegar a conduta da guerra a um general pelo qual ele não tinha grande estima. Isso seria ainda mais prejudicado pelas alterações nos objetivos políticos e orientações estratégicas ao longo da guerra e explicaria porque Mao não hesitaria em atravessar a cadeia de comando e passar instruções diretas para os generais chineses na Coreia do Norte.³⁰⁸

Essa situação era agravada porque, assim como Ridgway, Peng teve pouco contato anterior com as forças que passou a comandar e que já estavam em operação sob os comandos de outros. No entanto, diferente do caso norte americano, a estrutura das forças combatentes chinesas era menos profissional e homogênea, por isso mais personalista. O excesso de intervenção e envolvimento de Mao também contribuiu para que as forças chinesas nem sempre seguissem estritamente as diretrizes de Peng, particularmente em períodos após derrotas e de baixa moral. Por exemplo, na disposição inicial das forças chinesas no teatro coreano, entre 18 de outubro e 2 de novembro, Mao enviou 47 telegramas, implementando a gestão das forças desde sua ultrapassagem do rio Yalu até seus primeiros enfrentamentos com as forças norte americanas.³⁰⁹

Por fim, o comando de Peng Dehuai foi prejudicado pela falta de unidade de suas forças como efeito dos arranjos de baixa institucionalização da coalizão comunista. Primeiro, a criação das Exército Popular de Voluntários foi improvisada a partir do comando do XIII Grupo de Exércitos. Segundo, ele não tinha o comando das forças norte-coreanas por recusa de Kim-il-Sung e essas teriam um comando separado sob o general Kim Ung e a deliberação entre comandantes chineses e norte coreanos teria que ser a partir de conferências que demandavam tempo no desenho de planos

³⁰⁷ DEHUI. *Memoirs of a Chinese Marshal*, p. 1–8; EDWARDS, Paul M. *Korean War Almanac*. New York: Facts on File, 2006, p. 483; TUCKER *et al.* *Encyclopedia of the Korean War*, p. 516–517.

³⁰⁸ Os atritos entre os dois continuariam mesmo após o encerramento da guerra. Peng Dehuai foi vítima do expurgo militar de Mao em 1959. Desse ostracismo, Dehuai criticou Mao publicamente, o que o levou à prisão em 1967 e à tortura. A maior parte de suas memórias foi escrita durante esse período, por isso dentro de um contexto de busca de perdão. Devido aos maus tratos e ao encarceramento, Peng morreu na prisão hospitalar em 1974. Ver: RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David; MCDEVITT, Michael A. Introduction, In: **Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949**, Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 8; ZHANG, Shu Guang. Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951, In: RYAN, Mark; MCDEVITT, Michael A. (Org.), **Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949**, Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 98–99.

³⁰⁹ KIM. *The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry*, p. 279; ZHANG, *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951*, p. 98–99.

e baixo controle em sua execução.³¹⁰ Terceiro, as forças soviéticas nunca atuaram oficialmente ao sul do Yalu e também não aceitariam outro comando que a de um soviético. A coordenação entre chineses, norte-coreanos e soviéticos dependia da colaboração voluntária dos dois últimos, o que nem sempre era eficiente ou mesmo oferecida ao comando chinês. Consequentemente, forças chinesas e norte-coreanas (e eventualmente soviéticas) operariam sempre em tempos e áreas separadas e missões específicas e raramente com concentração de esforços e forças.

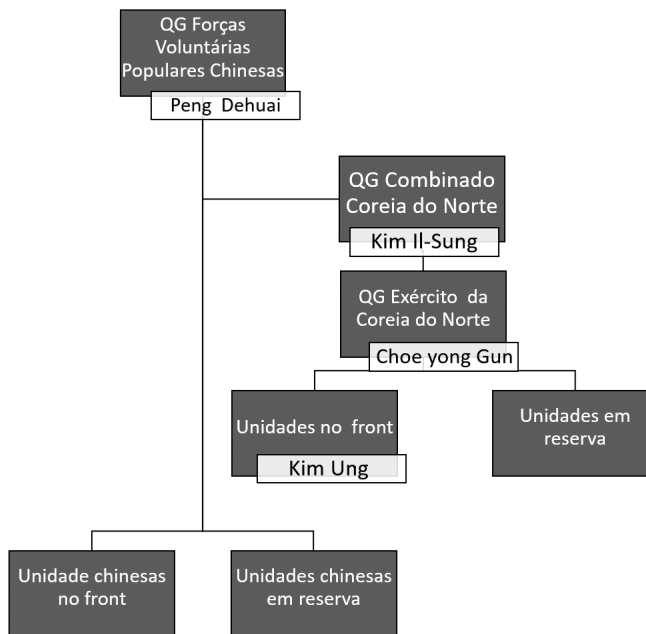


FIGURA 6.1– A CADEIA DE COMANDO DO EXÉRCITO VOLUNTÁRIO POPULAR CHINÊS

FONTE: o autor

6.2 A CAPACIDADE COMBATENTE DAS FORÇAS CHINESAS E NORTE-COREANAS

As forças terrestres comunistas tiveram um grande teste a sua frente, pois travavam, pela primeira vez, uma guerra contra forças ocidentais contemporâneas enquanto ainda passavam por um período de transição de suas doutrinas e organizações a partir de bases guerrilheiras. Uma unidade de exército chinês tinha 54% da artilharia de uma divisão dos EUA, e de menor calibre, 5% de rádios, 35% de telefones ou aparelhos de comunicação com fio. Já o estilo soviético das forças norte-coreanas cobrava o uso muito mais amplo de artilharia pelas divisões. Cada uma detinha: doze obuses de 122mm; trinta e seis peças de 76mm, sendo doze autopropulsadas; e quarenta peças antiaéreas de 45mm, comumente usados como artilharia de campo. Aproximações apontam que uma divisão chinesa tinha o volume de cinco mil toneladas quadradas e uma divisão norte-coreana três, em contraposição a uma divisão de infantaria dos Estados Unidos com o volume de 21 mil

³¹⁰ ZHANG. *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951*, p. 105.

toneladas quadradas. Mas de fato, na Guerra Sino-americana, as divisões chinesas e norte-coreanas eram ainda mais leves, pois os dados disponíveis levam em conta o volume da divisão chinesa após as reformas proporcionadas pelos soviéticos e posterior ao recorte temporal deste estudo.³¹¹

Na Guerra Sino-americana, a evolução chinesa para uma grande e convencional força terrestre teve mais elementos de continuidade do que ruptura com a origem guerrilheira por duas razões que permitem compreender os parâmetros de seu emprego.

Primeiro, as forças chinesas tiveram uma primeira e radical transformação apenas entre 1948 e 1949, quando expandiram para a casa de milhões e passaram a controlar um grande arsenal conquistado dos japoneses e dos exércitos de Chiang Kai-shek. Ainda assim, os meios materiais chineses determinavam que suas forças combatentes terrestres fossem basicamente uma infantaria (61,1%) com algum apoio de outras armas (principalmente artilharia 20,4%), mas com pouquíssima capacidade mais especializada de engenharia (1,6%), comunicações e apoio (3,6%), e uma irrisória unidade de artilharia antiaérea e nenhuma capacidade blindada. Isso tinha como impacto uma força com baixo poder de fogo, mas de alta mobilidade e baixo consumo de suprimento. Uma divisão chinesa consumia sessenta toneladas de suprimentos por dia, quatro vezes menos que uma divisão norte-americana.

O contingente chinês que foi convertido para um exército regular era concentrado no Quarto Exército de Campo, sob o general Liao Bin, na Campanha de 1948 de Liao-Shen (de setembro a novembro de 1948). Deve-se apontar que uma fração das forças chinesas nacionalistas também foi treinada e empregada com armamentos e doutrinas modernos. A maior parte dessas unidades foi desmembrada e reintegrada também ao Quarto Exército. No caso da Guerra Sino-americana, o primeiro contingente deslocado para a Coreia em 1950 seria formado por unidades combatentes modernizadas, mas as reposições desse e o segundo contingente chinês deslocado para o teatro em 1951 seriam de unidades recém-formadas e/ou de caráter guerrilheiro. Essas condições logísticas das forças chinesas são aprofundadas na seção seguinte deste capítulo.

Segundo, como discutido no capítulo quatro, o cenário da nova China comunista, no contexto da Guerra Fria, apontava que o estilo de guerra chinês de confrontação contra oponentes superiores em armamentos e equipamento ainda era válida e útil após a derrota do Japão e da China nacionalista. A expectativa de guerra contra os Estados Unidos, e eventualmente contra a União Soviética e novamente contra o Japão, explica boa parte dessa continuidade doutrinária chinesa. Essa continuidade era reforçada também pela expectativa de várias guerras para definição das fronteiras chinesas com demais países asiáticos. Tendo vista às distancias geográficas desses focos de tensão e o estado de desarranjo da administração pública e da economia chinesas, também não era de se esperar que os chineses tivessem melhores condições numéricas e logísticas nessas guerras fronteiriças.³¹²

Portanto, a estrutura das forças chinesas era a mesma da guerra civil. Uma divisão chinesa era composta por em torno de 10 mil soldados, organizados em três regimentos de infantaria, um batalhão de artilharia e mais unidades especializadas que variavam de divisão para divisão. Quatro

³¹¹ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 140.

³¹² MAHONEY, Kevin. *Formidable Enemies: The North Korean and Chinese Soldier in the Korea War*. New York: Presidio Press, 2001, p. 31; RYAN; FINKELSTEIN; MCDEVITT. *Introduction*, p. 23–24; WORTZEL, Larry. *The Beijing-Tianjin Campaign of 1948-1949: The Strategic and Operational Thinking of the People's Liberation Army*, In: RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David; MCDEVITT, Michael A. (Org.), *Chinese War-fighting: The PLA Experience Since 1949*. Armonk: ME Sharpe, 2003, p. 56.

divisões compunham um Exército, que era organizado em Grupos-de-Exércitos e Exércitos-de-Campo dependendo da concentração de Exércitos no teatro de operações, adicionando mais unidades de comando e intendência. A principal unidade combatente era o regimento, mas, tendo o reduzido efetivo e alta mobilidade de uma divisão chinesa, ela também poderia ser empregada taticamente. Abaixo segue uma ilustração da composição das forças chinesas.

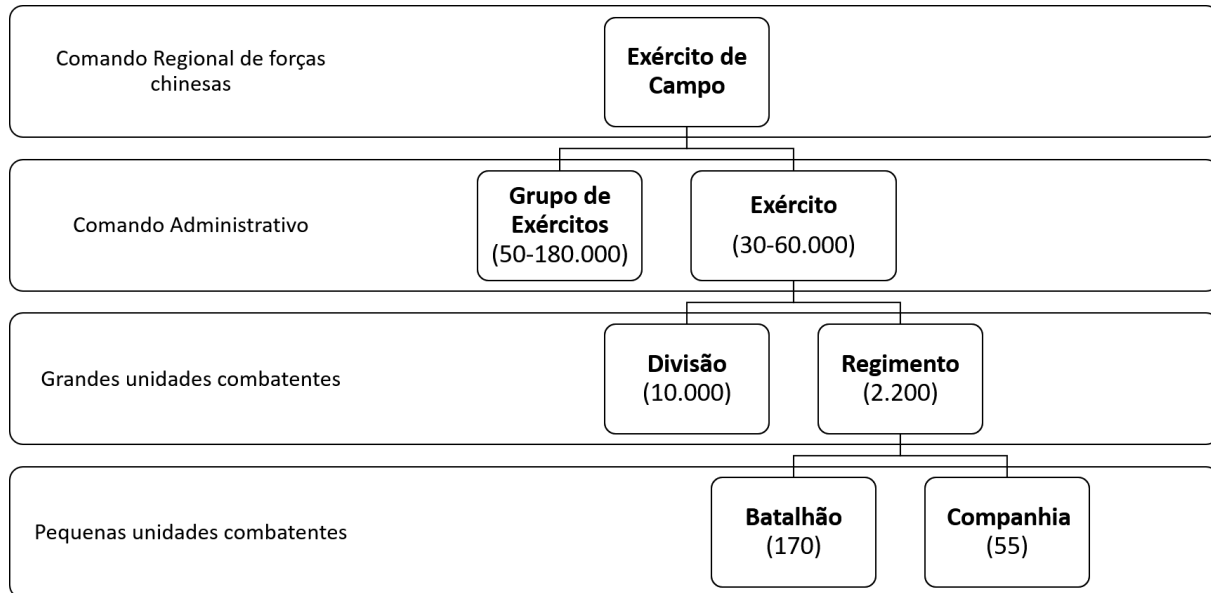


FIGURA 6.2 – A ESTRUTURA DO EXÉRCITO CHINÊS DURANTE A GUERRA SINO AMERICANA

FONTE: o autor

Já as forças norte-coreanas, em razão da influência soviética, eram mais próximas organizacionalmente das unidades combatentes terrestres ocidentais da Segunda Guerra Mundial e esse seria um ponto fundamental no seu emprego nas campanhas chinesas. As forças norte-coreanas evoluíram de duas linhagens de forças guerrilheiras. Uma primeira constituída por coreanos que lutaram com os chineses comunistas contra o Japão na Segunda Guerra Mundial e as forças da China nacionalista durante a Guerra Civil Chinesa até 1949. Essas retornaram para a Coreia do Norte em 1950 e constituíram quase metade do seu contingente total combatente e apenas uma pequena parcela de seus oficiais. A segunda linhagem é descendente de um menor número de coreanos que lutaram contra os japoneses na Coreia e na Manchúria nas décadas de 1920 e 1930 com apoio dos soviéticos e foram assimilados ou educados pelas forças soviéticas. Apesar de seu número mais reduzido, esse grupo teve maior influência porque sua história e líderes, entre eles Kim Il-Sung, conformaram o Exército Popular Coreano.

Esse segundo grupo de guerrilheiros foi treinado na União Soviética durante boa parte da Segunda Guerra Mundial e constituiu a liderança política da Coreia do Norte, tendo como instituição fundadora a Academia Militar de Pyongyang desde 1945. Dessa maneira, seus egressos constituíram e educaram os demais quadros de oficiais do Exército Popular Coreano e absorveram os soldados

coreanos reintegrados da Guerra Civil Chinesa. Esses cadetes também fundaram outros centros de instrução com apoio soviético e formaram as 1ª, 2ª, e 3ª Divisões de Exército da Coreia do Norte.³¹³

Portanto, os traços do modo de combate guerrilheiro chinês eram minoritários no Exército Popular Coreano. Ainda assim, as divisões norte-coreanas, mais tardiamente reintegradas da China, que mantiveram tal caráter e foram empregadas como guerrilhas atrás das linhas das forças norte-americanas, com destaque para a 10ª Divisão. Portanto, uma parcela maior do Exército norte-coreano tinha as linhas de organização e doutrinárias soviéticas e de forças convencionais e uma parcela menor eram mais similares às forças combatentes chinesas. Por isso, a distinção fundadora e de emprego das forças combatentes norte-coreanas implicaria em como seus contingentes seriam empregados em ofensivas e defensivas chinesas. Os contingentes norte-coreanos recém-reintegrados em 1950 foram mais facilmente adaptados às concepções chinesas. Já as unidades norte-coreanas de orientação e composição soviéticas geralmente atuaram separadas das chinesas no teatro e com missões específicas, com destaque para sua capacidade como forças de cobertura e defesa de posições contra as ofensivas norte-americanas.

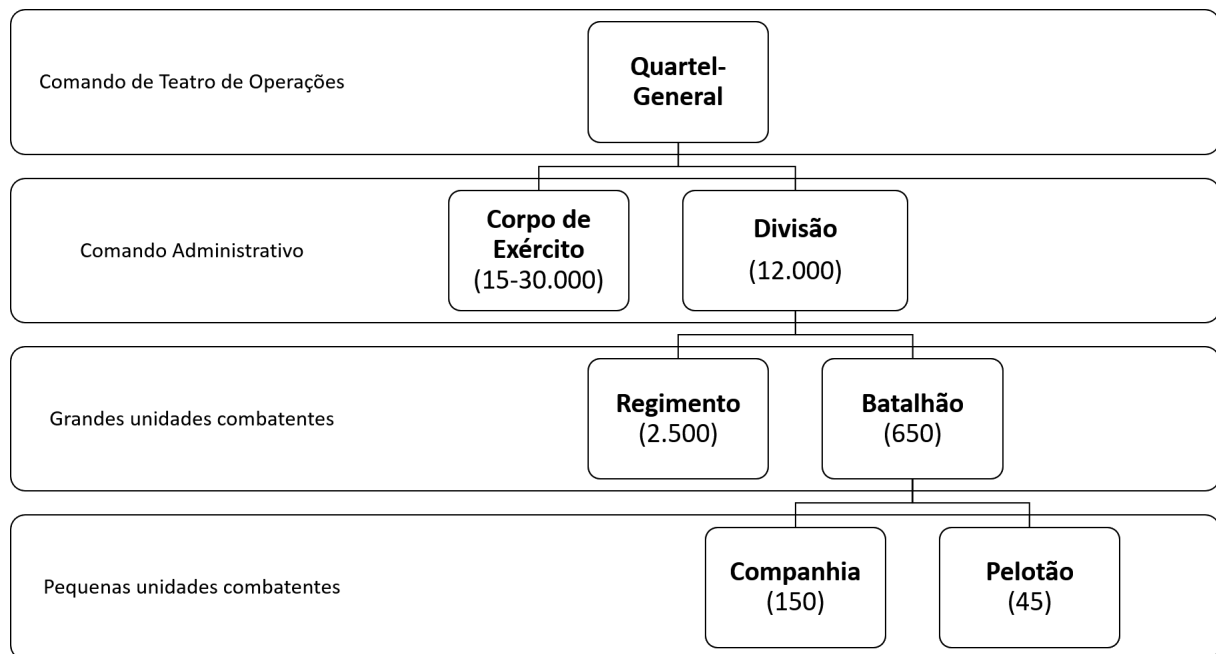


FIGURA 6.3 – A ESTRUTURA DO EXÉRCITO NORTE-COREANO NA GUERRA SINO AMERICANA

FONTE: o autor

Em termos doutrinários, a influência do pensamento estratégico cunhado por Mao Tse-Tsung durante as décadas de 1920 e 1930 sintetizou o pensamento estratégico clássico chinês com conceitos e experiências ocidentais, também refinado e difundido como conhecimento tácito entre oficiais e combatentes veteranos ao longo de trinta anos de guerras.³¹⁴ Na ausência ou pouca possibilidade

³¹³ MAHONEY. *Formidable Enemies*: The North Korean and Chinese Soldier in the Korea War, p. 3–5.

³¹⁴ GODWIN, Paul, Change and Continuity in Chinese Military Doctrine, 1949–1999, In: *Chinese Warfighting*: The PLA Experience Since 1949, Amonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 23–24.

de institucionalização do Exército de Libertação Popular chinês em termos de doutrina, tradições e procedimentos organizacionais; os escritos e reconhecimento de Mao como líder e comandante, de maneira combinada com os demais membros fundadores do Partido Comunista chinês, todos guerrilheiros em alguma medida, cumpriram esse papel de coesão e padrão de emprego das forças combatentes. O pensamento estratégico de Mao assimilava alguns aspectos do sistema de guerra contemporâneo, mas subestimava vários deles, o que gerava diferenças de expectativas com seus pares em termos das reformas necessárias e as possibilidades de emprego estratégico. Essas diferenças, no contexto da Guerra Sino-americana, não mudaram o consenso entre oficiais chineses que pouco poderia ser feito no curto prazo em termos de emprego tático e para avanço ou substituição do arcabouço doutrinário produzido por Mao. Portanto, a concepção de guerra de Mao foi o principal elemento norteador das forças chinesas e norte-coreanas na Guerra Sino- Americana, distintamente do estilo soviético, dominante na Guerra entre as Coreias e antes do envolvimento chinês.

Para Mao, uma vitória contra um oponente mais forte tornava necessário insistir em uma estratégia de aniquilação e não de atrito. Essa seguiria em três estágios:

1. Uma defensiva estratégica ativa;
2. Uma fase de transição e preparação para a contraofensiva;
3. Uma ofensiva estratégica e retirada do oponente.

O primeiro estágio seria uma defensiva pautada por enfrentamentos decisivos e ofensivos, e deveria evitar ser passiva. Pois, dessa maneira, a guerra se desenvolveria numa contenda de atrito, o que levaria as forças chinesas à derrota, principalmente em razão de suas deficiências logísticas intrínsecas. Já com a conduta de uma defesa ativa, enfatizava-se o ganho e retenção da iniciativa, o que garantia ao comandante mais flexibilidade no emprego das forças combatentes.

Central para tal, era o emprego de decepção para ludibriar o oponente ao erro e conferir efeito multiplicador da surpresa pelas forças chinesas. Um comandante chinês poderia destruir grandes seções das forças combatentes oponentes e quebrar sua superioridade de meios. Importante notar, portanto, que embora em termos estratégicos, esse primeiro estágio visasse o desgaste do oponente, taticamente buscar-se-ia a aniquilação de suas forças. Dessa maneira que não se perderia de foco o caráter de aniquilação desse estilo de guerra. Batalhas de aniquilação enfraqueceriam mais rapidamente o oponente, pois os impactos morais das derrotas o manteriam sem iniciativa.

Consequentemente, as forças chinesas teriam que contar com grande mobilidade e uso do terreno para serem capazes de concentrar suas forças contra seções isoladas do oponente, sem deixarem ser fixadas e combatidas pela totalidade de seu contingente disponível no teatro de operações. O oponente em ofensiva deveria ser ludibriado para um setor do teatro de operações em que as forças chinesas contassem com vantagem de terreno, inteligência e de preparação. Isso levaria o oponente a um ponto culminante e à necessidade de conversão para uma defensiva estratégica.

Nesse segundo estágio, o oponente buscaria consolidar sua posição e ganhos, enquanto as forças chinesas ainda não teriam superioridade para a contraofensiva. Tal impasse seria resolvido pelo ataque às guarnições e linhas de suprimentos do oponente, atraindo assim contra suas condições logísticas.

O terceiro e final estágio seria quando as forças chinesas conduziriam uma ofensiva ao alcançarem uma correlação de forças de superioridade, favorecida pela retenção da iniciativa, flexibilidade e mobilidade em comparação à disposição estagnada do oponente.³¹⁵

Não obstante, para o sucesso dessa ofensiva, existiriam sete pré-requisitos:

- O povo deve dar apoio ativo;
- O terreno deve ser favorável;
- As forças devem estar concentradas;
- Os pontos fracos do oponente devem estar identificados com uso intensivo de reconhecimento;
- O inimigo deve estar desgastado moral e fisicamente, utilizando-se principalmente de operações de infiltração, batalhas noturnas e combate cerrado;
- O inimigo deve ser induzido a erros;
- Alto moral das forças comunistas.³¹⁶

Essas concepções eram fortemente calcadas na mentalidade e educação dos comandantes chineses, e conformaram as estruturas, composições e doutrina de suas forças combatentes, mesmo que elas não fossem elaboradas em documentos formais. Após vinte anos de experiência, Mao julgava que as forças chinesas, reforçadas pelas norte-coreanas e armamento soviético, estavam adequadas a aplicar exemplarmente esses padrões operacionais contra as forças combatentes ocidentais na Coreia.

A fim de atendimento da concepção de guerra chinesa, a destruição rápida e definitiva de seções das forças combatentes cobrava grande preparação para os assaltos que tinham que ser bem servidos de inteligência. O refinamento dos planos de enfrentamentos demandava grandes detalhes, inclusive para unidades abaixo do nível de regimento e batalhão. Nesse sentido, um traço distintivo das forças comunistas era a orientação estratégica de cada plano a todas as unidades envolvidas, cuja preparação incluía ainda inoculação ideológica, reforço moral e coordenação adicional entre unidades adjacentes em condições limitadas de comunicação e sinalização.³¹⁷

Por conta disso tudo, operações de reconhecimento eram imperativas. Cada regimento chinês, contava com um pelotão de reconhecimento, especializado em operar atrás das linhas inimigas. Essas operações tinham que dar relatórios regulares sobre terreno, posições do oponente, especialmente as áreas de operações de cada uma de suas unidades e as disposições de artilharia e postos de comando, e ainda sobre pontos e horários favoráveis de ataque. Os chineses, em especial, empregavam mais de uma patrulha de unidades diferentes para reconhecimento de uma mesma área. Seja para cobertura e complementação de seus relatórios, seja para adiantar e facilitar a comunicação e coordenação entre as unidades no desenho e execução dos planos.³¹⁸

³¹⁵ Ibid., p. 30; ZHANG, *Mao's Military Romanticism*, p. 17, 22–25, 29.

³¹⁶ Os primeiros três elementos, não surpreendentemente, são próximos das considerações de Clausewitz no capítulo 26 do livro VI do *Da Guerra* – sobre a defesa por meio do emprego de populações armadas. GODWIN, *Change and Continuity in Chinese Military Doctrine, 1949–1999*, p. 29–30; MOSSMAN, Billy, *Edd and Flow: November 1950 – July 1951*, Washington: Center of Military History – United States Army, 1990, p. 57; POOLE, John, *Phantom Soldier: The Enemy's Answer to U.S. Firepower*, Emerald Isle: Posterity Press, 2001, p. 21.

³¹⁷ POOLE, *Phantom Soldier: The Enemy's Answer to U.S. Firepower*, p. 19.

³¹⁸ MAHONEY, *Formidable Enemies: The North Korean and Chinese Soldier in the Korean War*, p. 53–54; POOLE, *Phantom Soldier: The Enemy's Answer to U.S. Firepower*, p. 46,56.

As origens guerrilheiras e as capacidades relativamente limitadas em artilharia e engenharia faziam com que as forças chinesas e norte-coreanas fossem mais proficientes em enfrentamentos ofensivos do que defensivos. Como se pode ver adiante, existia maior número de ordens de batalha e de detalhes de preparação para ações de ataque que de defesa.

Durante a preparação de um assalto, as unidades treinavam seus papéis e missões e eram atualizadas detalhadamente sobre as forças amigas e oponentes. Eram necessários instrução e treinamento das várias técnicas de assalto intercambiáveis (ver tabela 6.1 abaixo) antes das unidades deixarem sua base de operações. Membros do partido comunista ainda tinham papel importante no encorajamento dos soldados e na inspeção das instruções.

Uma parcela do contingente era aplicada em operações de infiltração dias antes, na observação aproximada 24 horas antes do assalto, ataques probatórios e reconhecimento em força. A ordem de marcha do contingente de assalto era intercalada entre linhas de assaltantes e granadeiros e lançadores de foguetes. Cada linha consistia de um esquadrão de diferentes companhias.

Geralmente, os assaltos eram precedidos de uma barragem de artilharia. No caso dos norte-coreanos, aplicava-se uma barragem de artilharia de três fases. Fogo preparatório de 10 a 30 minutos para enfraquecer posições oponentes ao abrir lacunas em suas defesas e destruir posições de armamentos de apoio de fogo. Em seguida, a artilharia apoiaria as unidades norte-coreanas de assalto, que eram providas apenas de armamento leve. Por fim, a artilharia avançaria para os flancos das posições de ruptura das linhas oponentes e assim evitar reforços e contra-ataques, favorecendo assim o isolamento da seção/unidade sob assalto.

O emprego de artilharia chinesa era menos coordenado e direcionado. O fogo preparatório era mais limitado e apenas se iniciava quando as unidades de assalto estivessem a cem metros da posição oponente, ou seja, a uma distância em que as unidades de granadeiros pudessem ser empregadas de maneira combinada. Após o início do assalto, observadores informavam a correção de alvos para cargas apenas a frente das unidades de assalto. A artilharia chinesa não acompanhava todo o assalto e era preservada, mas os fogos eram retomados se o assalto, após suspenso, fosse retomando ao longo de uma noite. Ao longo de 1951, mesmo com a expansão e incremento da artilharia chinesa com material soviético, o padrão doutrinário chinês não se modificou, havendo apenas intensificação do estágio de fogos preparatórios.

Antes mesmos desses fogos e em continuidade das patrulhas precedentes, unidades especiais chinesas e norte-coreanas infiltravam nas linhas oponentes e capturavam posições fortes próximas a postos de comando, arsenais e linhas de retirada e suprimento. Algumas dessas unidades eram servidas de armamentos mais pesados e tinham a função de romper a coordenação e coesão internas do oponente, outras eram servidas apenas com granadas e baionetas e tinham a função de provocar confusão e dano moral.

Os assaltos chineses compunham de ataques em ondas de combatentes de quatro estágios. O assalto inicial tinha a tarefa de se aproximar dos alvos, de maneira a mascarar a infiltração de pelotões inteiros. Não menos que quatro escalões participavam desse estágio e agiam silenciosamente, dando preferência ao uso de baionetas e granadas de concussão contra as posições de metralhadoras oponentes de maneira a facilitar as ondas posteriores. Se esse elemento inicial não fosse capaz de

se aproximar do oponente, aplicava-se uma barragem de morteiros e uma segunda barragem de granadas contra as posições de metralhadoras.

O segundo estágio seguia a partir de várias direções e tinham como missão reduzir o poder combatente de setores pré-determinados. Essas unidades utilizavam essencialmente granadas e armamento leve. Deviam ter pré-definidas as ações de infiltração e supressão, mas o líder de cada esquadrão devia decidir sobre a concentração com outros esquadrões ou utilizar o ataque de outra unidade adjacente como diversão para ataque a um alvo.

Cada escalão desse estágio era separado em tempo e distância para diminuir o efeito de poder fogo oponente. Esses ataques frontais eram acompanhados de envelopamentos duplos contra os flancos a fim de bloquear qualquer linha de retirada. Geralmente, soldados recentemente conscritos eram empregados nos assaltos frontais, enquanto mais veteranos nas ações de envelopamento. As primeiras ondas frontais tinham a tarefa de drenar as munições e dar oportunidade para o combate cerrado e captura de posições pelos escalões posteriores. Por isso, os primeiros escalões eram providos de granadas e poucas metralhadoras, enquanto os últimos de rifles e, após a tomada de uma posição, morteiros.

Por fim, enquanto isso, o resto da reserva devia se preparar para um terceiro estágio de exploração. Entre esses estágios, os comandantes de companhias deviam se atualizar da progressão do assalto e fazer ajustes das ordens de batalha a serem aplicadas. Enquanto isso, o comandante de batalhão se informaria do ponto mais oportuno para concentração do esforço principal. Caso contrário, um sinal pré-determinado levaria os soldados a um quarto estágio de suspensão do ataque e retiravam-se, geralmente para reagruparem para outro assalto.

Apesar de uma primeira impressão de complexidade, essas eram as linhas gerais da maioria dos ataques chineses em composição com norte-coreanos na Guerra Sino-americana. Havia pouca variação dessa evolução e a flexibilidade ficava mais limitada à duração e combinação de técnicas ou ordens de batalhas a serem aplicadas por cada unidade que compunha os assaltos. Esses também eram pré-definidos e correspondiam ao terreno e condição do oponente. Como é possível apreciar na tabela abaixo, essas ordens de batalha eram relativamente simples e não correspondiam a formaturas e ordens de batalha ocidentais. Ao relembrar o caráter guerrilheiro das forças comunistas, e que muitos dos seus combatentes eram analfabetos e camponeses, tal simplicidade das ordens de batalha é justificada.

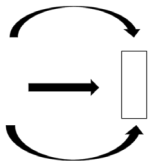
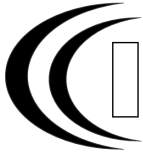
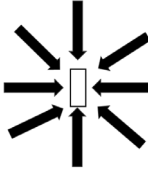
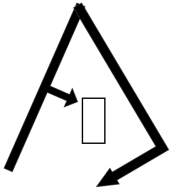
Nome	Layout	Emprego
Chifres		Ataque frontal lento, enquanto é envelopado duplamente.
Obstrução e aniquilação		Utilizado para desgaste dos adversários, obstruir significa restringir e bloquear significa interceptar. Formações concêntricas em “C”. A formatura dá uma defesa em profundidade.
Nuvem de Batalha		Demanda a dispersão e depois concentrações das forças contra um ponto. Demanda comunicação contínua e ensaios.
Yingwei		Aplicado a oponentes sitiados, encurralados.
Formato de “3”		Formatura para emprego contra oponentes derrotados, que, ludibriados pelas aberturas da formatura, são divididos
V fechado		Ataque pela retaguarda, de forma a cortar a rota de fuga e suprimir o oponente. A formatura em V permite o oponente se mover, as forças chinesas avançam para fechar o V e uma outra força move de baixo da boca da formatura para bloquear qualquer força de resgate.

TABELA 6.1 – MANOBRAS OFENSIVAS CHINESAS

FONTE: elaborado pelo autor, com base em Poole (2001), p. 35-40

De maneira combinada com os assaltos em ondas ou não, as forças chinesas eram especializadas em empregar emboscadas em rodovias contra unidades oponentes motorizadas. As forças chinesas faziam uso do terreno dominando áreas mais elevadas, que favoreciam ataques frontais combinados com ataques aos flancos e retaguarda. Essas emboscadas tinham maior efeito montando-se bloqueios nas rodovias, servidos de metralhadoras e até morteiros, enquanto os demais soldados chineses mantinham-se escondidos e apenas atacavam após as forças oponentes estivessem engajadas contra os bloqueios. Na Guerra Sino-americanas, regimentos chineses inteiros chegaram a ser empregados

nessas emboscadas, seja para evitar que unidades oponentes isoladas fossem resgatadas, ou mesmo como forma de estancar as vanguardas de ofensivas das forças norte-americanas.³¹⁹

É de se notar que nas concepções estratégicas de Mao Tse-Tsung não havia qualquer orientação sobre perseguição como um procedimento tático elementar das forças chinesas. De fato, as forças chinesas não tinham meios logísticos para tal, assim como não tinham qualquer orientação doutrinária. Essa era uma proficiência existente apenas pelas forças norte-coreanas e empregada em julho de 1950. No entanto, com a destruição de suas unidades motorizadas e blindadas e a transferência de material soviético apenas a partir de maio de 1951, as unidades blindadas comunistas introduzidas em meados de 1951 eram para reforço das linhas defensivas do que ataques profundos.³²⁰ De fato, as deficiências logísticas, doutrinárias e de comando dificultavam a coordenação e reforço entre unidades adjacentes para retenção de posições recém-conquistadas ou exploração de rupturas de linhas oponentes. O sistema de comunicação chinês era deficiente, e as unidades adjacentes recebiam atualizações de relatórios e comando muitas vezes tardiamente, quando as linhas de fogos oponentes já estavam reposicionadas e concentradas contra as forças chinesas.³²¹

As forças comunistas empregaram três tipos de procedimentos defensivos: defesa móvel, defesa fixa de colinas e a denominada “tática arrepiante”.³²²

A defesa móvel baseava-se na coordenação entre pequenas unidades na cobertura da retirada de unidades principais aplicando pequenos contra-ataques segundo a formação Hesui (ver tabela a seguir). Essas unidades poderiam intensificar esses contra-ataques na medida da oportunidade, atingindo pontos fracos e flancos do oponente. A principal finalidade era ganhar tempo para a retirada das unidades principais e tirar o ímpeto e iniciativa do oponente. Por isso, as unidades principais evitavam o contato, enquanto que as unidades de cobertura poderiam ser sacrificadas.

Em razão de maiores serviços de artilharia e de apoio, as forças norte-coreanas também aplicavam defesas posicionadas em linhas. Posicionavam postos de vanguarda em condições de apoio de fogo mútuo em formação “unidade dividida”, com uma força posicionada em uma linha defensiva principal e uma reserva em uma segunda linha atrás da primeira, dispostas na formação Hesui. A primeira linha defensiva poderia engajar as forças atacantes a fim de conter seu ímpeto, quanto recuar para a segunda linha. A partir dessa posição, as forças norte-coreanas, reforçadas pela reserva, também poderiam desferir um contragolpe e recuperar a primeira linha. Se no caso das unidades na primeira linha não fossem capazes de recuar em razão do fogo oponente, a linha de retaguarda tinha a missão de flanquear os atacantes. As forças chinesas, apenas após grandes reformas e assessoria soviética, foram capazes de desenvolver doutrina e meios para conduta de defesa em linha, apoiada de fortificações de campo e artilharia. Isso ocorreria apenas a partir de julho de 1951 e seria importante na mudança estratégica da guerra a partir de então.³²³

As forças comunistas – chinesas e norte-coreanas – eram especialmente proficientes na defesa de pontos altos e colinas. Essas posições eram bem preparadas e camufladas com perímetro de 360°

³¹⁹ MAHONEY. *Formidable Enemies*: The North Korean and Chinese Soldier in the Korean War, p. 66.

³²⁰ *Ibid.*, p. 73.

³²¹ *Ibid.*, p. 85.

³²² GODWIN. *Change and Continuity in Chinese Military Doctrine, 1949-1999*, 25; MAHONEY, *Formidable Enemies*: The Northern Korean and Chinese Soldier in the Korean War, p. 65, 87-88, 91-94.

³²³ RYAN; FINKELSTEIN; MCDEVITT. *Introduction*, p. 11.

(ver formação em círculo na tabela abaixo). Essas posições eram fortificadas com casamatas e com suas seções conectadas por trincheiras. Em correspondência à formação Hesui, os chineses e norte-coreanos dispunham de defesas em duas linhas e em zig-zag, favorecendo assim cobertura de fogo e dificultando flanqueamento pelo oponente.

A “tática arrepiante” (denominada pelas forças norte americanas, na época, de *creeping tactics*) era uma combinação das duas anteriores. Ela envolvia a preparação de pontos fortes em áreas não ocupadas antes do avanço oponente. Essas posições eram fortificadas como as posições defensivas em colinas, mas elas eram evacuadas durante o dia e ocupadas durante a noite pelas unidades de cobertura em contragolpe ao ataque oponente. A distinção era que essas posições tinham maior capacidade de resistência do que no caso de uma defesa ativa regular. No contexto da Guerra Sino-americana, em que as forças norte-americanas avançavam em linha, esses pontos fortes obstruíram a ofensiva e tinham que ser neutralizados, permitindo o recuo da força principal.³²⁴

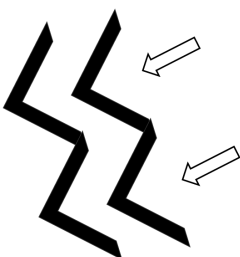
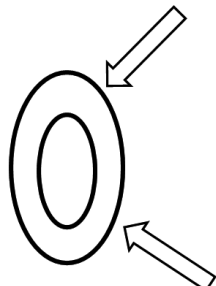
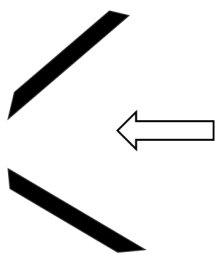
Nome	Layout	Emprego
Hesui		Contra vanguarda do oponente
Círculo		Defesa de posição elevada, geralmente colinas
Unidade dividida		Defesa contra oponente em grandes números de infantaria Força o oponente a se dividir e se colocar em fogo cruzado

TABELA 6.2 – MANOBRAS DEFENSIVAS CHINESAS
FONTE: elaborado pelo autor com base em Poole (2001), p. 38, 41

³²⁴ MAHONEY. **Formidable Enemies**: The Northern Korean and Chinese Soldier in the Korean War, p. 50–51.

Como resumo, os parâmetros operacionais das forças chinesas foram listados por Mao em “Dez Princípios de Combate Básicos”:

1. Para derrotar oponentes maiores, é preciso boa inteligência e planejamento detalhado;
2. Operações de reconhecimento devem localizar os pontos fortes e fracos e as linhas divisórias entre unidades e comandos operacionais do oponente;
3. Das menores unidades táticas ao todo contingente mobilizado, confundir, ludibriar e emboscar eram as técnicas empregadas com mais alta performance pelas forças chinesas;
4. A preferência chinesa por operações móveis e de manobra a defesas de posições estáticas;
5. A preferência por enfrentamentos ofensivos a defensivos;
6. O foco em batalhas de aniquilação de forças combatentes oponente à conquista e retenção de terreno;
7. A busca pelo emprego de números e poder de fogos superiores em pontos fracos do oponente;
8. O uso de fogo maciço de artilharia para efeito físico quanto moral;
9. A preferência por operações noturnas;
10. A tenacidade combatente das unidades chinesas e capacidade de absorver grandes baixas.³²⁵

Como uma avaliação preliminar, não há uma crítica a esse conjunto doutrinário e dos estilos de combates chineses e norte-coreanos, que poderiam ter sido suficientes no atendimento dos propósitos estratégicos chineses dentro dos parâmetros de uma guerra limitada. No entanto, as capacidades combatentes das forças chinesas, mas não necessariamente as norte-coreanas, tiveram uma performance declinante no emprego de suas concepções, técnicas e ao longo da guerra. As principais causas foram:

- a. o muito maior poder de fogo de norte-americanos em comparação a japoneses e as forças da China Nacionalista, principalmente em termos de fogos aéreos;
- b. o terreno menos familiar aos chineses;
- c. as dificuldades logísticas;
- d. a dificuldade de coordenação tática entre chineses e norte-coreanos;
- e. as várias vezes em que as orientações de Mao foram contra esses princípios combatentes básicos e mesmo contra as orientações estratégicas de sua concepção original de guerra.

A maioria dos fatores listados é mais exógena, logística e política do que propriamente tática, mas foi suficiente para limitar a possibilidade de uma vitória decisiva chinesa, mas principalmente explica sua apreensão contra uma guerra estática e prostrada. Enquanto os aspectos políticos foram tratados nos capítulos três e quatro, segue adiante uma análise das condições logísticas das forças chinesas.

6.3 AS CONDIÇÕES LOGÍSTICAS CHINESAS

A China iniciava uma guerra limitada em prosseguimento da mais longa série de guerras de sua história contemporânea, por isso era de se esperar que as condições logísticas chinesas estariam

³²⁵ RYAN; FINKELSTEIN; MCDEVITT. *Introduction*, p. 9–10; MOTT IV, William. *The Philosophy of Chinese Military Culture: Shih vs. Li*, New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 106.

longe das ideais. Enquanto que no caso da coalizão das Nações Unidas existia uma base comum das condições de possibilidade provisionada pelos Estados Unidos e Japão, a China era incapaz de desempenhar o mesmo papel. No contexto da Guerra Sino-americana, a China foi a provedora de recursos humanos, combatentes e de apoio, e de bases intermediárias para organização, posicionamento e manutenção das forças chinesas e norte-coreanas. Na primeira função, a China possuía recursos relativamente amplos – apesar de combatentes veteranos começarem a escassear a partir de março de 1951; mas cumpriria com muita dificuldade a segunda função. Por isso, não é possível entender suas atividades de preparação de suas forças combatentes e suas condições logísticas gerais para essa guerra sem a apreciação de seu atrelamento a seus aliados comunistas.

6.3.1 A Mobilização das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas

No provimento da força combatente, o grande entrave chinês era a reversão, pelo menos parcial, da política de desmobilização iniciada ao término da Guerra Civil em 1949 de 5,4 para 4 milhões de soldados, em razão da necessidade de redução dos custos militares gerais e ainda pela necessidade de conversão de forças terrestres em forças marítimas e aéreas para uma futura invasão à Taiwan.³²⁶ Essa meta seria inviabilizada com a intervenção na Coreia, por isso, também de um ponto de vista logístico, a Guerra Sino-americana distanciava a China de seus objetivos políticos domésticos prioritários.

Em razão dos anos de guerra, a infraestrutura chinesa para a mobilização estava desgastada e as unidades e equipamentos em baixas condições. Várias das unidades e soldados estavam ainda em trânsito para suas regiões de origem, sendo que aqueles já desmobilizados encontravam-se no cultivo de plantações ou em missões de guarnição. Os soldados estavam cansados ou sem treinamento e houve a necessidade de intensa intervenção dos oficiais políticos para elevação do moral e reorganização das unidades em curto prazo de tempo e preparação da população para a guerra com os Estados Unidos.³²⁷ A consequência disso era que metade do efetivo chinês, ou 250 divisões, não estava em condições de ser empregada. A partir de 125 divisões efetivas que o Politburo tinha constituído uma reserva geral, formada pelas melhores unidades regulares da Guerra Civil em experiência, material e treinamento.³²⁸ Ainda assim, em termos de moral, mesmo entre essas unidades, estima-se que apenas metade dos oficiais e soldados apoiavam claramente a intervenção, a outra metade seguia passiva ou mesmo se opunha à ela,³²⁹ enquanto que a maioria das unidades enviadas para a Coreia em 1950 vinha da reserva geral, dois Exércitos e as reposições enviadas a partir de 1951 em diante eram soldados e unidades remobilizados, e de menor qualidade e mais baixa moral. A essas unidades foram adicionados soldados individualmente ou unidades inteiras integradas do Exército Nacionalista chinês. Com essas linhas gerais de constituição que se organizou o Exército

³²⁶ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 95; ROE, Patrick C., *The Dragon Strikes: China and the Korean war, June-December 1950*, Novato: Presidio, 2000, p. 94–95.

³²⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 139; ROE. *The Dragon Strikes*, p. 76.

³²⁸ ROE. *The Dragon Strikes*, p. 415–416, 421.

³²⁹ YU, Bin. What China Learned from its “Forgotten War” in Korea, In: *Mao's Generals Remember Korea*. Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 13.

Popular de Voluntários Chineses (EPVC), formada a partir da realocação de trinta divisões que chegariam a trinta e três no auge da guerra em 1951.³³⁰

Ao início da guerra, a ordem de batalha chinesa era de dois Grupos de Exército – o XIII e o IX – que eram constituídos, respectivamente, por seis (38º, 39º, 40º, 42º, 50º e 66º) e três (20º, 26º, e 7º) Exércitos cada um. Evidentemente, o XIII Grupo de Exércitos era o principal contingente ao início da guerra. Não apenas por seu maior número, mas porque era constituído por uma muito maior proporção de unidades veteranas. Apenas o 50º Exército seria um misto de novos recrutas e soldados convertidos do Exército Nacionalista chinês. Os 38º, 39º, 40º e 42º Exércitos eram unidades veteranas que lutaram, sob o comando de Lin Biao, na Manchúria. Por isso, eram unidades adestradas tanto para operações de guerrilha quanto mais convencionais, conheciam razoavelmente o terreno coreano e eram adaptadas ao frio. Após a guerra civil, essas unidades incorporaram parte significativa das forças nacionalistas detentoras de treinamento e equipamento norte-americanos e consideradas de mais elevada performance. O 66º Exército era a unidade considerada de mais alto desempenho e coesão do Exército de Libertação Popular e era posicionada originalmente em Pequim para guarnição da segurança de Mao e sua alta cúpula. Em relação ao IX Grupo de Exército, apenas o 26º Exército era considerado uma unidade de elevada performance. Para compensação relativa de seus números e qualidade, a esse contingente que a maior parte das forças norte-coreanas foi adicionada.

Para efeitos deste estudo, a China teve duas categorias de constituição qualitativa de suas forças terrestres. Entre o início da intervenção em outubro de 1950 e fevereiro de 1951, Peng Dehuai contaria com uma maior porção de unidades veteranas, reconduzidas e treinadas e originalmente de organização e doutrina chinesas, o que significa ter um amplo caráter guerrilheiro, mas experimentadas no enfrentamento contra forças convencionais. Tinha uma composição predominantemente de infantaria e uma heterogeneidade de material bélico herdado das guerras com o Japão e civil. Entre abril e julho de 1951, ele contaria com um efetivo maior e com maior grau de uso e, logo, homogeneização, de material soviético. Porém, ele teria que fazer uso de um novo contingente mobilizado com maior proporção de soldados menos experientes, com pouco ou nenhum treinamento e de unidades menos coesas. Esses reforços vieram da criação de novas unidades com a mobilização de população camponesa por meio de persuasão, propaganda e pressão social. A resposta popular a essa segunda fase de mobilização foi significativa. A situação econômica chinesa favoreceu a conscrição, especialmente pela oferta de preferência fiscal às famílias dos voluntários.³³¹

O contingente norte-coreano que compôs a força que invadiu a Coreia do Sul em julho de 1950 era formado por veteranos da guerra contra o Japão e indivíduos recomendados ao serviço voluntário pelo Partido dos Trabalhadores Coreano. A expectativa de vitória certa inibiu a liderança norte-coreana a ter um plano de mobilização ou de reserva. Com o prolongamento do esforço de guerra e a necessidade de recompor as forças, houve a necessidade de emprego do exército e das forças de segurança no recrutamento nas vilas e entre refugiados. De qualquer maneira, as mobilizações norte-coreanas de pessoal foram expedientes e houve pouco tempo de treinamento de recrutas sem experiência de combate. Mais crítico foi a demanda por oficiais após o desbaratamento das forças

³³⁰ APPLEMAN, Roy Edgar. *Ridgeway Duels for Korea*, Austin: Texas A&M University Press, 1990, p. 450; ROE, *The dragon strikes*, p. 415–416, 421. Para um histórico de todas as unidades chinesas que combateram na Coreia, ver MAHONEY. *Formidable Enemies: The North Korean and Chinese Soldier in the Korean War*, p. 111–137.

³³¹ *Ibid.*, p. 420.

norte-coreanas pelas forças norte-americanas ao fim de 1950. A partir de então, o treinamento de oficiais reduziu de 10 para 3 meses.³³²

Em termos de arsenal, o novo regime chinês estava em formação e altamente despreparado para uma guerra além de suas fronteiras. O único polo industrial encontrava-se na Manchúria e sob a dominação soviética, o que resultou em extravios e sua deterioração. Isso explica porque ele teve pouca contribuição na constituição das forças comunistas, apesar de seu potencial. Ainda assim, ele não era capaz de produção de armamentos e material bélico pesado, mas apenas de munição e em capacidade bastante limitada.

No caso norte-coreano, embora 75% da indústria existente na Península Coreana era localizada ao norte do paralelo 38°, ela era herança da presença japonesa e tinha como ênfase a produção química e o refino de petróleo. Esse parque industrial poderia ter contribuição na produção de combustíveis, lubrificantes e explosivos e armamentos leves, mas não de armamento pesado como tanques, caminhões e artilharia. No entanto, como a maior parte desses centros industriais norte-coreanos era localizada na costa nordeste do país, ela foi rapidamente neutralizada pela Marinha dos Estados Unidos, mesmo antes da intervenção chinesa.³³³

Por isso, não se deve menosprezar a importância dos arsenais capturados na constituição das forças chinesas e norte-coreanas. Durante a primeira metade de 1951, esses seriam uma fonte importante de material para constituição das forças, tanto quanto impuseram dificuldades na distribuição de munições para seu uso. A China tinha grande quantidade de material japonês, mas principalmente norte-americano do Exército Nacionalista chinês. Isso porque divisões inteiras equipadas com material dos Estados Unidos foram capturadas entre 1946 e 1950. Aponta-se a posse de: três milhões de rifles e pistolas, 320 mil submetralhadoras, 54 mil peças de artilharia, 622 tanques, 380 blindados, cinco milhões de cargas de artilharia, 500 milhões de cápsulas de munição, 200 embarcações e 189 aeronaves. Ao fim dessa guerra, isso corresponderia a em torno de 80% de todo material apreendido. As divisões norte-coreanas contavam com material soviético, bem como um amplo estoque de material do Exército Imperial japonês que se rendeu na Manchúria, e receberam uma parcela do arsenal capturado do Exército Nacionalista chinês e grande quantidade de material – principalmente norte-americano – dos estoques da Coreia do Sul quando tomaram Seul e outros depósitos durante sua invasão em 1950.³³⁴

O grande gargalo para o uso pleno desse equipamento durante a Guerra Sino-americana foi a falta de manutenção e instrução para uso de sistemas de armamentos mais complexos, como os tanques e obuses norte-americanos que a China comunista detinha naquele momento e não era capaz de operar plenamente.³³⁵ A grande variação de armamentos e calibres que os chineses e norte-coreanos usavam, somada a princípios distintos de organização e emprego, teria como consequência uma limitada capacidade de estoque e distribuição desse material, principalmente às unidades no front, que precisaram ser abastecidas por carregadores e animais de carga. Adiciona-se a isso, a igual difícil tarefa em prover peças sobressalentes e reparos dos armamentos de infantaria e artilharia. Enquanto que os primeiros eram simplesmente descartados, a ordenança passou a ter capacidade operacional regular apenas a partir da padronização das duas forças com material soviético.

³³² Ibid., p. 5-12.

³³³ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 36-37; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 60-62.

³³⁴ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 62-63.

³³⁵ Ibid., p. 63.

Tal processo de homogeneização foi lento. As forças norte-coreanas já tinham passado por amplas reformas desde a Segunda Guerra Mundial e eram produto da arte da guerra soviética. Já as unidades chinesas mantiveram seu caráter heterogêneo e distinto por todo o primeiro ano da guerra. Apenas a partir de uma fase estática da guerra ao fim de 1951 em diante que passou a existir esforço de convergência de procedimentos operacionais entre os membros da coalizão comunista a partir da criação de comissões com representantes das três partes e aumento da assessoria e assistência soviéticas.³³⁶ De 1952 até o final da guerra que as forças chinesas foram um produto híbrido entre divisões chinesas originais e doutrina e equipamento soviéticos, permitindo a homogeneização das forças comunistas e sua sustentação continuada de maneira mais efetiva e eficiente.³³⁷ Para efeito do recorte temporal deste estudo, esses problemas estruturais das forças comunistas tiveram duas consequências, uma política e outra tática.

Do ponto de vista político, era reconhecido que o envolvimento chinês na Coreia era amplamente dependente do apoio material soviético.³³⁸ Essa dependência denotou também no grau de envolvimento e comprometimento da própria União Soviética com a Guerra Sino-americana. Além do apoio de material bélico para constituição das forças terrestres chinesas, Stalin tomou medidas que garantissem a retaguarda dos seus aliados, e a própria segurança da União Soviética. Stalin autorizou o envio de 15 divisões do 67º Corpo Aéreo para o nordeste chinês e áreas costeiras entre outubro e dezembro de 1950. Além da defesa aérea da China, esse contingente tinha a missão de treinar pilotos chineses, que assumiram tal função de proteção aérea paulatinamente. Por fim, ele enviou dez regimentos motorizados que se posicionaram entre as cidades do Nordeste, Norte e Leste da China.³³⁹

Os soviéticos proveram equipamento de excelente qualidade e consultores que foram importantes no incremento organizacional e doutrinário chinês. No entanto, é importante ressaltar o *timing* a partir de quando o apoio soviético passou a ser insubstituível para a continuidade da participação da China na guerra. A promessa de transferência de material por Stalin foi apresentada novamente a Mao apenas em dezembro de 1950, mas o acordo para que a União Soviética provesse material para 66 divisões foi assinado em maio de 1951. Uma primeira remessa de material para 16 divisões foi completamente entregue apenas em agosto de 1951. Em parte, essa demora era justificável pelo fato que os principais centros de indústria pesada soviética ficavam em Kuznetsk e nos Urais, respectivamente, em torno de oito mil e dez mil quilômetros de distância da China, e demandavam entre nove e 12 dias para deslocar 14 mil toneladas diárias.³⁴⁰ Entretanto, Shrader aponta que o momento da ênfase do apoio soviético se deu em um momento crítico: quando as forças norte-americanas reverteram o equilíbrio de forças no teatro de operações, colocando as forças chinesas em desvantagem e a partir de quando se iniciaram as negociações de armistício.³⁴¹ Dessa maneira, a União Soviética nutria a vontade chinesa de continuar lutando, manipulando os interesses chineses

³³⁶ WEATHERSBY, Kathryn. **The Soviet Role in the Korean War: the State of Historical Knowledge**, In: **The Korean War in World History**, Lexington: University Press of Kentucky, 2004, p. 73–74; YU. **What China Learned from its “Forgotten War” in Korea**, p. 13.

³³⁷ HUSTON. **Guns and Butter, Powder and Rice**, p. 357–359; SHRADER. **Communist Logistics in the Korean War**, p. 64–65.

³³⁸ GONCHAROV, Sergei; LEWIS, John; XUE, Litai. **Uncertain Partners: Stalin, Mao, and the Korean War**, Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 179.

³³⁹ *Ibid.*, p. 200–201.

³⁴⁰ HUSTON. **Guns and Butter, Powder and Rice**, p. 39.

³⁴¹ **Communist Logistics in the Korean War**, p. 66.

em prol de seus próprios. O restante desse material bélico seria entregue em três parcelas anuais até 1954,³⁴² prazo este em que Stalin vislumbrava iniciar sua “última campanha” contra o Ocidente.³⁴³

Como discutido nos capítulos 2 e 3, um ponto crítico das negociações sino-soviéticas foi o provimento de uma força aérea. Por essas mesmas razões, a mobilização de contingentes soviéticos e criação de uma força aérea chinesa foi tardio e lento. Apesar da operação de caças MIG-15 desde o dia 1 de novembro de 1950 por pilotos soviéticos, o comando aéreo combinado sino-norte-coreano operava basicamente caças Yak-29 e bombardeiros Tu-2. A China teria uma força aérea efetiva apenas em junho de 1951 com três divisões de MIG-15 e cinco de MIG-9. Portanto, não teriam papel no apoio das operações terrestres no período. A força aérea disponível até então, basicamente soviética, teria meios, portanto, apenas para proteção da Manchúria e cobertura da inserção de novos contingentes na Coreia do Norte. Isso se dava principalmente pela limitada autonomia do MIG-15. Esse problema seria parcialmente mitigado com a expansão da força aérea chinesa em condições suficientes para criação de bases aéreas na Coreia do Norte ao fim de 1952, com a incorporação de MIG-15 potencializados e bombardeiros Il-28 de maior autonomia.³⁴⁴

Do ponto de vista tático, as diferentes estruturas e doutrinas das forças chinesas e norte-coreanas impuseram muitas dificuldades no ajuste ou elaboração de novas instruções, táticas elementares e doutrinas para fazer frente aos norte-americanos. Para além das deficiências de material e pessoal, isso ajuda explicar a replicação de instruções e táticas elementares mesmo com a sua perda de eficácia, explícita a partir de abril de 1951. Exemplarmente, a disponibilização de material, pessoal e técnicas para o emprego simultâneo, e não simplesmente sequenciado, de armas combinadas seriam perceptíveis em julho de 1951. Mas com resultados estratégicos significativos apenas a partir de 1952, conformando uma fase mais prostrada e simétrica da guerra.

6.3.2 A Movimentação das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas

A movimentação dentro do teatro de operações é considerada o grande gargalo logístico da China na Guerra Sino-americana.³⁴⁵ Essa condição logística tinha efeito estratégico muito relevante, pois foi responsável pelo atraso na intervenção chinesa, pela dificuldade comunista em colocar em campo uma fração maior de suas forças totais e pela limitação temporal e espacial de suas operações.

A mobilização chinesa concentrava-se na fronteira da Manchúria com a Coreia do Norte a partir do uso extremo do sistema ferroviário da região. Existia um eixo ferroviário trazendo unidades das várias partes da China e outro eixo deslocando material bélico da Sibéria soviética. Portanto, para além dos primeiros contingentes chineses, a combinação de soldados e equipamentos em unidades combatentes se dava nessa fronteira e às vésperas de sua introdução no teatro de operações.

Dentre os dois itens existia maior excedente de recursos humanos, por isso o esforço chinês foi para o incremento das linhas com a União Soviética para o fluxo de material. Foram incrementadas as pontes ferroviárias a partir do rio Tumen na fronteira entre Sibéria e Manchúria, assim como a princi-

³⁴² XUEZHI, Hong. *The CPVF's Combat and Logistics*, In: Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 136.

³⁴³ LEVINE, Alan. *Stalin's Last War; Korea and the Approach to World War III*, McFarland: Jefferson, 2005.

³⁴⁴ ROTTMAN. *Korean War Order of Battle*: United States, United Nations, and Communist Ground, Naval, and Air Forces, 1950-1953, Santa Barbara: Praeger Publishers, 2002, p. 182; RYAN; FINKELSTEIN; MCDEVITT. *Introduction*, p. 13.

³⁴⁵ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 360-362; ROE. *The Dragon Strikes*, p. 76-78.

pal linha férrea a partir de Vladivostok. O sistema ferroviário da Manchúria era de 6 mil quilômetros com cinco conexões ligando o sul da Sibéria com a China, Mongólia e Coreia do Norte e três linhas férreas conectavam Manchúria e Coreia do Norte. Mas a passagem do material por essas conexões era demorada, pois o sistema ferroviário soviético tinha bitola de 1,5 metros, mais larga que as bitolas convencionais dos sistemas ferroviários da China e Coreia do Norte. Portanto, embora essas conexões tivessem o potencial de deslocar 17,5 mil toneladas por dia, o sistema férreo comunista era capaz de entregar efetivamente apenas 13 mil toneladas diárias de material na Coreia do Norte.³⁴⁶

Isso tudo provocava um enorme tráfico no deslocamento das unidades já equipadas e todo restante de material da Manchúria para dentro da Coreia do Norte. Esse tráfico dava-se pela concentração sobre a conexão ferroviária continental entre Sinuiju na fronteira e a capital Pyongyang, desde que a segunda melhor conexão na costa oriental até Wonsan tornou-se impraticável pela presença ativa da Marinha dos Estados Unidos.

Mesmo essa linha ferroviária principal – e suas ramificações – foi constantemente foco de atenção da Quinta Força Aérea norte-americana. Várias ramificações ao sul da capital norte-coreana também foram inutilizadas pois as características de terreno e clima e o grande número de tuneis, descritos no capítulo cinco, a tornava susceptível a interdição aérea. Apenas com a alteração da superioridade área relativa mediante as contribuições soviéticas que houve uma normalização desse serviço, com efeito estratégico a partir do fim de 1951.³⁴⁷

Entre janeiro e julho de 1951, a operação do sistema ferroviário demandou um esforço competitivo na reconstrução de trilhos acima da capacidade de interdição aérea oponente. Para tal, times específicos com trabalhadores civis, engenheiros e material de manutenção eram mantidos em reserva e camuflados durante o dia, para restauração de trechos durante a noite. Outros trechos ferroviários eram camuflados durante o dia, e outros trechos “espantalhos” eram construídos para ludibriar os esforços norte-americanos. Por fim, destacaram-se serviços motorizados e de carregadores para substituição dos trechos mais críticos.

Ao norte do paralelo 39°, o transporte por trilhos e rodovias era em quantidades equivalentes. Porém, ao sul da linha entre Pyongyang e Wonsan, o transporte passava a ser predominante por caminhões e minoritário o uso de trens. O sistema rodoviário coreano tinha disposição quase idêntica do ferroviário, e sofreu o mesmo tipo de limitação pela ação norte-americana. Porém, a manutenção e reconstrução de rodovias eram atividades menos especializadas e, logo, mais viáveis para os departamentos de retaguarda comunistas. Também por conta da interdição aérea, as rodovias mais interiores – justamente aquelas de menor qualidade e capacidade de tráfego – foram as mais sobrecarregadas.³⁴⁸ A limitação de maior efeito era a rota n° 15 no eixo Leste-Oeste ligando Pyongyang a Wonsan. Era uma pista estreita, de mão única de baixo gradiente de pavimentação – basicamente cascalho – e passava por colinas e desfiladeiros que a tornava excessiva em curvas e trechos íngremes. Esse terreno somado a interdição aérea norte-americana tornou a condução de caminhões a tarefa com mais alta taxa de baixas por morte do teatro de operações coreano (20%), muito superiores às taxas de unidades de infantaria chinesa (6%).³⁴⁹ Por isso, o provimento de

³⁴⁶ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 37–38; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 16.

³⁴⁷ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 352, 360–362.

³⁴⁸ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 121.

³⁴⁹ YU. *What China Learned from its “Forgotten War” in Korea*, p. 24.

motoristas também se tornou um gargalo desde que esse não era um recurso humano abundante nas sociedades agrícolas chinesas e norte-coreanas.

As forças comunistas eram capazes de sustentar razoavelmente seu esforço combatente no front, mas a coordenação e realocação de recursos no teatro eram limitadas. Principalmente depois do desgaste da ofensiva de janeiro de 1951, haveria concentração de forças chinesas a oeste e ao longo da rota nº 15 e as forças norte coreanas seriam limitadas a atuarem na porção mais oriental do sistema rodoviário.³⁵⁰

O transporte motorizado era feito por unidades de caminhões orgânicos a unidades de divisão e regimento, mas em um número limitado complementados por carros de boi. A maioria dos caminhões usados pelas forças chinesas e norte-coreanas era soviética: GAZ-51, GAZ-63, ZIS-51 e ZIS-53. Enquanto os dois primeiros tinham rendimento de 13 quilômetros por litro e eram usados para transporte de soldados (em torno de doze por caminhão) e artigos em geral, os dois últimos tinham rendimento de 7,5 quilômetros e eram exclusivos para transporte de artilharia. Pela inexistência de refinarias em condições de produção na Coreia, a gasolina utilizada vinha de grandes distâncias e tinha seu consumo estritamente controlado. Alguns caminhões foram convertidos para operarem a partir do consumo de carvão, e consumiam 200 quilogramas de carvão para deslocamento de em torno de sessenta quilômetros. Como no caso de demais equipamentos e sistemas de armamentos mais complexos, a frota de caminhões comunistas encontrava-se sempre em más condições de manutenção, repercutindo na redução da carga transportada.

Batalhões e companhias contavam apenas com transporte de carga por animais e humanos. Carros de boi de dois bois ou cavalos tinham a capacidade de carregar em torno de 500 quilogramas, enquanto animais de carga 60 quilogramas por até vinte quilômetros por noite. As divisões norte-coreanas e chinesas, contavam, respectivamente, com 231 e 292 carros de boi para transporte de seu material e víveres.³⁵¹ As forças comunistas também fizeram grande uso de carregadores humanos, sendo que cada um deles transportava por dia entre 36 e 60 quilogramas.³⁵² Essa condição de mobilidade da coalizão teria grande impacto limitador na condição comunista de sustentação de ofensivas e principalmente na realização de perseguições.

Os soldados chineses e norte-coreanos, ao contrário da lenda e propaganda do superandari-lho que se divulgou desde então, marchavam a uma mesma taxa que os norte-americanos: quatro quilômetros por hora durante dia e três em marchas noturnas. Os rápidos e longos deslocamentos das unidades comunistas, principalmente chinesas, decorriam de mais horas em marcha, possível em razão do volume de material básico de um soldado chinês ou norte-coreano – 18kg – ser metade de um norte-americano – 37kg, sendo que as maiores discrepâncias entre essas cargas era a quantidade de equipamento de campanha e munição. Enquanto um soldado chinês carregava o mínimo de material de campanha, 75% menor que um norte-americano, a sua carga individual era deliberadamente concentrada em munição, quase o dobro de um soldado norte-americano: 9 e 5kg, respectivamente.³⁵³

³⁵⁰ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 123.

³⁵¹ *Ibid.*, p. 243–245.

³⁵² *Ibid.*, p. 110, 136–137, 142.

³⁵³ HAMBURGER, Kenneth Earl. *Leadership in the Crucible: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chipyeong-Ni*, Austin: Texas A&M University Press, 2003, p. 47–48.

Isso teria efeito estratégico nas capacidades e velocidades relativas de movimentação dependendo das condições relativas de terreno e possibilidade de uso maior ou menor de veículos motorizados.

Por um lado, quando se infere a capacidade de marcha de grandes unidades, essa diferença individual de equipamento era mais sensível. Enquanto pequenas unidades comunistas e norte-americanas (pelotão e companhias) tinham taxas de mobilidade equivalentes, o material orgânico de unidades de divisão tornava as taxas de deslocamento significativamente mais elevadas porque uma divisão norte-americana tinha o volume de 20 mil toneladas quadradas e as comunistas em torno de cinco mil. Isso explica porque uma divisão de infantaria norte-americana era capaz de marchar 24 quilômetros por dia, e uma divisão comunista era capaz de fazer 35 quilômetros por dia, ou seja, uma taxa de mobilidade quase 50% mais elevada. Essa distinção seria relevante nas regiões menos providas de estradas e mais escarpadas na Península Coreana, principalmente no norte da Coreia do Norte, na região costeira oriental da Coreia do Sul e ajudam a explicar a maior capacidade de infiltração e perseguição das unidades chinesas e norte-coreanas nessas regiões.

Por outro lado, as forças norte-americanas tinham muito maior disponibilidade de caminhões e possibilidade de uso por mais tempo de melhores estradas, o que culminava numa velocidade e distancias máximas de deslocamento muito mais elevadas. A velocidade de deslocamento das divisões comunistas era, no máximo, de 19 quilômetros por hora e o deslocamento diário máximo de 190 quilômetros, contra 33 km por hora e 241 quilômetros diários no caso dos norte-americanos.³⁵⁴ Portanto, a possibilidade de maior emprego de veículos ao sul do paralelo 38° e, principalmente, ao sul de Seul favoreciam os norte-americanos e impunha maior dificuldade chinesa em movimentação.

6.3.3 A Manutenção das Forças Combatentes Chinesas e Norte-coreanas

As forças chinesas e norte-coreanas contavam com três linhas de comunicação ao longo da Península. A ocidental corria de Pyongyang e Wonson até Seul. Após a retomada da capital sul-coreana pelas forças norte-americanas e concentração da Força-tarefa 77 da Marinha dos Estados Unidos nas duas costas, houve a concentração de transporte de material e soldados pela linha central a partir de Cheorwon e espalhando-se a partir da malha rodoviária em Wonju. Essa continuou sendo uma linha fundamental por toda guerra e em torno e por ela que se deu a maioria dos enfrentamentos mais importantes da primeira metade de 1951. A terceira linha de suprimentos tinha como ponto de partida a cidade Yangyang que recebia material e soldados por linha férrea e redirecionava via caminhões material em paralelo a costa oriental da Península.³⁵⁵

A maior parte dos suprimentos comunistas ficava localizada nos pontos de entrada de rodovias entre a Manchúria e a Coreia do Norte em Sinuiju, Sakchu, Manpojin, Linchiang, Hyesajin, Namyang e Hongui. A maior parte dessas instalações ficava na porção ocidental do país, pois era onde ficavam as melhores e mais curtas estradas. Os suprimentos eram movidos dessas bases para centros de comunicação em Pyongyang no Oeste e Wonsan no Leste e depois para complexos de suprimentos avançados ao longo das estradas disponíveis ao norte do paralelo 38°.³⁵⁶

³⁵⁴ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 137–140.

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 109–111.

³⁵⁶ *Ibid.*, p. 110.

Para sustentação dessas duas linhas de comunicação, estabeleceu-se uma estrutura de quatro zonas administrativas:³⁵⁷

1. Uma zona na fronteira entre China e Coreia do Norte onde se encontravam as instalações de suprimento, a maior parte das unidades de apoio do departamento de retaguarda chinês e os assessores e técnicos soviéticos. Nessa área, equipavam-se e treinavam as forças chinesas em deslocamento e se reorganizavam as unidades norte coreanas que recuaram para lá desde setembro de 1950. Essas instalações eram conectadas com as várias províncias chinesas que apoiavam o esforço de guerra. No entanto, chineses e norte-coreanos administravam cada um de seus depósitos separadamente, o que imprimiu pouca flexibilidade no gerenciamento de material no teatro de operações;
2. Uma área de retaguarda ficava entre Sinanju e Pyongyang na porção noroeste da Coreia do Norte, com grandes depósitos de munição e instalações de manutenção permanentes conectados com a base industrial da Coreia do Norte e Manchúria, e era operada pelos departamentos de artilharia do QG norte-coreano e o departamento de retaguarda chinês;
3. Uma zona intermediária estendia-se entre 48 e 96 km do front de batalha, com depósitos semi-permanentes operados por unidades comunistas equivalentes a corpo-de-exército. Cada unidade de retaguarda norte-coreana operava um ou mais desses depósitos de suprimentos gerais, mas a administração de depósitos de munição e armamentos era separada e realizada por uma seção do corpo de artilharia. Os chineses delegavam três depósitos intermediários para uma seção de serviço de retaguarda que eram dispostos e administrados dependendo da expediência da situação tática;
4. Uma zona avançada ficava a 48 km do front, com várias pequenas unidades provisórias, móveis e organizadas com o mínimo de comida e munição, bem dispersas e bem camufladas. A partir desses pontos que os regimentos recuperavam suas reservas de suprimentos. Unidades menores normalmente não operavam com reservas de material.

A taxa de consumo de uma divisão comunista era em torno de 60 toneladas diárias, sendo metade de munição e apenas seis toneladas de combustível. Desde que o maior número de veículos se concentrava nas zonas (1) e (3) descritas acima, isso explica porque as classes de suprimentos das divisões de infantaria eram reduzidas, em especial de combustíveis.³⁵⁸ A tabela abaixo dá dados do consumo por categoria das duas forças combatentes comunistas. Note-se que mesmo com a concentração de veículos na retaguarda, o estilo soviético das divisões norte-coreanas cobrava um consumo de combustíveis muito superior às chinesas, que era quase irrisório.

Classe de suprimento	Fatores (kg/soldado /dia)	Divisão Norte-Coreana	Exército Chinês
		Junho de 1950 (ton ²)	Outubro de 1950 (ton ²)
I (Rações)	1,3	16,41	18,61
I (Forragem)	5,4	3,00	3,60
II & IV (Equipamento)	0,39	4,65	5,28
III (Combustíveis)	-	17,43	1,17
V (Munição)	2,33	28,11	31,88
Total		69,60	60,54

TABELA 6.3 – CONSUMO ESTIMADO DE UNIDADES COMBATENTES DA COREIA DO NORTE E CHINA

FONTE: Shrader (1995), p. 100

³⁵⁷ Ibid., p. 74–78.

³⁵⁸ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 354; SHRADER, *Communist Logistics in the Korean War*, p. 96.

Apesar de operarem dentro de uma coalizão, as estruturas administrativas de Coreia do Norte e China nunca foram integradas. Ainda que, ao longo da guerra, ambas as estruturas administrativas e seus respectivos exércitos terem mudado consideravelmente, a coordenação das atividades preparatórias manteve-se *ad hoc*.³⁵⁹

A estrutura administrativa do exército norte-coreano tinha uma estrutura mais centralizada e os comandantes das unidades combatentes tinham limitada autonomia para ajustes de sua organização. Até o início da Guerra da Coreia, a estrutura administrativa norte-coreana mantinha o controle da economia nacional por meio de um Comitê de Planejamento Nacional. Este não atendeu suas prerrogativas satisfatoriamente e o Ministério da Defesa assumiu o controle de todas as agências e atividades nacionais de planejamento, transporte, produção e aquisição. Consequentemente, a economia norte-coreana foi totalmente mobilizada para a guerra em abandono das necessidades civis. Todas as atividades de conversão de recursos, assim como as de aquisição de material junto à União Soviética e China, davam-se por intermédio dele, que o repassava para departamentos subsidiários.³⁶⁰

As atividades preparatórias relacionadas ao gerenciamento do arsenal e de serviços técnicos especializados (veículos motorizados, comunicação, atendimento médico) eram centralizadas pelo Ministério da Defesa, que as realizava em todo o teatro de operações até as unidades de corpo-de-exército. A Divisão de Arsenal era dividida em Escalão de Retaguarda e de Escalão de Vanguarda. O primeiro fazia toda a atividade de aquisição, estoque e envio; determinava os requerimentos e alocação dos armamentos e munições; gerenciava os deslocamentos até os batalhões arsenal orgânicos de corpo-de-exército das forças combatentes. O segundo atuava como intermediário das requisições de arsenal dos corpos-de-exército para o Escalão de Retaguarda.

A Divisão de Transportes era outra importante atividade conduzida pelo Ministério da Defesa. Ela possuía um departamento de planejamento e organização para controle e alocação de veículos motorizados, um departamento de retaguarda que distribuía esses veículos pelas unidades combatentes e um departamento de vanguarda que processava as requisições por mais veículos e reparação daqueles danificados. Com a contraofensiva norte-americana de 1950 e, depois, a intervenção chinesa, parte dessas atividades seriam assumidas pelos chineses.

Essa estrutura norte-coreana teria dois efeitos negativos para a manutenção das forças comunistas durante a Guerra Sino-americana. Primeiro, em produção de comida. Apenas 20% da área norte-coreana era arável, sendo que mesmo essa fração não era plenamente produtiva devido a problemas crônicos na gerência da produção agrícola a partir de programas compulsórios de coletivização, mecanização e fertilização química. Problemas de alimentação seriam uma constante das forças comunistas não apenas por problema de distribuição – que afetaria igualmente outros setores – mas devido a uma limitação absoluta na produção de comida. Considerando que os chineses rapidamente compreenderam que a Coreia do Norte não era provedora de comida, especula-se que a decisão chinesa seguiu aquilo que era possível. Os chineses não tinham muito maior abundância de comida na Manchúria e o transporte de outras áreas não era adequado. Levando em conta as limitações gerais, e a expectativa política original que essa seria uma guerra em que recursos humanos eram

³⁵⁹ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 59.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 29–32.

abundantes, a liderança chinesa aceitou a possibilidade de altas baixas por limites de desempenho combatente, doenças e outros danos derivados da má alimentação.³⁶¹

Segundo, em razão dos seus problemas crônicos na produção de comida, a Coreia do Norte sofreu de grandes leva emigratórias. Consequentemente, a força de trabalho disponível – principalmente qualificada para emprego nas fábricas e serviços especializados – foi sempre limitada. Esse aspecto demográfico teria consequências também diretas na constituição de novas forças combatentes. Após sua quase destruição na contraofensiva norte-americana entre agosto e outubro de 1950, os norte-coreanos jamais seriam capazes de repor seu exército em números de soldados acima dos 200 mil.

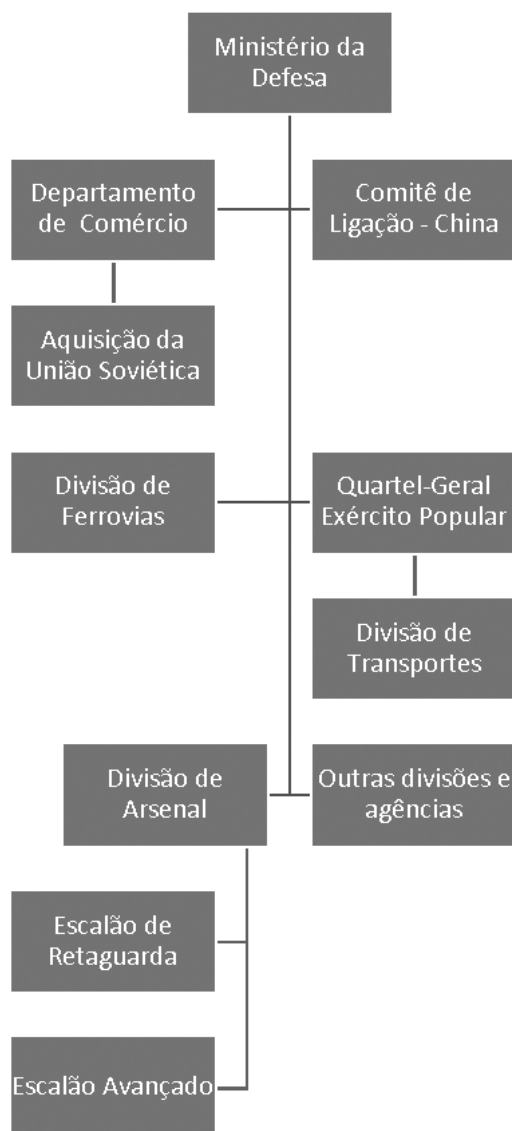


FIGURA 6.4 – ORGANOGRAMA DO MINISTÉRIO DA DEFESA DA COREIA DO NORTE, 1950-1951

FONTE: o autor

³⁶¹ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 364.

O Exército de Libertação Popular Chinês era o único braço administrativo da China comunista. Ele desempenhava integralmente as atividades preparatórias da guerra.³⁶² Diferente dos norte coreanos, todas as atividades preparatórias – incluindo as relacionadas a munições, armamento, serviços técnicos e veículos – eram realizadas por departamentos e seções de serviços de retaguarda de cada nível das forças combatentes.³⁶³ O Ministério da Defesa em Pequim era dividido em três departamentos principais. O Departamento Geral de Serviços de Retaguarda era responsável por todas as atividades preparatórias das forças terrestres, aéreas e marítimas do Exército de Libertação Popular. O Departamento de Finanças para administração de fundos e o Departamento Geral de Equipamento Militar responsável por atividades de construção e produção de munições.

O Quartel-Geral do Exército de Libertação Popular era envolvido apenas com atividades de inteligência, operação e pessoal. Todas as atividades administrativas e preparatórias eram conduzidas por um Departamento de Serviços de Retaguarda em Pequim subordinado ao Ministério da Defesa. Esse departamento era dividido em divisões de política, transporte, finanças, suprimento, arsenal, saúde e os corpos de ferrovias e rodovias.

As únicas unidades com estrutura administrativa orgânica do exército chinês eram os Exércitos-de-Campo. Esses eram organizações para administração de cada uma das quatro áreas militares da China (noroeste, sudoeste, central/sul e China oriental), mas não possuíam uma estrutura padrão, mas dependente de sua evolução durante a Guerra Civil chinesa, de sua missão no novo regime a partir de 1949 e da natureza da região que controlavam – principalmente porque sua função ia além de administração militar, mas também civil. Cada Exército-de-Campo possuía um ou mais Grupos de Exércitos, e esses eram subdivididos em unidades de Exército (equivalente a uma divisão norte americana e meia). Todas essas subunidades de um Exército-de-Campo eram organizações combatentes e não possuíam unidades de apoio e administrativas. Consequentemente, suas atividades preparatórias eram realizadas por um Departamento de Serviços de Retaguarda, que possuía unidades subordinadas permanentes de saúde e suprimento que, por sua vez, demandavam articulação particular para apoiar até 750 mil soldados com as várias unidades que compunham um Exército-de-Campo. Ou seja, a estrutura administrativa das forças combatentes chinesas era incipiente e pouco efetiva.

Essas características seriam ainda mais nítidas na Guerra Sino-americana, pois a China não tinha um Exército-de-Campo a postos na Manchúria que pudesse ser enviado para a Coreia. Durante as deliberações em torno de sua intervenção, criou-se o Exército de Defesa da Fronteira Nordeste a partir do XIII Grupo de Exércitos, movido de Xangai. Para a sustentação desse contingente, criou-se, em agosto de 1950, o Departamento Logístico da Região Nordeste nos moldes dos departamentos de serviços de retaguarda descritos acima.

O Departamento Logístico, posicionado na Manchúria, era uma combinação dos QGs chinês e norte-coreanos e que supervisionava outros seis comandos logísticos. Ele não possuía uma divisão de saúde e sua divisão de suprimentos, e todas as funções administrativas – com exceção de transporte – foram conduzidas por unidades setoriais de suprimentos. Cada unidade setorial era um centro administrativo responsável pelo processamento de requisições, alocação de suprimentos e registro dos dados relacionados das unidades combatentes chinesas dentro de uma área geográfica.

³⁶² BI, J. On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies (China, Korea, Japan, Soviet Union), *DAI*, v. 58, n. 10A, p. 360, 1996, p. 253–254.

³⁶³ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 352–354; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 39–47.

Existiam sete unidades setoriais, sendo cinco na Coreia e as outras duas na Manchúria. Cada uma dessas unidades tinha uma unidade de aviação de reconhecimento, um batalhão de 400 carregadores, uma seção de ordenança, um regimento de segurança, uma seção de caminhões de vários regimentos compostos por 120 veículos cada e um departamento de suprimentos. Cada unidade setorial possuía um efetivo em torno de 6 mil soldados e civis e controlava de três a seis depósitos principais e até 12 depósitos secundários que se articulavam por meio de pontos de suprimentos e escritórios de ligação com os elementos de suprimentos das unidades de Exército. Cada ponto de suprimento continha material destinado ao suprimento de uma divisão.³⁶⁴

Assim, o comando logístico comunista seguia a lógica de *push forward*, sendo responsável pela entrega desses serviços e suprimentos mediante os planos de consumo e requerimento formulados pelos estados-maiores integrados aos comandos de todas as unidades chinesas e norte coreanas de exército a regimento. Isso se dava principalmente pela necessidade de maior concentração dos recursos em razão da limitada disponibilidade de meios de transporte, as dificuldades de infraestrutura e terreno e a ação de interdição aérea oponente.

Notadamente, esse Departamento Logístico era uma organização em estágio embrionário e contava apenas com uma equipe de 1,5 mil pessoas e era, de fato, uma extensão do Departamento Logístico Nordeste. No entanto, o fluxo das operações seguiu seu curso e a partir de janeiro de 1951 ele não era capaz de atender as unidades combatentes chinesas na Coreia. Ainda assim, apenas por volta de abril se iniciou a consideração de um departamento logístico sob o Quartel-Geral das forças chinesas na Coreia. Intencionalmente, numa estrutura maior que os departamentos de serviços de retaguarda convencionais, desde que essa força “voluntária” alcançaria o contingente de quase 1 milhão de soldados em maio de 1951. O convencimento de Mao dessa necessidade demandou um relatório sistemático pelo comitê político do Quartel-Geral na Coreia e a presença pessoal do comandante Peng Dehuai em Pequim para que tal departamento fosse finalmente aprovado.³⁶⁵ E mesmo com a sua criação em junho de 1951, ele teria um papel muito mais de coordenação do que centralização.

Por isso tudo, as estruturas administrativas norte-coreanas e chinesas mantiveram um relacionamento predatório e pouco cooperativo entre si. Para a manutenção das forças combatentes, havia a coordenação entre o Chefe de Estado Maior do QG de Front, o Chefe de Seção de Artilharia e do Chefe do Serviço de Retaguarda de maneira a produzir estimativas de consumo e planos de suprimentos e manutenção. O QG de Peng Dehuai mantinha uma divisão de transportes formada por regimentos independentes de caminhões que supriam depósitos de suprimento, dispostos dependendo do movimento das forças combatentes. As unidades de Grupos de Exército até regimentos não eram responsáveis pelas questões preparatórias de suas respectivas unidades. Elas eram delegadas ao oficial de sua seção de serviços de retaguarda. Essa tinha função de planejamento e execução da preparação de sua unidade como instrução de suas unidades subordinadas. Essas pequenas seções de serviço de retaguarda que se serviam dos depósitos de reposição. Porém, esses depósitos não possuíam pessoal para coordenação, resultando em pouco controle no abastecimento das unidades para uma distribuição mais uniforme.

³⁶⁴ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 352–354; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 40–42.

³⁶⁵ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 129–135.

Não existiam procedimentos formais de requisição. As reservas de munição eram revistas todos os dias e quando essa atingia um estágio abaixo do nível de estoque pré-estabelecido, se iniciava os procedimentos de reposição. Já itens como armamento e veículos eram emitidos na medida da necessidade, já roupas e equipamento de campo eram trocados e reparados junto ao serviço de reparação. Combustível e lubrificantes eram calculados e alocados segundo quotas de performance pré-determinadas. Porém, abaixo das unidades de regimento, todas as requisições eram orais e sem registro.³⁶⁶

Essa condição estrutural das forças comunistas oferece uma explicação logística pela razão dos números das forças chinesas efetivamente utilizadas nos enfrentamentos serem tão disparem em relação aos números totais presentes no teatro de operações. Diferente do que se possa supor em um primeiro momento, as reservas chinesas não tinham como principal função contragolpe ou reforço, nem se encontravam em recondicionamento. Para missões de cobertura, os chineses geralmente posicionavam um ou dois regimentos na Manchúria e um contingente um pouco maior nas áreas costeiras, por temor de reprodução de novos assaltos anfíbios como o de Inchon.³⁶⁷ No entanto, esses contingentes não eram significativos e não envolviam o grande volume de forças mantidos na retaguarda. O recondicionamento de todas as unidades era feito na Manchúria, em posição segura à interdição aérea norte americana e contando com apoio de técnicos e assessores soviéticos. Portanto, a explicação que se desenvolve é que as reservas comunistas no teatro de operações tinham duas funções que explicam seus números.

Por um lado, enquanto na reserva, as unidades chinesas que realizavam todo o trabalho de manutenção das quatro zonas administrativas descritas acima. A baixa especialização e a origem guerrilheira do Exército de Liberação Popular cobravam esse uso extensivo de forças combatentes em atividades preparatórias e explicam a indagação quanto à possibilidade de manutenção de um contingente tão amplo sem um serviço de intendência adequado.

Por outro lado, em razão da distribuição de suprimentos ser descentralizada e, ao fim e ao cabo, cada unidade combatente ter sua fração única a partir do momento que eram enviadas ao front com pouca possibilidade de reabastecimento, não era possível a sustentação continuada das unidades engajadas com reabastecimento. Portanto, para prolongamento dos enfrentamentos ao longo do tempo, as unidades no front eram substituídas quando já tivessem se exaurido por unidades com suprimentos. Batalhões após batalhões, regimentos após regimentos eram revezados dessa forma para conservação do esforço combatente e na concentração de força adicional contra uma ruptura na linha oponente. Somando-se à análise as características de movimentação das forças comunistas, a consequência estratégica crítica foi que as forças chinesas foram pouco capazes de implementar uma perseguição plena. Nas várias oportunidades em que tiveram números superiores, situação de surpresa ou falha oponente, houve limitada condição logística para exploração da ruptura das forças oponentes até suas retaguardas.³⁶⁸

As características dos fatores geográficos e infraestruturais e as limitações da estrutura administrativa dos serviços de manutenção comunistas resultaram em um constrangimento insuperável e central para a análise da conduta chinesa na Guerra Sino-americana: para além de 150 quilômetros da fronteira sino-coreana – ou seja, ao sul do paralelo 38° e além do rio Han – as forças chinesas e

³⁶⁶ Ibid., p. 67–69, 71.

³⁶⁷ ROE. *The Dragon Strikes*, p. 436.

³⁶⁸ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 352; SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 225.

norte-coreanas eram pouco capazes de sustentar enfrentamentos por mais de uma semana ou, no máximo, dez dias.³⁶⁹ Os “ataques de uma semana”, como ficaram conhecidos, foram rapidamente identificados pelas forças norte-americanas que se adaptaram a essa limitação comunista já partir da ofensiva de janeiro de 1951 e passaram a planejar suas defensivas e contraofensivas de acordo.³⁷⁰ A partir de então, os comunistas jamais tiveram ganhos estratégicos significativos no teatro de operações. Pior que isso, a estrutura organizacional das forças chinesas também impossibilitava a revisão doutrinária ou administrativa em um curto prazo. Os comandantes chineses eram conscientes disso e constantemente alertaram Mao sobre as consequências logísticas da insistência de continuas ofensivas na Coreia do Sul.

Esses constrangimentos logísticos tiveram consequências no planejamento e decisões dos comandantes de ambos os lados ao longo de 1951, pois elas eram pontos culminantes do ataque das forças comunistas. Ou seja, a partir de quando as forças comunistas não eram capazes de empregar enfrentamentos ofensivos. Por sua vez, a condição expedicionária das forças chinesas, a deficiência em artilharia e doutrinas para condução de batalhas defensivas explicam a dificuldade chinesa na retenção de terreno, mesmo mais vantajoso. Essa última era uma deficiência menor no caso das forças norte-coreanas em função de sua organização e doutrinas de viés soviético. Por isso, seriam as principais forças a serem empregadas nas defensivas chinesas dessa guerra até agosto de 1951 e que teriam mais elevada performance em provocar baixar ou reter os avanços das forças combatentes norte-americanas.

³⁶⁹ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 360–362; JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 196; RONGZHEN, Nie, *Beijing's Decision to Intervene*, In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 53.

³⁷⁰ RONGZHEN. *Beijing's Decision to Intervene*, p. 53.

O COMANDANTE E AS FORÇAS COMBATENTES NORTE-AMERICANAS

As forças combatentes do Estados Unidos mantinham as linhas gerais de composição e doutrina da Segunda Guerra Mundial. Mas houve duas alterações importantes: o acréscimo em poder de fogo das unidades de infantaria e a incorporação de jatos de combate, o que conferia um menor tempo de resposta em missões de apoio de fogo aproximado.

Após a Segunda Guerra Mundial, o conceito de emprego das forças terrestres era de racionalização no uso de unidades de emprego geral, como infantaria e artilharia, e de concentração de unidades especializadas, como: antiaéreas, antitanque e engenharia. Isso implicava a padronização da primeira categoria até as unidades mais básicas, o esquadrão (*squad*), e a subordinação da segunda categoria a unidades maiores – pelo menos, regimento até Corpo-de-Exército – e cedidas a unidades subordinadas em função de missões e em caráter *ad hoc*. A partir de 1946, passou-se a avançar o conceito de armas combinadas, o que na época significava a coordenação de fogos de infantaria, artilharia, blindados e força aérea. Com essa orientação, as unidades de infantaria foram reduzidas em soldados e reforçadas em armamentos com base de fogo e baterias de obuses. No entanto, a execução dessas orientações não seguiu em frente e poucas unidades sofreram reformas efetivas.³⁷¹ Desde que o horizonte de uma nova guerra era no continente europeu, as unidades combatentes posicionadas em outras regiões do globo passaram a desenvolver uma composição e padrões de desempenho de forças de guarnição, por isso de baixos níveis de condicionamento, treinamento e prontidão.

Tal expectativa política também explica porque se tomou as experiências do teatro de guerra europeu como base doutrinária do Exército, enquanto a Força Aérea criava uma nova e a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais eram os que resguardavam mais vividamente as experiências da guerra contra o Japão. Tal continuidade das linhas da última guerra na Europa em guerras na Ásia teve reveses importantes. A maioria dos combatentes e oficiais norte-americanos e europeus não tinham tido a experiência de combate contra os japoneses no Pacífico, e pouco se manteve das lições aprendidas de um teatro de operações e oponente distintos dos ocidentais. Destacadamente, os norte-americanos tinham pouca experiência de enfrentamento em inferioridade de força terrestre, em terreno muito escarpado e contra oponentes de alta mobilidade.

Consequentemente, a orientação ofensiva do estilo americano de guerra teve que ser revista ao longo da guerra e isso é observado nas grandes diferenças dos manuais doutrinários formulados antes e depois da Guerra Sino-americana. Enquanto o manual de campo FM 100-5 (*Field Service Regulations – Operations*), edição de 1949, orientava o emprego de força terrestre em uma guerra de movimento e defesa de um front amplo; a edição deste manual de 1953 – revista pelas experiências

³⁷¹ BOOSE, Donald. *US Army Forces in the Korean War 1950-53*, Oxford: Osprey Publishing, 2005, p. 12-13.

da guerra contra a China – possui seções originais no capítulo “A ofensiva” dedicadas a operações preliminares, coordenação e controle e distribuição das forças. Técnicas e táticas defensivas tiveram que ser revistas, recuperadas e criadas, como por exemplo, o emprego de forças em área defensiva avançada e pontos fortes organizados com defesas de todo o perímetro. A seção dedicada a movimentos retrógrados dobrou de tamanho entre as duas edições. Por fim, como as lições da Guerra Sino-americana foram duramente aprendidas, o manual receberia uma nova atualização em 1954 incluindo 23 páginas de correções.

Central na revisão de composição e doutrina das forças norte-americanas foram as várias intervenções do comandante Matthew Ridgway na mudança do estilo de combate norte-americano e capacidade de adaptação dessas forças. No entanto, esse processo foi especialmente traumático no alto comando das forças armadas norte-americanas e demandou um choque burocrático e uma transição geracional que se estendeu pelo restante da década de 1950.

7.1 MATTHEW RIDGWAY E O COMANDO DAS FORÇAS NORTE-AMERICANAS

Seguem as apresentações das biografias, experiências e traços da personalidade dos comandantes norte-americanos na Guerra Sino-americana entre dezembro de 1950 e julho de 1951. São eles Douglas MacArthur, Matthew Bunker Ridgway e James Van Fleet.

MacArthur assumiu a posição de comandante do Extremo Oriente entre 29 de agosto de 1945 e 11 de abril de 1951. Ridgway ocupou a posição diretamente subordinada de comandante do Oitavo Exército, o que lhe conferia o comando das forças terrestres das Nações Unidas na Coreia, entre 23 de dezembro de 1950 a 11 de abril de 1951 em lugar de Walton H. Walker, falecido em um acidente de trânsito. Ridgway assumiu o Comando do Extremo Oriente, e de todas as forças combatentes das Nações Unidas, entre 11 de abril de 1951 a 11 de maio de 1952. James Van Fleet assumiu a posição anterior de Ridgway no Oitavo Exército até fevereiro de 1953.

Douglas MacArthur (1880-1964) era uma figura lendária e participante direto da ascensão dos Estados Unidos ao seu zênite. Nasceu no arsenal Little Rock no Arkansas e era filho de Arthur MacArthur Jr., herói da Guerra de Secessão e governador-geral das Filipinas no ano de 1900. Graduou-se em West Point em 1903 como primeiro de sua turma, o que lhe conferiu uma formação especializada junto ao corpo de engenheiros. Serviu em várias recém-adquiridas bases militares norte-americanas na Ásia: nas Filipinas, Japão e China. De volta aos Estados Unidos, foi assistente de ordens do Presidente Theodore Roosevelt. Em 1914, participou da expedição punitiva ao México em Veracruz e, a partir de 1917, tomou parte das principais campanhas dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial. Em 1935, foi indicado a assessor militar nas Filipinas, o que conferia um status quase hereditário a posição, em razão da posição anterior de seu pai no país. Das Filipinas, MacArthur dirigiu, inicialmente, sua atuação como comandante das forças armadas norte-americanas no Extremo Oriente a partir de 1941 e, posteriormente, a de posição de comandante supremo das forças aliadas para ocupação do Japão a partir de 1945.³⁷²

Uma análise breve da biografia de MacArthur explica a razão pela qual ele foi o principal porta-voz da velha guarda dos oficiais militares norte-americanos – moldados pela Primeira Guerra

³⁷² EDWARDS, Paul. *Encyclopedia of the Korean War: A Political, Social, and Military History*, p. 477–478; TUCKER *et al.*, *Encyclopedia of the Korean War*, p. 399–403.

Mundial – e mesmo de uma parcela significativa da opinião pública dos Estados Unidos. MacArthur compunha as altas rodas aristocráticas norte-americanas, para os quais a guerra deveria ser uma cruzada e por isso não deveria ser limitada. Como consequência disso, o uso de armamentos nucleares não era inconsistente e a determinação de uma guerra sem vitória era inconcebível para esse grupo. Por isso, entendia como inapropriada e indigna a perspectiva orientada por Truman, um democrata sem experiência militar, de combate aos comunistas sob os auspícios das Nações Unidas e sob uma orientação de contenção.³⁷³ Esse não era qualquer choque de opiniões, mas uma disputa que chegou às margens da desobediência militar à autoridade civil nos Estados Unidos.³⁷⁴

Discordância sobre a validade da teoria de guerra limitada, e sobre sua aplicação na Guerra da Coreia, trouxe os Estados Unidos para mais severa crise nas reações civis-militares em toda história. [...] Na confusão política que se seguiu como consequência, apoiadores do General MacArthur condenaram o Presidente em linguagem usualmente reservada para homens condenados por traição. Ninguém naquele momento enganou-se com a seriedade da controvérsia. O que estava recentemente começando a emergir, no entanto, era a relevância de uma tumultuosa disputa partidária.³⁷⁵

A questão foi, parcialmente, corrigida apenas na sua polêmica destituição do Comando do Extremo Oriente e sua ida forçada para a reserva em maio de 1951. Executou-se ainda uma discreta “caça às bruxas” em Washington e a substituição de todos os comandantes e oficiais de estado-maior sob MacArthur ao longo do ano de 1951. Militares opositores à liderança civil de Truman continuaram a assumir comandos importantes – como os próprios sucessores de Ridgway no Oitavo Exército e Comando do Extremo Oriente, respectivamente, James van Fleet e Mark Clark. Mas estes, como quaisquer outros generais, não mais questionaram as decisões presidenciais e a orientação política que se encaminhava, e qualquer crítica seria levantada apenas após o término da carreira militar.³⁷⁶ A questão não seria completamente resolvida, pois a polêmica seria reacendida dentro do Congresso e depois por Eisenhower durante a campanha eleitoral de 1952.

Por sua vez, a decisão política de dar o comando do Oitavo Exército, e depois do Comando do Extremo Oriente, a Matthew Ridgway seguiu, portanto, uma alteração da orientação política da guerra: seja como resultado do choque de forças políticas dentro dos Estados Unidos, seja no reconhecimento do novo oponente, a China.³⁷⁷

Matthew Bunker Ridgway (1895-1993) também foi filho de militar, nasceu no Forte Monroe na Virginia e graduou-se em West Point em 1917 como infante. Serviu primeiramente na China em 1935, foi assistente de ordens do governador geral das Filipinas Theodore Roosevelt Jr. e teve várias missões na América Latina, por ser um dos poucos oficiais do seu tempo fluente em espanhol. Em 1937, assumiu a posição de assistente-chefe de Estado-maior do Quarto Exército em São Francisco. Lá, conduziu uma série de exercícios, sendo o mais controverso o que formulava o cenário

³⁷³ FEHRENBACH, T.R. **This Kind of War**. Dulles: Brassey's, 2000, p. 271; HOYT, Edwin Palmer. **The Day the Chinese Attacked: Korea, 1950: the Story of the Failure of America's China Policy**, New York: McGraw-Hill Pub. Co., 1990, p. 74.

³⁷⁴ A literatura sobre o choque entre Truman e MacArthur é possivelmente tão vasta quanto toda a restante sobre a Guerra da Coreia e Guerra Sino-americana. Não sendo o foco do nosso estudo, a abordagem da questão aqui é minimalista.

³⁷⁵ GUTTMAN, Allen. **Korea and the Theory of Limited War**, Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. V.

³⁷⁶ Sobre o debate público gerado pelos testemunhos do general James Van Fleet, após sua reforma em 1953, ver Jackson Lost Chance or Lost Horizon? Strategic Opportunity and Escalation Risk in the Korean War, April–July 1951, **Journal of Strategic Studies**, v. 33, n. 2, p. 255–289, 2010.

³⁷⁷ Para uma comparação histórica com o caso norte americano na Guerra do Iraque e o desenvolvimento da estratégia do *surge*, ver DUARTE. Uma Análise Crítica Preliminar da Estratégia do Surge no Iraque, 2007-2010, **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 15–16, p. 32–48, 2013.

de neutralização da Frota do Pacífico, posicionada em Pearl Harbor, mas apontado na época como fora da realidade.³⁷⁸

Foi um protegido de George Marshall, o que conferiu a Ridgway acesso às principais escolas e cursos superiores, e ser seu substituto na posição de chefe da Divisão de Planos de Guerra da Junta de Chefes de Estado-maior, a partir da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 1942. No mesmo ano, assumiu a responsabilidade de conceber, organizar e comandar a 82ª Divisão Infantaria como a primeira unidade aeroterrestre norte-americana. Consequentemente, planejou e executou os assaltos na Sicília e Normandia, a partir de quando se tornou o comandante de todas as unidades aeroterrestres das forças aliadas, organizadas dentro XVIII Corpo-de-Exército.³⁷⁹

Entre 1945 e 1948, foi o representante do Exército dos Estados Unidos nas Nações Unidas e, no ano seguinte, assumiu o posto de chefe da seção de Operações e Administração do Estado-maior do Exército, o que o fazia ser o principal assessor do Chefe do Estado-maior do Exército, Lawton Collins, desde o início da Guerra da Coreia. Ridgway era o encarregado de acompanhar todos os relatórios de batalha, planos, decisões que envolviam o Comando do Extremo Oriente e, pela mesma razão, compôs a delegação do Assessor de Segurança Nacional – Averell Harriman – para inspeção das forças norte-americanas na Coreia em agosto de 1950.

Por conta desse currículo, MacArthur já havia indicado Ridgway a Lawton Collins em caso de substituição de Walker no comando do Oitavo Exército. Também contava com o apoio de Eisenhower, que via como oportuna a indicação de um jovem general na Coreia do que (mais) um com notoriedade, intocável e imprevisível.³⁸⁰ Portanto, Ridgway contava com os avais de Marshall, MacArthur e Eisenhower – as principais lideranças do *establishment* militar dos Estados Unidos na época – o que lhe conferiu o respaldo necessário para a condução da guerra na Coreia em um estilo que ia contra a cultura dessa mesma corporação.

A ascensão de Ridgway marcou uma alteração organizacional na estrutura das forças terrestres da coalizão de consequências estratégicas importantes: a subordinação do X Corpo-de-Exército ao Oitavo Exército,³⁸¹ que até então era subordinado direto ao Comando do Extremo Oriente. Ridgway também teve maior aval para requisição de material e pessoal. De fato, a morte do general Walker, a expulsão das forças norte-americanas da Coreia do Norte e o reforço do controle de Washington sobre MacArthur garantiram a unidade do comando sob Ridgway. O que ele manteve ao assumir a posição de MacArthur, quando ele se tornou um representante plenipotenciário para as negociações com a coalizão comunista e resolução do Tratado de Paz com o Japão.

³⁷⁸ EDWARDS. *Encyclopedia of the Korean War*, p. 484; SOFFER, Jonathan. *General Matthew B. Ridgway: from Progressivism to Reaganism, 1895-1993*, Westport: Praeger, 1998, p. 24; TUCKER *et al.* *Encyclopedia of the Korean War*, p. 565–567.

³⁷⁹ Assim como o general James Gavin, Ridgway teve papel central na assimilação das experiências e procedimentos soviéticos e alemães para criação de força paraquedistas dos Estados Unidos, ver SOFFER. *General Matthew B. Ridgway: from Progressivism to Reaganism, 1895-1993*, p. 40–42.

³⁸⁰ MITCHELL, George Charles. *Matthew B. Ridgway: Soldier, Statesman, Scholar, Citizen*, [s.l.]: Stackpole Books, 2002, p. 49–50; SOFFER. *General Matthew B. Ridgway: from Progressivism to Reaganism, 1895-1993*, p. 113–114.

³⁸¹ Os maus resultados do fim do ano de 1950 deveram-se, em boa medida, pela perda de unidade de ação entre essas duas grandes unidades pela falta de hierarquia operacional entre elas. Tal ordenamento anterior se devia a improvisação do esforço norte-americano e ainda em razão da ambição de ingerência de MacArthur nas operações, o que era facilitado ao deixar o comandante do X Corpo, e seu homem de confiança, Ned Almond, sob seu comando direto e não sob o indesejado general Walton Walker.

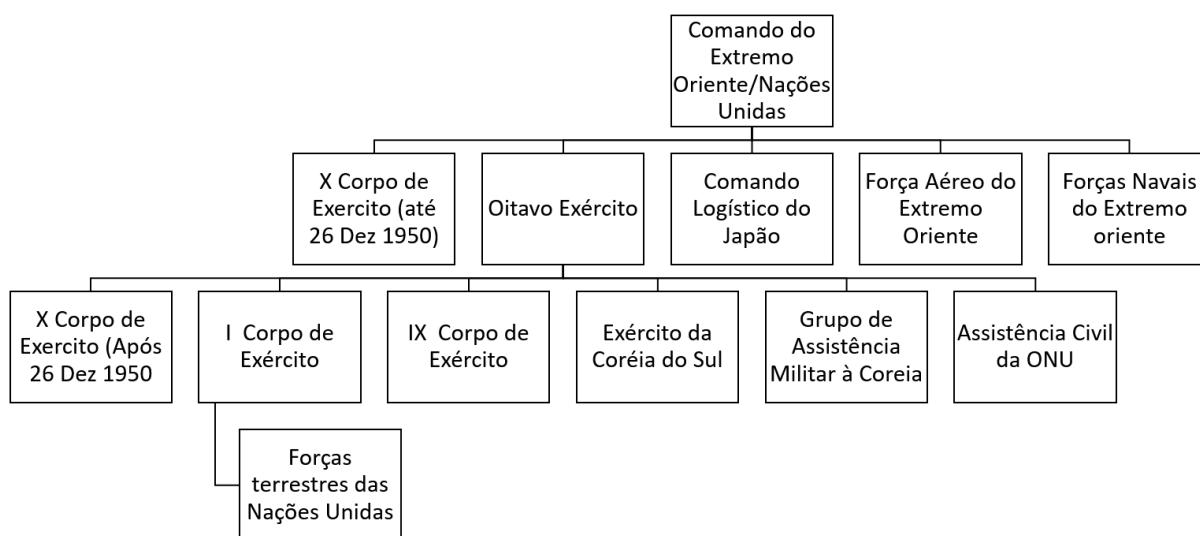


FIGURA 7.1 – ESTRUTURA DO COMANDO DO EXTREMO ORIENTE DOS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA SINO AMERICANA (JULHO DE 1950-AGOSTO DE 1952)

FONTE: o autor

Foi por intermédio de Ridgway que se impôs no Exército dos Estados Unidos uma nova mentalidade de profissionalismo à autoridade civil. Nos primeiros dois meses de seu comando, entre janeiro e março de 1951, ele substituiu dois dos três comandantes de Corpo-de-Exército, cinco dos seis comandantes de divisão, além de outras oito posições de comando de unidades de regimento a batalhão, totalizando 50% de substituição de todas as posições de comando que ele tinha à mão. Ridgway pressionou contra aqueles que não tinham saúde física, experiência de combate e não seguiam seu estilo de liderança. Um resultado líquido dessa reforma foi a redução da idade média de comandantes de divisão de 54 para 49 anos e de regimento de 47 para 41 anos.³⁸²

Essas alterações no comando eram necessárias em razão da alteração de como a Guerra Sino-americana seria conduzida e como reação a perspectiva derrotista acometida por MacArthur em Tóquio e de parte da Junta de Chefes de Estado-maior em Washington. Ridgway acatou a incorporação de objetivos e métodos que fossem correspondentes à orientação política de uma guerra limitada, como antecipou a formulação mais fina do planejamento vindo dos Estados Unidos e realmente criou um modo de emprego das forças combatentes no teatro de operações que pode ser considerada original nos cânones da história militar dos Estados Unidos.

Ridgway deixou claro que ele entendia o novo conceito de guerra por metas limitadas, com limites sobre suas forças e armamentos, no teatro que era limitado geograficamente. Ele estava preparado para lutar na Coreia para prevenir a difusão de uma ideologia hostil sem necessariamente empurrar de volta essa ideologia para onde ela tinha existido antes das hostilidades começarem. Nesse sentido, ele era profundamente diferente de MacArthur, que via nenhuma razão para continuar uma luta na Coreia se era permitido que o comunismo sobrevivesse em outras partes da península.

³⁸² JORDAN, Kelly C. **Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952**, The Ohio State University, 1999, p. 251-252.

Ridgway satisfazia-se com o duelo por um objetivo limitado como o do *status quo ante bellum* – a situação prevalecente antes da guerra – como MacArthur nunca seria. Para Ridgway, “eles estavam na Coreia porque seus respectivos governos tinham decidido comprometê-los lá. A lealdade que eles tinham para seus governos tornava impossível o menor questionamento dessas ordens”.³⁸³ Assim, o reconhecimento da heterodoxia na formação e nos traços psicológicos de Ridgway merece especial atenção porque foram esses atributos individuais que embasaram a sua escolha por Truman, que pode ser apontada como sua decisão política mais acertada de toda a guerra.

James Alward Van Fleet (1892-1992) graduou-se em West Point em 1915 numa turma marcada pelo grande número de membros que alcançaram a patente de general, como Eisenhower e Omar Bradley, por isso teve sua carreira preterida por essa geração de “grandes capitães”. Serviu na fronteira com o México e comandou um batalhão de metralhadoras na Primeira Guerra Mundial. Entre 1918 e 1939, foi professor e instrutor em programas de treinamento de oficiais da reserva (*Reserve Officers Training Corps* – ROTC) e na escola de infantaria do Forte Benning, o que conferiu ele uma carreira errante e sem ambição. Apenas em 1941, assumiu novamente uma posição de comando, o 8º Regimento de Infantaria, até 1944. Tomou parte da invasão da Normandia na praia Utah, tornando-se um dos comandantes de campo mais condecorados da Segunda Guerra Mundial e ascendeu até o posto de comandante do III Corpo-de-Exército. Em 1947, serviu na ocupação da Alemanha e, em 1948, foi o principal assessor norte-americano na construção do exército grego que derrotou a insurgência de 1949.³⁸⁴

Em comparação com Ridgway, Van Fleet era mais velho, com uma carreira menos brilhante e mais centrada em comando de campo. Ridgway comandou mais operações, foi oficial de planejamento e tinha maior respaldo político e do estamento militar. Assim, havia recorrente discordância entre eles, e Ridgway sempre manteve rédeas curtas sob o comando de Van Fleet. Este nunca teve a margem que Ridgway teve na escolha de comandantes de Corpo-de-Exército, divisão e regimento e na elaboração dos planos de campanha. Ainda assim, Van Fleet foi capaz de manter os níveis de coesão, disciplina e desempenho combatente requeridos por Ridgway.³⁸⁵ Tão importante quanto, Van Fleet foi um dos principais responsáveis para reestruturação do Exército da Coreia do Sul, o incremento no desempenho combatente sul-coreano desde abril de 1951 e a expansão dos seus números a partir da segunda metade do mesmo ano. Em reconhecimento, é a ele, e não aos outros, que se dedica uma ostentosa estatua na Academia Militar em Seul.

7.2 A CAPACIDADE COMBATENTE DAS FORÇAS NORTE-AMERICANAS

O Exército norte-americano da Guerra Sino-americana tinha as linhas gerais de organização dos dias atuais, possível de ser visualizado abaixo:

³⁸³ HAMBURGER, Kenneth Earl. *Leadership in the Crucible: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chipyeong-Ni*, Austin: Texas A&M University Press, 2003, p. 83.

³⁸⁴ EDWARDS. *Korean War Almanac*, p. 489; TUCKER *et al.* *Encyclopedia of the Korean War*, p. 723–724.

³⁸⁵ JORDAN. *Three Armies in Korea*, 243–45; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, 427–29.

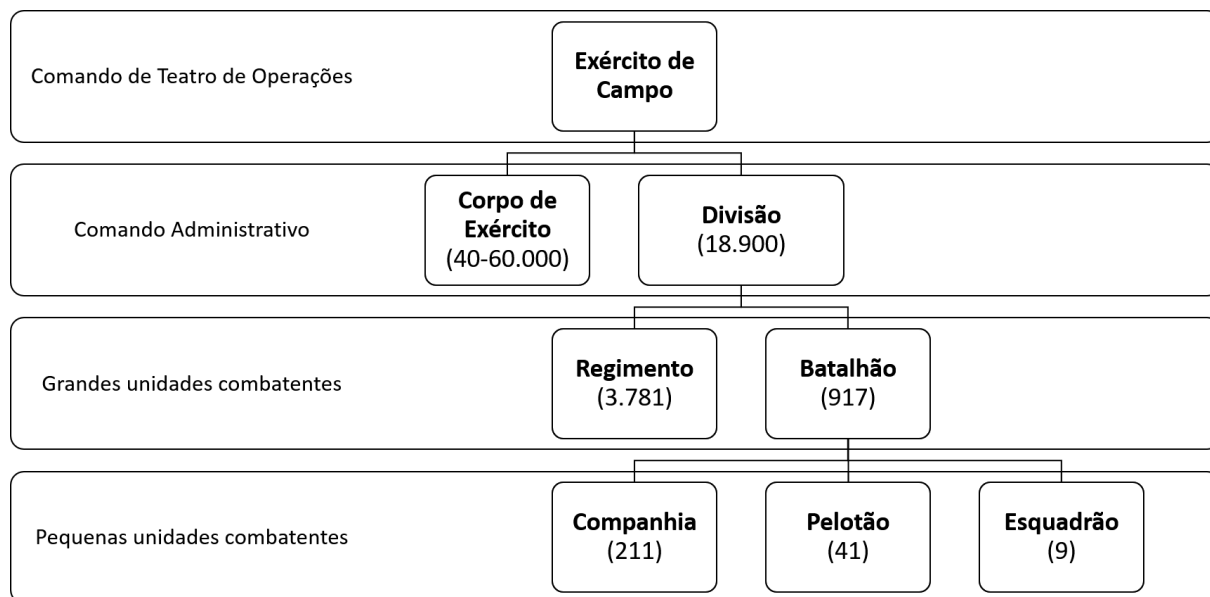


FIGURA 7.2 – ORGANIZAÇÃO GERAL DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO NA GUERRA SINO-AMERICANA

FONTE: o autor a partir de Rottman (2002), p. 18-21 e Boose (2005), p. 20, 25-27

No Pós-Segunda Guerra Mundial, o exército norte americano, como na maioria dos países ocidentais, tentava emular o experimento alemão. Isso quer dizer dar ênfase a: apoio aéreo, formações blindadas, penetração e ofensivas em estágios e integração de armas combinadas até nas menores unidades – pelotão e esquadrão.³⁸⁶ Por isso, essas duas foram as unidades que sofreram maiores mudanças: i) reduziu-se o número do esquadrão de infantaria de 12 para 9 soldados, assim se facilitava o seu controle; ii) adicionou-se mais uma unidade de rifle automático Browning (BAR) M1918 e um atirador de elite, com isso se triplicou a proporção de poder de fogo por soldados da unidade; iii) os soldados excedentes dos esquadrões foram reorganizados em um esquadrão adicional de armamentos pesados em cada pelotão de infantaria, composto de metralhadora leve e lançador de foguetes. Como resultado, os esquadrões passaram a ter capacidade de emprego de fogo combinado e manobra, em contrapartida, passaram a ter menor resiliência a baixas, e os pelotões, em termos consolidados, passaram a contar com o dobro de poder de fogo em relação a sua contraparte da Segunda Guerra Mundial.

Já os regimentos tiveram uma perda relativa de poder de fogo, desde que perderam suas companhias de canhões e antitanque. Em contrapartida, autorizou-se a adição de uma companhia de 22 tanques e de uma companhia de 12 morteiros pesados de 4,2 polegadas. No teatro coreano, essa compensação foi insuficiente, pois havia pouca disponibilidade ou mesmo possibilidade de emprego de tanques devido ao terreno e os morteiros pesados não tinham alcance suficiente para apoiar suas unidades subordinadas. Isso explica a importância que as baterias adicionais das unidades superiores – divisão e corpo-de-exército – teriam em dar apoio de fogo aos regimentos ao longo da guerra.

³⁸⁶ ENGLISH, John A.; GUDMUNDSSON, Bruce I. *On Infantry*, Revised. Westport: Praeger, 1994, cap. 7; HOUSE, J. *Combined Arms Warfare in the Twentieth Century*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 182.

A divisão de infantaria foi outra unidade que teve incremento de poder de fogo. Em primeiro lugar, entre 1945 e 1946, o Comitê Geral dos EUA para operações no teatro europeu apontou a necessidade de alguma capacidade antitanque orgânica. Entendendo que o tanque era o melhor armamento para a tarefa, autorizou-se a adição de um batalhão de tanques adicional. Em segundo lugar, em novembro de 1946, decidiu-se pela reorganização da artilharia: adicionou-se mais dois obuses de 105 mm e de 155mm às baterias leves e médias (passando então a contar com seis peças cada uma), metralhadoras autopropulsadas e morteiros de 4.2 polegadas tornaram-se orgânicas às divisões e se adicionou um batalhão de artilharia antiaérea, que foi fundida à unidade de artilharia divisional. Em razão da superioridade aérea norte-americana e a característica de peças antiaéreas de aplicar fogo tenso, no contexto coreano, essas unidades seriam empregadas no reforço de forças-tarefas e unidades de infantaria. Com isso, houve a concentração de vários tipos de peças de artilharia sob um mesmo comando: obuses, foguetes, antiaéreo, armamentos automáticos, canhões e morteiros. Essas adições tiveram como consequência o aumento do volume das divisões, por isso, a fim de não se reduzir sua mobilidade, dobrou-se suas dotações de caminhões de 2,5 toneladas de 422 para 804 unidades.³⁸⁷

O Corpo de Exército era a maior unidade norte-americana no teatro de operações. Embora suas unidades de infantaria subordinadas atuassem independentemente, seu principal aspecto operacional eram recursos concentrados de comunicação e artilharia. No último caso, era essa unidade que desempenhava a tarefa de observação avançada por intermédio de aviões leves e observadores em terra distribuídos entre os regimentos de infantaria para coordenação de artilharia de campo de maior calibre e apoio de fogo aéreo (*Closed Air Support* – CAS). A partir de março de 1951, essas unidades receberiam baterias adicionais e teriam um controle de fogos mais centralizado pelo general Van Fleet que expandiria o padrão criado por Ridgway desde janeiro de planos de fogos concentrados e agressivos de aviação de combate, tanques e artilharia pesada em operações ofensivas e defensivas. A artilharia norte-americana era composta principalmente por obuses de 105mm (63%) e 155mm (31%) e de 8 polegadas (2%), por possuírem maior precisão e cargas mais pesadas com o objetivo de destruir as baterias de artilharia e concentrações de infantaria oponentes.³⁸⁸

Por fim, a principal unidade administrativa era o Exército de Campo. Na Guerra Sino-americana, o Oitavo Exército concentrava os serviços de inteligência, o 187º Time de Combate Regimental como reserva e forças especiais. O regimento era uma unidade de elite e paraquedista, reforçado de serviços de intendência, comunicação e engenharia, de maneira que era capaz de operar continuamente sem o apoio de uma divisão. Já as forças especiais seriam empregadas em missões de inteligência, sabotagem e guerrilha atrás das linhas chinesas e teriam baixa efetividade em todas elas durante a guerra.³⁸⁹

O principal manual doutrinário que amparou as atividades combatentes terrestres dos Estados Unidos na Coreia – FM 100-5 (*Field Manual Service Regulations – Operations*) de 1949 – tinha como ênfase a ação decisiva a partir de manobra e de massa. Enquanto a ação decisiva prescinde da habilidade de concentração material sobre o oponente, o manual aponta que manobra simplesmente não

³⁸⁷ HOUSE. *Combined Arms Warfare in the Twentieth Century*, p. 195–199; JORDAN. *Three Armies in Korea*, p. 69, 85–87; BOOSE, US Army Forces in the Korean War 1950–53, p. 12.

³⁸⁸ JORDAN. *Three Armies in Korea*, p. 91, 124.

³⁸⁹ Ver HAAS, Michael E. *In the Devil's Shadow: UN Special Operations During the Korean War*, Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 2000; EVANHOE, Ed. *Darkmoon: Eighth Army Special Operations in the Korean War*, Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 1995.

produz resultados decisivos, mas permite a execução dos outros princípios considerados centrais, como: ofensiva, economia de forças e surpresa.³⁹⁰ Esse manual tem cinco capítulos principais que são inspecionados aqui: inteligência e reconhecimento, ofensiva, defensiva, movimentos retrógrados e operações especiais. Os dois últimos repetem aspectos dos três primeiros, por isso são tratados conjuntamente a eles.

Como discutido no capítulo três, durante a Guerra Sino-americana, os Estados Unidos estavam criando novas instituições de inteligência e estruturas de comando militar mais robustas. Provavelmente por conta disso, o manual atribuía ao comandante todas as operações de inteligência de sua unidade, assim como a conversão em inteligência toda informação sobre o oponente e sua disseminação para as unidades subordinadas de acordo com a missão. Apesar dessa atribuição excessivamente centralizada e demandante dos comandantes, o manual não dá maior detalhamento de procedimentos a seguir. A consideração e o uso dos serviços de inteligência eram dependentes da figura do comandante e sua confiança e presteza em utilizá-los.

No caso do Comando do Extremo Oriente, o general MacArthur tinha o serviço de fontes e agentes da Agência de Segurança do Exército (*Army Security Agency* – ASA), da República da Coreia do Sul, da CIA e do Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea. Todos eles foram considerados porque ele apenas confiava e utilizava os relatórios de seu oficial subordinado responsável pelos serviços de inteligência (posição denominada de G-2) do Exército norte-americano na região – o coronel Charles Willoughby. Este tinha a disposição 2.500 agentes, mas que eram empregados principalmente para apoiar as atividades de ocupação – como movimentos subversivos japoneses – do que operações de combate e outras ameaças asiáticas. Para além dos problemas burocráticos, existiam deficiências técnicas importantes: linguistas coreanos, um serviço de criptologia de informações, técnicos para processamento de imagens e pessoal qualificado para operações de campo.³⁹¹ Adicionalmente, o reconhecimento aéreo norte-americano era por meio do emprego de aviões RF-80 Shooting Star. Um avião leve de limitada velocidade e manobralidade, por isso vulnerável a defesas antiaéreas e a caças chineses/soviéticos. Ao norte da Coreia do Norte, onde existiam defesas antiaéreas organizadas e a operação de MIGs-15, o reconhecimento aéreo era inviável. O caça soviético era superior aos modelos norte-americanos disponíveis na Ásia, e apenas com o deslocamento dos Estados Unidos de caças F-86 em 15 de dezembro de 1950, que foi possível prover escoltas efetivas.³⁹²

As deficiências do serviço de inteligência na Coreia foram revistas gradualmente com o comando do general Ridgway a partir de 1951. Ele acionou mais operações com agentes civis e forças especiais no teatro de operações, cobraria muito mais patrulhas e a captura e interrogação de prisioneiros e comporia um primeiro grupo de interpretes de fotografia da Força Aérea na Coreia que processaria informações de aviões em missões de apoio de fogo aéreo, interdição e observação. Ainda assim, os norte-americanos tinham limitada capacidade para identificar os deslocamentos chineses e foram necessários outros dois anos para que fossem capazes de quebrar e processar as

³⁹⁰ US ARMY. **FM 100-5: Operations**, Washington, 1949, p. 20–22.

³⁹¹ FINNEGAN, John. *The Intelligence War in Korea: an Army Perspective*, In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.), **Coalition Air Warfare in Korea**, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 205–206.

³⁹² DICKENS, Samuel. *USAF Reconnaissance during the Korean War*, In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.), **Coalition Air Warfare in Korea**, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 244.

comunicações e mensagens chinesas.³⁹³ Portanto, tudo isso aponta que a possibilidade de antecipação das operações chinesas aconteceria gradualmente a partir de 1951.

Quanto a operações de reconhecimento terrestre, as orientações doutrinárias são distribuídas ao longo de vários capítulos. Primeiramente, elas são focadas em operações conduzidas por forças-tarefas de armas combinadas para manutenção de contato com o oponente para obtenção de informações, como: contingente, movimentos, composição e disposição da força principal. Essas unidades devem ter maior componente blindado em missões operando a grandes distancias ou com front amplo, além do alcance de unidades amigas e de apoio. De qualquer maneira, dá-se grande importância a complementação por reconhecimento aéreo. Operações de reconhecimento são melhor ou mais seguramente conduzidas quando o front está estabilizado, assim quando há uma terra-de-ninguém entre as forças opositoras. Já o reconhecimento aéreo possui maior potencial de sucesso em operações noturnas, quando o inimigo executa seus principais desenvolvimentos.³⁹⁴

As operações de reconhecimento estão diretamente relacionadas a outros dois tipos de operações similares: contra reconhecimento e segurança. O contra reconhecimento constante é importante para interceptar patrulhas oponentes em atividades de reconhecimento das forças amigas. Já as operações de segurança têm a finalidade de prover aviso antecipado de ações do oponente. As operações de segurança com a força principal em movimento demandam unidades de guarda blindadas a frente e nos flancos. Essas unidades de guarda avançada devem ser fortemente apoiadas por artilharia e devem tomar posições em terreno que favoreça cobertura. Por fim, é necessário o emprego de aviação leve para comunicação entre as unidades na vanguarda e flancos e a força principal. Quando a força principal está posicionada, e não em movimento, devem-se organizar postos avançados. No caso de proximidade com forças oponentes, são necessários postos móveis a frente daqueles, principalmente durante a noite.

A deficiência crítica dessas operações foi no detalhamento da composição das forças-tarefas, bem como os padrões de coordenação entre as unidades que as compunham, principalmente entre blindados e infantaria em terreno montanhoso, como o coreano. Os norte-americanos passaram a emprega-las em uma longa sucessão de tentativas e erros a partir de 1951. A primeira delas, a Força-tarefa Dolvin, era composta por um batalhão de infantaria reforçado com duas companhias de tanques médios M-46, um pelotão de morteiros de 4,2 polegadas, um pelotão de metralhadoras antiaéreas autopropulsadas, um pelotão de engenharia de combate e elementos de comunicação, médico e controle aéreo tático. Essa composição dava ao comandante do batalhão de infantaria o comando da Força-tarefa. Após vários experimentos, consolidou-se a seguinte formação. Os tanques eram posicionados à frente e seguidos das metralhadoras autopropulsadas, morteiros e apenas depois as unidades de infantaria e demais elementos de apoio. As metralhadoras se posicionavam aos flancos em caso de engajamento, ou antes de um ataque. Durante o emprego de fogo preparatório, os tanques avançavam em cobertura da infantaria. Essa disposição oferecia a combinação e coordenação de fogos tensos e indiretos, posicionados e moveis, sobre a posição oponente, que reagia ao avanço da composição tanque-infantaria, que por sua vez tinham seu avanço sob cobertura de fogo. Entretanto, os tanques norte-americanos não contavam com telefones externos a suas unidades e isso dificultava a coordenação quando sob ataques inesperados de posições mais elevadas, e isso

³⁹³ ROE, Patrick C. *The Ghost of Manchuria*, In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.), *Coalition Air Warfare in Korea*, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 227–229.

³⁹⁴ US ARMY. **FM 100-5: Operations**, p. 31–44.

explica porque essa composição de Força-tarefa teve desempenho inferior e menores oportunidades de emprego na porção oriental, mais montanhosa, da Península Coreana.

Essa passou ser a composição de Força-tarefa básica para operações de reconhecimento e segurança, neutralização de posições fortes com inimigos em casamatas e cumes, vanguarda antes de uma ofensiva e cobertura frente à ofensiva oponente em situações de retirada da força principal. Porém, a tentativa de replicar esse modelo de Força-tarefa com a combinação de infantaria sul-coreana e unidades de apoio norte-americanas, a partir de fevereiro de 1951, foi um desastre,³⁹⁵ e é tratada no capítulo 10.

O principal capítulo do manual destina-se a ofensiva.³⁹⁶ De início, ele reconhece, que, embora um objetivo possa ser obtido com manobras que ameacem a posição adversária, geralmente são necessários combates cerrados. Isso demanda a distribuição de forças em um ou mais ataques principais, com concentração de poder ofensivo para decisão. Um comandante deve organizar entre grupos do ataque principal, designados para assegurar o objetivo e/ou destruir as forças oponentes, e grupos secundários, designados para fixar o oponente em sua posição, força-lo a comprometer suas reservas prematuramente ou prevenir que ele reforce contra o esforço principal de ataque. Enquanto os primeiros grupos agem segundo zonas estritas de ação, com forte apoio de artilharia, blindados e outros armamentos de apoio, aviação de combate e escalonamento profundo de reservas; os grupos secundários são empregados segundo zonas mais amplas que o ataque principal e possuem menos reservas e, por isso, objetivos mais limitados. Tal plano de ataque deve obedecer algumas cautelas:

- A seleção da direção do ataque principal é influenciada pelo tempo disponível de preparo prévio e deve-se considerar a possibilidade de uso de blindados e motorização quando o objetivo exige mobilidade, ou a possibilidade de perseguição;
- Importante atenção é necessária à disposição da retaguarda do oponente, se ele inicia movimentações para ação retrograda. Se ele inicia operações de retenção e atraso, ataques mais profundos e enérgicos isolarão unidades do corpo principal do oponente;
- Se um ataque não alcança seu objetivo, as unidades de infantaria devem começar a preparar posições defensivas entrincheiradas.

Além do ataque frontal, o manual observa quatro manobras ofensivas. Primeiro, o envelopamento evita atacar em terreno escolhido pelo oponente e força-o a lutar em duas ou mais direções. Todo esforço é feito para atacar o flanco ou retaguarda do oponente. Segundo, o movimento de ataque em contorno (*turning*) é uma manobra que evita o front do oponente e busca atacar alguma posição vital na sua retaguarda. Nesse caso, os grupos de ataque principal e secundário devem ser fortes o suficiente para ação independente, pois esse tipo de ataque ocorre com grande distância entre eles e difícil apoio mútuo. Essa formação é mais provável por unidades/forças-tarefa com alta mobilidade, como cavalaria blindada e forças motorizadas.

Terceiro, o duplo envelopamento demanda três grupos: dois grupos de envelopamento e um de ataque frontal, por isso demanda superioridade de números. Quarto, a penetração envolve o ataque principal passar por meio de uma área ocupada pelo oponente contra um objetivo em sua retaguarda e caracteriza-se pela ruptura das disposições de suas linhas e obtenção de objetivos a

³⁹⁵ HOUSE. *Combined Arms Warfare in the Twentieth Century*, p. 201.

³⁹⁶ US ARMY. *FM 100-5: Operations*, p. 80–120.

partir de espaços na sua disposição e perímetro. Após a ruptura da linha oponente pelo grupo de ataque principal, o envolvimento dos flancos da abertura deve ser feito pela reserva do ataque. Essa técnica depende da coordenação das forças de ataque e condições favoráveis à surpresa, adequado poder de fogo, especialmente artilharia, como parte importante do plano para fixar as reservas oponentes. Nesse sentido, apoio de fogo aéreo tem um papel importante pelo seu alcance além das linhas inimigas. As figuras abaixo ilustram as opções de manobras ofensivas do Exército norte-americano.

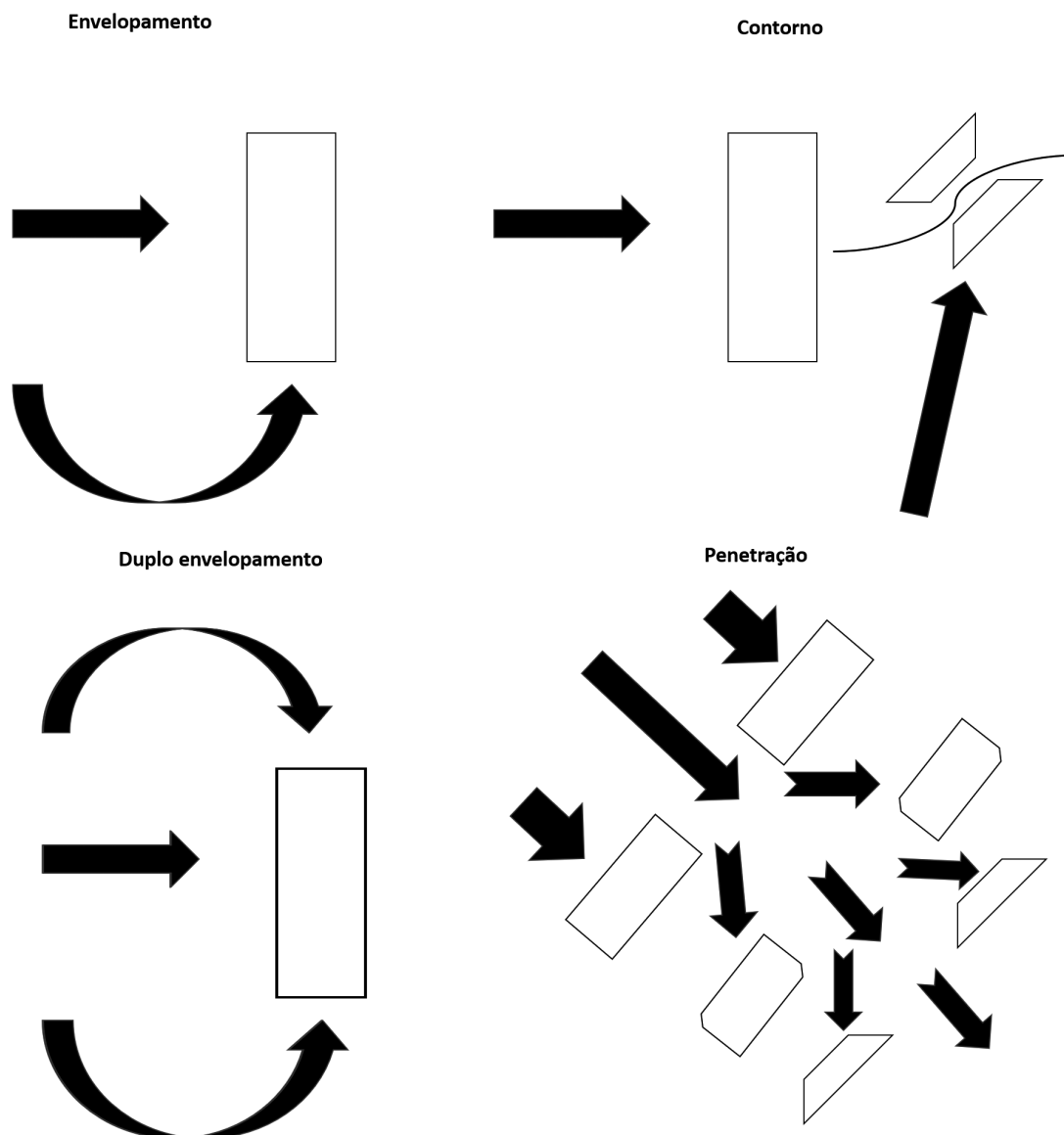


FIGURA 7.3 – MANOBRAS OFENSIVAS NORTE-AMERICANAS

FONTE: o autor

Como apontado anteriormente, essa orientação doutrinária é baseada nas experiências do teatro de operações europeu da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, as operações eram fluídas e houve mais limitado impacto do terreno e de inimigos bem postados em linhas fortificadas em comparação aos teatros da Ásia e Pacífico. Por isso, o manual FM-100-5 seria pouco detalhado em operações de ataque a posições fortificadas e estas seriam classificadas como um tipo de operação especial e não como parte do capítulo da “Ofensiva”. Ele aponta que posições fortificadas devem ser ultrapassadas e reduzidas por sítio ou ataque pela retaguarda. Apenas quando o isolamento não for possível que se deve ser aplicado ataque frontal em cinco fases:

- O assalto deve proceder após emprego de artilharia de tiro tenso e munição incendiária;
- Redução de postos avançados e aproximação;
- Ruptura da posição em ponto mais favorável;
- Extensão das brechas e redução de seções nos flancos;
- Complementação da ação com reservas moveis pelas brechas para completar e isolamento de demais fortificações enquanto o ataque prossegue.

Portanto, essas orientações são um detalhamento da manobra ofensiva de penetração tratada acima. Seu plano de enfrentamento deve ser detalhado aos grupos de ataque até o nível de batalhão pelo comando para coordenação fina entre infantaria, artilharia, engenharia e blindados, por meio de planos de sinais e comunicação. Esses grupos devem ser reforçados por capacidade de combate autossustentada, ou seja, com arranjo mínimo de armas combinadas a fim de se explorar sucessos locais e favorecer os avanços em apoio mútuo e deve envolver serviço de demolições e emprego de engenheiros. Os assaltos dos destacamentos devem ser cobertos com fumaça e tomando vantagem do terreno e zonas cegas ao fogo inimigo. O ataque deve ser acompanhado de reconhecimento aéreo, e assim informar o comando com fotografias e inteligência na sua orientação do ataque.

O manual enfatiza que ataques noturnos devem ser conduzidos apenas em circunstâncias especiais para explorar um sucesso iniciado durante a luz do dia. Se possível, os ataques devem ser realizados ao fim do dia ou nas últimas horas antes do amanhecer. No primeiro caso, se minimiza os problemas de coordenação, enquanto no segundo ele é uma ação preliminar antes de um ataque geral. Em todos os casos, é importante a simplicidade dos planos e missões.

De maneira também distinta das forças chinesas e norte coreanas, o manual norte-americano aponta a importância de manutenção do ímpeto do ataque a partir do revezamento de unidades no front na perseguição de unidades inimigas em retirada. Para tal, é necessário reconhecimento pessoal pelo comandante e seu estado-maior e conferências prévias, que devem gerar planos para retirada ou linhas de passagens entre as unidades. Comandos subordinados devem tratar dos detalhes, principalmente quanto ao uso de rodovias e fogo de cobertura e sinais de comunicação. De maneira similar, a perseguição também deve ser produto de um plano, e não uma decisão improvisada, para o adequado reposicionamento de artilharia de campo e emprego de aviação de combate. A aviação deve focar seus fogos nas linhas de comunicação e o reconhecimento aéreo deve localizar as rotas mais adequadas para concentração contra as colunas em retirada. A orientação principal é que as unidades em perseguição devem circundar bolsões e unidades de cobertura e se concentrar na formação principal do oponente.

Por fim, em razão do terreno coreano, devem-se considerar as orientações doutrinárias para a ofensiva em áreas montanhosas. Em razão das dificuldades desse tipo de terreno, o manual aponta que se devem empregar, no máximo, batalhões reforçados como maior unidade de ataque, sendo que normalmente existem mais oportunidades para ataques aos flancos do oponente por unidades menores. Isso é especialmente importante ao se considerar o controle de posições mais elevadas e linhas de comunicações, que devem ser as primeiras atribuições nesse tipo de terreno, pois permitem prover segurança das unidades amigas e superar a dificuldade de se delimitar limites de operação entre elas. A vantagem da posição elevada, por um lado, é assegurar contato e coordenação e orientar eixos de avanço desde que o terreno montanhoso, por outro lado, favorece manobras de infiltração e envelopamento com apoio de fogo. O objetivo é flanquear e tomar posições fortes, aplicando apoio de fogo de artilharia e infantaria, principalmente para neutralizar postos de observação do inimigo.

A noção de defesa do manual FM-100-5 norte-americano é que ela é uma pausa entre ataques.³⁹⁷ Ou seja, uma necessidade tática dentro de uma orientação estratégica ofensiva. Por isso, por um lado, aponta que, a fim de não se perder o ímpeto da ofensiva e os ganhos a partir dela auferidos, a defesa deve ser conduzida por meio da seleção de posições que devem ser defendidas a todo custo. Por outro lado, esse capítulo sobre operações defensivas é relativamente curto e pouco detalhado, sendo que outras operações defensivas que não podem ser associadas com a pausa de uma ofensiva estratégica, mas parte de uma defensiva estratégica, são compiladas no capítulo “Movimentos Retrógrados”.³⁹⁸

O manual oferece três orientações principais. Primeiro, a importância da escolha e preparação do terreno, dando preferência ao uso de cumes, pois estes oferecem vantagens de ponto de observação e emprego de artilharia e obstáculos naturais ao oponente. Por essa mesma razão, ele aponta que o uso de blindados no front não é típico, mas como parte de uma reserva ou força de cobertura ou contragolpe. Segundo, as unidades devem estar dispostas em profundidade a fim de explorar as vantagens da defesa e possibilitar direcionar os esforços de resistência às posições fortes de combate. A defesa deve utilizar posições sucessivas utilizando do terreno, minas, armadilhas, demolição e fortificações de campo. Terceiro, o término de um enfrentamento defensivo deve ser um contra-ataque. Particularmente no caso de penetração das linhas defensivas, o uso de reservas em contra-ataque é importante para recuperar terreno ou destruir forças oponentes.

Mantendo essas recomendações, o manual aponta que operações defensivas noturnas têm a vantagem adicional na utilização do terreno e emprego de artilharia. Para tal, necessita empregar patrulhas agressivas a fim de identificar a rota de avanço do inimigo. Em razão da dificuldade em improvisação com baixa iluminação, é importante a formulação de planos de contingência de contra-ataques, uso de recursos eletrônicos e iluminação e de reservas para ocupar brechas abertas pelos atacantes.

Por sua vez, operações defensivas em montanhas devem organizar as unidades baseadas na missão, nas rotas abertas ao inimigo e nas possibilidades de combinação de terreno difícil e fogo para quebrar seu ataque. A defesa nesse tipo de terreno impossibilita a defesa em linha e a orientação da resistência, como no caso de defesa em terreno plano, e as áreas de retaguarda da posição defensiva podem ser alvo de ataques de oportunidade pelo oponente. Por isso, é importante a defesa de posições altas, com observação e possibilidade de emprego de fogo das possíveis rotas de comunicação

³⁹⁷ Ibid., p. 120–135.

³⁹⁸ Ibid., p. 161–172.

e ataque do oponente, de maneira a negar acesso a desfiladeiros e passagens a esses pontos altos. Portanto, a disposição de posições fortes no terreno deve ser o critério para estabelecer as zonas de ação entre as unidades amigas. Devido a maior possibilidade de passagem das forças inimigas, outra distinção da defesa em regiões montanhosas é que, desde o início, o plano defensivo deve prever medidas para recuperação das posições a partir de contra-ataques pontuais contra penetrações em posições adjacentes. Esses contra-ataques devem ser pré-arranjados em termos de direção, objetivos e plataformas de fogos de apoio, de maneira que possam ser lançados em curto prazo de aviso e quando o inimigo estiver cansado e desorganizado. Devido ao terreno, dificilmente é possível o contra-ataque geral e a reserva deve estar disposta em posições mais avançadas para cobertura de duas ou mais áreas críticas aos atacantes. Por fim, a aviação de combate tem importância mais distinta do que nas operações anteriores, desde que o terreno montanhoso impõe limites na execução de patrulhas e uso de fogos de artilharia para conter os atacantes e desgastar ou conter suas reservas.

Uma deficiência importante do manual é a falta de orientação para a necessidade de um plano de defesa de 360° quando não há ou não é possível uma linha defensiva em profundidade, característico em terreno montanhoso. Ele também não aponta a disposição ideal e coordenação detalhada entre as armas em apoio de fogo mútuo, inclusive de blindados. Essa já era uma deficiência existente nas campanhas no Pacífico contra o Japão, mas que não foi considerada nos comitês de estudos do pós-guerra. No contexto de guerra contra a China, essas lições tiveram que ser mais uma vez duramente aprendidas, pois o terreno coreano impunha a dispersão. Apenas em meados de fevereiro de 1951, a disposição defensiva padrão passou a ser a posição entrincheirada em todas as direções de regimento até a unidade de companhia, posicionados em torno de um cume ou morro, e com disposição de unidades adjacentes separadas por metros em seus flancos de maneira a maximizar o apoio de fogo e, assim, poder ter uma unidade atuando como reserva e aplicar contragolpe no apoio da outra.³⁹⁹

Como apontado anteriormente, “Movimentos Retrógrados” é o capítulo mais alterado após a Guerra Sino-americana, portanto aquele mais deficiente do manual aqui analisado. Ele aponta a possibilidade de movimento em direção à retaguarda com sacrifício de terreno e os seguintes propósitos:

- Desengajar de uma batalha;
- Evitar batalha em situações de desvantagem;
- Atrair o oponente para situação desvantajosa para ele;
- Ganhar tempo;
- Possibilitar a movimentação de outras unidades;
- Permitir o emprego de força em outro setor.

Todos esses devem ter como requisitos o emprego de uma força móvel de cobertura, a coluna principal em retirada deve possuir transporte motorizado efetivo e empregar operações de reconhecimento e segurança de flancos. Caso contrário, as chances de catástrofe são altas.

No caso de retiradas a luz do dia, o comandante deve detalhar as posições das forças de cobertura e da força principal, sendo que as primeiras também devem possuir rotas de retirada. As unidades

³⁹⁹ GIANGRECO, Dennis M. **Artillery in Korea**: Massing fires and Reinventing the Wheel, Leavenworth: US Command and General Staff College, 2003, p. 3, 10; HOUSE. **Combined Arms Warfare in the Twentieth Century**, p. 199–200.

de reconhecimento e segurança devem acompanhar os flancos do oponente, ocupando e cedendo terreno de maneira a força-lo a consumir tempo e recursos. Já a coluna principal deve seguir uma retirada pronta do combate, com zonas de ação claramente definidas. Isso é especialmente importante quando o terreno ou o ataque não permite que todas as unidades se retirem ao mesmo tempo, e é necessária a organização de uma escala para evitar congestionamento e quebra de coesão. Por fim, não se recomenda retirada à noite, pois existe ainda maior dificuldade no controle das unidades e a força como um todo encontra-se vulnerável.

Embora o manual aponte recorrentemente a centralidade de apoio aéreo aproximado (*closed air support* – CAS), existiam problemas institucionais, além de deficiências doutrinárias, para seu efetivo emprego na Guerra Sino-americana. Diferente do contexto da Segunda Guerra Mundial, a Força Aérea dos Estados Unidos desfrutava de uma condição de autonomia do Exército e nos seus primeiros cinco anos de existência havia dado prioridade ao emprego estratégico e resistiu à integração e cooperação com as forças terrestres, bem como a críticas e a revisões de suas novas bases doutrinárias. A principal consequência era que os projetos dos caças de combate disponíveis eram pouco adequados a esse tipo de missão. A tabela abaixo auxilia a visualização dos limites operacionais dos caças da Força Aérea e as condições de desempenho superior dos caças da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais em missões de apoio aéreo aproximado.

Força	Designação	Velocidade Máxima (km/h)	Autonomia (km)	Ordenança (kg)
USAF	F-51	783	1.223	305
USAF	F-80C	885	885	305
USAF	F-84E	972	949	2.020
USAF	F-86A & D	1.115	394	2.400
USN/USMC	F7F	680	1.269	454
USN/USMC	F9F	925	1.089	907
USN/USMC	F4U	717	809	1.800
USN	AD4	561	1.084	3.600

FIGURA 7.4 – CARACTERÍSTICAS OPERACIONAIS DOS CAÇAS-BOMBARDEIROS DOS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA SINO AMERICANA

FONTE: Jordan (1999), p. 140

Os aviões da Força Aérea tinham mais limitada autonomia e/ou capacidade de carga de ordenança. Adicionalmente, eles geralmente eram armados com duas metralhadoras de calibre 0,5 polegada, enquanto os aviões disponíveis pela Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais tinham maior autonomia, maior carga e dispunham de quatro canhões de 20 mm, capacidade de lançar foguetes e melhor qualidade de rádios. Isso se dava por diferenças de projeto de força e de aviões. Os caças da Força Aérea foram projetados para realizar missões de interdição, e o F-86 sendo o único com características para interceptação e capaz de fazer frente aos MIG-15. Já os caças da Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais eram projetados com ênfase a missões CAS, e apenas secundariamente interdição. Adicionalmente, os pilotos da Marinha e, principalmente, dos Fuzileiros Navais eram muito mais treinados para esse tipo de missão.

Essas diferenças de capacidades e doutrinas fizeram com que o Corpo de Fuzileiros pressionasse para que suas alas aéreas apoiassem exclusivamente a 1ª Divisão de Fuzileiros. Isso forçou que o general Ridgway revisasse a inclinação da Força Aérea do Extremo Oriente para missões de interdição.⁴⁰⁰ Essas diferenças dificultaram a coordenação do espaço aéreo e foram apenas parcialmente resolvidas com a efetivação de um sistema combinado de navegação de curta-distância (*short-range navigation system* – Shoran), que provia mapas de melhor qualidade e navegação via rádio para uma mais precisa distribuição de alvos. Em adição, houve uma alocação mais ampla de controladores aéreos avançados junto às unidades em terra, que complementavam os dados para a correta vetoração das aeronaves em apoio de fogo aéreo.⁴⁰¹

Por fim, no que tange operações de guerrilha ou contraguerrilha, o manual FM-100-5 é bastante sucinto. Ao ter como base a experiência do teatro europeu da Segunda Guerra Mundial, ignoraram-se as experiências de demais países aliados na Ásia e mesmo as experiências norte-americanas no período anterior em operações de insurgência na América Central e Caribe.⁴⁰² Contrariamente ao que se veria contra as forças combatentes chinesas, o manual aponta que guerrilhas são mais comuns após a derrota da força principal e com a intenção de controlar territórios e produzir rebeliões a partir da ação com pequenos destacamentos, que podem agir contra a retaguarda e linhas de comunicações. O manual não traz orientações para a condução de guerrilha, apenas de contraguerrilha, enfatizando que elas demandam bom serviço de inteligência e todo esforço deve ser feito para manter contato com seus destacamentos. Portanto, o manual, não previu a possibilidade de emprego combinado de assaltos convencionais e guerrilhas, uma especialidade das forças combatentes chinesas.

7.3 AS CONDIÇÕES LOGÍSTICAS NORTE-AMERICANAS

Em contraparte ao estudo das condições logísticas da China e seus aliados, esta seção infere as condições dos Estados Unidos em criar, transportar e manter os meios de força. Existem aqui duas diferenças marcantes. Por um lado, existe uma continuidade no provimento das forças combatentes da coalizão das Nações Unidas desde julho de 1950, quando os Estados Unidos iniciaram sua intervenção na Coreia, e que sofreu poucas alterações com a abertura da Guerra Sino-americana. Segundo, os Estados Unidos eram o provedor de praticamente a totalidade dos meios materiais da coalizão. O grande gargalo norte-americano foi a distribuição de material dentro da Península Coreana. Ainda assim, a Coreia do Sul possuía infraestruturas de portos, ferrovias e rodovias melhores que sua contraparte norte e elas serviram melhor às forças norte-americanas. Diferente do caso da Coreia do Norte, as estruturas ferroviária e rodoviária impunham menor saturação das linhas de suprimentos. Apenas em torno do paralelo 38º que o terreno e o clima impunham limitações à rede de transportes terrestres e à manutenção das forças combatentes.

⁴⁰⁰ ALLISON, Fred, "Perfecting Close Air Support in KOREA. *Naval History*, v. 20, n. 2, p. 45, 2006, p. 84–89; BOOSE. *US Army Forces in the Korean War 1950-53*, p. 109.

⁴⁰¹ MILLER, Jerry. Air Power Coordination during the Korean War, In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). *Coalition Air Warfare in Korea*, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 178–179.

⁴⁰² BICKEL, Keith B. *Mars Learning: The Marine Corp's Development of Small Wars Doctrine, 1915-1940*, Boulder: Westview Press, 2000.

7.3.1 A Mobilização das Forças Combatentes dos Estados Unidos e da Coalizão das Nações Unidas

Como foi discutido no capítulo 2, a principal estrutura norte-americana na região da Coreia era o Comando (Unificado) do Extremo Oriente (*Far East Command* – FEC). As metas do FEC era a defesa do Japão e das bases no Pacífico Ocidental. Antes da Guerra da Coreia, a única expectativa de ameaça era um ataque aéreo-anfíbio ao Japão no contexto de uma grande guerra pela Ásia com a União Soviética. E para tal que se formulou dois planos de guerra: *Changeable* e *Gunpowder*. Eles estabeleciam uma ala aérea de mais de 500 caças, grande número de unidades antiaéreas e quatro divisões de exército concentrados no Japão. Em termos da possibilidade de uma guerra pela Coreia do Sul, existia somente um “plano de gaveta” formulado em 1946 com o título *Baker 61*, que teve várias edições até 1948. Uma de suas versões estabelecia uma guerra na Coreia em 1961 e o deslocamento de 13 mil soldados e 2 mil veículos do Japão para sua conduta. Outras versões apenas previam medidas para a evacuação da Coreia. No entanto, entre março e junho de 1950, nenhuma das quatro reuniões do Estado-maior conjunto do FEC mencionou em suas minutas a palavra “Coreia”. Como a expectativa – segundo avaliação da Junta de Chefes de Estado-maior – era de que nenhum desses cenários de guerra fosse iminente, as forças norte-americanas no Japão viviam sob o clima de leniência de uma força de ocupação, e não existia registro de quaisquer atividades de preparação com relação à Coreia.⁴⁰³

Os esforços norte-americanos para as guerras na Coreia eram subsidiários à iminência da terceira guerra mundial, por isso os esforços direcionados para a estrutura combatente em torno do Oitavo Exército na Coreia eram secundários àqueles para o preparo do Sétimo Exército na Alemanha. Enquanto o primeiro esforço seria de emergência e delimitado entre junho de 1950 e setembro de 1951, o segundo esforço teria principal ênfase entre setembro de 1951 em diante e envolveu a mobilização parcial da economia norte-americana. O esforço para a Ásia foi conduzido e desmobilizado dentro de uma perspectiva de que seria um conflito temporário. Já o esforço de guerra para a Europa era realizado com a reserva estratégica e o melhor que os Estados Unidos dispunham em combatentes e equipamento. Mesmo com o início da nova guerra com a China, não houve alteração dessa orientação política de mobilização, e essa passou a ser conduzida pelo *Office of Defense Mobilization* a partir de dezembro de 1950.⁴⁰⁴

O orçamento de defesa dotado durante a Guerra Sino-americana é uma evidência adicional do esforço norte-americano em delimitar seus custos. O orçamento para o Departamento de Defesa em 1951 – atualizado para o reforço das forças convencionais na Coreia – foi de 48 bilhões de dólares, sendo as alocações para Exército, Força Aérea e Marinha respectivamente de 19, 15 e 12 bilhões, e 75% dessa alocação foi para aquisições estratégicas e expansão em longo prazo das bases industriais de defesa. Para 1952 – no contexto de estabilização da Coreia e revitalização do arsenal nuclear – a alocação orçamentária de 60 bilhões entre as forças seria de 21, 22 e 16 bilhões. No último ano da guerra, houve a “normalização” da alocação orçamentária pré-guerra em que se volta a crer no guarda-chuva nuclear e o orçamento passa a ser novamente centralizado na Força Aérea com 20

⁴⁰³ GOUGH, Terrence J. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, Washington: US Center of Military History, 1987, p. 108; HANSON, Thomas., *The Eighth Army's Combat Readiness Before Korea: A New Appraisal*, *Armed Forces & Society*, v. 29, n. 2, p. 167–184, 2003, p. 168–170, 176; HERMANSEN, M. *United States Military Logistics in the First Part of the Korean War*, dissertação de mestrado, University of Oslo, 2000, cap. 3.

⁴⁰⁴ FARTUA, David. The “Long Pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army, *Journal of Military History*, v. 61, n. 1, p. 93–120, 1997, p. 110–111; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 371–372.

bilhões de dólares contra 13 e 12 bilhões no Exército e Marinha, respectivamente.⁴⁰⁵ Durante todo o período, Truman e seu staff usaram de vários mecanismos para evitar os efeitos inflacionários da guerra e da mobilização, principalmente porque essa era uma requisição do Congresso para os amplos poderes conferidos a eles.⁴⁰⁶ Destacadamente, as guerras na Coreia foram as únicas na história militar norte-americana pagas integralmente com elevação de impostos. Como resultado, mesmo com o ápice da mobilização ocorrendo em 1951, a economia norte-americana teria uma expansão de 5% no ano seguinte.⁴⁰⁷

A Guerra da Coreia foi enfrentada com as condições como planejadas em 1948, na substituição de Omar Bradley no lugar Dwight Eisenhower no mais alto posto do Exército dos Estados Unidos. No contexto de escalada do antagonismo com a União Soviética, trabalhava-se como uma estrutura de 18 divisões. Esse era o contingente possível por conta dos estoques de arsenal e da capacidade industrial disponível. Ambos muito baixos desde que não se havia efetuado qualquer aquisição desde a Segunda Guerra e a capacidade da indústria bélica foi quase completamente desmobilizada.

Bradley queria a extensão dessa estrutura para 25 divisões, mas seu encarregado de planejamento na época – general Lawton Collins – antecipava a dificuldade de se passar tal autorização no Congresso e pelo fardo econômico adicional em um contexto de candidatura de Truman à reeleição.⁴⁰⁸ A questão foi que, mesmo depois desse fato consumado e da promulgação da resolução NSC-68, não houve atualização dos planos de mobilização do Exército e das forças armadas em geral. Com o início da Guerra da Coreia, o Exército respondeu automaticamente a partir das orientações dessa resolução. Fundos para mobilização de pessoal e conversão de indústria foram encaminhados para resposta ao comunismo na Europa e existia nenhum plano para a mobilização de forças para a Ásia.⁴⁰⁹

Em maio de 1950, o contingente total do Exército dos EUA era de 590 mil, e em setembro ele tinha sido acrescido de apenas 50 mil soldados, sendo que o efetivo das forças regulares na zona de interior – no continente norte-americano – havia decrescido de 350 mil para 320 mil, e dos reservistas tinham caído em 50 mil soldados. Essa variação foi para reforço das forças na Coreia, mas na convicção que elas retornariam rapidamente e depois realocadas para a Europa. No mesmo período, a Europa foi reforçada em apenas 1,4 mil soldados.⁴¹⁰ Portanto, o reforço das forças de MacArthur em soldados e material foi composto por unidades da Reserva Geral e não das unidades regulares, que foram devastadas – 50% de suas unidades combatentes e de apoio foram enviadas. A questão é

⁴⁰⁵ DONNELLY, William. "The Best Army that Can Be Put in the Field in the Circumstances": The U.S. Army, July 1951-July 1953, *The Journal of Military History*, v. 71, n. 3, p. 809, 2007, p. 2007; PIERPAOLI, Paul G. *Truman and Korea: The Political Culture of the Early Cold War*, Columbia: University of Missouri Press, 1999, p. 70.

⁴⁰⁶ Como preço disso, a continuidade na guerra com redução de orçamento – somado a manutenção do contingente na Coreia e o plano de rotação – explica a deterioração relativa das forças terrestres norte-americanas para o restante da guerra e um equilíbrio relativo com relação os comunistas. Ver DONNELLY, W. "The Best Army that Can Be Put in the Field in the Circumstances": The US Army, July 1951-July 1953. *Journal of Military History*, 71(3), p. 810. Essa também é parte da explicação do porquê que os Estados Unidos – durante a Guerra Fria – nunca teriam uma força terrestre com tal alto desempenho como a do ano de 1951. Ver: JORDAN, K. C. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*. Tese (Doutorado) – The Ohio State University.

⁴⁰⁷ LEE, Heajeong. *The Making of American Hegemony from the Great Depression to the Korean War*, Illinois: Northwestern University, 1998, p. 423; PIERPAOLI. *Truman and Korea*, p. 228.

⁴⁰⁸ FARTUA. *The "Long Pull" Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army*, p. 102; GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 21.

⁴⁰⁹ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 14; JONES, Robert Keith. *Limited Warfare as a Pragmatic Concern*, Tese (Doutorado) – Louisiana State University, Baton Rouge, 1995, p. 73–74; FARTUA. *The "Long Pull" Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army*, p. 110.

⁴¹⁰ DONNELLY. *The Best Army that Can Be Put in the Field in the Circumstances*, p. 816.

que o nível de prontidão dessas unidades reservistas eram inferiores, bem como mais desequilibradas em termos de equipamento e suprimentos orgânicos. Houve inclusive a necessidade de redução do efetivo do Exército Regular especificamente para o treino desses reservistas.⁴¹¹

Até as vésperas da invasão norte-coreana em 1950, o Oitavo Exército seguia um programa limitado de treinamento e condicionamento no Japão, e, para muitos, a unidade mais se caracterizava como uma força de guarnição de que combate. Evidência disso era que seu efetivo regular deveria ser de 153 mil soldados, e não de 83 mil.⁴¹² Os desfalques eram principalmente nas unidades de apoio ao combate – artilharia, engenharia, transporte e comunicação – que precisaram do deslocamento e inclusão de batalhões e companhias da Guarda Nacional.⁴¹³ Adicionalmente, em termos qualitativos, os contingentes conscritos para o Oitavo Exército eram abaixo da média de inteligência e motivação desde que 40% do seu efetivo encontrava-se na segunda mais baixa posição dos testes de aptidão do Exército norte-americano e possuía uma taxa de rotação anual de 43%. Portanto, era um contingente com pouco moral, baixo treinamento e coesão.⁴¹⁴ Entre 1949 e 1950, o novo comandante Walton Walker esforçou-se para revitalizar a motivação e aprestamento das unidades combatentes do Oitavo Exército, mas ele foi limitado em tempo em decorrência da iminência da guerra.⁴¹⁵ Da mesma maneira, o arsenal do Oitavo Exército não estava mantido em parâmetros adequados para a ação na Coreia, e o arsenal disponibilizado para as forças sul-coreanas foi tomado nos primeiros dias da invasão norte-coreana. Por isso, nas primeiras semanas da guerra, a reserva de suprimentos sustentava 60 dias de operação sem reabastecimento, sendo que o estoque de suprimentos prontos para envio estava em nível de 90 dias.⁴¹⁶

Essas condições anteriores do Oitavo Exército foram dificilmente superadas, pois se instituiu durante a Guerra da Coreia, pela primeira vez, a rotação de soldados com seis meses de serviço, mas individualmente e sem retenção de um reserva de soldados da ativa – ou seja, veteranos – pela duração da guerra.⁴¹⁷ Adicionalmente, o treinamento dos reservistas era segundo os parâmetros desenvolvidos para a Segunda Guerra Mundial e inadequados para a Guerra Sino-americana. Eles eram preparados psicologicamente para uma guerra total que não era o que eles tinham na Coreia. Também eram treinados para o terreno europeu e não para a geografia escarpada e as operações noturnas, na qual a mecanização tinha menor condição de emprego. Por isso, os novos recrutas tinham que passar por um período de treinamento e condicionamento no Japão antes de serem enviados para a Coreia. Apesar disso, deve-se atentar que o contingente incorporado ao longo da guerra não constituía das margens da sociedade norte-americana, mas da classe-média: 2/3 dos soldados tinham educação intermediária (*high school*) e 3/4 do contingente total do Exército com nível superior serviu na Coreia.⁴¹⁸ Esse nível educacional do contingente deslocado para a Guerra Sino-americana permitiria, potencialmente, condições para sua adequação aos padrões de coesão

⁴¹¹ GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 28–29.

⁴¹² Ibid., p. 25; JORDAN, Kelly C. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*, Tese (Doutorado) – The Ohio State University, 1999, p. 51; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 372–373.

⁴¹³ GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 28–29; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 369.

⁴¹⁴ JORDAN. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*, p. 53–54.

⁴¹⁵ Ibid., p. 51–54, 57.

⁴¹⁶ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 34.

⁴¹⁷ DONNELLY, William. Thunderbirds in Korea: The U.S. 45th Infantry Division, 1950-1952, *The Journal of Military History*, v. 64, n. 4, p. 1113, 2000, p. 810; GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 26.

⁴¹⁸ FARTUA. *The “Long Pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army*, p. 113–114; VALENTINE, Janet Graff. *The American Soldiers in the Korean War*, Tese (Doutorado) – University of Alabama, Tuscaloosa, 2002, p. 60.

e de desempenho desejados mediante a supervisão de um bom comando, o que seria uma das realizações dos generais Ridgway e Van Fleet ao longo de 1951.⁴¹⁹

Essas deficiências acumuladas do Oitavo Exército norte-americano e os limites de seu reforço em razão do contexto bipolar da Guerra Sino-americana explicam a importância da alteração da tábua de organização e equipamento de suas divisões, autorizada em 29 de novembro de 1950. Desde que se decidiu por uma mobilização e envio limitado de forças para a Coreia, houve uma parcial compensação ao se elevar para 18.855 soldados o efetivo de uma divisão do Oitavo Exército, 4 mil soldados a mais que uma divisão padrão da Segunda Guerra Mundial. Houve ainda um aumento substancial de poder de fogo orgânico por meio de: (i) a inclusão de uma seção de morteiros pesados e uma seção de rifles sem recuo de 57mm e de 75mm para cada batalhão de infantaria; (ii) o aumento em 50% das peças de artilharia de 105mm e 155mm nos batalhões de artilharia divisional e nos batalhões de artilharia dos regimentos, o que elevou para 54 e 18 peças de cada tipo de peça de artilharia por divisão, respectivamente; (v) a inclusão de obuses de oito polegadas às divisões; e, por fim, (iv) a inclusão, mesmo com a ausência de ataques aéreos oponentes, de batalhões de defesa antiaérea às divisões, que, de fato, aplicavam os autopropulsados canhões duplos de 40mm e as plataformas de quatro metralhadoras de calibre 0,50 polegada como base de fogo de saturação.⁴²⁰

As divisões sul-coreanas compunham o maior contingente nominal da coalizão das Nações Unidas, porém esse era o contingente de mais baixa performance no ano de 1951. As divisões sul-coreanas utilizavam estruturas, uniformes e manuais japoneses, e apenas com a estabilização relativa do teatro de operações em julho de 1951, que o comandante do Oitavo Exército, James Van Fleet, implementou uma reforma profunda do Exército da República da Coreia do Sul.⁴²¹ O incremento de performance operacional foi evidente nas operações de maio e junho de 1951, quando passaram a ser a força predominante no setor e costa orientais. Até então, as divisões sul-coreanas foram empregadas intercaladas entre as divisões norte-americanas e também se tentou soluções expedientes de composições de regimentos de infantaria sul-coreanos apoiados por unidades de apoio, principalmente artilharia, norte-americanas. Como se verá na análise dos métodos na próxima parte do livro, o resultado foi desastroso.

Todos esses aspectos ressaltam a importância dos demais contingentes terrestres da coalizão das Nações Unidas. Isso porque, diferente do Exército dos Estados Unidos, o Corpo de Fuzileiros Navais e os vários países aliados enviaram o melhor de suas forças combatentes. Enquanto os fuzileiros buscavam reverter o fato quase consumado de seu desbaratamento ou absorção pela Marinha dos Estados Unidos,⁴²² os países europeus queriam demonstrar seu comprometimento contra o avanço do comunismo. Por isso, essas unidades eram, em grande maioria, de soldados profissionais e voluntários, sendo várias de elite, e com reservas permanentes e tinham suas baixas rapidamente reparadas. Elas compuseram as divisões e regimentos norte-americanos, mas não os sul-coreanos. Certamente, o desafio de comunicação foi outra razão para sua inserção junto a soldados de língua inglesa.

⁴¹⁹ Como evidencia disso é que as baixas psiquiátricas na Coreia (6%) foram substancialmente menores que as da Segunda Guerra (23%) e da Guerra do Vietnã (60% nos seus últimos três anos). Ver VALENTINE, *The American Soldiers in the Korean War*, p. 175–177.

⁴²⁰ MOSSMAN, Billy. *Ebb and Flow: November 1950 – July 1951*, Washington: Center of Military History – United States Army, 1990, p. 31–32.

⁴²¹ NA, Jongnam. *Making Cold War Soldiers: the Americanization of the South Korean Army, 1945-1955*, Tese (Doutorado) – University of North Carolina, Chapel Hill, 2006, p. iii-iv. 104–106.

⁴²² Ver KRULAK, V. *First to Fight*, Annapolis: Naval Institute Press, 1984; MILLETT, Allan R. *Semper Fidelis (Macmillan Wars of the United States)*, New York: Free Press, 1991.

No batalhão francês, por exemplo, todos os oficiais, metade dos suboficiais e 25% dos recrutas eram regulares e não reincorporados, enquanto que $\frac{3}{4}$ de toda a sua composição era formada por tropas de alto desempenho da Legião Estrangeira, fuzileiros e paraquedistas veteranos da Segunda Guerra ou da Guerra da Indochina. Adicionalmente, de um efetivo de 1.185, mantinha-se uma reserva permanente de 400 soldados, que era reposta da França.⁴²³ Ao fim da guerra, 3.400 soldados franceses serviram na Coreia. Um padrão aproximado pode ser assumido dos belgas, gregos, turcos, holandeses, filipinos e países da *Commonwealth* britânica.⁴²⁴

A contribuição de forças estrangeiras, sem limitação de um contingente mínimo, foi uma decisão política proposta pelo Departamento de Estado e concedida pelo Pentágono como forma de reforçar o sistema das Nações Unidas e dava especiais boas-vindas às contribuições de países latino-americanos e asiáticos. A maioria das contribuições foi feita antes da intervenção chinesa e, após esta, houve menos comprometimentos e mais resistência no envio de reforços. Passava a existir menor expectativa de sucesso ou a temeridade das imprevisíveis consequências dessa nova guerra.⁴²⁵

A participação norte-americana e de sua coalizão na Coreia foi sustentada por três bases de material bélico. Primeiro, o enorme excedente em arsenal da Segunda Guerra Mundial. Segundo, a capacidade da infraestrutura norte-americana em deslocar esse arsenal das várias partes dos Estados Unidos, Pacífico e Europa para a Coreia. Terceiro, em ter o Japão como seu principal parque industrial mobilizado, com ampla capacidade ociosa e ansiosa por restauração.

A participação dos Estados Unidos e seus aliados até setembro de 1951 não foi composta com material bélico produzido pela mobilização da economia norte-americana. Primeiro porque o conceito de mobilização parcial era algo que ainda tinha que ser formulado e desenvolvido entre os assessores presidenciais, os departamentos militares e os vários setores da economia norte-americana.⁴²⁶ A atividade de aquisição seguiu travada até janeiro de 1951 e apenas após o envolvimento chinês teve início a produção de novos estoques. O grande entrave nesse caso e em todo o esforço de mobilização era que os contratos de aquisição nos Estados Unidos tinham que cumprir todos os requisitos de anúncio público segundo prazos específicos antes da licitação de aquisição. Com a declaração de emergência nacional, também houve a simplificação do processo de leasing ou retorno das instalações de produção de material bélico para o governo sob a cláusula de segurança nacional. Tal declaração ocorreu em 16 de dezembro de 1950.⁴²⁷ Assim, o início da Guerra Sino-americana resultou na aceleração e expansão do programa de rearmamento e da base bélica industrial norte-americana.⁴²⁸

O montante dos arsenais da Segunda Guerra era tão extraordinário que tal mobilização não era premente. A composição do material de guerra das forças combatentes deu-se, inicialmente, a partir de programas para organização ou recondicionamento das reservas de suprimentos e equipamentos. Eles disponibilizaram itens a muito mais baixo custo e em prazos mais curtos de resposta

⁴²³ HAMBURGER, Kenneth Earl. *Leadership in the Crucible: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chipyeong-Ni*, Austin: Texas A&M University Press, 2003, p. 65–67.

⁴²⁴ Ver EDWARDS, Paul. *Korean War Almanac*, New York: Facts on Life, 2006, p. 512–525.

⁴²⁵ EDWARDS, Paul M. *United Nations Participants in the Korean War*, Jefferson: McFarland & Company, 2013, p. 59, 66–69.

⁴²⁶ GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 24.

⁴²⁷ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 110–111.

⁴²⁸ GOUGH. *US Army Mobilization and Logistics in the Korean War: A Research Approach*, p. 27–28; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 116.

às requisições que sustentaram as forças norte-americanas até que novas linhas de produção de material fossem acionadas.⁴²⁹

A expansão da alocação orçamentária para a Força Aérea desde o fim da Segunda Guerra não significava que ela estivesse em condições comparativas melhor que as outras forças singulares para uma guerra convencional. Desde que esses recursos eram concentrados na capacidade nuclear estratégica dos Estados Unidos, havia um desequilíbrio de recursos. Bombardeiros estratégicos e caças de escolta eram a ênfase, enquanto bombardeiros táticos e aviação de transporte militar não. E, embora também possuísse material ainda disponível espalhado por todo Pacífico, tinha vendido como sucata a maior parte do seu arsenal da Segunda Guerra, que era localizado na Europa.⁴³⁰

Ao início da guerra com a Coreia, a Força Aérea do Extremo Oriente tinha 1.200 aviões – estando muitos não operacionais – distribuídos em três alas aéreas vinculadas ao sistema de defesa antiaéreo do Japão, e apenas unidades táticas foram redirecionadas para a Coreia. Houve, portanto, grande esforço para recondicionamento de aviões e pistas de pouso. No primeiro caso, 400 aviões foram reconicionados no Japão e o envio de 272 dos Estados Unidos. No segundo caso, a capacidade do Perímetro de Busan como base de caças e caças-bombardeiros foi rapidamente extinguida com seu uso para aviões de carga para abastecimento das forças terrestres. A principal base aérea para as guerras na Coreia foi a ilha japonesa de Kyushu. Portanto, havia falta de bases aéreas na Coreia, o que resultava em mais longo tempo de resposta em missões aéreas, redução do tempo e autonomia delas e, ao final das contas, perda das condições de manutenção e de prontidão operacional dos caças norte-americanos (ver MAPA 3.1).⁴³¹

Para coordenação dos aviões de combate da Força Aérea, Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, dos países aliados e ainda facilitar a cooperação entre esses e o Oitavo Exército, foi criado um Centro de Operações Conjuntas (*Joint Operations Center*). Este recebeu oficiais de ligações de todos os contribuintes de meios aéreos, providenciou pessoal e equipamento especializado para controle de fogo aéreo para todos os regimentos de infantaria e estabeleceu uma rede de comunicação para requisição de apoio aéreo tático. Adicionalmente, organizou um grupo de aviões T-6 Mosquito apenas para a função de coordenação de apoio de fogo direto. Essa estrutura de comando de meios aéreos era mais amadurecida do que se havia realizado nas campanhas europeias da Segunda Guerra Mundial e nutria-se da experiência das campanhas no Pacífico. Tal iniciativa era balizada ainda pelos manuais de campanha FM 31-35 *Air-Ground Operations* de agosto de 1946 e *Joint Training Directives for Air-Ground Operations* de setembro de 1950. Ainda assim, apesar dos esforços de harmonização, as diferenças no emprego de apoio aéreo de fogo direto entre a Força Aérea e o Corpo de Fuzileiros Navais eram significativa. De maneira que o Grupo Aéreo dos Fuzileiros Navais nº 33, componente aéreo da 1ª Divisão de Fuzileiros, apenas serviu sob o Centro de Operações Conjuntas quando a componente terrestre dessa divisão não esteve em ação. O mesmo nível de coordenação não foi possível entre a Força Aérea e as unidades aéreas da Força Tarefa 77 da Marinha.⁴³² A presença inicial da força aérea da Marinha dos Estados Unidos na Coreia era

⁴²⁹ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 14, 26.

⁴³⁰ SUI, William W. USAF Logistics in the Korean War, *Air Power History*, v. 49, n. 1, p. 46, 2002.

⁴³¹ FUTRELL, Robert. *The United States Air Force in Korean, 1950-1953*, Washington: USAF, 1983, p. 67; SUI, William W., *US Air Force Korean Logistics*, In: NEUFELD, Jacob; WATSON, George (Org.). *Coalition Air Warfare in Korea*, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 262, 264, 268.

⁴³² FUTRELL. *The United States Air Force in Korean, 1950-1953*, p. 60, 121, 705-707.

organizada em torno do porta-aviões *Valley Forge*. Sua missão como alocada por MacArthur foi de bombardeio a instalações militares e políticas da Coreia do Norte, e assim se manteve pela maior parte da duração da guerra.⁴³³

A Guerra da Coreia e, mas enfaticamente, a Guerra Sino-americana foram os primeiros casos de frustração da expectativa da recém-criada Força Aérea quanto à centralidade do poder aéreo. Um Comando Aéreo de Bombardeiros foi criado sob o Major General do Ar Emmet O'Donnell. Com ele, o objetivo principal da ala de bombardeiros era a destruição de alvos ao norte do paralelo 38°. Diferente da doutrina da Segunda Guerra Mundial de destruição de um mesmo sistema, ele orientava a seleção distribuída de diferentes alvos industriais e áreas urbanas, seguindo uma lógica similar a empregada na campanha aérea contra o Japão. Por fim, ele advogava que o ataque a tanques, a pontes e a pistas de pouso eram inúteis, o que causou atritos com a força aérea da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais e ainda com o Oitavo Exército. Apenas com sua substituição em abril de 1951 pelo general James Briggs que se iniciou uma campanha aérea agressiva contra alvos militares.⁴³⁴ Essa alteração no comando de bombardeiros seguiu a ascensão de Ridgway a Comandante do Extremo Oriente e foi central para o aumento do poder de fogo para contenção da ofensiva chinesa da primavera de 1951.

De maneira similar, com o avanço das operações em 1951, a Quinta Força Aérea teve que criar soluções logísticas para reduzir o tempo de resposta do serviço de apoio de fogo direto. Estabeleceram-se bases provisórias no sul da Coreia do Sul, a partir de um ciclo de prontidão em que o abastecimento e manutenção básica eram providos na Coreia, enquanto a manutenção mais detalhada e reparos eram realizados no Japão.⁴³⁵

7.3.2 A Movimentação das Forças Combatentes Norte-americanas

A maior contribuição da economia norte-americana para o esforço da guerra foi suas infraestruturas e capacidade de gerenciamento de pessoal e material pelo território norte-americano e de transporte transoceânico. O principal resultado era que a *distância econômica* entre Estados Unidos e a Coreia eram menores do que entre a União Soviética e as forças chinesas e norte-coreanas. Ou seja, a distância em termos de custos de transporte de um dado volume de seu estoque original até seu destino final era consideravelmente menor. Por exemplo, entre Chicago e Busan, a eficiência de deslocamento era maior do que a partir de Magnitogorsk, nos Urais, até a Manchúria.⁴³⁶

⁴³³ HALPERIN, M.H. The Limiting Process in the Korean War, *Political Science Quarterly*, v. 78, n. 1, p. 13–39, 1963, p. 36–37.

⁴³⁴ CRANE, Conrad. Raiding the beggar's pantry: The search for airpower strategy in the Korean War, *The Journal of Military History*, v. 63, n. 4, p. 885, 1999, p. 885–901.

⁴³⁵ SUIT. *USAF Logistics in the Korean War*.

⁴³⁶ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 39.

Rota	Distância (km)
Direto São Francisco	8.046,72
Via Alaska – Seattle	8.078,907
Via Ilhas Aleutas – Seattle	7.676,571
Via Ilhas Aleutas – Seattle	8.320,309
Havaí – Seattle	10.734,324
Havaí – São Francisco	10.138,867

QUADRO 7.1 – DISTÂNCIAS TRANSOCEÂNICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E JAPÃO

FONTE: Ridgway (1986), p. 126-127

A responsabilidade para o transporte transoceânico era dividida. O *Military Sea Transportation Service* (MSTS) coordenava os navios da Marinha e civis entre os Estados Unidos, Japão e Coreia. O *Military Air Transport Service* (MATs) tinha sua frota aérea e contratava linhas aéreas civis para o transporte aéreo entre Estados Unidos e Japão. Mas o deslocamento aéreo entre Japão e Coreia era responsabilidade da 315ª Divisão Aérea ou Comando de Carga de Combate, sob a Força Aérea do Extremo Oriente.⁴³⁷

Para o movimento de material transoceânico a partir dos Estados Unidos, desde a Segunda Guerra Mundial, cada porto norte-americano era ponto de saída para forças localizadas em áreas particulares do globo. O porto de Nova York era o ponto de saída de forças para Atlântico Norte, Europa, Mediterrâneo, África e Oriente Médio. O porto de Nova Orleans era responsável pelo Caribe e América do Sul. O porto de São Francisco pelo Japão, Coreia, Ásia, Austrália e ilhas do Pacífico. O porto de Seattle era responsável pelo envio para o Alasca. No entanto, para as guerras na Coreia, o porto de San Francisco era insuficiente para o volume de pessoal e, principalmente, material a ser transportado em um curto prazo de tempo e foi complementado pelo de Seattle, que assumiu 40% do volume total. Ainda assim, os portos de Nova York, New Orléans e portos comerciais da costa leste e Golfo do México tiveram que ser utilizados como portos de apoio. Esses também eram necessários para recebimento de material disponível em arsenais na Europa e combustíveis do Oriente Médio.⁴³⁸

Toda essa rede transoceânica para o esforço de realocação global dos meios de força – para o envio de material para o Japão e concentração militar na Europa – cobrou o uso de 404 navios, sendo 350 em atividade contínua entre 1950 e 1953 e os demais mantidos como reserva caso fosse necessário o envio de unidades da reserva estratégica para a Europa. Para o deslocamento de pessoal e material para o Japão, foram utilizados em média 115 navios, com realocação máxima de 170 ao início da Guerra da Coreia. No Japão, dois terços do volume recebido era por meio do porto Yokohama. Havia no Japão infraestrutura e recursos humanos portuários disponíveis para as operações de recebimento, distribuição interna e deslocamento de todo o material para a Coreia.⁴³⁹

A infraestrutura portuária do Japão foi dividida em três zonas: norte, central e sul, que sustentaram um fluxo mensal médio de 1,2 milhões de toneladas quadradas. Toda a atividade portuária foi desenvolvida por companhias e trabalhadores japoneses. O sistema portuário japonês era destacado ainda pelo sistema de depósitos no interior do país interconectados por uma rede de canais e uma

⁴³⁷ SUIT. USAF Logistics in the Korean War.⁴³⁸ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 51–52, 55.⁴³⁹ Ibid., p. 213–218.

frota correspondente de embarcações ribeirinhas. Por isso, flexível à necessidade e fluxos de material. A principal zona portuária era a norte organizada em torno do porto de Yokohama no norte da ilha de Honshu, responsável por 2/3 do tráfico marítimo do Japão durante a guerra.⁴⁴⁰

Na Coreia, houve grande dificuldade na operação de portos, pois eles não tinham infraestrutura para sustentar o fluxo de material da guerra. Os depósitos eram localizados muito próximos dos terminais de desembarque e havia falta de transporte para escoamento dos volumes desembarcados nos portos. Consequentemente, existia constante congestionamento, ruptura e perda de material.⁴⁴¹ Além disso, apenas Busan tinha profundidade e estrutura para grandes navios. Seus quatro píeres podiam aportar até vinte e nove embarcações ao mesmo tempo. Potencialmente, ele sustentava o fluxo de 50 mil toneladas por dia, mas, pela falta de pessoal e equipamento, o fluxo médio era de 30 mil. Embarcações das classes *Liberty* e *Victory* podiam apenas ser ancoradas no porto de Masan que, apesar de ter mais profundidade, era pequeno e tinha estrutura para receber apenas dois navios de cada vez. O segundo grande porto da Coreia de Sul era o de Inchon, fundamental na contraofensiva norte-americana de setembro de 1950. Ele podia alocar apenas 5 mil toneladas por dia, mas oferecia grandes constrangimentos adicionais devido a sua grande alteração de maré e áreas alagadiças. Por fim, com a ofensiva chinesa de Ano-Novo, em dezembro de 1950, ele seria parcialmente destruído e recuperado apenas em meados de 1951. Por fim, uma dificuldade intransponível no funcionamento dos portos na Coreia era, ao contrário do Japão, a falta de pessoal local qualificado.⁴⁴² Importante marcar que o Comando do Extremo Oriente não possuía originalmente autoridade para operar portos e aeroportos. Apenas após dois meses do início da guerra que o Comando Logístico do Japão se encarregou da função.

Ao início da Guerra da Coreia, “apenas” sessenta aviões de carga da Mats eram dedicados para transporte aéreo pelo Pacífico. Pelo caráter de emergência dessa guerra e pela menor disponibilidade de bons aeroportos na década de 1950, essa frota expandiu para trezentos aviões de carga C-47, C-46, C-54 e C-119 e sua realocação envolveu boa parte do hemisfério ocidental.⁴⁴³ A Mats organizou três áreas de via aérea. Uma divisão continental articulava o controle aéreo entre América do Norte e Rio de Janeiro; uma divisão atlântica controlava as linhas aéreas entre a base aérea de Westover, em Massachusetts, Europa e Norte da África; uma divisão do Pacífico operava as vias entre a base aérea de Fairfield-Suisan, na Califórnia, e o Extremo Oriente. A maior parte dessa realocação tratou de mover para os Estados Unidos e Japão os cargueiros concentrados na Europa em decorrência do Bloqueio de Berlim em 1948. Envolveu ainda a contribuição de aviões de carga pelo Canadá e Bélgica e aqueles comissionados por contrato com empresas privadas.⁴⁴⁴

A criação do Comando de Carga de Combate do FEC ocorreu durante a contraofensiva norte-americana contra a Coreia do Norte a partir de setembro de 1950 em razão da realização de

⁴⁴⁰ Ibid., p. 214–216.

⁴⁴¹ KING, Benjamin. Transportation in the Korean War, In: NEUFELD, Jacob; WATSON, George (Org.). *Coalition Air Warfare in Korea*, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 307–308.

⁴⁴² HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 218–223.

⁴⁴³ Segundo FUTRELL. *The United States Air Force in Korean, 1950–1953*, p. 561–562. Essa composição de aviões era adequado em razão de sua complementariedade no desempenho de tarefas específicas: o C-54 era o avião mais adequado para longo voos e transporte de pessoal e carga e também para evacuação; o modelo C-119 era o mais adequado para assaltos aero terrestres e lançamentos aéreos; cuja tarefa era complementado pelos C-46, porém este era um modelo mais antigo e de menor autonomia. Por fim, os C-47 eram os mais adequados para pouso em pistas curtas e/ou improvisadas.

⁴⁴⁴ Ibid., p. 75–78; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 218–219, 230.

um assalto aerotransportado e pela necessidade de abastecimento via carga aérea das colunas em avanço em ritmo mais acelerado e a partir de áreas da Coreia do Norte além da infraestrutura terrestre disponível. Tal comando ficou sob o Major General William Turner, que também comandou o serviço de abastecimento aéreo de Berlim em 1948.⁴⁴⁵

Note-se que, se a possibilidade de operação de caças e bombardeiros a partir de pistas de pouso na Coreia era limitada, a grande maioria do serviço de transporte de carga aérea operava do Japão e tinha que disponibilizar as cargas por lançamento com paraquedas. A pista de pouso de Taegu foi a única plenamente operacional durante toda a guerra. Já as pistas de pouso de Hoengseong e Kimpo foram recuperadas apenas em abril de 1951. Isso provocou grandes congestionamentos nos aeroportos do Japão. Principalmente, em situações extremas – como nas batalhas de Chipyeong-ni e Wonju em fevereiro de 1951 – quando unidades terrestres isoladas podiam ser abastecidas apenas por via aérea que, até ao início de 1951, não passava de 100 toneladas diárias.

Porém, tendo em vista a experiência da guerra contra a Coreia do Norte do ano anterior ao norte do paralelo 38° e a aproximação do período de chuvas, Ridgway requisitou a realocação de serviço aéreo de carga para que entre os meses de junho e julho de 1951 fosse possível o transporte emergencial de 200 toneladas diárias de material ao longo de cinco dias exclusivamente para unidades mais avançadas e em contato com as forças oponentes.⁴⁴⁶ Isso seria fundamental para que as forças terrestres norte-americanas fossem capazes de manter o esforço combatente por mais tempo que as forças comunistas durante esse mesmo período, favorecendo assim a abertura das negociações do armistício.

Devido à destruição causada pela invasão norte-coreana e às orientações estratégicas de ofensivas em 1950 e depois em 1951, houve grande esforço aplicado na recuperação das infraestruturas de transporte terrestre da Coreia do Sul. Enquanto o sistema ferroviário foi adequado durante o recuo e defesa do perímetro de Busan, foi necessário expandi-lo ao passo que as forças da coalizão das Nações Unidas passaram a crescer em número e a conduzir suas operações contra as forças chinesas. Se em agosto de 1950, o 3º Serviço Ferroviário de Serviço Militar tinha à disposição – no Japão e na Coreia – 434 quilômetros de ferrovias, 280 locomotivas, 300 vagões de carga e 450 de passageiros; em janeiro de 1951, ele contaria com uma malha de 1.738 quilômetros, 305 locomotivas e mais de cinco mil vagões, o que possibilitava transportar 340 mil toneladas de carga. O ápice dessa expansão foi em maio do mesmo ano em que se alcançou a marca de uma malha de 2.100 quilômetros, 450 locomotivas, 6.490 vagões e uma capacidade total de 705 mil toneladas.⁴⁴⁷

No Japão, esse serviço era centralizado pelo Comando Logístico do Japão e na Coreia pelo Oitavo Exército. Sobre o serviço de trens no Japão, já existia a supervisão do uso militar da rede nacional japonesa desde 1945. Ainda assim, esse controle foi relaxado e mais e mais o serviço de transporte terrestre no Japão teve que ser confiado a supervisores japoneses. Com o firmamento do Tratado de Paz com o Japão em abril de 1952, um acordo foi adicionado nesse sentido. O sistema ferroviário sul-coreano foi administrado mais diretamente pelo Exército dos Estados Unidos que supervisionava empregados locais e contratava os serviços de reparação. Esse foi muito danificado

⁴⁴⁵ LEARY, William M. *Anything Anywhere Anytime: Combat Cargo in the Korean War*, Honolulu: University Press of the Pacific, 2005, p. 3–4.

⁴⁴⁶ FUTRELL. *The United States Air Force in Korean, 1950-1953*, p. 556–557, 559; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 236–238; LEARY. *Anything Anywhere Anytime*, p. 2–3, 30.

⁴⁴⁷ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 244–249.

pelas campanhas de junho de 1950 a julho de 1951, e apenas depois desse período que ele foi plenamente restabelecido. No geral, nos primeiros sete meses de 1951, foram usados 30 linhas de trens, 25 carregando suprimentos e o restante levava soldados. Cada linha possuía de 20 a 40 vagões e carregava 500 toneladas por viagem ou mil passageiros. Nesse período, o sistema ferroviário sul-coreano transportou 12% das rações, 14% de combustíveis e 11% da munição disponibilizada no teatro de operações.⁴⁴⁸ Ainda assim, o sistema ferroviário sul-coreano foi fundamental tendo em vista às limitações do seu sistema rodoviário como um todo.

A principal rodovia disponível entre Busan e Seul era capaz de transportar apenas 8 mil toneladas diárias, assumindo 24 horas de atividade e a disponibilidade contínua de caminhões. Uma estrada central entre Taegu e Seul também possuía um potencial de transportar até 8 mil toneladas e a principal estrada da porção oriental do país era capaz de transportar apenas 5 mil toneladas diárias. Entretanto, essas marcas máximas eram dificilmente alcançadas. Setenta por cento das estradas do país tinha inclinações maior que 30°, o que significa a existência de estradas com muitas curvas, subidas e descidas, por isso sujeitas à deterioração maior pelo clima e excesso de uso. Adicionalmente, existiu uma grande escassez de caminhões e veículos em geral durante todo o ano de 1950 e foi necessário tempo para que o programa de reconstrução japonês produzisse 70% da frota de 13.800 veículos que as forças norte-americanas passaram a ter por volta de meados de 1951, sendo o restante dessa frota (4.400 veículos) enviado dos Estados Unidos. A capacidade japonesa de recondicionamento de veículos foi tão surpreendente, que o envio a partir dos Estados Unidos era viável, mas foi suspensa até um estudo acurado do que era necessário além do que o Japão era capaz de suprir.⁴⁴⁹

Ainda assim, o Oitavo Exército tinha doze companhias de caminhões de transporte a menos do que qualquer unidade equivalente da Segunda Guerra Mundial. A experiência norte-americana da Segunda Guerra estabeleceu a razão de 48 companhias de caminhões para um exército-de-campo de três corpos. Na Guerra Sino-americana, até agosto de 1951, tinha-se 36 companhias e um total efetivo de 900 caminhões para sustentar o Oitavo Exército, composto por três Corpos norte-americanos e ainda de dois a três sul-coreanos, dependendo do estágio da guerra. Em consequência do sistema ferroviário sul-coreano, o serviço rodoviário foi principalmente concentrado no apoio do X Corpo, encarregado das operações no corredor central da península. Esse serviço de caminhões não era insuficiente apenas em termos absolutos, mas também em razão da qualidade das estradas coreanas, principalmente na porção oriental que possuía trechos de 120 quilômetros que demandavam um dia inteiro de viagem. De outro lado, essa guerra não demandava o percurso de grandes distâncias e nem as grandes taxas de consumo de combustível, tendo em vista a predominância das armas de infantaria e artilharia, em comparação com o cenário europeu da Segunda Guerra Mundial. Na média, o padrão de abastecimento era de uma companhia de 35 a 48 caminhões transportando 100 toneladas de suprimentos a 240 quilômetros por dia.

Mais uma vez, e de maneira similar ao serviço ferroviário, a expansão do serviço motorizado foi adequada em termos de *timing* do ápice da guerra em 1951. Ele expandiu de um potencial de transporte de 85 mil toneladas em janeiro de 1951 para 464 mil toneladas em maio deste ano, sendo capaz de transportar para o front pelo menos metade do volume total transportado pelo sistema

⁴⁴⁸ Ibid., p. 244–251.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 179–180.

ferroviário de Busan até os terminais de transporte motorizado, geralmente, ao sul do Seul. O período de recorte das operações militares neste livro de dezembro entre 1950 e julho de 1951, foi o de maior consumo de material bélico e de maior demanda de transporte rodoviário, atingindo o pico de 465 mil toneladas transportadas em maio, contra uma média de 185 mil em janeiro do mesmo ano, e de 90 mil toneladas por mês ao longo de 1952.⁴⁵⁰

Por fim, assim como seu oponente, as forças combatentes norte-americanas também tiveram que fazer uso de carregadores humanos, mas em níveis substancialmente menores. Em março de 1951, foram organizadas 65 companhias de carregadores, sendo que cada carregador era responsável pelo transporte diário de vinte e dois quilos por 16 quilômetros. Por fim, diferentes das forças comunistas, as forças ocidentais não fizeram uso de animais de carga e carros-de-boi.⁴⁵¹

Note-se com essa descrição das linhas de comunicações dos Estados Unidos, a enorme dependência da cidade de Busan como a base de operações na Coreia do Sul, o que a tornava um alvo de alto valor estratégico. Entretanto, ele nunca sofreu de ataques aéreos, por minas, forças especiais ou algum tipo de sabotagem. Isso seria uma evidência do compromisso da União Soviética com a limitação da guerra.⁴⁵² Pois, em uma situação de paralisia das operações no Extremo Oriente, os Estados Unidos poderiam escalar a tensão bipolar em outras regiões do globo em que ela estaria mais vulnerável.

Adicionalmente, a combinação da superconcentração de Busan como ponto de entrada de material na Coreia do Sul com as infraestruturas de ferrovias e rodovias – descritas acima – criava um segundo gargalo em Wonju, o que tornava clara a importância dessa região para as atividades preparatórias e combatentes da coalizão das Nações Unidas. Era onde se dava o entroncamento entre as porções norte e sul, leste e oeste do país, e, por isso, aonde se dava a maior parte da conversão de volumes do material de guerra de trens para caminhões. Portanto, em razão do potencial dos efeitos estratégicos de sua conquista, também sensível para as linhas de comunicações chinesas, essa região seria onde os chineses aplicariam seu principal esforço entre março e maio de 1951 e o ponto de resistência e conversão para as ofensivas norte-americanas.⁴⁵³

7.3.3 A Manutenção das Forças Combatentes Norte-americanas

A principal inovação institucional norte-americana para todo o esforço após a Segunda Guerra Mundial foi a criação do Conselho de Segurança Nacional para coordenação da política externa, política de defesa e recursos nacionais. Sob ele, o Comitê de Recursos de Segurança Nacional era uma agência de planejamento e mobilização de economia de guerra. Esse comitê era responsável pelas estimativas das necessidades de guerra, a apreciação do valor dos recursos necessários para atender a essas demandas, a avaliação de deficiências em recursos e a determinação de medidas relacionadas. Portanto, essa não era uma agência executiva, mas subordinava ao conhecimento e crivo do presidente todas as atividades relacionadas à preparação para a guerra.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 256–257.

⁴⁵¹ Ibid., p. 257–259.

⁴⁵² HALPERIN. *The Limiting Process in the Korean War*, p. 14; JERVIS, R. The Impact of the Korean War on the Cold War, *Journal of Conflict Resolution*, v. 24, n. 4, p. 563–592, 1980.

⁴⁵³ HAMBURGER. *Leadership in the Crucible*; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 160, 373–374; COLEMAN, J.D. *Wonju: The Gettysburg of the Korean War*, illustrated edition. Washington: Brassey's US, 2000.

A coordenação e execução das atividades preparatórias das três forças ocorriam no Departamento de Defesa nas seguintes seções: Comitê de Munições, Comitê de Pesquisa e Desenvolvimento e na Junta de Chefes de Estado-maior (JCS).

O Comitê de Munições era a principal agência de coordenação. Esse comitê tinha como diretor necessariamente um civil apontado pelo presidente, que coordenava subsecretários e secretários assistentes dos departamentos militares. Esse comitê produzia planos de distribuição de suprimentos e políticas de mobilização industrial e aquisição. Em torno dele, orbitavam uma dezena de subcomitês conjuntos de catalogação, estoques, força de trabalho, ferro e aço, arsenal, combustíveis e outros.

O Comitê de Pesquisa e Desenvolvimento coordenava a tarefa de incremento de armamentos e equipamentos entre as forças armadas dos Estados Unidos. Estabelecia programas integrados de pesquisa e desenvolvimento. Com exceção de sua diretoria, ele não possuía pessoal permanente, mas operava por meio de subcomitês compostos por pessoal de pesquisa das forças.

Abaixo da JCS funcionavam três grupos: *Joint Strategic Plans Group*, *Joint Intelligence Group*, *Joint Logistics Plans Group*. Esses eram departamentos permanentes com representantes das forças e da JCS. O primeiro grupo, informado pelo segundo, desenvolvia planejamento de longo prazo para apreciações das demandas do Conselho de Segurança Nacional, enquanto o terceiro grupo fazia indicações sobre o tamanho, composição, organização e deslocamento das forças e suas implicações em programas de material. Com base nos planos e relatórios da Junta que os serviços militares dos Estados Unidos desenvolviam planos específicos de preparação mais detalhados e estimava custos. Se esses custos fossem acima do que o presidente achava adequado, a JCS tinha que trabalhar em outro plano geral. A unificação das forças sob o Departamento de Defesa não significava unificação dos serviços de suprimento, mas o Secretário de Defesa tinha interesse em incrementar a cooperação e uniformidade de procedimentos. Por isso, a JCS ainda tinha a sua disposição comitês conjuntos de assuntos civis, meteorologia, comunicação e eletrônica, transporte militar, um secretariado, uma seção histórica e um comitê de interação com a ONU.⁴⁵⁴

Antes da Guerra da Coreia, os serviços administrativos do FEC eram realizados pela Intendência do Exército que coordenava as atividades preparatórias com as outras duas forças singulares por meio de cinco seções: administração, construção e imóveis, suprimento, petróleo, ajuda econômica à Coreia. Possuía ainda unidades de ligação em Tóquio, Guam, Havaí e na base aérea de Fairfield e no porto de São Francisco. Isso quer dizer que existia uma autoridade burocrática do Exército norte-americano no planejamento e execução das atividades preparatórias sobre as demais forças singulares na região.

Ainda que do ponto de vista político e estratégico, a Coreia não fosse o teatro de operações ideal para os militares norte-americanos, o mesmo não pode ser dito do ponto de vista logístico. O caráter emergencial e despreparado dos planejadores norte-americanos em atender a crise foi aliviado pelo papel do Japão como base de operações. Em primeiro lugar, havia uma enorme quantidade de material bélico no Japão e nas ilhas ao seu redor no Pacífico. Em segundo lugar porque o Japão possuía mão-de-obra qualificada e instalações em condição para recondicionamento de equipamento dos arsenais na região e mesmos daqueles provenientes dos Estados Unidos, inclusive produzindo todo o aço e lubrificantes necessários. Em terceiro lugar, o Japão possuía uma incremen-

⁴⁵⁴ HERMANSEN. *United States Military Logistics in the First Part of the Korean War*, cap. 5; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 39–42.

tada malha de transportes: sua rede ferroviária era duas vezes maior que a da China, uma frota de 75 mil caminhões e 29 mil veículos utilitários e o melhor sistema de rodovias da Ásia.⁴⁵⁵ É possível afirmar que o ritmo gradual de mobilização da economia norte-americana foi sem sobressaltos pela possibilidade da mobilização total da economia japonesa.⁴⁵⁶

Uma estimativa aponta os seguintes números de material de campanha reconicionado no Japão:

- 489 mil armamentos de infantaria;
- 1.418 peças de artilharia;
- 743 veículos de combate;
- 15 mil veículos de uso geral.⁴⁵⁷

O parque industrial japonês teve ainda papel crucial no reconicionamento de uma proporção significativa dos grupos de combate aéreo e bombardeio dos Estados Unidos. Em prosseguimento à invasão norte-coreana, a primeira decisão de mobilização da Força Aérea dos Estados Unidos foi a concentração de alas aéreas para a proteção do Japão e, em segundo lugar, a constatação que não era possível e seguro ter bases aéreas permanentes na Coreia.⁴⁵⁸ Essa última restrição teve grandes consequências na composição da ala aérea norte-americana operando a partir do Japão. Houve a necessidade de reconicionamento dos F-80 à disposição para transporte de mais combustível e a recuperação de modelos mais antigos, mas de maior autonomia, como os F-51 e B-26. Tanto o reconicionamento dos aviões disponíveis no Extremo Oriente, quanto à montagem e reparo dos aviões transportados parcialmente desmontados dos Estados Unidos, foram realizados no Japão.⁴⁵⁹

Já a Coreia do Sul transformou-se num enorme parque de obras que seguia o curso das campanhas, de maneira a constringer o menos possível o fluxo de soldados e material para dentro do país. Como foi discutido anteriormente, a Coreia do Sul era uma economia mais limitada que sua contraparte e tudo – com exceção de mão de obra não qualificada – teve que ser trazido dos Estados Unidos e, principalmente, do Japão.

Com o início da guerra, o quartel-geral de retaguarda do Oitavo Exército, em Yokohama, tornou-se a base do Comando Logístico do Japão, sob o comando do general-major Walter Weible. Esse comando era a agência que recebia as requisições das forças combatentes na Coreia, fazia as requisições de material aos Estados Unidos e administrava no Japão portos, depósitos e outras instalações. Esse foi o primeiro caso de um comando norte-americano logístico estabelecido com uma tábua de organização permanente e superior aos serviços administrativos das três forças singulares. De maneira geral, o Comando Logístico do Japão tornou-se uma estrutura de 300 mil pessoas e com enormes responsabilidades. Ele possuía dois outros comandos subsidiários: um no Japão e outro na Coreia. No Japão, o 1º Comando Logístico gerenciava todos os portos, bases e instalações militares para apoio administrativo das unidades combatentes, de maneira que elas pudessem concentrar seu próprio serviço administrativo orgânico no treinamento e preparação para o movimento de tropas

⁴⁵⁵ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 54.

⁴⁵⁶ *Ibid.*, p. 54, 137–150.

⁴⁵⁷ *Ibid.*, p. 137–140.

⁴⁵⁸ FUTRELL. *The United States Air Force in Korean, 1950-1953*, p. 67.

⁴⁵⁹ SUIT. *USAF Logistics in the Korean War*.

para a guerra. Na Coreia, o Comando Logístico do Japão estabeleceu o 2º Comando Logístico no porto de Busan a partir de setembro de 1950 para apoio do Oitavo Exército.⁴⁶⁰

A lógica do planejamento de suprimento do Exército dos EUA era baseada na suposição que cada divisão engajada deveria ser abastecida por um volume de material equivalente a uma divisão e meia. Levavam-se em conta as unidades combatentes e as de apoio e administrativas para que uma divisão se mantivesse continuamente em combate. Em termos comparativos, a taxa de consumo das forças na Coreia foi significativamente menor que o da Segunda Guerra Mundial e equivalente ao da Primeira Grande Guerra. Respectivamente, avalia-se que as taxas de suprimento diário por soldado foram dessas três guerras foram, respectivamente, de 12, 30 e 11 kg. A taxa de consumo proporcional de material de campanha da Guerra Sino-americana foi equivalente à da Segunda Guerra Mundial, já a taxa de consumo de combustível, pelas razões apontadas acima, foi significativamente menor. O item em que houve maior taxa de consumo na Guerra Sino-americana em comparação a suas antecessoras foi munição, principalmente de artilharia.⁴⁶¹

A expansão do poder de fogo do Oitavo Exército aplicado às orientações estratégicas de desgaste das forças chinesas impôs uma taxa de consumo inédita até então. A partir de novembro de 1950, a taxa de consumo de munição dobrou e, no ápice dos enfrentamentos em maio de 1951, chegou a 2/3 da tonelagem consumida pelo X Corpo, por exemplo. Apenas o consumo de munição de artilharia chegaria a 18 mil toneladas por mês.⁴⁶² Por conta disso, houve a retenção no envio de munição dos Estados Unidos para a Europa e outros lugares em prioridade ao Oitavo Exército até a estabilização do teatro de operações em julho de 1951.⁴⁶³ Houve a decisão que deveria ser mantido um estoque permanente de 200 mil toneladas de munições, preservado por meio de uma rotina diária de atualização dos relatórios de taxas de consumo do Oitavo Exército, dos pontos de reabastecimento de munição na Coreia e dos volumes dos 14 depósitos de munições existentes no Japão. A partir disso, o Comando Logístico fazia estimativas consolidadas e requisições a cada 10 dias ao arsenal do Exército em Raritan, Nova Jersey. Dez dias também era a estimativa para organização de um novo envio de munição a partir de San Francisco.⁴⁶⁴

A Força Aérea fazia principalmente uso de estoque da Segunda Guerra, localizados em Okinawa e Guam, sendo que Busan tornou-se sua principal base de ordenança a partir de setembro de 1950. Importante notar que não existia estoque de napalm, que passou a ser produzido no Japão.⁴⁶⁵ Já a Marinha dos Estados Unidos fazia menos uso da base naval no teatro de operações em Sasebo na ilha de Kyushu, há 240 quilômetros de Busan.⁴⁶⁶ Graças ao recente desenvolvimento de técnicas de abastecimento em alto-mar, ela utilizou cinco navios logísticos: USS Mount Katmai, USS Paricutin, USS Valley Forge, USS Philippine Sea, USS Boxer. Eles foram empregados como navios de estoque

⁴⁶⁰ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 58–61. Para apoio do assalto anfíbio em Inchon, foi criado 3º Comando Logístico para apoio do X Corpo até outubro de 1950. Quando esse foi realocado para o front oriental tal comando foi reincorporado ao 2º Comando. Várias outras atualizações administrativas foram implementadas a partir de julho de 1952, com a criação de uma zona de comunicações coreana para a condução de atividades administrativas não diretamente relacionadas com as operações combatentes. Ou seja, a reestruturação das forças combatentes da República da Coreia e as atividades políticas e de apoio aos civis Ibid., p. 62–65.

⁴⁶¹ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 34.

⁴⁶² Ibid., p. 161–162.

⁴⁶³ Ibid., p. 385.

⁴⁶⁴ Ibid., p. 156–159.

⁴⁶⁵ SUI. *US Air Force Korean Logistics*, p. 270–277.

⁴⁶⁶ HERMANSEN. *United States Military Logistics in the First Part of the Korean War*, cap. 3.

de material de munição transportada de Guam e de demais suprimentos e combustíveis vindos por comboios dos Estados Unidos.⁴⁶⁷

Esse esforço não foi realizado sem preocupações porque tal consumo de munições reduziu a reserva estratégica do Exército nos Estados Unidos e afetou a mobilização global com ênfase na Europa. Como foi apontado anteriormente, a falta de preparação para a Guerra da Coreia seguiu a suposição política que ela teria termino breve, alterado apenas com a intervenção chinesa. O principal efeito disso foi que não houve a decisão para produção de munição e reabastecimento de estoques até junho de 1951.⁴⁶⁸

O consumo de combustíveis na Coreia foi significativamente menor do que na Segunda Guerra Mundial. No entanto, o Japão não tinha reservas naturais de petróleo e ele tinha que ser importado das fontes de abastecimento existentes na época e demandou um esforço enorme para o seu provimento. O Serviço de Petróleo do Comando do Extremo Oriente tinha autoridade sobre todas as reservas de combustíveis no Extremo Oriente, civis e militares. Assim, esse serviço não apenas provia a gestão de combustíveis para o esforço de guerra, mas realizou o racionamento do uso civil no Japão e realizou o incremento das operações de refino de petróleo cru no país. Ao total, oito refinarias foram reabilitadas, permitindo o refino de 33 mil barris de petróleo por dia. No entanto, tal produção local era insuficiente para reposição do consumo. Por isso, estima-se que 65% do volume de material transportado para o Extremo Oriente era de combustíveis. Esse foi uma das atividades preparatórias mais extenuantes por parte dos Estados Unidos, pois a costa oeste era bastante limitada no período na produção de combustíveis e estes passaram a ser a principal razão para o uso dos portos da costa leste dos Estados Unidos e México para transporte de combustíveis desde o Golfo Persico. Todo esse trânsito podia levar até dois meses.⁴⁶⁹

Por isso, o planejamento no provimento de combustível era gerenciado a partir de relatórios diários sobre as variações de consumo de cada unidade de batalhão. A partir disso, elaboravam-se as estimativas de consumo e de estoque de combustíveis de cada mês corrente e os próximos quatro. Consequentemente, enquanto as reservas de combustível para veículos eram de quarenta e cinco dias (sendo vinte na Coreia e vinte e cinco no Japão) e foram, mais ou menos, mantidas ao longo da guerra.⁴⁷⁰

Devido a esses esforços, o abastecimento de combustíveis e lubrificantes não foi um gargalo logístico em si, mas sua distribuição dentro do teatro de operações. O limite portuário sul-coreano e os avanços e recuos das operações militares faziam do serviço de entrega incerto e improvisado. Principalmente, pela inviabilidade de estabelecer depósitos avançados de combustível com segurança. A porção ocidental do teatro de operações – mais adequada ao uso de blindados – era especialmente suscetível a essas variações. E o controle do porto de Inchon foi imperativo nesse sentido. Outro constrangimento sensível – e que já tinha sido nevrálgico na Campanha da Normandia de 1942 – era a limitada disponibilidade e o grande desperdício de tambores para transporte dos combustíveis dentro do teatro de operações. Ao início da Guerra da Coreia, o FEC tinha 500 mil tambores de 200

⁴⁶⁷ WILDENBERG, Thomas. Logistic Support for Conducting Sustained Air Operations at Sea: The US Navy Experience in Korea, In: WATSON, George; NEUFELD, Jacob (Org.), **Washington: US Air Force History and Museums Program**, 2005, p. 279, 281–283.

⁴⁶⁸ HUSTON. **Guns and Butter, Powder and Rice**, p. 130–131.

⁴⁶⁹ HERMANSEN. **United States Military Logistics in the First Part of the Korean War**, cap. 3.

⁴⁷⁰ HUSTON. **Guns and Butter, Powder and Rice**, p. 186–187.

litros, mas, antes do fim do ano de 1950 já havia sido feito a requisição de outros 450 mil.⁴⁷¹ Com a estabilização do front na Guerra Sino-americana na segunda metade de 1951, foram construídos oleodutos de Busan a Inchon e Seul.⁴⁷²

Um último item a ser considerado distingue as forças apoiadas pelos Estados Unidos na Coreia das forças comunistas e mesmo das forças norte-americanas que combateram em guerras anteriores. Houve um grande esforço no provimento de alimentação de melhor qualidade aos soldados, com maior proporção de comida fresca em comparação a rações.⁴⁷³ O provimento de comida, assim como de itens de higiene, é geralmente apontado como bastante adequado durante a Guerra Sino-americana e um item relevante pela manutenção das forças em condição físicas e morais para o combate por mais tempo que seus oponentes.

Galeria de Fotos do Arquivo do Autor

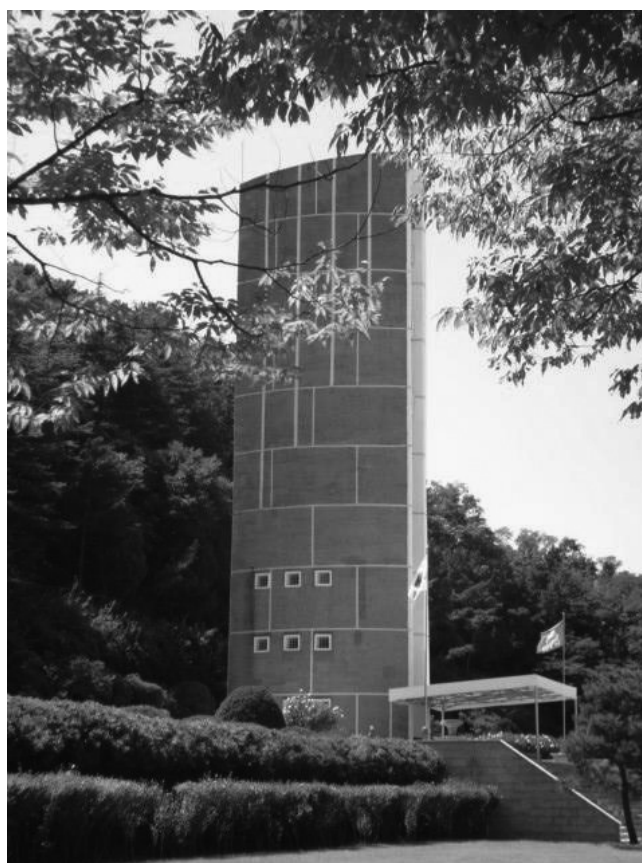


FIGURA 7.4 – MEMORIAL DA VITÓRIA DE TAEJU. DE FATO, O PONTO MAIS AO SUL DA OFENSIVA NORTE-COREANA EM AGOSTO DE 1950, NOS LIMITES DO PERÍMETRO DE BUSAN

FONTE: arquivo pessoal

⁴⁷¹ HERMANSEN, *United States Military Logistics in the First Part of the Korean War*, cap. 3; HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 185, 189–190.

⁴⁷² SUI. *US Air Force Korean Logistics*, p. 270.

⁴⁷³ HUSTON. *Guns and Butter, Powder and Rice*, p. 193–200.



FIGURA 7.5 – PORTO DE INCHON

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.6 – RIO HAN ATRAVÉS DE SEUL, CAPITAL DA COREIA DO SUL

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.7 – AS DUAS CADEIAS DE COLINAS EM TORNO DE WONJU, ÁREA ESTRATÉGICA NO CORREDOR CENTRAL DA PENÍNSULA COREANA.

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.8 – ZONA DESMILITARIZADA (DMZ) PRÓXIMA A CHEORWON E O TRIANGULO DE FERRO, BASE DE COMANDO, ADMINISTRATIVO E LOGÍSTICO DAS FORÇAS CHINESAS NA COREIA DO NORTE

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.9 – RESERVATÓRIO HWANCHON, LOCAL DE INTENSAS BATALHAS, NAS OFENSIVAS NORTE-AMERICANAS

FONTE: arquivo pessoal

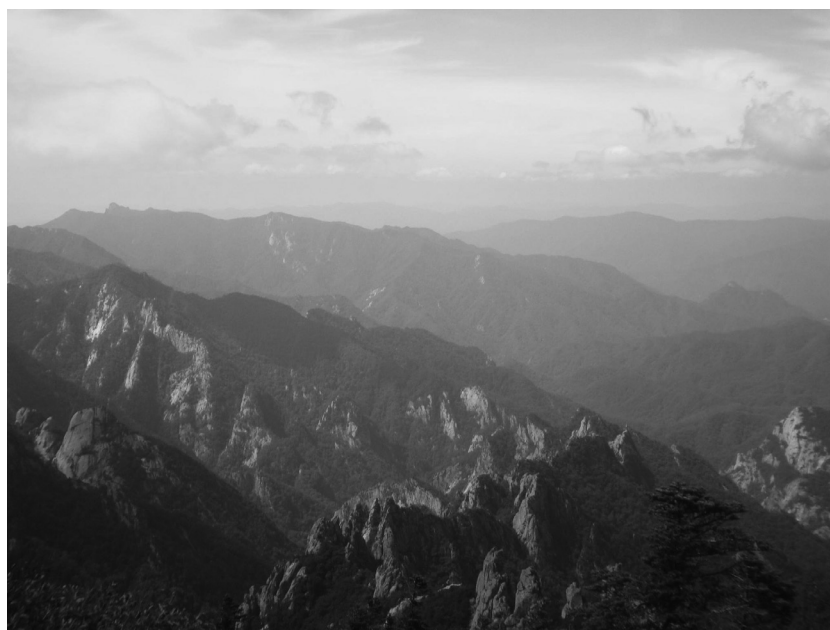


FIGURA 7.10 – CORDILHEIRA SOREAK-SAN, QUE SEPARA A PORÇÃO ORIENTAL COSTEIRA DA COREIA DO SUL DO CORREDOR CENTRAL E ÁREA DE INFILTRAÇÃO DE GUERRILHAS NORTE-COREANAS NA OFENSIVA DA PRIMAVERA

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.11 – REGIÃO DE YANGGU, UM DOS LIMITES DA OFENSIVA NORTE-AMERICANA. A PARTIR DESSE PONTO A DMZ ELEVA-SE A ACIMA DO PARALELO 38°, OU SEJA, REGIÃO ORIGINALMENTE NORTE-COREANA ANTES DA GUERRA

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.12 – TERRENO DA REGIÃO NORDESTE DA COREIA DO SUL, ONDE AS BATALHAS FICARAM LIMITADAS AOS COREANOS DO NORTE E DO SUL

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.13 – BATERIA ANTIAÉREA SOVIÉTICA DE 57MM

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.14 – LANÇADOR DE FOGUETES SOVIÉTICO M-13 KATYUSHA DE 132MM. MATERIAL USADO PELOS CHINESES A PARTIR DA OFENSIVA DA PRIMAVERA

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.15 – OBUS SOVIÉTICO M-1943 DE 152MM

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.16 – CANHÃO ANTITANQUE SOVIÉTICO DE 100MM S-100. CEDIDO AOS CHINESES, MAS POU-
CO UTILIZADO

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.17 – TANQUE MÉDIO T-59, VERSÃO CHINESA DO T-55 SOVIÉTICO

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.18 – MORTEIRO NORTE-AMERICANO DE 81 MM

FONTE: arquivo pessoal.



FIGURA 7.19 – RIFLE SEM RECUE NORTE-AMERICANO M-20 DE 75MM

FONTE: arquivo pessoal.



FIGURA 7.20 – PEÇA ANTIAÉREA M-45 QUAD .50, EMPREGADO PELA INFANTARIA NORTE-AMERICANA CONTRA INFANTARIA CHINESA.

FONTE: arquivo pessoal.



FIGURA 7.21 – CANHÃO NORTE-AMERICANO ANTITANQUE DE 90MM, TAMBÉM UTILIZADO PELA INFANTARIA CONTRA AS FORÇAS TERRESTRES CHINESAS E NORTE-COREANAS.

FONTE: arquivo pessoal.



FIGURA 7.22 – OBUS NORTE-AMERICANO M-110 DE 8 POLEGADAS

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.23 – OBUS NORTE-AMERICANO DE 155MM, PRINCIPAL PEÇA DA ARTILHARIA NORTE-AMERICANA NA GUERRA

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.24– BLINDADO DE RECONHECIMENTO NORTE-AMERICANO M-403 SHERMAN

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.25 – TANQUE MÉDIO NORTE-AMERICANO M-36

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.26 – TANQUE PESADO NORTE-AMERICANO M-46 PATTON

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.27 – AERONAVE DE OBSERVAÇÃO T-6D MOSQUITO, FUNDAMENTAL NA IDENTIFICAÇÃO DE FORMAÇÕES E ORIENTAÇÃO DE FOGOS.

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.28 – HELICÓPTERO LEVE DE OBSERVAÇÃO H-13, UTILIZADO PRINCIPALMENTE PARA OBSERVAÇÃO DO FRONT

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.29 – PRIMEIRO HELICÓPTERO MILITAR NORTE-AMERICANO H-19

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.30 – HELICÓPTERO DE TRANSPORTE DE PESSOAL E RESGATE H-5

FONTE: arquivo pessoal



FIGURA 7.32 – CAÇA NORTE-AMERICANO F-86D, ÚNICO CAPAZ DE FAZER FRENTE AO MIG-15

FONTE: arquivo pessoal

PARTE III

A ANÁLISE DOS MÉTODOS

OS PLANOS DA GUERRA SINO-AMERICANA

Neste capítulo, retomo a análise dos planos de guerra de China e Estados Unidos iniciado na Parte I, agora com o benefício da análise dos meios de combate das forças envolvidas e do teatro da Parte II, para uma resolução mais focada no ponto de vista estratégico das ofensivas e defensivas e 1951. Essa análise segue em três partes. Primeiro, há uma formulação de um plano de campanha formulado a partir da teoria de Clausewitz a luz das análises dos fins e meios. Segundo, apresentam-se os planos de Mao Tse-Tung e Peng Dehuai e aquele formulado pelo Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos e Matthew Ridgway. Terceiro, segue-se o contraste entre as formulações teóricas e os planos históricos e o apontamento de expectativas dos resultados da campanha.

A análise dos métodos é onde se opera o conjunto de pontos de vista da Teoria da Guerra para reconstrução analítica das atividades combatentes, desde suas concepções segundo planos dos comandantes, o efeito consolidado das atividades de preparação, passando pelos enfrentamentos e seus resultados imediatos, bem como as últimas consequências estratégicas e implicações diplomáticas. Ademais, busco inferir sobre outras causas ou constrangimentos às decisões das lideranças políticas e dos comandantes que não foram suficientemente esclarecidos nas análises dos fins e dos meios.

Logo de início, preciso enfrentar a confusão da classificação cronológica existentes da maior parte da literatura que simplesmente organiza suas cronologias dos enfrentamentos da Guerra Sino-americana tomando como base os títulos e datas dos planos operacionais norte-americanos e chineses. No caso norte-americano, isso é confuso, pois esses foram, em geral, instruções do comandante do Oitavo Exército aos comandantes de Corpos-de-Exército. Por essa natureza, eles seguiram a medida da oportunidade e não eram representativos da totalidade dos eventos. Alguns planos eram simplesmente extensões temporais dos anteriores, ou instruções a um Corpo-de-Exército específico e não aos demais, o que não significava a ausência de enfrentamentos ou atividade por estes últimos; e ainda existiram vários momentos em que se comandou sem planos operacionais instruídos. Por fim, planos operacionais não abarcavam o caráter ofensivo ou defensivo mesmo das forças combatentes norte-americanas com seus coligados e, de maneira nenhuma, a plenitude das atividades combatentes chinesas e norte-coreanas.

No caso chinês, geralmente se denomina toda operação chinesa como uma “ofensiva”, apontando-se cinco delas desde outubro de 1950 e a quinta última subdividida em dois “impulsos” entre abril e maio de 1951. Argumento que essa classificação não é adequada do ponto de vista analítico, pois assume que a China tinha metas estratégicas ofensivas em todas elas, ou que elas eram equivalentes em caráter e metas. Isso ignora, como se expôs no capítulo três, que os objetivos políticos chineses evoluíram e mudaram ao longo desse período e se conduziu defensivas estratégicas, com diferentes graus, em outubro-novembro de 1950 e janeiro-março de 1951. Também se ignora a

orientação política norte-americana que apontava a necessidade de ofensivas a fim de alterar o equilíbrio no teatro de operações antes da abertura de qualquer negociação.

A Guerra da Coreia desenvolveu-se por uma ofensiva norte-coreana entre junho a agosto de 1950, seguida de uma contraofensiva norte-americana de setembro a novembro de 1950. Os choques entre chineses e norte-americanos desde novembro de 1950 ocorrem motivados pelo status quo político da Península Coreana, em que os primeiros buscavam a manutenção do regime comunista norte-coreano, e os últimos sua aniquilação. Tão importante quanto, nesse período, foi que não havia entre ambas as partes reconhecimento ou uma intenção de barganha diplomática. Do lado norte-americano, não se tomava sequer conhecimento da China como oponente e, do lado chinês, não se vislumbrava (e talvez não se entendia) ainda a utilidade desse recurso político. Portanto, esses enfrentamentos não são tratados com tanto detalhe neste estudo e são sumariamente apresentados na seção a seguir.

A Guerra Sino-americana tem início em dezembro de 1950, a partir de quando se alteram os objetivos políticos e as principais razões pelas quais as próximas campanhas foram travadas. No caso da primeira campanha, até julho de 1951, ambos os lados buscaram uma posição de vantagem estratégica no teatro de operações que lhe permitissem ditar a abertura das negociações do armistício. Para tal, houve a alternância de duas ofensivas chinesas e duas ofensivas norte-americanas:

- A 1ª Ofensiva de Peng de janeiro de 1951;
- A 1ª Ofensiva de Ridgway de janeiro a março de 1951;
- A 2ª Ofensiva de Peng de abril a maio de 1951;
- A 2ª Ofensiva de Ridgway de maio a julho de 1951.

Uma campanha de uma guerra limitada distingue-se, em relação a um caso de guerra ilimitada. Isso implica duas cautelas especiais para a análise crítica de uma campanha de uma guerra limitada pela variação do caráter estratégico das forças oponentes. Primeiro, uma campanha de uma guerra limitada distingue-se pela ausência de uma polarização permanente das posições políticas e estratégicas, mas por uma busca contínua e fluída por vantagens por ambos os lados. Por isso, no escopo de uma mesma campanha – um período ou sequência definida de enfrentamentos para atendimento de uma ou mais metas estratégicas específicas – é permeada por ofensivas e defensivas estratégicas de ambos os lados. Esse padrão é previsto pela teoria de guerras limitadas de Clausewitz e conduz-se a análise crítica de acordo.

Segundo, em razão dos recursos limitados à mão, há maiores efeitos do tempo e espaço sobre as forças combatentes e maior incerteza e variação dos resultados obtidos, bem como grande interação entre decisões e resultados estratégicos e as negociações diplomáticas. Por conta disso, a reconstrução dos eventos precisa ser intercalada entre os enfrentamentos e as negociações diplomáticas, pois ambos possuem efeito causal mútuo. Por isso, é importante respeitar a cronologia dos eventos combatentes e diplomáticos entre eles. Da mesma maneira, não se podem ignorar os eventos e resultados diplomáticos na avaliação crítica das lideranças políticas e, exemplarmente no caso a Guerra Sino-americana, mesmo dos comandantes de campo desde que esses que se tornaram responsáveis pela abertura e coordenação das negociações de cessar-fogo em julho de 1951.

Portanto, a análise daquelas quatro fases da Campanha de 1951 é conduzida com a atualização das orientações políticas e encerra-se com a avaliação das implicações diplomáticas de seus resultados estratégicos. Essas avaliações são recuperadas no último capítulo do livro para avaliações e críticas finais de Mao, Peng, Truman, e Ridgway.

8.1 O PLANO DE MAO TSE-TUNG

Na verificação dessas proposições conceituais no caso da Guerra Sino-americana, a hipótese que se elaborou no capítulo quatro é que, ao início da guerra, a China tinha objetivos políticos essencialmente negativos: a manutenção do status quo da Manchúria e a recuperação do status quo político da Coreia do Norte. No contexto de uma guerra limitada, ambos os objetivos demandariam, pelo menos, de uma ofensiva inicial. Desde que a China era também uma potência estrangeira, ela deveria (re)conquistar o território da Coreia do Norte e destruir parcialmente as forças combatentes estrangeiras até que isso fosse alcançado.

Note-se que a China tinha suas metas bélicas proximamente de serem alcançadas em dezembro de 1950. A libertação da Coreia do Norte de forças estrangeiras estava praticamente completa, mas a sua conversão em um estado-tampão demandava a condução de atividades preparatórias e combatentes que garantissem sua salvaguarda futura de iniciativas dos Estados Unidos e sua coalizão. Mais importante, os objetivos políticos chineses tinham avançado mais do que o previsto. Havia a inclinação geral dentro da coalizão das Nações Unidas, não apenas pelo abandono do esforço militar para alteração do status quo político da Península Coreana, mas ainda em oferecer ganhos políticos à China adicionais para que a guerra fosse encerrada sem maiores implicações regionais e internacionais. Surpreendentemente, colocava-se na mesa de negociações ganhos políticos adicionais a China que iam muito além do que ela esperava para aquela guerra. Entretanto, levando-se em consideração a correlação de forças combatentes e, principalmente, as condições logísticas de sustentá-las, a China não deveria se empolgar e perder de foco que ela possuía uma vantagem estratégica precária e de difícil sustentação por um longo período. Algo que era notório entre todo o estamento militar chinês.

A Teoria de Guerra de Clausewitz indica a necessidade, independentemente do caráter dos objetivos políticos, de condução de uma defensiva para manutenção dos objetos próprios sob a cobiça do oponente e/ou aqueles recém-conquistados dele a partir de uma ofensiva anterior. Essa defensiva deve ser cuidadosa a fim de evitar alterações que deem vantagens estratégicas e diplomáticas ao oponente. Pode ser necessária nesse estágio a condução de enfrentamentos terrestres a fim de manter o equilíbrio estratégico inalterado, e assim a salvaguarda contra a inserção de mais forças combatentes no teatro de operações pelo oponente, seus aliados ou um novo oponente. Pelas mesmas razões, podem ser necessárias ações contra as linhas de comunicações do oponente. Apenas a consolidação dos objetos estratégicos, e dependendo da correlação de forças e das estimativas do oponente, que se deve avaliar a oportunidade de condução de uma ou mais ofensivas a fim de coagir o oponente a abandonar seus objetivos e a conceder durante as negociações ou inicia-las.

A partir das proposições teóricas e da hipótese de análise política, encaminha-se uma segunda hipótese: a China tinha que conduzir uma defensiva ao início de 1951, a fim de preservar sua con-

dição de vantagem estratégica em defesa da Coreia do Norte e de outros objetos estratégicos que os Estados Unidos pudessem explorar como instrumento de permuta.

A China precisava se preparar para conduzir uma ofensiva coercitiva a fim de pressionar os Estados Unidos a revisar seus objetivos políticos positivos para a Península Coreana. E, apenas ao passo que as negociações estivessem em andamento, ela deveria considerar a possibilidade de atender outros objetivos políticos. Esses deveriam ser considerados após a consolidação dos anteriores e na medida da oportunidade que avançasse as negociações. Portanto, as negociações de cessar-fogo eram não apenas úteis para a China, mas necessárias. Elas eram úteis para somar e canalizar mais pressão diplomática sobre os Estados Unidos e necessárias para que esses tivessem onde e como conceder.

Entre os ganhos políticos chineses adicionais em questão, as concessões do assento permanente do Conselho de Segurança e de Taiwan, apesar de apresentados na mesa de negociação, não seriam facilmente aceitas pelos Estados Unidos. Certamente, isso demandaria muitas mais perdas estratégicas pelos Estados Unidos e, muito certamente, eram objetivos políticos inviáveis dadas as condições estratégicas. Era seriamente duvidoso se a ameaça de conquista da Coreia do Sul e a destruição das forças norte-americanas eram resultados estratégicos suficientes e mesmo se as forças combatentes chinesas disponíveis eram capazes de tal feito.

A China não deveria deixar se levar pela ilusão que a possibilidade de uma revisão do status quo asiático garantisse, implícita ou automaticamente, o sucesso de seus objetivos políticos e metas bélicas originais. Isso quer dizer que ela deveria garantir as condições estratégicas necessárias para o atendimento desses fins, pois eram mais imediatos a suas necessidades política daquele momento.

Por isso, após uma defensiva, a China precisaria realizar, pelo menos, uma ofensiva limitada para consolidar seus objetivos políticos e meta bélicas básicos. Talvez apenas a destruição parcial das forças da coalizão das Nações Unidas e a ameaça de conquista de Seul fossem suficientes. Talvez fosse necessária a retenção da capital sul-coreana por algum período. Isso dependeria do andamento nas negociações nas Nações Unidas e em torno do armistício. No entanto, a correlação de forças combatentes na Coreia não permitiria muito mais que isso sem se pôr em risco a ultrapassagem dos pontos culminantes.

Originalmente, a primeira fase da intervenção chinesa tinha como missão reconhecimento e cobertura do principal contingente que se deslocava da Manchúria e posicionava-se no norte da Coreia do Norte. Portanto, conduziram-se ataques esporádicos e esparsos para provocar confusão. É importante retomar que nesse momento, ao longo do mês de outubro de 1950, havia grande tensão entre Mao Tse-Tung e o diretório do Partido Comunista Chinês em decorrência da recusa soviética de oferecer apoio aéreo. Nesse momento, as forças chinesas se posicionavam e realizavam reconhecimento de terreno e do posicionamento das forças norte-americanas, mas principalmente das sul-coreanas. Pois, nesse momento, a orientação estratégica com chancela de Mao era de cautela e de se evitar as forças norte-americanas. Desde que houve apenas escaramuças, essa não se tratou de uma ofensiva e não houve qualquer impacto no teatro de operações. As forças norte-americanas prosseguiram em sua ofensiva em direção ao rio Yalu, e as forças chinesas continuaram sua infiltração no teatro coreano.⁴⁷⁴ Portanto, sua denominação usual, como a “Primeira Ofensiva Chinesa”, tem um significado exacerbado e que enviesa erradamente o entendimento.

⁴⁷⁴ FEHRENBACH, T.R. **This Kind of War**: The Classic Korean War History – Fiftieth Anniversary Edition, Dulles: Brassey's, 2000, p. 101.

Ainda assim, esse primeiro contato foi útil para que os generais chineses ajustassem os detalhes do plano e acertos finais para a ofensiva de novembro. Eles identificaram a vulnerabilidade na disposição de suas unidades norte-americanas no terreno escarpado norte-coreano em razão de suas composições mecanizadas/motorizadas. Havia uma grande dependência das forças norte-americanas de estradas e leniência em não ocupar áreas escarpadas e colinas, favoráveis ao flanqueamento opo- nente, em suas margens. As forças norte-americanas também se mostravam acomodadas ao apoio de fogo aéreo e de artilharia divisional e avançavam com uma ordem de batalha pouca articulada para aplicação de fogos de maneira adequada pela artilharia orgânica de unidades menores, como batalhões e regimentos. Eles também avaliaram que os regimentos chineses tinham poder de fogo inadequado, pouco capaz de concentração no apoio do avanço da infantaria. Em adição a isso, a falta de motorização e serviço de suprimentos adequados tornavam os chineses limitados na execução de perseguição. Para além das considerações de ordem política, a pausa entre o primeiro encontro com as forças norte-americanas e a primeira e real ofensiva de novembro de 1950 serviu para o comando chinês tomar medidas que atendessem a essas avaliações.⁴⁷⁵

Por exemplo, um ajuste importante foi que os chineses passariam a realizar profundas infiltra- ções antes de iniciar um choque frontal contra as forças oponentes. Por um lado, isso maximizaria o uso dos flancos pouco protegidos das unidades norte-americanas e, principalmente, sul-coreanas a partir do posicionamento de batalhões e regimentos em bloqueios nas estradas usadas por elas, principalmente em suas linhas de comunicação e retaguarda, para seu isolamento ou “pinçamento” de suas unidades adjacentes e posterior destruição em detalhe. Por outro lado, essa infiltração profunda também expandiria o alcance e impacto da limitada condição de perseguição chinesa à retaguarda dos oponentes.

Por fim, outro ajuste aprimorado foi que os chineses raramente conduziriam operações à luz do dia – dificultando a ação de fogos de artilharia divisional, naval e aérea norte-americanas – ou sem tomar posições de vantagem adjacentes as do oponente para emprego de fogo de artilharia.

A ofensiva chinesa de 25 de novembro a 23 de dezembro de 1950 foi orientada por objetivos políticos negativos: salvaguardar a fronteira chinesa e criar uma zona tampão no norte da Coreia do Norte que limitaria a guerra à Península Coreana. A meta da ofensiva era empurrar as forças estrangeiras da fronteira chinesa e dar vantagem estratégica por tempo suficiente durante a estação de inverno que se iniciava para que a China consolidasse suas posições e organizasse uma segunda e grande ofensiva para fevereiro ou março de 1951. Seria essa que empurraria as forças estrangeiras de volta para a Coreia do Sul e poderia encerrar a guerra.⁴⁷⁶

Em 8 de dezembro, Peng Dehuai reforçou a necessidade de uma pausa de alguns meses até a próxima primavera e de limitar as atividades combatentes às áreas ao norte do paralelo 38°,⁴⁷⁷ basicamente para impedir a iniciativa norte-americana, enquanto as forças chinesas conduzissem preparações defensivas a fim de assegurar os ganhos auferidos até então. Assim, ele queria tomar

⁴⁷⁵ YU, Bin. What China Learned from its “Forgotten War” in Korea, In: **Mao’s Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 14–15.

⁴⁷⁶ FARRAR-HOCKLEY, Anthony. **The British Part in the Korean War: An Honourable Discharge**, London: HMSO, 1995, p. 12; FEHRENBACH. **This Kind of War**, p. 114; ZHIHUA, Shen; XIA, Yafeng, Mao Zedong’s Erroneous Decision During the Korean War: China’s Rejection of the UN Cease-fire Resolution in Early 1951, **Asian Perspective**, v. 35, n. 2, p. 187–209, 2011, p. 191.

⁴⁷⁷ ZHIHUA; XIA. **Mao Zedong’s Erroneous Decision During the Korean War**, p. 195.

todas as precauções antes de iniciar uma ofensiva a partir do paralelo 38°. ⁴⁷⁸ Peng temia que os norte-americanos estivessem produzindo uma reserva a partir da transferência de unidades adicionais do Japão, Estados Unidos e Europa às margens do rio Nakdong. Ele concluía isso porque suas unidades mecanizadas estavam recuando rápido demais – a 30 km por dia – velocidade que as forças chinesas percorreriam apenas com grande custo. Por isso, ele concluía que os Estados Unidos estavam levando as forças chinesas para uma armadilha em posições bem defendidas. Ele temia que quando as forças chinesas estivessem exaustas, os norte-americanos contra-atacariam frontalmente e ainda com um assalto anfíbio na retaguarda chinesa, de maneira similar a Operação *Chromite* contra as forças norte-coreanas em Inchon em setembro de 1950. ⁴⁷⁹

Em um primeiro momento, Mao concordou com a recomendação de Peng, reconhecendo que o posicionamento prostrado do Oitavo Exército entre os paralelos 39° e 38° era mais um erro norte-americano, pois favorecia as táticas elementares chinesas. Adicionalmente, isso era favorável à intenção chinesa de preparação e concentração de forças para a grande ofensiva após o término do inverno. ⁴⁸⁰ No entanto, os resultados últimos da ofensiva chinesa de 1950 e suas implicações diplomáticas tiveram um grande impacto nas expectativas políticas de Mao, de maneira que ele mudou radicalmente sua orientação para Peng.

Essa ofensiva durou até a segunda semana de dezembro no setor ocidental e até 24 de dezembro no setor oriental. A China manteve sua delegação diplomática nas Nações Unidas durante o período correspondente e mostrou-se solícita a conversações na medida em que essa ofensiva se desenvolvia. Ao passo que as forças chinesas avançaram e acumularam sucessos, os chineses e norte-americanos recrudesceram suas posições diplomáticas. Houve a destruição de um regimento norte-americano e duas divisões sul-coreanas e a neutralização temporária do X Corpo norte-americano que teve que ser resgatados maritidamente. As fontes chinesas apontam que esse teria sido o ápice da performance chinesa, cuja eficácia não seria mais reproduzida, seja pela adaptação as suas características táticas e logísticas pelos norte-americanos, seja pela pressão de Mao para objetivos políticos além dos meios disponíveis. ⁴⁸¹

Como consequência, no dia 13 de dezembro, enquanto os norte-americanos começavam a esmorecer à pressão pela abertura de negociações, Mao orientou Peng a planejar uma ofensiva antecipada para travessia do paralelo 38° e o embaixador soviético no Conselho de Segurança, Jacob Malik, anunciou os requisitos chineses para um cessar-fogo baseados numa revisão do status quo da Ásia e da China. Mao qualificava sua decisão apontando que a proposta pelas Nações Unidas de cessar-fogo era um sinal de fraqueza norte-americana e que os chineses deveriam explorar a situação ao máximo. Mao não queria dar a oportunidade para que os Estados Unidos tomassem a iniciativa e revidassem agora que a China havia feito a comunicação de seu pleito de contestação da ordem internacional que os Estados Unidos vinham construindo. ⁴⁸²

⁴⁷⁸ BI, Jianxiang. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, Tese (Doutorado) – Carleton University, 1996, p. 262–263; KIM, Jin Kyung. *The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry*, Tese (Doutorado) – University of Hawaii, 1996, p. 282–283.

⁴⁷⁹ DEHUAL, Peng. *My Story of the Korean War*, In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 34.

⁴⁸⁰ CHRISTENSEN, Thomas J. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace: The Lessons of Mao's Korean War Telegrams*, *International Security*, v. 17, n. 1, p. 122, 1992, p. 143–144.

⁴⁸¹ YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 16.

⁴⁸² CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 142; ZHANG, Shu Guang. *Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950–1953*, Lawrence: University Press of Kansas, 1995, p. 123–124.

Peng informou que as forças chinesas tiveram 30 mil baixas combatentes até então e mais 20 mil pelo frio e que haveria grande efeito desgastante se se conduzisse tal avanço sem o devido preparo. As forças chinesas precisavam de mais tempo para recuperação, mas também para realização de melhor reconhecimento e infiltração das áreas de retaguarda do oponente.⁴⁸³

No entanto, Mao insistiu na condução da ofensiva. Entusiasmado pelos impactos diplomáticos positivos de uma campanha originalmente conduzida para garantia de objetivos negativos, Mao especulava as possibilidades de uma ofensiva que ultrapassasse o paralelo 38° como demonstração de força e ameaçasse a captura de Seul. Tal entusiasmo era especialmente alimentado por seus aliados. Na consulta do embaixador chinês em Moscou, Wang Jiangiang, com o vice-chanceler soviético Andrei Gromyko, este último foi hábil em utilizar a expressão que dominaria a imaginação da liderança política chinesa desde então:

De uma perspectiva política, deveria o exército chinês atravessar o paralelo 38° quando está com uma vitória em marcha? Gromyko respondeu, “Desde que a situação na Coreia se tornou desfavorável para os americanos [...] é apropriado aplicar o provérbio chinês – bater enquanto o ferro está quente”.⁴⁸⁴

No dia 21, Mao deu instruções mais detalhadas do desenho da ofensiva a Peng Dehuai. A intenção era desbaratar as forças sul-coreanas ao sul do paralelo 38°, mas evitar choque com as unidades norte-americanas e britânicas. Informado de como essas últimas começavam a pressionar a favor de concessões aos chineses, ele queria criar uma situação que tornava improvável a expectativa futura de uma Coreia do Sul capaz de sua própria defesa e, assim, provocar o isolamento diplomático dos Estados Unidos no seu amparo.⁴⁸⁵

Entre os dias 24 e 29 de dezembro, às vésperas do início da ofensiva, a troca de comunicações entre Mao e Peng foi intensa e o segundo chegou a realizar uma viagem de emergência a Pequim para informar ao primeiro que avaliava como excessivos os riscos dessa ofensiva desde que as forças chinesas não tinham condições de lutar contra um inimigo fortificado ao longo do paralelo 38°, muito menos teriam condições de sustentar a captura de Seul se houvesse tal oportunidade e apon-tou ainda o efeito moral se tivessem que abandonar suas conquistas logo após terem sido tomadas. Por fim, a possibilidade de se ter que atravessar o rio Han – a fim de manter contato com as forças norte-americanas – acumularia ônus adicionais às linhas de comunicações chinesas. A distensão era tão grave que os demais comandantes das forças chinesas na Coreia questionavam o julgamento de Mao. Eles achavam que as forças chinesas tinham alcançado o seu limite, e que a continuidade da ofensiva drenaria suas forças e espírito e solicitavam, pelo menos, uma pausa mais longa.⁴⁸⁶ Por fim, eles registraram em seus diários se considerações políticas devessem realmente ditar as operações militares, e não ao contrário – como os americanos tendiam a fazer.⁴⁸⁷

A posição de Mao era irredutível e em 29 de dezembro ele reafirmou que a ofensiva deveria ser iniciada na noite de 31 de dezembro.⁴⁸⁸ A posição de Mao foi imposta por Nie Rongzhen, chefe

⁴⁸³ MILLETT, Allan R. *The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North*, Lawrence: University Press of Kansas, 2010, p. 355.

⁴⁸⁴ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 191 apud Arquivos da Presidência da Rússia, 1950, vol. I, p. 35-37.

⁴⁸⁵ CHRISTENSEN. *Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace*, p. 143.

⁴⁸⁶ YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 17-19; ZHANG, *Mao's Military Romanticism*, p. 123-129.

⁴⁸⁷ YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 17-19.

⁴⁸⁸ FARRAR-HOCKLEY. *The British Part in the Korean War*, p. 15.

de Estado-maior e principal oficial político das forças chinesas na Coreia. Ele apontava que não fazia diferença se as forças chinesas se recuperassem ao norte ou sul do paralelo 38°, o importante era dar subsídios para a pressão política sobre os Estados Unidos nas Nações Unidas naquele momento.⁴⁸⁹ O entendimento que se desenvolveu foi que as próximas vitórias proveriam concessões dos Estados Unidos sem qualquer necessidade de barganha e a China poderia ditar os termos da retirada das forças estrangeiras da Coreia e do futuro da Península.⁴⁹⁰

No entanto, isso era contraditório, pois outro desenvolvimento dessa revisão de Mao na orientação da guerra foi que, desde o dia 15 de dezembro, os chineses não teriam mais representação nas Nações Unidas, assim como desconsiderou o Comitê de Cessar-fogo – formado por Canada, Índia e Irã – como canal diplomático entre China e Estados Unidos.⁴⁹¹ Portanto, os chineses não teriam mais condições próprias de estimar o momento ideal, do ponto de vista diplomático, para abertura das negociações e barganhar junto a demais países e blocos seus ganhos estratégicos.

A decisão de Peng foi de executar uma ofensiva limitada, concentrada contra divisões sul-coreanas e fazendo uso, pela primeira vez, de unidades norte-coreanas reabilitadas. Ele empregaria 305 mil soldados contra 220 mil soldados do outro lado. Por isso, ele fez Mao concordar que essa ofensiva se manteria limitada mesmo se Ridgway entregasse Seul e recuasse para o sul do rio Han. Ele planejava conduzir uma defensiva logo em seguida. Essa seria uma fase de intensa preparação de fortificações na Coreia do Norte e reabilitação das forças chinesas até quando a maior parte do contingente chinês estivesse disponível e em superioridade de forças para uma fase de maior pressão sobre o oponente. Assim, Peng tentava direcionar o plano da próxima ofensiva para um desenho mais próximo ao plano de guerra original, formulado em outubro de 1950. Entretanto, ele e seu comando duvidavam que haveria concessão norte-americana aos termos chineses mesmo com a conquista de Seul e antecipava uma longa fase de desgaste entre os dois lados até a abertura das negociações.⁴⁹²

No contraste da minha hipótese desenvolvida teoricamente e o encaminhamento histórico, entendo que ambos são convergentes em um primeiro momento, e essa convergência permanece em relação às recomendações de Peng Dehuai a Mao. Dessa maneira, o contraste entre a minha formulação e a orientação final dada por Mao Tse-Tung permite elaborar expectativas negativas para a conduta chinesa a partir de então.

Não havia como Mao Tse-Tung ignorar a correlação de forças na Península Coreana ao fim de 1950. Apesar do sucesso da ofensiva de novembro, a coalizão das Nações Unidas possuía um efetivo terrestre em torno de 310 mil de um total de 500 mil soldados, se são incluídos os contingentes das marinhas e forças aéreas. A China possuía um total de mais de 650 mil soldados, mas com um efetivo real em campo de em torno de 273 mil e o restante – 327 mil – de reservas que não eram aplicados em atividades combatentes no teatro de operações. Além disso, a recuperação e emprego do contingente norte-coreano não eram sua prerrogativa e ele não tinha como presumir suas condições de prontidão e desempenho.

⁴⁸⁹ RONGZHEN, Nie, Beijing's Decision to Intervene. In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 45.

⁴⁹⁰ MILLETT. **The War for Korea, 1950-1951**, p. 355; ZHU, Pingchao. **The Road to an Armistice: an Examination of the Chinese and American Diplomacy during the Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953**, Tese (Doutorado) – Miami University, Oxford, Ohio, 1998, p. 41.

⁴⁹¹ MILLETT. **The War for Korea, 1950-1951**, p. 364-365.

⁴⁹² Ibid., p. 381-383; ZHANG. **Mao's Military Romanticism**, p. 123-125.

Uma defensiva era necessária para salvaguarda dos objetivos políticos recém-atendidos e das forças combatentes chinesas. Além disso, uma posição defensiva chinesa naquele momento ainda era favorável tendo em vistas às vantagens comparativas entre as distancias das linhas de comunicação desde as respectivas bases de operações das duas forças no teatro da Manchúria e do Japão. As operações ao norte do paralelo 38° favoreciam a coalizão comunista, pois permitia manter a distribuição de material perfazendo um menor número de conversões de modais e distâncias relativamente reduzidas, e menos expostas à interdição aérea norte-americana. Enquanto isso, os Estados Unidos tinham que prover a maior parcela de seus recursos em distancias muito maiores e as infraestruturas ao norte do paralelo 38° eram bastante limitadas para atendimento das demandas das forças de sua coalizão. Em especial, a geografia da Coreia do Norte impunha a divisão de forças e recursos o que constrangia, naquele momento, a sustentação de grandes enfrentamentos por muito tempo ao norte de Seul. Diferente disso, Peng Dehuai recebia orientações variadas para a meta bélica desejada. Enquanto Mao apontava a necessidade de ultrapassar o paralelo 38° e ameaçar a conquista de Seul, Stalin demandava a sua libertação.

Nesse sentido, deve-se recuperar que essa se tratava de uma guerra entre duas forças expedicionárias. Ou seja, nenhuma delas era capaz de produzir forças combatentes localmente e ambas tendiam a perder força devido a imposições estratégicas e logísticas com o passar do tempo. No entanto, entre as duas, os chineses tinham piores condições gerais para deslocamento e sustentação de suas forças. Isso era baseado no entendimento que não havia como acelerar as atividades preparatórias e o reforço de forças até fevereiro ou março de 1951, quando se estimava a produção de uma superioridade de força suficiente para condução de uma ofensiva chinesa com o mínimo de cautela. Em outras palavras, a continuação de uma ofensiva antecipada naquele momento arriscava ultrapassar o ponto culminante do ataque.

Mais que isso, devido às características táticas e logísticas discutidas no capítulo 6, as forças chinesas tinham condições limitadas de travar enfrentamentos prostrados ou defensivos àquela altura ao sul do paralelo 38°, portanto de reter objetos. De um ponto de vista estratégico, o ambiente desfavorável e os enfrentamentos futuros poderiam desgastar suas forças aquém de serem capazes de atender seus fins, o que significa a ultrapassagem do ponto culminante da vitória. De um ponto de vista político, a possibilidade de conquista de Seul era muito relevante, pois era o melhor recurso de barganha que a China teria para permutar por um acordo de paz que atendesse seus objetivos políticos básicos, e outros adicionais que ela pudesse auferir naquela situação. Desde que os Estados Unidos controlavam os mares, a China não tinha meios para conduta de campanhas em outros teatros e Stalin havia afirmado que a União Soviética também o não realizaria. Porém, se Seul fosse conquistada, a China tinha que ser capaz de retê-la até quando fosse lucrativa a sua devolução. Idealmente, isso teria que seguir de uma decisão política a partir de uma sinalização diplomática. Do contrário, a abandono de Seul por insuficiência de meios, seria um revés de impacto diplomático significativo a favor dos Estados Unidos, cujo impacto nos cálculos e forças chineses podiam a aproximar ainda mais do ponto culminante da vitória.

8.2 O PLANO DE MATTHEW RIDGWAY

Em guerras limitadas, uma ofensiva estratégica serve de igual maneira a objetivos políticos positivos e negativos. Geralmente, ela pode incrementar as condições de barganha de um lado, e

exaurir a condições do adversário de resistência nas negociações e de alterar as condições de vantagem estratégica.

O emprego de ofensivas advém, em primeiro lugar, de uma necessidade de produção de vantagem no equilíbrio de forças que afete o equilíbrio de barganhas. A expectativa teórica é que, em primeiro lugar, ofensivas sejam conduzidas principalmente pelo lado em condições de desvantagem diplomática, pois ele precisa reverter o equilíbrio de forças ou ceder aos termos políticos do oponente. Em segundo lugar, dependendo das negociações em curso, o lado em vantagem estratégica poderá desejar ampliar essas condições se elas não forem suficientes para imposição ou conclusão da negociação. Ou seja, em razão de condições de simetria das negociações, pode existir sua paralisação ou indefinição, demandando mais recursos de barganha produzidos por meio de operações no teatro de operações.

Neste último caso, deve-se considerar o risco de uma ofensiva em razão de sua gramática ser inerentemente desgastante. Em especial no caso de guerras limitadas, os recursos de forças e valor político dos objetivos são limitados e, conseqüentemente, são mais próximos os limiares entre as condições de vantagens e os pontos culminantes do ataque e da vitória. Deve-se considerar, portanto, a viabilidade da empreitada porque se ela for sem sucesso e demasiadamente custosa em meios combatentes, isso poderá acarretar em ainda mais vantagens a favor do oponente.

As metas bélicas de uma ofensiva estratégica em atendimento de objetivos políticos negativos em uma guerra limitada envolvem: (i) a reconquista de territórios próprios sob posse do oponente, enfraquecendo ou anulando seus usos por ele como recursos de barganha; (ii) a conquista de territórios de valor para o oponente e que possam ser permutados na mesa de negociações; e/ou (iii) o desgaste das forças combatentes do oponente para realização das outras metas. Esta última pode ocorrer pela expansão da guerra para regiões ou meios de combate que aumentem o desgaste relativo das capacidades físicas e morais das forças combatentes do oponente, ou seja, a imposição de uma taxa de perdas relativas que aumentem seu custo em continuar lutando.

Considerando que os objetivos políticos norte-americanos para a Guerra Sino-americana eram negativos e se resumiam a retorno do status quo antes da intervenção chinesa, a hipótese que se produz a partir da Teoria da Guerra é um plano de guerra para condução de, pelo menos, duas ofensivas e uma defensiva. Uma ofensiva para alteração dos equilíbrios estratégico e diplomático, uma defensiva para consolidação dessa vantagem e uma segunda ofensiva para forçar os chineses à mesa de negociações.

Em dezembro de 1950, eram os Estados Unidos que possuíam objetos políticos sob maior risco: a perda da capital da Coreia do Sul e, com isso, de um país-tampão para salvaguarda do Japão contra a ameaça comunista. Portanto, antes da abertura das negociações, era ainda necessário que as forças norte-americanas estabelecessem posições defensivas contra qualquer empreitada do Exército Popular Voluntário Chines. Isso corresponde à necessidade de uma fase defensiva antes da segunda ofensiva conclusiva.

Idealmente, essa última deveria se focar novamente mais no desgaste das forças chinesas do que na conquista de posições, pois realmente não existiam, no teatro coreano, objetos de valor para a China, muito menos para a União Soviética, que pudessem garantir algum tipo de permuta e barganha. E o assalto a objetivos em outras regiões apenas escalaria as relações políticas e era, portanto, proi-

bitivo. Essa última fase da guerra teria que maximizar o uso do terreno e enfrentamentos defensivos até o momento que se auferisse vantagem estratégica suficiente e a China cedesse às negociações.

Como usualmente se repete na história da guerra, o sucesso inicial da contraofensiva norte-americana na Coreia em setembro de 1950 levou à soberba de seus comandantes. A convicção que a vitória sobre a Coreia do Norte estava consumada, assim como o retorno das forças para casa até o natal. Isso somado a um acumulado de falta de treinamento e emprego de táticas elementares e elementos inerentes de uma ofensiva levou a erros logísticos, táticos e estratégicos. Como se mencionou anteriormente, não existia um comando unificado das forças combatentes terrestres até a nomeação de Ridgway. O Oitavo Exército tinha o I e IX Corpo-de-Exército sob Walton Walker e o X Corpo era separado sob Edward Almond que respondia diretamente a Douglas MacArthur. O X Corpo era a unidade que conduziu a Operação *Chromite*, o desembarque anfíbio em Inchon e ataque ao flanco ocidental das forças norte-coreanas. O desenho do plano dessa operação foi obra de MacArthur, portanto ele possuía um apreço por essa unidade que não lhe permitia conceder-lhe a um general por quem ele não tinha consideração.⁴⁹³

A principal consequência disso era que o general Walker era responsável pela manutenção do X Corpo, mas não tinha voz no desenho de sua ordem de batalha ou curso de avanço. Tal divisão na cadeia de comando expressou-se também no teatro de operações, principalmente pela imposição geográfica da cadeia de montanhas Taebak e o clima severo do inverno norte-coreano. Existiram, portanto, duas colunas de avanço sem contato e coordenação entre elas. Tal leniência também se estendeu às unidades menores que limitavam seu avanço às estradas, cada vez mais raras e precárias, sem a cautela de tomada e cobertura de colinas e flancos e realização ostensiva de patrulhas, resultando no isolamento e falta de coordenação entre regimentos e batalhões. Tal leniência foi produto da certeza que não haveria oposição na corrida em direção ao rio Yalu, na fronteira entre Coreia do Norte e China. Portanto, houve a completa falha em detectar os chineses e em anunciar seu contato quando isso ocorreu com unidades das duas colunas. Até quando foi tarde demais, não se deduziu e se comunicou quais eram as composições, efetivos e possível plano de batalha das forças chinesas.⁴⁹⁴

Esses primeiros contatos foram subestimados por MacArthur, que não realizou qualquer ajuste da retomada de ofensiva final para encerramento da conquista da Coreia do Norte. Ele estimava que as forças chinesas não passavam de um reforço de 60 a 70 mil soldados, e não um envolvimento total chinês, como de fato era, com um primeiro contingente de 260 mil soldados em vanguarda de outros 400 mil em deslocamento pela Manchúria. A fim de incentivar MacArthur no seu erro, Mao orientou Peng a liberar centenas de prisioneiros e “supostos” desertores chineses (ver MAPA 4.1).⁴⁹⁵

A divisão de comando das forças norte-americanas ajuda a explicar as reações diferenciadas das duas colunas de avanço a partir do contato com forças chinesas. Enquanto o general Walton Walker conteve o avanço de suas forças, contra as ordens de MacArthur, o X Corpo foi menos precavido e avançou de maneira deliberada. Isso explica porque esse último foi completamente envolvido por

⁴⁹³ HOYT, Edwin Palmer. **The Day the Chinese Attacked: Korea, 1950: the Story of the Failure of America's China Policy**, New York: McGraw-Hill Pub. Co., 1990, p. 78; MOSSMAN, Billy, **Edd and Flow: November 1950 – July 1951**, Washington: Center of Military History – United States Army, 1990, p. 26.

⁴⁹⁴ FEHRENBACH. **This Kind of War**, p. 191; MILLETT. **The War for Korea, 1950-1951**, p. 344.

⁴⁹⁵ CHRISTENSEN. **Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace**, p. 141-142; FEHRENBACH. **This Kind of War**, p. 196.

forças chinesas e sofreu muito mais baixas que o Oitavo Exército, que foi capaz de um recuo minimamente organizado ao passo que se dirigia ao sul e mais próximo do paralelo 38°. ⁴⁹⁶

Portanto, o momento mais difícil da guerra para os norte-americanos convergiu com a ascensão de Matthew Ridgway como comandante unificado do Oitavo Exército e do X Corpo, pois se alterava as orientações políticas e estratégicas da próxima campanha, com substancial alteração ainda de suas prerrogativas. Embora do ponto de vista tático, um cessar-fogo com as forças oponentes alinhadas ao longo do paralelo 38° fosse razoável, politicamente isso era inaceitável devido à situação de desvantagens diplomática e estratégica. Caso fossem abertas negociações naquele momento, Acheson antecipava que as condições de barganha eram as piores possíveis e que a China pediria tudo: retirada as forças dos EUA e da ONU, retirada da 7ª Frota de Taiwan, assento no Conselho de Segurança e participação na negociação de paz com o Japão. Era um consenso entre os secretários de defesa e estado que esse preço político era muito alto. Truman decidiu que não proporia nem aceitaria cessar-fogo com as forças norte-americanas em retirada e considerava a opção de retaliação ao território chinês. Ainda assim, ele e seus assessores consideraram quais seriam os termos aceitáveis para um cessar-fogo, caso o cenário nos campos de batalha não fossem revertidos:

- Zona desmilitarizada de 32 quilômetros de largura com seu limite sul no paralelo 38°;
- Organização de uma comissão de cessar-fogo com poderes de supervisão e poderes de inspeção com acesso ilimitado em toda a Coreia, para assegurar que não haveria reforço de tropas e material;
- Troca de prisioneiros numa base um por um. ⁴⁹⁷

Esses termos apenas cobriam os aspectos militares do teatro de operações, pois havia relutância em vincular aspectos políticos ao cessar-fogo também em razão da distensão e antagonismos dentro do governo norte-americano. O resultado imediato disso era a sobrecarga das atribuições do papel do Comandante do Oitavo Exército.

A indefinição e demora na decisão norte-americana levaram a uma condição política em que os cursos tomados pelo Oitavo Exército desde dezembro seguiram dependentes da quase que exclusivamente da apreciação e julgamento de Matthew Ridgway. Este é explícito em suas memórias que não tinha muita certeza do que estava fazendo de pontos de vista político e estratégico. Ele reconhecia que a tradição militar dos Estados Unidos nunca considerou a guerra limitada e que não existia formulação doutrinária pelas organizações e práticas militares para essa orientação política. Acreditava-se que alternativamente às guerras totais, a ONU traria a solução. Além disso, a bomba atômica criou um efeito psicológico de superioridade descomedida. Por fim, existia o despreparo em decorrência do constrangimento político – e mesmo o risco de penalidade nas urnas eleitorais – para um projeto de se manter forças a 12 mil quilômetros distância que não fosse para a condução de uma cruzada. ⁴⁹⁸

Por isso tudo, o primeiro e principal contato de Ridgway na Coreia foi com o embaixador norte-americano dos Estados Unidos na Coreia do Sul, John Muccio. Este viria a se tornar vital no

⁴⁹⁶ FEHRENBACH. *This Kind of War*, p. 108–111.

⁴⁹⁷ FOOT, Rosemary. *A Substitute for Victory: The Politics of Peacemaking at the Korean Armistice Talks*, Ithaca: Cornell University Press, 1990, p. 30–31.

⁴⁹⁸ RIDGWAY, Matthew B. *The Korean War*, New edition. New York: Da Capo Press, 1986, p. 11.

desenho dos planos de Ridgway e na contenção das pulsões de poder de MacArthur e do presidente Sygmann Rhee.

As primeiras deliberações de Ridgway foram, antes de qualquer coisa, para incrementar a capacidade combatente das forças norte-americanas. A Marinha dominava os mares e costas e a Força Aérea os céus, por isso ambos podiam infringir danos e sofrimento às forças terrestres oponentes. Reconhecendo que não tinha uma grande reserva estratégica e que não receberia reforços significativos, sua intenção era maximizar o uso do poder de fogo ao forçar o oponente a ataques frontais e ao desgaste a partir da exposição de seus flancos, interdição de suas linhas de comunicações e a contra-ataques.⁴⁹⁹ Ele passou a cobrar que as unidades não se limitassem a estradas e passassem a dominar vales e colinas. Deveriam ainda incrementar os perímetros defensivos toda noite e estender o alcance e o tamanho das patrulhas gradualmente durante o dia. Ele ordenou que elas deveriam reter suas posições até ordenado, mesmo se fossem isoladas e, nessas situações, esperar por reforço ou colunas de resgate.⁵⁰⁰ Por fim, ele avaliava que seus comandantes subordinados eram responsáveis pelo mau uso de armas combinadas e deveriam ser mais efetivos e inteligentes no uso do terreno para emprego de infantaria, artilharia e tanques. Principalmente porque isso que permitiria o fim de recuos desordenados, que dava oportunidade para as infiltrações chinesas. Como resultado, ele trocou os comandantes de todas as cinco divisões norte-americanas com exceção da 1ª Divisão de Fuzileiro Navais.⁵⁰¹ Isso tudo provocou uma alteração significativa no emprego tático das unidades combatentes do Oitavo Exército, que seria aperfeiçoado ao longo da campanha.

Sua meta bélica inicial era contribuir para o equilíbrio de forças preponderante que forçassem os chineses a aceitarem as negociações de cessar-fogo em condições de desvantagem de meios e iniciativa. Seu plano era desdobrado em duas partes. Primeiro, desde dezembro, sua decisão era de salvaguarda das forças norte-americanas e impor máximo atraso e baixas no avanço chinês. Ele acreditava que o paralelo 38° era indefensável e defendê-lo resultaria em pesadas perdas. Por essa altura, o equilíbrio de forças também não permitia a retenção de Seul, principalmente em decorrência das dificuldades logísticas de travessia do rio Han e ter que sustentar posições defensivas com um rio às costas, interferindo nas linhas de comunicações. Sua intenção era um recuo ordenado para acesso mais preciso da correlação de forças, imposição de desgaste às forças chinesas e criar as condições para a utilização do rio Han como perímetro defensivo. Não era o propósito de nenhum enfrentamento a retenção de terreno: nenhuma unidade deveria ser sacrificada. Ele supervisionaria as decisões de seus comandantes de corpo-de-exército, divisão e regimento e apenas ele autorizaria o reposicionamento de cada regimento até 24 quilômetros ao sul do rio Han. A retenção de uma posição seria autorizada apenas após que seu comandante de Corpo-de-Exército imediato avaliasse pessoalmente a situação e desse a ordem. Ridgway consideraria que não haveria ganhos imediatos e seria adequado pausa, reavaliação e preparação antes de uma ofensiva.⁵⁰²

Esse segundo momento seguiria a partir de avanços limitados e coordenados, seguindo linhas pré-determinadas e traçadas para disposição das unidades em terreno favorável e possivelmente

⁴⁹⁹ Ibid., p. 101; MALKASIAN, Carter. *A History of Modern Wars of Attrition*, Westport: Praeger Publishers, 2002, p. 123.

⁵⁰⁰ HAMBURGER, Kenneth Earl. *Leadership in the Crucible: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chipyeong-Ni*, Austin: Texas A&M University Press, 2003, p. 81.

⁵⁰¹ HOYT. *The Day the Chinese Attacked*, p. 177–178.

⁵⁰² MALKASIAN, Carter. Toward a Better Understanding of Attrition: The Korean and Vietnam Wars, *The Journal of Military History*, v. 68, n. 3, p. 911–942, 2004, p. 922–923.

preparado para condução de enfrentamentos defensivos. Esse padrão de conduta da guerra seria mantido até quando Ridgway decidisse, por conta própria, abrir negociações.

Devido à falta de contato diplomático norte-americano com a delegação chinesa desde 15 de dezembro, logo em janeiro, Ridgway iniciou contatos reservados com a coalizão comunista, bem como o Departamento de Estado, a fim de preparar terreno para as negociações do armistício. No entanto, por meses, ele recusaria a pressão de algumas facções de Washington pela abertura das negociações enquanto julgasse que a vantagem no teatro de operações fosse reduzida e insuficiente para produzir efeitos políticos na mesa de negociações.⁵⁰³ Ele temia que a opinião pública e o Congresso perderiam a fé nessa guerra se as negociações de cessar-fogo não tivessem sucesso ou houvesse outro revés estratégico. Nesse sentido, tanto a Junta de Chefes de Estado-maior, quanto o Conselho de Segurança Nacional, dependiam da avaliação de Ridgway quanto à viabilidade das negociações ou a necessidade de elaboração de uma nova orientação política para essa guerra.⁵⁰⁴

No contraste entre o meu plano hipotético, formulado a partir da teoria, e esse histórico, formulado por Ridgway, existem três distinções claras. Primeiro, o desarranjo causado pela campanha do ano anterior havia provocado uma situação em que a primeira meta Ridgway tinha que ser a salvaguarda das forças combatentes. Ou seja, a necessidade de uma fase defensiva antes de considerar a possibilidade de iniciar uma ofensiva que atendessem os objetivos políticos norte-americanos.

Em segundo lugar, Ridgway considerava apenas uma única ofensiva em contragolpe e desgaste das forças comunistas. Não era explícita a consideração de uma fase defensiva ao norte de Seul e o paralelo 38°. Ademais, nesse momento, o serviço de inteligência do Comando do Extremo Oriente não era informado da intenção chinesa de condução de uma grande ofensiva por volta de março de 1951.

Terceiro, Ridgway não tinha claro para si os parâmetros de uma ofensiva coercitiva. Por um lado, ele, distintamente de Peng, tinha autonomia para as decisões estratégicas e a possibilidade de desenhar seu plano com cautela a fim de evitar desgastes além dos pontos culminantes. Assim, ele podia postergar certas decisões. Por outro lado e outras razões, seu comando era igualmente frágil. Ridgway enfrentava o grande desafio de impor uma mudança de cultura organizacional nas suas forças enquanto elas lutavam e ainda lidar com a incerteza de sua liderança política em Washington e a perspectiva e comportamento antagônicos de seu comandante imediato em Tóquio.⁵⁰⁵

⁵⁰³ MALKASIAN, A *History of Modern Wars of Attrition*, p. 127; SOFFER, Jonathan M. *General Matthew B. Ridgway: From Progressivism to Reaganism, 1895-1993*, Westport: Praeger, 1998, p. 134-136.

⁵⁰⁴ HERMES, Walter. *United States Army in the Korean War: Truce Tent and Fighting Front*, Washington: US Center of Military History, 1992, p. 58.

⁵⁰⁵ JORDAN, Kelly C. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*, Tese (Doutorado) – The Ohio State University, Columbus, 1999, p. 295-296.

A OFENSIVA CHINESA DE ANO-NOVO: DE 31 DE DEZEMBRO DE 1950 A 14 DE JANEIRO DE 1951

As condições logísticas e os resultados estratégicos anteriores impunham que ambos os comandantes fossem incapazes de trazer uma porção majoritária de suas forças efetivas para essa fase da guerra. O Comandante chinês Peng Dehuai teve que abrir uma ofensiva sem os meios combatentes em termos qualitativos e quantitativos se quer planejados para tal e contaria com uma pequena margem de superioridade de **272 mil** soldados no front contra **224 mil** com os norte-americanos, além do em torno de **30 mil** guerrilheiros comunistas que operavam por toda a Coreia do Sul. Ridgway assumiu o comando do Oitavo Exército apenas quatro dias antes da abertura da ofensiva chinesa e suas forças ainda sofriam dos resultados das campanhas passadas e das decisões de comando de Walton Waller e Douglas MacArthur.

9.1 CONDIÇÕES RELATIVAS DE FORÇA

Do ponto de vista das forças chinesas, esse foi período em que as estruturas administrativas da coalizão comunista se encontraram mais desarticuladas e sujeitas à improvisação e práticas predatórias entre as unidades chinesas e norte-coreanas. Por isso, foi o período em que as atividades preparatórias foram incapazes de atender as condições combatentes necessárias para a realização das ambições ofensivas de Mao Tse-Tung.⁵⁰⁶

Essa ofensiva contava ainda com o primeiro contingente de soldados chineses deslocado para o teatro em outubro de 1950 e houve pouquíssimo reforço. É importante lembrar que esse contingente foi mobilizado e deslocado em regime de urgência e apenas adequado em números e condições para atendimento de objetivos políticos defensivos e metas bélicas limitadas como definidos até 13 de dezembro de 1950. A ofensiva de novembro de 1950 era planejada para ser curta, a partir de quando as forças seriam convertidas por um período relativamente longo em posicionamentos defensivos na porção norte da Coreia do Norte.

Os XIII e IX Grupos-de-Exércitos foram posicionados no teatro coreano em correspondência à ordem de batalha oponente e a disposição dos principais objetos de valor da Coreia do Norte, concentrados na porção ocidental da Península, conferindo nenhuma atenção aos detalhes de condicionamento dos soldados ao terreno e clima. O mais poderoso XIII Grupo, originário e preparado para atuações na região mais fria da Manchúria, foi posicionado nesse setor mais quente da Coreia. Enquanto isso, o IX Grupo, originalmente do sul da China e sem equipamento e condicionamento para atuar no frio, foi empregado na região com temperaturas mais baixas da Coreia:

⁵⁰⁶ SHRADER, Charles R. *Communist Logistics in the Korean War*, Westport: Greenwood Press, 1995, p. 3, 223.

Chosin Reservoir. O principal resultado disso foi que seus soldados, apesar do sucesso em expulsar o X Corpo norte-americano do teatro de operações, foram devastados pelo inverno de 1950 e as baixas não combatentes foram pesadas de tal maneira que o IX Grupo não estaria novamente apto ao combate até março de 1951.⁵⁰⁷

Este também era o prazo para o deslocamento e preparo da maior parte do novo contingente chinês para concentração da superioridade de força suficiente para uma ofensiva coercitiva final contra os Estados Unidos. Ele estava disponível na Manchúria desde fevereiro, entretanto as limitações dos sistemas de transporte e administrativos da coalizão comunista, somadas a um novo emprego do XIII Grupo em uma ofensiva antecipada de Ano-Novo, atrasaram o seu aprestamento e ele estaria pronto para emprego apenas em abril de 1951.⁵⁰⁸

Ao fim de dezembro de 1950, o número das forças combatentes para a 1ª Ofensiva de 1951 conferia uma vantagem numérica bastante limitada: **272 mil soldados contra 224 mil do lado norte-americano**. Peng Dehuai contaria com apenas **187 mil soldados chineses**, uma fração apenas superior àquela disponível em outubro de 1950.

Essa deficiência na composição das forças combatentes seria parcialmente suprida pela reincorporação de três Corpos-de-Exército da Coreia do Norte recuperados e com um efetivo total de **85 mil soldados**. O condicionamento dessas unidades norte-coreanas ainda era baixo, e várias delas estavam defasadas entre 30 e 50% de seu efetivo original. Ainda assim, elas eram uma ameaça, pois foram introduzidas no setor em que as forças norte-americanas também estavam mais debilitadas.

⁵⁰⁷ ROE, Patrick C. **The Dragon Strikes: China and the Korean war, June-December 1950**, Novato: Presidio, 2000, p. 415–16, 421.

⁵⁰⁸ XUEZHI, Hong. The CPVF's Combat and Logistics, *In*: Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 131.

Exércitos/Corpo de Exército	Divisões	Regimentos
Ordem de Batalha Chinesa		
38º	112ª	334º, 335º, 336º
	113ª	337º, 338º, 339º
	114ª	340º, 341º, 342º
39º	115ª	343º, 344º, 345º
	116ª	346º, 347º, 348º,
	117ª	349º, 350º, 351º
40º	118ª	352º, 353º, 354º
	119ª	355º, 356º, 357º
	120ª	358º, 359º, 360º
42º	124ª	370º, 371º, 372º
	125ª	373º, 374º, 375º
	126ª	376º, 377º, 378º
50º	148ª	442º, 443º, 444º
	149ª	445º, 446º, 447º
	150ª	448º, 449º, 450º
	167ª	499º, 500º, 501º
66º	196ª	586º, 587º, 588º
	197ª	589º, 590º, 591º
	198ª	592º, 593º, 594º
Unidades auxiliares		Cavalaria e intendência
6 exércitos	19 divisões	57 regimentos
Ordem de Batalha Norte Coreana		
II	2ª	1
	9ª	1
	10ª	1
	31ª	2
III	1ª	2
	3ª	2
	5ª	2
V	4ª	2
	6ª	2
	7ª	1
	12ª	1
	27ª	1
	38ª	2
	43ª	1
	3ª Brigada	1
3 Corpos de Exército	14	22 regimentos
Total		
9 Exércitos/Corpos	33 Divisões	79 regimentos

TABELA 9.1 – ORDEM DE BATALHA EFETIVA DAS FORÇAS CHINESAS E NORTE COREANAS, DEZEMBRO DE 1950

FONTE: Appleman (1990), p. 45, 99; Rottman (2002), p. 133

Em contraponto aos ganhos estratégico e tático, os novos três Corpos-de-Exército norte-coreanos operavam segundo a uma cadeia de comando e serviço administrativo próprios, agravando as deficiências logísticas da coalizão comunista, como foi discutido no capítulo 6, principalmente no serviço de distribuição de material. O aspecto predatório no consumo de material bélico teria sua principal consequência na possibilidade de aplicação continuada e concentrada de fogos de artilharia. Especialmente porque o avanço das forças comunistas ao sul do paralelo 38º estendia as linhas de comunicação e a terceira zona administrativa para regiões menos escarpadas e mais expostas à interdição aérea norte-americana. Ainda assim, as forças combatentes comunistas se beneficiaram de uma baixa eficácia dessas interdições nesse período. Durante a estação de inverno, as condições de voo e visibilidade eram limitadas e, adicionalmente, a orientação de apoio de fogo pelas unidades terrestres do Oitavo Exército norte-americano ainda era deficiente.⁵⁰⁹

Por isso tudo, a insistência de Mao por essa ofensiva foi controversa entre os generais do Exército Popular Voluntário Chinês. Não havia muito que o comandante Peng Dehuai pudesse fazer para sanar as deficiências logísticas naquele momento e era pessimista quanto às consequências de conduzir uma ofensiva por muito tempo naquelas condições logísticas e estratégicas. Além da organização de uma ordem de batalha adequada, Peng deu especial atenção aos esforços para a edificação de casamatas e depósitos de munição em duas linhas defensivas. A primeira em torno do Triângulo de Ferro e a segunda ao norte dessa região, na linha entre Pyongyang e Wonsan. Ele planejava, logo após o término dessa ofensiva, empregar de maneira intensiva uma parcela significativa de sua reserva e novos contingentes disponíveis na construção de posições fortificadas, e apenas retomar a ofensiva novamente em abril de 1951, quando essas duas linhas defensivas estivessem suficientemente prontas. Portanto, sua principal preocupação era se preparar para um contragolpe dos Estados Unidos, e ele já reconhecia que a condução da Ofensiva de Ano-Novo desperdiçaria recursos e postergaria o plano de guerra original.

Ao fim de dezembro de 1950, o efetivo nominal máximo das forças norte-americanas era de **444.336**, incluindo pilotos e marinheiros. Os resultados negativos da ofensiva chinesa de 1950 foram grandes, além do impacto do clima rigoroso. Diversas unidades norte-americanas e coligadas – principalmente as brigadas britânicas e turcas, e vários regimentos sul-coreanos – estavam no vértice de perda de sua coesão. Havia ainda uma defasagem de 30 mil soldados de infantaria e a maior parte das divisões do X Corpo seria reincorporada apenas a partir de meados do mês de janeiro de 1951. Consequentemente, estima-se que Matthew Ridgway contaria com **224 mil** soldados efetivos para conter a ofensiva chinesa.⁵¹⁰

⁵⁰⁹ SHRADER. *Communist Logistics in the Korean War*, p. 173, 223.

⁵¹⁰ JORDAN, Kelly C. *Three Armies in Korea: The combat effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952*, Tese (Doutorado) – The Ohio State University, 1999, p. 329.

Corpos-de Exército	Divisões	Regimentos
I Corpo-de-Exército EUA	25ª Div EUA 1ª Div Coreia do Sul	14º, 24º, 27º, 35º
		11º, 12º, 13º
		29ª Brigada Britânica
		1ª Brigada Turca
IX Corpo-de-Exército EUA	24ª Div EUA	19º, 21º, 34º, 27ª Brigada Britânica
	6ª Div Coreia do Sul	2º, 7º, 19º
I Corpo-de-Exército da Coreia do Sul	Divisão Mecanizada Capital	1º, 26º, Cavalaria
II Corpo-de-Exército da Coreia do Sul	2ª Div EUA	9º
	3ª Div Coreia do Sul	18º, 22º, 23º
	9ª Div Coreia do Sul	28º, 29º, 30º
	2ª Div Coreia do Sul	17º, 31º, 32º
III Corpo-de-Exército da Coreia do Sul	8ª Div Coreia do Sul	10º, 16º, 21º
	7ª Div Coreia do Sul	3º, 5º, 8º
	5ª Div Coreia do Sul	27º, 35º, 36º
Reserva do Oitavo Exército	1ª Div Cav EUA	5º, 7º, 8º (+ batalhões grego e filipino)
		187º Regimento Aeroterrestre (reforçado)
5 Corpos de Exército	14 divisões	38 regimentos

TABELA 9.2 – ORDEM DE BATALHA NORTE AMERICANA, DEZEMBRO DE 1950

FONTE: Boose (2005), p. 63-89

Ridgway chegou à Coreia em 27 de dezembro de 1950, apenas quatro dias antes da ofensiva chinesa. Não havia muito que ele pudesse fazer na revisão de um plano de campanha, apenas ajustes. Sua prioridade foi se informar da composição e posicionamento de suas próprias forças, bem como das condições relativas. Seu primeiro contato com essa realidade foi mediante conversa com o embaixador Muccio, que lhe informou do risco do corredor central através de Hongchon, Chechon e Wonju. Ridgway passou os próximos dias avaliando o teatro pessoalmente. Sua força combatente era estrangida por três gargalos logísticos.

Primeiro, sua proporção efetiva de unidades de infantaria era bastante inferior ao seu oponente. Ainda que Ridgway contasse com um contingente nominalmente maior, ele possuía uma parcela de regimentos de infantaria bastante inferior aos disponíveis a Peng: em torno de 38 regimentos do Oitavo Exército contra 79 regimentos chineses e norte-coreanos. Ao se descontar marinheiros e pilotos, uma parcela significativa de sua força terrestre era de unidades especializadas: artilheiros, engenheiros, comunicação e intendência, de limitada eficácia se empregados no combate cerrado e controle de terreno. Isso foi ainda mais agravado até fevereiro de 1951, pela ausência da maior parte do X Corpo norte-americano.

Além disso, várias das unidades da coalizão das Nações Unidas encontravam-se em baixas condições de desempenho e coesão em decorrência da ofensiva chinesa anterior e o complexo e longo processo de reposição de soldados desde os Estados Unidos. E muitos desses não foram relocalizados a suas unidades devido à continuidade das operações chinesas em janeiro. Por isso, várias das divisões norte-americanas foram posicionadas no front com efetivo abaixo do autorizado. A

instrução de novembro de 1950 autorizava que as divisões do Oitavo Exército tivessem em torno de 18.900 soldados. Apesar disso, a 25ª Divisão encontrava-se com 15.673 (sendo 1.646 soldados transferidos de unidades de intendência), a 1ª Divisão de Cavalaria com 14.578 e a 2ª Divisão de Infantaria com em torno de 10.000 soldados.⁵¹¹

Segundo, as forças norte-americanas não tinham investido em posições defensivas fortificadas ao norte do perímetro de Taegu, remanescentes do último estágio da ofensiva norte-coreana em agosto-setembro de 1950. Consequentemente, havia a falta de depósitos com material bélico, principalmente munição, e preparações adicionais para otimizar o emprego de fogos de artilharia e tanques, principalmente ao norte de Seul e ao longo do paralelo 38°.

Terceiro, havia uma real limitação nesse período de munição, seja disponível no Japão, seja distribuída no teatro de operações. A dependência desse item de estoques dos Estados Unidos, a moderada taxa de emprego de artilharia contra as forças norte-coreanas e a expectativa de vitória e encerramento da guerra no natal de 1950 resultaram em leniência na manutenção dos estoques, que se encontravam abaixo dos níveis autorizados no teatro-de-operação como um todo e várias unidades estavam com estoques abaixo do nível de segurança.⁵¹²

Os dois últimos gargalos combinados impactaram em má condição no emprego do poder de fogo de artilharia, pois os sistemas de transporte terrestre da Coreia do Sul, como descrito no capítulo 7, ainda estavam em estágio de recuperação. Por isso, não existia infraestrutura para restaurar esses estoques de munição e concentrar unidades de apoio ao combate no front a tempo para reverter esses constrangimentos.

9.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES

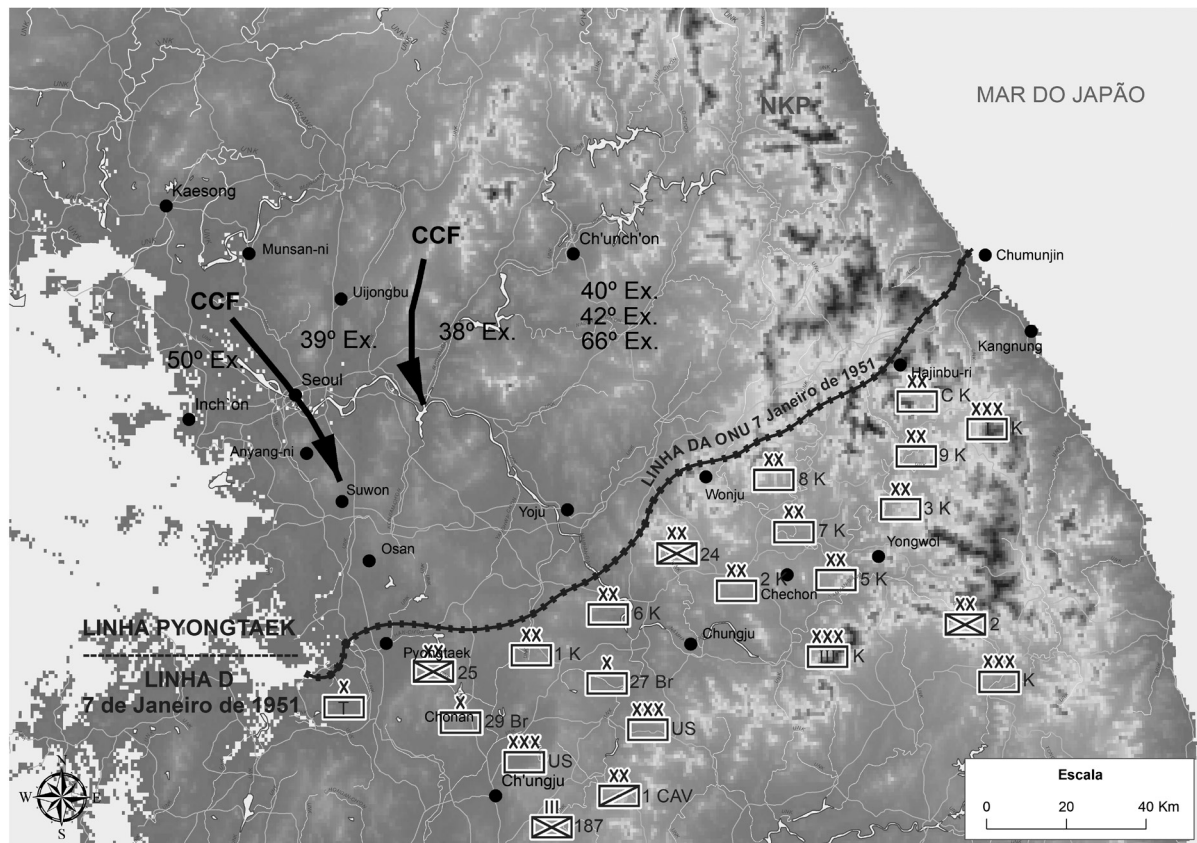
Peng Dehuai tinha como principal contingente a seu dispor 19 divisões de infantaria, sob o XIII Grupo-de-Exércitos, para operar no setor oeste do teatro, e as forças norte-coreanas sob um comando separado para operarem no setor leste, tendo o Triângulo de Ferro – a região administrativa em torno da cidade Cheorwon (hoje, dentro da zona desmilitarizada) – como divisa das áreas de operações. Além de uma margem de superioridade numérica, a incorporação dos norte-coreanos e a remoção do X Corpo do teatro de operações davam uma vantagem estratégica qualitativa a Peng: ele contava com o dobro do número efetivo de regimentos de infantaria que tinha Ridgway, o que lhe permitiria concentrar força sobre os pontos escolhidos para ruptura. Peng fez um plano expediente, mas que fazia uma boa leitura da ordem de batalha do oponente e suas vulnerabilidades. A intenção de seu plano era a concentração de duas colunas de ataque contra divisões sul-coreanas:

- O I Corpo norte-coreano faria uma diversão em Munsan-ri e protegeria o flanco direito das forças chinesas;
- O esforço principal chinês seria com seu contingente mais veterano: os 38º, 39º e 40º e 50º Exércitos, apoiados pelos 1º e 29º Regimentos de artilharia, contra as 1ª e 6ª Divisões da Coreia do Sul. Se o ataque fosse bem-sucedido, essa coluna deveria avançar a Uijongbu e Seul;

⁵¹¹ APPLEMAN, Roy Edgar. **Ridgeway Duels for Korea**, Austin: Texas A&M University Press, 1990, p. 40.

⁵¹² GIANGRECO, Dennis M. **Artillery in Korea: Massing fires and Reinventing the Wheel**, Leavenworth: US Command and General Staff College, 2003, p. 10.

- Os 42º e 66º Exércitos chineses atravessariam o rio Pukhan em Hwacheon e fariam ataques na divisória entre os I e IX Corpos norte-americanos. O 66º Exército atacaria as 2ª e 5ª Divisões da Coreia do Sul, e o 42º Exército faria ataques limitados contra a 24ª Divisão dos Estados Unidos, com o objetivo de fixá-las e impedir seu socorro às divisões sul-coreanas nos seus dois flancos;
- Os II e V Corpos da Coreia do Norte explorariam a brecha criada pelas forças chinesas na linha sul-coreana e buscariam a retaguarda do X Corpo norte-americano;
- A 10ª Divisão do V Corpo da Coreia do Norte teria a missão de infiltrar ao sul das linhas inimigas, através das Montanhas Saeroksan, e se juntar às demais guerrilhas comunistas na região e fortalecer a ação contra as linhas de comunicações do X Corpo norte-americano entre Wonju e Andong;
- O 40º Exército tinha a função de reserva.⁵¹³



MAPA 9.1 – A OFENSIVA CHINESA DE ANO-NOVO

FONTE: o autor

Em 29 de dezembro, o serviço de inteligência de Ridgway o informou que o objetivo primário chinês era Seul e depois Wonju. Sua decisão foi organizar uma defesa com profundidade de três linhas. Ele manteve na linha frontal apenas os regimentos ocidentais em condições plenas mais a totalidade das forças sul-coreanas, quais fossem suas condições. Isso implicou

⁵¹³ ZHANG, Yuan Lin. *Mao Zedong und Carl von Clausewitz: Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich*, Tese de doutorado, Universidade de Mannheim, Mannheim, 1995, p. 127.

na manutenção de apenas duas divisões norte-americanas completas no front – a 25ª e a 24ª – intercaladas por duas divisões sul-coreanas na porção ocidental do front, e apenas divisões sul-coreanas ocupando a área de responsabilidade do corredor central e oriental. Notadamente, Ridgway esperava que o peso principal do ataque chinês fosse no setor ocidental, pois foi onde ele posicionou como segunda linha defensiva de duas brigadas britânicas. A Brigada Turca foi posicionada na Península de Kimpo, numa região de difícil acesso pelas forças chinesas, portanto ela tinha uma missão de guarnição com baixa chance de emprego efetivo. Por fim, ele tinha apenas a 1ª Divisão de Cavalaria e o 187º Regimento como reserva estratégica em uma terceira linha, respectivamente, para os setores ocidental e central do front. A primeira unidade era uma divisão mais pesada que as demais, pois tinha um batalhão de tanques para cada regimento de infantaria com 109 tanques leves, pesados e carros blindados, e não apenas uma companhia de 24 tanques leves como era o padrão das divisões de infantaria dos Estados Unidos. A segunda unidade era uma unidade de infantaria de elite reforçada de unidades de artilharia, defesa antiaérea, suporte e engenharia da 11ª Divisão Aeroterrestre. Assim, tinha a autonomia tática de uma divisão apesar de um efetivo menor.

Essa ordem de batalha tinha duas grandes vulnerabilidades. Primeiro, no setor ocidental, identificava-se a temeridade que o centro desse front, na divisória entre os I e IX Corpos, fosse defendido por duas divisões sul-coreanas: a 1ª e a 6ª. O problema era que nesse setor que se estendia o tradicional eixo de invasão da Coreia ao longo da rodovia e ferrovia entre Seul, Yongpyong e Yonchon, através da cidade de Uijongbu. Era quase certo que esse seria um dos eixos da ofensiva chinesa. Mas ele julgou que não haveria tempo para substituir ou reforçar essas divisões sul-coreanas sem desorganizar toda a ordem de batalha daquele setor naquele momento.

Segundo, Ridgway tinha um grande dilema na disposição de sua ordem de batalha no setor central. A concentração de divisões sul-coreanas buscava compensar suas faltas de proficiência tática e poder de fogo para obstrução das poucas vias de passagem de uma região de terreno mais montanhoso. Uma divisão de infantaria sul-coreana tinha em torno de 20 mil soldados e a Divisão Capital em torno de 25 mil. No caso específico do plano da defensiva de janeiro, esperava-se compensar a falta de uma única divisão norte-americana em condições plenas ao concentrar sete divisões sul-coreanas, ou seja, em torno de 150 mil sul-coreanos em termos nominais. No entanto, várias dessas divisões, principalmente as do II Corpo, lutaram contra o avanço chinês do ano anterior e encontravam-se com efetivos deficientes entre 30 e 50%.

Isso era irremediável porque, por um lado, o X Corpo estava sendo reinserido no teatro de operações. A 2ª Divisão sofreu as piores baixas entre as forças norte-americanas até então. Por sua vez, a 7ª Divisão e a 1ª Divisão de Fuzileiros precisariam de mais algumas semanas para reabilitação e deslocamento completos do Japão após a retirada de Choisin Reservoir. Por outro lado, tendo em vista a importância estratégica de Seul, não era possível a realocação de unidades do I e IX Corpos para o corredor central. Em compensação, Ridgway decidiu que a segunda linha defensiva desse setor seria com a 2ª Divisão, mesmo debilitada, atrás da linha de cinco divisões sul-coreanas, com seus regimentos posicionados como recomendado pelo embaixador Muccio. O 23º Regimento defendia Wonju e os demais dois regimentos bloqueariam o espaço entre essa cidade e Hoengchon e apenas um batalhão do 38º Regimento foi posicionado em Chechon.⁵¹⁴

⁵¹⁴ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 40–41; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 382–383.

Ridgway era consciente da vulnerabilidade de ter como principal reforço uma divisão com quase metade do seu efetivo indisponível. Por isso, o X Corpo teria um posto de comando avançado e assumiria o comando da 2ª Divisão. O 23º Regimento foi reforçado com o 38º Batalhão de Artilharia-de-Campo e o Batalhão Frances e seria a unidade com mais elevada prioridade na provisão de suprimentos, enquanto o 38º Regimento foi reforçado com a 1ª Companhia de Rangers e o Batalhão Holandês e, pelo menos, um regimento da 7ª Divisão deveria salvaguardar as rodovias 20 e 29 que abasteciam o X Corpo.

Por fim, Ridgway achava bastante provável que sua reserva estratégica seria engajada nos enfrentamentos, portanto ele desejava que a 3ª Divisão de Infantaria e a 1ª Divisão de Fuzileiros acelerassem seus retornos ao teatro para assumirem uma nova reserva entre fim de janeiro e começo de fevereiro. A 3ª Divisão deveria iniciar seu deslocamento para Ansong-Pyongtaek, justamente na retaguarda da divisória das áreas de responsabilidade entre os I e IX Corpos, e os fuzileiros seriam reintegrados na retaguarda do X Corpo.⁵¹⁵

No dia 30 de dezembro, Ridgway tinha a confirmação dos serviços de inteligência que a ofensiva chinesa começaria na noite seguinte. Com isso, ele confirmou suas intenções de comando. Os I e IX Corpos deveriam defender a linha entre o paralelo 38º e o rio Imjin pelo máximo de tempo possível e recuar antes de terem suas unidades rompidas ou flanqueadas. Enquanto isso, os III e II Corpos sul-coreanos teriam que defender o corredor central, junto ao X Corpo norte-americano. Por fim, preparativos para a travessia do rio Han e abandono de Seul tornavam frenética toda a atividade na retaguarda do Oitavo Exército ao se disponibilizar três pontes flutuantes e a concentração de serviços motorizados.⁵¹⁶

As batalhas que se desdobraram da ofensiva correspondem aos dois eixos de ataques das forças chinesas, sendo que o desarranjo das divisões sul-coreanas ao ataque na porção central do teatro levou a uma segunda batalha nas proximidades da cidade de Hoengseong.

9.2.1 A 1ª Batalha do Rio Imjin – 31 de dezembro de 1950 a 8 de janeiro de 1951

Os números e ordens de batalha chinesas e norte americanas no setor ocidental eram:

⁵¹⁵ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 26–27, 33–35; MOSSMAN, Billy. *Edd and Flow: November 1950 – July 1951*, Washington: Center of Military History – United States Army, 1990, p. 185–187.

⁵¹⁶ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 31–32.

Corpo de Exército/Exército	Divisões	Efetivo estimado
I Corpo norte-coreano	2 ^a	2.800
	9 ^a	3.300
	10 ^a	3.500
	31 ^a	4.600
	Subtotal	14.200
38º Exército chinês	112 ^a	7.728
	113 ^a	7.560
	114 ^a	8.299
	Subtotal	23.587
39º Exército chinês	115 ^a	7.970
	116 ^a	7.970
	117 ^a	7.976
	Subtotal	23.916
40º Exército chinês	118 ^a	7.961
	119 ^a	7.970
	120 ^a	7.921
	Subtotal	23.852
42º Exército chinês	124 ^a	3.479
	125 ^a	7.560
	126 ^a	7.218
	Subtotal	18.257
50º Exército Chinês	148 ^a	8.129
	149 ^a	8.135
	150 ^a	8.136
	167 ^a	8.100
	Subtotal	32.500
66º Exército Chinês	196 ^a	8.124
	197 ^a	8.127
	198 ^a	8.126
	Subtotal	24.377
7 Exércitos/Corpos	23 divisões	160.682
Unidades de apoio	Grupo de Exército	2.928
	Exércitos	(6x) 5.000
	Subtotal	27.928
Total		187.981
Corpos-de-Exército	Composição	Efetivo estimado
I Corpo-de-Exército	Brigada Turca	5.500
	25ª Divisão EUA	15.675
	1ª Divisão Sul-Coreana	20.000
	29ª Brigada Britânica	7.432
	Subtotal	48.607

IX Corpo-de-Exército	6ª Divisão Sul-Coreana	20.000
	27ª Brigada Britânica	4.837
	24ª Divisão EUA	~15.000
	Subtotal	39.415
Reservas do Oitavo Corpo	1ª Divisão de Cavalaria	14.578
Total		103.022

TABELA 9.3 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA 1ª BATALHA DO RIO IMJIN (DEZ-JAN 1951)

FONTE: Appleman (1990), p. 40, 43, 149; Jordan (1999); Rottman (2002)⁵¹⁷

Importante notar que, no caso chinês, os Exércitos mais fortes – 50º e 66º – eram posicionados nos flancos direito e esquerdo da linha chinesa e teriam um papel mais destacado nos dias posteriores ao ataque frontal dos demais exércitos. No caso do 66º Exército, ele começaria seu ataque no corredor central contra as divisões sul-coreanas e, apenas numa segunda fase, ele atacaria a 24ª Divisão dos Estados Unidos.

Do lado norte-americano, o setor ocidental do front é onde havia a maior concentração de infantaria e poder de fogo, com unidades de artilharia, bateria antiaérea e tanques. Como se apontou anteriormente, esse era o período de grande flutuação das forças norte-americanas, pois houve grande número de feridos e baixas decorrentes do frio e a inclusão de reposições individuais dos Estados Unidos e de soldados sul-coreanos nas unidades norte-americanas, além da inclusão de novas unidades de países coligados. Estima-se uma composição de **103.022** soldados no front ocidental ao longo do rio Imjin e para proteção de Seul contra **187.981** chineses e norte-coreanos.

O ataque chinês teve início, na verdade, na noite do dia 30 de dezembro, quando vanguardas da 116ª Divisão foram capazes de ultrapassar com facilidade as linhas de arame farpado e campos minados e se infiltraram entre os regimentos da 1ª Divisão sul-coreana. No dia 31, ao fim da tarde, as demais unidades da 116ª Divisão chinesa forçaram o recuo dos postos avançados sul-coreanos. Isso permitiu uma barragem de artilharia de trinta minutos que cobriu a travessia do rio Imjin pelos 38º e 39º Exércitos chineses. Essa ação coordenada ocorreu quando já era noite e com grande eficácia, o que permitiu um ataque frontal contra a 1ª Divisão sul-coreana. Em poucas horas essa divisão cedeu terreno e recuou para sudoeste de sua posição abrindo uma brecha para exploração chinesa. Por volta da meia-noite do dia 1º de janeiro, os Exércitos chineses direcionaram ataques com duas divisões – 116ª e 118ª – contra a 6ª Divisão sul-coreana e pequenos ataques intermitentes contra a 24ª Divisão dos EUA. Não houve qualquer ação contra o extremo ocidental da linha do Oitavo Exército.

Antes do fim da madrugada, a 1ª Divisão sul-coreana tinha dois de seus regimentos em desordenadas retiradas, enquanto a 6ª Divisão foi capaz de manter suas linhas com poucos recuos até o amanhecer. No entanto, o seu flanco esquerdo exposto pelo recuo da 1ª Divisão deu a oportunidade para que a 116ª Divisão chinesa a forçasse a ceder terreno, abrindo ainda mais a brecha para a exploração chinesa.

⁵¹⁷ A 27ª Brigada Britânica era uma unidade com apenas 1.500 soldados, à qual foram incorporados o Batalhão Australiano (1.243), o Batalhão Canadense (1.050) e o Regimento de Artilharia da Nova Zelândia (1.044) totalizando em torno de 4.837 soldados.

Ao longo do dia 1º de janeiro, os comandantes das divisões sul-coreanas passaram a disputar posições defensivas ao longo das rodovias ao sul com as infiltrações chinesas. Seja para possibilitar a retirada de soldados ainda no front, seja para possibilitar a contenção da brecha. O general Paik da 1ª Divisão organizou seus três regimentos ao longo da Rodovia 5Y e o general Chang Do Yong da 6ª Divisão trouxe o 2ª Regimento da reserva para manter a Rodovia 33 sob seu controle. O general Coutler, comandante do I Corpo dos EUA, enviou a 27ª Brigada Britânica da segunda linha defensiva para posição de bloqueio em Tokchon. O general Milburn, comandante do IX Corpo, planejava também avançar a 29ª Brigada Britânica.

Dada a oportunidade, as forças chinesas não cessaram suas operações à luz do dia. As boas condições de operações aéreas permitiram o emprego de ataques aéreos pela Força Aérea dos Estados Unidos. Mesmo com baixas, as forças chinesas foram capazes de avançar mais de 10 km ao sul e se aproximar de Uijongbu, onde há a principal estrada norte em direção a Seul.

Na tarde do dia 1º de janeiro, Ridgway cancelou os avanços das brigadas britânicas. Ao contrário disso, ele ordenou a retirada dos I e IX Corpos dos EUA para a cabeça-de-ponte ao norte de Seul. Mais detalhadamente, as 25ª e 24ª Divisões dos EUA deveriam manter suas posições, enquanto as duas brigadas britânicas cobririam a retirada das duas destruídas divisões sul coreanas. Iniciava-se a retirada da Brigada Turca da Península de Kimpo e das unidades da 25ª Divisão em Inchon. A 1ª Divisão de Cavalaria e o 187º Regimento foram mantidos em suas posições.

No dia dois de janeiro, as forças chinesas se reorganizaram e suspenderam seus avanços durante o dia, que foram retomados apenas no dia seguinte. Às três horas da tarde de três de janeiro, Ridgway ordenou o abandono de Seul. No entanto, sua orientação era que isso fosse conduzido em fases para impor maior desgaste possível contra as forças chinesas. A pausa na ação chinesa permitiu ainda que a maior parte das divisões sul-coreanas retirassem para o sul do rio Han, o recuo dos I e IX Corpos para a Linha Defensiva C, que estabelecia posições a 12 quilômetros ao norte da cabeça-de-ponte em Seul, e o reforço das unidades mais avançadas e em contato com os chineses. A 24ª Divisão norte-americana foi reforçada com o 7º Regimento da 1ª Divisão de Cavalaria e a 29ª Brigada Britânica com o Batalhão Tailandês. Ridgway ordenou também o reposicionamento das baterias de dois batalhões de artilharia de campo do X para os I e IX Corpos.

Com o início da retirada de toda a linha oponente, Peng ordenou que se pressionasse o ataque contra as unidades norte-americanas. O 50º Exército chinês rumou a sudeste em direção a Kaesong, sem oposição. Mais ao centro, o 39º Exército se chocou contra a 25ª Divisão norte-americana e a 29ª Brigada Britânica que tentavam estancar a ruptura da 1ª Divisão sul-coreana. Uma terceira coluna chinesa rompeu a 2ª Divisão sul-coreana na divisa entre IX e X Corpos em direção ao flanco direito da 24ª Divisão dos EUA. Nesse setor, Peng ordenou que o 66º Exército se concentrasse contra o flanco dessa unidade, enquanto ele moveu o 42º Exército de uma posição de reserva para um ataque frontal.

O general Coulter, ao assumir a posição de comando do IX Corpo, com a morte do seu antecessor em um acidente de helicóptero, acionou os demais regimentos da 1ª Divisão de Cavalaria para ocupar uma posição de reserva ao longo da linha defensiva da cabeça-de-ponte e, às 10h00 do dia quatro de janeiro, ele ordenou a retirada de Seul. Tal retirada foi difícil devido à pressão chinesa, mas a possibilidade de melhor coordenação de fogos de artilharia e o apoio do fogo aéreo permitiram uma retirada ordenada, mas acelerada.

Isso traria consequências para o I Corpo norte-americano. A 25ª Divisão e a 29ª Brigada Britânica foram capazes de manter suas posições por mais tempo. Porém, com o recuo do IX Corpo, elas também foram autorizadas a se retirar. A 25ª Divisão foi a primeira às 04h00, enquanto a 29ª Brigada teve que conter o avanço chinês sozinha. Essa acabou sendo a unidade penalizada pelo recuo acelerado e prioritário das demais unidades. Com o início de sua retirada apenas às 21h30, o que ia contra as regulações impostas por Ridgway e doutrina norte-americana de movimentos retrógrados noturnos. Quando já se supunha o fim do ataque chinês, à meia-noite, houve a condução de duas emboscadas chinesas contra o 5º Regimento de Hussars, a última unidade de coluna de retirada. A primeira emboscada foi desorganizada e mal armada, tendo, a maioria dos soldados chineses, apenas granadas e poucos rifles. No entanto, a segunda emboscada foi conduzida com soldados chineses usando uniformes norte-americanos, o que permitiu sua aproximação e trazendo a batalha para combates corpo-a-corpo, causando a morte do comandante do regimento britânico e outras 230 baixas.

Ainda no dia quatro de janeiro, Seul foi completamente evacuada e as três pontes sobre o rio Han foram destruídas.⁵¹⁸ Os chineses não foram capazes de conduzir uma perseguição. Primeiro por razões puramente logísticas. O curto preparo para essa ofensiva e a ainda pior gestão com inclusão das forças norte-coreanas cobrou seu preço. Segundo, o rio Han oferecia uma barreira às forças chinesas que não possuíam serviços de engenharia ou um plano de contingência para sua travessia. Peng era especialmente consciente da exposição que um esforço como esse ofereceria aos fogos de artilharia e de interdição aérea norte-americanos. Terceiro, a região ao sul da Seul era mais bem servida de rodovias e as forças norte-americanas de serviços de transporte motorizado, portanto os chineses não seriam capazes de acompanhar a taxa de mobilidade oponente.

Em cinco de janeiro, já com o controle de Seul, Peng ordenou uma cabeça-de-ponte no sul do rio Han e a tomada do aeroporto de Kimpo e do porto de Inchon. Apesar do sucesso no ganho de território, ele permaneceu cauteloso. Havia falta de suprimentos e temperatura negativa. Muitos regimentos e batalhões não estavam efetivos para o combate. As forças chinesas passaram a conduzir apenas pequenas patrulhas a partir do dia seis de janeiro e um regimento chinês avançou até Yongdongpo e as patrulhas chinesas alcançaram até Suwon no dia seguinte. Porém, não houve perseguição das forças norte-americanas ao sul do rio Han.

O serviço de inteligência chinês relatou no mesmo dia que as forças oponentes não estavam mais recuando e possivelmente queriam atrair as forças chinesas para dentro da Coreia do Sul e repetir a operação de Inchon de setembro de 1950. Peng assumiu que estava sendo levado para uma armadilha e suspendeu a ofensiva na porção ocidental e instruiu que cada Exército recuasse sua força principal para o paralelo 39º para descanso e reorganização, com a cobertura dos 38º e 42º Exércitos.⁵¹⁹ No mesmo dia, os embaixadores chinês e soviético na Coreia do Norte visitaram o posto de comando avançado de Peng cobrando a continuação da ofensiva. Ele explicou sua decisão. Primeiro, suas forças estavam em operação contínua desde que entraram no teatro em outubro de 1950, sem pausa, recuperação ou reorganização. Segundo, havia sérios problemas no provimento de comida e munição no front devido à grande destruição de serviços motorizados. Terceiro, o oponente tinha a vantagem de utilizar o afunilamento da Península Coreana ao sul do paralelo 38º para emprego

⁵¹⁸ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 60, 75; MOSSMAN. *Ebb and Flow: November 1950 – July 1951*, p. 199–204.

⁵¹⁹ DEHUAL, Peng. *My Story of the Korean War*. In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 34.

de suas superioridades aérea e naval. Por fim, ele entendia que as forças norte-americanas ainda estavam em condições de combate e que a presente retirada era um stratagem: “Eu, Peng Dehuai, não sou MacArthur. Eu não vou cair nessa”.⁵²⁰

Ao fim da ofensiva chinesa e estabilização do teatro, Ridgway emitiu comunicado que houve completo descumprimento de sua orientação de que a retirada fosse realizada sem perda de contato com as forças chinesas, algo que os comandantes dos I e IX Corpos ignoraram. Ele também apontou pouca utilização de contra-ataques limitados e oportunos, bem como o uso pouco efetivo dos fogos de artilharia. Por fim, ele percebeu que seus engenheiros foram muito entusiasmados nas demolições de pontes de Seul, do porto de Inchon e do aeroporto de Kimpo. Ele entendia que não havia necessidade de uma destruição exacerbada, pois a utilidade dessas instalações pelos chineses seria limitada em razão do comando aéreo pela Força Aérea dos Estados Unidos e suas interdições. Além do mais, ele planejava utilizá-las na ofensiva que ele considerava executar nas próximas semanas.

O resultado dessa batalha e como ela foi conduzida pelos comandantes norte-americanos foram as razões definitivas pelas quais Ridgway requisitou comandantes mais capazes e iniciou uma troca quase completa de comandantes de Corpo-de-Exército e divisão entre janeiro e fevereiro de 1951. Houve maior preocupação em controlar e ceder terreno do que aplicar desgaste às forças chinesas. Isso seria especialmente censurável a partir do dia 3 de janeiro, quando haveria tempo para reorganização das linhas norte-americanas e maior concentração de batalhões de artilharia. As baixas que ocorreriam desde então, principalmente de britânicos, seriam resultados do mau uso dessas vantagens da defesa do que por mérito chinês.

Apesar do desempenho combatente inicial das forças chinesas e dos ganhos estratégicos imediatos, o sucesso dessa batalha deu-se mais pelos resultados enfrentamentos no corredor central e pela falta de combatividade das forças norte-americanas e sul-coreanas. Não houve significativas baixas do lado da coalizão das Nações Unidas, que, por sua vez, falhou em provocar um maior desgaste das forças chinesas, como desejado pelo seu comandante, às margens do rio Han. Consequentemente, Ridgway teria que desenhar um plano para uma nova ofensiva a fim de atender essa primeira meta do seu plano de campanha. Não existem dados apurados das baixas dessa batalha.

9.2.2 As Batalhas de Chuncheon-Hoengseong e Wonju – 29 de dezembro de 1950 a 15 de Janeiro de 1951

Essa talvez tenha sido o caso de maior coordenação entre forças chinesas e norte-coreanas.⁵²¹ Pois, articulou ataques em sequência que buscaram não apenas romper o X Corpo, mas ainda ameaçar as posições do IX Corpo mais a oeste e a retaguarda das forças norte-americanas. A ordem de batalha dessas forças eram:

⁵²⁰ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 84.

⁵²¹ Ver *Ibid.*, p. 98, 104–107, 110, 113–114; HOYT, Edwin. *The Day the Chinese Attacked: Korea 1950*, New York: McGraw-Hill Book Company, 1990, p. 179; MILLETT, *The War for Korea, 1950-1951*, p. 383–385, 387–389; MOSSMAN. *Ebb and Flow: November 1950 – July 1951*, p. 184–186, 198; 221–222. No entanto, inconsistente com os fatos e documentos, e contrário a maior parte da literatura, Appleman aponta que entre 7 a 15 de janeiro seria um período de ofensiva do X Corpo norte-americano.

Exército/Corpo	Divisões	Efetivo estimado
66º Exército chinês	196 ^a	8.124
	197 ^a	8.127
	198 ^a	8.126
	Subtotal	24.4377
II Corpo norte-coreano	2 ^a	2.800
	9 ^a	3.300
	10 ^a	3.500
	31 ^a	4.600
Subtotal		14.200
III Corpo norte-coreano	1 ^a	5.500
	3 ^a	4.800
	5 ^a	5.000
	Subtotal	15.300
V Corpo norte-coreano	4 ^a	4.500
	6 ^a	5.750
	7 ^a	3.250
	12 ^a	3.750
	27 ^a	3.750
	38 ^a	5.000
	43 ^a	3.000
	3ª Brigada	3.000
Subtotal		32.000
Total	17,5 divisões	85.877
Corpos-de-Exército	Composição	Efetivo estimado
I Corpo sul-coreano	Divisão Capital	20.000
II Corpo sul-coreano	3ª Divisão	15.000
	9ª Divisão	20.000
Subtotal		35.000
III Corpo sul-coreano	2ª Divisão	10.000
	5ª Divisão	14.000
	8ª Divisão	14.000
	7ª Divisão	18.000
Subtotal		56.000
X Corpo EUA	2ª Divisão EUA ⁵²²	15.000
	7ª Divisão EUA (2 regimentos) ⁵²³	7.200
Subtotal		22.200
Total no front		112.000
Reserva Estratégica	187º Regimento	5.500
Total no setor	8,5 divisões	117.700

TABELA 9.4 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NAS BATALHAS DE CHUNCHEON-HOENGSEONG E WONJU
 FONTE: Appleman (1990), p. 40, 43, 99, 149; Rottman. (2002)

⁵²² Para recomposição de seus números, inclui-se duas KATUSAS, os batalhões francês e holandês (1.185+740), um batalhão de artilharia de campo (621), uma companhia de Rangers (106).

⁵²³ Apenas dois regimentos fizeram parte dos enfrentamentos (2x 3.600).

Do outro lado, contava-se apenas com a Capital e as 3ª, 9ª, 7ª Divisões sul-coreanas em condições mais adequadas. As 2ª, 5ª e 8ª Divisões eram remanescentes das batalhas de dezembro de 1950 e estavam todas elas com deficiência de pessoal e equipamento e foram posicionadas em alternância com as outras divisões em melhores condições, estando aquelas em piores condições na cidade de Chuncheon e acelerou-se a reinserção da 2ª Divisão norte-americana na retaguarda da primeira linha defensiva e da 7ª Divisão na retaguarda do X Corpo. O 187º Regimento ficou como a única reserva estratégica neste setor. Ainda assim, é importante apontar a desvantagem numérica das forças chinesas e norte-coreanas – com **85.877 soldados** – contra, em torno de, **112.000 soldados** oponentes, em sua maioria sul-coreanos. Elas apostavam nas qualidades superiores de suas forças em relação às desmoralizadas divisões sul-coreanas, na concentração de unidades ocidentais na porção ocidental da Península sem condições de socorro e na qualidade e ousadia de seu plano de enfrentamento.

O plano chinês/norte-coreano estabelecia que o II Corpo norte-coreano tinha a missão de infiltrar atrás das linhas inimigas entre o I e II Corpos sul-coreanos, através da cordilheira Seoraksan, e cortar a linha de comunicações ao longo da Rodovia 29 que vai de Chuncheon a Andong. O 66º Exército chinês realizaria um assalto frontal contra a linha sul-coreana em Chuncheon e rumaria em direção ao flanco direito do IX Corpo dos EUA, enquanto o V Corpo deveria explorar a brecha com um ataque frontal e alcançar a área em torno de Hoengseong e Wonju.

Do lado norte-americano, Ridgway atendia as orientações de Muccio e solicitou que a 2ª Divisão norte-americana movesse um de seus regimentos para uma posição ao norte de Wonju. Esse movimento foi fortuito porque a infiltração do II Corpo norte-coreano, de maneira similar as forças chinesas no front ocidental, começou antecipadamente, no dia 29 de dezembro, e buscavam estabelecer seu primeiro bloqueio na Rodovia 29 entre Hoengseong e Wonju. Com a identificação dessas forças, Ridgway ordenou imediatamente que a 2ª Divisão movesse completamente para Wonju e posicionasse seu 23º Regimento ao sul da cidade de Hoengseong, onde havia a interseção entre as rodovias 29 e 24.



MAPA 9.2 – AS BATALHAS DE CHUNCHEON-HOENGSEONG E WONJU, JANEIRO DE 1951

FONTE: o autor

O 23º Regimento da 2ª Divisão norte-americana e os 23º e 5º Regimentos sul-coreanos, respectivamente, das 7ª e 3ª Divisões coordenaram ataques aos bloqueios norte-coreanos e foram capazes de manter o acesso entre Wonju e Hoengseong e assumir seu controle a partir do dia 31 de dezembro.

No entanto, às 02h00 de 1º de janeiro, o 66º Exército chinês chocou-se contra a 8ª Divisão sul-coreana e, duas horas depois, já alcançava a 2ª Divisão sul-coreana. Enquanto isso, o V Corpo norte-coreano usava o seu maior poder de fogo para destruição das divisões sul-coreanas na região de Hoengseong. Diversos batalhões das 5ª e 8ª Divisões perderam coesão e recuaram descoordenadamente devido à perda geral de comunicação. Já as 3ª e 9ª Divisões mantiveram-se fora do envelopamento norte-coreano e foram capazes de conter seus ataques frontais, da mesma maneira que a 2ª Divisão norte-americana.

No dia 2 de janeiro, o 66º Exército chinês, após destruir um regimento da 2ª Divisão sul-coreana e isolar os outros dois, direcionou parte de suas unidades contra o flanco da 5ª Divisão sul-coreana, abrindo, portanto, ainda mais a brecha em direção ao flanco do IX Corpo. Nesse mesmo dia, houve a completa perda da cidade de Chunchon e apenas a 7ª Divisão do III Corpo sul-coreano estava completamente operacional e em contato com seus comandantes superiores, reorganizando seus dois regimentos remanescentes 30 quilômetros a noroeste de Wonju. Ridgway ordenou que as 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas passassem para o comando do III Corpo e moverem-se a oeste a fim de conter a brecha deixada pelas 5ª, 7ª e 8ª Divisões sul-coreanas. Ele ordenou ainda que o general Almond – comandante do X Corpo norte-americano – concentrasse a 2ª Divisão dos Estados Unidos e o que fosse possível da 7ª Divisão para conter a concentração norte-coreana em Chunchon e uma infiltração que se iniciava a leste dessa posição.

As 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas deveriam conter os ataques chineses contra as 2ª e 5ª Divisões sul-coreanas ao se posicionarem nos ombros da brecha norte-coreana. No entanto, a 9ª Divisão foi envolta por norte-coreanos e dois de seus regimentos se renderam. Consequentemente, a 3ª Divisão sul-coreana não foi capaz de realocar todas suas unidades devido ao buraco entre a posição da 2ª Divisão dos EUA em Wonju e a Divisão Capital sul-coreana mais a leste.

Pela manhã do dia 3 de janeiro, Ridgway ordenou que a 2ª Divisão recuasse para a linha de montanhas ao norte de Wonju, pois oferecia uma melhor possibilidade de contenção dos ataques norte-coreanos a norte e leste. Porém, lendo o terreno da região, ele visualizou que o sul dessa cidade oferecia uma linha defensiva melhor e ordenou a reposição da divisão para lá. Almond contrapôs o comando de Ridgway em um primeiro momento, pois entendia que era possível contragolpear as forças norte-coreanas. No entanto, os comandantes da 2ª Divisão e do 23º Regimento corroboraram que as colinas ao sul de Wonju ofereceriam um terreno mais favorável contra o flanqueamento norte-coreano. Tal reposicionamento mostrou-se acertado, pois permitiu que a 2ª Divisão contivesse o avanço do V Corpo norte-coreano.

Note-se que o sucesso das forças chinesas e norte-coreanas na ruptura das linhas do Oitavo Exército foi muito maior nesse setor, o que implicou na decisão no recuo de toda sua linha de leste a oeste. Ainda que houvesse alguma possibilidade de contenção do ataque chinês além do rio Imjin no setor ocidental, foi em razão da situação no corredor central que Ridgway ordenou a evacuação de Seul. Diferente do front ocidental, o corredor central não tinha um obstáculo geográfico como o rio Han e não existia uma grande reserva combatente disponível pelo Oitavo Exército. O único

reforço possível foram dois regimentos da 7ª Divisão norte-americana para proteger a retaguarda da linha defensiva em Wonju.

A partir de 4 de janeiro, a ofensiva chinesa passou a entrar no limiar do ponto culminante do ataque em todo o front. De maneira mais antecipada do que se registrou em outros momentos, havia escassez de suprimentos. E entre as duas batalhas em andamento, Peng priorizou apoiar o ataque norte-coreano no corredor central. Além dos desafios logísticos e táticos de atravessar o rio Han sob interdição aérea, a avaliação dele era que Wonju era o ponto crítico, que permitiria controlar as cidades e vias da área central da Coreia. Acreditava que se os norte-coreanos conseguissem manter a pressão, seriam capazes de empurrar toda a linha oponente para o sul. Assim, deu-se continuidade ao ataque frontal pelo V Corpo norte-coreano, enquanto o II Corpo continuou sua infiltração por meio do difícil terreno das montanhas a leste da Rodovia 29, evitando engajamentos com as forças sul-coreanas e buscando flanquear as forças norte-americanas em Wonju, Chechon, Tanyang e Andong.

Nesse mesmo dia, Ridgway colocou-se em risco e sobrevoou o front em companhia do comandante da Quinta Força Aérea, general Earl Partidge, e constatou como o último esforço norte-coreano dava-se em Wonju e a estabilização no setor ocidental. Ele avaliou que as forças norte-coreanas não poderiam continuar seu ataque por muito mais tempo, principalmente com a concentração da maior parte da interdição aérea sobre elas.

No dia 5, ele estabeleceu uma nova linha defensiva para os I e III Corpos sul-coreanos a fim de recompor a brecha entre essas forças e a 2ª Divisão norte-americana. Porém, as 7ª e a 9ª Divisões sul-coreanas encontraram forte oposição em um terreno montanhoso e pouco foram capazes de avançar até o dia 7 de janeiro. Isso fez com que a linha de comunicações ao longo da rodovia 29 fosse exposta. Como recurso, as 3ª e 7ª Divisões restabeleceram uma linha defensiva em sentido sudeste a partir do sul de Wonju, enquanto o general Almond do X Corpo assumiu o controle dos regimentos remanescentes das 5ª e 8ª Divisões sul-coreanas para estabelecer uma linha entre a 2ª Divisão norte-americana e o IX Corpo. Essa disposição fazia com que a 2ª Divisão norte-americana fosse colocada em risco pela extensão de seu front. Por isso, ela abandonou Wonju no dia 7 de janeiro e estabeleceu uma nova posição dez quilômetros ao sul.

Nos próximos dois dias, Almond ordenou que a 2ª Divisão conduzisse ataques limitados durante o dia, com reposicionamento defensivo pela noite. Após reconhecimento em força durante o dia 8, passou a existir uma disputa entre os dois lados pela posição. No dia 9, as forças norte-coreanas – estimadas em seis batalhões – foram capazes de estancar os ataques norte-americanos e provar baixas sul-coreanas. A 2ª Divisão revidou no dia 10 com quatro batalhões de infantaria reforçados de dois batalhões de artilharia de campo e apoio aéreo. Os combates foram acirrados durante todo o dia, mas as forças norte-americanas foram capazes de tomar as posições mais elevadas das colinas a quatro quilômetros ao sul de Wonju. Com essa posição de vantagem, a 2ª Divisão foi capaz de concentrar fogos de artilharia e aéreo sobre a cidade e conduziu dois dias de interdição à cidade e seu entorno. No dia 12, retomou-se o ataque terrestre com dois batalhões – o holandês e francês – contra as forças norte-coreanas e um batalhão norte-americano reforçado para tomada da Colina 47, que permitia entrada ao sul da cidade de Wonju. A 2ª Divisão passou a reforçar essa posição com os batalhões francês e holandês e concentração de interdição. Após dois dias de tentativas para romper a posição norte-americana e mais de mil baixas, o V Corpo norte-coreano suspendeu seu ataque. Após a retirada do V Corpo norte-coreano de Wonju, Almond concentrou a 2ª Divisão

norte-americana e a 8ª Divisão sul-coreana entre Chechon e Tanyang para intensificação da ação contra o II Corpo norte-coreano.

O II Corpo norte-coreano continuou sua infiltração ao longo da rodovia 29 e ataques aos flancos do X Corpo norte-americano. No entanto, com a contenção do avanço do V Corpo norte-coreano a partir do dia 7 de janeiro, o III Corpo sul-coreano pode se reorganizar para enfrentar as forças norte-coreanas em Yongwol. As 5ª e a 3ª Divisões sul-coreanas foram reposicionadas para ocuparem a região entre Chenchon e Yongwol e assim restabelecerem uma linha defensiva. Ao mesmo tempo, Ridgway enviou o 187º Regimento Aeroterrestre e as unidades disponíveis da 1ª Divisão de Fuzileiros, as reservas do Exército, para Andong e conter a infiltração norte-coreana. Desde o dia 10 de janeiro, iniciou-se uma rede de patrulhas diárias e noturnas para eliminação dos bolsões de guerrilhas. Esse foi capaz de conduzir pequenos ataques até o dia 18, mas perdeu efetividade a partir do dia 22 e, no dia 25 de janeiro, o setor central foi considerado estabilizado. Porém, em torno de oito mil guerrilheiros norte-coreanos continuaram ativos por muito tempo na região montanhosa costa oriental até o Sul de Kyongsan. Nesta área de operação de forças sul-coreanas, criou-se um batalhão de operações especiais para condução de operações de contra insurgência.⁵²⁴

Com exceção das ações contra as guerrilhas norte-coreanas, em 14 de janeiro, Ridgway comandou a suspensão da ação e recuo para realinhamento e avaliação do Oitavo Exército. Ele entendia que a linha defensiva do Oitavo Exército estava segura de novos ataques chineses, com exceção da saliência em torno de Wonju, em que a 2ª Divisão norte-americana se posicionava a vários quilômetros ao norte do restante da linha. Também lhe preocupava a infiltração de forças norte-coreanas entre a cordilheira de Seroksan e a costa leste, somando ao fato que as forças chinesas se retiravam do setor ocidental para o central, para a base de operações comunista no Triângulo de Ferro em Cheorwon, de maneira que as posicionavam na área de operações do X Corpo. Por todas essas razões, ele avaliava que o sucesso tático da 2ª Divisão criava um risco estratégico e ordenou que o X Corpo recuasse para uma posição a 16 quilômetros ao sul de Wonju, fortalecendo assim a linha entre o flanco direito do IX Corpo em Yoju e o flanco esquerdo do X Corpo em Chungju. Em 17 de janeiro, a maior parte da 2ª Divisão foi relocada a oeste para fazer estabelecer contato o IX Corpo e concentrar suas forças para prever contra qualquer ruptura e infiltração a esse e o X Corpo. Apenas o 9º Regimento permaneceu a sul de Wonju com a missão de continuar a fazer frente às forças norte-coreanas naquela região.⁵²⁵

A fim de permitir tal realinhamento, Ridgway ordenou a concentração de interdição aérea contra as forças norte-coreanas entre os dias 15 e 16 de janeiro. Tal missão foi conduzida por 40 caças-bombardeiros da Marinha dos Estados Unidos e teve sucesso de identificação e destruição de uma coluna de norte-coreanos em Yongwol, na divisa de áreas de operação entre o X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano. Este último reportou que a interdição teria provocado 2.200 baixas.

Do ponto de vista de Peng, esse era o setor que possibilitou maior resultado. No entanto, as diferenças qualitativas das forças sul-coreanas nesse setor poderiam ter sido mais bem exploradas. A única divisão norte-americana presente estava com um efetivo limitado e não estava adequadamente posicionada e preparada quando do início da ofensiva. Por fim, do ponto de vista das condições

⁵²⁴ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 130–131; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, Lincoln: University of Nebraska Press, 2001, p. 444, 448.

⁵²⁵ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 131–132.

logísticas relativas, essa era uma região mais escarpada e sem barreira natural de um grande rio como Han e oferecia um acesso transversal a Seul.

Portanto, como contrafactual, Peng poderia ter concentrado mais forças chinesas nesse setor, pelo menos mais um Exército, para concentrar contra a 2ª Divisão norte-americana logo nos primeiros dias da ofensiva. A combinação da grande capacidade de mobilidade e infiltração das forças chinesas com o maior poder de fogo norte-coreano poderia tê-la rompido. A partir disso, as forças chinesas poderiam ter explorado a falta de reservas ao longo da rodovia 39, enquanto o V Corpo norte-coreano poderia ter impedido a reorganização das divisões sul-coreanas e destruído uma maior fração delas. Ao contrário disso, ele não apenas não adicionou mais força, como no dia 3 de janeiro, ele mudou a orientação do 66º Exército contra a 24ª Divisão norte-americana no setor ocidental. Quando isso não proveu os resultados esperados, ele desejou recuperar o ímpeto contra as forças norte-americanas em Wonju, mas era tarde demais. As forças chinesas estavam desgastadas, bem como o V Corpo norte-coreano.

Do lado norte-americano, foi surpreendente como os dois regimentos norte-americanos da 7ª Divisão dos EUA foram capazes de suportar o ataque de elementos de quatro divisões norte-coreanas entre os dias 2 e 7 de janeiro em Chuncheon. O mesmo pode se dizer de como o 23º Regimento reforçado norte-americano conseguiu prevalecer contra ataques de duas divisões norte-coreanas em Wonju e mesmo se reposicionar quando os combates permitiram. Além da qualidade dos comandantes e das forças, notou-se a possibilidade de se recuar ou avançar em função do terreno e explorando as deficiências logísticas e táticas das forças comunistas em sustentação de ataques prolongados e em edificação de posições defensivas rapidamente. Esses seriam entendimentos registrados naquele momento e que seriam replicados, primeiro, pelo próprio 23º Regimento – que se tornaria a unidade com mais elevado desempenho combatente da campanha – e, gradualmente, pelas demais unidades norte-americanas.

No entanto, o baixo desempenho das divisões sul-coreanas tornou-se um ponto crítico de implicações estratégicas e políticas. Isso causava atritos nos relacionamentos com o presidente Syngman Rhee, que cobrava que Ridgway cedesse mais material bélico, principalmente artilharia, para as divisões sul-coreanas. Ele e demais comandantes norte-americanos eram contrários à ideia devido ao recorrente abandono de material que favorecia as forças adversárias. Por fim, o baixo desempenho sul-coreano tornava obscuro o cenário estratégico em que as forças sul-coreanas fossem capazes de defender seu próprio território, de maneira que os Estados Unidos pudessem realocar suas próprias forças e de seus aliados para o teatro europeu.

9.3 IMPLICAÇÕES DIPLOMÁTICAS E AVALIAÇÃO

A 1ª Ofensiva Chinesa de 1951, em decorrência dos enfrentamentos no corredor central, foi uma surpresa tática com efeitos estratégicos: ultrapassou-se o paralelo 38º e se tomou Seul, e mesmo se empurrou as forças oponentes para o sul do paralelo 37º. Porém, Ridgway conseguiu conduzir uma retirada relativamente ordenada com poucas baixas no setor ocidental – **1.191**, sendo a maioria

de mortos, 264, britânicos, enquanto não existem dados na literatura sobre as baixas sul-coreanas. Já as forças chinesas foram exauridas e sofreram **8.500** perdas, sendo 2.700 norte-coreanas.⁵²⁶

Em sua comunicação para Washington, Ridgway avaliou que suas ordens foram repetidamente descumpridas desde o dia primeiro de janeiro. Principalmente para realização de um ataque limitado no dia 2 e que a retirada que se seguiu deixou para trás posições fortes que teriam permitido conduzir contra-ataques com forças-tarefas de blindados e infantaria durante o dia. Todas as suas ordens falharam em execução.⁵²⁷ De um ponto de vista teórico, a contrariedade de Ridgway é corroborada pelo entendimento que quem está na defensiva de uma guerra limitada deve ter as forças combatentes oponentes como meta. Por sua vez, o comandante Peng avaliou que a ofensiva foi uma grande vitória desde que 2/3 da Península Coreana estava recuperada e que a decisão em não seguir uma perseguição cega foi acertada. Outra consequência importante foi a neutralização do porto de Inchon, de maneira que os norte-americanos contariam apenas com o já sobrecarregado porto de Busan ao sul, o que constrangeria suas futuras operações. Porém, ele avaliava como imperativo a reestruturação do comando da forças chinesas e coordenação com as forças norte-coreanas.⁵²⁸

De um ponto de vista diplomático, a conquista chinesa da Seul em 4 de janeiro e de posições no paralelo 37° em 8 de janeiro deu enorme munição para que países alinhados ou inclinados com o bloco comunista, ou simplesmente que rejeitavam a escalada aos extremos entre Estados Unidos e União Soviética, pressionarem enormemente os Estados Unidos a favor de um cessar-fogo.

Em 11 de janeiro, a Assembleia Geral aprovou o rascunho de uma resolução que apresentava uma 3ª proposta de cessar fogo que apontava a organização de uma comissão para supervisão de retirada de todas as forças estrangeiras da península. Posteriormente a isso, propunha-se a realização de uma conferência para lidar com a guerra na Coreia, o status em Taiwan, a representação da China comunista nas Nações Unidas e outros problemas asiáticos. Essa resolução incluía a maioria das demandas de Zhou Enlai de 22 de dezembro de 1950.

Mais importante, essa resolução foi endossada pelo representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas. Apesar da grande reação que isso provocou dentro do país, dava a oportunidade para uma posição de vantagem chinesa, pela primeira vez, junto aos Estados Unidos na mesa de negociações. Dentro da administração Truman, se sabia que essa era uma posição de desvantagem e se esperava fervorosamente que a China negasse tal proposta. Nesse período, o pessimismo do estamento militar em Washington com relação à guerra era predominante e já se considerava o abandono da Coreia do Sul. Ainda assim, os EUA tinham começado uma ofensiva diplomática em 15 de janeiro, na tentativa de bloquear a vantagem diplomática chinesa e mudar a orientação do grupo de países que a apoiavam, mas ainda sem resultados. Portanto, até a recusa chinesa definitiva à proposta de cessar-fogo no dia 17 de janeiro, os norte-americanos se encontravam em completa desvantagem diplomática.

⁵²⁶ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 431; LI, Xiaobing. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, Bloomington: Indiana University Press, 2014, p. 52.

⁵²⁷ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 91–92.

⁵²⁸ HARUKI, Wada. *The Korean War: an International History*, Plymouth: Rowman & Littlefield, 2014, p. 163; ZHANG, Shu Guang. Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950–1951, In: RYAN, Mark; MCDEVITT, Michael A. (Org.). *Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949*, Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 105.

Entretanto, os efeitos políticos desses resultados estratégicos foram, de fato, desperdiçados porque não foram explorados diplomaticamente. Não houve consideração chinesa com relação à resolução de cessar-fogo das Nações Unidas, aprovada em 11 de janeiro, que atendia todas as demandas chinesas. Já no dia 13 de janeiro Stalin já orientava contra a proposta, que foi recusada em conferência de Mao com o Politburo no dia seguinte, em 14 de janeiro. Três dias depois, Zhou Enlai informou as Nações Unidas da posição chinesa. Entendia-se que ela visava não o cessar-fogo e a resolução das questões asiáticas, porém dar às forças dos Estados Unidos tempo para respirar. A China discordava do modelo “cessar-fogo primeiro, e negociar depois”. Como alternativa, ele propunha um novo formato que garantiria o compromisso das Nações Unidas com as demandas chinesas. Ele propunha a realização de uma conferência na China de sete países composta com a República Popular da China como membro-permanente no lugar de Taiwan desde o primeiro dia, mais os demais quatro membros-permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e mais dois países alinhados a seus objetivos naquele momento: Índia e Egito. A contraproposta teve cópias enviadas a todas as representações diplomáticas em Pequim no mesmo dia 17 de janeiro.

No dia seguinte, representantes da Índia, Reino Unido, Dinamarca e Suécia buscaram em Pequim reverter a posição chinesa. Entre esses, o embaixador indiano Panikkar explicou pessoalmente a Zhou Enlai as implicações do cessar-fogo. Ele esclareceu que essa não era uma proposta norte-americana, e que os Estados Unidos apenas a tinham aceito como um perigoso blefe, para aliviar a pressão por seus próprios aliados pelo cessar-fogo e porque esperavam que os chineses declinassem. Ainda assim, Zhou Enlai apenas dava encaminhamento da decisão de Mao contra qualquer negociação naquele momento.⁵²⁹

Esses desdobramentos sustentam a avaliação que ao negar a proposta de cessar-fogo de 11 de janeiro e ao contrapor condições que desperdiçavam o apoio que recebia de demais países asiáticos e ocidentais, a China perdeu a oportunidade de consolidar sua vantagem diplomática e de retirar consideravelmente o apoio político norte-americano, calcado nos seus aliados e grupos políticos domésticos. Desde o dia 6 de dezembro de 1950, os Estados Unidos pressionavam solitariamente por uma resolução que acusava a China como potência agressora e que foi bloqueada pelos países da Commonwealth britânica. E desde o dia 15 de janeiro, seu Departamento de Estado executava uma ofensiva diplomática sem repercussões. Com o fim da ofensiva chinesa de Ano-Novo, o grupo de países que pressionavam os Estados Unidos pelo cessar-fogo achava que a China tinha alcançado seus objetivos, razoavelmente legítimos, e estaria pronta para negociar. Como isso não aconteceu, iniciou-se o movimento de apoio dos norte-americanos, que, desde o dia 18, retomavam sua ofensiva diplomática a favor de uma resolução que condenava a China.⁵³⁰ Domesticamente, o endosso norte-americano à resolução de cessar-fogo do dia 11 janeiro era tomado como um ultraje e, caso os Estados Unidos tivessem que honrá-la, isso enfraqueceria muito as bases do presidente Truman. Como consequência da rejeição chinesa, sua posição foi reconstituída junto ao Congresso. Nos dias 19 e 23 de janeiro, a Casa dos Representantes e o Senado, respectivamente, aprovaram apoios à ofensiva diplomática nas Nações Unidas.⁵³¹

⁵²⁹ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, 197–98; ZHU. *The Road to an Armistice an Examination of Chinese and American Diplomacy during Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950–1953*, 54–57.

⁵³⁰ BARNES, Robert. Branding an Aggressor: The Commonwealth, the United Nations and Chinese Intervention in the Korean War, November 1950–January 1951, *Journal of Strategic Studies*, v. 33, n. 2, p. 231–253, 2010, p. 239–241, 245.

⁵³¹ ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 199.

Mao não compreendia o significado das negociações de cessar-fogo, e assumia que isso significasse automaticamente o fim da guerra. Portanto, ele almejava um acordo de paz incondicional, como os aliados haviam conquistado na Segunda Guerra Mundial. Esse era uma ambição devidamente explorada por Stalin.⁵³² Por outro lado, Mao esperava uma contraofensiva norte-americana, mas desprezava seus resultados. Possivelmente, ele não levava em conta as condições objetivas do teatro de operações e extrapolava os efeitos morais da ofensiva chinesa sobre as forças norte-americanas.

Numa avaliação contemporânea da ofensiva chinesa, Appleman aponta que Peng cometeu um equívoco ao suspender a ofensiva ao sul do rio Han e ele poderia ter empurrado as forças norte-americanas “de volta ao Perímetro de Busan e possivelmente fora da Coreia”.⁵³³ Porém, ele mesmo reconhece que não existiam condições logísticas para tal. Mais importante, de um ponto de vista estratégico, as metas chinesas não deveriam ser as forças combatentes norte-americanas, mas capturar Seul como principal objeto de valor para barganha e posições de vantagem para posições defensivas ao longo do paralelo 38° que permitissem um recuo controlado e desgaste de um contragolpe norte-americano. No entanto, levando-se em conta a orientação política chinesa contra a abertura de negociações e que as forças de Peng não tinham meios de combate para retenção continuada de Seul, a 1ª Ofensiva Chinesa poderia ter dito outro desenho. Ela poderia ter concentrado suas forças no controle da região de Wonju e, assim, flanquear Seul, e a ser tomada posteriormente quando houvesse meios suficientes e a decisão política pela sua barganha, e ter se chocado contra um contingente formado principalmente por unidades sul-coreanas, em condições de combate e apoios aéreo e logístico muito inferiores àquelas no setor ocidental. Ademais, essas condições relativas favoreceriam o modo de combate chinês em reter o contragolpe norte-americano e salvaguardar os reforços a partir da Manchúria. Entretanto, Peng foi restringido por Mao e os norte-coreanos que haviam ficado com a missão de tomar Wonju, porém sem força suficiente para retê-la. Portanto, a 1ª Ofensiva de Peng acabou, de certa maneira, sendo um desperdício, o que marcou a passagem da iniciativa da guerra para os Estados Unidos.⁵³⁴

⁵³² Ibid., p. 188.

⁵³³ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 91.

⁵³⁴ COLEMAN, J.D. *Wonju: The Gettysburg of the Korean War*, illustrated edition. Washington: Brassey's US, 2000, p. 83–84.

A OFENSIVA NORTE-AMERICANA PARA RECONQUISTA DE SEUL: 25 DE JANEIRO A 22 DE ABRIL DE 1951

A primeira ofensiva dos Estados Unidos contra a China foi marcada pelo início da alteração no equilíbrio de forças, de maneira que as forças combatentes sob o comando de Ridgway seguiram um plano focado no desgaste das forças chinesas e foram capazes de tomar de volta, com relativa facilidade, os objetos de valor recém perdidos. O plano de campanha de Peng passou a ser frustrado desse ponto em diante desde que as suas forças enfrentavam um oponente com números efetivos crescentes e que constrangeram seus esforços para uma segunda ofensiva planejada para a primavera de 1951. A correlação de forças terrestres efetivas era de **236 mil** soldados do lado norte-americano contra um contingente nominal máximo de **263 mil** soldados do lado chinês em meados de janeiro.

10.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS

Do lado norte-americano, o período de janeiro a abril de 1951 foi de grande indefinição da orientação política. Primeiro, por indefinição de uma posição do Conselho de Segurança Nacional. Segundo, pelo agravamento das discordâncias entre a liderança política norte-americana e Ridgway, de um lado, e MacArthur e Syngman Rhee, de outro. Terceiro, esse foi um período de incerteza no apoio de seus aliados. O sucesso da ofensiva chinesa, mas sua recusa à negociação, rachou a *Commonwealth* britânica e o grupo de países asiáticos. Enquanto, alguns dos países pressionaram pela negociação – como Reino Unido e Canada; Nova Zelândia e África do Sul passaram a defender uma resolução das Nações Unidas que apontava a China como país agressor.⁵³⁵

Em Washington, os meses de janeiro e fevereiro seriam aqueles em que as posições dos estamentos diplomáticos e militares estariam sendo revistos para assessoramento do presidente Truman. Existiam seis possibilidades de metas bélicas que atendiam objetivos políticos positivos do ano anterior, pela unificação da Península, e novas metas que assumiam uma orientação a favor da manutenção do status quo como existente em dezembro de 1950.⁵³⁶ As metas discutidas eram:

1. A unificação das Coreias pela força;
2. Resolver a questão coreana pela derrubada do regime comunista em Pequim;
3. Manter por um longo período uma situação de indefinição militar;
4. A retirada das forças norte-americanas com ou sem um pretexto;

⁵³⁵ BARNES. *Branding an Aggressor*, p. 241, 245–247.

⁵³⁶ FARRAR-HOCKLEY. *The British Part in the Korean War*, p. 55.

5. Produção de um cessar-fogo segundo as linhas das propostas de dezembro de 1950 e retirada gradual de todas as forças estrangeiras;
6. Aceitação da proposta de cessar-fogo proposta nas Nações Unidas em 11 de janeiro de 1951, que implicava fazer concessões à China e a realização de uma conferência asiática.

O presidente sul-coreano dava voz a um grupo que apoiava a escalada da guerra para realização da primeira meta e propunha o bombardeamento da China, inclusive atômico, e inclusão de 50 mil soldados da China nacionalista na Coreia.⁵³⁷ MacArthur tinha uma posição inicial pela segunda meta, mas quando foi comunicado que não receberia reforços para enfrentar os chineses, passou a se inclinar para a terceira opção e tomou medidas iniciais para evacuação da Coreia, endossando essa posição caso a China continuasse na ofensiva. Essa recomendação foi encaminhada no dia 10 de janeiro e discutida no âmbito do Departamento de Defesa no dia 12. A fim de dar subsídios a uma decisão, houve o envio de um comitê de inspeção ao teatro de operações composta pelos generais Lawton Collins e Hoyt Vandenberg, respectivamente, Chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea, no dia 16 janeiro. Após encontro com Ridgway e as forças, no dia seguinte, eles confirmaram que o Oitavo Exército se encontrava em boas condições em comunicação reservada a Washington.⁵³⁸

A orientação do Departamento de Estado era pela quinta meta, mas até o dia 17 de janeiro, não havia entendimento se as forças combatentes seriam capazes de atendê-la. Entre o corpo diplomático internacional, angustiada com a possibilidade de uma escalada beligerante global, existia uma inclinação para as duas últimas metas e, mesmo entre aliados norte-americanos, havia muita pressão em relação à última. Mesmo sendo a pior entre todas para os Estados Unidos, estes acabaram a endossando em 13 de janeiro. Por isso, os diplomatas norte-americanos não hesitaram ante a perplexidade geral com a recusa chinesa, em 17 de janeiro, à proposta de cessar-fogo. Informados de que a quinta meta era viável, no dia 18 de janeiro, eles iniciaram uma ofensiva diplomática na Assembleia-Geral das Nações Unidas, condenando a resposta de Zhou Enlai. Ao mesmo tempo, Truman buscou renovar seu apoio doméstico. No dia 19 de janeiro, a Casa dos Representantes aprovou uma resolução que declarava a China como agressora. Por volta do dia 23, essa resolução foi aprovada no Senado, enquanto os representantes dos Estados Unidos na Assembleia-Geral das Nações Unidas submeteram o primeiro rascunho que declarava a China como agressora.⁵³⁹

Portanto, no mês de janeiro de 1951, a orientação política norte-americana dominante para a guerra com a China era por medidas diplomáticas e estratégicas que permitissem os Estados Unidos se retirarem da Coreia sem incorrer em perdas políticas adicionais na Ásia e outros lugares do globo. No entanto, ainda que essa recomendação encontrasse concordância dentro do Departamento de Defesa, havia grande dúvida sobre a sua real viabilidade e os custos de apoiá-la desde que havia pouca inteligência sobre as capacidades das forças chinesas e as intenções de seu comandante nas próximas semanas. De qualquer forma, naquele momento, *a perspectiva predominante em Washington não vislumbrava como possível a salvaguarda da Coreia do Sul segundo ao status quo ante ao início da guerra entre as Coreias em julho de 1950.*

⁵³⁷ Como se discutiu anteriormente, a reserva nuclear norte-americana ainda era relativamente escassa e a Junta de Chefes de Estado-maior já tinham considerado que seu uso contra a China seria um grave desperdício e atenderia apenas os interesses estratégicos soviéticos APPLEMAN, Roy Edgar. *Ridgway Duels for Korea*, Texas: Texas A&M University Press, 1990, p. 87; HARUKI, *The Korean War: an International History*, p. 150..

⁵³⁸ HOYT. *The Day the Chinese Attacked*, p. 179.

⁵³⁹ ZHU. *The Road to an Armistice: an Examination of the Chinese and American Diplomacy during the Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953*, p. 54-57; ZHIHUA; XIA. *Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War*, p. 198.

Dando encaminhamento a sua própria leitura da correlação entre fins e meios da guerra, Ridgway informou no dia 22 de janeiro que suas forças iniciavam uma ofensiva. Ele entendia que era necessário prover subsídios para a diplomacia norte-americana, mas que era mais importante recuperar a confiança na coalizão das Nações Unidas e reduzir a possibilidade de sucesso da coalizão comunista. Isso basicamente remetia destruir as forças combatentes chinesas e norte-coreanas ao sul do rio Han e em Wonju e evitar que elas tivessem tempo suficiente para fortificarem suas posições, principalmente em torno de Seul e do paralelo 38°. Ou seja, Ridgway delineava alterações no teatro de operações que tiravam vantagens chinesas. Desde que ele era o encarregado de abrir e conduzir as negociações de cessar-fogo, ele discordava dos termos e condições consideradas aceitáveis pelo Departamento de Estado – logo após a aprovação da resolução que apontava a China como agressora – o que implicaria sua decisão futura de não ter diplomatas na sua delegação.

Ridgway tomou quatro medidas para viabilizar sua ofensiva em resposta aos constrangimentos institucionais e logísticos observados na ofensiva chinesa do Ano-Novo. Primeiro, ele substituiu os comandantes de dois dos três Corpo-de-Exército (o comandante do X Corpo, general Edward Almond, era protegido de MacArthur), todos os comandantes de divisão e vários dos de regimento. Além de melhor liderança, ele apontava que precisava de comandantes mais jovens e com mais energia para inspecionar o terreno e as forças em campo. A geografia coreana era ainda desconhecida pelos norte-americanos e vinha havendo grande leniência dos soldados no atendimento de ordens, condicionamento de suas posições e zelo pelo material.

Segundo, ele refez sua ordem de batalha. Durante reconhecimento em força entre os dias 15 e 22 de janeiro, ele avaliou a ordem de batalha chinesa e entendeu que tinha que dar a cobertura necessária para, no setor ocidental, reposicionar as duas divisões sul-coreanas. Sua intenção era posicionar o Oitavo Exército numa posição forte ao longo da Linha D: uma posição a 60 quilômetros ao sul de Seul tendo como início a região de vales a oeste de Pyongtaek passando por Wonju no corredor central até a costa leste. A 1ª Divisão sul-coreana passava a assumir o flanco esquerdo do I Corpo, na costa do mar Amarelo e a 6ª Divisão assumiu a posição de reserva do IX Corpo. Não haveria mais divisões sul-coreanas adjacentes umas às outras no setor ocidental do front, apenas divisões norte-americanas. O I Corpo deveria reter posição na cidade de Suwon e era reforçado com a 3ª Divisão, ausente das operações de dezembro de 1950. No corredor central, o II Corpo sul-coreano foi dissolvido, com a subordinação de seus poucos regimentos remanescentes ao X Corpo norte-americano com responsabilidade pelo front em posição imediatamente seguinte ao IX Corpo. Os III e I Corpos sul-coreanos foram concentrados no extremo leste da Península, mantendo as disposições gerais desde o fim da ofensiva chinesa.

Terceiro, Ridgway levava em consideração elementos que poderiam constranger, desgastar ou mesmo reverter a ofensiva norte-americana, portanto, ele tomou medidas para prevenção dos pontos culminantes do ataque e da vitória. Quanto a constrangimentos logísticos de manter a ofensiva, ele limitou as próximas operações de maneira estrita aos parâmetros de movimentação e manutenção de suas forças combatentes. Em decorrência da ofensiva chinesa, houve a perda do porto de Inchon, da pista de pouso de Kimpo e a destruição parcial das redes rodoviárias e ferroviárias, principalmente, no corredor central. Isso implicava que sua ofensiva tinha que ser pautada por avanços de poucos quilômetros de cada vez e reposicionando suas forças em linhas de controle que atendiam ganhos estratégicos e a evitar desvantagens táticas, mas que atendiam o tempo operacional possível dos serviços de apoio logístico ao combate. Para tal, Ridgway sintetizou as instruções táticas do manual

FM-100-5, adaptadas ao contexto de enfrentamentos contra o estilo de guerra chinês. Essas foram denominadas de “Crushing Tactics”:

- O principal objetivo das operações era minimizar a perda de forças amigas e maximizar os danos no oponente em soldados e material. Assegurar terreno não era um objetivo naquele momento;
- Quando no ataque, devia-se evitar operações aventureiras e realizar reconhecimento em força com unidades menores. Apenas após a situação do oponente fosse confirmada, dever-se-ia conduzir patrulhas intensas e um ataque geral para a conquista de um objetivo limitado;
- Durante o período do ataque, a coordenação lateral e manutenção do contato com as unidades adjacentes era mais crucial que a velocidade do ataque. Para atender esses padrões, linhas de controle deveriam ser gradualmente estabelecidas, e poderiam avançar além delas apenas unidades com autorização expressa de um comandante de Corpo-de-Exército. Dessa maneira, evitar-se-ia escalões oponentes em ataque romperem e infiltrarem através das linhas de unidades adjacentes;
- Em situações de ofensiva oponente, ao seu início, as unidades adjacentes deveriam recuar em boa ordem para uma linha defensiva planejada, enquanto fosse mantido comunicação e coordenação com as unidades adjacentes. Dever-se-ia evitar o desequilíbrio no front causado pelo recuo tempestivo de uma unidade, nem permitir o oponente romper através das linhas ou penetrar nas áreas de retaguarda;
- Todas as unidades em retirada deveriam fazê-lo enquanto mantendo o contato com o oponente, e devem ousar em conduzir ações de retardamento e toda oportunidade para fazer o oponente pagar com o máximo de baixas, com concentração de fogos terrestre e aéreo;
- Quando o espírito ofensivo do oponente atingisse seu limite, se deveria imediatamente converter para ações de contra-ataque, então contínua manobra, compelindo a oponente a consumir e derrear sangue e finalmente aniquilar seu poder de combate;
- Ridgway adicionou dez batalhões da artilharia pesada. Cada avanço da ofensiva seria precedido pelo reposicionamento desses batalhões em linhas defensivas entre as reservas dos Corpos-de-Exército e as reservas estratégicas do Oitavo Exército. Ao passo que essas linhas estivessem diante da disputa pelo paralelo 38°, ele antecipava que precisaria de maior concentração de poder de fogo para fazer frente à esperada resposta chinesa.⁵⁴⁰

Quanto a elementos que pudessem reverter a ofensiva, ele se preocupava com guerrilhas norte-coreanas que operavam atrás das linhas norte-americanas e não tinha certeza se o XIII Grupo-de-Exércitos chinês retomaria a ofensiva a partir de Seul. Por isso, ele incumbiu a 24ª Divisão de iniciar preparativos defensivos ao longo da Linha Raider, um último perímetro defensivo em torno de Busan. Ao mesmo tempo, a evacuação da Coreia ainda não havia sido descartada das considerações políticas em Washington. Por conta disso, ele teve que considerar essa possibilidade e delineou o Plano Operacional 20.

Por fim, ele concedeu à solução expediente proposta pelo general Edward Almond do X Corpo de reorganização das forças sul-coreanas no corredor central. Esse propôs a criação de forças-tarefas que combinavam regimentos de infantaria sul-coreanos e forças de apoio norte-americanas, que atuariam como vanguardas das divisões sul-coreanas. Essa solução atendia as demandas do presidente Syngman Rhee e amenizava a falta de recomposições completas da 7ª Divisão e da Divisão de Fuzileiros Navais, que duraria até a segunda metade de fevereiro.

⁵⁴⁰ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 434–437; MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 128.

O general Almond manteria a 2ª Divisão dos Estados Unidos no seu flanco esquerdo em contato com o IX Corpo e seu front seria composto pelas 8ª e 5ª Divisões sul-coreanas, que teriam a missão de conduzir a ofensiva pelo X Corpo. Para tal, cada uma delas foi reforçada com um time de apoio especial, organizado por adição de destacamentos das 2ª e 7ª Divisões norte-americanas e de quatro dos novos batalhões de artilharia pesada que Almond recebeu de Ridgway. Os Times de Apoio Especial 21, Charlie, Baker e White eram forças-tarefa compostas por artilharia e blindados norte-americanos para apoio dos regimentos de infantaria sul-coreanos e sob o comando destes últimos. No entanto, não existia uma composição padrão desses times e qualquer amparo doutrinário para a empreitada. Enquanto que para os norte-americanos o emprego de forças-tarefas de armas combinadas era uma novidade, para os sul-coreanos era completamente inédito. Por fim, pelo curto prazo da improvisação, não houve qualquer avaliação operacional ou treinamento do experimento.⁵⁴¹

Do lado chinês, Peng Dehuai enfrentava o desafio de atender as ambições políticas de Mao, Stalin e Kim il-Sung. Sendo que os dois últimos pressionavam para uma nova ofensiva quanto antes. Peng decidiu contra isso, argumentando que as forças norte-americanas não foram expulsas de Seul, mas se retiraram ordenadamente, e ele ainda temia um novo assalto anfíbio.⁵⁴²

Em 14 de janeiro, Peng recebeu uma mensagem de Mao que reconhecia que o oponente não deixaria a Coreia no curto prazo e enquanto a sua principal força não fosse destruída. Ainda assim, Mao vislumbrava dois cenários. Primeiro, sob pressão, os Estados Unidos fariam uma demonstração de força e evacuariam, possivelmente quando os chineses estivessem preparados para um ataque final. Segundo, os Estados Unidos poderiam ser capazes ainda de conduzir uma vigorosa resistência na área entre Taegu e Busan e se retirariam da Coreia apenas quando não fossem capazes de arcar com os custos de seguir lutando. Qual fosse o cenário que se materializaria, Mao reconhecia que as forças chinesas precisavam de dois a três meses de descanso e preparação, tornando assim decisiva a ofensiva da primavera de 1951.

Peng fazia deduções menos otimistas a partir do equilíbrio de forças. Ele calculava que tinha 280 mil soldados mal supridos e exaustos contra 230 mil oponentes em melhores condições e bem equipados. Por isso, vislumbrava ainda um terceiro cenário em que os norte-americanos levariam os chineses a engajar outras batalhas em fevereiro e não teriam descanso e tempo para se prepararem para a final e decisiva ofensiva. Seu principal assessor soviético, general Zakharov, reconhecia essa possibilidade ao apresentar relatórios de inteligência que apontavam intensificação do reconhecimento aéreo e o posicionamento da 3ª Divisão norte-americana no front de batalha, em condições de lançar um ataque surpresa à cabeça-de-ponte chinesa na margem sul do rio Han em Seul. Portanto, Zkharov orientava Peng a preparar suas forças para essa contingência.

Mao intercedeu que tal possibilidade não seria um grande problema, assim como vários generais sob Peng. Eles consideravam uma contraofensiva norte-americana pouco provável e que a disposição da 3ª Divisão visaria a incrementar a defesa frontal norte-americana do que a preparação para uma contraofensiva. Por fim, as expectativas de Mao eram altas por conta da adição de novos 100 mil soldados norte-coreanos, que estavam em treinamento na Manchúria e aparelhados com novos equipamentos soviéticos. A recomendação final de Peng Dehuai era que se o oponente

⁵⁴¹ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 220–221, 225; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 399–400.

⁵⁴² YU. *What China Learned from its “Forgotten War” in Korea*, p. 19–20.

atacassem, não se deveria sacrificar uma grande quantidade de soldados e material para defender essas posições. O melhor caminho era conduzir uma defesa móvel.⁵⁴³

Peng contava, pelo menos, com uma breve suspensão da ação, quando ele teria a possibilidade de reorganizar suas forças para uma grande ofensiva que poderia encerrar a guerra, planejada para ocorrer em 15 de março. Isso envolvia a restauração do IX Grupo-de-Exércitos, que foi reconstruído e treinado segundo padrões soviéticos. Ele também recuou 12 das 15 divisões do XIII Grupo de Exército para recuperação.

Todas essas atividades preparatórias implicavam que as unidades chinesas responsáveis pela proteção da cabeça-de-ponte ao sul do rio Han encontravam-se em difíceis condições de combate. Os serviços motorizados e o esforço de preparação estavam concentrados na Coreia do Norte e existia pouca possibilidade de atravessar o rio Han durante as chuvas e cheias entre janeiro e fevereiro de 1951. Durante esse período, essas forças estariam praticamente isoladas. Além do mais, sua cadeia de comando superior encontrava-se ausente.

No dia 25 de janeiro, Peng abriu uma conferência de três dias com os principais comandantes das duas forças para revisão de elementos táticos e a interoperabilidade entre forças chinesas e norte-coreanas. Esses comandantes observaram a necessidade de incremento logístico em três áreas: criação de um comando de artilharia para canhões leves e artilharia antiaérea; a realocação de toda a artilharia antiaérea para proteção dos depósitos de suprimentos, além da criação de sistemas redundantes de transporte; e construção de campos de pouso na Coreia do Norte para os novos regimentos aéreos soviéticos e chineses.⁵⁴⁴

10.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES

Com o encerramento da ofensiva chinesa, Ridgway constatava o efeito do prolongamento dos enfrentamentos e do clima sobre as forças chinesas e norte-coreanas e que ele deveria explorar suas vantagens comparativas em poder de fogo e sustentação das forças combatentes. O objetivo do seu plano correspondia à orientação política daquele momento: a retirada da Coreia com mínimo de danos colaterais aos Estados Unidos. Sua ofensiva almejava minimizar as vantagens estratégicas chinesas e trazer melhores condições para a abertura das negociações, que ele planejava para maio de 1951.⁵⁴⁵

Ele tinha como meta conduzir uma ofensiva que contrariava a expectativa de pausa pelo oponente e que não permitisse sua recuperação em recursos, serviços e infraestruturas para preparação dos novos contingentes a partir da Manchúria. Ridgway almejava provocar não apenas perdas quantitativas, mas principalmente qualitativas no XIII Grupo-de-Exército chinês e desgastar suas unidades mais veteranas.

Seu serviço de inteligência estimava que quatro exércitos chineses e três corpos-de-exército norte-coreanos estavam presentes no teatro-de-operações da seguinte maneira:

- 20 mil norte-coreanos a oeste de Seul e ao longo do rio Han;

⁵⁴³ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 134–135.

⁵⁴⁴ HARUKI. *The Korean War: an International History*, p. 163–164; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 388.

⁵⁴⁵ MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 127.

- 174 mil chineses do IV Exército-de-Campo entre Uijongbu e Hongchon;
- 30 mil chineses do 37º Exército a sul de Chuncheon;
- 22 mil norte-coreanos do III Corpo nas montanhas a leste de Yangnang;
- 32 mil guerrilheiros atrás das linhas norte-americanas;
- Calculava ainda a existência de sete exércitos chineses na Coreia do Norte.

Ele estimava que apenas o 37º Exército era uma unidade nova e que as demais não estariam em condições plenas, e que as forças chinesas e norte-coreanas estariam concentradas no setor central entre Chuncheon e o norte de Wonju.⁵⁴⁶ Ele estimava que tivesse alguma vantagem estratégica no setor ocidental, com aproximadamente 170 mil soldados dos I e IX Corpos, e deveria ser ali que ele deveria começar sua ofensiva.⁵⁴⁷

Essa teria três fases. Uma primeira fase de avanço coordenado entre os I e IX Corpos a partir de cinco linhas pré-estabelecidas de avanço de sete quilômetros uma da outra até as margens do rio Han, onde manteriam uma posição e fariam preparações intensivas até serem capazes de um avanço pujante até o norte de Seul, área mais adequada para sustentar posições defensivas e dar início às negociações. Para isso, não bastava a concentração de soldados e poder de fogo para a retomada de Seul. Era necessária a preparação antecipada de combustíveis, munição e material de edificação para que os serviços de engenharia pudessem avançar e construir rapidamente posições ao norte da cidade. Durante essa fase de preparação no setor ocidental, era importante que o X Corpo norte-americano e os I e III Corpos sul-coreanos avançassem para uma linha de avanço mais ao norte, entre Yongpyong e Kangnung, a fim de tirar a iniciativa do oponente de reagir ao avanço no setor ocidental. Portanto, a retomada de Seul numa terceira fase viria de uma decisão a partir de uma avaliação situacional dos riscos.⁵⁴⁸

A primeira fase da ofensiva iniciou-se com o avanço de uma vanguarda no dia 15 de janeiro (denominada de Operação *Wolfhound*) que expandiu para a ofensiva em linha dos I e IX Corpos a partir do dia 25 (Operação *Thunderbolt*). Já no corredor central, a segunda fase da ofensiva iniciou no dia 5 de fevereiro (Operação *Round up*).

Importante notar que havia uma polaridade na utilidade da suspensão da ação nesse momento, que foi percebida por Ridgway e negada a Peng. O início tão breve da ofensiva norte-americana pegou os chineses de surpresa e não existia um plano defensivo ou estimativa de sua viabilidade. A maioria de seus exércitos estava no norte da Coreia do Norte em recuperação e preparação para a ofensiva chinesa planejada para março de 1951. As forças de cobertura disponíveis no teatro tinham uma pequena margem de superioridade numérica e já se encontravam em desvantagem em termos de poder de fogo e equipamento. No dia 27 de janeiro, Peng recomendou que Mao aceitasse a proposta de cessar-fogo das Nações Unidas, o abandono de Seul e o estabelecimento de uma linha defensiva de 15 a 30 quilômetros ao norte do paralelo 38°. Como havia antecipado para Mao ainda em dezembro de 1950, as forças chinesas não tinham condições de manter a conquista de Seul, bem como o terreno ao longo do paralelo 38° era plano e inadequado para posições defensivas.⁵⁴⁹

⁵⁴⁶ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 157.

⁵⁴⁷ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 438.

⁵⁴⁸ HAMBURGER. *Leadership in the Crucible*, p. 88–89; MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 126–128.

⁵⁴⁹ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 136–138, 142.

No dia seguinte, Mao observava como inapropriado o abandono de Seul e das posições em torno do rio Han antes que houvesse um acordo de cessar-fogo. O objetivo da ofensiva norte-americana era forçar a China e a Coreia do Norte a aceitarem uma trégua em desvantagem estratégica. O que era inaceitável. Mao ordenou a condução de enfrentamentos para desgaste das forças norte-americanas e sul-coreanas. Reconhecendo a impossibilidade de condução de enfrentamentos defensivos e prostrados em torno de Seul, ele apontou que Peng deveria ludibriar o oponente para um envelopamento na região de Wonju. O objetivo estratégico era provocar baixas de 20 a 30 mil soldados sul-coreanos e, assim, ele esperava estancar o avanço norte-americano. Mao começava a considerar a possibilidade de conceder para negociações de cessar-fogo, mas não aceitaria uma posição desvantajosa em decorrência da perda antecipada de objetivos valiosos como Inchon, Seul e o vale do rio Han.⁵⁵⁰

Em 29 de janeiro, Peng recebeu a diretiva de Mao e encaminhou planos operacionais. Ele teve que contar com as desgastadas unidades do XIII Grupo-de-Exército, sendo que não lhe foi autorizado o emprego do IX Grupo, retirado do teatro desde dezembro de 1950 após ter enfrentado o X Corpo norte-americano em Chosin Reservoir. Ele esperava reintroduzir esse contingente no corredor central contra o mesmo X Corpo. Até meados fevereiro de 1951, Peng contava apenas com uma força de cobertura de sete exércitos chineses para cumprir a difícil tarefa de retardar o avanço norte-americano. Desde que as forças oponentes estavam avançando em linha, um ataque frontal contra elas seria desastroso. Assim, ele decidiu empregar o 50º Exército no banco sul do Rio Han para atrasar o avanço norte-americano a Seul, permitindo que as principais forças chinesas recuassem a nordeste e permitir que as forças sul-coreanas em vanguarda no corredor central avançassem e se descolassem de suas colunas e sofressem um ataque concentrado dos 38º, 40º, 42º e 66º Exércitos. Os 38º e 40º atuariam em Hoengseong, o 66º em Hongchon e o 42º em Chip'yong-ni. Ele posicionou ainda o XIX Corpo-de-Exército norte-coreano em Andong e o 26º Exército chinês em Cheorwon como reservas. No corredor central, a missão de retardamento do avanço norte-americano seria dos II, III e V Corpos-de-Exército norte-coreanos com base de operações em Hoengseong e sob o comando de Deng Hua.⁵⁵¹ A literatura geralmente aponta essa como sendo a “4ª Ofensiva Chinesa”. Os contornos políticos e estratégicos tornam evidente que a ofensiva era norte-americana e a China faria uso de enfrentamentos defensivos e ofensivos para conter alterações no teatro de operações.

Em 31 de janeiro, Peng encaminhou um relatório a Mao apresentando a falta de condições das forças chinesas, e que o provisionamento para condução dessas operações de contenção ocorreria no máximo em 6 de fevereiro e, conseqüentemente, estimava que as tropas estivessem prontas apenas a partir do dia 12. Ele oferecia ainda contrafactuais de qual seria a resposta norte-americana ao seu plano de contenção e suas possíveis repercussões estratégicas.

Os problemas logísticos sobrepunham a vantagem numérica que Peng, a princípio, tinha no teatro de operações. Conseqüentemente, os norte-americanos que teriam durante quase duas semanas vantagem numérica efetiva e ampla liberdade de ação. Ademais, ele reforçava que a recém-terminada ofensiva chinesa foi conduzida com grandes dificuldades, sendo que a retomada da ação e o choque com o oponente nessas condições poderiam levar a guerra para uma situação contrária aos chineses. Em 5 de fevereiro, Peng entrou novamente em contato com Mao pedindo que este

⁵⁵⁰ YU. *What China Learned from its “Forgotten War” in Korea*, p. 20.

⁵⁵¹ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 135.

reduzisse suas expectativas. Ele insistia que o melhor a fazer era reter o avanço inimigo e preparar para uma ofensiva posteriormente, e ainda assim se preparar para uma guerra prostrada e dura. Ainda que fosse possível que uma contraofensiva chinesa forte o suficiente para compelir os norte-americanos a suspenderem seu avanço, ele apontava que era mais provável que os Estados Unidos tomariam vantagem da fraca defesa chinesa no setor ocidental e pressionariam sobre Seul para forçar uma retirada de forças norte-coreanas no setor central. Se isso acontecesse, todas elas teriam que se retirar para áreas ao norte do paralelo 38º e sacrificar território para ganhar tempo, a fim de tornar possível realizar um contragolpe chinês mais determinado no futuro.

Nesse último contato, Mao levou em consideração as preocupações de Peng. Ele decidiu em 7 de fevereiro que as forças chinesas iriam ser revezadas no front. No dia 9, ele comunicou que reconhecia que o oponente não iria abandonar a Coreia a não ser que sua principal força fosse dizimada. Reconheceu ainda que a intenção norte-americana era aproveitar oportunidades de tomar posições chinesas depois de ter consolidado posições defensivas e ter encerrado sua reorganização, dessa maneira permitir a expansão de suas conquistas e contrariar a reorganização das forças chinesas.

Mao começava a vislumbrar a necessidade de se preparar para uma guerra prolongada. Ele informou que os reforços – os III e XIX Grupos-de-Exércitos, mais o 47º Exército – começariam a chegar à Coreia em março para substituição de 6 exércitos chineses. O comando central militar chinês também aceleraria a organização de unidades de tanques, artilharia antiaérea, foguetes e obuses.⁵⁵²

10.3 INÍCIO DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY

A composição da força que iniciaria a 1ª Ofensiva Norte-Americana de 1951 era com unidades que tiveram participação marginal contra a recente ofensiva chinesa – como a Brigada Turca e a 1ª Divisão de Cavalaria – e ainda as divisões norte-americanas e sul-coreanas que se beneficiaram primeiro da retirada de Seul. Seguindo essa lógica, as brigadas britânicas e a 24ª Divisão norte-americana não participaram dessa primeira fase da ofensiva. No setor ocidental ao sul do rio Han, Peng Dehuai contava com sete divisões de quatro Exércitos chineses e um Corpo-de- Exército norte-coreano.

⁵⁵² HARUKI. *The Korean War: an International History*, p. 165; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 138–139.

Corpo-de-Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo norte americano	Brigada Turca	5.500
	25ª Divisão EUA	15.675
	1ª Divisão sul-coreana	10.000
	Subtotal	41.175
IX Corpo norte americano	1ª Divisão de Cavalaria EUA	20.000
	6ª Divisão sul-coreana	14.578
	Subtotal	34.578
Total		65.753
Exército/Corpo-de-Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo norte-coreano	8ª	5.000
38º Exército chinês	112ª	7.700
	113ª	7.500
	Subtotal	15.200
42º Exército chinês	125ª	7.500
50º Exército chinês	148ª	8.000
	149ª	8.000
	150ª	8.000
	Subtotal	24.000
Total	7 divisões	51.700

TABELA 10.1 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY, 15 JANEIRO-05 DE FEVEREIRO DE 1951

FONTE: Appleman (1990), p. 40, 43; Shrader (1995), p. 231; Jordan (1999), p. 225-226. Edwards (2006), p. 512-525

Desde o dia 7 de janeiro, os I e IX Corpo-de-Exércitos norte-americanos conduziam pequenas patrulhas sem contato com forças oponentes. Ridgway apontava esses resultados como insatisfatórios, por isso delineou um modelo de reconhecimento que deveria ser replicado por todos os seus comandantes de Corpo-de-Exército. Em 14 de janeiro, Ridgway despachou o plano de um reconhecimento em força para o dia seguinte e ordenou que os dois Corpos do setor ocidental se preparassem. A Operação *Wolfhound* tinha como meta estabelecer contato com as forças chinesas ao avançar uma vanguarda até o sul da cidade de Suwon. Houve a ação coordenada de 24 bombardeiros B-26 e 126 caças-bombardeiros em 100 missões aéreas, um batalhão de tanques e quatro batalhões de artilharia para interdição da área entre Suwon e Osan por quarenta minutos a partir das 08h00, seguido de um reconhecimento em força de dois dias pelo 27º Regimento da 25ª Divisão norte-americana.

Em decorrência de nenhuma reação chinesa significativa, Ridgway instruiu uma operação similar pelo IX Corpo para o dia 22 de janeiro. A Força-tarefa Johnson era composta por um regimento reforçado da 1ª Divisão de Cavalaria com a missão de buscar contato com forças oponentes ao avançar pela Rodovia 55 até sua junção com a Rodovia 20 entre Kumyangjang-ni e Ichon, o que ocorreu às 15h00 desse dia. A Força-tarefa Johnson recebeu apoio dedicado da Força Aérea com 44 missões. Com sua missão cumprida, ela voltou para sua posição original no IX Corpo às 17h30

e encerramento da Operação *Wolfhound*, provocando 1.340 baixas chinesas, sendo 1.230 por ação aérea, e sofrendo 17 baixas.⁵⁵³

Como parte do plano defensivo de Peng, desde o dia 19 de janeiro, as forças do II e V Corpos-de-Exército norte-coreanos começaram uma retirada gradual de Wonju e Hoengseong, cedendo a posição para o 9º Regimento norte-americano, de maneira a atrair as forças sul-coreanas do X Corpo para a emboscada planejada para o início de fevereiro.

Ridgway não estava satisfeito com o resultado das missões de reconhecimento no setor ocidental, por isso a Operação *Thunderbolt* foi iniciada em 25 de janeiro com o avanço combinado dos dois regimentos de infantaria em vanguarda dos I e IX Corpos para contato com as forças chinesas, seguidos do deslocamento do restante do contingente de quatro divisões. O avanço seguiria por meio de cinco linhas de controle entre as Linha D e o Rio Han, tendo como primeira diretriz liberar a região de Suwon de forças oponentes.

A partir de uma linha de avanço entre Osan, Chon-ni e Yoju, em 25 de janeiro, o I Corpo avançou com o 35º regimento da 25ª Divisão norte-americana em direção a Suwon e a Brigada Turca em direção a Kumyangjang-ni, principal vila entre Suwon e o rio Han, onde se encontrou maior resistência. A leste, o IX Corpo avançou com dois regimentos da 1ª Divisão de Cavalaria na mesma manhã do dia 25 de janeiro, com muito menor atividade chinesa. No dia 26 de janeiro, o general Milburn ordenou que o 35º Regimento avançasse até Suwon, encontrando uma cidade abandonada. Já a Brigada Turca continuou a enfrentar grande resistência de chineses entrincheirados em Kumyangjang-ni. A luta foi mais intensa na Colina 156 e apenas pela noite do dia 26 que os chineses recuaram deixando 475 mortos.

A ofensiva continuou em direção às colinas na margem sul do rio Han. A nordeste de Suwon, a resistência continuou pelo 50º Exército chinês contra a vanguarda do I Corpo norte-americano e, até então, uma única divisão do 38º Exército chinês enfrentava o IX Corpo dos Estados Unidos. Em ambas as áreas, a resistência chinesa foi relevante, principalmente a frente da 1ª Divisão de Cavalaria.

O relativo sucesso do início da ofensiva de Ridgway era acompanhado da ofensiva diplomática norte-americana que produziu a aprovação na Assembleia Geral das Nações Unidas da resolução que condenava a China comunista como país agressor. Com 44 votos a favor, 7 contra, 9 abstenções e sem uma representação chinesa para sua defesa, os Estados Unidos inviabilizaram definitivamente que negociações de cessar-fogo ocorressem no âmbito das Nações Unidas. Reconhecendo ainda a força política internacional da ação conjunta de China e União Soviética, os Estados Unidos impunham o alinhamento de países a um dos lados da Guerra Fria e davam novo ímpeto na construção de sua rede global de alianças. O efeito negativo era que a resolução insulou a liderança política chinesa ainda mais dentro das orientações e interesses soviéticos, enviesando as decisões de Mao.⁵⁵⁴

De ambos os lados, as lideranças políticas aumentavam as apostas sobre a situação futura do equilíbrio de forças na Coreia. Os norte-americanos apostaram que ela seria revertida, e os chineses que sua vantagem seria estendida. De qualquer modo, os novos desenvolvimentos estratégicos

⁵⁵³ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 441.

⁵⁵⁴ KAUFMAN, Burton I. *The Korean War: Challenges In Crisis, Credibility And Command*, 2 Sub. New York: McGraw-Hill College, 1996, p. 133–138; ZHU. *The Road to an Armistice: an Examination of the Chinese and American Diplomacy during the Korean War Cease-Fire Negotiations, 1950-1953*, p. 56–60.

escapavam de qualquer controle ou estimativa probabilística. Embora os norte-americanos tivessem vantagem contra os chineses no setor ocidental, chineses e norte-coreanos se concentravam contra as divisões sul-coreanas no corredor central. Na área em torno de Chipyeong-ni, havia paridade de forças e a possibilidade de ruptura mais grave das linhas de ambos os lados.

10.3.1 A Batalha dos Tuneis Gêmeos, 28 de janeiro – 3 de fevereiro⁵⁵⁵

Essa batalha foi um prelúdio das principais batalhas da 1ª Ofensiva de Ridgway e sua importância se deve ao fato de que foi a partir dela que os principais enfrentamentos entre os dois oponentes foram desenvolvidos.

Do lado norte-americano, o principal foco de Ridgway ao fim de janeiro era com relação aos preparativos para a Operação *Punch* pelo IX Corpo com o objetivo de tomar a Colina 440 a sudeste de Seul na região de Yangpyong, posição que estabeleceria a cabeça-de-ponte para a reconquista de Seul. A operação seria conduzida por uma Força-tarefa composta pela 25ª Divisão norte-americana, reforçada de unidades de artilharia pesada, blindados e apoio de fogo aéreo.⁵⁵⁶ O X Corpo tinha como tarefa assegurar o flanco direito dessa operação, bem como conduzir reconhecimento ao norte da Rota 20 entre Yoju-Wonju. Para essa missão, moveu-se o 23º Regimento da 2ª Divisão norte-americana de Iho-ri, a leste de Yoju, coordenadamente com 19º Regimento do 24ª Divisão do IX Corpo norte-americano em direção a Chipyeong-ni. Desse avanço houve o encontro com forças chinesas na Batalha dos Tuneis Gêmeos. Do lado chinês, essa área tinha valor estratégico por conta que o vale por onde passa a linha férrea entre Chipyeong-ni e Wonju era essencial para concentração de forças e proteção do flanco direito do golpe que se desejava desferir contra as divisões sul-coreanas do X Corpo em Hoengseong.

Portanto, a batalha se desenvolveu do encontro não esperado entre as vanguardas das duas forças oponentes. Enquanto o 23º Regimento da 2ª Divisão pelo X Corpo, em contato com o 21º Regimento da 24ª Divisão do IX Corpo, operava no estuário no extremo leste do rio Han, a 125ª Divisão do 42º Exército chinês tinha a missão de manter em mãos chinesas o acesso entre Chypiong-ni e Wonju. As diferenças de valor estratégico entre as missões norte-americana e chinesa explicam a diferença de números e agressividade entre ambos os lados. Os efetivos dessa batalha eram:

⁵⁵⁵ Ver: COLEMAN. *Wonju*, p. 68–74; HAMBURGER. *Leadership in the Crucible*, p. 98–104; 125; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 400; GUGELER, Russell A. *Combat Actions in Korea*, [s.l.]: University Press of the Pacific, 1954, cap. 7; principalmente, APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 198–209, 212–217.

⁵⁵⁶ EDWARDS, Paul M. *Korean War Almanac*, New York: Facts on File, 2006, p. 168.

Unidade principal	Composição	Números
125ª Divisão chinesa	373º Regimento	2.200
	374º Regimento	2.200
	375º Regimento	2.200
Total de forças chinesas		7.000
23º Regimento norte-americano	1º Batalhão	900
	2º Batalhão	900
	3º Batalhão	900
	Batalhão Frances	1.020
Total de forças norte-americanas		3.720

TABELA 10.2 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DOS TUNEIS GÊMEOS

FONTE: Chiles (1951); Appleman (1990), p. 209

No dia 28 de janeiro, houve o primeiro contato entre as duas vanguardas. Uma patrulha motorizada norte-americana composta pela Companhia K do 23º Regimento, reforçada pela Companhia M de armamentos pesados, foi emboscada ao norte da rodovia entre Wonju e Yoju, próximo à vila de Anchang-ni. A patrulha consistia de um oficial e 16 soldados em cinco jipes, e a emboscada prosseguiu com 200 soldados chineses. Uma patrulha conduzida paralelamente com 24 soldados, veio em resgate, mas foi forçada a se retirar pela inferioridade de números. Com esse evento, o Coronel Freeman, o comandante do 23º Regimento, enviou a Companhia F, que foi capaz de penetrar o perímetro da unidade chinesa e recuperar os corpos e jipes.

No mesmo dia, Freeman enviou uma segunda patrulha reforçada para a área dos Tuneis Gêmeos, a seis quilômetros de Chipyeong-ni e a um quilometro e meio da vila Sinchon. Essa área era afastada das bases de operações dos dois regimentos dispostos no setor e era servida por uma má ponte, que impedia o uso de tanques ou artilharia de infantaria. Para a surpresa de todos, não houve mais contato com chineses.

No dia 29, ambos os regimentos norte-americanos enviaram duas patrulhas de companhias reforçadas, que deveriam se encontrar às 10h30 em Iho-ri, na margem leste do rio Han, com a missão de estabelecer contato com as forças chinesas que se acreditava estarem concentradas na área de Tuneis Gêmeos, mas não deveriam engajar com elas. O contingente do 23º Regimento era comandado pelo tenente James Michthell e o contingente do 21º Regimento era comandado pelo tenente Harold Mueller. Eles seriam acompanhados pelo capitão Melvin Stai, oficial-assistente de planejamento e operações (S-2) e, em um avião de observação Mosquito, pelo major Millard Engen, oficial-assistente de pessoal (S-1) do 1º Batalhão do 23º Regimento.

A patrulha conjunta teve início às 11h15, composto pela Companhia C do 23º Regimento e apenas uma seção da Companhia F do 21º Regimento, totalizando 60 soldados e 4 oficiais, enquanto o restante dessa companhia ficaria de reserva às margens do rio Han.⁵⁵⁷

⁵⁵⁷ A Companhia C era composta por 44 soldados (sendo 20 recrutas recém incorporados), duas BARs, dois rifles sem recuo 75 e 57mm, um lançador de foguetes de 3,5 polegadas e duas metralhadoras leves, duas metralhadoras. 53 metralhadoras. 30 montadas em veículos, nove jipes e dois caminhões. A seção da Companhia F que seguiu na patrulha conjunta era composta por seis fuzis automáticos BARs, uma metralhadora de calibre 30, um oficial e 14 soldados. A Companhia F era composta por Companhia F reforçada: morteiros de 81mm e uma seção de armamentos pesados, um grupo de observação avançada de artilharia com rádios para requisição e controle de apoio de fogo aéreo. Eram 167 soldados e oficiais, 13 jipes e oito caminhões, comandados pelo capitão Stanley Tyrell.

Após a ultrapassagem do rio Han, o capitão Stai se ofereceu para investigar a vila de Sinchon e nunca foi mais visto e seu motorista morto. Mesmo com a perda deste contato, a patrulha tomou a trilha até os Tuneis Gêmeos. Houve contato com chineses às 12h15. Indo contras instruções da missão, eles engajaram e foram respondidos com cargas de morteiros. O avião de ligação Mosquito com o major Engen identificou um grande número de soldados chineses em torno dos vales da área e tentou fazer contato com o tenente Mitchell para sua imediata evacuação. Esse identificou soldados chineses na Colina 453 e assumiu que estavam sendo emboscados e decidiu que tinha que forçar a extração de suas forças justamente por ali. Pois, seria aonde os chineses teriam estabelecido uma posição haveria menos tempo e o caminho que ele conhecia e, possivelmente, o mais curto para retorno as suas linhas amigas. Após uma breve tentativa e com medo de ter seu destacamento infiltrado, ele decidiu estabelecer uma posição defensiva na crista da Colina 333, no lado leste do vale e esperar por resgate. Às 13h45, teve início os ataques chineses com ataques diretos com soldados munidos de rifles, submetralhadoras e suportados com fogo de metralhadoras e lançadores (humanos) de granadas. Cinco desses ataques foram realizados ao longo de uma hora. Às 15h00, houve o sobrevoo de um avião de ligação L5 que lançou às forças americanas munição de carabinas e rifles e algumas granadas. Em um segundo sobrevoo, deu-se a mensagem que haveria uma coluna de reforço a caminho.

A coluna de reforço composta pelo restante da Companhia F foi instruída às 13h00 com a missão de resgatar a patrulha, caso fosse possível, antes do anoitecer. Se anoitcesse antes do resgate ou antes de se estabelecer contato com a patrulha, a missão era estabelecer um perímetro defensivo e continuar a missão no dia seguinte. O deslocamento teve início às 15h15 e chegou aos Tuneis Gêmeos às 17h35, logo após o emprego de uma barragem de apoio de fogo aéreo direto contra as forças chinesas. Foram realizados dois ataques com quatro bombardeiros utilizando napalm, foguetes e metralhadoras. Às 18h00, os chineses lançaram mais um ataque à patrulha, com, estima-se, 500 soldados, que foi encerrado ao escurecer.

O capitão Tyrell, com sua coluna de resgate, decidiu que não poderia fazer contato se não neutralizasse a Colina 453. Ordenou uma base de fogo contra ela, combinado com o ataque de dois pelotões. Após a expulsão dos soldados chineses dali, estabeleceu um perímetro com o 1º Pelotão, enquanto o 3º Pelotão manteve posição na Colina 333 e o 2º Pelotão posições ao norte. Toda a disposição foi encerrada às 21h00. Por volta das 22h00, Tyrell conseguiu fazer contato por rádio com o tenente Mitchell e, às 22h30, o 3º Pelotão conseguiu fazer contato direto com a patrulha. Às 03h00 do dia 30 de janeiro, a coluna de Tyrell alcançou e resgatou a patrulha, com a remoção dos 30 feridos do perímetro, sem resistência chinesa. Nessa primeira escaramuça, as baixas norte-americanas foram de 39 mortos, 30 feridos e cinco desaparecidos, e as chinesas em torno de 200 mortos e 175 feridos.

No mesmo dia 30 de janeiro, o comandante do X Corpo, general Almond, ordenou uma resposta agressiva pelo 23º Regimento. Esse deveria tomar a posição nos Tuneis Gêmeos e identificar as unidades chinesas, o que foi procedido logo no dia 31, apesar do questionamento do tenente-coronel Freeman. Este interpretava que o desempenho das forças chinesas demonstrava que elas tinham maiores números e vantagem de iniciava de ataque, ao contrário do seu regimento ao iniciar uma missão tempestiva, sem preparação adequada e suas baterias de artilharia. Portanto, ele decidiu que não comprometeria todo seu regimento, mantendo metade de seus batalhões em reserva, e os outros dois batalhões avançados em um forte perímetro defensivo. O Batalhão Francês e o 3º Batalhão norte-americano avançariam ao Tuneis Gêmeos, enquanto o 1º Batalhão defenderia a rodovia

de Munmang-ni a Yoju e o 2º Batalhão ficaria como reserva em Munmang-ni sob o controle da 2ª Divisão. Enquanto isso, a 125ª Divisão chinesa foi ordenada a atacar essas forças. Houve o avanço forçado do seu 374º Regimento para testar o oponente e anular seus principais armamentos pesados, o que daria tempo para preparação de um ataque mais organizado e concentrado pelos demais dois regimentos.

Às 06h00 do dia 31 de janeiro, enquanto o Batalhão Frances avançou pela mesma rodovia utilizada pela patrulha conjunta Mitchell-Mueller, o 3º Batalhão norte-americano avançou paralelamente através das colinas. Coordenando base de fogo e avanço com observação aérea, a operação seguiu sem sobressaltos. Às 13h00, o Batalhão Frances tomou as Colinas 453 e 279 e o 3º Batalhão da Colina 333, mas a concentração dos dois batalhões foi em um perímetro em torno da rodovia e os Tuneis Gêmeos, pois permitia uma posição mais compacta, com disposição de um tanque e plataformas antiaéreas e antitanque.

O ataque chinês teve início às 04h50 do dia 1º de fevereiro contra a seção norte do perímetro norte-americano com elementos do 374º Regimento. Ele foi direcionado para a neutralização dos tanques e carros de lançadores de foguetes e granadas. Depois de se concentraram contra a Companhia L, ao leste da rodovia, a aplicação de fogo concentrado empurrou os chineses que redirecionaram seu ataque mais para leste buscando uma brecha entre as companhias L e I e pressionando agora principalmente essa última. No entanto, a ação combinada entre elas foi capaz de desgastar e contra golpear esse ataque. Enquanto a Companhia I ocupava uma posição mais elevada, seu recuo momentâneo seguido de um contragolpe, expunha o ataque chinês ao fogo da Companhia L.

Um segundo ataque chinês foi iniciado às 06h00, com o 373º Regimento atacando às unidades do Batalhão Frances posicionado na Colina 453, que sofreu diversas baixas em decorrência da base de fogo francesa estava preparada para cobrir a área a partir da Colina 543, de onde a coluna chinesa avançava. Ainda assim, elementos chineses alcançaram a posição da 1ª Companhia francesa, que teve que rechaçar as forças chinesas com uma carga de baioneta às 10h20. Posteriormente, o regimento chinês tentou romper uma brecha entre as 1ª e 2ª Companhias francesas. Para rechaça-lo, foi necessário emprego intenso de fogo da Companhia Pesada francesa e deslocamento de nove tanques.

Um terceiro eixo de ação chinesa foi um bloqueio na estrada ao norte isolando os Tuneis Gêmeos do 1º Batalhão e da artilharia. O Coronel Freeman ordenou que se desbaratasse tal bloqueio e preparasse o restante do Batalhão para avançar contra sua posição. Ao mesmo tempo, ele enviou a Companhia B para pressionar o bloqueio chinês pelo sul e proteger as posições de artilharia. Tal tarefa foi cumprida ainda pela manhã. Antes do meio-dia, o comandante da 2ª Divisão, general-major Ruffner, decidiu que era hora de utilizar a unidade reserva do 23º Regimento. O 2º Batalhão iniciou seu deslocamento às 14h00, tendo a Companhia E como vanguarda, que se engajaria na batalha apenas o fim da tarde.

Nesse meio tempo, os chineses retomaram seu ataque ao norte dos Tuneis Gêmeos, agora buscando uma brecha entre a Companhia L norte-americana e a 3ª Companhia francesa. Nessa tentativa, os chineses foram capazes de romper as linhas norte-americanas, ameaçar o flanco da companhia francesa, que foi obrigada a recuar, e ainda aplicar fogo contra o posto de comando regimental. Esse esforço chinês foi bem coordenado, pois houve início de ataques limitados a outros setores do perímetro, o que impedia o reforço da posição francesa, onde se dava o principal esforço chinês.

Nesse momento, o coronel Freeman empregou todo o pessoal de apoio para reforço dos demais setores, e concentrou o fogo dos armamentos pesados do regimento contra a base de avanço chinês no setor norte. Após dez minutos de fogo de saturação, houve a carga de baioneta francesa que, com sucesso, foi capaz de retomar sua posição no perímetro. No entanto, nos setores sul – contra as 1ª e 2ª Companhias francesas – e leste – contra a Companhia I – os ataques chineses continuaram.

O ataque chinês foi apenas revertido devido à ação de 25 caças-bombardeiros Corsair dos fuzileiros navais a partir das 15h00. A melhoria das condições de voo também permitiu que 14 aviões de carga C-119 despachassem suprimentos e munição. Somando a isso a concentração das baterias de artilharia e a realocação de parte das Companhias L e K, houve contenção do ataque chinês às 17h30. Os americanos foram capazes ainda de encurralar parte dos chineses da coluna principal ao norte, empregando tanques para bloqueio na rodovia principal e concentração de fogo de saturação de plataformas antiaéreas M16.

O 2º Batalhão norte-americano não teve participação da batalha, mas desbaratou os vários outros bloqueios chineses ao longo da estrada para Yaju e foi posicionado para recomposição do perímetro ao longo da noite. Pois, se preparava para a retomada do ataque chinês, o que não ocorreu. O 23º Regimento manteve sua posição no dia 2 de fevereiro e retomou o avanço ao norte no dia 3 até Chip'yong-ni, onde passou a estabelecer nova posição defensiva. Nesse mesmo dia, o general Ridgway, acompanhado dos comandantes subordinados do X Corpo e da 2ª Divisão e do Subsecretário do Exército Earl Johnson visitaram os Tuneis Gêmeos para avaliação. Levando em conta a efetividade do emprego das forças combatentes norte-americanas e francesas e seus resultados táticos, desenvolveu-se toda a preparação para as duas sucessivas e grandes batalhas dessa ofensiva. O 23º Regimento teve **257 baixas** – sendo 45 mortos, 207 feridos e 5 desaparecidos; enquanto a 125ª Divisão chinesa teve 1.300 mortos e 3.600 feridos, totalizando **4.900 baixas**.

A Batalha dos Tuneis Gêmeos foi importante porque ensinou às forças norte-americanas a abordagem tática para enfrentar os chineses por todo o restante da campanha, o que mereceu a atenção especial de Ridgway e seus principais comandantes subordinados. Ou seja, não era apenas possível que forças americanas fossem capazes de manter uma posição defensiva quando enfrentassem unidades chinesas mais numerosas, mas essa parecia ser a fórmula para imposição de taxas relativas de baixas muito superiores aos chineses, provocando o desgaste desejado sobre suas forças combatentes.

Ainda assim, existiam lições a serem aprendidas de fragilidades logísticas e táticas do desempenho do 23º Regimento. Eram necessárias medidas redobradas contra a grande capacidade chinesa de infiltração noturna. Era necessário mais cuidado na disposição e plano de emprego de fogos de morteiros e artilharia, pois em áreas amplas de terreno acidentado, como os vales coreanos, a resposta da requisição de fogo poderia levar muito tempo. O planejamento de emprego de fogo no máximo de situações e locais possíveis poderia oferecer respostas mais rápidas e precisas. Ainda assim, as infiltrações chinesas seguidas de ondas seriam capazes de romper entre os pontos cegos e mais fracos quando todo o perímetro estivesse sob pressão. Contra isso, era importante reter uma capacidade pronta de choque para contragolpe. Além da necessidade de uma reserva de infantaria, essa seria uma preparação mais adequada para o emprego dos poucos e leves tanques que os regimentos tinham a disposição. Por fim, tendo o isolamento de unidades norte-americanas contra números chineses superiores, era importante ter preparação de maiores reservas de ordenança e

municiões e áreas, idealmente pistas de pouso, para reabastecimento via meios aéreos, que também serviriam para a evacuação de feridos e mortos.⁵⁵⁸

Tendo em vista à clara importância dada aos chineses aos Túneis Gêmeos e estando o 23º Regimento perigosamente destacado da linha de controle do X Corpo, a ele foi ordenado avançar até as colinas da vila de Chipyeong-ni, sendo que o 9ª Regimento teria função de manter a rodovia para Yaju aberta, enquanto a 2ª Divisão norte-americana manteria esta vila como base de operações e o 38º Regimento ocuparia Hoengseong, 32 quilômetros a leste. Os norte-americanos não haviam dado a devida importância estratégica a essa área, nem ao plano de contraofensiva chinesa. Eles continuaram a definir essa área como o flanco esquerdo, sob a proteção da 2ª Divisão, do esforço principal de avanço do X Corpo pelas 5ª e 8ª Divisões sul-coreanas. O comandante da operação, o general Almond, continuava a insistir que os sul-coreanos avançariam a partir de Hongchon, a 24 quilômetros de Hoengseong e da unidade norte-americana mais próxima. As demais forças norte-americanas disponíveis, a 7ª Divisão e o 187º Regimento Aeroterrestre, protegeriam o flanco direito a partir de Pyongchang.⁵⁵⁹

Do lado chinês, Peng evitou a tentação de reorientar as forças chinesas contra Chipyeong-ni, como foi proposto pelo seu subcomandante, o general Han Xianchu. Peng, assim, como comandante do XII Grupo-de-Exército, Deng Hua, não viam ganhos em se chocar contra uma unidade norte-americana sólida. As forças sul-coreanas, por sua vez, não tinham a mesma capacidade de retirada e defesa coesa. Assim, qualquer ataque a Chipyeong-ni seria uma diversão para o esforço principal no corredor Hoengseong-Wonju, e mantiveram-se, como alvo do contragolpe chinês, as 8ª e 5ª Divisões sul-coreanas em Hoengseong. Peng tinha convicção que não era capaz de empurrar as forças norte-americanas para o sul do paralelo 38º e que era importante precaução na contenção do avanço oponente. Assim, ordenou que o I Corpo-de-Exército norte-coreano e os 50º e 38º Exércitos chineses defendessem posições ao sul e a oeste do rio Han, no máximo com ataques limitados ao flanco do IX Corpo norte-americano. Mas tal operação dependia no controle das estradas que passam por Chipyeong-ni, cujo controle também possibilitava que o 42º Exército realizasse um envelopamento profundo na retaguarda da 2ª Divisão norte-americana. Peng informou Mao que era relutante com relação a essa última operação e pedia a liberação do XIX Grupo-de-Exércitos da Manchúria como reserva. Mao negou.⁵⁶⁰

10.4 O AVANÇO NORTE-AMERICANO AO RIO HAN, 4 A 10 DE FEVEREIRO

Como se descreveu anteriormente, as forças chinesas foram pegas de surpresa pelo avanço norte-americano. O 50º Exército era a única unidade em prontidão, não existiam planos de continência para reforço e os comandantes chineses e norte-coreanos encontravam-se em conferência com Peng Dehuai. Apenas no dia 29 de janeiro que se executaram as primeiras instruções para fazer frente ao avanço norte-americano. Peng ordenou que o 38º Exército chinês e o I Corpo-de-Exército norte-coreano, reforçado com os 26º e 38º Exércitos em Uijongbu, retardassem o avanço oponente ao sul do rio Han, enquanto o ataque às divisões sul-coreanas era organizado no corredor central. Essas unidades foram capazes de engajar completamente apenas em 4 de fevereiro, quando o 50º

⁵⁵⁸ HAMBURGER. *Leadership in the Crucible*, p. 128.

⁵⁵⁹ *Ibid.*, p. 125.

⁵⁶⁰ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 400.

Exército estava bastante exaurido. Para aliviar a pressão em Seul, Peng considerou adiantar a execução do assalto às forças da Coreia do Sul em Hoengseong, mas Mao vetou, pois considerou que teria pouco efeito.

Do lado norte-americano, em resposta ao novo ímpeto da resistência chinesa a partir do dia 5 de fevereiro, os I e IX Corpos norte-americanos organizaram forças-tarefas de blindados e infantaria para flanquear e romper as posições chinesas na estrada entre Yongdongpo e Anyang. A primeira era a Força-tarefa Dolvin, formada por um batalhão de infantaria, um batalhão de tanques, um pelotão de morteiros pesados, um pelotão de engenheiros e um pelotão de bateria antiaérea e uma unidade de orientação de apoio de fogo aéreo. A Força-tarefa Bartlett seguiu em direção a Inchon, com a mesma composição. No entanto, enquanto, a Dolvin teve fácil avanço, Bartlett sofreu maior resistência. As forças chinesas haviam criado um bolsão de resistência na divisa dos dois Corpos-de-Exército norte-americanos que, em resposta, organizaram um ataque combinado no dia 6 de fevereiro, que teve sucesso em romper a resistência oponente no dia seguinte. A força remanescente do 50º Exército recuou para a margem norte do rio Han, enquanto o 38º Exército permaneceu na margem sul com a missão de retardar o avanço oponente e proteger o flanco direito do front chinês. Como resultado, essa unidade teve uma divisão e mais dois regimentos neutralizados. A operação chinesa e norte-coreana de retirada para o norte do rio Han encerrou na noite do dia 8 de fevereiro.

As forças norte-americanas continuaram seu avanço. A Força-tarefa Alvin, formada por partes de Dolvin e Bartlett, em 10 de fevereiro, seguiu até às margens do rio Han imediatamente ao sul de Seul. A Força-tarefa Bartlett seguiu e tomou o aeroporto de Kimpo, posição que foi consolidada por Dolvin no dia seguinte.

Ridgway concluiu que a maioria das forças chinesas estava se reposicionando ao norte do rio Han e que haveria pouca resistência ao sul de suas margens. Ordenou então que as forças norte-americanas avançassem até essa posição com capacidade de mantê-la. No mesmo dia, os comandantes dos I e IX Corpos-de-Exército reforçaram seus fronts, respectivamente, com as 3ª e 24ª Divisões, cada uma delas reforçada com um regimento sul-coreano. A essa altura Ridgway já havia colocado em andamento o plano para continuação da ofensiva nos setores central e leste.

Esse início da ofensiva de Ridgway teve um mais elevado número de baixas – 3.000 – e aplicou em torno de 10 mil baixas chinesas. Isso evidencia a ainda baixa proficiência tática e moral das forças norte-americanas, inclusive no emprego de apoios de artilharia e aéreos.⁵⁶¹

As próximas três batalhas que se seguiram no corredor central se desdobraram com grandes baixas para os ambos os lados e colocaram em risco seus respectivos planos de campanha. Enquanto do lado norte-americano, havia falhas no desenho da Operação *Roundup* e erros de decisão do comandante do X Corpo-de-Exército, general Almond; no caso chinês, se impunha às forças sob Peng imperativos políticos e constrangimentos logísticos que extenuaram as condições de se manter o equilíbrio estratégico favorável que existia até então.

⁵⁶¹ ECKER, Richard. **Korean Battle Chronology**. Jefferson: McFarland, 2005, p. 83–84.

10.4.1 A Batalha de Hoengseong de 7 a 18 de fevereiro⁵⁶²

J.D. Coleman aponta que as batalhas que ocorreram entre 5 e 18 de fevereiro em torno do Wonju no corredor central da Península Coreana como a Gettysburg da Guerra Sino-americana. Do ponto de vista estratégico, elas marcaram o início da alteração do equilíbrio de forças a favor dos norte-americanos. Do ponto de vista tático, essas batalhas foram dramáticas pelas intensidades como as elas foram travadas e pelos erros dos comandantes-de-campo norte-americanos.

Em 5 de fevereiro, tinha início a segunda fase da 1ª Ofensiva de Ridgway, sob o codinome de Operação *Punch*. Essa envolvia avanços nos flancos da Península Coreana e no setor ocidental do front que dessem as bases logísticas e estratégicas para a retomada de Seul e avanço da linha norte-americana para o paralelo 38°. Nas costas leste e oeste, as forças aéreas e navais norte-americanas iniciaram a interdição de forças oponentes em torno dos portos de Inchon e da ilha de Wonsan, respectivamente. Essas operações visavam, inicialmente, a fixar as forças chinesas e norte-coreanas na Coreia do Norte em decorrência de medo de assaltos anfíbios e em dar as condições para retomadas de posições pelos Corpo-de-Exércitos norte-americanos e sul-coreanos.

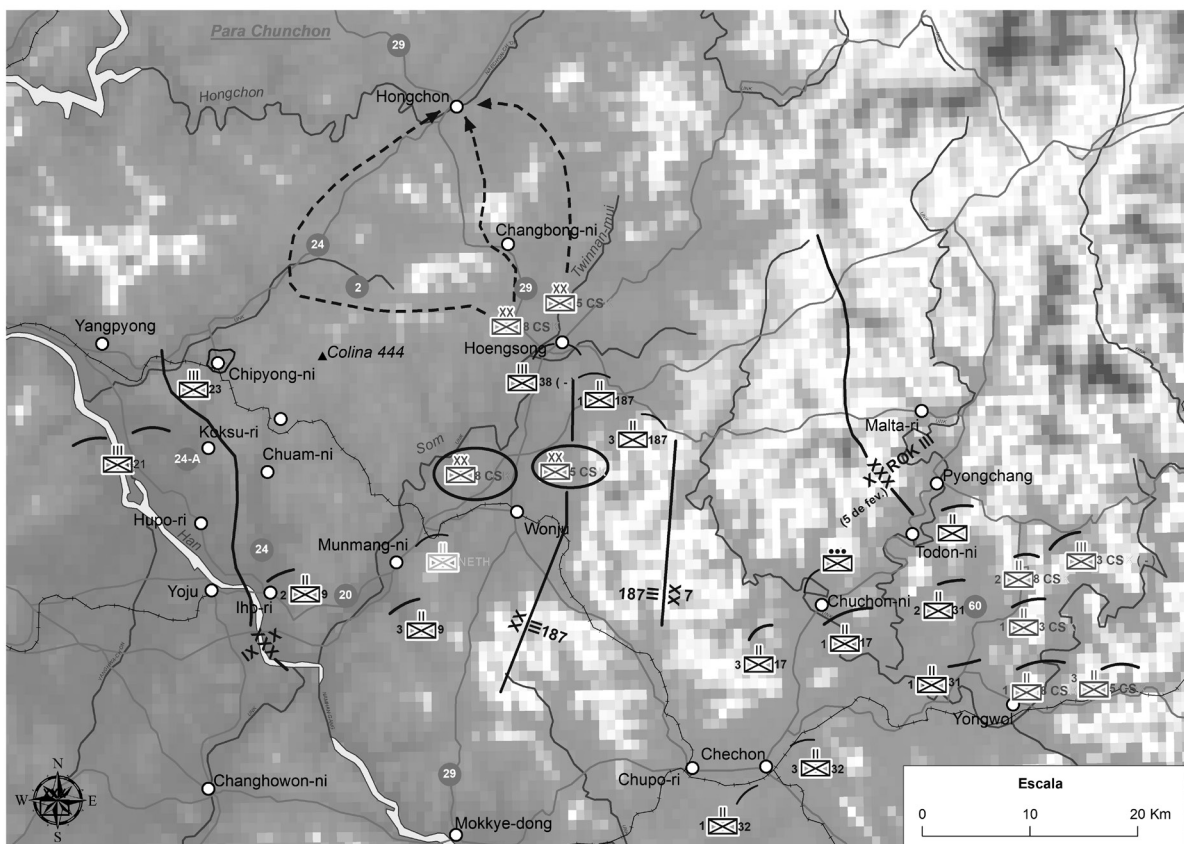
No setor ocidental, o I Corpo norte-americano continuava a ter contato com o 50º Exército chinês, apesar de sua operação de retardamento ter se extinguido já no dia 6 de fevereiro. O IX Corpo avançou sobre as margens norte do rio Han na região de Yangpyong contra um 38º Exército entrincheirado. Nesse ponto, o rio mudava sua orientação oeste-leste para sul-norte, o que favorecia o controle de uma base de operações para retomada de Seul pelo IX Corpo e ameaçando o flanco esquerdo das forças chinesas que a controlavam. Por isso, antes de avançar o IX Corpo contra a posição chinesa, Ridgway ordenou o avanço do 23º Regimento a Chipyeong-ni, vila próxima a Wonju, que era importante pela possibilidade de controle do sistema de rodovias e a ferrovia na área central da Península.

No setor oriental do front, os I e III Corpos-de-Exército sul-coreanos tinham missões de avançar entre as montanhas Taebaek e a costa leste da Coreia do Sul para manutenção da unidade do front e ainda combinação terrestre com as operações navais em Wonsan. De maneira menos grave de que no caso do IX Corpo norte-americano, eles também tinham sua posição fragilizada pela porosidade das disposições das unidades do X Corpo norte-americano. Neste caso, o flanco esquerdo dos Corpos-de-Exércitos sul-coreanos era exposto à infiltração de novas guerrilhas norte-coreanas que tiveram suas atividades suprimidas na região sudeste da Coreia do Sul havia apenas duas semanas.

Ridgway não antecipou o contragolpe chinês no corredor central, que era o setor de seu esforço principal em composição com os recuos controlados das forças chinesas nos setores ocidentais e orientais do teatro. O serviço de inteligência norte-americano não reportou força oponente no corredor central, exceto uma concentração de unidades norte-coreanas em Hoengchon, que poderia iniciar uma ação contra o IX Corpo em 8 de fevereiro. Portanto, a Operação *Roundup* seguiu cronograma tendo como objetivo o alinhamento do X Corpo em correspondência aos avanços dos demais Corpos-de-Exército norte-americanos e realizar um reconhecimento em força contra essa potencial ameaça norte-coreana.

⁵⁶² Ver APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 293–306; COLEMAN. *Wonju*, p. 96–106, 116–117, 126; EDWARDS. *Korean War Almanac*, p. 166–174; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 465, 484–485; ZHANG. *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950–1951*, p. 107–108.

O problema era que a região de Hoengchon se encontrava 24 quilômetros ao norte de Hoengseong, onde se encontrava a base da linha defensiva do X Corpo, estando Chipyong-ni em posição equidistante dessas duas cidades. Consequentemente, o X Corpo norte-americano não tinha uma linha de controle do seu front capaz de prevenir ou agir contra infiltrações oponentes. O detalhamento da Operação *Roundup*, delegado ao general Almond, comandante do X Corpo, contemplava o avanço a Hoengchon com um duplo envelopamento por duas forças-tarefas híbridas, compostas pelas 5ª e 8ª Divisões sul-coreanas e grupos de apoio ao combate formado por destacamentos de blindados, artilharia e engenharia da 2ª Divisão norte-americana, subordinados a coronéis e generais sul-coreanos. Enquanto a 5ª Divisão seguiria pela Rodovia 29, a 8ª Divisão seguiria por um arco a oeste utilizando as Rodovias 2 e 24. Como se apontou anteriormente, essas forças-tarefas eram compostas com unidades da 2ª Divisão que, como consequência, passaria a ter menos efetivo para compactação e atuação em seu próprio front e menores condições de apoio ou coordenação com o 23º Regimento, posicionado destacadamente em Chipyong-ni. Mais que isso, o general Almond requisitou que a 3ª Divisão do III Corpo-de-Exército sul-coreano avançasse em cobertura do flanco direito da coluna de avanço a Hoengchon. Não era explícito, mas se supunha que o flanco esquerdo estivesse coberto pela posição avançada do 23º Regimento. Por fim, Almond contaria com o 187º Regimento Aeroterrestre como reserva do X Corpo.



MAPA 10.1 – PLANO DA OPERAÇÃO ROUNDUP

FONTE: o autor

A fragilidade das linhas e do plano de avanço do X Corpo foi notada por Peng, apesar do curto prazo de tempo que ele teve para desenhar uma resposta à ofensiva norte-americana. O plano chinês buscava explorar três vantagens. Primeiro, terreno e clima. A região entre os X Corpo-de-Exército norte-americano e o III Corpo sul-coreano era formado por vales e picos que, somados ao clima coreano ainda frio de fevereiro, dificultava a coordenação de unidades terrestres e apoio aéreo. As dificuldades causadas pela geografia teriam efeito ainda sobre forças sul-coreanas indisciplinadas, que possivelmente teriam menos cuidado no preparo de seus acampamentos e perímetros defensivos, o que favorecia a infiltração por forças chinesas e norte-coreanas. Segundo, essa era uma região em que os norte-coreanos operavam intensamente desde janeiro e eram familiares com o terreno e onde executar infiltrações e emboscadas. Terceiro, os chineses tiveram um bom serviço de inteligência na identificação das unidades sul-coreanas. De outro lado, a surpresa e a velocidades da ofensiva norte-americana impunham às forças chinesas e norte-coreanas se prepararem com menos cautela, inclusive conduzindo marchas durante o dia.

A falta de patrulhas aéreas norte-americanas, concentradas no apoio das demais operações nas costas e em torno de Seul, somadas a falta de patrulhas terrestres sul-coreanas a frente do X Corpo resultaram na falha da inteligência em detectar que as forças chinesas e norte-coreanas, que já haviam posicionado unidades dos 39º, 40º e 66º Exércitos e do V Corpo-de-Exército norte-coreano em um arco ao norte de Hoengseong e estavam prontas para o avanço das colunas sul-coreanas.

O plano de enfrentamento chinês foi desenvolvido pelo general Deng Hua do XIII Grupo-de-Exércitos e tinha duas partes. Primeiro, o emprego de cinco divisões chinesas para desbaratar as colunas sul-coreanas, aplicando a regra de mão de uma divisão chinesa contra um regimento sul-coreano. O 66º Exército era o mais descansado, e sua 198ª Divisão iniciaria o ataque ao 21º Regimento da 8ª Divisão sul-coreana ao sul de Hoengchon. Dois regimentos realizariam um ataque frontal, enquanto um terceiro regimento iria circunda-lo pelo leste e se posicionar nos dois lados da Rota 29 e estabelecer bloqueios 48 quilômetros ao sul das posições das unidades de apoio norte-americanas. A 120ª Divisão chinesa do 40º Exército teria como alvo o 10º Regimento sul-coreano, que tinha dificuldade de alternar seu avanço com o 16º Regimento. Essa divisão também deveria bloquear a Rota 2 e a retirada das unidades sul-coreanas a oeste, sendo que o 16º Regimento era o alvo da 117ª Divisão chinesa, que também tinha a missão de tomar posições elevadas entre os montes Pyok e bloquear a retirada das forças oponentes de volta a Hoengseong. A leste, a 197ª Divisão do 66º Exército atacaria os 22º e 23º Regimentos da 3ª Divisão sul-coreana. Uma contraparte desse plano envolvia ainda o emprego de duas divisões chinesas contra o 23º Regimento da 2ª Divisão norte-americana em Chipyeong-ni.

A vitória nessa batalha era central ao contragolpe chinês, pois sua segunda fase envolvia os V e II Corpos-de-Exército norte-coreanos explorando as brechas, respectivamente, entre as divisões sul-coreanas do X Corpo norte-americano e do V Corpo sul-coreanos e destes com o I Corpo sul-coreano. Isso forçaria o recuo oponente idealmente até Chungju. O ataque chinês teria início às 22h00 de 11 de fevereiro.

A Batalha de Hoengseong contou com números simétricos de ambos os lados, ressaltando a discrepância na qualidade de empregos das forças combatentes.⁵⁶³

⁵⁶³ Notadamente, essa é a batalha com pior tratamento de seus números pela literatura (o que não é de se surpreender por ter sido um desastre norte-americano). A estimativa é feita a partir dos números efetivos das unidades envolvidas na 1ª Ofensiva de Peng e relatórios sobre suas condições ao fim de janeiro. Por isso, a margem de erro é grande.

Unidade Principal	Composição	Números
II Corpo-de-Exército norte-coreano	2ª Divisão	Sem dados
	9ª Divisão	Sem dados
	31ª Divisão	Sem dados
Subtotal		8.000
V Corpo-de-Exército norte-coreano	6ª Divisão	Sem dados
	7ª Divisão	Sem dados
	12ª Divisão	Sem dados
Subtotal		20.000
39º Exército	117ª Divisão	7.000
40º Exército	118ª Divisão	7.000
	120ª Divisão	7.000
42º Exército	124ª Divisão	3.500
66º Exército	196ª Divisão	8.000
	197ª Divisão	8.000
	198ª Divisão	8.000
Subtotal		41.500
Total		69.500⁵⁶⁴
Unidade Principal	Composição	Números
Operação <i>Roundup</i>		
X Corpo-de-Exército norte-americano	5ª Divisão sul-coreana	10.000
	8ª Divisão sul-coreana	10.000
	3ª Divisão sul-coreana	10.000
	Grupos de Apoio	1.000
Subtotal		31.000
Reforço para Batalha de Hoengseong		
X Corpo-de-Exército norte-americano	2ª Divisão EUA (2 regimentos)	13.000
	187º Regimento	3.300
	7ª Divisão EUA ⁵⁶⁵	11.100
	27ª Brigada Britânica (2 batalhões) ⁵⁶⁶	3.000
	6ª Divisão sul-coreana	10.000
Subtotal		40.400
Total		71.400

TABELA 10.3 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DE HOENGSEONG

FONTE: Shrader (1995), p. 43, 99; Appleman (1990), p. 149

⁵⁶⁴ Normalmente, as narrativas apontam que o ataque chinês contava com 100 mil soldados, o que é possível se somado as divisões chinesas empregadas na Batalha de Chip'yong-ni. Mantida a mesma lógica, no mesmo período, o X Corpo-de-Exército concentrou 79.400 soldados.

⁵⁶⁵ Essa divisão estava sendo reinserida no teatro de operações desde dezembro de 1950, quando dois de seus regimentos – o 31º e 31º – sofreram grandes baixas. Por isso, seus números efetivos eram bastante a abaixo do regulamentado. APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 305.

⁵⁶⁶ A 27ª Brigada Britânica engajou na batalha com os Batalhões Middlesex e Australiano. ROTTMAN, Gordon L. *Korean War Order of Battle: United States, United Nations, and Communist Ground, Naval, and Air Forces, 1950-1953*, Santa Barbara: Praeger Publishers, 2002, p. 130–131.

Entre os dias 5 e 9 de fevereiro, boa parte dos meios de combate das forças norte-americanas estava comprometida a dar condições para a Operação *Punch*, que foi um sucesso. Após quatro dias de fogos constantes contra as forças chinesas na Colina 440, orientados pela 25ª Divisão norte-americana. A operação foi capaz de provocar 4 mil baixas e forçar as forças chinesas a recuarem para o norte do rio Han. No setor ocidental, a 24ª Divisão retomou o aeroporto de Kimpo no dia 10.

Concomitante, o reconhecimento em força de trinta mil sul-coreanos no corredor central teve início no dia 7 de fevereiro após dois dias de interdição aérea. Desde o início, os avanços das divisões do X Corpo norte-americano e as do III Corpo sul-coreano foram descompassados em razão do terreno montanhoso existente entre elas e a falta de rigor na aplicação doutrinária de complementação do avanço motorizado nas rodovias com o controle de colinas. As 7ª e 9ª Divisões do III Corpo não eram capazes de manter o passo de avanço e em linha com as 5ª e 8ª Divisões. Mesmo estas duas mantiveram frágil contato e cobertura mutua a partir do momento que seguiram em rodovias distintas ao norte de Hoengseong.

A 8ª Divisão seguiu a partir da Rota 24 com seus três regimentos sem encontrar grande resistência e controlou a primeira posição do plano em Shinchon. A partir daí, o 16º Regimento no flanco esquerdo engajou em intensos combates em Pungsuwon. O 10º Regimento no centro capturou uma posição elevada em Songji-san que permitia controlar a área de operações, o que permitiu que o 21º Regimento, no flanco direito, avançasse. O 21º Regimento continuou seu avanço no dia 8 de fevereiro, agora na passagem da Rota 29 em Taesamma-chi, entre Hoengchon e a Colina 930. Essa região montanhosa era ocupada por vanguardas da 198ª Divisão chinesa, que havia fortificado suas posições. O 21º Regimento foi capaz de tomar duas dessas posições e coordenar apoio de fogo aéreo, de tanques e de artilharia do 10º Regimento. Ainda assim, os 10º e 16º Regimentos não foram capazes de avançar e acompanhar o avanço do 21º.

A 5ª Divisão da Coreia do Sul avançou pela Rodovia 29. Ela tinha um front amplo de 20 km, com cinco colinas principais, o que forçava sua dispersão e difícil coordenação entre seus regimentos. O seu comandante, o general Min Ki Shik, planejava avançar com os 27º e 36º Regimentos e manter o 35º como reserva. No entanto, desde a abertura do avanço, a 5ª Divisão sofreu grande oposição da 6ª Divisão norte-coreana e teve que comprometer sua reserva.

Em geral, a ocupação antecipada dos cumes ao longo das rodovias 24 e 29 por pequenas unidades chinesas e norte-coreanas e a falta de compactação dos regimentos sul-coreanos resultaram em um lento avanço, que levaram três dias para o deslocamento entre Hoengseong e Hoengchon. Nesse sentido, a operação de cobertura chinesa/norte-coreana teve sucesso em atrasar e dispersar as forças sul-coreanas para o momento e pontos desejados para seu contragolpe. No dia 8 de fevereiro, patrulhas de *rangers* e da 2ª Divisão norte-americana reportaram a presença de forças chinesas entre Wonju e Yaju, o que indicava a infiltração de forças oponentes, que foram capazes de consolidar posições fortes nas colinas em torno das duas cidades. Na virada da noite, o general Chae, da 8ª Divisão sul-coreana, informou o general Almond da situação e do plano chinês a partir de relatório de agentes de inteligência e contato com coreanos civis da região. Informava ainda que o oponente não consistia apenas de unidades norte-coreanas, mas de considerável reforço chinês. Ao longo do dia 10 e 11, observadores aéreos também reportaram a identificação de milhares de soldados oponentes. Aparentemente, não houve nenhuma revisão por parte do general Almond do plano de avanço sul-coreano.

A leste das Montanhas Taebak, a 3ª Divisão do III Corpo-de-Exército sul-coreano, mesmo com dificuldades de terreno, foi capaz de cobrir o flanco direito do X Corpo. No entanto, esse movimento de cobertura prejudicou o alinhamento e coordenação com o I Corpo sul-coreano a leste de sua posição, que, mesmo mais isolado que o recomendado, foi capaz de combinar o avanço de suas unidades com as operações aeronavais da Força-tarefa 95 da Marinha dos Estados Unidos e de recuperar o porto de Kangung, bem como as posições que comandam a rodovia em Kyong-Kang.

O ataque chinês em Hoengseong iniciou às 20h30 do dia 11 de fevereiro, como planejado. Em quatro horas de operação, as forças chinesas foram capazes de seccionar os regimentos da 8ª Divisão sul-coreana de seus times de apoio norte-americanos e isolar a divisão como um todo. Com coordenação precisa, a 198ª Divisão chinesa fez um ataque frontal contra 21º Regimento sul-coreano e a 117ª Divisão contra o 16º Regimento no flanco sudoeste da coluna de avanço. Ainda que o 10º Regimento fosse capaz de conter o ataque inicial, a 197ª Divisão chinesa foi capaz de explorar a brecha entre aqueles outros dois regimentos e romper a coesão da divisão. Com isso, as demais divisões chinesas tiveram sucesso em envelopar as unidades sul-coreanas nos flancos e retaguarda. Como resultado, houve a completa perda de coesão da 8ª Divisão sul-coreana. Seus soldados entraram em desespero e iniciaram uma debanda que engolfou o santuário criado na junção entre as rodovias 29 e 2 pela Força de Apoio 21. Isso, somado ao domínio das principais colinas ao longo da rota de fuga para Hoengseong por unidades da 117ª Divisão chinesa, incorreu na rendição de muitos soldados sul-coreanos e todo o destacamento de artilharia norte-americano anexado, em torno de 500 soldados e todo seu material.

A leste, a 5ª e 3ª Divisões sul-coreanas foram atacadas, sendo que a primeira perdeu parte de sua coesão e a segunda foi capaz de resistir ao esforço norte-coreano de ruptura e organizar um recuo até Sillim-ni. Mais importante, seu 18º Regimento tornou-se a principal unidade na cobertura de Wonju. Ao sul de Hoengseong, o Batalhão Holandês e elementos do 187º Regimento organizaram um perímetro defensivo contra a 117ª Divisão chinesa e a retirada para fora da cidade. Como resultado, houve a retirada da base de operações do X Corpo em Hoengseong para o sul de Wonju e o abandono da 8ª Divisão sul-coreana.

Na manhã de 12 de fevereiro, o general Almond apontou como prioridade a defesa de Wonju com uma linha formada pelo Batalhão Holandês, 38º Regimento norte-americano, 187º Regimento Aeroterrestre e 18º Regimento sul-coreano. Ele também dissolveu os grupos de apoio (remanescentes) e os reincorporou a suas divisões norte-americanas originais. O batalhão de vanguarda da 7ª Divisão norte-americana estabeleceu o perímetro da retaguarda do X Corpo norte-americano.

No dia 13, houve três desenvolvimentos. Primeiro, os chineses consolidaram sua posição em Hoengseong. Segundo, iniciou-se o ataque ao 23º Regimento em Chipyeong-ni, como tentativa chinesa de abrir uma rota para flanqueamento dos IX e X Corpos, o que é discutido adiante. Terceiro, continuaram os ataques contra o III Corpo sul-coreano. Durante a madrugada seguinte, os chineses avançaram em direção a Wonju, buscando romper a linha defensiva entre os 38º Regimento, da 2ª Divisão, e o 187º Regimento norte-americanos, com esforço principal contra o primeiro.

Com a óbvia precariedade da situação, Ridgway passou a manhã do dia 14 coletando relatórios dos comandantes de divisão. Pelas 13h00, ele decidiu reordenar a cadeia de comando e as áreas de operações do Oitavo Exército. Ele estendia a área de atuação do IX Corpo para leste, tornando-se responsável pelo apoio ao 23º Regimento em Chipyeong-ni. A 6ª Divisão sul-coreana e a 27ª Brigada

Britânica estabeleceriam uma nova linha defensiva entre Chipyeong-ni e Wonju e passavam para o controle do X Corpo. Este deveria ainda estabelecer sua base de operações na linha de colinas ao sul de Wonju, de maneira que sobre o avanço chinês se aplicasse a concentração de fogos aéreos e das artilharias divisionais e de Corpo-de-Exército. A leste, o III Corpo sul-coreano também passou para comando do general Almond e deveria coordenar as 3ª, 5ª e, o que sobrava da, 8ª Divisões, que foram reposicionadas em uma linha defensiva, respectivamente, em Chuchon-ri, Chupo-ri e Songnam-ri. Em Chupo-ri, a 8ª Divisão era a reserva do III Corpo e se esperava emprega-la em qual fosse o ponto de infiltração das forças norte-coreanas contra as outras duas divisões sul-coreanas.

Devido ao mau tempo, o apoio de fogo aéreo foi limitado e com casos de fogo amigo. Diante a chance de ruptura das defesas norte-americanas, o ataque chinês durou todo o dia 14 de fevereiro, de maneira que o controle da cadeia de colinas ao norte de Wonju trocou de lado várias vezes. Em reação a isso, Almond requisitou uma barragem concentrada de toda artilharia do X Corpo por quatro horas contra as colunas chinesas.⁵⁶⁷ A essa altura, a 27ª Brigada Britânica e a 6ª Divisão sul-coreana, a oeste, e a 3ª Divisão sul-coreana, a leste, engajavam contra bloqueios chineses, que isolavam o 23º Regimento em Chipyeong-ni e a linha norte-americana em Wonju.

No dia 15 de fevereiro, a disputa por Wonju continuou, mas perdeu vigor ao longo do dia, e a ameaça passou ser a possibilidade de infiltração de combatentes norte-coreanos através das brechas entre o X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano. Em resposta, a vanguarda da 7ª Divisão norte-americana começou a se posicionar como reserva da linha sul-coreana entre Chechon e Yongwol. Desde o dia 15 de fevereiro também existiu a intensificação na interdição das linhas de comunicação chinesas com a ação da Marinha dos Estados Unidos no bombardeamento diário das rodovias e ferrovias da costa coreana desde a fronteira com a Sibéria.

Ao longo dia 16, o ataque chinês foi repellido na área de Wonju e se intensificou o ataque do V Corpo norte-coreano com três divisões (6ª, 7ª 12ª), tendo como objetivo Chechon pela Rota 20. Para fazer frente a ele, o III Corpo sul-coreano foi reforçado pelos 17º e 32º Regimentos da 7ª Divisão norte-americana e capaz de conte-lo com um recuo controlado, mas considerável, de 8 km. Isso abriu uma brecha de 30 km no flanco esquerdo do III Corpo sul-coreano, que foi obrigado a recuar suas divisões originais – as 7ª e 9ª – entre 20 e 25 km para recompor uma linha defensiva. No seu flanco direito, o 31º Regimento da 7ª Divisão norte-americana já ocupava a passagem entre Tapyang e Andong. Entretanto, a oeste, a 27ª Brigada Britânica e a 6ª Divisão sul-coreana tinham tido pouco sucesso em estancar a brecha entre Chipyeong-ni e Wonju.

No dia 17 de janeiro, Peng Dehuai cancelou os ataques e orientou as forças chinesas e norte-coreanas a uma defesa móvel pautada por recuos e ataques limitados. Em correspondência a isso, os norte-americanos se limitaram a patrulhas de reconhecimento e Ridgway começou a alternar as unidades no front para retomada da ofensiva. Os 38º e 187º Regimentos, desgastados por quase uma semana de combates intensos, passaram a ser substituídos pelos 9º Regimento da 2ª Divisão e o 17º Regimento da 7ª Divisão.

A Batalha de Hoengseong foi a pior derrota tática norte-americana sob o comando de Ridgway. Nota-se que, embora a Operação *Roundup* contasse com uma fração das forças norte-americanas

⁵⁶⁷ Appleman (1990, cap. 12) trata os combates a partir do dia 14 como a 3ª Batalha de Wonju como um sucesso e distintamente do fracasso da Batalha de Hoengseong, o que é indefensável desde que se trata da continuidade dos combates das mesmas unidades com os mesmos objetivos desde 11 de fevereiro.

que foram necessárias para estancar o contragolpe oponente, este tinha números efetivos inferiores. Geralmente, a literatura sobre a batalha tenta amenizar a descrição apontando uma suposta superioridade numérica geral chinesa/norte-coreana com 100 mil soldados. Suposição essa que não possui dados objetivos para corroboração. O contragolpe de Deng Hua teve superioridade numérica no ponto de ruptura das divisões sul-coreanas, mas seria dificilmente estancado em poucos dias se a totalidade das unidades norte-americanas realocadas no corredor central não conferisse superioridade numérica. Ou seja, sem a ligeira vantagem estratégica norte-americana no teatro de operações, o sucesso tático da Batalha de Hoengseong teria impactos muito maiores. Segundo relatório do general Almond, as baixas do X Corpo-de-Exército norte-americano foram:

Unidades Item	Baixas
2ª Divisão norte-americana	1.136
7ª Divisão norte-americana	139
187º Regimento norte-americano	45
Batalhão Holandês	112
3ª Divisão sul-coreana	4.330
5ª Divisão sul-coreana	4.060
8ª Divisão sul-coreana	8.524
Total de Baixas	18.346

QUADRO 10.1 – BAIXAS DO X CORPO-DE-EXÉRCITO NA BATALHA DE HOENGSEONG (11-13 DE FEVEREIRO)

FONTE: Appleman (1990), p. 249

No total, houve a morte de 9.800 sul-coreanos e a perda de: 277 armamentos de apoio de fogo (metralhadoras e morteiros), 41 obuses de 105 mm, 6 de obuses de 155 mm, 1 avião de ligação, 6 tanques, 108 caminhões, 91 jipes, 32 rádios. Infelizmente, não há dados sobre as baixas norte-coreanas e chinesas. Parte da literatura, aponta a maior parte da responsabilidade do desastre simplesmente à natureza de baixo desempenho combatente das forças sul-coreanas, o que é inconsistente desde que os I e III Corpos foram capazes de cumprir suas missões, particularmente o último foi capaz de compensar as falhas dos comandantes norte-americanos e salvar o dia. A 7ª Divisão norte-americana também teve um papel fundamental no seu rápido deslocamento e reforço das linhas do X Corpo norte-americano e III e I Corpos sul-coreanos.

Essa derrota norte-americana teve como responsáveis os generais Almond e Ridgway. O primeiro por um plano inconsistente e negligente com relação a elementos doutrinários básicos na instrução de reconhecimento, patrulhas, observação e uso do terreno, mas principalmente na concepção irresponsável de um experimento, subestimando o oponente e a realidade tática e de seus comandantes subordinados. Ridgway foi responsável ao dar larga latitude a Almond, cujos traços já haviam se manifestado na ofensiva ao Yalu e na contraofensiva chinesa no ano de 1950.⁵⁶⁸

⁵⁶⁸ STEWART, Richard W. **Staff Operations: The X Corps in Korea, December 1950**, Kansas: U.S. Army Command and General Staff College, 1991, p. 12.

Ridgway omitiu-se em tolher, e mesmo repreender, os delírios de grande capitão de Almond em razão do respaldo que este tinha de MacArthur. Tendo em vista que ele era o único comandante de Corpo-de-Exército que não foi apontado por Ridgway, ele merecia controle ainda mais especial. Como remediação, na batalha que se seguiu simultaneamente em Chipyiong-ni, Ridgway quebrou a cadeia de comando de Almond e passou a direcionar diretamente as ações do X Corpo. Esse foi um dos elementos que impediu que a Batalha de Hoengseong fosse um desastre estratégico.

10.4.2 A Batalha de Chipyiong-ni de 11 a 15 de fevereiro

Enquanto a Batalha de Hoengseong era um desastre anunciado, em Chipyiong-ni decidiu-se se o contragolpe chinês teria consequências para o restante da linha e avanço norte-americano. Caso os norte-americanos perdessem essa posição, os IX e X Corpos-de-Exército teriam seus flancos expostos ao envelopamento chinês. Por isso, apesar de ser uma batalha menor em termos de números e baixas envolvidos em comparação a Batalha de Hoengseong, ela tinha impacto estratégico mais decisivo. Enquanto em Hoengseong, os ataques chineses e norte-coreanos foram contidos pelo III Corpo sul-coreano e pela nova linha de forças norte-americanas em Wonju; Chipyiong-ni tornou-se a opção do general Deng Hua do XIII Grupo-de-Exércitos para ruptura das linhas norte-americanas a partir do dia 11 de fevereiro.

Ainda que já houvesse incumbido as 125ª e 126ª Divisões de fustigarem o 23º Regimento, como parte do contragolpe a Hoengseong, o envelopamento do regimento norte-americano era uma possibilidade, mas não houve planejamento e preparo de acordo. Para tal, seguindo a regra de mão chinesa de duas divisões chinesas contra um regimento sul-coreano, seria necessário o dobro de unidades combatentes para a neutralização de um regimento norte-americano. Tal concentração foi expediente e empregaram-se divisões combatidas de batalhas anteriores ou que faziam a reserva das operações no corredor central. Isso explica que os números chineses são aproximados e baseados nos números e condições de regimentos engajados.

Unidade Principal	Composição	Números
39º Exército	115ª Divisão	4.400
	116ª Divisão	8.000
40º Exército	119ª Divisão	8.000
42º Exército	125ª Divisão	3.000
	126ª Divisão	2.200
Total		25.600
Unidade Principal	Composição	
2ª Divisão EUA	23º Regimento (reforçado)	5.000
1ª Divisão de Cavalaria EUA	5º Regimento de Cavalaria	3.600
Total		8.600

TABELA 10.4 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DE CHIPYIONG-NI

FONTE: Appleman (1990), p. 287-288; Farrar-Hockley (1995), p. 428; Edwards (2006), p. 543

O 23º Regimento da 2ª Divisão foi incumbido de manter a posição em Chiypiong-ni desde o dia 3 de fevereiro, que foi bastante reforçado em relação à Batalha dos Tuneis Gêmeos. Além dos seus três batalhões de infantaria e o Batalhão Frances, ele contava com adição de: uma companhia de *rangers*, uma bateria de artilharia antiaérea, uma bateria de obuses de 105mm, uma bateria de obuses de 155mm, uma companhia de engenharia de combate e um pelotão de resgate médico. Esse contingente teve durante a batalha o reforço de uma coluna de resgate: a Força-tarefa Crombez – formada por duas companhias com 23 tanques e uma bateria de artilharia.

O comandante das forças norte-americanas em Chipyeong-ni, o tenente-coronel Edwards Freeman, baseado na experiência na Batalha dos Tuneis Gêmeos e reconhecendo a condição estratégica de sua posição, preparou-se para um sítio. Existia um anel externo de colinas, mas que era distante para o uso efetivo de armas leves, mas ainda dentro do alcance de morteiros, artilharia e tanques. Ele decidiu pela compactação de seus quatro batalhões de infantaria ao longo de um perímetro defensivo de 1,4 quilômetros de diâmetro em torno da cadeia de colinas mais baixas em torno da vila. Contra um oponente capacitado em artilharia, isso seria um erro. Mas desde que era reconhecido que os chineses formavam essencialmente uma força de infantaria, o importante era neutralizar espaços contra ruptura e infiltração chinesas. Ele organizou onze companhias alinhadas lado-a-lado cobrindo 360º e manteve a décima segunda, a Companhia B, como reserva junto ao pelotão de *rangers*.

Entre os dias 3 e 11 de fevereiro, o vale em torno do vilarejo foi transformado com casamatas, trincheiras, postos avançados, armadilhas explosivas e uma pista de pouso para aviões de ligação e recebimento de suprimentos por ar. Depósitos extras de munição foram distribuídos por todo o perímetro e as comunicações por fio foram triplicadas.

Durante oito dias, estabeleceu-se postos de controle ao amanhecer a 900 metros do perímetro. Ao anoitecer, os postos eram recolhidos e substituídos por postos de observadores protegidos por minas, armadilhas e arame-farpado. Patrulhas eram enviadas diariamente além dessas posições. Portanto, os norte-americanos tinham bom domínio do terreno e suas posições. No dia seis de fevereiro, as patrulhas passaram a detectar a concentração chinesa, e a partir do dia seguinte patrulhas reforçadas foram enviadas para estabelecer contato com o oponente. No dia 10, observação aérea e relatórios de inteligência informaram Ridgway e Almond que as forças chinesas ocupavam a brecha entre a 8ª Divisão sul-coreana e o 23º Regimento. O general Rufner, comandante da 2ª Divisão, planejava reposicionar seus demais regimentos para ocupa-la, mas o início da Batalha de Hoengseong o fez suspender essa operação.

Em decorrência da ruptura da 8ª Divisão sul-coreana em Hoengseong, Almond ordenou a retirada do 23º Regimento de Chipyeong-ni, comando que foi revertido por Ridgway. Este entendia que a posição Chipyeong-ni tinha que ser mantida a fim de bloquear os deslocamentos de forças chinesas e norte-coreanas do corredor central para o setor ocidental do teatro. Percebendo a exposição do IX Corpo, ele urgiu para que a 27ª Brigada Britânica e o 6ª Divisão sul-coreana movessem para o sul de Chipyeong-ni e estabelecessem uma nova linha de contenção no flanco esquerdo do X Corpo, que passava assumir o comando dessas duas unidades. Por fim, ordenou que a 1ª Divisão de Cavalaria norte-americana, a reserva do IX Corpo, organizasse uma Força-tarefa de resgate.

Do lado chinês, Deng Hua entendia que a Batalha de Hoengseong não provocava os resultados estratégicos esperados. Apesar da neutralização do 8ª Divisão sul-coreana, a ação de bloqueio da 7ª

Divisão norte-americana continha o contragolpe chinês e possibilitava a retirada das demais forças do envelopamento chinês-norte-coreano. Deng Hua, insatisfeito com esse resultado considerado limitado, decidiu pelo ataque às forças em Chip'yong-ni. Ele assumia que o X Corpo norte-americano não teria condições de apoiar o 23º Regimento e este abandonaria sua posição. Por isso, ele esperava por uma batalha curta que se desenvolveria em uma perseguição, e não um sítio contra um oponente fortificado.

O comando operacional do ataque chinês ficou a cargo de Wen Yucheng do 40º Exército, que não tinha comunicações diretas com as divisões dos outros dois Exércitos sob seu comando operacional. Portanto, de fato, o que ele foi capaz de fazer foi deliberar os setores de atuação das quatro divisões envolvidas. A 115ª Divisão faria o ataque a Chip'yong-ni pelo sul, a 119ª pelo oeste e as 125ª e 126ª pelo norte, enquanto a 116ª tinha tarefa de isolar a área contra forças de resgate pelo controle do acesso das duas rodovias a sul e sudoeste.

Ao início do dia 13 de fevereiro, Freeman enviou patrulhas em todo o perímetro, alguma delas a 4,5km de distância, que reportaram o aumento da atividade das forças oponentes nos setores norte, leste e oeste. Algumas dessas patrulhas foram rechaçadas por fogo e precisaram de apoio de artilharia e aéreo para se retirarem. A observação aérea reportou grandes grupos movendo de maior distância em direção aos setores norte e oeste, que passaram a receber as cargas de artilharia e 40 missões de interdição enquanto estavam à distância segura do perímetro do 23º Regimento. Em antecipação a essa grande concentração, Ridgway ordenou que a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais iniciasse sua preparação para retornar a guerra desde Choisin Reservoir e posicionar um de seus regimentos em Chungju, área dos postos de comando dos IX e X Corpos, pelo dia 15 de fevereiro. Sua missão era bloquear ultrapassagens chinesas pelas montanhas a leste e a oeste da posição.⁵⁶⁹

O ataque chinês teve início às 22h00 de 13 de fevereiro com uma barragem de morteiros e artilharia seguidos de avanço concentrado de infantaria contra a Companhia C entre os setores norte e oeste do perímetro norte-americano, região mais preparada defensivamente e que foi reforçada com o fogo de plataformas antiaéreas quadruplas de metralhadoras de .50 polegadas e tanques. Com isso, a primeira onda do ataque chinês foi repelida. Uma segunda seguiu após uma barragem de morteiros pesados soviéticos de 120mm, posicionados nas Colinas 345 e 248 a 5 km do perímetro do 23º Regimento, por isso com vantagem de alcance de cargas, que foram capazes de atingir o posto de comando do regimento e ferir o Coronel Freeman. Este resistiu contra sua evacuação até o dia 15 de fevereiro.

Às 03h45 do dia 14 de fevereiro, soldados chineses foram capazes de penetrar o perímetro da Companhia G. O ataque veio da Colina 397 e um esquadrão da Companhia F e apoio de fogo do Companhia K permitiram restabelecê-lo. O ataque chinês, neste setor, encerrou-se às 05h30.

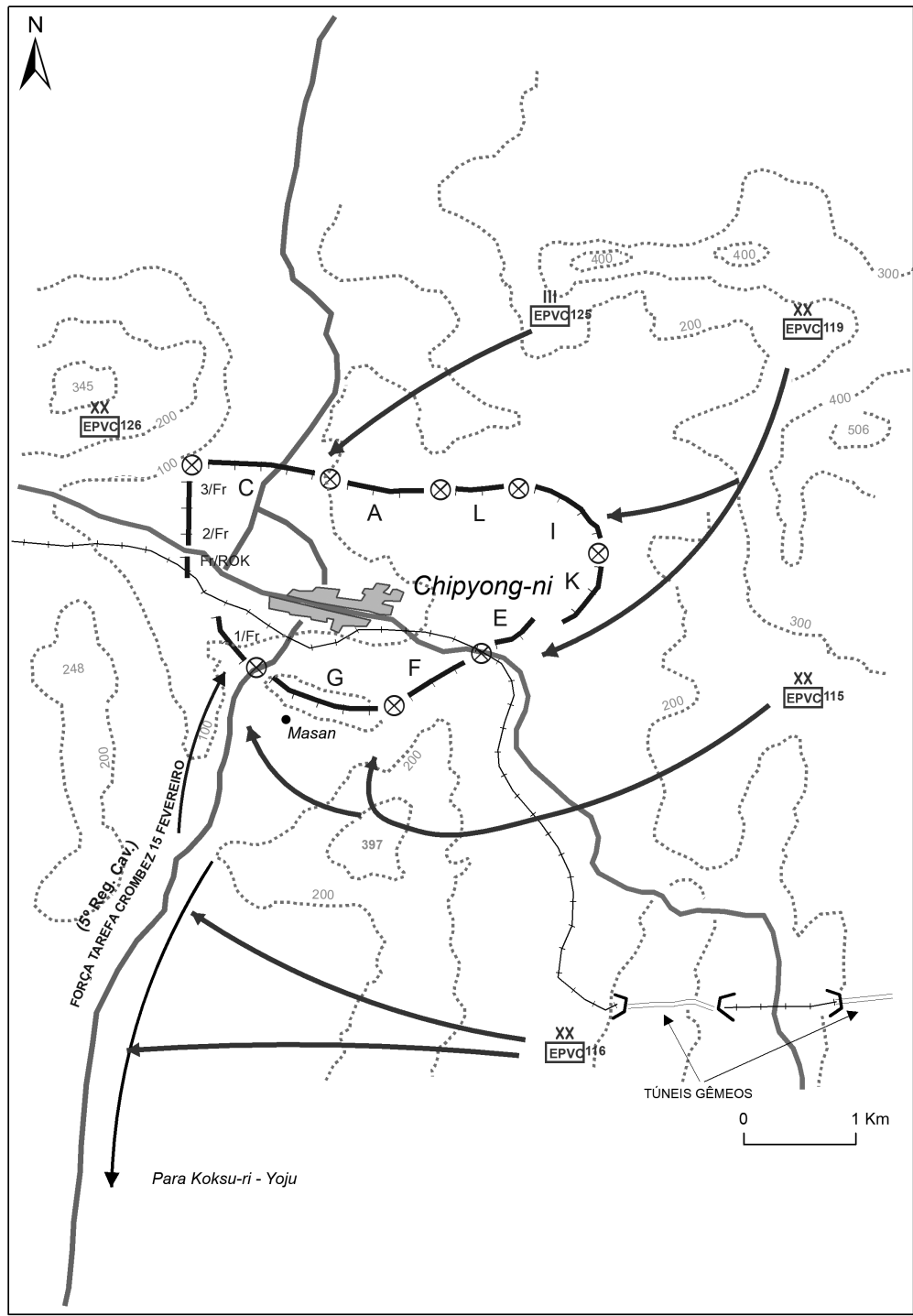
Ataques simultâneos também ocorreram no setor leste do perímetro sob o Batalhão Francês. Os chineses tinham uma boa rota para aproximação a partir da Colina 345. No entanto, o terreno a frente das posições era plano, o que facilitou o emprego de metralhadoras em fogo cruzado e saturado. Portanto, foi possível a contenção das tentativas de avanço chinês. No entanto, com o

⁵⁶⁹ Um detalhe importante dessa decisão é que Ridgway colocou a 1ª Divisão de Fuzileiros sob o comando do IX Corpo e não do general Almond do X Corpo. Este foi comandante superior dessa divisão até o fim do ano anterior. Entre ele e os fuzileiros navais criaram-se vários atritos durante o avanço à fronteira chinesa e na desobediência explícita após que ela foi isolada e teve que combater o IX Grupo-de-Exército chinês numa das operações mais dramáticas da História da Guerra.

fim de munição, os franceses realizaram uma carga de baionetas que culminou no desbaratamento do ataque chinês às 03h00. Após isso, o batalhão passou a revidar o ataque chinês às posições das baterias de artilharia do setor, e manteve a posição até o encerramento do impulso chinês às 07h00.

Ao longo dessas primeiras 24 horas de batalha, o 23º Regimento contou com menor apoio aéreo, pois a ênfase do esforço era para as forças norte-americanas em Wonju, e foi atendido apenas com abastecimento de suprimentos vindos do Japão. No entanto, esse abastecimento tinha uma composição que impactou na retomada da batalha na noite do dia 14 de janeiro. O serviço de intendência enviou para Chipyeong-ni a composição modelo de suprimentos de um regimento norte-americano em movimento em termos de comida, água, gasolina e munição. No entanto, o 23º Regimento sustentava um sítio e tinha demandas logísticas em proporções muito maiores por munição do que combustíveis e água. Em particular, não houve reabastecimento de ordenança para morteiros.

Nesse mesmo dia, a 1ª Divisão de Cavalaria enviou seu 5º Regimento que avançou até a área de Koksuri, a oito quilômetros de Chipyeong-ni, onde uma ponte quebrada, bloqueios nas rodovias e posições fortes nos cumes pela 116ª Divisão chinesa dificultavam e expunham o avanço da força de resgate norte-americana. Pela manhã, com urgência redobrada pelos comandantes da 2ª Divisão e 1ª Divisão de Cavalaria, o major Crombez compôs uma Força-tarefa para forçar passagem até Chipyeong-ni, enquanto o restante do regimento fixaria e investira contra a 116ª Divisão chinesa naquela posição. O destacamento de resgate era composto por uma companhia de tanques médios, uma seção de tanques pesados, uma companhia de infantaria e um esquadrão de engenharia.



MAPA 10.2 – A BATALHA DE CHIPYONG-NI

FONTE: o autor

Ao longo do dia 14, os chineses mantiveram o sítio com disparos de oportunidades de morteiros e *snipers*, enquanto posicionavam melhor seus batalhões para um ataque mais coordenado na noite seguinte, principalmente contra o setor da Companhia G norte-americana.

O ataque chinês da noite do dia 14 de fevereiro começou mais cedo. Os chineses eram informados da força de resgate e que tinham uma janela de tempo mais curta para romper o perímetro do 23º Regimento. Por isso, esperavam aplicar uma barragem mais intensa de artilharia e uma sequência mais longa de ondas humanas. Às 20h00, iniciou-se uma hora de fogos de artilharia, concentrados principalmente contra o setor da Companhia G, onde se aplicou o esforço principal chinês com sequências de colunas de companhias chinesas a partir da Colina 397. Uma segunda investida concentrou-se contra a Companhia K a partir da Colina 506, e assim divergiu o apoio de fogo das Companhias E e F contra o principal esforço chinês. Às 01h30, as 125ª e 126ª Divisões iniciavam seus ataques ao perímetro norte. Mesmo após duas horas de concentração do esforço chinês contra a Companhia G, não houve reforço dessa posição. Apenas após a tomada da posição por chineses às 03h15, que houve a concentração do pelotão de *rangers* e um pelotão da Companhia F, mas já era tarde demais. Os chineses foram capazes de repelir os contra-ataques e reforçar a posição com um batalhão. Por conta deste sucesso, o ataque chinês não foi suspenso com a luz do dia e continuou durante todo dia 15. Mesmo com os contra-ataques com a reserva do 23º Regimento pela manhã e 131 missões de apoio aéreo pela tarde, os chineses mantiveram a pressão sobre os demais setores do perímetro, sem sucesso de novas rupturas. Porém, a 116ª Divisão chinesa teve sucesso em retardar o avanço da Força-tarefa Crombez principalmente entre as Colinas 248 e 397, menos de dois quilômetros de Chipyeong-ni. Ao longo do dia, o Comando Logístico do Japão manteve o 23º Regimento com mais alta prioridade no recebimento de material.

O batalhão chinês abandonou a posição dentro do perímetro da 23ª Divisão apenas às 16h30, após a combinação de um ataque frontal e outro pela retaguarda pela Companhia G. Enquanto o ataque frontal era o último de cinco investidas da Companhia B, um time de engenheiros de combate, *rangers* e dois tanques romperam o cerco no setor da 1ª Companhia francesa e aplicaram fogos na retaguarda da posição do batalhão chinês. Às 17 horas, a Força-tarefa Crombez rompeu o cerco e houve o encerramento do ataque chinês.

Não houve combates na noite do dia 15. Os chineses passaram dia 16 redistribuindo suas forças para um novo ataque pela noite, porém, às 16h30, receberam ordens para abandonar a posição. No total, os norte-americanos tiveram **484 baixas**, sendo 72 mortos. Estima-se que os chineses tiveram **5 mil baixas**, sendo três mil mortos e 79 capturados.

O 5º Regimento da 1ª Divisão de Cavalaria continuou a neutralização de posições chinesas entre Yoju e Chipyeong-ni até o dia 17, quando todas as forças chinesas começaram a se retirar do corredor central, e foi capaz de substituir o 23º Regimento em Chipyeong-ni apenas no dia 18, quando também se encerrava a Batalha de Hoengseong.

A Batalha de Chipyeong-ni é celebrada pelos norte-americanos como a primeira grande vitória sobre os chineses. Se, por um lado, deve-se reconhecer o desempenho tático dos combatentes norte-americanos. Por outro lado, soviéticos e norte-coreanos identificaram que ela foi um erro estratégico chinês.

Os comandantes dos três exércitos chineses que cederam divisões para a batalha não tinham feito reconhecimento adequado do terreno e do oponente, e menosprezaram uma melhor preparação, principalmente na primeira noite de ataque. Os próprios chineses reconheceram em sua autocrítica da Batalha de Chipyinog-ni que menosprezaram o 23º Regimento em soberba devido ao resultado positivo dos primeiros dias da Batalha de Hoengseong.⁵⁷⁰ No entanto, o mais grave era que o general Deng Hua comprometeu suas divisões a um resultado tático inédito: a destruição de um regimento norte-americano; ao invés de atender um objetivo estratégico mais premente: estancar a ofensiva norte-americana. Mesmo que tal batalha fosse vencida, os chineses não seriam capazes de explorar uma penetração ou perseguição, em razão da composição de uma linha defensiva ao sul de Chipyong-ni com unidades norte-americanas, britânicas e sul-coreanas. De fato, por maior que fosse o sucesso tático que os chineses pudessem auferir em Chipyong-ni, era improvável que eles pudessem romper todo o contingente Oitavo Exército e alcançar Chuncheon como idealmente antecipado. Como resultado, faltou aos chineses concentração de força contra o ponto onde a linha defensiva norte-americana estava mais vulnerável. E esse não ficava em Chipyong-ni.

Deng Hua deveria ter orientado manter apenas uma fração de suficiente força para fixar o 23º Regimento norte-americano, ter explorado com a maior parte de suas divisões a brecha existente entre esse regimento e as unidades oponentes engajadas na Batalha de Hoengseong e seguido na infiltração pelo flanco esquerdo do X Corpo norte-americano. A essa altura, as unidades responsáveis pelo flanco esquerdo da linha defensiva oponente ao sul de Hoengseong – o Batalhão holandês e o 38º Regimento norte-americano – estavam exauridos e sem as fortificações e preparações de campo que contava o 23º Regimento. Além dessas, na retaguarda da linha defensiva em Wonju, existia apenas um batalhão da 7ª Divisão norte-americana. As demais unidades dessa divisão e a 1ª Divisão de Fuzileiros estavam em deslocamento e não teriam condições de recompor rapidamente uma terceira linha defensiva norte-americana no corredor central. Os próprios norte-americanos reconheceram que, entre os dias 11 e 13, existiu uma enorme brecha no flanco esquerdo do X Corpo-de-Exército norte-americano entre Chipyong-ni e Wonju, que começou a ser ocupada pela 27ª Brigada Britânica e 6ª Divisão sul-coreana apenas a partir do dia 14.

Por fim, os chineses tinham que ter considerado a economia do esforço de seu contragolpe, concentrando seu ataque para, posteriormente, vender caro seu recuo na região de Wonju. Isso seria mais provável levando em consideração que o X Corpo no corredor central não desfrutaria de grande apoio aéreo a partir de então em decorrência ao início do período de chuvas entre fim de fevereiro e, principalmente, março.

Portanto, as batalhas em torno dessa região tinham que ser consideradas como enfrentamentos ofensivos de uma defensiva estratégica, e não como uma ofensiva, como a literatura denomina e o general Deng Hua parecia compartilhar, mas não Peng Dehuai. Porém, críticas a Deng Hua devem ser suavizadas ao se levar em conta que as forças chinesas, diferente das norte-coreanas, tinham poucas condições táticas e logísticas para travar enfrentamentos defensivos naquele momento. O que se torna evidente no prosseguimento da guerra até abril, quando os norte-coreanos conduziram a maioria das operações de retardamento da ofensiva norte-americana.

⁵⁷⁰ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 285.

10.5 A RECAPTURA DE SEUL

Desde o início de sua ofensiva, Ridgway planejava a recaptura de Seul. Para tal, ele precisava de três consumações. Primeiro, a recuperação, ou a retirada de mãos chinesas, do aeroporto de Kimpo e da península de Inchon. O aeroporto de Kimpo foi recuperado com grandes danos e demoraria a ser utilizado novamente. No entanto, apesar da destruição do porto de Inchon, o controle dessa área permitia operações anfíbias e de abastecimento e era o flanco de qualquer operação envolvendo Seul. Segundo, ele precisava de autorização política para avançar além do paralelo 38° e, dessa maneira, tomar e controlar terreno que favorecesse uma melhor proteção de Seul após sua retomada. Além da necessidade de profundidade na defesa da capital sul-coreana, o terreno em torno de Seul é plano diante uma linha de colinas ao norte que favorecem ações de infiltração e penetração. A autorização política de Truman veio em 11 de fevereiro, coincidentemente, com o início da Batalha de Hoengseong. Terceiro, o Oitavo Exército precisava de uma posição forte no corredor central, o que foi momentaneamente perdido nas batalhas que ocorreram lá até o dia 17 de fevereiro.

Antes da implementação do avanço sobre Seul, era preciso recuperar a linha de controle perdida pelo X Corpo-de-Exército norte-americano e neutralizar forças norte-coreanas que permaneceram na região em posições fortificadas no corredor central. Ridgway temia, em particular, que o recuo oponente em toda a linha, principalmente ao norte de Seul, pudesse atender a um reforço do contragolpe chinês. A Operação *Killer* foi desenhada por ele e tinha como objetivo atacar possíveis bolsões de resistência a leste do rio Han e ao sul da linha de controle denominada Arizona entre Yongpyong, Hoengseong e as Montanhas Taebaek.⁵⁷¹

O primeiro objetivo seria ocupado coordenadamente pelas 24ª Divisão e 1ª Divisão de Cavalaria. O segundo por três colunas de avanço formado pelas 1ª Divisão de Fuzileiros, 7ª Divisão e 2ª Divisão norte-americanas. Por fim, o I Corpo-de-Exército sul-coreano, reforçado com o 7º Regimento da 1ª Divisão de Cavalaria dos Estados Unidos, avançaria pela porção oriental. Importante frisar que todas as operações de defesa e ataque no corredor central passaram a ser compartilhadas entre os IX e X Corpos norte-americanos. A 27ª Brigada Britânica, agora reforçada pelo Batalhão Canadense, e a 6ª Divisão sul-coreana, retornava ao comando do IX Corpo, com a adição da 1ª Divisão de Fuzileiros. No setor ocidental, o I Corpo avançou a 25ª Divisão para patrulhamento de Kimpo e do estuário do rio Han e a 3ª Divisão iniciou reconhecimento ao norte do rio Han.

Do lado chinês, tendo em vista a correlação de forças e a necessidade de ganhar tempo, Peng Dehuai decidiu por uma defesa de desgaste com recuos contínuos seguidos de pequenos ataques limitados a posições recém-estabelecidas pelo oponente. Seus objetivos eram retardar o avanço norte-americano e dar proteção em profundidade para as intensas atividades preparatórias e os deslocamentos de três novos grupos-de-exército (XIX, III e IX) para a segunda ofensiva chinesa de 1951, remarcada para abril. Ele orientou a organização de duas linhas. A primeira formada por: 38º, 50º, 42º, 66º Exércitos chineses e todos os Corpos-de-Exército norte-coreanos disponíveis (I, II, III e V). Eles comprariam tempo ao sul do paralelo 38°. A segunda linha era formada pelos 26º, 40º, e 39º Exércitos chineses e a 19ª Divisão norte-coreana e ocuparia um perímetro entre Munsan e Uijongbu na costa leste. Para cobertura aérea entre Manchúria e Coreia do Norte, também tinha início a maior concentração de caças MIGs na região do rio Yalu desde o início da guerra, que foi capaz de prover

⁵⁷¹ MOSSMAN. *Ebb and Flow*: November 1950 – July 1951, p. 305–307.

comando aéreo local contra interdição norte-americana. A decisão de Peng de conversão para uma defensiva plena foi contestada e ele foi chamado a Pequim no dia 20. As minutas dessa reunião não foram disponibilizadas, mas o resultado foi que Mao aceitou que a guerra seria longa, pelo menos por mais dois anos, o que ele comunicou como orientação política no dia dois de março.⁵⁷²

Do lado norte-americano, Ridgway manteria a meta principal da ofensiva de desgastar as forças chinesas e estabeleceria uma base de operações para proteção da operação para captura de Seul. Aprendendo com os erros passados, Ridgway não concentrou suas forças no setor ocidental, mas no corredor central, sendo o IX Corpo que assumia a área de operações até Wonju, delegando ao X Corpo um papel secundário, de manutenção da unidade do front entre o corredor central e os Corpos-de-Exército sul-coreanos no setor oriental da Península.

Ridgway também não delegou aos comandantes subordinados o passo de avanço de cada Corpo-de-Exército. De maneira centralizada, houve o desenho de três linhas de controle. A primeira linha era Albany e estabelecia objetivos limitados para todo o Oitavo Exército. Nessa fase, o I Corpo também iniciaria reconhecimento, operações diversionárias ao longo do rio Han e construção de uma ponte para travessia de veículos, concentração de munição e combustíveis para operação continua por sete dias de oito batalhões de artilharia e 63 tanques. Quatro batalhões de engenharia apoiavam a preparação.

A segunda linha de controle, Bufalo, teria o avanço apenas dos I e IX Corpos, e era desenhada entre Mikum-ri, Chinbol-ri, ao norte de Hongchon. A 25ª Divisão seria a unidade de ataque no flanco direito do I Corpo, compondo a linha com as demais unidades do IX Corpo em posições de flanqueamento a Seul. A 25ª Divisão norte-americana, reforçada da Brigada Turca, atravessaria o rio Han na junção com o rio Pukhan e estabeleceria uma coluna de ataque pelo nordeste de Seul, que teria seu flanco direito coberto pela 24ª Divisão com a tarefa de controlar área em torno da Rodovia 17, principal acesso a Seul a partir do corredor central.

A terceira linha de controle era a Cairo, que envolvia um avanço de todo front a fim de pressionar as forças chinesas e norte-coreanas durante o esforço final para conquista de Seul. O ataque a Seul seria por duas colunas de avanço convergentes. A 1ª Divisão sul-coreana avançaria a partir da cabeça-de-ponte a ser estabelecida pela 25ª Divisão, e a 3ª Divisão avançaria em uma direção oposta a partir de uma segunda cabeça-de-ponte a sudoeste de Seul.⁵⁷³

No dia 7 de fevereiro, a ofensiva norte-americana foi retomada com quatro divisões no corredor central: a 24ª Divisão norte-americana (reforçada pelo 19º Regimento, realocado da 6ª Divisão sul-coreana) avançando à esquerda até Yongmun-san, a 1ª Divisão da Cavalaria (reforçada pela 27ª Brigada Britânica) no centro e a 6ª Divisão sul-coreana (com dois regimentos) na região montanhosa ao sul de Hongchoon-gang, a oeste da Rota 29. Por fim, a 1ª Divisão de Fuzileiros avançou pela direita da coluna em direção a Hoengchon. Os demais Corpos-de-Exército a oeste deveriam manter a unidade do front e o 187º Regimento foi reposicionado como reserva do IX Corpo.

Todas as operações militares nos dias seguintes foram sob temperaturas negativas e nevascas que afetaram ambos os lados. Do lado norte-americano, houve atraso dos suprimentos das divisões

⁵⁷² HARUKI. *The Korean War: an International History*, p. 266; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 410-411; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 143-144.

⁵⁷³ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 512-518.

e as colunas de avanço. Do lado chinês, houve aumento significativo de baixas provocadas por congelamento, desnutrição e doença.

Apenas no dia 21 de fevereiro que as operações militares foram retomadas com as 1ª Divisão de Fuzileiros e 7ª Divisão avançando, respectivamente, pelas rodovias 29 a noroeste e 60 a nordeste de Wonju, seguidos, no dia seguinte, pela 2ª Divisão, até então com pouca resistência oponente. Após a ocupação de Wonju em 23 de fevereiro, as três divisões norte-americanas passaram a encontrar maior resistência a partir de então, e ainda dificuldades logísticas. No dia 28 de fevereiro, decidiu-se postergar o avanço para que se sanassem os problemas de suprimento e, com a eventual melhora do tempo, de apoio aéreo. A 2ª Divisão retomou o avanço no dia primeiro de março e a 1ª Divisão de Fuzileiros no dia seguinte. Mesmo com apoio de fogo supressivo e avanços limitados, encontraram resistência norte-coreana em colinas até 4 de março quando as colunas norte-americanas alcançaram suas linhas de controle.⁵⁷⁴

Nesse mesmo período, fora da “Alameda MIG”, o 5º Comando de Bombardeiros da Força Aérea e os caças-bombardeiros da Força-tarefa Naval 77 iniciaram, no dia 23 de fevereiro, uma operação de interdição aérea contra rodovias, pontes e tuneis, respectivamente, no noroeste e nordeste da Coreia do Norte, havendo no último caso complementação com fogo naval.⁵⁷⁵

Ainda assim, em todo front, chineses e norte-coreanos impunham resistência. A sudoeste de Chip'yong-ni, os batalhões australiano e canadense encontraram um bolsão chinês na escarpada Colina 614 que resistiram na posição por quatro dias. A leste, a neve também atrasou o avanço do I Corpo sul-coreano por cinco dias. Isso deu a oportunidade para que as forças norte-coreanas tivessem tempo de se reposicionarem mais ao oeste de Soksa-ri e organizassem guerrilhas nas montanhas, principalmente contra o avanço do III Corpo sul-coreano. No dia primeiro de março, a ação combinada com apoios de fogos aéreo e naval expulsou os norte-coreanos, que contra-atacaram na noite seguinte. Tal ação durou toda a madrugada e um batalhão sul-coreano teve que ser resgatado. Os 26º Regimento e 1º Regimento de Cavalaria sul-coreanos, mesmo em situação crítica de suprimentos, foram capazes de coordenar um ataque no dia 4 de março que permitiu o alcance da Linha Arizona em Kangnung.⁵⁷⁶

A partir de 7 de março, as forças norte-americanas tiveram sua linha corrigida e iniciaram a ofensiva como um único front. A Operação *Ripper* tinha como objetivo dar condições estratégicas para se considerar a abertura das negociações com chineses e norte-coreanos. Portanto, a reconquista de Seul não era suficiente. Era necessário ultrapassar o paralelo 38° e conquistar terreno que desse vantagem tática e profundidade estratégica na defesa deste objetivo e da Coreia do Sul. Ridgway também baseou seu plano em relatórios de inteligência que apontavam que as forças chinesas não buscariam combates prostrados nas ruas de Seul e que se concentravam a norte e nordeste da cidade. Portanto, o principal esforço do avanço seria o alcance da Linha Idaho pelo IX Corpo, compreendendo a área entre Tokso, Hoengchon e Chunchon; enquanto o I Corpo, com três divisões, realizaria a retomada de Seul. Toda a linha, com exceção da 24ª Divisão, encontrou bolsões de resistência, principalmente a 2ª Divisão, por avançar a partir de terreno montanhoso e unidades norte-coreanas mais adequadas a defesa de posições. Isso resultou em avanço destacado da 1ª Divisão de Fuzileiros, que alcançou a Linha Albany em 9 de março e teve seus flancos expostos.

⁵⁷⁴ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 307–309, 313.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 317, 326–327.

⁵⁷⁶ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 503–512.

No flanco direito do X Corpo, a 7ª Divisão tinha a missão de assegurar a estrada para Pyongchang. Esse setor era ocupado pela 1ª e 15ª Divisões norte-coreanas, que impuseram também considerável resistência. As unidades sul-coreanas na costa leste da península tinham a função apenas de proteger o flanco direito da linha de avanço e ainda se recuperavam das batalhas dos últimos meses. Nas regiões montanhosas entre o corredor central e a costa leste da Península, o III Corpo sul-coreano encontrou unidades norte-coreanas bem posicionadas na região de Paeksok-san, expulsas após combates nos dias 7 e 8 de março, mas que contra-atacaram com dois regimentos. Apenas com a concentração de duas divisões e apoio de fogo aéreo que foi possível quebrar sua resistência, possibilitando o alcance da Linha Albany em Soksa-ri e Hajinbu-ri. No dia 12, registrou-se o recuo de toda linha defensiva chinesa/norte-coreana, possibilitando, no dia seguinte que as demais divisões norte-americanas e sul-coreanas atingissem seus objetivos.⁵⁷⁷

Essa última fase da 1ª Ofensiva de Ridgway não pode ser considerada desprezível. Ela provocou **9.595** baixas chinesas e norte-coreanas – 7.918 mortos, 1.469 feridos, 208 prisioneiros – e sofreu **2.048** – 240 mortos, 1.003 feridos e 805 desaparecidos.⁵⁷⁸ Deve-se considerar ainda o efeito moral sobre as forças norte-americanas e sul-coreanas em serem capazes de iniciarem enfrentamentos ofensivos após o debacle das últimas batalhas. Mais importante, se frustrava o plano defensivo chinês de resistir o avanço norte-americano sobre Seul.

Durante esse período, transcorriam as atividades preparatórias do I Corpo norte-americano para recaptura da capital. Os chineses, de fato, não tinham o objetivo de combates prostrados pelas ruas da cidade. A maioria de suas forças se retirava sob a cobertura do 38º Exército. Este manteve poucas unidades na cidade, se concentrando em posições elevadas ao norte. Ainda assim, a travessia do rio Han pela 25ª Divisão foi sincronizada com uma barragem de artilharia na madrugada do dia 8 de março e ações diversionárias ao longo do rio Han. O ataque continuou por quatro dias a oeste do rio Pukhan, estabelecendo junto uma cabeça-de-ponte a nordeste de Seul, enquanto a Brigada Turca controlava a área em torno da Rodovia 18 e a 24ª Divisão a Rodovia 17.

A partir do dia 12, patrulhas por meio do rio Han e reconhecimento aéreo foram intensificados, relatando ausência de oponentes em Seul. A concentração mais significativa era ao norte, a oeste da Rota 3 e próximo a Uijongbu. Ridgway autorizou que o I Corpo ocupasse posições a noroeste de Seul e completasse o envelopamento da cidade, tendo a Linha Lincoln como limite do avanço. Essa seguia em correspondência com a Linha Buffalo, sendo que IX Corpo poderia proceder em direção à Linha Idaho, tendo como limite Chuncheon. No entanto, a orientação das atividades a partir de então seria defensiva, para cobertura da conquista de Seul, e apenas seriam conduzidos reconhecimento para se manter contato com as unidades oponentes. A operação de entrada em Seul, no dia 15 de março, foi bastante cuidadosa e gradual por destacamentos da 1ª Divisão sul-coreana, seguido do avanço também gradual da 3ª Divisão. Por fim, a ocupação deu-se no dia 16 de março. A cidade estava abandonada e foram identificadas unidades oponentes em torno de 14 quilômetros ao norte da cidade. Esse conjunto de ações resultou em torno **8 mil** baixas chinesas, sendo 3 mil de mortos. As forças norte-americanas tiveram **98** baixas, sendo 58 mortos, 33 feridos e 7 desaparecidos.⁵⁷⁹ O número desproporcional de baixas chinesas e norte-coreanas neste último estágio da ofensiva nor-

⁵⁷⁷ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 354–355, 365, 376; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 533.

⁵⁷⁸ ECKER. *Korean Battle Chronology*, p. 85; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 512.

⁵⁷⁹ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 335–345; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 519–528.

te-americana permite especular sobre o estado de desarranjo das unidades isoladas e sacrificadas na defesa de Seul e operando continuamente desde o início do ano.

No corredor central, o avanço para a Linha Buffalo iniciou-se na noite do dia 13 de março, com concentração das 1ª Divisão de Cavalaria e 1ª Divisão de Fuzileiros sobre a cidade de Hoengchon, com a cobertura das 2ª Divisão norte-americana e 6ª Divisão sul-coreana, respectivamente, no Reservatório Hwacheon e no vale Pukhan-gang. Dois dias depois, ao encontrar a cidade vazia, e, apenas ao norte da cidade, a 1ª Divisão de Cavalaria encontrou um destacamento chinês de cobertura na Rota 29 entre ela e Chuncheon.

Nesse estágio, a velocidade do avanço tornou-se uma preocupação. A fim de evitar infiltrações, o comandante do IX Corpo estabeleceu a Linha Buster ao norte de Hoengchon. No dia 17 de março, suas quatro divisões seguiram encontrando pouca resistência, concentrada a frente da 1ª Divisão de Cavalaria. A partir do dia 18, todas as divisões avançaram sem resistência e ocuparam suas posições na Linha Buster no dia seguinte.

No mesmo dia 19, um batalhão da 6ª Divisão sul-coreana identificou e destruiu um batalhão chinês, o que, pelo ineditismo do evento, corroborou a especulação sobre a perda de coesão das unidades chinesas, isoladas, desabastecidas e sem capacidade de fazer frente a uma unidade equivalente sul-coreana. Com esse sinal inequívoco de desarranjo chinês, iniciou-se o avanço à Linha Cairo imediatamente. A 1ª Divisão de Cavalaria foi a primeira unidade a alcançar Chuncheon no dia 21 de março, quando se encontrou alguma resistência, que não se manteve até o dia seguinte.⁵⁸⁰ Com a tomada de posições estratégicas no corredor central e o recuo mais constante das forças oponentes nesse setor, Ridgway ordenou a retomada do avanço no setor ocidental pelo I Corpo, que se iniciou no dia 22 de março e tinha a Linha Benton como limite de controle, às margens do rio Imjin. No dia 30 de março, havia a suspensão da ofensiva.

Como resultado dela, as forças americanas e aliadas asseguraram Seul, o paralelo 38º e a situação *ante bellum* tendo sofrido 1.796 mortos, 8.206 feridos e 1.226 desaparecidos, totalizando **11.228 baixas por combate**. Porém, mais pesadas foram as baixas provocadas por razões não combatentes, notadamente frio e doença: **12.631**, totalizando um total de **23.859**. De outro lado, ainda que não haja dados precisos das baixas chinesas e norte-coreanas em todo o mês de março, o número de prisioneiros foi enorme: **143.952**, sendo **103 mil norte-coreanos**, 37 mil sul-coreanos forçados ao combate e apenas 2.702 chineses. Esses números reforçam dois pontos tratados anteriormente: o ônus que as forças norte-coreanas assumiram nessa fase da guerra e as condições de relativo abandono que as forças de cobertura sofreram durante a preparação da 2ª Ofensiva de Peng Dehuai.⁵⁸¹

Apesar de limitadas, as possibilidades diplomáticas da ofensiva de Ridgway não foram exploradas. No dia 20 de março, a Junta de Chefes de Estado Maior informou Ridgway que Truman estava preparado para fazer uma declaração com a proposta de cessar-fogo em consonância com alteração estratégica produzida pela ofensiva norte-americana e início de uma ofensiva coercitiva a fim de pressionar os chineses para a negociação. No entanto, no dia 24, MacArthur fez um pronuncia-

⁵⁸⁰ Ridgway chegou a considerar um assalto paraquedista por um Batalhão do 187º Regimento ao norte de para cortar a linha de retirada chinesa. No entanto, a retirada chinesa foi mais veloz, e ele reviu o assalto aeroterrestre – Operação *Courageous* – no estuário ocidental do rio Imjin em Munsan, a ser executado por uma batalhão do 187º Regimento Aeroterrestre e a 1ª Divisão sul-coreana. Pela tempestividade da operação e condições desfavoráveis de voo e salto, não haveria resultados significativos.

⁵⁸¹ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 406–407; ECKER. *Korean Battle Chronology*, p. 85, 87, 89.

mento, sem autorização de seus superiores, apontando que os chineses não podiam obter vitória na Coreia, e seriam retalhados em seu território se o tentassem. No mesmo dia, houve uma declaração do presidente Rhee que as forças das Nações Unidas não deveriam parar no paralelo 38° e tinham que unificar o país. Isso inviabilizou a iniciativa prevista de Truman, que suspendeu sua declaração para evitar o envio de mensagem truncada para seus aliados e a coalizão comunista. A intenção imediata de Truman foi pela destituição de MacArthur do seu comando, porém foi orientado pelos seus assessores que aquele não era o melhor momento.⁵⁸²

Ainda assim, como planejado, Ridgway deu início a uma nova fase de sua ofensiva, cuja utilidade diplomática foi desperdiçada pelas ações de MacArthur e Rhee, mas que ainda foi relevante do ponto de vista estratégico.

10.6 A BREVE FASE COERCITIVA DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY

É comum que se dê pouca importância a essa fase, como se ela fosse simplesmente a continuação cronológica da ofensiva norte-americana em andamento desde janeiro. No entanto, essa foi estrategicamente distinta. Entre janeiro e março e até a Operação *Ripper*, buscava-se recuperar território e objetos políticos e estrategicamente importantes, e assim anular as condições de vantagens diplomáticas e estratégicas a favor da coalizão comunista. Já a partir da Operação *Courageous* – seguida pelas *Rugged* e *Dauntless* – tinha início uma breve ofensiva coercitiva norte-americana interrompida pela Ofensiva Chinesa da Primavera. Entre em 22 de março e 22 de abril, o avanço norte-americano passava a seguir uma nova meta de avanço sobre o território original da Coreia do Norte e de pressão sobre a base de operações chinesas, impondo às forças chinesas e norte-coreanas maiores taxas de perdas e, assim, desgaste de suas preparações para sua nova ofensiva. Isso tudo envolvia necessariamente ultrapassar o paralelo 38°, cuja decisão não foi tomada em Washington por divergência entre Departamento de Estado e Junta de Chefes-de-Estado-maior, mas delegada a Ridgway. Tal impasse político era uma falha da liderança política norte-americana, que se retirou da decisão e a reduziu a uma questão tática: a consolidação de uma melhor linha de defesa da Coreia do Sul. Entretanto, ela não se omitiu em uma decisão política igualmente importante: a destituição de MacArthur.

A partir de meados de março, novas divisões chinesas passaram a cruzar o rio Yalu, bem como se conduzia a concentração de material bélico para uma ofensiva. Ao longo de março, o 26º Exército chinês, que havia sido empregado em novembro de 1950 no envelopamento do X Corpo em Choisin Reservoir, foi reintroduzido no teatro de operações. No entanto, no corredor central e fazendo frente à 24ª Divisão norte-americana. Mais outros três exércitos se concentraram na região de Cheorwon-Kumhwa e começaram a executar patrulhas, reconhecimento e assaltos em antecipação da ofensiva chinesa planejada para abril. Tal movimentação não passou despercebida, e desde o dia 19 de março, a interdição aérea norte-americana começou a se concentrar contra o grande número de trens e caminhões na região de Cheorwon, a base de operações chinesas, também conhecida como Triângulo de Ferro.⁵⁸³

O novo objetivo da ofensiva – a Linha Kansas – visava a prover profundidade estratégica na defesa do paralelo 38° e Seul, mas principalmente assegurar terreno mais vantajoso para as forças

⁵⁸² KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 555.

⁵⁸³ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 378–379.

norte-americanas, onde elas pudessem sustentar a fase coercitiva da campanha e as negociações pudessem ser abertas. Se no setor ocidental, Ridgway visava o controle de terreno mais adequado para enfrentamentos defensivos a 14 quilômetros ao norte do paralelo 38°, no corredor central e no setor oriental da península, ele julgava que era necessário controle de terreno ainda mais ao norte. Em torno da linha do paralelo 38°, o terreno dos setores central e oriental era montanhoso, quase que desprovido de rodovias com eixo norte-sul, tinha encrustado o Reservatório Hwacheon e era próximo do Triângulo de Ferro. Essas questões táticas, logísticas e estratégicas impunham que a conquista da Linha Kansas seguisse 28 quilômetros adentro da Coreia do Norte e ao norte do paralelo 38°. Essa era definida como o limiar geográfico dos próximos enfrentamentos ofensivos e defensivos em que imporia aos chineses as negociações de armistício. Por isso, a ordem de batalha para sua conquista concentrava as melhores unidades que Ridgway tinha à mão. De oeste a leste, a Operação *Rugged* tinha a seguinte composição:⁵⁸⁴

- I Corpo: 1ª Divisão sul-coreana, 3ª, 25ª e 24ª Divisões norte-americanas;
- IX Corpo: 27ª Brigada Britânica, 6ª Divisão sul-coreana, e 1ª Divisão de Cavalaria;
- X Corpo: 2ª e 7ª Divisões norte-americanas e 5ª Divisão sul-coreana;
- III Corpo: 3ª e 7ª Divisões sul-coreanas;
- I Corpo: 3ª e Divisão Capital sul-coreanas;
- A 1ª Divisão de Fuzileiros seguia como reserva da operação no corredor central.

Com início em três de abril de 1951, os I e IX Corpos norte-americanos iniciaram o avanço e os demais apenas no dia 5. Enquanto os I, IX Corpos norte-americanos e I Corpo sul-coreano alcançaram suas metas no dia 9 de abril, no corredor central, os Corpos-de-Exércitos norte-americano e sul-coreano levariam quase todo o mês de abril. Esses teriam que avançar por terreno montanhoso e onde houve resistência oponente, principalmente contra o III Corpo sul-coreano, que também teve a necessidade de realizar um cuidadoso e lento processo de desminagem. No setor do X Corpo, a 5ª Divisão sul-coreana encontrou forte resistência para tomar a região de Inje e alcançar a Linha Kansas, assim como a 2ª Divisão norte-americana para alcançar Yanggu. Nos dois casos, unidades norte-coreanas engajaram. Já o reservatório Hwacheon era defendido por unidades chinesas e Ridgway delegou à 1ª Divisão de Fuzileiros a missão de toma-lo. Essa não foi cumprida até que as forças chinesas abandonaram a posição no dia 18 de abril.⁵⁸⁵

Com esse reforço no corredor central, Ridgway decidiu concentrar forças contra o Triângulo de Ferro. Era reconhecido que uma ofensiva chinesa teria início a qualquer momento. Portanto, o propósito da Operação *Dauntless* era manter contato com o oponente e desgastar sua preparação, posicionando o IX Corpo norte-americano na Linha Wyoming. Antes dela, existia uma fase de controle anterior a partir da Linha Utah que tinha uma forma de flecha ao acompanhar as características geográficas do estuário do rio Pukhan ao norte da Linha Kansas, em que o I Corpo aplicaria todas suas divisões norte-americanas – 3ª, 24ª e 25ª – reforçadas da 27ª Brigada Britânica. Essas unidades tinham a missão de proteger o front e o flanco do IX Corpo, enquanto este lançasse ataques

⁵⁸⁴ Ibid., p. 410–411; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 556–557; MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 415.

⁵⁸⁵ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 425–426; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, Lincoln: University of Nebraska Press, 2001, p. 560–566.

limitados à posição chinesa. Enquanto isso, o X Corpo norte-americano e os Corpos-de-Exércitos sul-coreanos deveriam concluir e/ou consolidar suas posições na Linha Kansas.⁵⁸⁶

A operação teve início em 11 de abril, o mesmo dia em que o general Douglas MacArthur foi destituído do Comando do Extremo Oriente. Apesar de tratado pelo governo norte-americano como uma coincidência, não foi. Essa era uma mensagem interna e externa do novo pulso político norte-americano sobre as operações militares. A Linha Utah foi alcançada pelo I Corpo em 20 de abril, apesar de crescente resistência chinesa. A segunda fase da operação para alcance da Linha Wyoming começou no dia 21. Com indícios de que a ofensiva chinesa era iminente, a operação foi encerrada no dia seguinte por decisão de Ridgway. As forças norte-americanas eram convertidas para a defensiva e tinha início a segunda ofensiva de Peng Dehuai de 1951. A fase coercitiva da ofensiva norte-americana sofreu baixas que também não foram desprezíveis: 354 mortos, 1.812 feridos e um total de **2.175 baixas**. Não existem dados sobre as baixas chinesas e norte-coreanas.

10.7 AVALIAÇÃO DA 1ª OFENSIVA DE RIDGWAY

As forças chinesas sofreram constrangimentos adicionais da ofensiva norte-americana porque elas não estavam preparadas para isso. Peng Dehuai e Mao Tse-Tung vislumbravam a possibilidade de uma ofensiva por Ridgway, porém não imediatamente após a ofensiva chinesa e com a intensidade que ela realmente teve. Como consequência, os serviços de transporte e manutenção chineses estavam concentrados na Coreia do Norte, apoiando a entrada de um novo contingente que aumentava para quatro o número de Grupos-de-Exército chineses no teatro de operações. Ademais, esse novo contingente contava com maiores proporções de artilharia, caminhões e unidades técnicas, mas não de unidades de apoio logístico ao combate. Possivelmente, esse foi o período em que os serviços de intendência chineses foram mais extenuados, indo muito além dos seus limites.⁵⁸⁷ Como resultado dessa ofensiva, chineses e norte-coreanos sofreram em torno de **200 mil baixas**, sendo em torno de **60 mil soldados mortos, feridos e baixas pelas condições logísticas** e, o restante, em torno de **140 mil feitos prisioneiros**. Ou seja, as baixas foram equivalentes ao efetivo de um Grupo-de-Exército chinês. Além das perdas quantitativas, deve-se destacar que a 1ª Ofensiva de Ridgway também provocou a queda qualitativa das forças chinesas, de unidades veteranas por unidades recém-formadas ou recapacitadas com grandes proporções de recrutas e prisioneiros. O sacrifício das unidades do XIII Grupo chinês e das unidades norte-coreanas mais veteranas reduziria muito a proporção de oficiais e soldados proficientes com procedimentos e armamentos mais sofisticados, o terreno, o teatro de operações e as características combatentes ocidentais. Essas duas consequências logísticas tiveram impactos estratégicos importantes, como se verá adiante, sobre as condições de conduta da 2ª Ofensiva de Peng.⁵⁸⁸

Os próprios comandantes chineses avaliaram que a ofensiva de Ridgway teve sucesso. E suas causas davam-se, primeiro, porque as forças norte-americanas eram mais bem equipadas e organizadas e elas tomaram a liderança das operações ao invés de ficarem atrás das unidades sul-coreanas. Segundo, as forças norte-americanas adaptaram-se ao modo de combate chinês ao empregarem táticas “magneto”. Ou seja, baseando-se no limite operacional de uma semana das forças chinesas

⁵⁸⁶ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 567–568.

⁵⁸⁷ XUEZHI, Hong. The CPVF's Combat and Logistics. In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 131.

⁵⁸⁸ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*.

devido à falta de suprimentos, pequenas unidades norte-americanas se fixavam em pontos fortes atraindo e exaurindo unidades chinesas até a exaustão, fazendo-as perder de foco seus objetivos operacionais e expondo-as a superioridade de fogos dos Estados Unidos e ataques às suas retaguardas. Terceiro, outra mudança foi que as forças norte-americanas abandonaram os rápidos avanços por estradas e seguiam agora em formações fechadas e preparadas, evitando assim a exposição de flancos e dificultando infiltrações e penetrações através de suas linhas. Quarto, houve incremento da precisão dos fogos aéreos e de artilharia por imposição de Ridgway sobre os novos comandantes de campo e a Força Aérea norte-americana.

Por conta disso tudo, ainda que os chineses tenham produzido algumas vitórias táticas – como a Batalha de Hoengseong – outras batalhas revelaram outras fraquezas. A tentativa fracassada de atacar e destruir o 23º Regimento norte-americano em Chip'yong-ni expôs as deficiências logísticas e táticas das unidades chinesas e convenceram os comandantes norte-americanos que eles que passavam a ter a vantagem combatente.⁵⁸⁹ Por sua vez, os comandantes de campo chineses e mesmo Mao Tse-Tung foram forçados a mudar sua opinião de que as forças norte-americanas fossem “tigres de papel”. A reversão estratégica era clara, bem como o desempenho combatente das forças norte-americanas. Enquanto alguns autores apontam que em abril de 1951 o Oitavo Exército tinha alcançado o nível de efetividade combatente da Segunda Guerra Mundial, outros apontam que essa era possivelmente superior, se levado em consideração as condições de terreno e logísticas mais adversas e uma proficiência de aplicação de fogos de artilharia e aéreo superior.⁵⁹⁰

A consequência estratégica disso foi que os chineses se viram forçados a mudar o emprego de suas forças e a improvisar. Elas tiveram que recuar antes que o rio Han degelasse e limitasse sua retirada e a nova orientação por uma defesa móvel. Forças leves no front faziam proteção para que as unidades principais ficassem em reserva em grande profundidade. Ainda assim, a situação das forças chinesas no front continuou a se deteriorar devido à contínua falta de suprimentos e reforços. Peng Dehuai tinha sua previsão confirmada que os ganhos anteriores estavam escapando e que os líderes em Pequim tinham uma má percepção de quão má estava a situação no campo de batalha. Ainda em fevereiro, Peng foi a Pequim dizer a Mao que a Guerra Sino-americana era totalmente diferente da Guerra Civil Chinesa. Ele citou a inabilidade das forças chinesas em se reforçarem rapidamente depois de perdas; a impossibilidade de se usar material capturado devido ao poder aéreo norte-americano e à falta de pessoal treinado; e a constante falta de comida. Mao aceitou que a guerra não poderia ser vencida rapidamente. Mas ainda assim, ele continuava a pressionar Peng por alguma vitória quanto antes fosse possível.⁵⁹¹

Isso ressalta que os avanços em termos de coordenação de emprego tático das forças chinesas e norte-coreanas pela criação de um comando conjunto tinham pouco o que contribuir na mitigação dos problemas logísticos, mas foi especialmente limitado em prover incremento em planejamento estratégico desde que ele continuava sendo centralizado por Mao Tse-Tung. Nos dois momentos em que Peng reviu as orientações estratégicas de seu líder – a decisão contra a perseguição das forças norte-americanas após conquista de Seul em janeiro e a conversão para uma defensiva plena

⁵⁸⁹ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 391; YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 19–20.

⁵⁹⁰ JORDAN. *Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952.*, p. 392–396; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 418.

⁵⁹¹ JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War*, New York: Columbia University Press, 1996, p. 212; YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 21.

após o fracasso em Chipyeong-ni em fevereiro – ele foi alvo de pesadas críticas e sujeito a escrutínio pessoal. Nos seus escritos, Peng aponta que a ofensiva norte-americana poderia ter causado muito mais baixas chinesas se não tivesse sido (temporariamente) estancada com o contragolpe na região de Wonju. Embora ele tenha exagerado ao apontar que a ofensiva norte-americana foi repelida naquele momento – e aqui se devem levar em conta as condições do testemunho de Peng Dehuai durante sua prisão – ele pode estar correto na sua avaliação que se os norte-americanos seguissem sem oposição ao norte de Hoengseong, encontrariam as forças chinesas despreparadas e expostas à concentração de interdições que potencialmente poderiam inviabilizar a ofensiva da primavera.⁵⁹²

Como contrafactual, recupera-se nossa formulação hipotética: se os chineses tivessem tentado consolidar sua posição no paralelo 38° ao fim de sua própria ofensiva em janeiro e depois traduzido isso em compromisso político, a guerra poderia ter seguido muito mais favoravelmente aos chineses. Essa também foi a constatação dos generais chineses.⁵⁹³ Os esforços para retirada das forças norte-americanas da Coreia do Norte, conquista de Seul e a organização de uma nova e maior ofensiva foram extremos e ignoravam o oponente e o teatro de operações. De maneira que os importantes ganhos da ofensiva chinesa foram desperdiçados, pois não tinham como ser mantidos a tempo de serem barganhados. E, como discutido no capítulo anterior, a área em torno da cidade de Wonju deveria ser devidamente explorada estrategicamente pelos chineses. De fato, Mao nunca deu a devida importância ao corredor central da Península, nem às vantagens comparativas que ele dava às forças chinesas e norte-coreanas. Note-se que Mao ordenou uma reação à ofensiva de Ridgway com um envelopamento duplo sobre as forças sul-coreanas na área de Wonju, com resultados táticos importantes, mas não o suficiente para alterar a situação estratégica por insuficiência de números, novamente.

Do lado norte-americano, para além dos indiscutíveis resultados estratégicos, eles estavam prontos para aceitar baixas colaterais para sustentar seus avanços e objetivos estratégicos e táticos. Durante as 1ª e 2ª Ofensivas de Peng de 1951, os norte-americanos sofreram, respectivamente, em torno de mil e cinco mil baixas por morte em combate. Já entre janeiro e abril de 1951, as baixas combatentes norte-americanas chegaram quase a **quinze mil soldados mortos**. Número três vezes maior das baixas que os norte-americanos sofreriam nas próximas duas fases da guerra.⁵⁹⁴

A mais importante distinção de Ridgway no emprego de suas forças em relação ao seu oponente era estratégica: ele estabeleceu limites da ofensiva baseado em controles segundo considerações táticas, logísticas e, finalmente, políticas. A primeira fase da ofensiva de Ridgway visava a ajustar as disposições de Corpos-de-Exército e divisões, o que ocorreria até fevereiro. Mais importante, Ridgway era um comandante recém-chegado, que apenas conhecia o oponente de relatórios. Portanto, seu plano orientava que os I e IX Corpos deveriam avançar para determinar a força do oponente e desgastá-lo até o rio Han, onde o Oitavo Exército deveria limitar seu avanço. Em seguida, Ridgway executou avanços coordenados e alternados com X Corpo e os corpos-de-exército sul-coreanos a leste. Taticamente, ele orientou seus comandantes subordinados a não conduzirem ataques contra posições fortes do oponente. Destaca-se ainda sua antecipação ao ataque chinês a Chipyeong-ni, sua leitura quanto à importância estratégica dessa batalha como arrimo de sustentação de suas linhas no corredor central e início de retomada da ofensiva e a decisão de cancelamento e revisão do comando

⁵⁹² DEHUAL. *My Story of the Korean War*, p. 35.

⁵⁹³ YU. *What China Learned from its "Forgotten War" in Korea*, p. 20.

⁵⁹⁴ ECKER. *Korean Battle Chronology*.

de retirada dada por Almond.⁵⁹⁵ Através desses avanços, Seul foi retomada, bem como se avançou além do paralelo 38º quando esse padrão foi estendido na conquista de novos objetivos limitados (Operações *Courageous*, *Rugged* e *Dauntless*) entre março e abril.⁵⁹⁶

Nesse sentido, a Linha Kansas pode ser entendida o ponto culminante da vitória da conduta norte-americana nessa guerra, ou seja, o limiar em relação a qual o recuo colocaria em risco a utilidade e as razões políticas da guerra. Por isso, desse momento até o final da guerra em 1953, as forças norte-americanas nunca mais aceitariam um recuo para alguém dessa linha. A questão remanescente estava no aprimoramento da conduta norte-americana para delimitação do ponto culminante do ataque, o que seria desenhado unicamente por Ridgway e que ele jamais delegaria a decisão, mesmo após assumir o Comando do Extremo Oriente e passar o comando do Oitavo Exército para James Van Fleet ao fim de abril de 1951.

O sucesso da 1ª Ofensiva norte-americana – que foi a mais importante da guerra – era devido a seu comandante. As decisões de ordens tática, logística, estratégica e, por delegação, política por Matthew Ridgway alteraram o desempenho combatente norte-americano e a correlação de forças criaram condições de vantagem estratégica e uma alternativa política para o encaminhamento da guerra. Essa última e singular contribuição também marcaria a razão da urgência de colocá-lo no lugar de MacArthur, a fim de dar continuidade no desenvolvimento dos aspectos políticos da Guerra Sino-americana e desta no âmbito da Guerra Fria, seja a abertura das negociações com a coalizão oponente, seja a conclusão do tratado de paz com o Japão.

Em contrapartida, deve-se registrar que essa ofensiva não foi sem erros e sobressaltos. Mesmo com as orientações do embaixador Muccio ao início de seu comando, Ridgway não deu a importância devida e delegou demasiadamente o planejamento e a execução do avanço no corredor central ao general Almond. A má-conduta do avanço em direção a Hoengseong evidenciava como muitos oficiais insistiam em uma apreciação superficial do modo de combate chinês. O general Almond, assim como MacArthur, estava presente na Coreia durante as ofensivas chinesas de novembro e janeiro. Ainda assim, nenhum deles encaminhou um estudo sistemático sobre os planos e táticas elementares dos chineses. Sem essa orientação de comandantes superiores, restou a cada unidade abaixo de batalhão, produzir seus próprios documentos de lições aprendidas, mas isso acabou ficando restrito a procedimentos elementares.⁵⁹⁷ Essas deficiências e seus resultados negativos explicam o controle que Ridgway continuaria a exercer sobre as forças combatentes, mesmo após a passagem do seu comando.

A destituição de Douglas MacArthur em 11 de abril de 1951 foi um dos eventos mais marcantes e estudados da história contemporânea dos Estados Unidos. A causa final foi a divulgação pública de carta de MacArthur para o deputado federal Joseph Martin, em que ele criticou os aliados europeus e defendeu tornar a guerra contra a China o principal teatro da Guerra Fria. De maneira que se devia expandi-la com o envolvimento da China nacionalista e recusar qualquer negociação. Deve-se enfatizar o momento da decisão de sua destituição. Apesar do efeito público na imprensa e por ação do Partido Republicano, esse era o momento em que os Estados Unidos e suas ações estratégicas e diplomáticas se encontravam em melhores condições desde outubro de 1950. Além

⁵⁹⁵ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 402.

⁵⁹⁶ MALKASIAN. *Toward a Better Understanding of Attrition*, p. 924-925.

⁵⁹⁷ COLEMAN, *Wonju*, p. 75-77.

disso, esse também era um momento crítico na busca de um encaminhamento da guerra que não sobrepujasse os demais esforços políticos na Europa e na Ásia. Por fim, a orientação política de Ridgway para assumir o Comando do Extremo Oriente trazia resultados nos alinhamentos de grupos políticos e países coligados, por isso era necessário retirá-lo da rotina de decisões táticas das forças combatentes norte-americanas.

A OFENSIVA CHINESA DA PRIMAVERA, 22 DE ABRIL A 27 DE MAIO

No plano original de guerra chinês e antes dos desenvolvimentos decorrentes entre janeiro e abril de 1951, a Ofensiva da Primavera era vista por Mao Tse-Tung e o comando chinês como aquela que produziria a vitória: seja impondo baixas irrecuperáveis ao oponente, seja fazendo-o perder objetos de valor – Seul, Inchon e a rede modal no corredor central da Península Coreana. Entretanto, devido às condições de operação no teatro de operações e desgastes de suas próprias forças combatentes durante sua preparação; eles limitaram suas expectativas e a nova ofensiva passava a ter metas menos ambiciosas: reverter, novamente, a correlação de forças, retomar a iniciativa e empurrar as forças oponentes para o sul do paralelo 38°. A expectativa de uma vitória dissipava-se e os chineses buscavam melhores condições estratégicas e de barganha diante a abertura das negociações de cessar-fogo. Ou seja, as orientações políticas e estratégicas da conduta chinesa se aproximavam mais daquelas adequadas às condições de guerras limitadas.

11.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS

A Ofensiva da Primavera era cotejada desde a ofensiva chinesa anterior do Ano-Novo, quando Mao Tse-Tung alterou os objetivos políticos para fins positivos. No entanto, a surpresa e o sucesso da ofensiva norte-americana forçaram que ele e o comandante Peng Duhai corrigissem seus planos e a pular etapas do esforço de preparação. Logo após as batalhas decisivas no corredor central em fevereiro, Mao antecipou que perderia o controle do paralelo 38°. Por conta disso, ele formulou três cenários de emprego das forças norte-americanas:

- Elas explorariam a condição da fadiga chinesa e continuariam avançando para o norte;
- Elas fariam uma pausa de 20 dias;
- Elas fariam uma pausa mais longa – de dois a três meses – para fortificação do paralelo 38° e, então, retomariam a ofensiva.

Ele considerava os dois primeiros cenários menos prováveis, enquanto a mais longa pausa duraria enquanto a inteligência norte-americana não identificasse a chegada dos novos reforços chineses. Com a possibilidade de reversão do equilíbrio de forças, os Estados Unidos forçariam um impasse ao longo do paralelo 38°. Do lado chinês, era necessário tomar medidas para evitar tal reação e Mao deu aval para o emprego de todos os recursos que os chineses tivessem à mão a fim de provocar danos que enfraquecessem as posições estratégicas e diplomáticas norte-americanas. Em termos operacionais, isso era traduzido na neutralização das divisões sul-coreanas, bem como dos

principais contingentes aliados dos norte-americanos: as unidades britânicas e turcas. Buscava-se, assim, colocar o esforço oponente em difícil condição de respaldo político.

Como discutido no capítulo 6, a partir desse estágio da guerra, os chineses contariam com uma margem significativa de superioridade numérica de forças combatentes terrestres em termos absolutos em relação aos norte-americanos. Entretanto, em termos qualitativos, eles teriam uma redução na proporção de unidades veteranas e completas e uma proporção maior de unidades formadas por recrutas ou mistas de soldados e unidades incorporados recentemente ao teatro de operações. Os quatro grupos de exércitos eram composto por uma pequena proporção de unidades soldados do primeiro contingente formado por divisões veteranas que participavam da guerra desde seu início, e uma proporção maior de um segundo contingente que foi inserido no teatro a partir de março de 1951.

O XIII Grupo-de-Exército era aquele que lutou continuamente no corredor central contra as ofensivas de Ridgway. Por isso, apenas um terço do seu contingente original permanecia no teatro. Suas divisões mais experientes foram destruídas, desbaratadas ou retornavam para a China. Aquelas que permaneceram tinham um efetivo médio de 4 a 5 mil soldados cada, e teriam uma participação mais marginal a partir de então. O IX Grupo-de-Exército lutou em novembro de 1950, quando sofreu pesadas baixas e passou por ampla recuperação, com 18 mil soldados veteranos e 30 mil recrutas, elevando suas divisões para efetivos com média entre 6 e 7 mil soldados. Ademais, esse foi o primeiro grupo-de-exército chinês recuperado com material e assessoria soviéticos. Seus exércitos passaram por 4 meses de descanso e integração de novas quatro divisões de artilharia de campo, duas divisões de artilharia de longo alcance e uma divisão de foguetes M-13 Katyusha, totalizando mais de seis mil peças de artilharia para apoio da ofensiva. Consequentemente, também contariam com um maior número de caminhões. Por conta disso, o IX Grupo assumia a principal coluna de ataque da nova ofensiva chinesa. Já os III e XIX Grupos-de-Exército formavam o segundo contingente chinês, deslocado para o teatro de operação em março de 1951. Esse contava com divisões com efetivos completos de em média 10 mil soldados cada, mas, em boa medida, com soldados inexperientes e cansados devido às longas jornadas até a Coreia.⁵⁹⁸

As expectativas chinesas foram, inicialmente, elevadas também pelo incremento das unidades de serviço de apoio. Em 16 de abril, havia sido estabelecido o Comando Logístico, sob o comando do general Hong Xuezhong e composto por 180 mil soldados, com apoio de três divisões de engenheiros de ferrovias e novos regimentos de engenharia de guerra. Além disso, houve o acúmulo de 18 mil toneladas de comida e de três a cinco vezes esse número em munição.⁵⁹⁹ Ainda assim, Peng duvidava que as unidades de serviço de apoio chinesas fossem capazes de sustentar tal ofensiva.

Esse cenário negativo começou a se materializar pela frustração da expectativa que os chineses poderiam, pela primeira vez, conduzir uma ofensiva apoiada por uma força aérea. Na Manchúria, duas divisões de força aérea soviética e oito divisões de força aérea chinesas haviam sido reunidas para a proteção das linhas de comunicações comunistas na Manchúria. Era planejado que seis dessas divisões aéreas chinesas fossem deslocadas para proteção das linhas de comunicações ao longo da Península, operando a partir de novas pistas de pouso e instalações na Coreia do Norte em cons-

⁵⁹⁸ APPLEMAN, Roy Edgar. *Ridgway Duels for Korea*, Texas: Texas A&M University Press, 1990, p. 450–453; LI, Xiaobing. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, Bloomington: Indiana University Press, 2014, p. 104.

⁵⁹⁹ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 148.

trução expressa, reunindo em torno de 40 mil chineses, norte-coreanos e soviéticos. No entanto, a Força Aérea norte-americana detectou essas atividades e iniciou uma operação de interdição no dia 16 de abril, a qual tornou as pistas de pouso inoperantes e aquelas divisões tiveram que permanecer na China.⁶⁰⁰ Outro resultado da continuidade do domínio aéreo norte-americano foi a redução do serviço de intendência motorizado chinês. Os ataques aéreos aos comboios e infraestrutura acentuaram o gargalo no provimento de motoristas e a precariedade das rodovias. Consequentemente, os chineses não teriam mais que dois mil caminhões operando no máximo 40km por noite, restringendo a distribuição de suprimentos no front a 40% dos volumes necessários. Por um lado, as forças chinesas teriam considerável número de baixas por má-nutrição, em torno de 13%, enquanto, por outro lado, as insuficiências de munição e combustíveis reduziram ainda mais o alcance operacional dos ataques chineses.⁶⁰¹

O planejamento e preparação das forças chinesas também foram afetados pelas operações navais norte-americanas nas costas norte-coreanas. Entre o fim de fevereiro e março, o Corpo de Fuzileiros Navais sul-coreano e a Marinha dos Estados Unidos ocuparam as ilhas da baía de Yonghung na costa oriental, que permitiram o controle do trânsito marítimo a partir da União Soviética e a restrição no uso das infraestruturas em seu entorno. Em abril, as forças sul-coreanas e norte-americanas se concentraram contra as ilhas da costa ocidental, ameaçando diretamente as atividades preparatórias para a ofensiva chinesa. O controle das ilhas Kangwhado, Paekryongdo e Sokdo permitiram uma base de operações atrás das linhas chinesas e a condução de pequenos desembarques.⁶⁰² O escalonamento dessas operações anfíbias somado à continuidade da ofensiva norte-americana para além do paralelo 38°, sem pausas, alarmou o comandante chinês. Peng Dehuai passou a temer que os norte-americanos intencionavam replicar a Operação *Chromite*, de setembro de 1950 contra as forças norte-coreanas, combinando assaltos anfíbios em Wonsan e Tongchon-ni às linhas de comunicações das forças chinesas com o escalonamento da ofensiva terrestre, sustentada pelo reforço de novos contingentes. Apesar de equivocada, a principal consequência dessa leitura do cenário estratégico foi que Peng antecipou em três semanas o início da ofensiva chinesa, de meados de maio para 22 de abril.⁶⁰³

Do lado norte-americano, a recuperação da Coreia do Sul, a estabilização do front e a destituição de MacArthur do Comando do Extremo Oriente tiveram efeitos positivos na coordenação política da guerra em Washington. Recuperava-se a confiança sobre a utilidade estratégica do Oitavo Exército e nos parâmetros de conduta da uma guerra limitada na Coreia. Tirava-se do vocabulário a palavra vitória, pois assumiram que ela era inviável para ambos os lados. Portanto, com exceção da participação direta da União Soviética na Coreia ou uma guerra global, a obtenção de um cessar-fogo era mantida como o melhor prospecto para o encaminhamento da guerra. A dificuldade era desenhar as próximas operações de maneira a desgastar o oponente o suficiente a fazê-lo aceitar os termos norte-americanos. Mas se entendia que era necessária moderação a fim de se evitar um

⁶⁰⁰ FUTRELL, Robert F. **The United States Air Force in Korea, 1950-1953**, Washington: United States Government Printing, 1997, p. 286-287; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2, Lincoln: University of Nebraska Press, 2001, p. 604; MILLETT, Allan R. **The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North**, Lawrence: University Press of Kansas, 2010, p. 429.

⁶⁰¹ LI. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**; YU, Bin. What China Learned from its "Forgotten War" in Korea. In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 24.

⁶⁰² KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2, p. 572-575.

⁶⁰³ LI. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**, p. 105; YU. **What China Learned from its "Forgotten War" in Korea**, p. 21-23; ZHANG, Shu Guang. **Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951**, In: RYAN, Mark; MCDEVITT, Michael A. (Org.). **Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949**, Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 91-122.

contra-ataque desesperado ou ampliação da guerra para outros teatros. Por conta disso, decidiu-se a flexibilização do processo decisório, estabelecendo-se consultas informais entre os Departamentos de Defesa e de Estado, em que o primeiro submetia ao segundo todas as operações militares com implicações políticas antes mesmo de serem submetidas ao Secretário de Estado, ao Conselho de Segurança Nacional e ao Presidente. Reforçava-se o entendimento que apenas as operações militares não seriam suficientes para o encerramento da guerra, enquanto as operações militares deveriam ser conduzidas levando em conta não prejudicar as bases estratégicas e diplomáticas que sustentavam a interposição norte-americana contra a recuperação chinesa de Taiwan e um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.⁶⁰⁴

Alternativamente e em caso de continua recusa ou ruptura das negociações, a Junta de Chefes de Estado-maior já havia formulado um plano de bloqueio naval da China e orientava medidas de bloqueio econômico e para o reforço das forças norte-americanas no Japão. As mesmas medidas eram recomendadas em caso de fracasso norte-americano no teatro de operações e de necessidade de evacuação da Coreia do Sul. Entretanto, diferente do que supunha Peng, não havia qualquer decisão pelo reforço das forças norte-americanas na Coreia. O esforço de mobilização tinha como meta o envio de divisões adicionais da Guarda Nacional para reforço da guarnição japonesa, mas principalmente para reforço do teatro europeu. Desde esse estágio da guerra até agosto de 1951, a principal base de reforço em soldados foi sul-coreana, e, a partir de então, o comandante Van Fleet recebeu também um novo contingente de batalhões de artilharia.⁶⁰⁵

Para fazer frente à Ofensiva da Primavera, os norte-americanos constituíam um mais elevado nível de poder de fogos de artilharia e aéreos. O novo comandante do Oitavo Exército teve um importante papel de cobrar a expansão do uso da artilharia. Beneficiado pela conclusão dos incrementos das malhas rodoviárias e ferroviárias, apontados no capítulo 7, e decidindo reter o abastecimento do front de qualquer outro item do que munição pelos sete dias seguintes ao início da ofensiva chinesa, Van Fleet aumentou as taxas de consumo diário de obuses 105mm de 50 para 300 cargas, de obuses de 155mm de 33 para 250 e de canhões de 8 polegadas de 20 para 200.⁶⁰⁶ Ao longo do perímetro defensivo ao norte de Seul, foram construídas fortificações servidas de 786 instalações para artilharia de campo. Dessa maneira, o setor do I Corpo-de-Exército norte-americano – responsável pela defesa da capital sul-coreana – recebia um volume maior de material e suprimentos. Ele teve a sua disposição um navio com munição e outro com combustíveis no porto de Inchon. Como foi apontado, o Oitavo Exército não teve reforços individuais significativos de soldados, apenas um número próximo às baixas entre março e abril, ou 25 mil soldados. Portanto, as forças terrestres norte-americanas e de aliados não teriam mais as grandes alterações da composição de suas unidades e elas estariam completas a partir de então.⁶⁰⁷

Em termos de emprego de força aérea, a vantagem estratégica norte-americana reproduzia um problema logístico do fim do ano anterior na guerra contra a Coreia do Norte. O posicionamento do esforço de guerra ao norte do paralelo 38° trazia constrangimentos ao apoio de fogo

⁶⁰⁴ HERMES, Walter. **United States Army in the Korean War: Truce Tent and Fighting Front**, Washington: US Center of Military History, 1992, p. 53–58.

⁶⁰⁵ Ibid., p. 59–60.

⁶⁰⁶ GIANGRECO, Dennis M. **Artillery in Korea: Massing fires and Reinventing the Wheel**, Leavenworth: US Command and General Staff College, 2003, p. 12.

⁶⁰⁷ APPLEMAN. **Ridgway Duels for Korea**, p. 407–408, 458, 483; MILLETT. **The War for Korea, 1950-1951**, p. 418.

aéreo por caças-bombardeiros da Força Aérea, pois operavam a partir de bases no Japão. Enquanto os caças-bombardeiros F-84 conseguiam operar relativamente bem desde Itazuke, os F-80 eram obrigados a ser sobrecarregados com combustível em prejuízo da ordenança. Esses constrangimentos logísticos foram suficientemente compensados, primeiro, pela efetivação das pistas de pouso em Taegu, ao norte de Busan e, em condições improvisadas, de uma esquadrilha (35º Grupo) de caças F-51, em Seul. Segundo, houve o reforço da Força-tarefa 77 da Marinha com mais três porta-aviões leves (Boxer, Princeton e Filipinas). Eles foram reposicionados do bloqueio em Taiwan e dedicados a missões de apoio de fogo aproximado. Como discutido no capítulo 7, as aeronaves, pilotos e doutrina da Marinha e Fuzileiros Navais eram mais qualificados a esse tipo de missão que os equivalentes da Força Aérea.⁶⁰⁸ Portanto, a disponibilização de, a partir de então, de seis porta-aviões, quatro leves classe Commencement Bay e dois porta-aviões classe Essex, era um ganho de poder de fogo substantivo, em volume e precisão.

Terceiro, houve o emprego de um novo sistema de bombardeios guiados de curta distância (Shoran) que utilizava navegação por rádio, servidos de radares MPQ-2 terrestres e times de orientação em solo com mapas acurados e tabelas balísticas para cada tipo de aeronave e ordenança. Isso permitia a vetoração do apoio de fogo a partir do solo e a realização de bombardeios aéreos sem necessidade de contato visual dos alvos pelos pilotos. Esse sistema incluía inicialmente apenas bombardeiros-médios B-29 e ao longo da guerra foram disponibilizados para os demais caças-bombardeiros da Força Aérea e Marinha. O uso inaugural de radares MPQ-2 durante a Ofensiva da Primavera permitiu identificar grandes bolsões de forças chinesas, bem como alveja-las com concentração de bombas guiadas. Esses dois novos recursos combinados foram importantes, pois incrementaram o desempenho e as possibilidades de apoio de fogo, seja expandido missões noturnas ou sob baixa visibilidade, seja maximizando a saturação de fogos combinados de várias aeronaves.⁶⁰⁹

Quarto, em abril de 1951, houve a substituição no Comando de Bombardeiros da Força Aérea do Extremo Oriente. Seu comandante desde o início da guerra, general Emmet O'Donnel, executou um plano de destruição das indústrias e infraestruturas norte-coreanas. Mesmo com a aniquilação desses sistemas, ele via como desperdício a interdição de forças terrestres oponentes, dificultando a coordenação da força aérea naval e o emprego de apoio aérea aproximado. Como mais um resultado da ascensão de Ridgway a comandante do Extremo Oriente, foi a substituição de O'Donnel pelo general James Briggs e do plano de emprego das forças aéreas norte-americanas na Guerra Sino-americana.⁶¹⁰

11.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES

O comandante chinês Peng Dehuai estimava que as forças norte-americanas fossem de 240 mil soldados e, em boa medida, exauridas. No entanto, ele temia que essa condição de relativa vantagem chinesa fosse alterada com o reforço de 120 mil soldados anunciado em 27 de março pelo Secretário da Defesa George Marshall. Era necessário conduzir a ofensiva chinesa antes disso, para o qual ele estimava possuir meios suficientes – em torno de nove a 11 exércitos chineses e dois corpos

⁶⁰⁸ FUTRELL. *The United States Air Force in Korea, 1950-1953*, p. 362.

⁶⁰⁹ Ibid., p. 356–360; MILLER, Jerry. Air Power Coordination during the Korean War, In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). *Coalition Air Warfare in Korea*, Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 180.

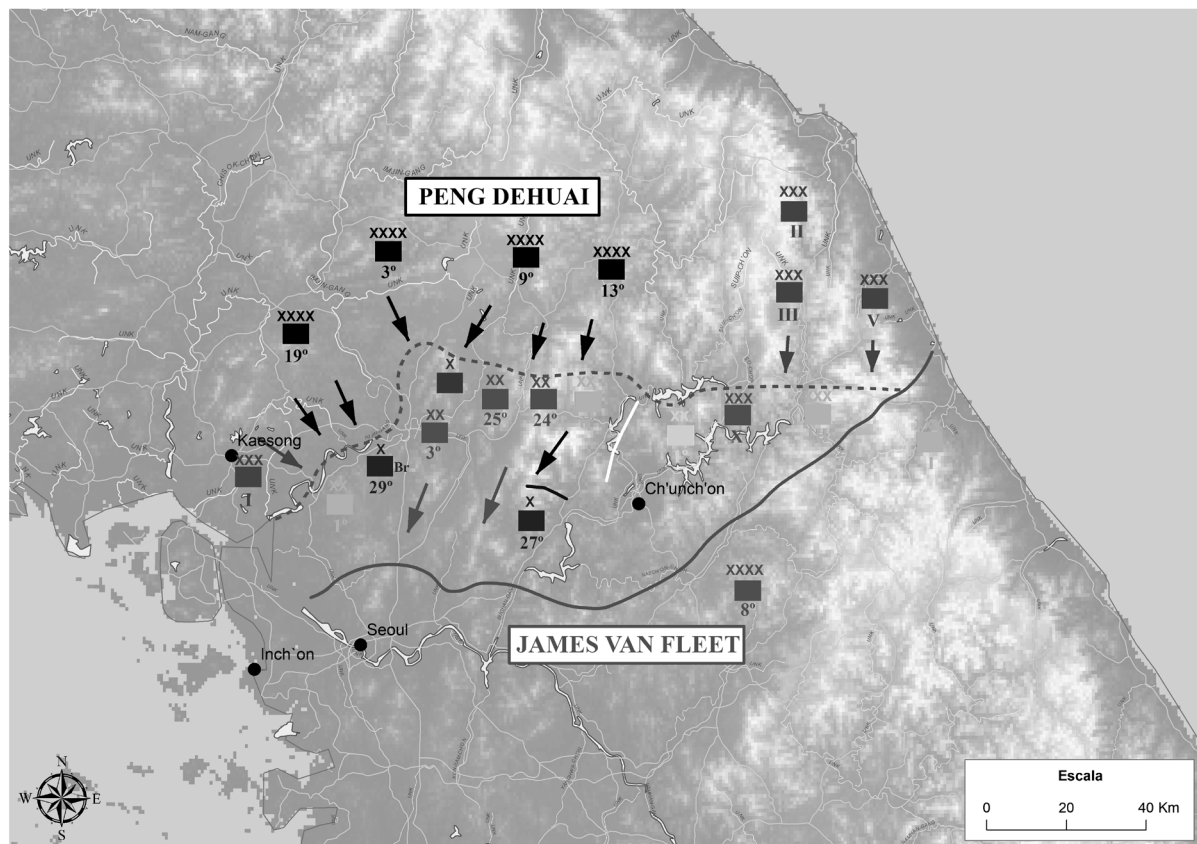
⁶¹⁰ CRANE. *Raiding the beggar's pantry: the search for airpower strategy in the Korean War*, p. 889–901.

norte-coreanos, bem como unidades de artilharia de foguetes, tanques e aéreas. A meta da ofensiva era empurrar a linha oponente para o sul do paralelo 38° e destruir forças oponentes o suficiente para retirar sua capacidade de realizar ofensivas. Para tal, as forças chinesas iriam se concentrar contra as unidades oponentes a oeste do rio Pukhan: a 1ª e 6ª Divisões sul-coreanas, a 3ª Divisão dos EUA, a 27ª e 29ª Brigadas Britânicas, a Brigada Turca e as 24ª e 25ª Divisões dos EUA.⁶¹¹

Seu plano era romper a linha norte-americana entre o I e IX Corps na região de Kimhwa e Kaepyeong em duas seções e isola-las. Para tal, ele queria que uma primeira coluna formada com parte do XIX Grupo-de-Exércitos (63º, 64º, 65º Exércitos) atacasse a área entre Cheorwon e Kaepyeong a partir do rio Imjin. A segunda coluna seria o esforço principal, formada por três exércitos do III Grupo somados ao IX Grupo (20º, 26º, 27º, 39º, 40º Exércitos) e deveria tomar a área entre Seul e Uijongbu a partir de Yonchon e Kimhwa. Os II e IV Corps da Coreia do Norte realizariam ataques secundários contra o X Corpo dos EUA e III Corpo da Coreia do Sul. O plano de ataque detalhado era:

- O XIX Grupo-de-Exércitos iria despachar um Exército para atravessar o Rio Imjin e realizar uma penetração até Uijongbu para cortar a linha de retirada do I Corpo norte-americano, enquanto que a sua principal força atacaria primeiro a 29ª Brigada Britânica e depois avançaria contra os flancos esquerdos das 24ª e 25ª Divisões dos EUA;
- O III Grupo-de-Exércitos chinês lançaria um ataque frontal à 3ª Divisão dos EUA e a Brigada Turca em Yonchon;
- O IX Grupo-de-Exércitos enfrentaria primeiro a 27ª Brigada Britânica, para flanquear as 24ª e 25ª Divisões dos EUA pela direita;
- Os 39º e 40º Exércitos do XIII Grupo-de-Exércitos iriam guardar os flancos esquerdo chinês contra reforços da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais e da 1ª Divisão de Cavalaria no corredor central;
- Finalmente, os corpos-de-exército norte-coreanos teriam um papel secundário ao protegerem os flancos costeiros da Península.

⁶¹¹ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 148; ZHANG. *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951*, p. 110.



MAPA 11.1 – AS DISPOSIÇÕES DAS FORÇAS CHINÊS E NORTE-AMERICANAS NA OFENSIVA CHINESA DA PRIMAVERA

FONTE: o autor

A ofensiva chinesa seguiu uma lógica de “bigorna e martelo”. Enquanto 1/3 da força atacaria ao oeste almejando pressionar o I Corpo norte-americano a recuar até Seul ou às margens do rio Han até o dia 28 de abril, o maior contingente avançaria a partir do Nordeste de Seul almejando assim romper entre os I e IX Corpos.⁶¹² Peng apontou como crucial a seleção do ponto de partida dessa ofensiva desde que era necessário concentrar dezenas de milhares de soldados e material. O vice-comandante Hong sugeriu a área entre Kumhwa e Cheorwon, no entanto Peng considerava esse terreno muito amplo e plano, o que favoreceria o poder de fogo superior norte-americano, e insistiu que as forças se movessem de Kaesong para Hwacheon e Yangyang, onde as montanhas seriam uma proteção. De outro lado, a ofensiva seria conduzida, pela primeira vez, a luz do dia. Além da enorme concentração de soldados, reconhecia-se que se enfrentariam posições norte-americanas preparadas, por isso a chance de surpresa tática era reduzida. Por fim, os chineses tentariam aplicar um volume maior e mais coordenado de fogos de artilharia. Peng relatou esse plano a Mao em 10 de abril que foi aprovado três dias depois sem reservas. As instruções do plano foram encaminhadas em 11 de

⁶¹² APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 451–452.

abril para os comandos subordinados, antecipando o endosso de Mao. Todas as unidades deveriam estar prontas em 22 de abril.⁶¹³

Peng tinha consciência que o insucesso dessa ofensiva teria graves consequências estratégicas, por isso seu acompanhamento na execução de seu plano chegou a detalhes táticos e logísticos: (i) cada uma das unidades principais deveria selecionar unidades de escolta de 200 a 300 soldados com comandantes experientes com preparação necessária – inclusive capacidade de falar coreano e inglês – para atuar atrás das linhas inimigas com o objetivo de destruir linhas de comunicação e depósitos de suprimentos; (ii) os soldados tinham que ter suprimentos de comida para 5 dias e os serviços de apoio deviam disponibilizar comida para mais 5 dias; (iii) as companhias que atuassem destacadas ou em infiltração deveriam dispor de motoristas de caminhão adicionais para utilizar aqueles abandonados pelo inimigo; (iv) indicava ainda que cada exército tinha que incrementar as estradas que utilizaria, ao invés de contar com o corpo de engenheiros.

Por sua vez, o plano defensivo norte-americano ainda era um produto do comando operacional do general Ridgway. Ele foi elaborado após conferência do dia 14 abril e era pautado por quatro linhas de controle de recuo das forças norte americanas:

1. A atual Linha Kansas, alcançada desde o início de abril, era o objetivo estratégico da defensiva norte-americana. Ela era o primeiro estágio de resistência e onde deveria se formar uma linha defensiva contínua, desde que algumas unidades, como a Brigada Turca e o Batalhão Belga, estavam à frente da Linha Kansas mantendo contato com as vanguardas chinesas;
2. A Linha Delta era o principal perímetro de recuo e contenção da ofensiva chinesa na porção ocidental, sendo formada por posições fortificadas e preparadas para ação das baterias do I Corpo e do Oitavo Exército, em torno da área de Chuncheon;
3. A Linha Golden era um semicírculo a 10 km ao norte de Seul e visava ser o limiar da defensiva norte-americana onde e quando se avaliaria a possibilidade de novo abandono de Seul;
4. A Linha Nevada estabelecia a defesa do corredor central e seguia do sul do rio Han até Yangyang. Esse plano foi corrigido, pois, embora dos pontos de vista tático e logístico, era correto que o X Corpo norte-americano não estabelecesse uma linha de recuo com um rio as suas costas, do ponto de vista estratégico, a Linha Nevada expunha demasiadamente o flanco direito no caso em que o I Corpo ocupasse a Linha Golden. Portanto, o comandante Van Fleet desenhou uma linha mais avançada no corredor central para um primeiro recuo a partir da Linha Kansas. A Linha Sem Nome estabelecia um perímetro 30 a 40 quilômetros ao norte da Linha Nevada, entre Yongmun-san, Hoengchon, Hanye-ryong e Sokcho. Com isso, ele protegia o flanco direito do I Corpo ao mesmo tempo em que ele prevenia contra a concessão de posição na área central ao ocupar a Linha Nevada em linha com o I Corpo. Por fim, seu desenho era informado politicamente ao se evitar a perda a Seul pela terceira vez em menos de um ano, e três meses desde a última vez.
5. A defensiva seria encerrada com uma contraofensiva para recuperação da Linha Kansas.⁶¹⁴

Esse plano defensivo dava prioridade ao I Corpo na ordem de batalha com a concentração de quatro divisões, sendo três norte-americanas reforçadas com brigadas e batalhões de nações coligadas. No extremo oeste, a 1ª Divisão da Coreia do Sul, a 3ª Divisão dos EUA e a 29ª Brigada Britânica

⁶¹³ ZHANG, Xiaoming. *Red Wings over the Yalu: China, the Soviet Union, and the Air War in Korea*, College Station: Texas A&M University Press, 2003, p. 108–110, 148.

⁶¹⁴ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 568–569, 643–644.

defendiam a Linha Kansas, sendo que o 11º Regimento da 1ª Divisão sul-coreana era responsável pela área de Munsan-ni, o 12º Regimento cobria o setor leste lado-a-lado da 29ª Brigada Britânica, enquanto o 15º Regimento sul-coreano manteve-se em reserva. O Batalhão Gloucester posicionava-se adjacente à 1ª Divisão sul-coreana, com o Batalhão Northumberland Fusilier em linha e o Batalhão Royal Ulster em reserva. O Batalhão Belga estava anexado a essa brigada, cobrindo a junção dos rios Imjin e Hantan. As 3ª, 25ª e 24ª Divisões norte-americanas cobriam o setor mais ao norte do front. A 3ª Divisão tinha a responsabilidade de bloquear a principal rota de comunicação entre a Coreia do Norte e Seul a partir da estrada de Uijongbu. A Brigada Turca era anexada à 25ª Divisão e tinha, assim, como o Batalhão Belga, a missão de cobrir os flancos da 3ª Divisão, que certamente receberia um maior golpe do avanço chinês. Pela composição do terreno e a importância de sua responsabilidade, a 3ª Divisão tinha seus três regimentos compactados, e sua reserva seria o 35º Regimento da 25ª Divisão. A 24ª Divisão protegia o front leste do I Corpo, com a responsabilidade de bloquear o acesso de Uijongbu a Kumhwa. Para tal, o I Corpo tinha a 1ª Divisão de Cavalaria como reserva estratégica.

O IX Corpo era disposto com a 6ª Divisão sul-coreana adjacente à 24ª Divisão dos EUA, a oeste, e em linha com a 1ª Divisão de Fuzileiros, reforçada do 1º Regimento de Fuzileiros sul-coreano. Ele tinha a missão de defender o flanco direito do IX Corpo e a porção ocidental do Reservatório Hwacheon. A 27ª Brigada Britânica era a reserva desse Corpo, cobrindo a estrada lateral entre Seul e Chunchon, sendo, portanto, possível o seu emprego também no reforço do I Corpo. O X Corpo, no corredor central, acabou compondo a linha defensiva menos reforçada com apenas a 7ª Divisão norte-americana a oeste de Yanggu seguido em linha com a 5ª Divisão sul-coreana a leste. Os III e I Corpo sul coreanos concentravam quatro divisões para cobertura do setor leste do front.

As 1ª Divisão de Cavalaria, 27ª Brigada Britânica e 2ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos, além de comporem uma segunda linha defensiva como reservas, respectivamente, dos I, IX e X Corpos, eram preparadas para o estágio de contragolpe à ofensiva chinesa. Por fim, o 187º Time Regimental de Combate ficou de prontidão em Taegu para reforço de qualquer setor necessário.⁶¹⁵

11.3 A 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG, 22 A 30 DE ABRIL

A Ofensiva da Primavera produziu a maior concentração militar no pós-Segunda Guerra Mundial. Enquanto os chineses concentraram no teatro em torno de **640 mil** soldados,⁶¹⁶ contra um contingente norte-americano total de **350 mil**.

Efetivamente, o comandante Peng Dehuai contaria com **355 mil soldados, sendo 320 mil chineses e 35 mil norte-coreanos**.⁶¹⁷ Note-se que ele empregou, pela primeira e única vez, efetivamente mais de 50% do contingente nominal, o que denota o grande esforço logístico chinês para essa ofensiva.

⁶¹⁵ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 455–456.

⁶¹⁶ MILLETT. *The War for Korea, 1950–1951*, p. 418.

⁶¹⁷ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 602.

Grupo-de-Exército	Exércitos/Corpo de Exército	Divisões	Efetivo
XIX	63º	187 ^a	10.000
		188 ^a	11.000
		189 ^a	10.000
	Subtotal		32.000
	64º	190 ^a	8.000
		191 ^a	10.000
		192 ^a	10.000
	Subtotal		28.000
	65º	193 ^a	9.000
		194 ^a	10.000
		195 ^a	10.000
Subtotal		29.000	
Subtotal do XIX Grupo		89.000	
III	12º	31 ^a	10.000
		34 ^a	10.000
		35 ^a	10.000
	Subtotal		30.000
	15º	29 ^a	10.000
		44 ^a	11.000
		45 ^a	11.000
	Subtotal		32.000
	60º	179 ^a	11.000
		180 ^a	10.000
		181 ^a	10.000
Subtotal		31.000	
Subtotal do III Grupo		93.000	
IX	20º	58 ^a	11.000
		59 ^a	10.000
		60 ^a	11.000
	Subtotal		32.000
	26º	76 ^a	10.000
		77 ^a	10.000
		78 ^a	11.000
	Subtotal		31.000
	27º	79 ^a	11.000
		80 ^a	11.000
		81 ^a	11.000
	Subtotal		33.000
	39º	115 ^a	7.000
		116 ^a	7.000
		117 ^a	7.000
			21.000
	40º	118 ^a	7.000
		119 ^a	7.000
		120 ^a	7.000
Subtotal		21.000	
Subtotal do IX Grupo		138.000	
Subtotal das forças chinesas	11 Exércitos	33 divisões	99 regimentos
		320 mil	

Ordem de Batalha Norte-Coreana ⁶¹⁸			
Subtotal das forças norte-coreanas	I	8 ^a	3.000
		47 ^a	8.000
	Subtotal		11.000
	III	15 ^a	3.000
		45 ^a	8.000
	Subtotal		12.000
	V	6 ^a	3.000
		12 ^a	8.000
	Subtotal		12.000
	3 Corpos de Exército		8 divisões
			12 regimentos
			35 mil
Total	14	45	113 regimentos
		355 mil	

TABELA 11.1 – ORDEM DE BATALHA CHINESA NA 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA CHINESA DE 1951⁶¹⁹

FONTE: Appleman (1990), p. 450-452; Rottman (2002), p. 155-179; Farrar-Hockley (1995), p. 436; Li (2014), p. 46, 52-53, 66-69, 103-104, 135-138.

No lado norte-americano, o novo comandante do Oitavo Exército, general James Van Fleet, teve a sua disposição efetiva **216 mil soldados**.⁶²⁰ No entanto, é importante frisar que em termos da disposição relativa das forças oponentes, os chineses concentraram a grande maioria de sua ofensiva contra os I e IX Corpos-de-Exércitos norte-americanos, sendo que o X Corpo norte-americano e os dois Corpos-de-Exército sul-coreanos a leste da península travaram escaramuças e combates diversivos e desempenharam papel marginal na contenção da ofensiva chinesa. Portanto, o contingente de norte-americanos e aliados empregados diretamente contra as colunas chinesas e norte-coreanas não foi a totalidade do Oitavo Exército. Portanto, para a análise do primeiro impulso da 2ª Ofensiva de Peng parece ser razoável contabilizar apenas os dois corpos-de-exército norte-americanos dispostos entre o setor ocidental e o corredor central na correlação de forças. Isso reduz as forças norte-americanas para **150 mil soldados**.

⁶¹⁸ Existe falta de dados apurados com relação à composição das divisões norte-coreanas, principalmente com relação quais divisões e regimentos estavam realmente operacionais. Appleman aponta que cada Corpo-de-Exército tinha três divisões, e Farrar-Hockley duas divisões cada. No entanto, os dados do primeiro são inconsistentes, pois ele aponta que as divisões norte-coreanas teriam em média três mil soldados e três delas – 19ª, 15ª e 32ª – oito mil. Isso resultaria em um efetivo total de 42 mil soldados, pelo menos, participando dessa primeira fase da segunda ofensiva chinesa. Por isso, preferimos os dados do segundo autor.

⁶¹⁹ Com exceção de quando as fontes chinesas e coreanas oferecem os números precisos dos exércitos e divisões chinesas, assumiu-se a regra de mão de Appleman (1991, p. 421). Em que as divisões do XIX e III Grupos-de-Exército teriam efetivo de 8 mil soldados, do IX Grupo teriam 7 mil e os 39º e 40º Exércitos, realocados do XIII Grupo, com 5 mil soldados.

⁶²⁰ JORDAN, Kelly C. **Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952**. Tese de doutorado, The Ohio State University, Columbus, 1999, p. 62.

Corpos-de-Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo-de-Exército EUA	1ª Divisão RCS	8.000
	3ª Divisão EUA	18.000
	29ª Brigada Britânica	8.638
	25ª Divisão EUA	18.000
	Batalhão Filipino	1.200
	24ª Divisão EUA	18.000
	Brigada Turca	4.400
	+ 4 batalhões de artilharia	10.000
Subtotal		86.800
IX Corpo-de-Exército EUA	6ª Divisão RCS	8.000
	1ª Divisão de Fuzileiros	23.600
	27ª Brigada Britânica	3.624 ⁶²¹
	+ 4 batalhões de artilharia	10.000
Subtotal		41.000
Reserva do Oitavo Exército	1ª Divisão de Cavalaria	18.000
	187º Time de Combate Regimental	3.500
Subtotal		22.500
Total		
2 Corpos de Exército	9 divisões	26 regimentos
150.300		

TABELA 11.2 – ORDEM DE BATALHA NORTE-AMERICANA NA 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA CHINESA DE 1951
 FONTE: Appleman (1990), p. 407; Farrar-Hockley (1995), p. 436

11.3.1 A 2ª Batalha do Rio Imjin, 22 a 26 abril⁶²²

O ataque pelo XIX Grupo-de-Exército chinês em Imjin era uma parte fundamental da ofensiva, pois se destinava a realizar um flanqueamento estratégico, simultâneo ao principal esforço da ofensiva pelo IX Grupo em Kapyong. Almejava-se o envolvimento das forças oponentes no teatro de operações por ataques que romperiam sua coesão ou as forçariam travar vários enfrentamentos a partir de direções diferentes em um mesmo setor. O XIX Grupo tinha a missão de romper entre a 1ª Divisão da Coreia do Sul e a 29ª Brigada Britânica e cortar a retirada do I Corpo. O 64º Exército – com as 190ª, 191ª e 192ª Divisões e 28 mil soldados – era a unidade responsável pelo ataque à 1ª Divisão da Coreia do Sul, composta por três regimentos (11º, e 12º e 13º) e 8 mil soldados.

O 63º Exército atacaria com duas colunas – formadas pelas 187ª, 188ª e 189ª “Divisões e 32 mil soldados – a 29ª Brigada Britânica, composta por quatro batalhões e 8 mil soldados. A 187ª Divisão

⁶²¹ A 27ª Brigada Britânica, originalmente composta por 1.500 soldados, foi reforçada por um batalhão de infantaria australiano (560 soldados), um batalhão de infantaria canadense (858 soldados) e um regimento de artilharia neozelandês (816 soldados).

⁶²² Os relatos pela bibliografia sobre essa batalha são mais esparsos e descontínuos do que a média, pelo fato de que houve menor participação de unidades norte-americanas. Sua análise demandou grande esforço de reconstrução e conferência entre fontes a fim de se alcançar maior coerência e melhor cronologia das decisões, ações e interações entre os dois lados. Ver APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 458–461, 465–467, 482; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 610–628; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 127–139.

teria a tarefa de infiltrar e isolar o Batalhão Gloucester e o Batalhão Belga, seguido por ataques frontais, respectivamente, das 188ª e 189ª Divisões chinesas. Esses ataques visavam a ameaçar as unidades mais avançadas da 29ª Brigada Britânica, dando a oportunidade para as demais unidades chinesas atravessarem o rio Imjin e estabelecer uma cabeça de ponte na sua margem sul. O 65º Exército – com as 193ª, 194ª e 195ª Divisões e 29 mil soldados – tinha a missão de fixar a 3ª Divisão norte-americana – composta pelos 7º, 15º, 65º Regimentos e 18 mil soldados – e ser a reserva dos ataques contra as forças sul-coreanas e britânicas. Com isso, buscava-se ainda enfraquecer a posição da 1ª Divisão sul-coreana a oeste e a posição da 3ª Divisão dos EUA a leste. A batalha de Imjin envolveu **89 mil chineses contra 35 mil soldados do lado norte-americano**.

A antecipação do início da ofensiva pelo comandante Peng Dehuai para o dia 22 de abril foi sem consulta junto aos seus comandantes subordinados quanto a sua viabilidade. No caso do XIX Grupo, a maioria de suas divisões não havia alcançado suas áreas de concentração quando foi ordenada ao ataque, o que realizaram sem a maioria de suas peças de artilharia. Os comandantes de Exército e de divisão, em geral, não tiveram tempo para realizar um levantamento do terreno. Isso teve como consequência, por um lado, a ocorrência de baixas mesmo antes do início dos combates iniciarem. Por exemplo, os regimentos do 64º Exército tiveram problemas na travessia do rio Imjin desde que seus comandantes não conheciam e nem foram informados da tábua de cheias do rio durante a madrugada e vários soldados morreram afogados. Por outro lado, eles também não tiveram tempo para elaborarem planos de coordenação e pontos de encontro no terreno, com relatórios atualizados sobre os planos operacionais norte-americanos. Nem mesmo foram capazes de estabelecer comunicações fixas entre si e suas coordenações tiveram que ser trianguladas via o QG geral das forças chinesas. Portanto, a execução do plano de ataque em Imjin foi amplamente improvisada.

Grupo-de-Exército	Exércitos/Corpo de Exército	Divisões	Efetivo
XIX	63º	187ª	10.000
		188ª	11.000
		189ª	10.000
	Subtotal		32.000
	64º	190ª	8.000
		191ª	10.000
		192ª	10.000
	Subtotal		28.000
	65º	193ª	9.000
		194ª	10.000
		195ª	10.000
	Subtotal		29.000
Total		89.000	
Corpos-de Exército	Divisões		Efetivo
I Corpo-de-Exército EUA	1ª Divisão Coreia do Sul		8.000
	29ª Brigada Britânica		8.638
	Batalhão Filipino		1.200
	3ª Divisão EUA		18.000
Total		35.838	

TABELA 11.3 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA 2ª BATALHA DO RIO IMJIN

FONTE: Appleman (1990), p. 450-452; Rottman (2002), p. 155-179; Farrar-Hockley (1995), p.436; Li (2014), p. 46, 52-53, 66-69, 103-104, 135-138

Do lado britânico, o terreno oferecia um desafio, pois o rio Imjin muda seu eixo horizontal no sentido oeste-leste para um curso norte-sul, o que dava vantagens de flanqueamento para o lado atacante. Já o centro do campo de batalha, nas margens sudoeste do rio, é formado por cumes de em torno de 600 metros de altura, oferecendo pouco espaço para preparação de defesas adequadas. Por fim, estrategicamente, os britânicos estavam em uma posição vulnerável com a saliência da posição do IX Corpo a leste, de maneira que a 3ª Divisão norte-americana tinha a principal tarefa de proteger o perímetro entre os I e IX Corpos, e era uma tarefa secundária apoiar a 29ª Brigada Britânica. Seu comandante, o general de brigada Brodie, organizou a defesa do seu setor com o Batalhão Belga como unidade mais avançada na margem nordeste do rio Imjin, e o restante da brigada britânica foi organizada com o Batalhão Gloucester no flanco esquerdo, em contato com a 1ª Divisão da Coreia do Sul a oeste, o Batalhão Royal Northumberland Fusiliers no centro com o QG da Brigada e o 8º Batalhão Hussar à direita, em contato com a 3ª Divisão dos EUA, e o Batalhão Royal Ulster Rifles como reserva.

A Batalha do rio Imjin ocorreu em continuidade do último estágio da ofensiva norte-americana, em que ambos os lados buscavam prejudicar a iniciativa oponente. Enquanto os norte-americanos buscavam desgastar a preparação da ofensiva chinesa avançando com o IX Corpo em direção ao Triângulo de Ferro tendo a Linha Wyoming como meta, as unidades chinesas nessa região recuaram a fim de atrair as vanguardas das 3ª, 24ª e 25ª Divisões dos EUA e expor seus flancos. Estratagema similar utilizado em outubro de novembro de 1950 contra o primeiro comandante do Oitavo Exér-

cito, o general Walker. Desde o dia 15 de abril, os 26º, 39º e 40º Exércitos chineses recuaram para posições mais ao norte. Com pouco contato com oponente, Van Fleet ordenou um avanço de cinco quilômetros pelo IX Corpo norte-americano.

Com isso, houve uma compensação de efeitos. Por um lado, o XIX Grupo-de-Exército chinês foi capaz de atrair as forças norte-americanas de maneira a expor o flanco esquerdo da 3ª Divisão, colocando em risco de envelopamento a 29ª Brigada Britânica e a 1ª Divisão da Coreia do Sul. Por outro lado, os três exércitos chineses incumbidos de explorar essa exposição e estratégia, devido à falta de preparo, não foram capazes de concentrar sua superioridade numérica em pontos de ruptura ou de acompanhar os recuos oponentes, e as forças sul-coreanas e britânicas foram capazes de conter essa coluna de ataque da ofensiva chinesa.

Na madrugada do dia 22, Van Fleet ordenou que os I e IX Corpos norte-americanos se alinhassem na Linha Kansas. No entanto, o comandante do I Corpo, general Milburn, ordenou que a 1ª Divisão sul-coreana e a 29ª Brigada Britânica mantivessem posição em Munsan-ri, Mitunsa e Shinam-ri, área entre o rio Imjin-gang e a Rota 33 que é o principal acesso a Seul. Ele desejava evitar que o I Corpo fosse exposto em movimento retrogrado e negar aos chineses uma das principais vias de acesso a Seul. Reconhecendo que o ataque em Imjin não era o esforço principal da ofensiva chinesa, mas que poderia ser explorado por ele, a manutenção dessa posição funcionava como um batente, em que o ataque principal chinês, a leste, seria forçado a se desenvolver afunilando-se em um limitado front, expondo-se à saturação de fogos aéreos e de artilharia. Portanto, a contenção da ofensiva chinesa dependia do sucesso na batalha de Imjin.

No extremo oeste da batalha, boa parte do 64º Exército estava em deslocamento a partir do rio Imjin e exposto ainda na manhã do dia 23, sendo identificados por aviões de observação Mosquito, que orientou fogos de artilharia divisional e aéreos ao longo do rio, espalhando e atrasando a travessia das 191ª e 192ª Divisões chinesas. Como resposta ao atraso no rompimento da 1ª Divisão sul-coreana, Yang Dezhi, o comandante do XIX Grupo-de-Exércitos, acionou duas divisões do 65º Exército para reforçar o ataque frontal e ordenou que ao comandante do 64º Exército, Zeng Siyu, aplicasse máximo esforço.

No entanto, a concentração de quatro divisões na travessia do rio Imjin, sob fogo oponente e desprovidas de serviços de apoio adequados, fez apenas estancar ainda mais a operação e as baixas nesse setor foram tremendas. Zeng Siyu tentou ainda flanquear a posição oponente acionando sua reserva – a 190ª Divisão. Essa deveria infiltrar através dos regimentos sul-coreanos em Tonungsan às 10 da manhã do dia 24. Iniciando marcha às 18 horas do dia 23, o ataque às posições sul-coreanas em Masan-ri e Tongmun-ri foi lançado às 4 da manhã de 24 de abril. A 190ª Divisão teve pesadas baixas e foi capaz apenas de romper o perímetro de uma companhia do 15º Regimento oponente, que foi recuperado no dia seguinte. Até o fim da batalha, no dia 26, os sul-coreanos foram capazes de manter quase que a totalidade de seus setores. Apenas um batalhão do 569º Regimento chinês foi capaz de infiltrar até Tobung-san próximo a Euijeongbu, a 32 quilômetros de Seul, mas seus números eram insuficientes para ter algum efeito. Os chineses sofreram em torno de 10 mil baixas neste setor.⁶²³

⁶²³ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 127–139.

A batalha foi mais crítica no setor britânico. Pois, foi onde houve o principal ataque chinês, com o 63º Exército aplicando suas três divisões. Esse ataque não seguiu o padrão dos anteriores. Por um lado, seu comandante, Fu Chongbi, foi o que conseguiu melhor adequar suas unidades diante à antecipação da ofensiva chinesa. Já na noite do dia 21, um número significativo de suas vanguardas já tinha conseguido se infiltrar e ocupar posições camufladas entre o Batalhão Gloucester e o Batalhão Royal Northumberland Fusiliers. Por outro lado, seus comandantes divisionais procederam com diferente proporção à doutrina chinesa de envelopamento. Ao invés de aplicarem 1/3 de suas forças em infiltração e o restante em ataque frontal, eles aplicariam 2/3 de suas forças em infiltração e envelopamento e o ataque frontal com a menor fração.

Do lado britânico, na noite do dia 21, requisitou-se que o recuo do Batalhão Belga fosse iniciado de sua posição destacada na margem norte do rio Imjin. No entanto, a execução do comando foi lenta, companhia por companhia, sem um serviço de apoio dedicado. Isso porque os britânicos esperavam que a madrugada do dia 22 fosse marcada pela ação de unidades avançadas chinesas, com tarefas de estabelecer contato e testar o oponente e que o ataque principal viria na próxima noite. Para a sua surpresa, às 22h30 do próprio dia 21, o Batalhão Gloucester se viu sendo cercado, como alvo da primeira coluna de ataque da 187ª Divisão do 63º Exército chinês, enquanto vanguardas dessa unidade também foram capazes de atravessar o rio Imjin e estabelecer uma cabeça-de-ponte na sua margem sudeste, entre os batalhões britânicos e na retaguarda do Batalhão Belga. Pela meia-noite, os chineses começaram a travessia em massa do rio Imjin e a pressionar as posições britânicas e belgas e foram capazes de estabelecer uma posição forte no centro do setor britânico, como planejado.

Consequentemente, as duas unidades europeias mais avançadas foram engolfadas, sendo o Batalhão Belga, inicialmente, o mais ameaçado, pois, desde o início da batalha, houve a disputa pelo controle das pontes sobre o rio Imjin, que passaram a ser defendidas por unidades do Batalhão Ulster, a reserva da 29ª Brigada. Ao longo do dia 22, houve disputas com chineses ocupando não apenas a margem sul do rio Imjin no centro do setor da 29ª Brigada, mas também nos cumes a sudoeste das pontes do rio Imjin. A partir de então, o Batalhão Gloucester e o Batalhão Belga tinham limitado contato com o restante da brigada, respectivamente, pelas Rota 11 e 5Y.

Duas questões estratégicas controversas surgiram nesse estágio da batalha. Por um lado, o general Van Fleet reiterou que a 3ª Divisão e a 29ª Brigada teriam que reter posições a frente da Linha Kansas, enquanto o restante dos contingentes dos I e IX Corpo deveriam recuar em linha. Por outro lado, o comandante da brigada britânica, o general Brodie, decidiu manter o Batalhão Royal Ulster Rifles como reserva e não os comprometeu no apoio ao Batalhão Gloucester. Tendo em vista sua orientação estratégica e a incerteza quanto ao volume e ponto de concentração do ataque chinês na noite do dia 22, ele não tinha uma resolução clara de onde a situação seria mais crítica. No entanto, isso remetia a decisão que se aceitava o isolamento do batalhão britânico.

Apesar da vulnerabilidade da posição britânica, seus comandantes avaliaram que não podiam recuar enquanto as unidades sul-coreanas e norte-americanas eram capazes de defender suas posições adjacentes a eles. Ainda assim, o Batalhão Belga passou a ser a unidade dedicada com apoios de fogo aéreo e de artilharia divisional. Às 07h25 do dia 23, o general Brodie requisitou apoio da 3ª Divisão, que redirecionou o 1º Batalhão do seu 7º Regimento, cobrindo a retaguarda da posição belga. A partir de então, a colaboração entre os comandantes da 29ª Brigada Britânica e da 3ª Divisão dos EUA – respectivamente, generais Brodie e Soule – seguiu de maneira um tanto estranha. Enquanto o

primeiro desejava organizar uma coluna de resgate, o segundo ordenou que seu batalhão emprestado atacasse a posição chinesa no centro do perímetro britânico, o que, no seu entendimento, aliviaria a pressão chinesa a partir do rio Imijin. Ele também comandou que o Batalhão Filipino ocupasse a reserva da 29ª Brigada. Ou seja, enquanto o comandante britânico tinha como intenção a evacuação belga, o segundo visava a estancar o ataque chinês e cobrir a retirada da sua própria divisão.

Distintamente de seus oponentes, os comandantes das 187ª e 188ª Divisões estabeleceram contato e convergiram os ataques contra o Batalhão Gloucester e em busca de explorar a brecha entre o Royal Northumberland Fusiliers e o Royal Ulster Rifles, que o general norte-americano intencionava ocupar com um único batalhão. Por isso, quando o contra-ataque deste teve início às 18h00 do dia 23, os chineses já tinham reforçado consideravelmente suas posições e foram capazes de mantê-las. Ainda assim, a ação norte-americana foi capaz de fixar os chineses e permitir o início da retirada noturna do Batalhão Belga a partir da Rota 11, sob a cobertura de elementos dos batalhões britânicos e do batalhão filipino.

A consequência de toda essa operação foi o abandono do Batalhão Gloucester a oeste. Além da falta de reservas para constituição de uma coluna de resgate ou para uma linha de contenção do ataque chinês mais ao sul em caso de sua ruptura, sua posição estava isolada entre três divisões chinesas. Ele foi capaz de manter sua posição, mas sob grande risco de ruptura ao amanhecer do dia, em razão da exaustão de munição e soldados após oito ondas chinesas de ataque. Apenas durante o dia que o general Brodie comandou que o Batalhão Filipino, reforçado com um esquadrão de blindados do Batalhão Royal Hussar, recuperasse dos chineses o acesso à rodovia 5Y.

No entanto, a essa altura, um regimento inteiro ocupava posições para isolamento do Batalhão Gloucester dessa coluna de resgate e os chineses concentraram esforços para destruí-la. Ele sofreu ataques em todo seu perímetro durante todo o dia 24 e não foi autorizado a recuar. Em parte, porque não existia uma rota de fuga, mais principalmente porque isso exporia os demais batalhões britânicos e a extração dos belgas. A coluna de resgate filipina avançou razoavelmente bem até às 14h00, quando um dos seus tanques foi atingido por uma mina, suspendendo o avanço.

A situação era tão crítica que o comandante Ridgway se deslocou do Japão e se encontrou com Van Fleet, Milburn e Soule no QG da 3ª Divisão na tarde do dia 24. O general Soule foi questionado por que uma coluna reforçada de resgate não tinha sido enviada. O general Soule respondeu que essa coluna não seria capaz de completar sua preparação antes das 17h30 e seria forçada a se deslocar e combater sob a desvantagem da noite. Ademais, ele entendia que o Batalhão Gloucester passava a ter o papel de atrair, concentrar e retardar o avanço chinês. Possivelmente, se tentava replicar o mesmo papel estratégico do 23º Regimento na Batalha de Chipying-ni em fevereiro, ou seja, uma “tática magneto”. A grande diferença era o que coronel Carne, comandante do Batalhão Gloucester, apontava que sua unidade sob comando não era mais uma força combatente plena. Isso era reforçado pela dificuldade de abastecimento mesmo aéreo da posição, que não contava com uma pista de pouso ou área adequada para recebimento de material. Mesmo o pouso de helicópteros não era possível. Os generais norte-americanos decidiram o envio de três colunas de resgate. Dois batalhões de infantaria do 65º Regimento reforçados com um batalhão de tanques e um de artilharia a partir do leste da posição do batalhão perdido. O 12º Regimento sul-coreano a partir do Oeste e a 29ª Brigada aplicaria o Batalhão Filipino com um destacamento de tanques do sul.

O 63º Exército chinês agiu para reforçar o perímetro de circunvalação do batalhão britânico com o 561º Regimento da 187ª Divisão e o 564º Regimento da 188ª Divisão. O Batalhão Filipino chocou-se com o 561º Regimento chinês, neutralizando dois de seus batalhões no dia 24. A leste, o 565º Regimento da 189ª Divisão chinesa, mesmo com baixos níveis de munição, foi capaz de reter a coluna de tanques do 65º Regimento. A oeste, o 559º Regimento da 187ª Divisão chinesa também teve sucesso contra a coluna de resgate sul-coreana em Shinam-ri. Com isso, os chineses intensificaram os ataques ao cercado batalhão britânico.

A oeste, o ataque chinês à 1ª Divisão da Coreia do Sul, com a 192ª Divisão foi repellido no dia 25. O front entre os I e IX Corpos também se encontrava sob controle. A possibilidade que isso dava de realocação de unidades para reforço da brigada britânica levou os chineses a concentrarem um segundo contingente para fixar esses dois setores. A 190ª Divisão chinesa e o I Corpo norte-coreano foram ordenados a retomar o ímpeto de ataque contra os sul-coreanos e o 50º Exército chinês retomou o ataque no front entre a 3ª e 25ª Divisões dos EUA. Em resposta, o I Corpo norte-americano decidiu pelo recuo de todas suas divisões para a Linha Delta.

Interessante notar que, devido ao histórico recente de fracassos, os comandantes norte-americanos se preocupavam mais com os efeitos da infiltração chinesa na integridade da 1ª Divisão sul-coreana, cuja retaguarda foi reforçada com o 15º Regimento da 3ª Divisão norte-americana para garantir o perímetro em torno das Rotas 1 e 3 para Uijongbu. Outra decisão consequente foi a do general Robert Soule de cancelar o resgate do Batalhão Gloucester para proteção de Rota 33, sua linha de comunicação e retirada. Isso implicava no abandono definitivo do Batalhão Gloucester. Isso ia contra as orientações gerais de Ridgway desde o início de seu comando em dezembro de 1950 e contra a orientação dos seus comandantes superiores, como deliberado no dia 24. Na verdade, havia contradição entre àquela e a ordem de recuo do I Corpo para a Linha Delta. Ainda assim, essa decisão não foi revista ou confirmada pelos seus superiores imediatos, os generais Milburn e Van Fleet.

Às 06h10 do dia 25 que o coronel Carne foi informado da decisão pelo seu superior direito, general Brodie, que não haveria resgate e que ele era autorizado a retirar seus soldados como pudesse e sem qualquer apoio. Uma única tentativa de apoio foi conduzida pelo 12º Regimento sul-coreano a oeste da posição, por onde os britânicos estabeleceram sua rota de fuga. Ao notarem a ausência de uma coluna resgate efetiva, os chineses intensificaram seu ataque. Às 8 da manhã, o 560º Regimento ocupou a Colina 235, que possibilitou um ataque fulminante às 10 horas, rompendo o batalhão britânico. Esse não tinha mais munições e organizava o desbaratamento do que restava da unidade para fuga em direção do regimento sul-coreano. Com isso, decidia-se pela destruição de peças de artilharia e veículos e abandono de feridos. Ainda assim, uma grande quantidade de soldados britânicos em fuga foi capturada.

O recuo do restante da 29ª Brigada Britânica também ocorreu sob a pressão chinesa. Porém, a fim de inviabilizar a perseguição chinesa, os norte-americanos organizaram um plano de fogo para saturação de área com 48 peças de artilharia leves e 12 peças médias e um par de caças-bombardeiros F-80. Isso forçou a suspensão do ataque chinês no dia 26 de abril.

Na Batalha do rio Imjin, o I Corpo teve **1.091 baixas**, sendo 622 apenas do Batalhão Gloucester, praticamente 2/3 do seu efetivo, contra **20 mil baixas** chinesas.

Do lado chinês, reconheceu-se que os objetivos de alcançar Uijongbu e cortar a linha de retirada dos I e IX Corpos norte-americanos não foram cumpridos após cinco dias e noites de combates. Apesar de existir brechas no setor oeste, a densidade da maior parte do front do Oitavo Exército e o incremento do poder de fogo norte-americano tornavam baixas as expectativas de sucesso de novos ataques. Avalia-se que a leitura de terreno para emprego do seu ataque principal era adequada. Apesar de terem maior coesão e poder de fogo de que divisões sul-coreanas, os ganhos no caso de ruptura ou recuo desorganizado da 29ª Brigada Britânica eram grandes e teriam impactos em toda a linha do Oitavo Exército, tornando as retaguardas da 1ª Divisão sul-coreana, a oeste, e de todas as unidades a leste – 3ª, 24ª, e 25ª Divisões dos Estados Unidos – expostas às forças chinesas.

Ademais, a guerra chegava em um estágio crítico em que os chineses não podiam mais se preservar diante o risco de enfrentar unidades combatentes ocidentais. No entanto, devido à importância estratégica do ataque em Imjin, avalia-se que os chineses dedicaram poucas unidades para o ataque neste setor – apenas três divisões que foram reforçadas posteriormente por mais uma. Os chineses foram capazes de fixar e expor a 29ª Brigada Britânica, mas não de provocar uma ruptura. Nesse sentido, os próprios comandantes chineses registraram que seus soldados tiveram mais baixo desempenho em termos de deslocamento e infiltração. Isso se deveu também pelo emprego de unidades e combatentes menos veteranas, que tinham menor conhecimento do terreno e menos experiência em camuflagem e infiltração. Adicionalmente, foi notada a falta de sinergia entre artilharia e infantaria, de maneira que a primeira não cobriu os movimentos de vanguarda da segunda, iniciando precocemente e oferecendo pouca cobertura de seus avanços. Por fim, todas essas falhas foram possivelmente ressaltadas pela falta de preparo adequado na orientação e planejamento dos movimentos e coordenação entre as unidades, decorrente da antecipação da ofensiva por Peng.

Do lado norte-americano, as avaliações dessa batalha geralmente não pontuam que as infiltrações chinesas foram capazes de pinçar apenas o Batalhão Gloucester da 29ª Brigada, e como a 1ª Divisão sul-coreana foi capaz de coordenar recuos, emprego concentrado de fogos aéreos, de tanques e artilharia, seguidos de contra-ataques. Já o batalhão britânico foi capaz de manter sua coesão apesar das pesadas baixas e foi decisivo em evitar a ruptura da linha pelos chineses e permitir o reordenamento do I Corpo norte-americano, enquanto o esforço chinês foi exposto à grande ação de interdição aérea. Como preço, apenas uma companhia do Batalhão Gloucester foi salva, sendo um dos mais graves casos de baixas britânicas da guerra.⁶²⁴

Nos inquéritos após a batalha, o general Van Fleet informou Ridgway que a responsabilidade da perda do Batalhão Gloucester recaía sob o seu próprio comandante quanto pelo seu superior imediato. O primeiro pela decisão de lutar até as últimas consequências, e o segundo por não ter antecipado tal conduta. O historiador oficial da participação britânica na guerra, Farrar-Hockley, aponta que essa posição de Van Fleet transferia a culpa aos britânicos, cuja decisão, caso fosse tomada, impactava em toda a linha do I Corpo. Ou seja, se o general Brodie decidisse recuar o Batalhão Gloucester no dia 23, quando os chineses ainda não o tinham isolado, isso impactaria na necessidade de recuo da 1ª Divisão da Coreia do Sul. Ele também não tinha um contingente necessário – em torno de um regimento – para ruptura do cinturão chinês e resgate da unidade desde então. Farrar-Hockley coloca a culpa sobre o comandante da 3ª Divisão, general Soule. No entanto, apesar de sua indecisão e posterior cancelamento da operação de resgate denotarem pouco zelo com relação a forças aliadas

⁶²⁴ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY., *The Korean War*, Volume 2, p. 610–623; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 148–149.

e uma quebra de orientações de seus superiores, a responsabilidade de sua indecisão não era apenas sua. As duas alternativas apontadas envolveriam a relocação de um contingente superior a uma divisão e decisão sobre questões estratégicas de todo o plano defensivo do setor ocidental. Assim, a crítica também deve recair aos seus superiores, os generais Milburn e Van Fleet.

11.3.2 A Batalha de Yonchon, 22 a 28 de abril⁶²⁵

As batalhas dos rios Imjin e Yonchon eram subsidiárias. Enquanto o XIX Grupo buscava enfraquecer o flanco esquerdo do I Corpo norte-americano, o III Grupo realizaria o único ataque frontal a divisões norte-americanas a fim de fixa-las e desgasta-las, de maneira que não pudessem reposicionar unidades a fazer frente contra o ataque principal da ofensiva chinesa pelo IX Grupo mais a leste na região de Kapyong. O III Grupo-de-Exércitos chinês era composto por três exércitos – 12º, 15º e 60º e em torno de **93 mil soldados** – e faria frente ao centro do I Corpo-de-Exército norte-americano formado pela Brigada Turca e as 3ª, 25ª e 24ª Divisões norte-americanas e **47 mil soldados**.

O 15º Exército chinês – formado pelas 29ª, 44ª e 45ª Divisões – tinha a missão de avançar a Keumko-ri e cercar a linha de retirada da 3ª Divisão a oeste atacando o 65º Regimento norte-americano. O 60º Exército – com as 179ª, 180ª e 181ª Divisões – replicaria o movimento a leste movendo a partir de Kotaesan e Hwainbong para ocupar posições em Jijangdong de maneira a romper a linha do flanco direito da Brigada Turca com a 25ª Divisão e sua retirada. Esse duplo envelopamento seria completado pelo ataque frontal com o 12º Exército – e as 31ª, 34ª e 35ª Divisões e 30 mil soldados – contra a Brigada Turca. Já a 24ª Divisão foi alvo do IX Grupo e seus combates são descritos mais à frente.

⁶²⁵ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 458–460; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 135–137 143–145; MINISTRY OF PATRIOTS & VETERANS AFFAIRS. *Brother Nations, Korea and Turkey: A History of Turkish Soldiers' Participation in the Korean War*, Seul: Republica da Coreia do Sul, 2007, p. 99–101. Alguns autores denominam essa de Batalha por Seul Mossman 1990, capítulo 24 ou destacam os combates pela Brigada Turca como a Batalha de Puheungdong (Ministry of Patriots & Veterans Affairs 2007).

Grupo-de-Exército	Exércitos	Divisões	Efetivo
III	12º	31 ^a	10.000
		34 ^a	10.000
		35 ^a	10.000
	Subtotal		30.000
	15º	29 ^a	10.000
		44 ^a	11.000
		45 ^a	11.000
	Subtotal		32.000
	60º	179 ^a	11.000
		180 ^a	10.000
		181 ^a	10.000
	Subtotal		31.000
Total		93.000	
Corpo-de-Exército	Unidades	Efetivo	
I Corpo-de-Exército EUA	3ª Divisão EUA	18.000	
	25ª Divisão EUA	18.000	
	Brigada Turca	4.400	
	23º Regimento da 2ª Divisão	7.000	
Total		47.400	

TABELA 11.4 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DE YONCHON

FONTE: Appleman (1990), p. 450-452; Rottman (2002), p. 155-179; Farrar-Hockley (1995), p. 436; Li (2014), p. 46, 52-53, 66-69, 103-104, 135-138

A Brigada Turca era a vanguarda do I Corpo, com a missão de alcançar a Linha Wyoming. No dia 22, os turcos, ao encontrarem resistência chinesa, converteram para posições defensivas improvisadas. O comandante do 12º Exército chinês, Zeng Shaoshan, aplicou um ataque duplo com duas divisões aos flancos turcos. O ataque chinês deveria começar às 19h00 do dia 22 com uma barragem do 28º Regimento de Artilharia, seguido do avanço da 34ª Divisão. No entanto, devido às interdições aéreas norte-americanas, a infantaria chinesa teve que começar o ataque com sua artilharia orgânica, muito mais limitada. Ainda assim, sua barragem de 40 minutos foi capaz de danificar a artilharia turca. Combinadamente, o comandante da 34ª Divisão, You Taizhong, lançou uma onda humana maciça de dois regimentos e 3.200 soldados ao perímetro frontal turco, respectivamente nas colinas 477.3 e 500. Como os turcos não romperam, mas foram capazes de iniciar ordenadamente o recuo para a Linha Kansas após aplicarem pesadas baixas chinesas, o comandante Zeng do 12º Exército acionou a 31ª Divisão para reforço do ataque frontal. A partir de Kacheok-ri, às 4 da manhã do dia 23, o 16º Exército iniciou o segundo ataque contra os turcos com a 181ª Divisão a partir de Pugok-ri e foi capaz de romper o contato da Brigada Turca com a 25ª Divisão dos EUA a leste.

A oeste, o ataque contra a 3ª Divisão norte-americana começou a uma da madrugada do dia 23. As 29ª e 44ª Divisões chinesas foram capazes de cercar e cortar a retirada do 65º Regimento. Ainda assim, a 3ª Divisão não postergou o comando de recuo à Linha Kansas, enquanto o 65º Regimento recebeu prioridade de apoio de fogo aéreo. Após a redução significativa das duas divisões chinesas,

o regimento norte-americano foi capaz de romper o cerco chinês e iniciou sua retirada para o sul no dia 23.

No mesmo dia, o comandante do III Grupo chinês ajustou o ataque a fim de cercar as unidades turcas e norte-americanas. O 16º Exército deveria tanto coordenar a 181ª Divisão com o 12º Exército no bloqueio da retirada turca, quanto adicionar a 180ª Divisão às 29ª e 44ª Divisões do 15º Exército na área entre Hwabongchon, Tandong e Pankeo-ri contra o 65º Regimento norte-americano. Esse comando era duplamente inadequado. Pois ambos os ataques eram conduzidos por divisões de dois exércitos diferentes e sem comunicação direta, nem planos previamente definidos, entre elas. A comunicação e a atualização de informações sobre as unidades oponentes tinham que seguir a partir dos comandos de seus exércitos superiores. A leste, entre os 15º e 60º Exércitos e, a oeste, entre os 12º e 60º Exércitos. As divisões chinesas não foram capazes de coordenar os ataques frontais com os pontos ótimos para condução de bloqueios reforçados. As divisões responsáveis por esse último eram forçadas a dispersarem a fim de estabelecerem contato com oponente, e expondo-se ainda às colunas de resgate norte-americanas. Como resultado, o 65º Regimento foi capaz de seguir sua retirada e romper contato com chineses no dia 26.

Já a Brigada Turca contou com o apoio da coluna de resgate do 23º Regimento da 2ª Divisão, que estava sendo reintroduzida no teatro de operações após sua intensa participação nas batalhas de fevereiro e março. Com a aproximação da coluna de resgate norte-americana, unidades das 34ª, 35ª e 181ª Divisões chinesas organizaram ataques a partir das colinas ao longo da rodovia nas margens do rio Soyang. Os combates seguiram intensos no dia 26, mas os chineses ficaram sem munição e comida no dia seguinte e se retiraram. Com isso, os turcos foram capazes de concluir sua retirada no dia 27. O 23º Regimento teve como baixas: 72 mortes e 158 feridos e 190 desaparecidos e os turcos 300 baixas totais. No entanto, as três divisões chinesas tiveram baixas maiores: 2.200 mortos e 1.400 feridos.

No dia 28, os 12º e 60º Exércitos tentaram explorar os recuos da 3ª Divisão norte-americana e da Brigada Turca, e avançaram suas divisões remanescentes para ocupar a estrada entre Chucheon e Seul. A 179ª Divisão era a unidade operacional remanescente do 60º Exército e realizou um último esforço de empurrar a linha oponente mais ao sul do paralelo 38º e atacou a 25ª Divisão dos EUA às duas da manhã. Esta, formada por três regimentos e mais quatro baterias de artilharia adicionais, totalizando 20 mil soldados, iniciou um contra-ataque na manhã do dia 29, destruindo a maior parte da unidade chinesa.

Ao longo desse mesmo dia, as forças norte-americanas se posicionaram ao longo da Linha Sem Nome, a 17 quilômetros ao norte do Seul e na junção dos rios Han e Soyang a leste da cidade. Essa linha era reforçada com a 1ª Divisão de Cavalaria e planos de emprego de fogos navais, aéreos e artilharia. Peng entendeu que um ataque a Seul seria uma armadilha e encerrou esse ataque.

13.3.3 A Batalha do Rio Kapyong, 22 a 28 de abril

Ainda que a ofensiva chinesa tenha ocorrido em todo o front, seu esforço principal tinha como meta um elo que se entendia como sendo o mais fraco da defesa oponente: entre a 27ª Brigada Britânica e a 6ª Divisão sul-coreana. A abertura dessa ruptura permitiria que uma parcela significativa dos **137 mil soldados** do IX Grupo – o mais capacitado em motorização e poder de fogo

– explorasse os flancos do principal contingente defensivo oponente, sob o I Corpo-de-Exército norte-americano a oeste.

Grupo-de-Exército	Exércitos	Divisões	Efetivo
IX	20º	58 ^a	11.000
		59 ^a	10.000
		60 ^a	11.000
	Subtotal		32.000
	26º	76 ^a	10.000
		77 ^a	10.000
		78 ^a	11.000
	Subtotal		31.000
	27º	79 ^a	11.000
		80 ^a	11.000
		81 ^a	11.000
	Subtotal		33.000
	39º	115 ^a	7.000
		116 ^a	7.000
		117 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	40º	118 ^a	7.000
		119 ^a	7.000
		120 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	Total		137.000

Corpos-de-Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo-de-Exército EUA	24ª Divisão EUA	18.000
IX Corpo-de-Exército EUA	6ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	1ª Divisão de Fuzileiros Navais	23.600
	27ª Brigada Britânica	3.624
	1ª Divisão de Cavalaria	18.000
	+ 4 batalhões de artilharia	10.000
Total		73.224

TABELA 11.5 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DO RIO KAPYONG

FONTE: Appleman (1990), p. 450-452; Rottman (2002), p. 155-179; Farrar-Hockley (1995), p.436; Li (2014), p. 46, 52-53, 66-69, 103-104, 135-138

O plano chinês envolvia a infiltração e a abertura de uma brecha na posição da 6ª Divisão sul-coreana pelo 40º Exército – originalmente do XIII Grupo-de-Exército chinês – que seria explorada pelo 20º Exército do IX Grupo através de Mudong-li e Kapyong em direção à reserva do IX Corpo-de-Exército dos EUA. A 60ª Divisão atacaria os sul-coreanos em direção a reserva do IX

Corpo norte-americano, e sua 59ª Divisão atacaria ainda a 24ª Divisão dos EUA a fim de fixá-la e impedir uma ação de resgate. O 40º Exército chinês teria, adicionalmente, uma missão similar com relação à 1ª Divisão de Fuzileiros com a 118ª Divisão para romper as linhas de contato com a divisão sul-coreana em Hakshina-ri, Sanchang-ri e Keonyacheon. Ao mesmo tempo, a 119ª Divisão tinha a tarefa de ocupar a estrada entre Jichon-ri e Sachang-ri e conter qualquer ação da 1ª Divisão de Fuzileiros, enquanto a 120ª Divisão deveria tomar posição em Mapyeong-ri e assim prevenir que os fuzileiros cruzassem o rio Pukhan-gang. Essa divisão chinesa também tinha missão de explorar o flanco direito da divisão sul-coreana. O último estágio do plano envolvia atacar os flancos e retaguardas das 24ª e 25ª Divisões dos EUA a oeste com os 26º e 27º Exércitos, mantendo o 39º como reserva.

De antemão, é possível chamar a atenção para dois pontos desse plano de batalha. Primeiro, ainda que o XIII Grupo-de-Exército tenha tido uma participação marginal na ofensiva, a inclusão de um dos seus exércitos como vanguarda da ordem de batalha de um setor atribuído ao outro grupo – o IX – era coerente. Nenhuma das unidades dos demais grupos-de-exército teve tanto sucesso tático contra unidades sul-coreanas e tinha combatido em terreno tão ao sul da península. Segundo, de outro lado, o planejamento chinês era contagiado com otimismo ao considerar que uma divisão chinesa era capaz de fixar uma divisão norte-americana. Desconsiderava-se o poder de fogo, a mobilidade e as melhores condições de comunicação entre seus regimentos e desses com seus comandos superiores.

Do lado norte-americano, o esforço principal do ataque do IX Grupo chinês não foi devidamente antecipado por Van Fleet, pois se esperava que ele viesse do Triângulo de Ferro e contra o I Corpo. O IX Corpo norte-americano tinha a missão de guardar o flanco deste contingente e reforçar a defesa do acesso a Seul via o corredor central da península. Por conta disso, a ordem de batalha do IX Corpo não contava com uma única divisão do Exército norte-americano, mas assumia o comando da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. Por isso, seu comandante, general William Hoge, decidiu reposicionar a 27ª Brigada Britânica como reserva mantendo apenas os sul-coreanos e fuzileiros em uma linha mais compacta.

Na tarde do dia 22 de abril, a 6ª Divisão sul-coreana avançou em direção à Linha Wyoming em acompanhamento do avanço das 25ª e 24ª Divisões norte-americanas a oeste. Sua ordem de marcha era com os 19º e 2º Regimentos em linha e o 7º em reserva, quando foram informados do progresso chinês por uma aeronave de observação Mosquito. Às 16h00, o general Chang Do-yong ordenou a conversão e preparação de posições defensivas, estabelecendo os 2º e 7º Regimentos em coluna. O perímetro defensivo era reforçado ainda com o regimento de artilharia de campo da Nova Zelândia, uma companhia de morteiros dos EUA e um batalhão de artilharia do IX Corpo, composto por baterias de obuses de 155 e 105mm. Por fim, foram reforçados os meios de comunicação com a 24ª Divisão à esquerda e a 1ª Divisão de Fuzileiros a sua direita.

Apesar do poder de fogo, densidade e profundidade dessa defesa, aponta-se que os regimentos de infantaria foram lenientes na preparação dos pontos fortes nas colinas e trincheiras e planos de emprego de fogos. Outra falha grave foi que as baterias adicionais de artilharia não tinham observadores avançados próprios junto aos regimentos de infantaria sul-coreanos e eram dependentes destes para as requisições e orientações de apoio de fogo. Ademais, a disposição em coluna dos seus regimentos favorecia infiltração das duas divisões chinesas (60ª e 120ª) que convergiam para isolar e romper os sul-coreanos.

Os batedores da 60ª Divisão do 20º Exército chinês identificaram a precariedade do perímetro sul-coreano e o ataque iniciou antecipadamente, por volta das 19h00, com extremo silêncio, sem aplicação de barragem de artilharia de cobertura, contra os flancos e retaguarda do 2º Regimento sul-coreano. Em menos de duas horas de batalha, ele foi desbaratado, com abandono em massa da posição, e os chineses prosseguiram na ruptura das posições do 19º Regimento sul-coreano. Esse também perdeu sua comunicação com o comando divisional e as unidades de artilharia divisionais. O abandono sul-coreano foi tão súbito e maciço que os soldados do 60º Divisão chinesa não foram capazes de acompanhar seu passo e foram absorvidos pela tarefa de apreensão do material oponente. Estima-se que 29 obuses, 41 morteiros e 160 veículos foram apreendidos. De outro lado, essa brecha permitiu que a 59ª Divisão chinesa tivesse ampla margem para flanquear a 24ª Divisão dos EUA, o que se tornou também a ênfase e direção da 60ª Divisão chinesa.

Na mesma noite do dia 22, a 120ª Divisão interceptou um batalhão de fuzileiros, e após uma noite de engajamento sem sucesso, marchou 19 quilômetros a sudoeste em direção à retaguarda da 6ª Divisão da Coreia do Sul, em busca de romper sua linha de retirada. A velocidade do desarranjo sul-coreano também impediu seu isolamento, mas a 120ª Divisão chinesa manteve-se em sua perseguição. Apenas ao longo do dia 23 que a divisão sul-coreana foi parcialmente reorganizada com apoio da 27ª Brigada Britânica, posicionada ao longo das colinas ao norte do rio Kapyong.

O colapso precoce da divisão sul-coreana provocou a revisão de todo o plano de ataque do IX Grupo-de-Exércitos chinês. Seu comandante, general Song, estabeleceu que a destruição da 24ª Divisão norte-americana se tornava o esforço principal dos 20º, 26º e 27º Exércitos. Essas unidades chinesas não se juntaram a perseguição da divisão sul-coreana em retirada e não aproveitaram e curta janela de oportunidade enquanto a 27ª Brigada Britânica recompunha aquele setor.

A 24ª Divisão aplicou uma versão mais sofisticada das lições aprendidas dos enfrentamentos anteriores e corroboradas por Van Fleet na condução de um movimento retrogrado. Lembra-se no capítulo 7, que esse tipo de operação era mal desenvolvido no arcabouço doutrinário norte-americano, e se desenvolveu procedimentos que impunham contra as unidades chinesas as vantagens de deslocamento motorizado mais veloz e maior poder de fogo das unidades norte-americanas. A partir da manhã do dia 23 e até 28, ela conduziu os procedimentos de: i) recuar seus regimentos de 19 a 32 quilômetros antes do cair da noite, além do que as forças chinesas eram capazes de acompanhar, principalmente sob apoio de fogo aéreo; ii) estabeleceu perímetros defensivos e planos de fogo pela noite; iii) durante a madrugada engajava contra as vanguardas chinesas; e iii), ao amanhecer do próximo dia, quando as principais colunas das divisões chinesas estavam engajadas, os norte-americanos tinham seus observadores e baterias prontos para aplicação de fogos aéreos e de artilharia.

Os chineses tentaram recuperar o ímpeto de ataque alternando os 20º e 27º Exércitos na vanguarda, e o 40º foi enviado para o sul do rio Kapyong, na prevenção contra unidades de resgate e para se preparar para continuar o ataque à 24ª Divisão a partir dali, mas encontrou uma nova linha defensiva sobre o rio Kapyong.

A linha do IX Corpo norte-americano foi razoavelmente contida com a combinação de três ações. Primeiro, o avanço a oeste da 1ª Divisão de Fuzileiros contra as duas divisões chinesas a sua frente. Segundo, a reorganização do comando da divisão sul-coreana ao norte do vale do rio Kapyong sob a Linha Kansas com apoio de duas baterias de artilharia neozelandesas. Terceiro, o avanço da 27ª Brigada Britânica da posição de reserva. Essa era uma unidade em início de rotação,

por isso contava com apenas dois batalhões britânicos (Argyl & Highlanders e Middlesex), mais era reforçada com um batalhão canadense e outro australiano, recompondo, nessa ordem, o setor. Enquanto um batalhão britânico e o australiano defendiam os flancos, o Batalhão Middlesex teve a missão de compor o perímetro defensivo com as duas baterias de artilharia neozelandesas avançadas.

A situação mais crítica era da 6ª Divisão da Coreia do Sul, que foi capaz de reter seu recuo a 19 quilômetros ao sul da Linha Kansas frente ao ataque da 118ª Divisão chinesa. Ainda assim, o general da 27ª Brigada comandou que o batalhão australiano assegurasse a Rota 17, disponível para o recuo sul-coreano. Isso começou a ocorrer a partir das 17h00 do dia 23. Às 20h00, sob o fluxo de infiltração de forças chinesas em meio a coluna de sul-coreanos em retirada, as baterias australianas e o batalhão de infantaria britânico foram ordenados a recuar e recompor a linha da brigada britânica no rio Kapyong (ver mapa). Essa linha foi reforçada pelo IX Corpo com duas baterias de morteiros de 4,2 polegadas, uma companhia de tanques e duas companhias de engenheiros, na falta de unidades reservas de infantaria.

A maior parte das forças chinesas não perseguiram mais as unidades sul-coreanas, havendo apenas combates concentrados entre unidades australianas e a 118ª Divisão do 40º Exército. Como descrito anteriormente, esse Exército chinês não tinha papel central no plano da ofensiva chinesa ou do plano para essa batalha, por falta de condições logísticas. Consequentemente, ele não estava preparado adequadamente para fazer frente a unidades ocidentais e não tinha conhecimento da ordem de batalha da 27ª Brigada.

Aproveitando da vantagem de posição elevada e de maior poder de fogo, os australianos foram capazes de reter as infiltrações chinesas durante a madrugada e repulsa-los na manhã seguinte. Pela tarde do dia 24, o IX Corpo tinha a sua disposição o 7º Regimento da 1ª Divisão de Cavalaria, a reserva do Oitavo Exército. Ele foi enviado para reforço da 27ª Brigada Britânica, assumindo já posições para contra-ataque. Na noite do dia 24, as forças chinesas se preparam para testar as linhas do batalhão canadense e ameaçaram isolar a unidade. A partir das 10h00 do dia 25, os canadenses iniciaram o contra-ataque que foi reforçado pelo regimento de cavalaria. As forças chinesas iniciaram retirada às 16h00. A leste, os fuzileiros navais também foram capazes de quebrar o impulso do ataque chinês.

Nesse intervalo, o IX Grupo chinês não foi capaz de superar suas dificuldades logísticas e o plano de enfrentamento defensivo da 24ª Divisão, tendo seus exércitos castigados. O 20º fracassou em completar o cerco nos dias 25 e 26, enquanto o 27º Exército retomou o ataque no dia 27. Durante esses dias, a Força Aérea dos EUA realizou em média mil missões por dia neste setor. Sendo 300 dessas contra as linhas de comunicações desses exércitos chineses, que não podiam ser mais reabastecidos. As outras 700 missões eram de interdição ou apoio de fogo aproximado contra os exércitos chineses.⁶²⁶ Consequentemente, no dia 27, os 20º e 27º Exércitos tinham poucas condições de operação, restando apenas o 26º, que tinha que ultrapassar aquelas outras unidades para engajar. Isso permitiu que a 24ª Divisão recompusesse sua ordem de batalha e contra-atacasse os exércitos que a pressionavam. Ela engajou contra os 20º e 26º Exércitos durante todo o dia 28. Ela realizou mais um recuo no dia 29, mas os exércitos chineses estavam exaustos, não eram mais capazes de recuperar o ataque e mantiveram suas posições em Jipo-ri, Joyeongsan, Cheongpyeongcheon, Kap-

⁶²⁶ Adicionalmente, durante os seis dias desse primeiro impulso, a 315ª Divisão de Carga Aérea deslocou 4.500 toneladas de material para front, sendo 1.700 recebidos no recém reconquistado aeroporto de Kimpo.

yeong e Chuncheon. Nos próximos dias, o IX Grupo chinês recuou alternadamente seus exércitos para reabastecimento na retaguarda, mantendo uma linha de regimentos de cobertura.

Durante esses combates, Van Fleet recompôs uma nova posição defensiva na Linha Golden para o IX Corpo e direcionou unidades recém-introduzidas no teatro de operações. Ele enviou a 28ª Brigada Britânica (que substituiria a 27ª, então destinada para reforço da guarnição britânica em Hong Kong) e dois batalhões da 25ª Brigada Canadense. Outros dois regimentos dessa brigada foram enviados para reforço das defesas de Seul. Por fim, a 7ª Divisão da Coreia do Sul foi enviada para o Inje e a 9ª Divisão da Coreia do Sul para Hyeon-ri.

Apesar de sua importância, não existem dados desagregados e bem tratados das baixas chinesas nessa batalha. Do lado norte-americano, houve em torno de 1.600 mortos, e em torno de sete mil desaparecidos, a grande maioria sul-coreanos da 6ª Divisão, totalizando **8.600 baixas**.⁶²⁷

Na avaliação da Batalha do rio Kapyong, note-se que, apesar da relativa surpresa tática do plano de ataque, as forças chinesas – mesmo recondicionadas com armamento soviético – não foram capazes de fazer frente ao poder de fogo norte-americano, incrementado especialmente para essa ofensiva chinesa. Entretanto, reforça-se como as principais deficiências chinesas eram logísticas e estruturais. A limitada possibilidade de coordenação entre Exércitos, a dificuldade na improvisação ou adaptação de planos de enfrentamento e a limitada velocidade operacional de uma força essencialmente composta de infantaria leve.

Se a inexperiência de Van Fleet com o teatro coreano o levou a subvalorizar o corredor central, ele foi capaz de apoiar o incremento do modo de combate norte-americano desenvolvido sob o comando de Ridgway. O plano defensivo da 24ª Divisão avançou em relação às experiências e doutrinas norte-americanas anteriores, e evidenciou o ápice do desempenho combatente do Oitavo Exército. A Batalha do rio Kapyong também ofereceu evidências quanto ao elevado desempenho combatente das demais unidades ocidentais, mas mantinha a sombra quanto à utilidade das divisões sul-coreanas.

11.4 O ENCERRAMENTO 1ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG

A partir do dia 28 e o encerramento da ofensiva chinesa, seguiu-se enfrentamentos, principalmente por unidades norte-coreanas, com objetivo de cobrir o recuo e o reposicionamento dos grupos-de-exércitos chineses. Mais a leste, houve combates ao longo do rio Soyang em Yanggu e Inji no corredor central e Hansok-san nas montanhas próximas à costa entre os III e V Corpos-de-Exército norte-coreano contra as 7ª, 5ª, 8ª e 3ª Divisões sul-coreanas. No entanto, nenhuma delas teve impacto estratégico significativo.⁶²⁸

Com a relativa estabilização de todo o front, os norte-americanos já se preparavam para a contraofensiva a partir da Linha Golden. Entretanto, os chineses replicavam a doutrina norte-americana e não permitiram o rompimento do contato e se esforçaram em fustigar a retomada da iniciativa pelo oponente ao passo que cobriam o reposicionamento das forças chinesas. Unidades da 8ª e 47ª Divisões norte-coreanas tentaram infiltrar, respectivamente, em Haenju próximo ao

⁶²⁷ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 496–494; ECKER, Richard. *Korean Battle Chronology*, Jefferson: McFarland, 2005, p. 96, 98.

⁶²⁸ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 638–640.

Aeroporto de Kimpo e ao norte de Seul em Sinuiju. Enquanto a primeira infiltração foi detectada e interdita pelo cruzador Toledo em Inchon, a 1ª Divisão da Coreia do Sul demonstrou novamente sua elevada performance ao atrair os norte-coreanos para uma bem preparada zona de fogos. No dia 29, os 63º e 64º Exércitos do XIX Grupo chinês retomaram as incursões norte-coreanas mais a leste nas áreas de Pukhan contra a 1ª Divisão de Cavalaria e na área de Toegywon contra a 25ª Divisão norte-americana.

No dia 30 de abril, encerrou-se definitivamente a primeira fase da ofensiva chinesa. A essa altura, já estava em processo as deliberações entre Mao Tse-Tung e Peng Dehuai sobre a suspensão ou retomada da ofensiva e, pelo lado norte-americano, sobre o início de missões de reconhecimento para sua contraofensiva. Parte dessas preparações envolveu o início de operações de guerrilhas sul-coreanas e forças especiais norte-americanas na retaguarda chinesa.

Nessa fase da ofensiva chinesa, estima-se que os chineses tiveram 13.349 mortos, em torno de 24 mil feridos e 246 prisioneiros, totalizando **37.500 baixas**.⁶²⁹ Do lado norte-americano, houve 547 mortos, 2.024 feridos, 2.170 capturados, totalizando **4.170 baixas**. Importante notar a maior porção de baixas do lado norte-americano foi de soldados sul-coreanos capturados. Por fim, como um último resultado, houve o recuo de 60 km no setor oeste e 35 km no corredor central pelas forças-norte-americanas.⁶³⁰

Apesar de alguns sucessos táticos, a ofensiva chinesa, até então, vinha sendo um fracasso. Com uma taxa relativa de perdas muito superior – em torno de nove soldados chineses para uma baixa do lado norte-americano – como preço pela destruição de apenas um batalhão britânico e, parcialmente, da 6ª Divisão Coreia do Sul. Mesmo do ponto de vista tático, note-se como a maioria dos contingentes sul-coreano e europeus foram capazes de fazer frente a chineses e norte-coreanos. Tal rendimento de performance de sul-coreanos e demais forças aliadas dos Estados Unidos não passou despercebido. Os comandantes chineses ficaram surpresos com o desempenho oponente em manter uma vigorosa resistência em profundidade. Os comandantes chineses também notaram a queda de desempenho de suas próprias unidades. Houve má-coordenação entre infantaria e artilharia e os batedores chineses tiveram menos sucesso em infiltrar as linhas adversárias.⁶³¹ Como resultado, as forças chinesas não foram capazes de repelir seu oponente do norte do paralelo 38º e a meta principal da ofensiva não foi cumprida.

Do lado norte-americano, Van Fleet reconheceu que três das cinco divisões norte-americanas estavam mal posicionadas para fazer frente aos principais esforços chineses, no flanco direito do I Corpo, no setor do rio Pukhan. Ele também reconheceu que era necessário reforçar o IX Corpo, o que ele procedeu de maneira expediente com o 187º Time de Combate Regimental e, de maneira mais definitiva, com a adição da 7ª Divisão. Por fim, ele repassava a 1ª Divisão de Fuzileiros para o X Corpo norte-americano.⁶³²

⁶²⁹ Geralmente, aponta-se mais elevadas baixas chinesas – entre 60 e 70 mil. Discordo desses valores porque isso implicaria em perdas de mais 20% de efetivo, o que deveria ter provocado graves consequências na coesão das unidades e demais implicações logísticas que tornariam impraticável seus reposicionamentos e empregos defensivos e, posteriormente, na segunda fase da ofensiva em apenas quinze dias.

⁶³⁰ ECKER. *Korean Battle Chronology*, p. 96, 98; FARRAR-HOCKLEY, Anthony. *The British Part in the Korean War: An Honourable Discharge*, London: HMSO, 1995, p. 152.

⁶³¹ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 150.

⁶³² APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 495–496.

O incremento do desempenho do emprego de interdição e apoio de fogo aéreo proveram resultados do lado norte-americano. Os caças bombardeiros da Força Aérea, Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais conseguiram realizar em torno de 700 missões de apoio de fogo aéreo por dia, enquanto, a formação concentrada de bombardeio aéreo B-29, orientada pelo sistema de navegação por radares, passou a ter maior letalidade contra as forças terrestres chinesas. Adicionalmente, as linhas de comunicações chinesas, sob interdição aérea americana nos meses de março e abril, foram em boa medida rompidas, com grande perda de suprimentos. Por exemplo, o IX Grupo chinês, mesmo sendo o mais bem preparado para a ofensiva e motorizado, ficou sem comida após o quinto dia da ofensiva, que era basicamente o volume correspondente de suprimentos que suas unidades eram capazes de aportar sem reabastecimento.⁶³³

11.5 SUSPENSÃO DA AÇÃO

Mao Tse-Tung rejeitou a decisão de Peng Dehuai de encerramento definitivo da ofensiva. Ele julgava que as forças norte-americanas estavam indecisas porque seus reforços não estariam completos e prontos para uma ofensiva até maio. Até lá, o oponente manteria um jogo de equilíbrio apenas para deteriorar as forças chinesas e estas deveriam evitar serem desgastadas, mas, ao mesmo tempo, agir contra desembarques anfíbios e avanços terrestres ao norte. Peng concedeu a Mao e não ordenou o encerramento total da ofensiva. Porém, notando o reforço de poder de fogo do I Corpo-de-Exército norte-americano em torno de Seul, ele declinou de um novo ataque frontal contra o setor ocidental do teatro e, no dia 29 de abril, retirou as principais forças em Uijongbu, Pochon, Hwacheon e Chunchon. Moveu ainda os 40º e 26º Exércitos para o norte de Pyongyang como reserva estratégica contra um assalto anfíbio. Peng também passou a sofrer pressão dos seus comandantes subordinados, principalmente dos III e XIX Grupos-de-Exércitos, em razão da falta de preparo, pressa e descuido no lançamento da ofensiva. Eles criticaram as informações desatualizadas e as instruções detalhadas de Peng. Houve trocas privadas entre 6 e 7 de maio entre generais chineses com respeito a necessidade de troca do marechal das forças chinesas. De qualquer maneira, os comandantes do segundo contingente de forças chinesas, presentes no teatro desde março de 1951, queriam mais uma nova e melhor oportunidade para condução de uma ofensiva.⁶³⁴

Com pouca alteração na concentração das forças norte-americanas no corredor central e setor oriental do front, Peng passou a considerar oportuno que a segunda fase da Ofensiva Primavera se concentrasse nesses setores, protegidos principalmente por divisões sul-coreanas. A segunda fase revisou a atual ofensiva chinesa segundo as lições aprendidas dos enfrentamentos recentes. Voltava-se a ter como alvo prioritário divisões sul-coreanas e como área de operações o corredor central. Para tal, Peng deslocou os III e IX Grupos-de-Exércitos e os II, III e V Corpos-de-Exércitos norte-coreanos para atacar o X Corpo-de-Exército norte-americano e o III Corpo sul-coreano, que concentravam quatro divisões sul-coreanas – respectivamente 5ª e 7ª e 3ª e 9ª.

A ofensiva chinesa passava a ter como meta a destruição de até três divisões sul-coreanas em Hyeon-ri e, dependendo do seu desenvolvimento, estender o ataque para o I Corpo sul-coreano na costa leste, formado pelas 11ª Divisão e a Divisão Capital. Aplicar-se-iam duas colunas. Uma for-

⁶³³ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 117; XUEZHI, Hong. The CPVF's Combat and Logistics, In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 126.

⁶³⁴ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 153–154.

mada pelo IX Grupo chinês a partir do Oeste em Unaggy-Inje, com o principal esforço a partir de Sangnam-ri, Soksa-ri, Hangye e Pungam-ri. A segunda coluna do ataque seria formada pelos III e V Corpos norte-coreanos a leste a partir do Inje-Hangye-ryong a partir de Hyon-ri. Como apoio a operação, o II Corpo norte-coreano seria a reserva e deveria explorar a ruptura e seguir como força de bloqueio contra um possível flanqueamento do I Corpo sul-coreano, enquanto parte do XIX Grupo e do I Corpo norte-coreano realizariam ataques divisionários no setor ocidental do teatro.⁶³⁵

O cálculo chinês tinha como uma das principais considerações alterar a taxa relativa de baixas, até então, altamente desfavorável, e reduzir o desgaste provocado pela ordem de batalha e planos defensivos norte-americanos, além do seu poder de fogo aéreo. Os esforços anteriores de aniquilar unidades norte-americanas, turcas e britânicas foram ambiciosos demais. A continuidade de ataques frontais contra a massa de unidades ocidentais na defesa de Seul trouxe taxas de baixas insustentáveis. Ainda assim, Peng mantinha a expectativa que os norte-americanos preparavam um ataque anfíbio, o que foi reforçado em uma circular do alto comando no dia primeiro de maio.

Peng entendia que o sucesso da alteração do esforço principal da ofensiva envolvia o mascaramento da realocação de sua força. No dia 29 de abril, ele ordenou que o XIX Grupo-de-Exército chinês e o I Corpo norte-coreano conduzissem operações diversionárias, que ensaiassem a retomada de uma ofensiva contra Seul. O XIX Grupo deveria simular travessias através do rio Han a leste, enquanto os norte-coreanos deveriam simular uma operação de travessia do rio Han a oeste com pequenas unidades. A ordem operacional foi publicada na noite de 6 de maio, após deliberação com os comandantes dos quatro grupos-de-exércitos sobre a ordem de batalha. Todas essas unidades deveriam concentrar pessoal e munição até a noite de 9 de maio e estarem preparadas para combate no dia 14 e entrar em ação entre 15 e 16.⁶³⁶

Também se conduziram de maneira muito mais dedicada conferências e ações a fim de incrementar as condições logísticas da ofensiva. No dia 3 de maio, o comando chinês realizou uma reunião com os comissários políticos para avaliar a situação logística. Além de novas requisições, era necessário maior zelo no uso de transporte e deslocamento principalmente das peças de artilharias. Apontou-se que os comissários políticos tinham que assumir essa função, além da supervisão ideológica dos comandantes e soldados. No mesmo dia, foi publicada uma diretiva para todos os comissários políticos chineses na Coreia. Também se encaminhou um relatório para Pequim, solicitando a criação de um departamento logístico separado do comando operacional das forças chinesas na Coreia. Tal requisição foi aprovada pelo Comitê Militar Central e no dia 14 Peng reuniu-se novamente com o comitê de comissário políticos a fim de encaminhar as primeiras orientações para criação do quartel-general do departamento logístico em Kongsudong, sob um vice-comandante. A indicação de Hong Xuezhi foi conturbada, mas foi chancelada pelo Comitê Militar Central, que delimitou as tarefas e estruturas do departamento no dia 19. O departamento centralizava o fornecimento de suprimentos para áreas no front a serem acessadas por unidades chinesas e norte-coreanas, melhorando o abastecimento de regimentos e batalhões, que a delegação do transporte e abastecimento às unidades de exércitos.

Uma segunda ênfase na preparação chinesa era o incremento da comunicação entre as forças chinesas e dessas com as norte-coreanas. No primeiro caso, os comandantes de exércitos deveriam

⁶³⁵ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 662; ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 151–152.

⁶³⁶ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 149–150, 152–153, 159–160.

manter contato contínuo e ocupar posições avançadas a fim de facilitar o contato com seus comandantes subordinados. Esses deveriam atualizar todas as alterações de posições, situação operacional e desenvolvimento dos combates. No segundo caso, conduziram-se conferências conjuntas dos comandos das forças. O primeiro ocorreu no dia 6 de maio no QG das forças chinesas com todos os comandantes de grupos-de-exércitos chineses e de corpo-de-exércitos norte-coreanos para que fossem alinhados procedimentos de comunicação e coordenação entre eles.

De fato, o plano da segunda fase da ofensiva chinesa ajustava o da primeira fase ao se atacar setores oponentes menos concentrados e posicionados em terreno menos favorável a formações pesadas. Os chineses explorariam o limitado volume de suas unidades para romper divisões sul-coreanas em terreno montanhoso para, em seguida, flanquear a 2ª Divisão e a 1ª Divisão de Fuzileiros. Isso abriria o caminho para Wonju, forçando um recuo considerável da linha norte-americana. A segunda fase da ofensiva envolveu uma proporção maior de norte-coreanos, **74 mil**, aos **190 mil soldados chineses**. Também se destaca o aspecto qualitativo das unidades norte-coreanas por serem mais veteranas e proficientes no terreno dos setores do corredor central e oriental que a maior parte do contingente chinês. Por isso, nos dias 8 e 9 de maio, o comando do IX Grupo chinês realizou uma conferência com o comando avançado do front leste das forças norte-coreanas. Seu comandante, Kim Wong, demandou que os norte-coreanos assumissem a liderança do ataque e foi acordado que todas as decisões seriam aprovadas por um comando conjunto, formado pelo comandante Kim Wong e o comandante e o vice-comandante do IX Grupo, respectivamente, Song Shih-Lun e Tao Yong.

Por fim, o mais importante elemento de preparação chinesa foi o reforço dos III e IX Grupos-de-Exércitos. O IX Grupo era reforçado com três corpos-de-exércitos norte-coreanos – II, III e V- e ainda com o 12º Exército chinês. O III Grupo era reforçado com duas divisões de infantaria do 39º Exército do IX Grupo (originalmente do XIII Grupo, por isso desde o início da Ofensiva da Primavera desempenhava apenas papel de reserva), dois batalhões de artilharia de campo e um regimento de artilharia antitanque. Esse contingente teve dez dias de repouso e seu reabastecimento completado no dia 9 de maio, iniciou suas movimentações no dia seguinte e alcançou suas áreas de atuação no dia 15, sem detecção pelas forças norte-americanas. As forças norte-coreanas também alcançaram suas posições no setor oriental como planejado. Por fim, essa movimentação foi encoberta pelo XIX Grupo, reforçado pela divisão remanescente do 39º Exército, mais um regimento de artilharia e três divisões norte-coreanas – 8ª, 19ª e 47ª; que iniciou três pequenos ataques, ao longo do dia 6 de maio, contra batalhões oponentes entre Koyang e Kapyeong, e entre Sunagsan e Museokyeok-ri.⁶³⁷

Essas operações deram resultados, os III e IX Grupos-de-Exércitos foram realocados entre 10 e 16 de maio do setor ocidental para o corredor central. Esse foi um feito impressionante, pois se tratou da movimentação de 127 mil soldados em apenas seis dias a distâncias de mais de 67 quilômetros, quase unicamente por meio de marchas noturnas e sem detecção pelos norte-americanos. Ademais, as operações diversionárias no setor ocidental reforçaram a ênfase do comandante de campo norte-americano, general Van Fleet, em concentrar suas forças na defesa de Seul, sendo que essa orientação não foi revista pelo seu superior, general Ridgway.

⁶³⁷ Ibid., p. 155–158, 160, 162.

Van Fleet esperava que em torno de 12 divisões chinesas e norte-coreanas seriam concentradas na área entre os I e IX Corpos, defendido pela 24ª Divisão.⁶³⁸ Por isso, ele ordenou a fortificação da Linha Sem Nome, posicionando os I, IX e X Corpos para defesa, respectivamente, das áreas em torno de Uijongbu-Seul, rio Pukhan e Chuncheon-Hoengchon. Ainda assim, por prudência, houve um melhor equilíbrio na distribuição das forças ao longo do teatro e a efetivação de uma proporção maior do Oitavo Exército para o front.

Além do reforço do IX Corpo-de-Exército com a 7ª Divisão e o 187º Time de Combate Regimental, o X Corpo recebeu de volta a 1ª Divisão de Fuzileiros e a 2ª Divisão, que tiveram suas posições apontadas para, respectivamente, Chuncheon e Hoengchon, e as 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas tinham a missão de defender o sul do rio Soyang. Van Fleet também redefiniu o front entre os IX e X Corpos, desde que o primeiro passava a ter o principal contingente das forças norte-americanas – equivalente a 5 divisões e precisaria de um front mais extenso. Mais a leste, o III Corpo sul-coreano – com 3ª e 9ª Divisões – teve responsabilidade de defender a linha de montanhas entre Kari-long e Hansok-san, ao sul do rio Inje. Por fim, o I Corpo sul-coreano assumiu a posição no setor da Linha Sem Nome que cobria as Montanha Seroek e Taepo-ri.⁶³⁹

Apesar disso tudo, os comandantes norte-americanos continuavam míopes com relação ao principal esforço chinês, que foi capaz de ludibriar as patrulhas norte-americanas conduzidas desde o dia 30 de abril, que, devido a pouca presença chinesa, foram expandidas no dia três de maio, replicando as missões de reconhecimento em força conduzidas por Ridgway ao início de sua ofensiva em janeiro. Forças-tarefas de regimentos de infantaria reforçados estabeleciam bases oito quilômetros ao norte da Linha Sem Nome, onde era organizado um perímetro defensivo avançado de onde partiam patrulhas menores. Já o reconhecimento aéreo tinha evidências da preparação da ofensiva chinesa, mas não era capaz de confirmar o seu esforço principal. Entre 29 de abril e 8 de maio, os aviões de reconhecimento norte-americanos registraram o fluxo de 2.400 caminhões por noite no teatro oponente, sendo 1.550 para o sul. Apesar do esforço da Força Aérea, sem a ação combinada em terra e devido ao risco dos MIGs soviéticos/chineses, não era possível destruir mais do que 210 caminhões por dia. Com essa correlação de números, estimava-se que os chineses pelo dia 10 de maio teriam condições de suprir a retomada de sua ofensiva.

A intensidade e a incerteza das preparações chinesas levaram Van Fleet a decidir desbaratar as divisões norte-coreanas em operações de cobertura a fim de ter melhor noção da disposição dos exércitos chineses e avançar suas próprias forças para a Linha Kansas. Além do avanço da 1ª Divisão sul-coreana na costa ocidental, ele ordenou que os III e I Corpos-de-Exército sul-coreanos retomassem o avanço no dia 7 de maio, tendo como controle a Linha Missouri entre Kari-san, Shinwol-ri e a Colina 1037, estendo de 10 a 20 quilômetros ao norte o controle da rodovia entre Hoengchon e Kansong. Essa era uma rodovia importante porque era a principal alternativa para apoio logístico dos I e III Corpos sul-coreanos posicionados em regiões montanhosas e de difícil acesso. O ataque seria conduzido pelas 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas do X Corpo, a 3ª Divisão sul-coreana do III Corpo e as divisões Capital e 11ª do I Corpo.⁶⁴⁰

⁶³⁸ CONNOR, Robert. *Defensive Operations: The Defense of No Name Line in the Korean War*, In: **Combined Arms in Battle since 1939**, Fort Leavenworth: Combat Studies Institute, 1992, p. 77.

⁶³⁹ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 495–496, 505–506; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 660–661; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 151, 163.

⁶⁴⁰ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 497–500; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 653.

As seis divisões sul-coreanas começaram o ataque no dia 7 de maio. As 5ª e 7ª Divisões seguiram sem dificuldades no flanco esquerdo da coluna. Mas a 9ª Divisão em Hansok-san e a Divisão Capital nas Montanhas Soreak-san tiveram batalhas com forças norte-coreanas. Essas foram duras batalhas pois o terreno era muito íngreme, e os norte-coreanos souberam preparar bem suas defesas. Adicionalmente, os sul-coreanos tinham dificuldades em sustentar os ataques por deficiência de munição, necessariamente feita por carregadores. Apenas após três dias do início do ataque, e envelopando e reduzindo a unidade norte-coreana com concentração de artilharia e fogo aéreo, que se tomou a posição em Mae-bong. Dando continuidade a esse sucesso, tentou-se mais um ataque em Hansok-san na noite do dia 10. A 9ª Divisão teve 390 baixas nessa batalha, impondo 895 às forças norte-coreanas e assegurando a posição em Soreak-san. No dia 11, seguiu-se uma batalha de 31 horas em Chohang-nyong contra unidades da 6ª Divisão norte-coreana. Essa vitória possibilitou uma ampla área de avanço das divisões sul-coreanas até próximo da Linha Kansas.⁶⁴¹

Até o dia 10 de maio, Van Fleet preparava uma ofensiva (Operação *Detonate*) em expansão das operações de reconhecimento em força que eram conduzidas desde o dia 3 de maio. Porém, um relatório de inteligência indicava que os chineses se concentravam para iniciar uma ofensiva em alguns dias, e ele cancelou tal operação. A partir de então, os III e I Corpos sul-coreanos retomaram posições na Linha Sem Nome nos dias 11 e 13 de maio para manter a composição do front entre o corredor central e setor oriental.⁶⁴²

No entanto, o comandante norte-americano tinha a ideia fixa que a ofensiva chinesa seria retomada no setor ocidental apesar das evidências do contrário. No mesmo dia 10, um prisioneiro do 12º Exército do III Grupo chinês informou o deslocamento para sudeste de sua unidade com a missão de atacar a 2ª Divisão norte-americana. Appleman aponta que não existem registros que o relatório tenha sido levado a sério.⁶⁴³ A partir do dia 14 de maio, as patrulhas da 2ª Divisão passaram a ter mais contatos com chineses ao longo do rio Soyang na região de Naepyeong-ni e Umyung. O comandante dessa divisão, general Ruffner, deliberou por conta própria o reforço de seu flanco direito com a Força-tarefa Zebra, justamente para reforço do setor de contato entre as forças norte-americanas e sul-coreanas. Ela era constituída pelo 72º Batalhão de Tanques, o 2º Batalhão de Infantaria, a 2ª Companhia de Reconhecimento e a 1ª Companhia de Rangers. Portanto, essa era uma Força-tarefa para combate cerrado e choque com as forças chinesas. O general Ruffner também posicionou o 23º Regimento como reserva desse flanco direito da 2ª Divisão.

A principal preocupação de Van Fleet continuava a ser com a 24ª divisão, desde que ela estava pressionada contra o rio Han na sua retaguarda e não tinha espaço para recuo sem permitir uma ruptura da linha do Oitavo Exército. Adicionalmente, ele mantinha a orientação estratégica desenvolvida por Ridgway e havia recebido recentemente relatório de inteligência que apontava a dificuldade das forças chinesas em conduzir enfrentamentos defensivos. Por conta disso, a partir do dia 14 de maio, ele começou a deliberar medidas preparatórias para a contraofensiva norte-americana. De uma maneira ou de outra, a contenção do avanço chinês sem recuo da linha do Oitavo Exército e a condução do contragolpe e, possivelmente, da perseguição das forças oponentes, segundo Van Fleet,

⁶⁴¹ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 654–657.

⁶⁴² MOSSMAN, Billy. *Edd and Flow*: November 1950 – July 1951, Washington: Center of Military History – United States Army, 1990, p. 440.

⁶⁴³ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 507.

demandariam o uso excepcional de artilharia e concentração de munição. Sua meta era dobrar o uso de artilharia nos dias cinco seguintes ao início do próximo ataque chinês.⁶⁴⁴

11.6 A 2ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG, 16 A 27 DE MAIO

A segunda fase da segunda ofensiva chinesa contou com uma participação de forças norte-coreanas com maior proporção e maior importância para seu sucesso. Isso ocorreu, em parte, para compensar as perdas chinesas da fase anterior e para a concentração em um curto prazo de tempo de forças no corredor central e na porção oriental do teatro de operações. Em parte, porque os norte-coreanos tinham mais experiência com os terrenos dessas áreas. De maneira similar à formulação do plano defensivo de contragolpes à ofensiva norte-americana em fevereiro do mesmo ano, essa era uma decisão expediente tomada de improviso sem preparação prévia, mas com razoável margem de sucesso. Essa experiência de terreno era especialmente necessária tendo em vista que os contingentes do III e IX Grupos-de-Exércitos chineses nunca tinha combatido no corredor central. Por fim, os números da ofensiva chinesa demonstram ainda uma redução dos números efetivos empregados. Além das baixas de abril, Peng era cauteloso na disposição de suas reservas e reverteria a composição de um front com metade de seu contingente. Diferente disso, ele recompôs suas reservas estratégicas ao padrão da participação chinesa na guerra, com de 2/3 das forças chinesas posicionadas entre o norte da Coreia do Norte e a Manchúria. A segunda fase da Ofensiva da Primavera contou com **201 mil chineses e 76 mil norte-coreanos, totalizando 277 mil soldados, contra 215 mil soldados oponentes.**

Grupo-de-Exército	Exércitos/Corpo de Exército	Divisões	Efetivo
XIX	63º	187ª	8.000
		188ª	8.000
		189ª	8.000
Subtotal			24.000
	64º	190ª	8.000
		191ª	8.000
		192ª	8.000
Subtotal			24.000
	65º	193ª	8.000
		194ª	8.000
		195ª	8.000
Subtotal			24.000
	39º	117ª	7.000
Subtotal do XIX Grupo			79.000

⁶⁴⁴ Ibid., p. 504–505; MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 445–446.

III	15º	29 ^a	8.000
		44 ^a	8.000
		45 ^a	8.000
	Subtotal		24.000
	60º	181 ^a	7.000
		115 ^a	7.000
		116 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	Subtotal do III Grupo		45.000
IX	12º	31 ^a	8.000
		34 ^a	8.000
		35 ^a	8.000
	Subtotal		24.000
	20º	58 ^a	7.000
		59 ^a	7.000
		60 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	27º	79 ^a	7.000
		80 ^a	7.000
		81 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	Subtotal do IX Grupo		86.000
Subtotal das forças chinesas	8 Exércitos	25 divisões	53 regimentos
201 mil			
Forças Norte-Coreanas	Ordem de Batalha Norte-Coreana		
	I	8 ^a	3.000
		19 ^a	8.000
		47 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	III	1 ^a	8.000
		15 ^a	3.000
		45 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	V	6 ^a	3.000
		12 ^a	8.000
		36 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	II	2 ^a	3.000
		13 ^a	8.000
		27 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	4 Corpos de Exército	15 divisões	35 regimentos

	76 mil ⁶⁴⁵		
	12	40	85 regimentos
Total	277 mil		

TABELA 11.6 – NÚMEROS E ORDEM DE BATALHA CHINESA E NORTE-COREANA NA 2A FASE DA 2A OFENSIVA DE PENG

FONTE: Appleman (1990), p. 507; Rottman (2002), p. 168

Do lado norte-americano, note-se a concentração de forças no setor ocidental. Apesar do reforço do IX Corpo, o I Corpo ainda continuava sendo o principal esforço defensivo. Van Fleet também replicava o erro da ordem de batalha aplicada por Ridgway em dezembro de 1950, quando se tentou compensar o mais baixo desempenho das divisões sul-coreanas com sua disposição em massa no corredor central. Repetia-se ainda o erro de não se alternar divisões sul-coreanas e norte-americanas entre os X Corpo norte-americano e o III Corpo sul-coreano, mas as concentrava em um grande bolsão entre o corredor central e a costa oriental por meio de um terreno de cordilheiras, no qual a principal vantagem dessas unidades frente ao oponente – o emprego de apoios de fogos de artilharia e aéreo – era estrangida. Nesse sentido, Van Fleet organizou uma ordem de batalha que favorecia o plano chinês.

Note-se também a diferença da ordem de batalha elaborada sob o comando de Van Fleet no que concerne o uso de reservas. Ele não tinha reservas estratégicas significativas e alocou uma divisão norte-americana na reserva dos I e IX Corpos e ainda uma brigada britânica e o 187º Regimento. A exceção era, novamente, os corpos-de-exército no corredor central e setor oriental, em que o X Corpo contava com apenas o 23º Regimento como reserva, e os corpos-de-exército sul-coreanos tinham nenhuma. A distinção entre os planos defensivos de Ridgway e Van Fleet é estratégica e decorre do fato de que Ridgway, entre dezembro de 1950 e janeiro de 1951, contava com alguma margem para o recuo ao sul do paralelo 38º e seguiu a orientação estratégica de abandonar Seul e de condução de recuos e avanços para desgaste das forças oponentes. No atual estágio da guerra, Ridgway antecipou que a guerra passaria para uma fase estática e de estagnação em torno do paralelo 38, o que favoreceria a resolução negociada da guerra.⁶⁴⁶ A orientação estratégica do plano defensivo de Van Fleet, portanto, era não ceder mais terreno, embora a imposição ao oponente de taxas de baixas relativas superiores ainda fosse a diretiva prioritária. Seu plano era orientado também pelas condições climáticas, com início de temporadas de chuvas a partir de junho e depois de neves no segundo semestre. Portanto, para maximizar sua vantagem de poder de fogo, era necessário impor baixas e conduzir uma ofensiva coercitiva para abertura das negociações antes disso.

Corpos-de-Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo-de-Exército EUA	1ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	1ª Divisão de Cavalaria	18.000
	25ª Divisão EUA	18.000
	29ª Brigada Britânica (res)	8.000
	3ª Divisão EUA (res)	18.000

⁶⁴⁵ Os números norte-coreanos são aproximados, pois não se encontrou dados precisos de suas divisões para a segunda fase, mas deduzidos dos dados disponíveis de seus Corpos-de-Exército relacionados com os dados da fase anterior da ofensiva.

⁶⁴⁶ HOYT, Edwin Palmer. *The Day the Chinese Attacked: Korea, 1950: the Story of the Failure of America's China Policy*, New York: McGraw-Hill Pub. Co., 1990, p. 204–206.

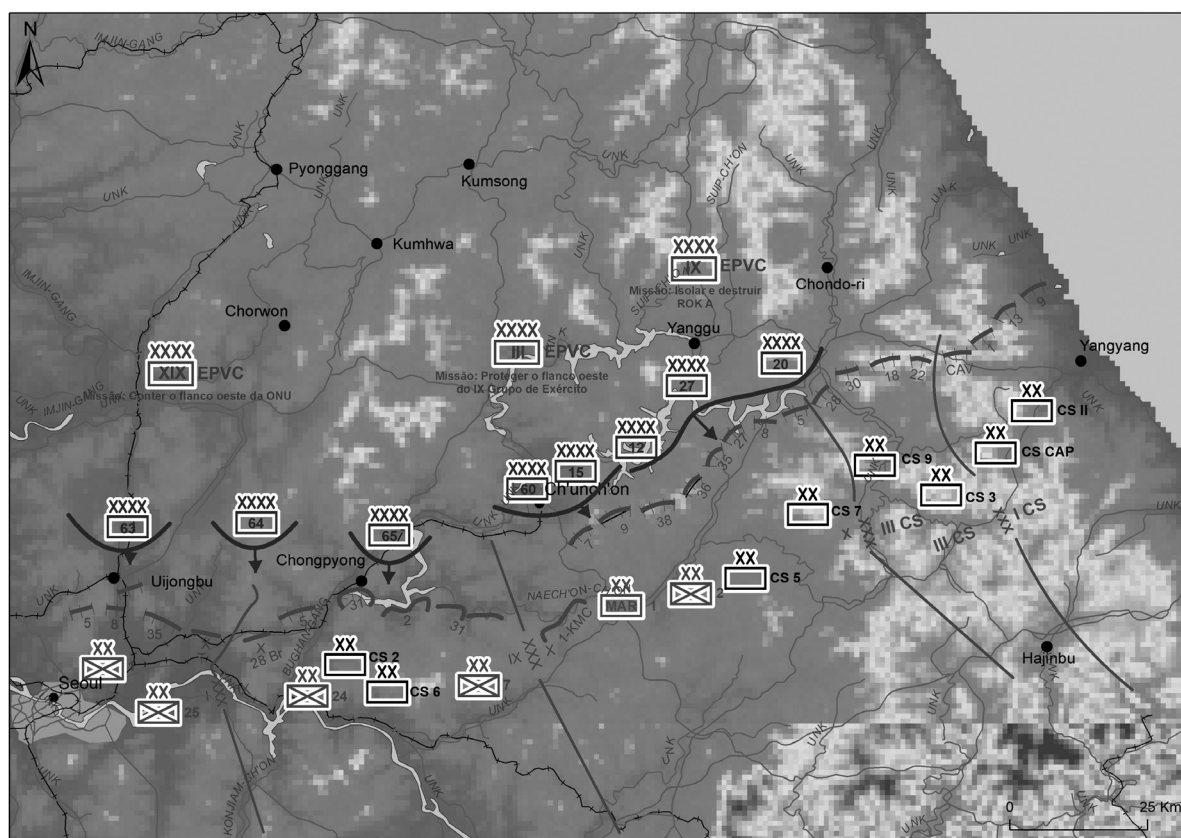
	Subtotal	70.000
	28ª Brigada Britânica ⁶⁴⁷	2.500
	24ª Divisão EUA	18.000
IX Corpo-de-Exército EUA	2ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	6ª Divisão Coreia do Sul	4.000
	7ª Divisão EUA (res)	18.000
	187º Time de Combate Regimental (res)	3.500
	Subtotal	54.000
	1ª Divisão de Fuzileiros Navais	23.000
X Corpo-de-Exército EUA	2ª Divisão EUA	18.000
	5ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	7ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	Subtotal	57.000
III Corpo-de-Exército Coreia do Sul	9ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	3ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	Subtotal	16.000
I Corpo-de-Exército Coreia do Sul	Divisão Capital Coreia do Sul	10.000
	11ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	Subtotal	18.000
	Total	
4 Corpos de Exército	17 divisões	52 regimentos
Total		215 mil

TABELA 11.7 – NÚMEROS E ORDEM DE BATALHA NORTE-AMERICANA NA 2ª FASE DA 2ª OFENSIVA DE PENG
 FONTE: Appleman (1990), p. 407; Farrar-Hockley (1995), p.436; Rottman (2002), p. 131; Mossman (1990), p. 439

Na análise comparativa dos dois efetivos, note-se a limitada superioridade numérica chinesa. Mais relevante é a inferência dos números relativos nos dois principais setores do teatro de operações. Pois, enquanto o esforço principal do ataque chinês no corredor central impunha **188 mil soldados** – 131 mil chineses e 57 mil norte-coreanos – dos IX e III Grupos chineses e II, III e V Corpos norte-coreanos contra **91 mil soldados oponentes** – 41 mil norte-americanos e 50 mil sul-coreanos do X Corpo norte-americano e I e III Corpos sul-coreanos; no setor ocidental, o XIX Grupo chinês e o I Corpo norte-coreano – respectivamente, com 79 mil chineses e 19 mil norte-coreanos, somavam **91 mil soldados** e fariam frente aos I e IX Corpos norte-americanos com **124 mil soldados**.

Portanto, sem dúvidas, o plano chinês dessa segunda fase da ofensiva era uma aposta: que as divisões sul-coreanas seriam rompidas e tal brecha seria explorada antes de um contragolpe norte-americano no setor ocidental fosse lançado e, ainda, com resultados estratégicos suficientes para empurrar toda a linha norte-americana para o sul do paralelo 38°.

⁶⁴⁷ Houve a substituição da 27ª Brigada Britânica pela 28ª, o que não implicava numa reposição igual, mas com números superiores desde que as unidades canadenses, australianas e neozelandesas eram maiores que as inglesas equivalentes. Enquanto os batalhões ingleses da 27ª Brigada foram destinados para Hong Kong, suas demais unidades subordinadas foram reposicionadas para a retaguarda para recondicionamento e composição da 1ª Divisão da Commonwealth.



MAPA 11.2 – 2ª FASE DA 2ª OFENSIVA CHINESA

FONTE: o autor

A primeira componente para o sucesso da ofensiva chinesa era a credibilidade das operações diversionárias conduzidas pelo XIX Grupo-de-Exércitos chinês e I Corpo-de-Exército norte-coreano a frente do I Corpo norte-americano. Seu plano foi revisto levando em conta a postura ofensiva norte-americana no setor ocidental ao longo de maio e a assimetria de força entre os dois lados. Se o I Corpo dos EUA atacasse, os quatro exércitos chineses deveriam conduzir uma resistência em fases, atraindo o oponente para terreno favorável ao contragolpe. Caso o avanço norte-americano fosse limitado, os chineses conduziriam uma defesa estática. Por fim, se a ação norte-americana ficasse limitada ao reconhecimento, as vanguardas chinesas deveriam manter contato enquanto uma travessia em larga escala do rio Han era preparada. Ao início da ofensiva chinesa no corredor central, o XIX Grupo também converter-se-ia para a ofensiva. Em 10 de maio, tendo em vista a opção norte-americana, até então, pela terceira linha de ação, os 65º e 39º Exércitos chineses atacaram posições em Cheonposan e na margem sul do rio Soyang-gang, respectivamente.

Ataques também foram conduzidos pelos I e III Corpos norte-coreanos nos extremos do teatro de operações. O primeiro com um regimento contra um batalhão da 1ª Divisão sul-coreana, empurrando sua posição oito quilômetros para o sul. Dois dias depois, o segundo ataque norte-coreano ocorreu contra o I Corpo sul-coreano no setor oriental, contra o 22º Regimento da 3ª Divisão e o 20º Regimento da 11ª Divisão. Tal ataque foi contido pela Divisão Capital, mas o comandante do

I Corpo sul-coreano, general Paik Yu, assumiu que o objetivo oponente era a pista de pouso K-18, onde havia grande concentração de material bélico, assim ele organizou as Capital e 11ª Divisões para bloquear os acessos a essa área. Essas unidades tiveram apoio da 7ª Esquadra da Marinha dos EUA, que organizaram recuos com apoio de fogo e contra-ataques.

No dia 12, o 65º Exército chinês moveu-se para Sunagsan e Kwajaeobong e o 39º para Cheongpyeongcheon. No dia seguinte, o 63º Exército deu continuidade a esse último, avançando de Cheongpyeongcheon a Jimok-ri. Sua 188ª Divisão consolidou uma cabeça-de-ponte, enquanto a 187ª Divisão já ameaçou as posições oponentes em Sangcheon-ri. Por fim, o 64º Exército moveu para nordeste de Seul em Paechon, enquanto as demais unidades do XIX Grupo chinês e o I Corpo norte-coreano conduziram a operação diversionária ao fitarem travessias a leste do rio Han e Seul⁶⁴⁸.

Diante disso, Ridgway ordenou que Van Fleet cancelasse qualquer ação ofensiva e reforçasse as defesas em torno de Seul para um ataque no dia 13 ou 14 no setor ocidental. Ele antecipava que os chineses tentariam um novo ataque convergente contra Seul, com cinco exércitos a oeste e outros quatro a leste. Em resposta, Van Fleet deslocou mais duas divisões norte-americanas para oeste. Concentravam-se lá seis divisões norte-americanas, uma brigada britânica e três divisões sul-coreanas. Além de uma grande reserva em Kyeongan-ri, Yeongteungpo e Kimpo, com, respectivamente, com a 3ª Divisão dos EUA, a 29ª Brigada Britânica e o 187º Time de Combate Regimental.⁶⁴⁹ Van Fleet confirmou ainda as disposições do X Corpo norte-americano e dos III e I Corpos sul-coreanos. Avançou a 1ª Divisão de Fuzileiros e a 2ª Divisão norte-americana para Chuncheon e Hoengchon, e as 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas para defender a margem sul do rio Soyang. Mais a leste, o III Corpo sul-coreano teve responsabilidade de defender a linha de montanhas entre Kari-long e Hansok-san, ao sul do rio Inje. O I Corpo sul-coreano assumiu posição no setor da Linha Sem Nome que cobria as Montanhas Seroek-san e Taepo-ri⁶⁵⁰.

A ofensiva chinesa começou às 18 horas de 16 de maio, após uma barragem de artilharia seguida de três colunas de ataque. O XIX Grupo fez um ataque diversionário contra o I Corpo norte-americano, o III Grupo chinês atacou o centro da linha norte-americana, de maneira a isolar o X Corpo das unidades no setor ocidental e, por fim, o IX Grupo chinês e os III Corpo norte-coreano realizaram o ataque principal contra as divisões sul-coreanas dos X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano. As brechas abertas neste setor deveriam ser exploradas, por um lado, pelas unidades do V Corpo norte-coreano para infiltrar e flanquear o I Corpo sul-coreano, enquanto sofria ataques frontais do II Corpo norte-coreano. Por outro lado, as unidades chinesas deveriam explorar a ruptura para buscar a retaguarda do IX Corpo norte-americano.

11.6.1A Batalha do Rio Soyang, 16 a 21 de Maio

Essa foi a última grande batalha da Guerra Sino-americana, envolvendo **188 mil chineses e norte-coreanos** contra, inicialmente, **73 mil soldados do lado norte-americano**, que seriam, durante a batalha, reforçados com a 3ª Divisão norte-americana de 18 mil soldados. Ela também foi

⁶⁴⁸ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 504; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 163–165.

⁶⁴⁹ LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 163–164; RIDGWAY, Matthew B. *The Korean War*, New edition. New York: Da Capo Press, 1986, p. 174.

⁶⁵⁰ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 661.

a última com potencial de alteração estratégica no teatro de operações. Por isso, merece um estudo mais detalhado do que o realizado anteriormente neste livro.⁶⁵¹

Grupo-de-Exércitos	Exército/Corpo-de-Exército	Divisão	Efetivo
III	15º	29 ^a	8.000
		44 ^a	8.000
		45 ^a	8.000
	Subtotal		24.000
	60º	181 ^a	7.000
		115 ^a	7.000
		116 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	Subtotal do III Grupo		45.000
IX	12º	31 ^a	8.000
		34 ^a	8.000
		35 ^a	8.000
	Subtotal		24.000
	20º	58 ^a	7.000
		59 ^a	7.000
		60 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	27º	79 ^a	7.000
		80 ^a	7.000
		81 ^a	7.000
	Subtotal		21.000
	III Corpo norte-coreano	1 ^a	8.000
		15 ^a	3.000
		45 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	V Corpo norte-coreano	6 ^a	3.000
		12 ^a	8.000
		32 ^a	8.000
	Subtotal		19.000
	II Corpo norte-coreano	2 ^a	3.000
		13 ^a	8.000
		27 ^a	8.000
	Subtotal		19.000

⁶⁵¹ CONNOR. **Defensive Operations**: The Defense of No Name Line in the Korean War, p. 77–81; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2, p. 660–701; LI, **China's Battle for Korea**: The 1951 Spring Offensive, p. 166–177; APPLEMAN. **Ridgway Duels for Korea**, p. 511–535.

Total		188.000
Corpo-de-Exército	Divisão	Efetivo
X Corpo-de-Exército EUA	1ª Divisão de Fuzileiros Navais	23.000
	2ª Divisão EUA	18.000
	5ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	7ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	3ª Divisão EUA (reforço)	18.000
Subtotal		75.000
III Corpo-de-Exército Coreia do Sul	9ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	3ª Divisão Coreia do Sul	8.000
Subtotal		16.000
Total		91.000

TABELA 11.8 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA CHINESA/NORTE-COREANA NA BATALHA DO RIO SOYANG
 FONTE: o autor

O plano de batalha do IX Grupo chinês envolvia isolar as quatro divisões sul-coreanas do X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano pela combinação de rupturas e explorações dos 12º, 27º e 20º Exércitos chineses e operações de bloqueio das linhas de retiradas oponentes pelos III e V Corpos-de-Exército norte-coreanos.

Na primeira fase do ataque, os exércitos chineses combinariam ataques frontais e infiltrações para romper e explorar brechas entre as divisões sul-coreanas. De oeste a leste, o 12º Exército romperia a linha da 5ª Divisão sul-coreana e, com o apoio do 15º Exército, fixaria a 2ª Divisão norte-americana; o 27º Exército romperia entre a 5ª e a 7ª Divisões sul-coreanas buscando envolver essa última; e o 20º Exército deveria isolar e romper as 9ª e 3ª Divisões sul-coreanas a leste em Hyeon-ri.

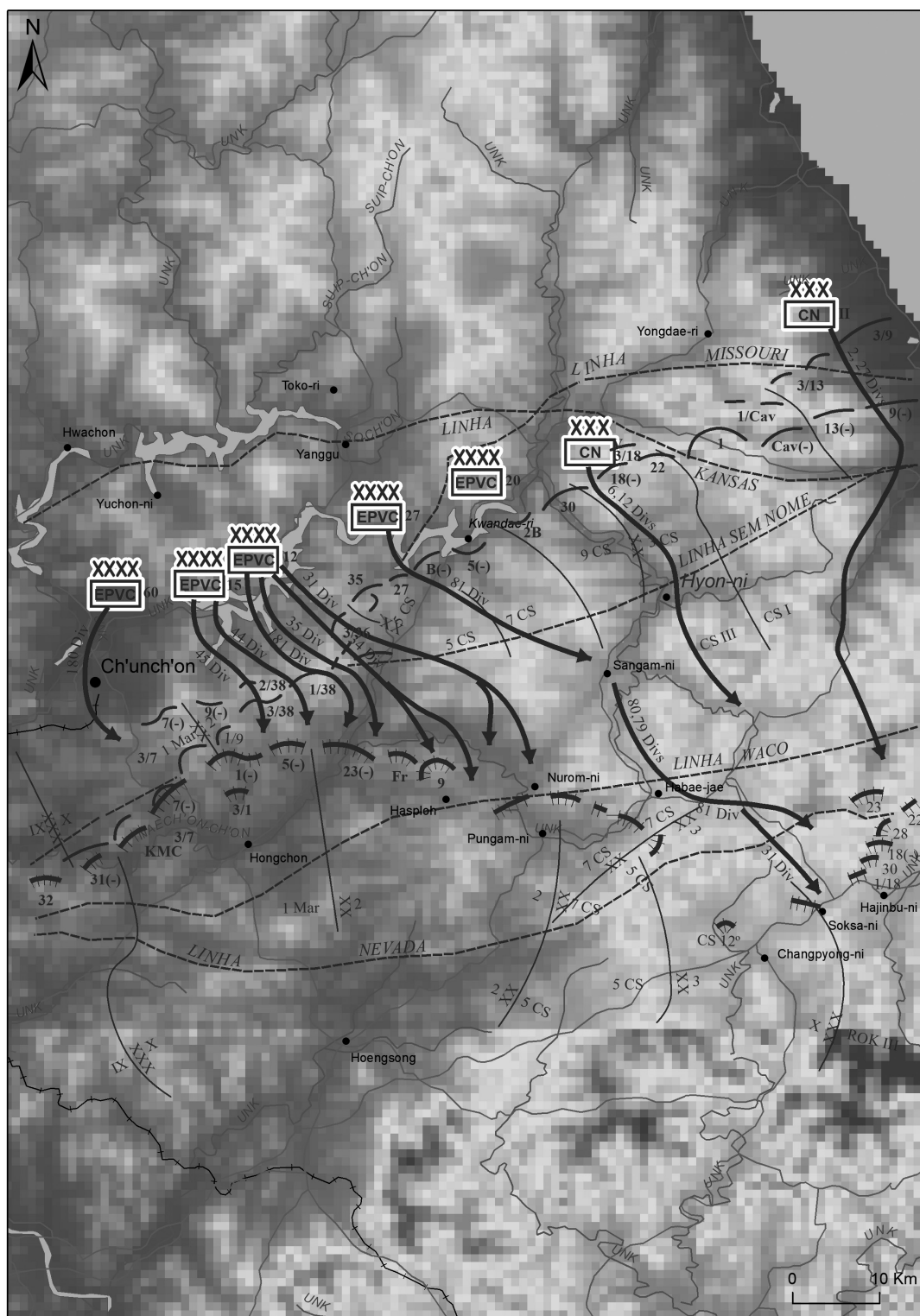
Combinadamente, de leste a oeste, o V Corpo norte-coreano bloquearia a retirada das 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas em Hyeon-ri. O III Corpo faria o mesmo com relação à 7ª e 5ª Divisões em Maesan-ri e enviaria ainda uma divisão para Changchouri para apoiar o 12º Exército chinês contra a 5ª Divisão.

Portanto, o ataque sino-norte-coreano envolvia realizar dois envelopamentos: um envolvendo as 7ª e 5ª Divisões sul-coreanas e outro envolvendo as 3ª e 9ª Divisões, além de uma coluna de ataque para isolar o contingente sul-coreano do norte-americano. Além da complexidade do plano, destaca-se a dificuldade das missões do 12º Exército chinês e do V Corpo norte-coreano. Enquanto o primeiro, tinha a missão de atacar a 5ª Divisão sul-coreana e fixar a 2ª Divisão norte-americana, ao mesmo tempo, os norte-coreanos teriam que fazer um longo e difícil percurso entre as montanhas do setor oriental da Coreia do Sul e estabelecer contato com a coluna de ataque do 27º Exército chinês.

Do lado norte-americano, desde três de maio, a 2ª Divisão norte-americana e as divisões sul-coreanas realizavam patrulhas 10 quilômetros ao norte da Linha Sem Nome. Devido à falta de contato oponente, Van Fleet considerou um avanço em linha no dia 11, mas que foi cancelado por Ridgway, quando os relatórios de inteligência apontaram a iminência da ofensiva chinesa. No entanto, as ações diversionárias chinesas e norte-coreanas frente ao I Corpo norte-americano tiveram

efeito ao levarem os comandantes norte-americanos a darem pouca relevância aos contatos que as patrulhas da 2ª Divisão tiveram desde 14 de maio.

A fragilidade da linha defensiva do X Corpo norte-americano levou o general Ruffner a decisão de compactar a 2ª Divisão, principalmente seu flanco direito em contato com a 5ª Divisão sul-coreana. A 2ª Divisão ocupava a Linha Sem Nome com quatro batalhões de infantaria dos 9º e 38º Regimentos, mais o Batalhão Holandês, ocupando o flanco esquerdo e o centro do seu front. O flanco direito da divisão, em contato com 5ª Divisão sul-coreana, foi reforçado com a Força-tarefa Zebra, composta pelo 72º Batalhão de Tanques, o 2º Batalhão de Infantaria do 23º Regimento, a 2ª Companhia de Reconhecimento e a 1ª Companhia de Rangers. Um batalhão do 36º Regimento da 5ª Divisão sul-coreana foi alocado à frente dessa Força-tarefa e o restante o 23º Regimento ocupava a posição de reserva do X Corpo. À direita dessas unidades, estavam alinhadas as 5ª, 7ª, 9ª, e 3ª Divisões, sem reservas, e sob os comandos de dois diferentes corpos-de-exército, mas sem qualquer plano de coordenação entre elas.



MAPA 11.3 – A BATALHA DO RIO SOYANG

FONTE: o autor

O ataque chinês produziu, de fato, três seções de combates simultâneos de efeitos mútuos. A primeira contra a 2ª Divisão norte-americana, na porção oeste do front, ainda no fim da tarde de 16 de maio, a fim de isolar as quatro divisões sul-coreanas a sua direita. Ao longo da noite, o esforço principal do ataque produziu outras duas seções. A segunda contra as 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas no centro do front e, a leste, a terceira seção envolvendo as 9ª e 3ª Divisões da Coreia do Sul.

Na primeira seção de combates, o ataque chinês foi iniciado pela 44ª Divisão chinesa, que tinha a missão de abrir brechas para a infiltração da 45ª. Inicialmente, esse ataque se concentrou contra o 38º Regimento norte-americano, pois este tinha seu 2º Batalhão em um posto avançado de patrulha três quilômetros ao norte da Colina 800, o que conferia a possibilidade, pela leitura chinesa, de explorar um ponto fraco na linha norte-americana entre essa posição e as do 1º Batalhão e do Batalhão Holandês. No entanto, o plano defensivo do regimento norte-americano levou esse cenário em consideração. Ele posicionou seus quatro batalhões em duas colunas. O 3º Batalhão na Colina 800 protegia a reserva do 2º Batalhão avançado, enquanto o 1º Batalhão tinha uma posição fortificada na Colina 1051 (denominada de Bunker Hill)⁶⁵² e o Batalhão Holandês foi posicionado em duas colinas (710 e 975) e reforçado com a companhia de tanques do regimento para realizar contra-ataques e reforçar os dois batalhões norte-americanos mais avançados. Portanto, apesar do pesado ataque chinês, principalmente, contra os dois batalhões norte-americanos mais avançados, eles foram capazes de resistir.

Esse combate ficou notório pelo uso autorizado de fogo a taxas cinco vezes mais elevadas a taxa diária normal. A “Taxa de Fogo Van Fleet” determinou que todas as peças de artilharia alcançassem a marca de 250 cargas por dia.⁶⁵³ Ainda que essa meta não tenha sido plenamente cumprida, houve o uso de quase 9 mil toneladas de munição entre os dias 16 e 22 de maio, uma das maiores marcas da história. Adicionalmente, a posição em Bunker Hill foi mantida pela combinação de artilharia com cargas de fusível variável, na base oposta da colina, com recuos temporários da infantaria em seu topo, seguido de contra-ataque de infantaria. A intensa barragem somada às fortificações de campo e a coordenação entre a Força-tarefa Zebra e a 5ª Divisão sul-coreana repeliram o ataque à 2ª Divisão norte-americana na madrugada de 17 de maio. Com essa pausa do ataque, o comandante da 2ª Divisão, general Ruffner, decidiu aplicar o 23º Regimento, a reserva da divisão, para recomposição da linha com a 5ª Divisão sul-coreana, tendo em vista a exposição causada pelo recuo da 7ª Divisão sul-coreana na segunda seção de combates no centro do front.

A segunda seção de combates teve início às 18h30 de 16 de maio, com uma barragem de artilharia chinesa que aplicou fogos mais efetivamente de que em casos anteriores. Mais do que cobrir o avanço da infantaria, ela seguiu um plano de alvos que anulou as preparações defensivas sul-coreanas com minas e arame farpado, bem como rompeu as comunicações entre as unidades adjacentes no front e dessas com o batalhão de artilharia na retaguarda. Essa barragem efetivamente favoreceu a infiltração do 27º Exército chinês. Enquanto a 79ª Divisão fez a travessia do rio Soyang e rompeu as posições do 8º Regimento da 7ª Divisão sul-coreana em Kuman-ri e Changmodong, a 81ª Divisão chinesa atravessou o rio Soyang próximo a Kanmubong e, junto ao III Corpo norte-coreano, atacou o flanco esquerdo da 7ª Divisão em Hajinpu-ri. Por fim, essa coluna enviou um batalhão de

⁶⁵² Em alusão à histórica primeira batalha da Guerra de Independência dos Estados Unidos, em 17 de junho de 1775 entre milícias dos Estados Unidos do movimento pró-independência contra soldados do Exército Britânico.

⁶⁵³ APPLEMAN, *Ridgway Duels for Korea*, p. 535; MILLETT, *The War for Korea, 1950-1951*, p. 419.

vanguarda para infiltrar e obstruir a retaguarda da 5ª Divisão sul-coreana a oeste. Por fim, a 80ª Divisão assumiu posição em Eonon-ri para assumir os ataques frontais às 7ª Divisão sul-coreana.

Às 23 horas, o 27º Exército chinês começou o ataque frontal. Esse também foi um dos poucos ataques em que os chineses aplicaram tanques, seis, como componentes da ponta-de-lança contra o 8º Regimento sul-coreano. O comandante da divisão sul-coreana tentou aplicar seu 3º Regimento de reserva para reforço do front, mas devido à falta de comunicação e o horário tardio quando a operação se iniciou, o reforço foi cancelado. Isso permitiu que os chineses pinçassem os regimentos no front e infiltrassem unidades de companhia na retaguarda oponente, de maneira que foram capazes de isolar e limitar o apoio entre as unidades sul-coreanas. A 81ª Divisão chinesa foi capaz de atravessar o rio Soyang-gang e tomar posições do 8º Regimento em Kuman-ri e Changmodong, e, em coordenação com o III Corpo norte-coreano, foi capaz de controlar Jaecheom, Pangnae-ri e Ihyeon. A ruptura da posição da 7ª Divisão foi crítica e teve implicações nas duas divisões sul-coreanas adjacentes.

A esquerda da 7ª Divisão, ainda na segunda seção de combates, a 5ª Divisão sul-coreana mantinha uma posição defensiva na Linha Missouri, cobrindo a área de Mae-bong, de maneira coordenada com a Força-tarefa Zebra da 2ª Divisão norte-americana a sua esquerda e 7ª Divisão sul-coreana a sua direita. O ataque a sua posição começou mais tarde que os anteriores. Houve problemas na preparação e articulação chinesas entre as unidades dos 12º e 27º Exércitos. Apesar de terem sido capazes de realizar infiltrações, houve crise na cadeia de comando. Além da dificuldade chinesa recorrente de coordenação entre exércitos de grupos diferentes (o 12º era originalmente do III Grupo), o sucesso do ataque do 27º Exército contra a 7ª Divisão sul-coreana permitiu a possibilidade de uma infiltração mais profunda do 12º Exército, mas com a possibilidade de ter seu flanco direito exposto à 2ª Divisão norte-americana, existindo, portanto, o cenário de ter que enfrentá-la.

Decisivo para a revisão do ataque chinês foram os desenvolvimentos na terceira seção de combates, a leste. Inicialmente, a 9ª Divisão sul-coreana em Hansok-san, não sofreu grande pressão pelo oponente. Porém, ao longo da noite, unidades da 7ª Divisão entraram no seu setor ao recuarem do ataque do 27º Exército chinês. Em meio à confusão, o 20º Exército chinês teve sucesso em infiltrar entre as linhas do 29º Regimento da 9ª Divisão sul-coreana a partir da meia-noite. Essa infiltração combinada com uma barragem de morteiros levou a ruptura do regimento com 500 baixas e a captura de 70 veículos. A leste da 9ª Divisão, o flanco direito do III Corpo sul-coreano era guarnecido pela 3ª Divisão, em posição adjacente com a Divisão Capital do I Corpo. Essas duas divisões colaboraram para proteção da área em torno da Colina 1519 em Kariong e conseguiram a confirmação antecipada do ataque chinês com o interrogatório de prisioneiros. Elas fizeram frente ao V Corpo norte-coreano, com três divisões (6ª, 12ª, 32ª), que realizaram vários assaltos ao longo da noite. Ainda que a maior parte da linha tivesse sendo mantida, temia-se a possibilidade de infiltração ou flanqueamento com as rupturas da linha diante as 7ª e 9ª Divisões a oeste.

Com esse cenário e a demanda por confirmação ou revisão do plano de ataque do IX Grupo, Peng Dehuai atualizou sua intenção de comando. Ele reconhecia o sucesso em ludibriar as defesas norte-americanas no setor ocidental e as duas brechas abertas nas 7ª e 9ª Divisões sul-coreanas. Ele concluiu que as forças chinesas deveriam maximizar a janela de oportunidade para destruir forças sul-coreanas, estendendo as operações durante o dia e executando perseguição para ganhos estratégicos.

Pela manhã do dia 17, em todas as seções de combates, as divisões norte-americanas e sul-coreanas tentaram coordenar recuos com contragolpes, porém sem sucesso. No setor primeiro setor oeste, o 38º Regimento norte-americano foi capaz de recuar seus batalhões mais ameaçados, mas o Batalhão Holandês fracassou em realizar contragolpes e uma brecha foi aberta. Mais a leste, a ruptura da 7ª Divisão expunha a 5ª Divisão a ataques pelo 12º Exército que iniciou em Jangsuwon, Jangpyeong-ri e Soksa-ri, e ainda era focado a flanquear e cortar a retirada sul-coreana em Jaeum-ri.

Por fim, no outro extremo do front, a leste, o 20º Exército chinês aumentou a infiltração através das linhas do III Corpo sul-coreano. Às 7 da manhã, sua 60ª Divisão tinha avançado 25 quilômetros e ocupado Heongpyeong-ri e Omachi, obstruindo a principal rota de suprimentos. O comandante do III Corpo sul-coreano ordenou que as 3ª e 9ª Divisões realizassem um ataque para retomar Omachi. O plano de ataque e a coordenação entre as divisões foram falhos e a operação foi postergada ao ponto de não ser mais possível de ser realizado. Com isso, as forças chinesas exploraram a falta de coordenação e realizaram um ataque com a 60ª Divisão chinesa na estrada entre Yongpo e Hyon-ri, causando confusão e pânico entre os sul-coreanos. A ruptura da 9ª Divisão sul-coreana foi explorada pelas vanguardas do 20º Exército, que, na manhã do dia 17, tinham avançado 25 quilômetros e ameaçaram a retaguarda do todo III Corpo sul-coreano. Ainda assim, a maior parte da 9ª Divisão foi capaz de recuar em ordem para o sul de Hyon-ri em Yongpo.

Os fracassos da 2ª Divisão norte-americana e do III Corpo sul-coreano em repelir os ataques nos seus setores e evitar a exploração de brechas pelos chineses tiveram como consequência a exposição dos flancos das 5ª e 3ª Divisões sul-coreanas. Enquanto a 3ª Divisão foi capaz se coordenar com a divisão Capital, pela tarde do dia 17, as 7ª e 5ª Divisões sul-coreanas, mesmo ocupando posições fortes em cumes de Chuncheon, começaram a recuar em desordem.

Tendo vista a possibilidade de colapso da linha norte-americana, os comandantes Ruffner, da 2ª Divisão, Almond, do X Corpo, e Van Fleet tomaram medidas para estabilização do front, movendo toda a linha do IX e X Corpos para leste. O 1º Regimento da 1ª Divisão de Fuzileiros assumiu o setor do 9º Regimento da 2ª Divisão. Isso permitiu que a 2ª Divisão diminuísse seu front e aprofundasse suas defesas. Seu front seria composto pelo 9º Regimento adjacente aos fuzileiros navais e o 23º Regimento, que assumiria a posição e comando da Força-tarefa Zebra em Chaun-ni e Yangye e engajou na segunda seção de combates em apoio da 5ª Divisão sul-coreana. Por fim, o 38º Regimento deveria recuar como reserva da 2ª Divisão ao sul de Yangye, bem como neutralizar as unidades chinesas que infiltraram.

Porém, a decisão mais crítica foi o deslocamento expresso da 3ª Divisão da defesa de Seul para reforço do corredor central, principalmente para contenção dos chineses nos setores das 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas. O 15º Regimento deveria ser a vanguarda e realizar uma marcha noturna forçada para fazer frente à 31ª Divisão do 12º Exército chinês chinesa ao norte de Hoengseong. O 7º Regimento reporia uma linha defensiva em Soksa-ri entre as 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas, e o 65º Regimento em Changpyong, entre as 7ª e 9ª Divisões.

Enquanto o reposicionamento dos fuzileiros navais para o leste do front ocorreu ao longo do dia 17, os regimentos da 2ª Divisão, em sequência, começaram a se deslocar apenas pela noite, o que durou toda a madrugada e foi temerário. Na madrugada do dia 18, o 9º Regimento – após marchas forçadas em torno do 38º – assumiu o centro da primeira seção de combates. Já o 23º Regimento posicionou dois batalhões em Chaun-ri, ao norte de Yangye, pelas 5 da manhã, quando teve o pri-

meiro contato com a 31ª Divisão do 12º Exército chinês, que alcançou o lado oeste de Chaun-ni entre o 23º Regimento e o Batalhão Frances.

Ainda durante essa madrugada, na terceira seção de combates, os chineses e norte-coreanos exploraram a situação da 9ª Divisão sul-coreana e foram capazes de cercar a área de Hyon-ri. Um batalhão da 81ª Divisão do 27º Exército chinês fez 61 quilômetros em nove horas a fim de envelopar o flanco esquerdo da 9ª Divisão e cortar sua retirada em Amtal-dong, Jaechon e Pangnae-ri. No entanto, devido ao difícil terreno das montanhas Seorak-san sob nevascas, a coluna do V Corpo norte-coreano não foi capaz de chegar a tempo para completar o cerco, dando margem para a retirada das duas divisões sul-coreanas.

Já a 3ª Divisão sul-coreana iniciou outro recuo, de Hyeon-ri para Changchon-ri contra os ataques frontais dos 20º e 26º Exércitos chineses. A partir de então, essa e a 9ª Divisão começaram uma corrida de Hyeon-ri em direção ao sudeste em busca de escape do envelopamento oponente. No entanto, no dia 18, esse estava quase completo, pela vanguarda da 81ª Divisão, sendo que o restante dessa e mais a 60ª Divisão realizaram um ataque frontal que destruiu cinco batalhões e provocando 3 mil baixas sul-coreanas. Com isso, uma primeira camada do plano de cerco e aniquilação das forças sul-coreanas foi consolidada.

Os efeitos compensadores do reforço norte-americano na primeira seção de combates e o parcial sucesso chinês na terceira seção tornaram os combates na segunda e central porção do front decisivos. Pela manhã do dia 18, passou haver uma corrida em direção ao sul entre as vanguardas chinesas e as 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas em recuo em Chuncheon.

Esse recuo abriu uma brecha no flanco direito da 2ª Divisão dos EUA. Consequentemente, a Força-tarefa Zebra e o 23º Regimento conduziram os combates mais críticos da batalha a partir de então. A primeira recuou ainda na madrugada para Yangye. Lá, ela reorganizou com o 9º Regimento a contenção da infiltração chinesa do dia anterior e conduziu contra-ataques ao longo dia 18, com baixas significativas.

Porém, decidiu-se mover o 23º Regimento para o sul de Yangye apenas às 7h55, com a missão de proteger o flanco direito da 2ª Divisão de incursões chinesas. O recuo dos dois batalhões no extremo flanco direito da divisão ocorreu pela estrada entre Chaun-ni e Yangye ao longo da margem oeste do rio Hoengchon e sob ataques frontais e a neutralização de bloqueios chineses ao longo da rodovia que tentavam cortar sua retirada. Apesar da evolução do desempenho combatente norte-americano em alternar os recuos de batalhões por entre os cumes das duas margens da estrada, a retirada com contato inimigo e sem apoio de fogos dedicados foi quase um desastre. Os chineses romperam a possibilidade de evolução ordenada dos dois batalhões norte-americanos ao destruírem uma ponte e dois tanques na vanguarda da coluna de avanço. Os dois batalhões conseguiram alcançar o restante do perímetro do regimento na tarde do dia 18, mas com perdas de soldados e material: 150 soldados mortos, 264 desaparecidos, 102 caminhões perdidos com armamento pesado, equipamento de comunicação, campanha e munição e ainda o equivalente a dois pelotões de morteiros. Ainda assim, pela 13h30 ambos os batalhões já tinham sido reorganizados em novas posições. O Batalhão Frances foi a última unidade a recuar de Yangye às 17h30 sob o risco de ser envelopado pelas forças chinesas.

Em seu avanço para fechar a brecha entre a 2ª Divisão norte-americana e 5ª Divisão sul-coreana, o 23º Regimento interceptou a 31ª Divisão do 12º Exército chinês em perseguição da 5ª Divisão sul-coreana, destacado para realizar um avanço mais amplo a leste na área entre Chuncheon, Napyeong-r e Jichon-ri a fim de cercar um bolsão sul-coreano da 5ª Divisão sul-coreana.

Nesse momento, os chineses cederam, mas uma vez, ao efeito magneto do 23º Regimento norte-americano. O comandante Song do IX Grupo negou a requisição do comandante do 12º Exército, Zeng Shaoshan, de engajar contra ele, mas o QG das forças chinesas reverteu essa ordem e ordenou o reforço do ataque com as 34ª e 35ª Divisões do 12º Exército e ainda com a 81ª Divisão do 60º Exército. A 34ª Divisão deveria realizar o ataque frontal, a ser escalonado pela 81ª, enquanto a 35ª buscaria a retaguarda entre o 23º Regimento e a 5ª Divisão sul-coreana. Por fim, a 31ª Divisão deveria continuar a perseguir o plano original de ataque frontal contra a 5ª Divisão sul-coreana. A fundamental consequência estratégica dessa reorientação da ênfase do ataque chinês foi que a 5ª Divisão sul-coreana não foi mais perseguida efetivamente. Entretanto, a leste, os chineses retomavam os ataques frontais contra as outras divisões sul-coreanas. O restante do 27º Exército iniciou um ataque frontal contra a 7ª Divisão sul-coreana em Jangsuwon, Jangpongri e Soksa-ri. Ainda que o destino dessa divisão não seria revertido, o deslocamento expresso da 3ª Divisão norte-americana foi decisivo para reforço da 2ª Divisão norte-americana e estabelecimento de uma nova linha defensiva ao sul das divisões sul-coreanas.

A operação de deslocamento forçado de uma divisão de infantaria do norte de Seul para o corredor central foi umas das mais impressionantes da guerra, principalmente do ponto de vista logístico. Em torno de 98 caminhões de 2,5 toneladas foram reunidos para o deslocamento do 15º Regimento ainda no dia 17. O 7º Regimento da 3ª Divisão iniciou sua movimentação às 08h00 da manhã do dia 18, e o 65º começou no dia seguinte. Primeiramente, as unidades de cada regimento deveriam ser concentradas em Hoengseong, onde foi ordenado que os Corpos-de-Exército norte-americanos enviassem, cada um, 40 caminhões, e o 52º Batalhão de Transporte teve seis horas para reunir outros 200. Foram necessárias 10 horas para que o 7º Regimento percorresse os 112 quilômetros até Wonju, onde foi reabastecido e revisou-se a ordem de tráfico, principalmente dos 60 tanques que, a partir de, então tiveram que ser alocados para outros setores e não foram engajados. Isso porque as estradas em Hoengseong não suportavam o seu peso. Já o 65º Regimento percorreu 200 quilômetros em menos de 24 horas.

Tão impressionante o quanto, o abastecimento do novo hub da batalha em Hoengseong e dos dois regimentos mais a leste teve que ser feito pela 315ª Divisão de Carga Aérea. Desde o início da batalha, essa divisão empregou 222 aviões em 409 missões e o deslocamento de 1.534 toneladas de material, excedendo sua carga máxima de 1.400 toneladas. Para o abastecimento da 3ª Divisão em ação a partir do dia 18, houve a adição de cargueiros C-119, que entre 20 de maio e 10 de junho, deslocaram para o teatro 23.825 toneladas de material, predominantemente munições.

Como resultado desse esforço logístico, ainda no dia 18, o 15º Regimento norte-americano iniciou um ataque recuperando posições do III Corpo sul-coreano ao norte de Pungam-ni e começou a ocupar a brecha aberta pela 5ª Divisão sul-coreana. No dia 19, ele estabeleceu contato com as unidades chinesas a norte de Nabon-ri e expulsou os oponentes em coordenação com a 7ª Divisão sul-coreana. Pela noite, houve redução do ímpeto do ataque chinês e várias de suas unidades tiveram

de recuar para reabastecimento. Com o reforço do perímetro norte-americano, houve a organização de duas rotas para recuo das ameaçadas 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas.

O reforço do 15º Regimento da 3ª Divisão permitiu a organização uma nova linha defensiva estabelecida a sudoeste e reforçada com sete batalhões de artilharia. O 23º Regimento, que ocupava o flanco direito da 2ª Divisão, foi ajustado para dois quilômetros ao sul a fim de proteger linha de comunicações divisional a partir da estrada para Hoengchon. A operação de recuos dos 9º e 38º Regimentos ocorreu sob a cobertura do 5º Regimento de Fuzileiros e de apoio de fogo aéreo. Ainda assim, as baixas demonstram a dificuldade dessa operação: 38 mortos, 165 feridos e 343 desaparecidos.

Do lado chinês, a sustentação dos ataques foi comprometida pela perda do principal depósito de comida do 12º Exército e o ataque chinês foi suspenso ao meio-dia, o que permitiu o reajustamento do 23º Regimento e dos Batalhões Frances e Holandês à nova linha defensiva da 2ª Divisão norte-americana. O comandante Song do IX Grupo chinês tentou reparar a decisão de Peng, a ao retomar a perseguição das divisões sul-coreanas, antes que a oportunidade fosse encerrada pela ação da 3ª Divisão norte-americana. Ele ordenou que o III Corpo norte-coreano circundasse as montanhas Seorak-san a sudoeste e tentasse interceptar a coluna sul-coreana em fuga, em coordenação com 27º Exército chinês. Ele também ordenou que o V Corpo norte-coreano apoiasse o 12º Exército chinês na perseguição das 5ª e 7ª Divisões sul-coreanas. A 81ª Divisão do 27º Exército chinês, que operava desde o início da batalha nos flancos e retaguarda da 7ª Divisão sul-coreana, teve sucesso em montar bloqueios e lançar ataques a partir de colinas ao longo da rota de retirada. O estado de desarranjo das divisões sul-coreanas e a ausência de novos recuos de seus batalhões levaram ambas as divisões a terem perda quase total de coesão e material.

Nessa seção de combates, a 3ª Divisão norte-americana estabeleceu posições em Amidong na noite de 19 de maio, o que permitiu enfrentar as forças chinesas em Soksa-ri. O 7º Regimento foi capaz de tomar posições no dia 20 e foi reforçado pelo 65º Regimento no dia seguinte. Eles foram capazes de tomar a posição forte que comandava intersecção rodoviária da 81ª Divisão chinesa, que recebeu a cobertura de elementos da 12ª e 6ª Divisões norte-coreanas para sua retirada

Já os ataques contra as 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas se intensificaram pela concentração dos 20º e 26º Exércitos chineses e ainda do V Corpo norte-coreano e elas colapsaram e começaram a debandar em várias direções. As perdas foram tremendas: em torno de 12 mil soldados e grandes quantidades de material. No entanto, o envelopamento não ocorreu como planejado, pois o V Corpo norte-coreano ainda não tinha sido capaz de superar o difícil terreno das montanhas Seorak-san para selar a retirada das forças sul-coreanos em Maesan-ri e Mangseongkok, conjuntamente com a 60ª Divisão chinesa. Essa missão foi repassada ao II Corpo norte-coreano, que deveria realizar o bloqueio em Yangyang, enquanto o V Corpo deveria apoiar o 20º Exército no ataque em Hyeon-ri.

Os ataques chineses também se intensificaram contra o 23º Regimento, que teve sua retirada cortada pelas forças chinesas e os combates entre esses dois lados punham na balança o controle do acesso às retaguardas das unidades norte-americanas a leste e sul-coreanas a oeste. A defesa norte-americana se beneficiou de boas condições climáticas para apoio de fogo aéreo e desembarque aéreo de material e da concentração maciça de apoio aéreo. O general Ruffner, comandante da 2ª Divisão, passou a sobrevoar a região em helicóptero, do qual coordenou pessoalmente os fogos de artilharia e aéreos, que também passou a receber apoio dedicado das alas aeronavais da Força-tarefa 77.

No dia 20, os 100º e 101º Regimentos da 34ª Divisão do 12º Exército tentaram retomar o ataque contra a 2ª Divisão, atacando o seu centro onde se posicionava o 9º Regimento. O ataque foi identificado pelos observadores avançados de artilharia que organizaram uma barragem de fogos de artilharia e 76 missões de apoio de fogo aproximado. Reportou-se 800 baixas chinesas de uma coluna de 2.000 soldados. Outro regimento chinês foi pego isolado pela 1ª Divisão de Fuzileiros e a concentração de 46 missões de apoio aéreo. Pela noite, os ataques aéreos foram estendidos com bombardeiros B-29 guiados por radar. O emprego de radares MPQ foi aperfeiçoado pelo X Corpo, ao passo que se coordenou um uso proativo a partir da coleta de informações por meio de oficiais de inteligência, operações especiais e prisioneiros, postos de observação e observadores aéreos e pilotos de caças. Assim, as missões aéreas não eram simplesmente reativas às iniciativas de ataques chineses, tornando a aplicação de fogos otimizada e permitindo a saturação de área a partir de vários bombardeiros contra os mesmos alvos de oportunidade.⁶⁵⁴ No total, 165 missões de apoio aéreo aproximado no setor do X Corpo.

Ao fim do dia 20 de maio, as infiltrações chinesas e norte-coreanas na terceira seção de combates foram prejudicadas por tormentas que destruíram parte das rotas de suprimentos por entre as montanhas do corredor central. As trombas d'água provocaram em torno de 8 mil baixas chinesas. Se a velocidade e alcance das operações chinesas/norte-coreanas a partir de um terreno escarpado já cobravam seu preço logístico, houve a falta de munição em toda a fronteira e as unidades chinesas e norte-coreanas mais avançadas ficaram sem comida. O principal resultado disso foi que as forças chinesas tinham alcançado seus pontos culminantes do ataque e a iniciativa passou para as divisões norte-americanas.

No dia 21, a 2ª Divisão iniciou ataques limitados com seus regimentos nos flancos chineses. O 23º Regimento enviou um batalhão para tomar uma posição forte próximo ao Rio Naechon, enquanto o 15º Regimento tomou a Colina 492 no flanco direito da divisão. Durante esses combates, houve a informação de que o 12º Exército organizava um novo assalto através da estrada Yangye-Hoengchon. Os chineses fizeram seu último ímpeto de romper a 2ª Divisão norte-americana que durou até a manhã do dia 22. Apesar da intensidade do ataque, a 2ª Divisão tinha reforçado sua nova posição assumida desde o dia 19 e foi capaz de mantê-la. Pela manhã do dia 22, não havia mais contato com seus atacantes. Em termos consolidados, ao 15º e 12º Exércitos chineses empurraram a 2ª Divisão 20 quilômetros para o sul, com o custo de três divisões chinesas e 1.613 baixas do lado norte-americano.

Mais a leste, no dia 21, o 7º Regimento norte-americano atacou Soksa-ri e tomou a vila às 7 da manhã, assumindo seu controle e posições elevadas ao seu Norte às 14h20, mas a 81ª Divisão chinesa ainda retinha as passagens a noroeste, assegurando sua retirada sob cobertura de unidades norte-coreanas. Às 18 horas do dia 22, o 27º Exército chinês e o III Corpo norte-coreanos retiraram-se, consequentemente os regimentos norte-americanos foram capazes de assumir posição 10 quilômetros ao norte de Soksa-ri. Isso permitiu que as 3ª e 9ª Divisões sul-coreanas encerrassem suas retiradas do restante de suas forças: a 3ª Divisão perdeu 70% de seu efetivo e a 9ª Divisão em torno de 60%, além de 65 km de terreno para o oponente.

⁶⁵⁴ LEARY, William M., *Anything Anywhere Anytime: Combat Cargo in the Korean War*, Honolulu: University Press of the Pacific, 2005, p. 30-31; FUTRELL, *The United States Air Force in Korea, 1950-1953*, p. 345.

A Batalha do rio Soyang foi a maior em número geral de baixas - 83 mil - e a mais significativa derrota chinesa na guerra, com **60 mil** baixas. Do lado norte-americano, ocorreram **23 mil**, predominante sul-coreanos e norte-americanos da 2ª Divisão e da 1ª Divisão de Fuzileiros.

Esse resultado é explicado pela execução do ataque chinês com limitado tempo de preparo no emprego de soldados desgastados com piores condições logísticas. Ademais, a batalha foi afunilada, permitindo os norte-americanos concentrar seu poder de fogo aéreo. Apenas nos primeiros três dias de batalha, estima-se que as forças aéreas sob os norte-americanos tenham imposto mais de cinco mil baixas chinesas e norte-coreanas. As baixas não combatentes decorrentes das chuvas, acidentes, fadiga e má alimentação também foram altas. Por fim, note-se o mais elevado desempenho norte-americano na ação articulada entre unidades terrestres, no emprego de artilharia e no desenvolvimento de melhores fortificações de campo. As ondas humanas chinesas não eram mais efetivas e os seus batedores apenas foram capazes de infiltrar unidades sul-coreanas em movimento ou ocidentais com circunstâncias de grande vantagem de terreno.

Avalia-se que as ações da 5ª Divisão sul-coreana e das 2ª e 3ª Divisões norte-americanas foram decisivas para a defesa da linha norte-americana no corredor central e fracasso do ataque chinês. Em particular, a 2ª Divisão foi a unidade norte-americana que travou os combates mais duros, tendo 1.900 baixas, sendo 400 prisioneiros, e tiveram a destruição ou captura de 12 tanques e 230 veículos. Porém, infligiu mais de 12 mil baixas chinesas.

Note-se que, embora as forças chinesas e norte-coreanas tivessem sido capazes de romper as linhas da 7ª e 9ª Divisões sul-coreanas, a oeste e a leste, as 5ª e 3ª divisões da Coreia do Sul foram razoavelmente capazes de conte-las. Ademais, elas começavam a ser capazes de replicar o modelo de operações retrógradas das divisões norte-americanas, como instruído pelo comandante Van Fleet, de recuos em velocidades e distâncias superiores aos limites chineses.⁶⁵⁵ Ainda que as forças sul-coreanas não fossem tão cedo reforçadas em artilharia, diante as perdas de material em janeiro e fevereiro, elas foram bem providas com caminhões. Essa motorização do Oitavo Exército permitiu também a realocação da 3ª Divisão e do IX Corpo norte-americano em apoio na defesa do corredor central.

11.7 O CONTRAGOLPE NORTE-AMERICANO

No dia 19 de maio, com indícios de perda do ímpeto do ataque chinês, que comprometia suas últimas reservas para romper as linhas do X Corpo norte-americano, Ridgway orientou o contragolpe. A meta era Cheorwon – no corredor central – e ameaçar as linhas de comunicações oponentes com duas divisões. Enquanto os I e IX Corpos se preparavam, Ridgway pessoalmente sobrevoou a região e identificou a grande concentração de forças oponentes nesse setor, confirmando sua intenção que ali onde deveria concentrar seu contragolpe, cujo objetivo era retomar a Linha Kansas.⁶⁵⁶ No mesmo dia, Van Fleet desenhou o plano operacional *Detonante*:

⁶⁵⁵ Isso também notado na pequena Batalha de Yongmun, em que a 6ª Divisão sul-coreana foi capaz conter o ataque das 187ª e 188ª Divisões do 63º Exército chinês desde o dia 18, no centro do front do IX Corpo norte-americano. Os sul-coreanos foram capazes de coordenar recuos e contra-ataques e participaram do contragolpe norte-americano a partir do dia 20 de maio KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 697–701.

⁶⁵⁶ Ibid., p. 721.

- O I Corpo deveria atacar o eixo Seul-Cheorwon a partir do dia 20;
- O IX Corpo deveria avançar de maneira a proteger o flanco direito do I Corpo e tomar terreno a oeste de Chuncheon até o dia 23;
- O X Corpo deveria estancar a penetração no seu flanco leste e coordenar ataques com o flanco direito do IX Corpo;
- Por fim, os dois Corpos-de-Exército sul-coreanos deveriam se juntar ao contrataque no dia 24.
- Unidades de forças especiais, paraquedistas e de partisanos (estes ainda antes da ofensiva chinesa) foram infiltradas atrás das linhas chinesas cortando linhas de comunicação e retirada.

Do lado chinês, Peng, às 16 horas do dia 21 de junho, decidiu pelo encerramento da ofensiva. No entanto, ele não esperava o contragolpe norte-americano ocorresse tão cedo, particularmente no corredor central tendo em vista as perdas sul-coreanas. Baseado na experiência da última ofensiva chinesa, era esperado que isso ocorresse dez dias depois, ou seja, por volta do dia 31 de maio. Consequentemente, Peng não tinha comprometido reservas para condução de uma defensiva estratégica. Para resistir ao contragolpe norte-americano, Peng organizou uma defesa profunda no dia 22, em que o XIX Grupo chinês deveria retornar para a região ao norte de Yonchon, o III Grupo para Cheorwon e Kumcha e o IX para leste do Reservatório Hwacheon. Isso organizava uma linha defensiva ao longo do rio Imjin e entre Hwacheon e Kansong com cinco exércitos chineses e três corpos norte-coreanos em duas linhas em profundidade:

- O 65º Exército chinês deveria conduzir operações de cobertura na rodovia entre Seul e Chuncheon e prover segurança para retirada dos 12º e 15º Exércitos;
- Os 12º e 15º Exércitos deveriam recuar através do oeste do Reservatório Hwacheon para Cheorwon e Pyonggang;
- Os 20º e 27º Exércitos deveriam recuar pelo leste do Reservatório Hwacheon. Ao Norte dessa posição, o 20º Exército deveria ocupar posições de bloqueio para recuo do 26º Exército;
- A forças norte-coreanas deveriam organizar suas próprias ações de cobertura e recuo (ou seja, não teriam apoio das forças chinesas);
- Após a retirada chinesa, o V Corpo norte-coreano deveria ocupar e defender área entre o leste do Reservatório Hwacheon e o rio Inje.
- O II Corpo norte-coreano deveria ocupar e defender a área entre o Rio Inje e a costa leste.⁶⁵⁷

No entanto, tal articulação era problemática, dadas as condições logísticas e de comando do momento, principalmente para desengajar dos combates com as divisões sul-coreanas do X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano. Ademais, a concentração de forças chinesas e norte-coreanas em poucas vias do corredor central e a confusão da mudança na direção de deslocamentos permitiram a aplicação de fogos concentrados norte-americanos das artilharias e 76 caças-bombardeiros destacados para o setor.

No dia 21, Van Fleet comunicou a Ridgway que estava insatisfeito com o desempenho dos I e IX Corpos e solicitou maior empenho, especialmente das 24ª e 7ª Divisões. Requisitou ainda interdição aérea na linha de retirada chinesa ao norte do Reservatório Hwacheon. Ele planejava que duas colunas deveriam seguir essa barragem aérea, com a 7ª Divisão norte-americana a oeste pelo

⁶⁵⁷ Ibid., p. 717; ZHANG. *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951*, p. 112.

eixo Hongshon-Chuncheon-Hwacheon e a 1ª Divisão de Fuzileiros a leste do reservatório usando a rodovia entre Honchon e Inje. Ao pressionar essa linha de retirada chinesa pelo corredor central, ele intencionava tirar a atenção chinesa da principal coluna norte-americana de contragolpe a ser conduzida pelo I Corpo no eixo Kumhwa-Cheorwon-Pyonggang.

O I Corpo norte-americano era formado pela 1ª Divisão de Cavalaria, a 25ª Divisão norte-americana, a Divisão da Commonwealth (formada 29ª e 28ª Brigadas Britânicas) e 1ª Divisão da Coreia do Sul e tinha como oponente o 65º Exército chinês, formado por três divisões e o I Corpo-de-Exército norte-coreano. Este último tentou cobrir a retirada chinesa, mas foi engajado e destruído no dia 23. O rápido colapso norte-coreano não permitiu que o 65º Exército fosse adequadamente instruído para defesa do setor. Com 20 mil soldados, ele foi capaz de conter as forças norte-americanas com 50 mil soldados apenas durante o dia 24 de maio. O ataque norte-americano era formado pelas forças ocidentais a leste, e a 1ª Divisão sul-coreana buscava cortar a retirada do 65º Exército a oeste. Nesse único dia de batalha, o 65º Exército perdeu 12% do seu efetivo e exauriu toda sua munição. Consequentemente, no dia 25, seus soldados começaram a debandar e recuaram entre 70 e 90 quilômetros até Euijeongbu e Cheongpyeongcheon. Isso abriu uma brecha no flanco direito do III Grupo chinês que sofria o contragolpe do IX Corpo norte-americano com as 7ª, 24ª Divisões norte-americanas e as 2ª e 6ª Divisões sul-coreanas.

Ainda que no setor ocidental, as forças norte-americanas tivessem assumido uma posição ofensiva desde o dia 20, a 2ª Divisão do X Corpo ainda se defendia de ataques do 12º Exército chinês. A fim de tomar a ofensiva, no dia 21, o general Almond solicitou do comandante Van Fleet o 187º Regimento a fim de converter o X Corpo para a ofensiva. Esse foi ordenado a se dirigir para a área de Hoengseong e iniciar um ataque no dia 22 ao norte pela rodovia Hoengchon-Inje e tomar posições próximas à margem sul do rio Soyang. Com isso, o 23º Regimento foi dispensado para recondição. Nesse mesmo dia, o 38º Regimento da 2ª Divisão retornou da retaguarda e assumiu posição do 15º Regimento da 3ª Divisão.

A resistência ao contragolpe norte-americano no corredor central era responsabilidade do III Grupo chinês, sob o comando de Wang Jinshan. Ele tinha apenas o 16º Exército para a missão de cobertura, desde que seus outros dois exércitos tinham sido empregados juntos com o IX Grupo na Batalha do rio Soyang. Quando ele recebeu de volta os comandos dos 12º e 15º Exércitos com a missão de defender as forças chinesas em recuo no corredor central, o 12º tinha a sua maior parte ainda deslocamento e o 15º sem condições de emprego. Wang ordenou que o 15º recuasse um dia antes dos demais para reabastecimento e evitar o congestionamento. No entanto, esse comando não foi comunicado e confirmado a seus superiores, que provavelmente a reveriam desde que o recuo antecipado do 15º Exército abriu uma brecha entre os III e IX Grupos. Adicionalmente, Wang ordenou que o 16º Exército estabelecesse duas linhas de defesa: uma entre Kateoksan e Myeongjisan e Hill 625.1, e outra das Colinas 722 e 1286.5 até Seokyeongsan, Kwamangbong e Kwaneumsan

O 16º Exército contava apenas com uma divisão efetiva – a 180ª – sendo que as outras duas – 179ª e 181ª – retornavam do ataque ao III Corpo sul-coreano em Hyeon-ri e precisariam de dois a três dias para se posicionarem em novas posições defensivas no corredor central. Assim, quando o 16º Exército recebeu sua missão de defesa móvel, a 179ª Divisão estava ao sul do rio Pukhangang e a 181ª a 100 quilômetros de distância. Por isso, apenas a 180ª Divisão tinha condições de cobrir a

retirada de todo o contingente do III Grupo, inclusive seus feridos, e foi posicionada ao sul do rio Pukhangang em Chuncheon e Kapyon

Com essa disposição dispersa e sem comunicações, o 16º Exército não foi capaz de fazer frente às duas colunas de ataque norte-americano no corredor central. No dia 23, o IX Corpo norte-americano aplicou as 24ª e 7ª Divisões norte-americanas e as 6ª e 2ª Divisões sul-coreanas para atacar Chuncheon e a oeste do Reservatório Hwacheon, enquanto o X Corpo empregou a 1ª Divisão de Fuzileiros e as 2ª e 3ª Divisões norte-americanas, as 7ª e 8ª Divisões sul-coreanas e o 187º Regimento para atacar Inje e Yanggu. Esse contragolpe norte-americano teve início apenas doze horas após o início da retirada dos grupos-de-exército chineses.

Várias outras unidades ficaram isoladas em bolsões entre as forças norte-americanas e o Reservatório Hwacheon. Em 24 de maio, o comandante do X Corpo, Edward Almond, organizou uma Força-tarefa mecanizada para pinçar as forças comunistas em retirada na região entre Yangye e o rio Soyang. A Força-tarefa Geihardt era composta pelo:

- 2º Batalhão do 187º Regimento;
- Pelotão de Reconhecimento do 187º Regimento;
- 2 companhias de tanques;
- 4 seções de bateria antiaérea;
- 1 companhia de engenharia;
- 1 bateria de artilharia de campo.

Essa força de ruptura seria escalonada pela 1ª Divisão de Fuzileiros e o 23º Regimento. A região de Inje foi tomada na noite do mesmo dia. A 7ª Divisão também organizou uma Força-tarefa para explorar a região de Chuncheon.

No dia 24 de maio, o 16º Exército chinês se viu sozinho e cercado. Ademais, as comunicações do QG do III Grupo foram rompidas por três dias pelas forças especiais norte-americanas.⁶⁵⁸ Consequentemente, o III Grupo chinês não foi capaz de reorganizar suas linhas por três dias e muitas unidades chinesas entraram em pânico. Essa confusão foi explorada pelos IX Corpo norte-americano com abertura de uma brecha entre as posições do 12º e 16º Exércitos e o isolamento deste último em Chian-ri.

Com a ruptura das comunicações do III Grupo e do QG chineses, o 16º Exército não teve atualização de suas ordens frente a sua exposição ou atualização sobre o avanço norte-americano. Apenas no dia 26, os chineses foram capazes de informar o 16º Exército a empregar a 180ª Divisão na condução de pequenos contra-ataques por dois dias, e depois recuar sob a cobertura da 179ª Divisão. No entanto, nesse momento, as forças norte-americanas já envelopavam a 180ª Divisão, que ainda tinha sua retirada dificultada por ter se posicionado na margem sul do rio Pukhan. A 24ª Divisão já havia penetrado seu flanco oeste e retaguarda, a 6ª Divisão sul-coreana ocupado seu front e uma Força-tarefa da 7ª Divisão ocupou posição no seu flanco leste, atacando a vanguarda da 179ª Divisão em Soseong-ri e Tuidong-ri. O comandante Zhang da 180ª Divisão ainda resistiu por um dia ao tomar a decisão de retirada sem consenso de seus superiores, mas isso foi suficiente para

⁶⁵⁸ ZHANG. *Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951*, p. 111-112.

que, no dia 25, tivesse que realizar a travessia. A travessia de um rio sob o ataque de três divisões oponentes teve como resultado a destruição de 2/3 da divisão, sendo que o restante da divisão se entregou, desertou ou cometeu suicídio.

Diante ao contra-ataque do X Corpo norte-americano, o IX Grupo chinês aplicou apenas uma divisão do 27º Exército, como ordenado por Peng. No entanto, era pouco provável que uma única divisão fosse capaz de defender um front de 120 quilômetros entre o Reservatório Hwacheon e Jaeum-ri. Além disso, no dia 24, o 27º Exército teve sua retirada parcialmente cortada pelo assalto paraquedista de um destacamento do 187º Regimento nos dias 25 e 26 e uma terceira Força-tarefa foi lançada no dia 25 para tomada de uma cabeça de ponte do outro lado do rio Soyang. Mesmo assim, o comandante chinês do 27º Exército, Peng Deqing, aplicou sua 79ª Divisão para conter o ataque dos paraquedistas e depois assegurou a travessia de restante do seu Exército pelo rio Soyang. Ele foi capaz ainda de manter suas demais divisões em constante movimento e mudança de rotas a fim de evitar serem pinçadas por unidades mecanizadas oponentes. Notadamente, diferente do caso do III Grupo, o IX não teve suas comunicações rompidas e foi capaz de se coordenar a retirada de suas unidades subordinadas.

Mais a leste desses combates, o III Corpo sul-coreano não foi apenas incapaz de se juntar ao contragolpe, como suas divisões foram pegas em novas emboscadas e entraram novamente em colapso. A 9ª Divisão foi atacada em Hajinbu-ri e a 3ª Divisão teve seu QG atacado e seu comandante morto. No dia 26, Van Fleet desbaratou esse corpo-de-exército. O X Corpo assumiu a 9ª Divisão, e o I Corpo sul-coreano a 3ª Divisão.

Apesar disso, a vantagem estratégica era norte-americana. Com o colapso das forças chinesas no corredor central e setor ocidental, não havia uma linha defensiva entre as forças-tarefas norte-americanas e o QG de Peng Dehuai em Cheorwon. Ademais, a ruptura das comunicações inviabilizou o próprio reconhecimento de tal ameaça. Expressamente, ele acionou contingentes em reabilitação e foi capaz de organizar uma nova linha defensiva no front, bem como um plano defensivo era formulado e executado a partir do dia 27 de maio.

No mesmo dia, os norte-americanos completavam seu plano defensivo e começavam a alcançar e fortificar a Linha Kansas no setor ocidental. As divisões norte-americanas recuperavam posições perdidas desde o início do mês de maio e começavam a ser empregadas segundo uma nova orientação estratégica de desgaste do oponente para força-lo a abrir negociações. Esses dois eventos estratégicos levaram a guerra para um novo estágio

O contragolpe ordenado ao I Corpo no setor ocidental, ameaçando o flanco da ofensiva chinesa, demonstrava que Van Fleet soube ajustar as necessidades dos enfrentamentos e os erros de ordem de batalha que cometeu em relação à segunda fase da ofensiva chinesa. Ridgway avaliou que as forças chinesas chegavam a uma condição, mais uma vez, e agora definitivamente, ao ponto culminante da vitória. Mesmo com o reforço de um novo contingente e uma pausa, elas não foram capazes de manterem-se operacionalmente efetivas por muito tempo. E, apesar do ganho de terreno, isso foi pago com um preço exorbitante.⁶⁵⁹

⁶⁵⁹ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 702; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 150, 180.

11.8 AVALIAÇÃO

Nessa Ofensiva da Primavera, os chineses tiveram entre **85 e 105 mil baixas** – ou em torno de 25% da força sob Peng. Do lado norte-americano, as baixas foram em torno de **30 mil** – sendo 10 mil de soldados ocidentais e o restante de sul-coreanos; ou seja, menos de 10% da força sob Ridgway. Considerando a desproporção de mortos no lado chinês e feridos do lado norte-americano, o resultado dessa ofensiva explica o início da perda de coesão das unidades chinesas. Ao fim de maio, o número de desertores chineses passaria de 8 mil com casos de companhias inteiras se entregando.⁶⁶⁰

Essa ofensiva foi certamente a maior operação militar desde a Segunda Guerra Mundial. Ela foi planejada e preparada por dois meses e era ambicionada por Mao Tse-tung como aquela que o consolidaria como o grande líder do oriente. A possibilidade de impor uma derrota aos norte-americanos, após de japoneses e chineses nacionalistas, coroar sua carreira como estadista. Diferente disso, semanas antes do seu início, a realidade dos campos de batalhas forçou que ele dosasse suas ambições e mudasse suas orientações de maneira sutil e gradual. Ao final dessa ofensiva, ele reconheceu a impossibilidade de uma vitória rápida, mas de uma guerra prolongada e prostrada.⁶⁶¹ Sua posição política tornou-se mais frágil e ele passou a ter que conceder a Stalin, Peng diretoria do Partido Chinês – fragilidade que ele recuperaria apenas anos depois da guerra a partir de expurgos e dissensões. Os resultados negativos chineses eram esperados a partir da formulação teórica proposta nos capítulos 4 e 8. Particularmente, pelo excesso de otimismo chinês e falta de objetividade na avaliação da conduta de sua primeira ofensiva de 1951. As condições objetivas não permitiam, com razoável expectativa de sucesso, ganhos estratégicos. Sendo que, do ponto de vista político, os chineses atingiram, pela primeira vez, seu ponto culminante da vitória em março.

As implicações dos erros de Mao Tse-tung foram exponencialmente elevadas pelos de Peng. Constrangido e desgastado pelas suas condições de comando, suas revisões e alterações de planos provocaram a má articulação entre unidades com dificuldades estruturais de articulação. Primeiro, a antecipação da abertura da ofensiva neutralizou os esforços de atividades preparatórias para expansão do alcance das operações chinesas – sua maior deficiência – mas as potencializou ao se evidenciar que as duas fases da segunda ofensiva não mais excediam cinco dias de operações. Segundo, a replicação do mesmo curso de ofensiva da 1ª ofensiva de 1951 apenas favoreceu os norte-americanos, e apenas tardiamente e com piores condições decidiu-se explorar as vantagens estratégicas do corredor central.

Nesse sentido, um contra factual seria que se Peng tivesse empregado o peso de suas forças já na primeira fase da ofensiva contra a linha sul-coreana entre o X Corpo norte-americano e III Corpo sul-coreano, talvez suas chances de imposição de maiores baixas relativas e desgaste e recuo das linhas oponentes seriam maiores.

Terceiro, Peng entrevistou mal nas decisões de seus subordinados. As duas oportunidades em que forças chinesas deixaram de perseguir divisões sul-coreanas para tentar isolar e derrotar unidades norte-americanas – a 24ª Divisão na Batalha de Kapyong e a 2ª Divisão na Batalha do rio Soyang – foram erros estratégicos, além de táticos.

⁶⁶⁰ APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 550–552.

⁶⁶¹ JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War*, New York: Columbia University Press, 1996, p. 212–213; STUECK, William. *Rethinking the Korean War: A New Diplomatic and Strategic History*, Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 133–134.

Posteriormente em suas memórias, o comandante Peng reconheceu que seu planejamento para essa última ofensiva foi um dos quatro maiores erros que ele cometeu em sua carreira. Ele reconheceu os limites de poder de fogo e de mobilidade chineses para a destruição de unidades norte-americanas. O isolamento de um único regimento norte-americano levava em torno de dois dias, o que era suficiente para seu recuo ou reforço.⁶⁶²

Do lado norte-americano, é apontado que o Oitavo Exército desde março de 1951 teria alcançado o ápice de desempenho combatente entre qualquer outra unidade norte-americana durante a Guerra Fria, graças à somatória de fatores, como: o incremento do emprego de fogos aéreos e de artilharia, revisão completa e assimilação por oficiais e soldados da nova doutrina norte-americana – com espaço para criação de novos procedimentos de combate defensivo originais – e somatória do gênio estratégico de Ridgway com a dedicação tática de Van Fleet.⁶⁶³ Por um lado, os erros cometidos por esse são compreensíveis pelo contexto de sua ascensão a comandante do Oitavo Exército – sem o mesmo preparo anterior auferido a Ridgway. Porém, ele compreendeu e foi ainda mais exigente nas orientações táticas elaboradas pelo antecessor e se destacou principalmente em compreender os limites das unidades sul-coreanas e a melhor forma de incrementar seus desempenhos. Note-se, por exemplo, a conduta mais afinada dos comandantes de corpo-de-exército e a autocontenção de figuras como o general Edward Almond. Por outro lado, Van Fleet não compartilhava integralmente das orientações estratégicas de Ridgway e mesmo do presidente Truman, o que resultaria comedidos choques de comando que seriam expostos após a guerra.

⁶⁶² DEHUAL, Peng. My Story of the Korean War. In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 36; LI. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**, p. 110, 115–116, 152.

⁶⁶³ JORDAN. **Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952**.

A OFENSIVA NORTE-AMERICANA PARA O CESSAR-FOGO, 27 DE MAIO A JULHO DE 1951

Essa é a última fase de operações militares reconstruídas e analisadas neste livro. Durante ela, encaminharam-se dois choques de vontades. De um lado, havia o choque de vontades entre Josef Stalin e Mao Tse-Tung, que deveriam ser acomodadas antes que as forças chinesas não pudessem resistir a um cessar-fogo em condições estratégicas de desvantagem. Enquanto Mao pressionava os soviéticos a transferirem material e tecnologia que modernizariam suas forças armadas, Stalin operava para assegurar a dependência chinesa sob sua esfera de influência.

De outro lado, com vantagem estratégica em suas mãos, retornava o choque entre comandantes norte-americanos quanto à limitação de uma ofensiva. De acordo com as intenções do comandante das forças terrestres norte-americanas na Coreia, James Van Fleet, a segunda ofensiva norte-americana de 1951 deveria aniquilar as forças chinesas. Isso foi negado pelo comandante das forças norte-americanas no Extremo Oriente Matthew Ridgway e ela seguiria as linhas estratégicas desenvolvidas por este, que era compelir o oponente a aceitar a abertura das negociações de cessar-fogo.

12.1 ATUALIZAÇÕES POLÍTICAS E DAS CONDIÇÕES RELATIVAS

Em 17 de maio de 1951, a diretiva presidencial NSC 48/5 aprovou os novos quatro objetivos políticos – limitados – norte-americanos para a guerra contra a China:

- O encerramento das hostilidades em condições de armistício aceitáveis;
- O estabelecimento da autoridade da Coreia do Sul, pelo menos, até o paralelo 38°;
- A retirada de forças não coreanas da península;
- A permissão para que a Coreia do Sul construísse uma força capaz de repelir agressões futuras.

A conduta da guerra para obtenção desses objetivos permanecia limitada e não havia qualquer alternativa aceitável – do ponto de vista político – do que uma guerra limitada na Coreia e uma estratégia de desgaste deveria seguir até que chineses e norte-coreanos estivessem inclinados ao armistício. Em 29 de maio, a Junta de Chefes de Estado-maior e o Departamento de Estado reuniram-se para avaliação das condições estratégicas após a última ofensiva chinesa. O chefe da Junta, Omar Bradley, apontou que as condições relativas de força ainda não eram adequadas e o oponente deveria ser empurrado mais para o norte, forçando-o a maior perda de coesão. Isso não seria uma missão fácil desde que as condições de manutenção e o terreno iriam favorecê-lo. O Secretário de Estado, Dean Rusk, recomendava que as áreas para explorar o desgaste oponente deveriam ser o Triângulo de Ferro entre Hwacheon, Cheorwon e Kumwha. Ridgway não era autorizado a conduzir

uma ofensiva geral ao norte do Reservatório Hwacheon sem aprovação prévia de Washington. Essas orientações políticas e estratégicas foram encaminhadas a Tóquio no dia 31 de maio.

Ridgway reportou que planejava de acordo com as orientações e que as forças combatentes norte-americanas estavam em ótimas condições para tal, enquanto as forças oponentes estavam mais enfraquecidas após a última ofensiva. Ele tinha como primeira meta avançar até a Linha Kansas e desgastar as forças chinesas a não terem mais meios para repetir uma ofensiva daquela escala. Ele assegurava que em agosto a situação militar na Coreia proveria condições ótimas de vantagem para as negociações diplomáticas.⁶⁶⁴

Aqui é importante frisar uma alteração no processo de tomada de decisão norte-americana. Estabeleceu-se, de fato, um conselho de guerra regular composto por autoridades militares e diplomáticas para realizar as considerações necessárias com relação a uma terceira fase de uma campanha de guerra limitada. Ou seja, uma ofensiva coercitiva para compelir o oponente a ceder à abertura das negociações. Neste estágio, como apontado no capítulo dois, as alternativas quanto ao momento, local e forma de coerção devem ser refletidas sob seus valores políticos para o oponente e implicações, antecipando suas possíveis reações. Cada uma dessas alternativas deve ser sobrepesada ainda levando em conta o desgaste relativo das forças combatentes.

Do lado chinês, Mao era relutante em aceitar a possibilidade de cessar-fogo, e ficou indeciso sobre qual orientação estratégica apontar: entre uma defensiva plena ou de uma servida de ataques limitados para imposição de pequenas, mas importantes, baixas aos Estados Unidos. Stalin ainda tentava guiar as forças chinesas para choques de maior escala com os norte-americanos e manifestou sua discordância com a orientação estratégica de Mao em comunicação em 29 de maio. As negociações dentro do bloco comunista seguiram influenciadas pelos resultados dos ataques norte-americanos e a urgência pelo cessar-fogo encaminhada pelo comandante chinês Peng Dehuai. Tendo em vista a indecisão da orientação política, o comandante chinês Peng Dehuai encaminhou a Mao, entre 31 de maio e 1 de junho, duas cartas. Na primeira, ele informou que a destruição de pontes norte-coreanas pela força aérea oponente dificultava o avanço ao sul do paralelo 38°. Os suprimentos estavam baixos e as forças exaustas e ele teve que recuar a linha chinesa para as posições anteriores da ofensiva de dezembro de 1950. Na segunda carta, Peng deu detalhes da situação no teatro. Ele podia reter a linha Mundungni-Kumhwa-Choerwon até 10 de junho, a linha Kosong-Pyonggang-Kunchon até fim de junho ou começo de julho e a linha Tongchon-Ichon-Haeju até fim de julho. A linha Pyongyang-Wonsan poderia ser mantida se três exércitos chineses fossem substituídos e com o suprimento de armamento antitanque e defesa antiaérea, ataques de guerrilhas atrás das linhas inimigas e se não houvesse adição de força do lado norte-americano.⁶⁶⁵ Em 4 de junho, Mao Tse-Tung respondeu Peng, apontando que apoiava a orientação contra a busca por uma definição apressada, no entanto, ele divagava sobre efeitos dispares entre si como forma de justificar possíveis ganhos de longo prazo da guerra com os Estados Unidos. Ele indicou que uma guerra prolongada daria a possibilidade de aprendizado sobre a guerra convencional contemporânea e a possibilidade de desestabilizar o governo de Truman.

Do ponto de vista logístico, o recém-apontado comandante do Departamento Logístico, avaliava que as unidades chinesas estavam engajadas em uma área de 120 a 150 quilômetros entre paralelos

⁶⁶⁴ MALKASIAN, Carter. *A History of Modern Wars of Attrition*, Westport: Praeger Publishers, 2002, p. 132–133.

⁶⁶⁵ HARUKI, Wada. *The Korean War: an International History*, Plymouth: Rowman & Littlefield, 2014, p. 179–180.

39° e 38°, com crescente consumo de munição e combustíveis devido ao emprego de material soviético. Enquanto a demanda diária elevou-se para 550 toneladas diárias para um grupo-de-exército, a capacidade de suprimento e transporte podia dar conta de apenas metade disso. Isso teve como consequência a urgência no reforço de Departamento Logístico com pessoal especializado de Pequim e confirmação de sua cadeia de comando no dia 1 de junho. Outra consequência, nesse caso muito esperada por Mao, foi a renovada demanda chinesa por mais material soviético.

As negociações sobre o acordo de transferência militar tiveram início em 25 de maio em Moscou e seguiu obstruída até as deliberações políticas da coalizão comunista fossem alinhadas. A importância desse acordo para a China foi evidente pelo fato que sua delegação era encabeçada por Zhou Enlai, chanceler chinês e homem de maior confiança de Mao. Essa foi uma negociação dura que seguiu paralelamente às negociações sobre o cessar-fogo em Moscou e as próprias negociações com os Estados Unidos. Em decorrência das deliberações políticas, em 13 de junho, Stalin concedeu a transferência e foi acordado que material equivalente a 16 divisões seriam transferidos ainda em 1951 e o restante, equivalente a 44 divisões, em frações anuais até 1954.⁶⁶⁶ Segundo Mao, essa transferência militar era um sucesso, pois conferiria a China o status de uma potência militar moderna, o que nunca teria sido concedido por Stalin em outras condições.

12.2 PLANOS E DECISÕES ESTRATÉGICAS DOS COMANDANTES

Desde o dia 20 de maio, as forças norte-americanas conduziram o contragolpe à ofensiva chinesa, recuperando posições e corrigindo seu front. A partir do dia 27, esse evoluiu para uma ofensiva norte-americana em toda a linha, sendo que, até o dia 29, o comando norte-americano teve dúvidas sobre limite e metas. O comandante de campo das forças norte-americanas, general James Van Fleet, era convencido de que era possível aproveitar a oportunidade do recuo das forças chinesas com uma operação decisiva, similar a Operação *Chromite* conduzida por MacArthur em setembro de 1950. Van Fleet propôs um assalto anfíbio em Tongchon pela 1ª Divisão de Fuzileiros Navais combinadamente com três colunas de ataques profundos na Coreia do Norte pelos três corpos-de-exército norte-americanos. O I Corpo tomaria as bases logísticas chinesas no Triângulo de Ferro, o IX Corpo atacaria a partir do Reservatório Hwacheon em direção a Tongchon e, por fim, o X Corpo assumiria uma terceira coluna de ataque pela costa oriental. Segundo Van Fleet, essa operação combinada (denominada de *Overwhelming*) permitiria cortar e aniquilar as forças chinesas em torno do paralelo 39° e avançar a linha norte-americana até Pyongyang e Wonsan. No pior dos casos, essa ofensiva permitiria estabelecer uma linha defensiva na região mais estreita da península, atendendo os objetivos de uma guerra limitada geograficamente. No cenário mais otimista, que muitos oficiais norte-americanos acreditavam, seria possível aplicar uma vitória decisiva que atribuisse grandes vantagens às negociações do armistício. Esse plano foi rechaçado por Ridgway e ele sequer foi registrado ou publicado até 1956, quando general Van Fleet publicou sua crítica à forma de condução da guerra por Ridgway e Truman em entrevista para a revista *Life Magazine*.⁶⁶⁷

⁶⁶⁶ XUEZHI, Hong. The CPVF's Combat and Logistics. In: **Mao's Generals Remember Korea**. Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 132, 135–136.

⁶⁶⁷ JACKSON, Colin. Lost Chance or Lost Horizon? Strategic Opportunity and Escalation Risk in the Korean War, April–July 1951, **Journal of Strategic Studies**, v. 33, n. 2, p. 255–289, 2010; MALKASIAN. **A History of Modern Wars of Attrition**, p. 145.

Essa questão do planejamento da segunda ofensiva norte-americana é relevante porque ela reemergiu as deficiências de pensamento estratégico dos comandantes norte-americanos e sua contrariedade com a subordinação política da guerra.

O plano de Van Fleet era falho por várias razões. O próprio Ridgway apontou três delas. Primeiro, Tongchon era além dos limites estabelecidos pela Junta de Chefes de Estado Maior em 15 de maio de 1951, e qualquer operação anfíbia de maior escala demandaria autorização expressa da mesma Junta, do Departamento de Defesa, do Conselho de Segurança Nacional e de países das forças coligadas.

Segundo, já haviam sido iniciados contatos reservados com soviéticos e comandantes chineses para abertura das negociações de cessar-fogo e uma grande ofensiva inviabilizaria esses esforços. Após tentativas frustradas de contatos com soviéticos na França e Alemanha e com chineses em Hong Kong em maio, teve-se sucesso numa abordagem mais indireta por intermédio de George Kennan. Esse fez contato com o embaixador soviético no Conselho de Segurança, Jacek Malik, que o convidou em resposta para visitar sua residência em Long Island em 31 de maio. O primeiro encontro entre eles foi exploratório e não produziu nenhum resultado. O segundo encontro foi em 5 de junho, após Malik ter tido tempo para coletar orientações de Moscou. Ele apontou que a URSS não poderia se envolver nas negociações de armistício, mas que os Estados Unidos encontrariam os chineses na Coreia inclinados a receber o contato norte-americano.⁶⁶⁸ Portanto, o ganho de terreno sem a correspondência de contatos diplomáticos era um risco sem sentido. Principalmente porque o plano de Van Fleet colocava sob controle ou ameaça a capital e o principal porto da Coreia do Norte, em Wonsan, o que poderia ser interpretado pela China como inviabilização desse país como área tampão e renovação da ameaça à Manchúria.

Terceiro, Ridgway também se preocupava que o avanço das forças norte-americanas Coreia do Norte adentro enfraqueceria o front norte-americano ao dispersar o alinhamento entre seus corpos-de-exército, oferecendo a oportunidade de contra resposta pelas forças oponentes. Esse ponto merece ser aprofundado, pois Van Fleet propunha uma ofensiva concentrada com foco no corredor central e estimava que o X Corpo, desprovido da 1ª Divisão de Fuzileiros, teria superioridade suficiente para atacar a partir da montanhosa região costeira leste da Coreia do Norte. Seu plano desconsiderava o tipo de terreno que se tinha a frente, as fortificações chinesas em construção, a exposição das forças norte-americanas à força aérea oponente, desde que se operaria proximamente da “Alameda MIG” e distante das pistas de pouso no Japão e, por último, as estações de chuvas que se iniciava. Certamente, Van Fleet não ignorava todos esses fatores, mas a expectativa de uma grande vitória o cegava. Mais importante que tudo isso, Van Fleet se ressentiu do descarte do plano baseado principalmente em “razões políticas”.

Ridgway encerrou a questão argumentando que o risco de escalonamento chinês e de baixas norte-americanas eram muito altos. Ele orientou ainda que deveria se selecionar uma posição em que se pudesse reter a Linha Kansas sem muitas perdas.⁶⁶⁹ Van Fleet elaborou a instrução para fortificação pesada da Linha Kansas e estabelecimento de uma segunda linha, Wyoming, a 30 quilômetros ao seu Norte, entre a cidade de Yugong-ni nas margens do rio Imjin, Cheorwon e Punchbowl. Segundo a Operação *Piledriver*, o controle da Linha Wyoming serviria de base para

⁶⁶⁸ SCHNABEL, James F.; WATSON, Robert J. **The Joint Chiefs of Staff and National Policy: Volume III 1951-1953 The Korean War Part Two**, Washington: Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff, 1998, p. 1–3.

⁶⁶⁹ MALKASIAN. **A History of Modern Wars of Attrition**, p. 133–134.

ataques localizados e manutenção de uma constante pressão nas forças chinesas e norte-coreanas concentradas ao norte de Cheorwon e Punchbowl, e seria o limite da ofensiva norte-americana para abertura das negociações.⁶⁷⁰

Ridgway e Van Fleet decidiram que se deveria assegurar a Linha Wyoming ao longo de Chinkok, Cheorwon, Kimhwa e Hwacheon para estabelecer uma linha dupla de defesa ao Paralelo 38º e de Seul. Isso porque eles reconheceram que existiam limitadas condições de defesa enquanto o oponente pudesse concentrar material e forças no Triângulo de Ferro. Portanto, a ofensiva norte-americana passava a ter como meta cortar a linha de comunicação entre o Triângulo de Ferro e a área do Reservatório Hwacheon e Chuncheon, com ataques do I e IX Corpos. O I Corpo tinha como missão avançar contra o Triângulo de Ferro, o IX Corpo tomar a região ao norte do reservatório Hwacheon e Samyang-ni e o X Corpo deveria manter o avanço da linha a partir da área leste desse reservatório. Já o I Corpo sul-coreano deveria tomar Kojin-ni na costa oriental, que permitiria fustigar a área denominada pelos norte-americanos de Punchbowl, uma cratera vulcânica apontada como base de operações das forças norte-coreanas.

A ofensiva seria lançada no dia primeiro de junho e seu esforço principal do ataque seria responsabilidade do I Corpo, por isso a 9ª Divisão sul-coreana e a 3ª Divisão norte-americana foram deslocadas do corredor central para seu comando. O plano dessa ofensiva (Operação *Piledriver*) foi reportado em 27 de maio e autorizado pela Junta de Chefes de Estado Maior no dia 30, advertindo que as forças norte-americanas não deveriam perseguir as forças oponentes.⁶⁷¹

Do lado chinês, a partir de 27 de maio, o comandante Peng Dehuai passou a rever amplamente a orientação estratégica de suas forças para uma defensiva plena, o que abarcava mudanças de procedimentos e táticas elementares.⁶⁷² Isso denotava seu reconhecimento que estava perdendo a guerra. Os novos elementos estratégicos da conduta chinesa eram:

- Realizar avanços organizados com posições estabelecidas na retaguarda;
- Realizar o isolamento de unidades inimigas para derrota-las uma por uma;
- Lutar batalhas de avanço e recuou para exaurir as forças oponentes;
- Tomar ofensivas apenas após preparação total de vanguardas;
- Concentrar poder de fogo e soldados para possibilitar pinçar o oponente;
- Ter flexibilidade nas considerações e ter em mente as capacidades disponíveis;
- Coordenar operações defensivas e ofensivas;
- Buscar vitórias rápidas e limitadas;
- Abrir um front de guerrilha na retaguarda inimiga;
- Lançar uma campanha de propaganda de guerra.⁶⁷³

⁶⁷⁰ APPLEMAN, Roy Edgar. **Ridgway Duels for Korea**, Texas: Texas A&M University Press, 1990, p. 554; MILLETT, Allan R. **The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North**, Lawrence: University Press of Kansas, 2010, p. 448; TUCKER, Spencer. **Encyclopedia of the Korean War: A Political, Social and Military History**, New York: Checkmark Books, 2002, p. 519; EDWARDS, Paul M. **Combat Operations of the Korean War: Ground, Air, Sea, Special and Covert**, Jefferson: McFarland, 2009, p. 208.

⁶⁷¹ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2, Lincoln: University of Nebraska Press, 2001, p. 745.

⁶⁷² DEHUAL, Peng. My Story of the Korean War. In: **Mao's Generals Remember Korea**, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 37.

⁶⁷³ ZHANG, Shu Guang. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953**, Lawrence: University Press of Kansas, 1995, p. 156-157.

No dia 29, o comando chinês divulgou uma nova orientação doutrinária, denominada “Instruções para bloquear a perseguição e ataques inimigos” e buscava incrementar o emprego das forças em batalhas defensivas. Peng reconhecia que defesas estáticas em posições fortes contra o atual poder de fogo norte-americano eram inviáveis e apontava essencialmente a condução de uma defesa móvel. Ele instruiu:⁶⁷⁴

- a. A organização de linhas de recuos defensivos e posicionamento de unidades em escalão;
- b. Os comandantes de grupos-de-exército e exércitos devem pessoalmente inspecionar e ajustar as unidades, especialmente quanto nas áreas de contato entre as unidades;
- c. Nessas áreas, planos de apoio de fogo mútuo deveriam ser elaborados;
- d. Linhas telefônicas deveriam ser instaladas entre regimentos e divisões;
- e. As estradas deveriam ser obstruídas com o uso de explosivos e demolição, minas e canhões antitanque;
- f. As unidades de retaguarda deveriam organizar o transporte de comida para o front e mover os feridos.

Com essas orientações, Peng se preparava para fazer frente à estratégia de desgaste oponente e desenvolveu um plano defensivo servido de pequenos ataques. Sem dúvidas, ele teve grande oposição de Kim Il-Sung e das próprias forças chinesas, pouco adequadas a enfrentamentos defensivos. Ainda assim, essas orientações foram confirmadas pelo principal comissário político das forças chinesas na Coreia, Deng Hua. Informou-se ainda a impossibilidade de realização de uma ofensiva durante a estação de chuvas de julho e antes da construção de um sistema logístico efetivo. Reconheceu-se como impossível qualquer resultado estratégico enquanto se tivesse o limite logístico dos “ataques de uma semana”. Portanto, qualquer possibilidade de uma nova ofensiva chinesa era desconsiderada antes de setembro.

Desse momento até o dia 10 de junho, Peng atuou desesperadamente para mitigar as implicações de suas forças terem atravessado o ponto culminante o ataque – ou seja, terem perdido a vantagem estratégica relativa que lhes conferia poder de iniciativa e conduzir enfrentamentos ofensivamente; e tentava remediar as perdas associadas à ultrapassagem do ponto culminante da vitória – em que se perdiam mesmo as condições de travar enfrentamentos defensivos e se arriscava perder objetos de valor estratégicos que poderiam inviabilizar a própria continuidade da conduta da guerra.

Entre maio e junho de 1951, o centro administrativo do Triângulo de Ferro era o centro de gravidade – o componente sem o qual uma força combatente não é capaz de seguir lutando – perseguido pelas forças norte-americanas e que os chineses tentavam salvar. Isso foi feito a partir da combinação de cinco medidas. Primeiro, Peng sacrificou três exércitos chineses – 65º, 63º e 15º – dos XIX e III Grupos-de-Exército entre o setor ocidental e o corredor central para retardar o ataque conduzido pelo I Corpo norte-americano. Segundo, o IX Grupo chinês desempenhou recuos combinados com pequenos contra-ataques contra o IX Corpo norte-americano. Terceiro, os corpos-de-exército norte-coreanos foram largados a própria sorte no retardamento do X Corpo norte-americano e do I Corpo sul-coreano entre Hwacheon e a costa oriental da Península. Quarto, os arsenais e aparatos logísticos e administrativos foram removidos de Cheorwon mais para o norte, e uma nova linha defensiva foi organizada. Por fim, os 42º e 47º Exércitos eram a reserva de uma última linha de defesa em Shinmok-ri e a leste de Euicheon e Namcheonjeon, com o objetivo de proteger

⁶⁷⁴ LI, Xiaobing. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**, Bloomington: Indiana University Press, 2014, p. 207–208; DEHUI, My Story of the Korean War, p. 37.

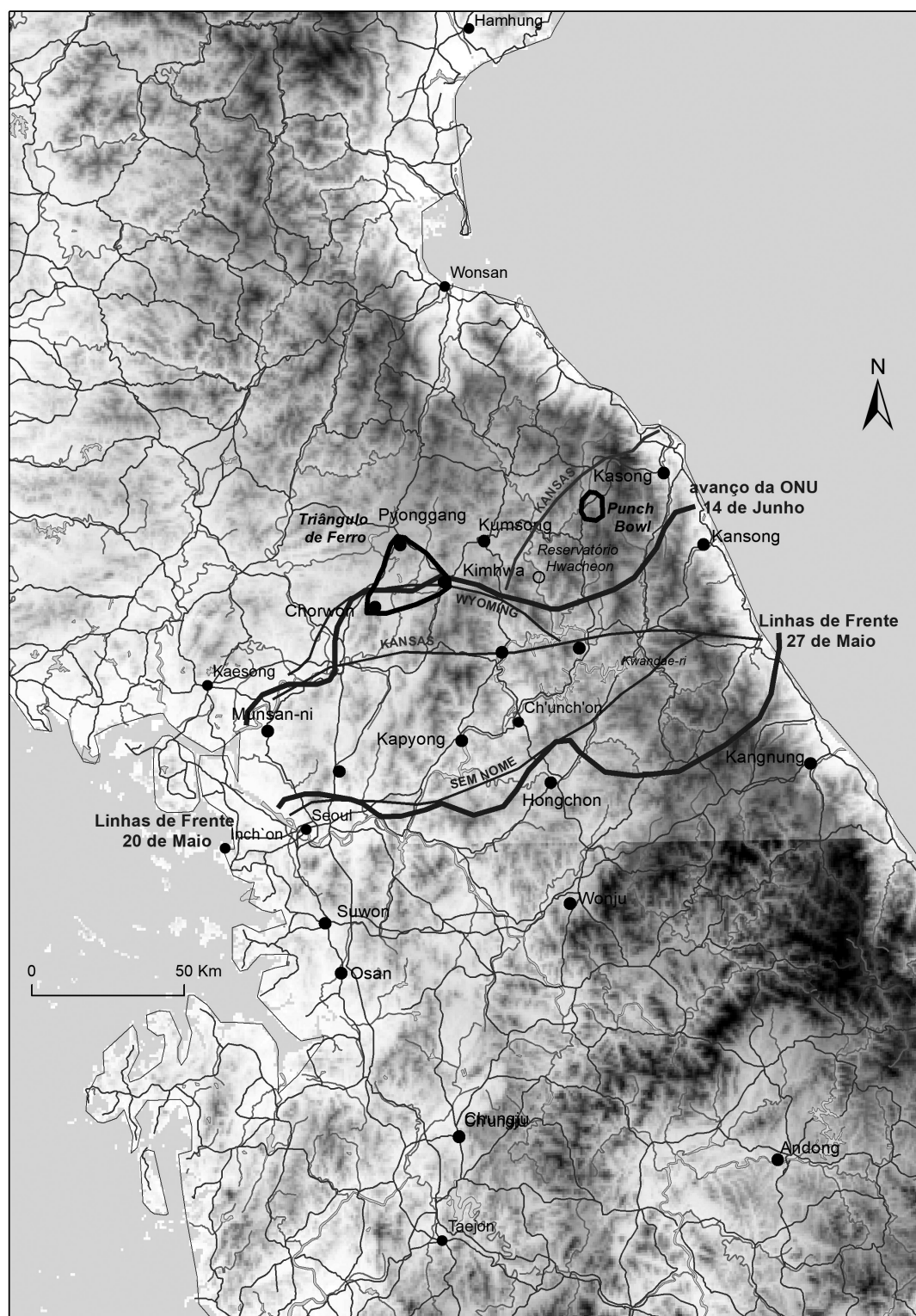
a capital norte-coreana no setor ocidental. Mao autorizou o plano enfatizando que o 42º Exército deveria mover a oeste de Euicheon e o 47º deveria ser realocado para Nancheon e Shinmok-ri.⁶⁷⁵

12.3 INÍCIO DA 2ª OFENSIVA DE RIDGWAY

A partir do dia 27 maio, as forças norte-americanas davam continuidade das operações ofensivas iniciadas no dia 20, mas agora com o objetivo de desgastar as forças chinesas e tomar um setor do teatro de operações em que controlariam seu ponto culminante da vitória. Ou seja, uma área avançada em território oponente em que se tem condições de travar com sucesso enfrentamentos defensivos. Com isso, esperava-se salvaguardar uma linha defesa com profundidade estratégica para defesa da Coreia do Sul e lançar ataques limitados para desgaste das forças oponentes. Para tal, as forças norte-americanas aplicaram **229.000 soldados** de um efetivo total de 359.849 contra **155.000 chineses e norte-coreanos** de um total de 392.000.⁶⁷⁶ Note-se que entre junho e julho de 1951 foi o período em que os Estados Unidos conseguiram impor maior vantagem numérica no teatro de operações em toda a guerra. E isso foi necessário para se compelir a coalizão comunista à abertura das negociações.

⁶⁷⁵ LI. **China's Battle for Korea:** The 1951 Spring Offensive, p. 206–207.

⁶⁷⁶ JORDAN, Kelly C. **Three Armies in Korea:** The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952., Tese (Doutorado) – The Ohio State University, Columbus, 1999, p. 62, 271.



MAPA 12.1 – AS LINHAS DE AVANÇO DA 2ª OFENSIVA NORTE-AMERICANA

FONTE: o autor

Durante o período de indecisão no comando das forças norte-americanas entre 27 e 29, estas seguiram as operações ofensivas pelos I e IX Corpos. A primeira linha defensiva chinesa para fazer frente a eles era o 65º Exército, ocupando posições em Keumko-ri, Yeongpyeon e Hantancheon, ao sul de Yeoncheon e o 15º Exército em Yeongpyeon. Entre os dias 28 e 29, essas foram sobrepujadas pois eram forças desgastadas pelas constantes operações contra a concentração maciça das forças norte-americanas no setor ocidental desde o fim de abril. Portanto, eram forças que contavam, cada uma, com não mais que uma divisão plenamente operacional e encontravam-se desabastecidas. A segunda linha defensiva chinesa era formada pelos 63º e 20º Exércitos. Esses dois exércitos deveriam conter as forças norte-americanas por 15 dias, a qualquer custo, enquanto a nova linha defensiva chinesa era organizada e o Triângulo de Ferro abandonado.

No setor ocidental, o 63º Exército chinês tinha a missão de fechar o acesso do ataque a uma área de 24 quilômetros entre Cheorwon e Yeoncheon. No dia 29, a coluna norte-americana foi reorganizada com a 1ª Divisão sul-coreana como vanguarda ao sul do rio Imjin, a 1ª Divisão de Cavalaria em Chongkok assumia o flanco esquerdo; a 9ª Divisão sul-coreana em Nudae-ri, ao norte de Yongpyong e a 3ª Divisão norte-americana ao sul de Unchon no centro; por fim, a 25ª Divisão ocupava o flanco direito em Topyong. Assim, o I Corpo norte-americano concentrou o maior do seu peso contra o Triângulo de Ferro, a nordeste de sua posição, mas não descuidava da possibilidade de contra-ataques chineses de outras direções, principalmente do norte e infiltrações na retaguarda e flancos de sua coluna. A 1ª Divisão sul-coreana tinha a tarefa de realizar o reconhecimento da área para um ataque em dois escalões pelas divisões norte-americanas. Esse seria aberto pelas 25ª e 1ª Divisão de Cavalaria a partir do dia primeiro de junho, e depois continuado pelas 9ª Divisão sul-coreana e 3ª Divisão norte-americana.

Do lado chinês, o comandante dos 63º Exército pediu pela confirmação de suas ordens, desde que não acreditava que seria possível conter a coluna norte-americana e Peng respondeu que o seu exército deveria ser sacrificado nessa missão. O plano de defensivo chinês foi orientado pelas novas instruções e não se conduziu uma defesa obstinada, mas por meio de recuos limitados, servido de posições fortificadas e concentração de reservas. A maior vulnerabilidade do plano de defensivo do Triângulo de Ferro era seu acesso pelo setor ocidental, devido às melhores rodovias disponíveis da Península e à maior concentração de divisões norte-americanas no teatro. Ainda assim, desde o dia 27 de maio, o Triângulo de Ferro era defendido apenas por três divisões chinesas contra quatro divisões oponentes.

12.3.1 A Batalha de Yeoncheon, 1 a 13 de junho⁶⁷⁷

A batalha que se seguiu desse encontro é relevante ao permitir destacar dois aspectos relativamente novos na guerra. Primeiro, a vantagem numérica norte-americana no campo de batalha contra forças chinesas. Segundo, o ganho de desempenho chinês na conduta de enfrentamentos defensivos.

⁶⁷⁷ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 745–749; LI. *China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive*, p. 208–210.

Exércitos	Divisões	Efetivo
63º Exército chinês	187ª	8.000
	188ª	8.000
	189ª	8.000
Total		24.000
Corpo de Exército	Divisões	Efetivo
I Corpo norte-americano	1ª Divisão de Cavalaria	18.000
	25ª Divisão EUA	18.000
	3ª Divisão EUA	18.000
	9ª Divisão sul-coreana	8.000
Total		62.000

TABELA 12.1 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DE YEONCHEON

FONTE: o autor a partir dos dados do capítulo 11.

No dia primeiro de junho, o ataque norte-americano concentrou cinco batalhões de infantaria e quatro de artilharia. A 1ª Divisão de Cavalaria atacou a 187ª Divisão chinesa, enquanto a 25ª Divisão atacou a 189ª. A defesa chinesa foi capaz de aplicar uma defesa móvel de recuos limitados, sendo capaz de retardar o primeiro escalão norte-americano por quatro dias, que também foi beneficiada pelo mau tempo. No dia 4 de junho, a reserva do 63º Exército chinesa, a 188ª Divisão, foi empregada para reforço da 189ª no seu flanco esquerdo para que no dia seguinte, todas as três divisões recuassem para uma segunda linha de defesa, com a 188ª Divisão reposicionada já a nordeste de Cheorwon.

A partir de então, o segundo escalão norte-americano retomou o ataque. A 9ª Divisão sul-coreana atacou a 188ª Divisão chinesa em Hyango-bong, que aplicou seus três regimentos durante três dias de batalhas para avançar até Chijang-bong, mas sofreu um contra-ataque no dia 8 de junho. Ao retomar o ataque no dia 9, os sul-coreanos encontraram um oponente bem posicionado nas colinas 402 e 638, onde se deram os mais difíceis combates desde o início do ataque, principalmente porque o terreno limitava o emprego de apoio de fogo de artilharia e resumia os combates ao uso de granadas e baionetas. A divisão sul-coreana foi capaz de atravessar a posição e controlar a estrada para Cheorwon no dia 10. No entanto, pela demora do avanço da 3ª Divisão norte-americana, ela teve que assumir uma posição defensiva no dia 11 de junho, quando retomou o ataque e alcançou a Linha Wyoming.

A 3ª Divisão norte-americana, à direita da 9ª Divisão sul-coreana, teve resistência dura da 189ª Divisão chinesa, pois estava posicionado com mais profundidade e apoio da 188ª Divisão. Por isso, os sul-coreanos tiveram pouco sucesso até o dia 8 de junho. Apenas no dia 9, com a melhora das condições de tempo, dedicação de apoio aéreo e de artilharia e retorno ao ataque da 25ª Divisão norte-americana que conseguiram romper a defesa chinesa e iniciar uma perseguição, o que permitiu um avanço rápido até a Linha Wyomong, entre Kimhwa e Cheorwon. No dia 10, as forças chinesas abandonaram o Triângulo de Ferro, com uma nova linha defensiva em sua retaguarda formada pelos 26º, 27º, 40º e 47º Exércitos.

Com o primeiro objetivo do ataque cumprido, a partir do dia 11, as divisões norte-americanas conduziram atividades preparatórias para consolidar a posição defensiva na Linha Wyoming. No dia 13 de junho, organizou-se uma Força-tarefa blindada para condução de reconhecimento em

Pyongyang e reportou-se que o Triângulo de Ferro estava vazio de oponentes. O 63º Exército teve **10 mil baixas chinesas**, mas foi capaz de cumprir seu objetivo estratégico, aplicando **1.286 baixas do lado norte-americano** e ganhando tempo para que a terceira linha defensiva chinesa fosse organizada. Note-se ainda nessa batalha a impressionante recuperação da 9ª Divisão sul-coreana, reduzida a 1/3 de seu efetivo apenas alguns dias antes na batalha do rio Soyang.

12.3.2 Batalha de Hwacheon, 5 a 14 de Junho⁶⁷⁸

A leste do Triângulo de Ferro, o IX Corpo norte-americano tinha quatro divisões ao longo da Linha Kansas para cumprir sua parte na ofensiva: as 2ª e 6ª Divisões sul-coreanas nos seus flancos esquerdo e direito e as 24ª e 7ª Divisões norte-americanas no centro do front. O plano do comandante Hoge era o ataque com três divisões, mantendo uma como reserva. Isso porque o terreno entre Kimhwa e o Reservatório Hwancheon é escarpado e com pouca possibilidade de mobilidade, permitindo reveses e infiltrações pelas forças oponentes.

Do lado chinês, o IX Grupo-de-Exércitos teve mais tempo para preparar sua defesa do corredor central, com melhor reabastecimento e edificações de fortificações de campo apoiadas por artilharia e preparação de bloqueios nas estradas de acesso a seus pontos de resistência. Sua linha era formada pelos 20º e 26º Exércitos, com o 27º em reserva, respectivamente, em Hwacheon, Sehyeong-ri e Keumseong. Apesar de possuir um maior contingente que suas contrapartes do XIX e III Grupo a oeste, ele tinha a missão de resistir o ataque oponente durante 20 dias a um mês. Isso porque a recomposição do front chinês tinha como prioridade a área entre o setor ocidental e o Triângulo de Ferro. Ademais, a expectativa de sucesso do IX Grupo em desgastar as forças oponentes baseava-se na composição de suas unidades com equipamento soviético e maior poder de fogo, sua disposição em terreno mais escarpado e por depender de uma linha de comunicações mais curta e mais protegida da força aérea norte-americana. Com isso, esperava-se que ele tivesse condições de aplicar pequenos contra-ataques, favorecendo a contenção da linha norte-americana como um todo. Ou seja, Peng tentava replicar, de maneira inversa, o estratagema de Van Fleet, resistido na porção mais fraca do front e contra-atacando onde suas forças eram mais fortes.

⁶⁷⁸ LI. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**, p. 211–212; KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2, p. 749–754.

Exércitos	Divisões		Efetivo
IX Grupo-de-Exército chinês	20º	58ª	7.000
		59ª	7.000
		60ª	7.000
	Subtotal		21.000
	26º	76ª	7.000
		77ª	7.000
		78ª	7.000
	Subtotal		21.000
	27º	79ª	7.000
		80ª	7.000
		81ª	7.000
	Subtotal		21.000
Total		43.000	
Corpo-de-Exército	Divisões		Efetivo
IX Corpo-de-Exército norte americano	2ª Divisão Coreia do Sul		8.000
	24ª Divisão EUA		18.000
	7ª Divisão EUA		18.000
	6ª Divisão Coreia do Sul		8.000
Total		52.000	

TABELA 12.2 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NA BATALHA DE HWACHEON

FONTE: Appleman (1990), p. 407; Farrar-Hockley (1995), p. 436; Rottman (2002), p. 131; Mossman (1990)

Com início no dia 5 de junho, o ataque norte-americano encontrou grande resistência desde o primeiro dia, mais ainda foi capaz de manter um avanço contínuo. A 2ª Divisão sul-coreana assumiu o flanco esquerdo do IX Corpo em contato com o I Corpo e enfrentou mais resistência nesse ponto que em seu flanco direito, em contato com a 24ª Divisão norte-americana. Foram necessários sete assaltos pelo 31º Regimento sul-coreano para que se conquistasse a principal posição oponente na Colina 853, que teve de ser substituído para retomada do avanço da divisão sul-coreana. Houve resistência oponente decrescente o que permitiu que as primeiras unidades sul-coreanas assumissem posições na Linha Wyoming já no dia 10 de junho na região de Taeson-san. Essa era uma posição-chave, pois permitia o controle das junções de rodovias entre Kimhwa e Wasu-ri.

No centro do IX Corpo, a 7ª Divisão norte-americana avançou pela rodovia entre Kimhwa e Hwacheon. Na madrugada do dia 7, sofreu um ataque surpresa por dois batalhões chineses que prosseguiu por dois dias. Após enfrentar o batalhão de reserva desse regimento chinês, a divisão norte-americana continuou o ataque e alcançou a Linha Wyoming no dia 10.

A 6ª Divisão sul-coreana no flanco direito do IX Corpo foi a que travou os mais duros combates. O terreno montanhoso favorecia as posições fortificadas de regimentos do 60º Exército chinês, que tinha a missão de conter o avanço naquele setor até Chuibong, tendo como posição central a Colina 989, que era coberta por uma série de outras colinas guarnecidas (643, 887, 922 e 1057). A posição chinesa mais forte era a Colina 887, a qual tinha sofrido investidas pela 7ª Divisão norte-americana desde o dia 3 de junho, sem sucesso, principalmente porque o terreno dificultava o emprego de

apoio de fogo. Reconheceu-se que seria necessário um ataque direto combinado com duplo envelopamento das posições. Assim se procedeu no dia 8, porém não se conseguiu reter uma posição no flanco direito dos chineses. Mas no seu flanco esquerdo, os sul-coreanos tiveram sucesso, o que permitiu manter uma base para um novo ataque no dia 9. Após cinco dias de combates, aplicou-se um golpe final com barragem de artilharia de uma hora contra a última linha defensiva chinesa na área entre as colinas 922 e 1057 seguido de um ataque frontal de um regimento sul-coreano. À custa de pesadas baixas, a posição foi conquistada o que permitiu o avanço até a Linha Wyoming.

Não existem dados disponíveis sob as baixas dessa batalha. Ainda assim, pode-se afirmar que as expectativas chinesas não foram atendidas. Apesar de suas condições combatentes relativamente vantajosas, as forças oponentes foram capazes de alcançar seus objetivos em apenas cinco dias sem reveses de efeito estratégico. Como na batalha anterior, aqui também se atestou o ganho de desempenho combatente pelas forças sul-coreanas.

12.3.3 As Batalhas pela Nova Linha Kansas, 4 a 14 de junho

No setor oriental, ao longo de 1951, o Reservatório Hwacheon foi sempre uma área de duras batalhas pelo controle de um terreno que, do ponto de vista tático, favorece infiltrações e pontos fortes de defesa. De um ponto de vista estratégico, seu valor se encontra na possibilidade da ameaça de em provocar inundações e destruição se implodido ou tiver suas comportas abertas. Além disso, outro objetivo estratégico era a conquista da área que servia de bases de operações das forças norte-coreanas em Punchbowl. Por isso, o general Van Fleet decidiu que era necessária uma correção da Linha Kansas entre o corredor central e a costa oriental da Península Coreana. Adicionalmente, ele também desejava que as unidades combatentes nesse setor se beneficiassem da Rota 24 e do porto de Kansong, cujos controles permitiram sanar deficiências de manutenção. Por fim, a ocupação de uma área mais ao norte na costa oriental dava a possibilidade de ameaçar as posições oponentes no corredor central do teatro. Portanto, essa Nova Linha Kansas era desenhada apenas no setor oriental e antecipava ter mais uma condição de vantagem de desgaste oponente após a abertura das negociações. Van Fleet desenhou a Nova Linha Kansas estabelecendo um front que conectava o Reservatório Hwacheon, Punchbowl, Hyangro-bong e Kojin. Como parte da Operação *Piledriver*, os X Corpo norte-americano e I Corpo sul-coreano deveriam alcançar essa nova linha de controle.⁶⁷⁹

Do lado chinês, restavam apenas algumas divisões norte-coreanas remanescentes da ofensiva anterior, o que era temerário desde que havia piores condições de reforço e suprimento dessas unidades neste setor. Principalmente porque não havia detalhes do plano defensivo chinês para ele. Como consequência, restaram aos norte-coreanos sacrificarem divisões em operações de movimentos retrógrados para salvaguarda da retirada de seus corpos-de-exército, e, esse foi o setor em que as unidades norte-americanas e sul-coreanas tiveram melhores condições e resultados em sua última ofensiva antes da abertura das negociações de cessar-fogo.

No setor do X Corpo norte-americano, o ataque seguiria com a 7ª Divisão sul-coreana ao norte do reservatório Hwacheon, a 1ª Divisão de Fuzileiros a norte de Yanggy em direção a Punchbowl, enquanto a 5ª Divisão sul-coreana atacaria a área de Sohwa-ri ao norte de Wontong. No setor do I Corpo sul-coreano, a Divisão Capital tinha a missão de consolidar o flanco direito da Nova Linha

⁶⁷⁹ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 755–756; APPLEMAN. *Ridgway Duels for Korea*, p. 569.

Kansas entre Sohwa e Sandugok-san e o flanco esquerdo da 11ª Divisão com o controle do porto de Kansong. Do outro lado, os V e II Corpos de Exército norte-coreanos tinham respectivamente, as 6ª, 12ª, 2ª e 13ª Divisões em linha e posições fortes em cumes e colinas a fim de impor desgaste do avanço oponente e salvaguardar a recomposição das linhas defensivas chinesas e norte-coreanas. Como resultado, houve quatro pequenas batalhas em Kunryanghyon, Tosol-san, Sohwa-ri e Hyangro-bong que são tratadas aqui conjuntamente.⁶⁸⁰

Corpo-de-Exército	Divisão	Efetivo
V Coreia do Norte	6ª	3.000
	12ª	8.000
II Coreia do Norte	2ª	3.000
	13ª	8.000
Total		23.000
Corpo-de-Exército	Divisão	Efetivo
X EUA	7ª Divisão Coreia do Sul	8.000
	1ª Divisão de Fuzileiros Navais	23.000
	5ª Divisão Coreia do Sul	8.000
I Coreia do Sul	Divisão Capital	10.000
Total		49.000

TABELA 12.3 – NÚMEROS E ORDENS DE BATALHA NAS BATALHAS PELA NOVA LINHA KANSAS

FONTE: o autor a partir e dados do capítulo 11

Não existem dados precisos das forças norte-coreanas e replicam-se os dados de efetivos da ofensiva chinesa anterior. Tendo em vista as diferenças de desempenho e baixas, parece fazer sentido que as 12ª e 13ª tivessem efetivos maiores que suas unidades irmãs.

Do outro lado, note-se o emprego de duas divisões sul-coreanas que sofreram graves baixas e perda de coesão na segunda fase da última ofensiva chinesa. De um ponto estratégico, foi necessária a concentração de forças norte-americanas entre elas – a 1ª Divisão de Fuzileiros – a fim de compensar a dificuldades logísticas e de terreno, bem como a mais baixa performance das divisões sul-coreanas.

A 7ª Divisão sul-coreana passou por dez dias de recuperação na reserva desde o encerramento da Ofensiva Chinesa da Primavera. No dia 31 de maio, ela recebeu a ordem para retomar posição de ataque em Kunryanghyon. Sua participação na Operação *Piledriver* começou com um reconhecimento a Kunryanghyon no dia 6 de junho. Devido ao terreno muito escarpado, o comandante, general Kim Bar, decidiu que era necessário estabelecer bases de patrulha antes do emprego de sua divisão no ataque. Após a identificação precisa do oponente – a 6ª Divisão norte-coreana – em Hamchu-ri, lançou-se um ataque no dia 8 de junho, que foi repelido. No dia 9, coordenou-se um ataque com artilharia divisional e o 1º Regimento de Fuzileiros, também sem sucesso. No terceiro dia de ataque, empregou-se toda a divisão em três colunas de ataque contra as posições oponentes entre as colinas 757 e 917. Aplicou-se apoio de fogo aéreo e barragens de obuses de 155mm. Após quatro horas de ataque sem grande sucesso, comprometeram-se ainda mais unidades de armamento

⁶⁸⁰ KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. *The Korean War*, Volume 2, p. 756–771.

pesados do 1º Regimento de Fuzileiros. Ao anoitecer, e contra as regulações do Oitavo Exército, decidiu-se em não suspender o ataque. Aplicou-se mais um assalto com início às 21h00 e apenas após a meia-noite foi possível conquistar a Colina 757. A partir de então, o avanço pode prosseguir no dia 12 de junho em direção à Colina 917, onde a resistência norte-coreana foi leve, que se retirou e estabeleceu novas posições defensivas na área de Paekson-san.

Em Tosol-san, no setor de avanço da 1ª Divisão de Fuzileiros, a 12ª Divisão norte-coreana ocupava posições bem preparadas, com perímetros de campos minados e guarnecidas de armamentos pesados entre Kwangchon e Taeam-san. O ataque teve início no dia 4 de junho com o 1º Regimento de Fuzileiros sul-coreano, sem sucesso, e com pouco avanço se manteve o ataque pelos próximos seis dias. Assim, como a 7ª Divisão sul-coreana mais a oeste, decidiu-se por um ataque surpresa noturno na madrugada do dia 11 de junho. O ataque teve sucesso e foi capaz de consolidar a linha entre as colinas 1121 e 1175 após três horas de combates. Pela manhã, o ataque evoluiu para uma perseguição e foi capaz de alcançar a Nova Linha Kansas na noite do mesmo dia.

No dia 14, os fuzileiros navais foram capazes de consolidar suas posições em Tosol-san e iniciar o ataque a Punchbowl, sendo que essa seria a missão do 7º Regimento de Fuzileiros. As forças norte-coreanas na região eram providas de morteiros, e os norte-americanos tiveram que avançar em fases a partir de linhas de trincheiras desde o dia 17 até que, no dia 19, fosse possível um ataque ao fim da madrugada para conquista da posição em Tosol-san. Essa é a única batalha dessa fase da ofensiva em que há registro das baixas. Do lado norte-americano foram 123 mortos e 582 feridos e, do lado norte-coreano, foram 2.263 mortos e 42 capturados, ou seja, houve a perda de 1/3 da 12ª Divisão norte-coreana.

Com a missão de tomar a área de Sohwa-ri, a 5ª Divisão sul-coreana assumiu o flanco direito do X Corpo norte-americano a partir do dia 4 de junho. Para conquista de seu setor na Nova Linha Kansas, tinha a missão de enfrentar a 2ª Divisão norte-coreana a partir da rodovia entre Inje e Sohwa-ri. O ataque sul-coreano tinha que fazer frente a uma força oponente na área de Myongdang-san servida de morteiros de 82mm e obuses de 122mm que não se limitou a conduzir apenas operações de retardamento, mas que conduziu pequenos contra-ataques até o dia 6. A partir de então, tomou posição defensiva em Chondo-ri. Para quebrar sua resistência, o comandante sul-coreano aplicou todos seus regimentos, com limitado sucesso, até o dia 11. A essa altura, as demais divisões do X Corpo já tinham alcançado a Nova Linha Kansas. Por conta disso, a 2ª Divisão norte-coreana tinha sua retaguarda cada vez mais exposta às divisões adjacentes à 5ª Divisão sul-coreana e, por isso, começou a ceder posição. Ainda assim, apenas no dia 13 que os sul-coreanos conseguiram tomar posições na Nova Linha Kansas.

No entanto, essas posições eram vulneráveis às colinas 840 e 981 ainda de posse norte-coreana, ao norte de Sohwa-ri, que foram alvo de novo contra-ataque até o dia 15. Após dois dias de reorganização, os sul-coreanos retomaram a iniciativa com um último ataque para desbaratamento da resistência oponente e conquista das duas colinas.

Devido à atuação da Marinha dos Estados Unidos, a região costeira oriental da Península coreana era desprovida de posições defensivas norte-coreanas desde fim de maio. Isso permitiu que o I Corpo sul-coreano avançasse e consolidasse posições ao norte do porto de Kansong. No entanto, entre essa posição, assumida pela 11ª Divisão, e a Nova Linha Kansas, existia um terreno montanhoso onde se concentrava a 13ª Divisão norte-coreana em apoio da linha defensiva norte-

coreana a oeste. Sua missão era retardar o avanço do X Corpo norte-americano por meio de ataques ao seu flanco direito. Portanto, diferentemente das três colunas de avanço do X Corpo, a Divisão Capital tinha a missão de consolidar posições que permitissem o avanço da 5ª Divisão a oeste e o reforço do perímetro da 11ª Divisão a leste.

Por sua vez, a posição da 13ª Divisão norte-coreana era exposta aos bombardeios dos aviões das forças aéreas norte-americanas, por isso sua atuação defensiva norte-coreana era arriscada e necessariamente temporária. Ou seja, ela não tinha ganho em manter posições defensivas fixas e, por isso, conduziu um ataque preventivo contra os sul-coreanos em 3 de junho, que foi expandido no dia seguinte com a coordenação de infantaria e apoio de fogo de morteiros. Apenas no dia 6 de junho que o 1º Regimento da Divisão Capital foi capaz de repelir o ataque. Nos próximos dois dias, houve a pausa do ataque norte-coreano. Durante esse período, por um lado, o 1º Regimento de Cavalaria foi redirecionado para apoiar os ataques da 5ª Divisão sul-coreana em Sohwa-ri. Por outro lado, o I Corpo sul-coreano reforçou seu front ao reposicionar os regimentos da Divisão Capital em linha com os regimentos da 11ª Divisão para resistir novos ataques norte-coreanos. A pausa foi suspensa no dia 8, com os norte-coreanos empregando uma barragem de artilharia seguida de ataques concentrados contra as posições do 1º Regimento de Cavalaria sul-coreano em Hyangro-bong, a última unidade a ser posicionada na nova linha sul-coreana, demonstrando, portanto, a considerável capacidade dos comandantes norte-coreanos em lerem o terreno e a ordem de batalha oponente.

Como resultado disso, houve parcial ruptura da linha sul-coreana, que foi explorada pelos norte-coreanos até o dia 10 de junho, quando começaram a perder ímpeto. A Divisão Capital converteu-se para o ataque no dia 11 e avançou para Sandugok-san e a Colina 940 no dia 13 de junho, conquistando as bases de operações norte-coreanas e, assim, consolidando seu controle sobre a região.

Em uma avaliação breve dessa última fase da ofensiva norte-americana, deve-se chamar a atenção para o desempenho combatente das divisões sul-coreanas. Elas não apenas foram capazes de serem recuperadas como unidades combatentes, mas proveram vitórias nos campos de batalhas com resultados estratégicos significativos. De outro lado, note-se o comprometimento e sacrifício das divisões norte-coreanas, que continuavam apresentando mais elevada proficiência em enfrentamentos defensivos de que suas contrapartes chinesas. Apesar disso, as forças oponentes contavam com muito melhores condições logísticas, superioridade de números e poder de fogo e coordenação no emprego de divisões. Como resultado, as unidades norte-coreanas, assim como as chinesas, não mais eram capazes de desempenho suficiente e demandavam um cessar-fogo.

Com esse último resultado, os objetivos estratégicos delineados por Ridgway foram alcançados: passava-se a controlar uma porção do teatro de operações que prejudicava a concentração de forças oponentes para novas ofensivas, cujo terreno favorecia as posições defensivas norte-americanas e com profundidade estratégica para salvaguarda do paralelo 38° e da Coreia do Sul.

No dia 14 de junho, Ridgway reuniu-se com Van Fleet e realizou uma avaliação da expectativa de operações nos próximos dois meses. Ele apontou que a linha de comunicação oponente estava super estendida e que a combinação de ataques aéreos com as estações de chuvas complicaria ainda mais a manutenção das forças oponentes. De outro lado, as forças norte-americanas podiam ser bem mantidas, mas isso não autorizava ou possibilitava qualquer avanço além das Linha Wyoming e Nova Linha Kansas. Como conclusão, a missão das forças norte americanas era consolidar posições defensivas ao longo dessas linhas. Portanto, a partir de 14 de junho, nenhum dos dois lados jamais

conduziria grandes ofensivas novamente, apenas ofensivas limitadas para controle de uma posição mais vantajosa ou desbaratamento de concentração localizada de oponentes.⁶⁸¹

12.4 A ABERTURA DAS NEGOCIAÇÕES DE CESSAR-FOGO

O objetivo deste livro não é tratar das negociações de cessar-fogo da Guerra Sino-americana, mas analisar e avaliar como se chegou a elas.⁶⁸² Nesse sentido, é relevante a reconstrução analítica dos fatos para apontar as condições distintas de barganha em decorrência da correlação de forças no teatro de operações.

A continuidade na condução de enfrentamentos ofensivos pelos norte-americanos após o dia 27 de maio urgiu que os líderes da coalizão comunista organizassem suas posições relativas entre si diante a urgência das forças chinesas por um cessar-fogo. O principal resultado político do sucesso da segunda ofensiva norte-americana foi a necessidade de revisão da orientação política da guerra pelos chineses. Mao Tse-Tung foi forçado a aceitar a impossibilidade de vitória na Coreia e retornar aos objetivos políticos originais que o levaram a guerra: a preservação do regime norte-coreano e a retirada de forças estrangeiras das proximidades da Manchúria. No dia 5 de junho de 1951, realizou-se em Pequim a conferência entre Mao Tse-Tung e Kim Il-Sung em que se confirmou a limitação dos objetivos políticos chineses e a concessão a eles pelos norte-coreanos, sendo Stalin informado no mesmo dia. Este, certamente, era o mais relutante e respondeu no mesmo dia que chineses e norte-coreanos não deveriam ter pressa para o fim da guerra, mas continuar a aplicar danos aos norte-americanos. Mao respondeu encaminhando Gao Gang, comandante das forças da região nordeste da China, e Kim Il-Sung para Moscou para deliberar com Stalin. Portanto, apenas no dia 10, com a apresentação resoluta da intenção chinesa/norte-coreana pela suspensão da guerra que Stalin concedeu a orientação política de abertura das negociações de cessar-fogo.⁶⁸³

Em 11 de junho, Mao Tse-Tung comunicou Peng sobre o encontro, mas não o seu real conteúdo e decisões. Ele informou que se concluiu que um contragolpe chinês deveria ser postergado para agosto e que eles preparariam um plano adequado com enfrentamentos ofensivos e defensivos. Porém, Mao nada disse sobre trégua e abertura de negociações. Do ponto de vista estratégico, Mao Tse-Tung desistiu da possibilidade de uma vitória rápida e orientava uma noção de conduta paciente necessária em uma guerra prostrada, com alusão a *niuptang*, um doce que precisa ser comido pedaço por pedaço. Correspondentemente, ele redimensionou suas demandas e critérios de sucesso estratégico. Agora ele não cobrava mais a destruição de divisões, mas de batalhões norte-americanos, certo que a revisão da correlação de forças de um exército chinês contra um batalhão ocidental produziria vantagem tática suficiente. Ademais, como as forças chinesas mantinham na linha de frente oito exércitos, ele calculava que o resultado estratégico também seria significativo.⁶⁸⁴

⁶⁸¹ MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 134; SCHNABEL; WATSON. *The Joint Chiefs of Staff and National Policy*, p. 8.

⁶⁸² Para acesso registros dessas negociações, ver: JOY, Turner C. *How Communists Negotiate*, New York: Macmillan, 1955; GOLDBAMER, Herbert; CORPORATION, Rand. *The 1951 Korean Armistice Conference: A Personal Memoir*, Santa Monica: RAND, 1994; para uma análise detalhada dessa primeira rodada de negociações, ver: HARUKI. *The Korean War: an International History*, p. 186–188.

⁶⁸³ ZHIHUA, Shen; XIA, Yafeng. Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War: China's Rejection of the UN Cease-Fire Resolution in Early 1951, *Asian Perspective*, v. 35, n. 2, p. 187–209, 2011, p. 203; 205.

⁶⁸⁴ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 154–155.

Em 13 de junho, Stalin comunicou Mao de suas deliberações com Kim Il-Sung e Gao Gang. Primeiro, decidia-se que a guerra não estaria terminada com o cessar-fogo, ela seria suspensa como a possibilidade de retomada a qualquer momento. Segundo, decidiu-se que uma negociação era vantajosa e assessores soviéticos seriam disponibilizados para as negociações. Por fim, Stalin repassou relatórios de inteligência que indicavam que os Estados Unidos e o Reino Unido fariam uma proposta de cessar-fogo em breve. Antes disso, tentariam aplicar um golpe contra as forças chinesas. Por isso, ele recomendava o reforço das defesas chinesas em construção.

No dia seguinte, Mao Tse-Tung respondeu que ele já tinha aceitado a abertura das negociações e informava que não havia possibilidade de uma ofensiva chinesa nos próximos dois meses. Mais interessante era que ele informou suas condições para negociações em torno de três pontos:

1. Os norte-americanos deveriam propô-la;
2. A necessidade de um inquérito soviético sobre a posição diplomática norte-americana;
3. A forma de restauração do paralelo 38° deveria seguir pelas deliberações entre duas Coreias, que providenciariam a criação de uma zona neutra, não sendo a inclusão da China nas Nações Unidas uma condição, mas deveria se avaliar trazer a questão de Taiwan. Poderia ser um recurso de barganha, mas se os Estados Unidos insistissem em tratar dessa questão separadamente, deveriam fazer tal concessão.⁶⁸⁵

Mao Tse-Tung não tinha desfeito seu entendimento prévio que a proposição de negociações era um sinal de fraqueza, apesar dessa contradição com relação às condições relativas de suas próprias forças e sua desistência de objetivos políticos que perseguiu desde janeiro. O terceiro ponto marcou definitivamente o redimensionamento dos objetivos políticos chineses e o sucesso da estratégia norte-americana. Por fim, o segundo ponto evidenciou a continuidade da ingenuidade e da dependência chinesas da União Soviética para seus cálculos e ações diplomáticas. Pois de fato, o representante soviético nas Nações Unidas, Jacek Malik, já havia se encontrado com George Kennan duas vezes entre maio e início de junho, e o que determinou a concessão à abertura das negociações por Stalin foi a confirmação das péssimas condições dos exércitos chineses e norte-coreanos por relatórios de assessores que ele enviou para o teatro em meados de junho.

Portanto, no dia 23 de junho, duas semanas após os encontros reservados entre Kennan e Malik em Nova York e intensas trocas entre os líderes da coalizão comunista, Stalin comunicou sua autorização para que as negociações de cessar-fogo tivessem início, o que foi comunicado no mesmo dia por Malik. Este pronunciou uma declaração na rádio das Nações Unidas em que se acreditava que o conflito na Coreia poderia ser acertado, recomendava-se a negociação entre os beligerantes e que o cessar fogo permitisse o recuo das forças combatentes do paralelo 38°. Com esse dispositivo, tirava-se dos chineses a responsabilidade de propor as negociações e ainda se criava uma confusão que impunha aos representantes norte-americanos ter que atuar em duas frentes: a confirmação da posição soviética e a comprovação de sua correspondência com a posição dos comandantes das forças chinesas e norte-coreanas na Coreia.

No primeiro caso, o embaixador norte-americano na União Soviética buscou o Vice-Ministro de Relações Exteriores Andrei Gromyko para confirmação da declaração de Malik, o que foi feito. Gromyko adicionou ainda que as partes deviam limitar as negociações a questões militares, mas que

⁶⁸⁵ HARUKI. *The Korean War: an International History*, p. 181–183.

a URSS não era responsável ou ciente da posição da China comunista. Por isso, houve uma bateria de reuniões em Washington para elaboração da declaração com a proposta de conferência entre norte-americanos e chineses. Ridgway fez o pronunciamento por rádio endereçado aos comandantes em chefe das forças chinesas e norte-coreanas no dia 29 de junho, convidando-os a escolher hora e local para início das negociações. A resposta ocorreu no dia 2 de julho, em que se aceitava suspender as hostilidades e que as negociações ocorressem em Kaesong, no paralelo 38° entre os dias 10 e 18. No mesmo dia, Truman autorizou Ridgway a aceitar os termos chineses, apenas recusando que as hostilidades fossem terminadas durante as negociações. Oficiais de ligação se encontraram para acertar os detalhes da conferência de abertura no dia 8 de julho.⁶⁸⁶

Paralelamente a esses acertos, ambos os lados desenvolveram suas posições e limites de concessão para as negociações. Ridgway tinha parâmetros bem claros de condução das negociações e o chefe da divisão de planejamento do Departamento de Estado, Paul Nitze, foi enviado a Tóquio, para prover esclarecimentos e orientação. As diretrizes da posição norte-americana, que foram apresentadas no dia 29 de junho, eram:

1. O cessar fogo era o único ponto a ser negociado, sem qualquer vinculação ao estado final e adequado de preservação da República da Coreia;
2. As forças norte-americanas deveriam manter suas posições e não teriam reforços durante o período do cessar fogo;
3. O acordo deveria ter como meta criar uma área desmilitarizada de 20 milhas entre as forças oponentes;
4. Os pioneiros de guerra deveriam ser trocados numa base um a um.

A objetividade da pauta de negociação norte-americana não se destinava apenas a facilitar a compreensão e ter uma posição definida frente a chineses e norte-coreanos. Ela tinha como objetivo controlar a frustração e contrariedade de oficiais militares e civis norte-americanos com a situação, inédita desde a Guerra de 1812, em que se concediam negociações para resolução de uma guerra e restringia superioridade de meios e vantagem estratégica.⁶⁸⁷ Essa percepção refletiu na forma como os Estados Unidos concentraram a condução das negociações ao não incluir os países coligados, apesar de denominar o envolvimento na Coreia como uma ação de segurança coletiva.⁶⁸⁸

Do outro lado, Kim e Mao tinham discordâncias sobre os pontos de uma contraproposta e pediram a intervenção de Stalin. No primeiro dia de julho, o embaixador soviético na Coreia do Norte comunicou à Stalin a proposta elaborada por Kim para o cessar-fogo. O documento tinha seis pontos de negociação:

- a. Uma zona tampão de 10 quilômetros do paralelo 38 de cada lado;
- b. Nenhum movimento no paralelo 38°;
- c. Retirada dos navios de guerra das águas territoriais da Coreia do Norte;
- d. Retirada de todas as forças estrangeiras das duas Coreias em dois meses do armistício;
- e. Troca de prisioneiros em dois meses após o armistício;

⁶⁸⁶ SCHNABEL; WATSON. *The Joint Chiefs of Staff and National Policy*, p. 1–4.

⁶⁸⁷ MILLETT. *The War for Korea, 1950-1951*, p. 417.

⁶⁸⁸ BETTWY, Samuel William. *The Korean War Termination Experience, 1951-1953: Strategy and Policy Lessons Learned*, Rochester, NY: Social Science Research Network, 2015, p. 3.

- f. Repatriação de civis forçados a fugir do Norte pelas forças da ONU.

Já Mao rascunhou sua proposta da seguinte forma:

1. Data para início das conversas de cessar fogo;
2. Zona tampão de 10 milhas (15 km);
3. Suspensão da transferência de armamentos de fora da Coreia;
4. Estabelecimento de nações neutras no comitê de supervisão;
5. Repatriação dos prisioneiros de guerra dentro de quatro meses da trégua.

Stalin assinalou que ambos os líderes deveriam elaborar uma resposta conjuntamente e sugeriu a proposta de Mao como base. Kim fez questão de inclusão dos itens referentes à retirada de forças estrangeiras das duas Coreias e repatriação de refugiados. Stalin corroborou a adição desses pontos complementares e recomendou retirar os itens 3 e 4 e mantê-los como opções de contrapropostas, caso Estados Unidos mencionassem qualquer coisa relacionada a eles.⁶⁸⁹

Mao gerenciou completamente a delegação comunista por meio de um representante especial enviado de Pequim. Kenong, vice-ministro de assuntos exteriores da China, para supervisionar as negociações e reportar ambos os lados. Possivelmente, essa era um arranjo melhor que o norte-americano, em que Ridgway era o responsável e coordenador das negociações. A questão geográfica e temporal foi importante para a diferença. Porém, é necessário colocar como Truman desejava afastar as negociações da ONU e da própria clivagem de seu Conselho de Segurança Nacional.

Entre 10 e 26 de julho, os representantes trataram de negociar a agenda da negociação de cessar-fogo. Porém, muito mais que troca das primeiras impressões e ajuste de uma formalidade, já se apresentavam concessões e objeções políticas importantes e que definiam essa guerra. A agenda nas negociações de cessar-fogo era:

1. A aceitação por ambos os lados de todos os tópicos da agenda;
2. A delimitação de linha de demarcação e a zona desmilitarizada como condição básica para o fim das hostilidades;
3. Os arranjos operacionais para realização do cessar-fogo e armistício, incluído a disposição, autoridade e funções da supervisão do armistício e da zona desmilitarizada;
4. A definição do encaminhamento dos prisioneiros de guerra;
5. Recomendações aos governos beligerantes de ambos os lados.

Entre esses dois lados, os Estados Unidos tinham uma posição mais vantajosa. Apesar da pressão dos países coligados por uma posição mais conciliatória e uma resolução rápida, a vantagem estratégica dava condições para que não se cedesse muito rápido. O maior constrangimento era a posição de Rhee por uma conferência internacional para discutir a situação da Coreia, o que confrontava a posição norte-americana. Em segundo lugar, a delegação norte-americana não tinha expertise para negociações e seus componentes tinham uma visão depreciativa e difícil para interlocução com os representantes chineses. Já os representantes chineses e norte-coreanos tinham iniciado as negociações com condições relativas menos favoráveis, porém essa seria incrementada

⁶⁸⁹ MATRAY, James I. Mixed Message: The Korean Armistice Negotiations at Kaesong, *Pacific Historical Review*, v. 81, n. 2, p. 221–244, 2012, p. 225–226.

desde então. Por isso, apresentavam também uma posição dura e de resistência a concessões, pois se organizavam para uma guerra prostrada e uma estratégia de atrito. Mais importante, Stalin entendia que negociações truncadas atendiam seus objetivos políticos na Ásia e na Europa.⁶⁹⁰

Do lado norte-americano, o ponto principal das negociações era mantê-las limitadas a questões militares da península e descartar quaisquer questões políticas, como Taiwan, o reconhecimento chinês e sua inclusão nas Nações Unidas. A aceitação dessa “abordagem” pelos representantes chineses foi vista pelos americanos como a maior concessão e um sinal de vitória. Em segundo lugar, os norte-americanos desejavam retirar qualquer referência específica ao Paralelo 38º, o que possibilitava a linha de demarcação fosse onde as forças estivessem ao início das negociações, ou seja, 80 quilômetros ao norte desse paralelo.⁶⁹¹

Do lado chinês, existia a expectativa de que as negociações de cessar-fogo seriam rápidas, mas mudaram sua postura duas semanas de negociações diante de duas questões: a disputa em torno da linha de demarcação e a zona desmilitarizada e a repatriação de prisioneiros de guerra. O primeiro ponto seria razão principal das operações militares que seriam conduzidas o restante do ano de 1951. Já quanto ao segundo ponto, havia um problema de alteridade. Os chineses não entendiam a importância dada pelos americanos à repatriação de prisioneiros e achavam tal preocupação ocidental como algum tipo de artimanha. Ao início das negociações, a China tinha 11.600 prisioneiros de combate e os Estados Unidos tinham 150.000. De qualquer maneira, a guerra continuaria ainda por mais um ano para que a China concedesse a esse ponto em agosto de 1952.⁶⁹²

12.5 AVALIAÇÃO DA 2ª OFENSIVA DE RIDGWAY

Os principais resultados da segunda ofensiva norte-americana foram dois: por um lado, forçaram seus oponentes a aceitarem negociações como processo para solução do choque de interesses políticos. Segundo, fez a China abandonar seus objetivos políticos positivos – unificação da Coreia, assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e revisão do status político de Taiwan. De fato, Peng já havia desistido de produzir efeitos estratégicos para esses objetivos políticos em maio, porém o convencimento de Mao, Kim e Stalin levou bem mais tempo. Ainda assim, apesar de não haver objetivos políticos viáveis para disputa pelos chineses, ainda existiam objetivos militares disponíveis.

Essa não foi uma ofensiva extraordinária em termos de grandes feitos e batalhas decisivas. Sua importância central foi estratégica, pois ela podia colocar tudo a perder, novamente. A essa altura, já não era extraordinário, a qualidade de julgamento, a consciência situacional e controle que o comandante Mathhew Ridgway apresentava. Mas a importância dessa conduta nessa fase final antes da abertura das negociações foi tão central quanto suas primeiras decisões em janeiro de 1950. Evidencia disso, e fator do sucesso dessa ofensiva coercitiva, foi o baixo número de 2.257 baixas.⁶⁹³

⁶⁹⁰ FOOT, Rosemary. *A Substitute for Victory: The Politics of Peacemaking at the Korean Armistice Talks*, Ithaca: Cornell University Press, 1990, p. 38–40; MALKASIAN. *A History of Modern Wars of Attrition*, p. 135.

⁶⁹¹ MATRAY. *Mixed Message*, p. 220; DENG, Feng. Negotiations before Negotiations: China's Alliance Politics and the Prelude to the Kaesong Talks, 1950-1951, *Journal of Sino-Western Communications*, v. 5, n. 2, p. 13–32, 2013.

⁶⁹² ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 245–246; STANLEY, Elizabeth A. Ending the Korean War: The Role of Domestic Coalition Shifts in Overcoming Obstacles to Peace, *International Security*, v. 34, n. 1, p. 42–82, 2009.

⁶⁹³ ECKER. *Korean Battle Chronology*, p. 108.

Do lado chinês, embora não haja um tratamento adequado de suas baixas nessa fase da guerra devido ao estado de desarranjo das unidades e o grande número de prisioneiros e desaparecidos, mas é razoável supor que tenha sofrido, pelo menos, **15 mil**. Dessa maneira, uma meta bélica da ofensiva norte-americana foi atendida e, possivelmente, decisiva para seus resultados estratégicos e políticos – a imposição de uma taxa relativa de perda muito superior ao oponente de, pelo menos, três vezes mais alta. Se as operações continuassem a essa taxa de perdas, as forças chinesas não seriam mais capazes de se manter no teatro e teriam que o abandonar.

Do lado chinês, as qualidades de Peng Dehuai e de seus comandantes de campo devem ser ressaltadas, pois as perdas poderiam ser muito maiores. As unidades chinesas e norte-coreanas foram capazes de conter o avanço norte-americano e suas perdas e ganhar tempo para que as lideranças da coalizão comunista deliberassem sobre suas posições. Entre as várias lições aprendidas, possivelmente a condução dessa fase da guerra pode ter sido a mais valiosa. Pois, demonstrou que a capacidade de condução de enfrentamentos defensivos deve ser nunca negligenciada. Em especial em guerras limitadas, quando as condições políticas são transientes e as decisões complexas, e se faz necessário estabilização e controle das operações militares para sua devida leitura e possibilitar que a liderança política acesse as relações de barganha diplomática. Essa era uma lição amarga porque forças combatentes chinesas nunca mais sofreriam tal nível de desespero novamente na sua história militar contemporânea.

CONCLUSÃO: AVALIAÇÃO FINAL E CRÍTICA

A essa altura do livro, espero que eu tenha sido suficientemente consistente no desenvolvimento e verificação histórica dos meus dois argumentos principais. Primeiro, que a guerra civil internacionalizada entre as duas Coreias foi um fator importante para a deflagração da guerra entre China e Estados Unidos, mas marginal para seu desdobramento e resolução. Segundo, que a compreensão dessa guerra é reduzida se não são consideradas as características de suas motivações e meios limitados e a necessidade de correlacionar os desenvolvimentos diplomáticos entre os dois lados e suas respectivas operações militares.

Essa conclusão tem dois objetivos: (i) analisar, criticar e oferecer contrafactuais às campanhas chinesas e norte-americanas; (ii) examinar as implicações dessa fase da guerra e a guerra em si para as agendas políticas chinesas, norte-americanas e soviéticas.

Como referência para essa avaliação final, os números da tabela 13.1 abaixo apresentam uma representação simplificada da correlação de forças entre novembro de 1950 e julho de 1951. A partir dela, pode-se avaliar a viabilidade de objetivos políticos originais e alterados, os planos de guerra e as alternâncias entre ofensivas e defensivas entre os dois lados nas próximas duas seções.

Mês 1950-1951	Números Efetivos China	Números Efetivos Estados Unido	Correlação de Forças China/Estados Unidos	Estágio da Guerra
Novembro	210.000	153.536	1,2:1	Intervenção Chinesa
Dezembro	233.000	163.507	1,4:1	
Janeiro	303.000	220.000	1,37:1	1ª Ofensiva Chinesa
Fevereiro	263.000	236.000	1,11:1	1ª Ofensiva Estados Unidos
Março	151.450	202.590	1:1,25	
Abril	355.000	216.000	1,6:1	2ª Ofensiva Chinesa, 1º Pulso
Maio	277.000	215.000	1,28:1	2ª Ofensiva Chinesa, 2º Pulso
Junho	155.200	229.200	1:1,32	2ª Ofensiva Estados Unidos
Julho	134.000	217.596	1:1,38	Abertura das negociações

TABELA 13.1 – CORRELAÇÕES DE FORÇAS EFETIVAS DA GUERRA SINO-AMERICANA, NOVEMBRO DE 1950-JULHO DE 1951

FONTE: Jordan (1999), p. 62, 193, 271-273

13.1 AVALIAÇÃO E CRÍTICA DA CHINA

Alguns autores apontam que Mao Tse-Tung, desde o início da intervenção chinesa, almejava uma vitória total e emblemática na guerra contra os Estados Unidos.⁶⁹⁴ No entanto, levando-se em consideração o equilíbrio de forças e os objetivos políticos originais chineses no período, o que de fato Mao desejava era uma solução rápida e definitiva para a questão coreana e a salvaguarda da Manchúria.⁶⁹⁵

Nos capítulos 4 e 8 deste livro, apresentei minhas hipóteses principais para a análise da participação chinesa na guerra:

Primeira hipótese: a China tinha objetivos políticos essencialmente negativos: a manutenção do status quo da Manchúria e a recuperação do status quo político da Coreia do Norte. Segunda hipótese: a China tinha que conduzir uma defensiva ao início de 1951, a fim de preservar sua condição de vantagem estratégica em defesa da Coreia do Norte e de outros objetos estratégicos que os Estados Unidos pudessem explorar como instrumento de permuta.

Meu argumento é que a China não tinha necessidade, nem suas forças combatentes tinham condições estratégicas, logísticas e táticas para uma longa e intensiva ofensiva na virada de 1950 e 1951. Essencialmente, os chineses não tinham condições para uma estratégia de debacle das forças norte-americanas: suficiente superioridade numérica, meios para sustentar uma ofensiva pelo tempo e projeção geográfica. Portanto, apontei que Mao Tse-Tung deveria ter mantido limitado os objetivos da guerra e aceitado a abertura de negociações enquanto ele tivesse vantagem no teatro de operações. Essa condição de vantagem já existia em dezembro de 1950, antes da Ofensiva de Ano-Novo. Esta, de fato, deu início à exaustão da superioridade numérica chinesa, embora tenha lhe produzido o ápice de suas vantagens estratégicas e diplomáticas. Em 14 de janeiro de 1951, as forças norte-americanas haviam recuado para a porção sul da Coreia do Sul, tinham aberto mão do paralelo 38° e da capital Seul e, mais importante, seu governo havia concedido a agenda de negociações proposta pela China, contendo como itens: o reconhecimento do novo regime chinês comunista, sua inclusão às Nações Unidas e condução na China de uma conferência para discussão da geometria de poder da Ásia.

Entretanto, argumentei que esse ápice irá ilusório. Pois, as forças chinesas na Coreia não tinham condições de defender esses objetos e, muito menos, meios adicionais para pressionar os Estados Unidos além deles, de maneira a concederem aos novos objetivos políticos positivos chineses. Nesse ponto discordo do argumento de Shen Zhihua e Yafeng Xia em “Mao Zedong’s Erroneous Decision During the Korean War: China’s Rejection of the UN Cease-Fire Resolution in Early 1951” de que Mao teria errado e deixado de ganhar a guerra quando recusou a proposta de cessar-fogo de 14 de janeiro. No meu entendimento, a essa altura, Mao já arriscava perder a guerra ao passo que ele alterou seus objetivos políticos sem ter consolidado as vantagens estratégicas necessárias para atendimento de seus objetivos políticos originais e mais prementes. Ou seja, a ofensiva de janeiro e a ambição de novos objetivos políticos colocavam em risco a China perder ou manter sob pesados custos as salvaguardas da Manchúria e da Coreia do Norte.

⁶⁹⁴ Por exemplo, STUECK, William. *Rethinking the Korean War: A New Diplomatic and Strategic History*, Princeton: Princeton University Press, 2002, p. 231.

⁶⁹⁵ HU, *Mao's American Strategy and the Korean War*, p. 7; KIM, Jin Kyung. *The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry*. Tese (Doutorado) – University of Hawaii, Honolulu, 1996, p. 279–280.

A tabela 13.1 acima corrobora nossa hipótese que a China deveria ter convertido e mantido uma postura estratégica defensiva de janeiro em diante e aberto negociações de cessar-fogo, impondo aos norte-americanos a obrigação de concentrar forças para ofensivas a fim de reverter, pelo menos, parte de suas desvantagens estratégicas e diplomáticas. Nesse estágio, mesmo as dificuldades logísticas e táticas chinesas seriam parcialmente compensadas por uma breve suspensão da ação seguida dessas negociações e da superioridade numérica que desfrutavam naquele momento. No contexto de uma guerra limitada, minha formulação contrafactual ao plano de guerra chinês é que ambos os objetivos originais chineses demandariam, após a defensiva estratégica em dezembro, pelo menos, mais uma ofensiva. Após a concessão norte-americana a um cessar-fogo segundo aos termos chineses, seria necessário que a China produzisse uma vantagem estratégica que pressionasse os Estados Unidos a revisar seus objetivos políticos positivos de unificação política da Península Coreana. Isso seria possível a partir de ameaças de conquistas limitadas da Coreia do Sul e sua capital. No entanto, sem que esse esforço colocasse em risco os objetivos e vantagem estratégica obtida. Esse meu contrafactual é viável porque ele converge, em parte, com a orientação política inicial de Mao Tse-Tung e a recomendação de Peng Dehuai.

Note-se que mesmo com o deslocamento de um novo contingente no teatro de operações em abril e maio para condução da Ofensiva da Primavera, os chineses não se beneficiaram de uma superioridade numérica significativa. Isso explica os planos das duas fases dessa ofensiva, em que Peng Dehuai concentrou suas forças nos setores ocidentais e depois no corredor central do teatro e não em todo o front. Essa superioridade seria mais bem aplicada a partir de avanços limitados com as negociações diplomáticas abertas e como forma de forçar a concessões de pontos de negociação pelos norte-americanos, ao passo que se investia nas fortificações da Coreia do Norte e Manchúria.

O plano de guerra original, definido em 14 de outubro de 1950, após o constrangimento da artimanha de Stalin que comprometeu a China à guerra sem apoio aéreo soviético, era cauteloso e muito mais adequado: ele visava a criar uma área-tampão na Coreia do Norte a partir de uma linha defensiva entre Tokchon e Nyongwon e combates apenas contra unidades sul-coreanas, exclusivamente. Reter-se-ia essa posição até a retirada voluntária das forças estrangeiras ou impondo seu recuo para a Coreia do Sul após o reforço com o segundo contingente chinês e de material bélico soviético. A essa altura, Mao acreditava e orientava seus comandantes que a guerra seria resolvida por negociações em qualquer um desses dois cenários.⁶⁹⁶

No entanto, uma componente fundamental desse contrafactual é que a China precisaria não ter aberto mão de sua representação diplomática extraordinária nas Nações Unidas para continuar a explorar as possibilidades de uso diplomático de seu sucesso estratégico. Seja para legitimação internacional da realização de seus objetivos políticos, seja para manipulação adicional do efeito moderador dos países da coalizão das Nações Unidas sobre Estados Unidos. Isso permite aplicar uma primeira crítica à conduta chinesa da guerra: a retirada da representação diplomática chinesa das Nações Unidas foi seu grande erro até então. Pois, seu convite e presença era um ganho político líquido e, mesmo após sua retirada, seu retorno continuaria a poder explorar as vantagens diplomáticas e estratégicas chinesas, ainda que houvesse algum desgaste e necessidade de concessões.

Assim, assumindo que a China conduzisse seu plano de guerra original e retomasse a representação diplomática nas Nações Unidas, abandonada em dezembro de 1950, a China poderia ter

⁶⁹⁶ Ibid., p. 204–205.

alcançado uma posição de vantagem de difícil reversão pelos Estados Unidos. A China teria amplas condições de atender seus principais objetivos políticos originais e mesmo a conquista de outros como bônus. *A China poderia ter ganhado a Guerra Sino-americana.*

Em janeiro de 1951, a China deveria ter convertido suas forças para uma defensiva estratégica em atendimento de limitações estratégicas e logísticas e seria ainda importante para uma melhor avaliação das condições relativas para atualização de suas metas bélicas e diplomáticas em uma nova fase da guerra. Enumera-se a seguir as considerações que a China deveria atender e como uma defensiva atendia a cada uma delas.

Primeiro, a China se encontrava em condição diplomática vantajosa. Os Estados Unidos desejavam um cessar-fogo. Eram resistentes com relação aos termos do seu acordo, mas sofriam grande pressão de seus aliados para a concessão a outros objetos políticos que os chineses desejavam além da preservação da Manchúria, possibilitando uma negociação de armistício. Certamente, a ausência chinesa das Nações Unidas dificultava sua percepção clara dessa situação, bem como facilitava a manipulação soviética contrária a esse entendimento. Ainda assim, a China tinha contato diplomático contínuo com outros países asiáticos, como a Índia, que serviam de fonte de informação dos desenvolvimentos nas Nações Unidas.

Segundo, as forças chinesas precisavam de uma pausa para recomposição das unidades e consolidação dos ganhos de posição no teatro de operações. O preparo para a guerra na Coreia foi insuficiente e as condições logísticas da Coreia do Norte longe de adequadas. Ainda assim, os resultados produzidos pelas forças chinesas e o tempo de suas realizações foram inusitados. Portanto, Mao precisava de tempo para dimensionar melhor e com cautela a situação chinesa e as possibilidades de realização de objetivos novos políticos em correlação com os originais. Por sua vez, o comandante Peng Dehuai precisava de alguma estabilização no teatro de operações para melhor avaliar as condições relativas das forças norte-americanas e preparar melhor suas próprias de acordo. Tendo em vista a condição de seu oponente e sua necessidade de alteração das condições estratégicas e políticas, era possível antecipar a maior necessidade de uma ofensiva pelos Estados Unidos, preparar-se para ela e submete-los a condições desvantajosas de enfrentamento que exaurissem ainda mais suas forças combatentes, a coesão de sua aliança e aumentassem a pressão doméstica pela retirada da Coreia. Isso possivelmente possibilitaria que Peng Dehuai tivesse melhores informações sobre a mudança de comandante do Oitavo Exército e, mais importante, que ele *vinha alterando o posicionamento e emprego de suas forças combatentes*. Além disso, assumindo o contrafactual que a China aceitasse e desse início às negociações, Peng também necessitaria reposicionar suas forças a fim de conduzir, pelo menos, uma ofensiva coercitiva para barganha dos termos de acordo.

Terceiro, de um ponto de vista político, existia um limiar de sucesso na realização de objetivos políticos negativos originais e aqueles novos e positivos. A busca dos objetivos políticos positivos envolvia necessariamente o prolongamento da guerra. E a continuidade de presença militar afastava a China de seu objetivo político original: a reincorporação da Manchúria. Por isso, ainda que a China tivesse sucesso na extensão da guerra, isso poderia incorrer na necessidade de conduzir campanhas futuras para avanço dos termos de um acordo de armistício que, por sua vez, criaria um dilema em quantos mais objetivos políticos atingir, e em quais termos, entre os vários presentes nas mesas das negociações, em prejuízo de seu objetivo político original. Esse era um julgamento eminentemente político que parece ter sido perdido em algum momento ao fim de 1950. De qualquer maneira, de

um ponto de vista estratégico, qualquer decisão de Mao a partir desse momento tinha que levar seriamente em conta os relatórios de seus generais sobre o desgaste das forças combatentes chinesas. Isso era agravado pelo fato que a China continuaria a conduzir operações sempre em condições de uma força expedicionária. Ainda que suas forças incrementassem as condições logísticas, a China não tinha como expandir seu contingente a partir de reforços em termos quantitativos e, principalmente, qualitativos. Isso quer dizer que mesmo que se mantivesse conduzindo uma defensiva, a China continuaria a sofrer de efeitos equivalentes de uma campanha ofensiva de desgaste contínuo.

Assim, uma posição defensiva chinesa em janeiro de 1951 ainda era favorável tendo em vistas às vantagens comparativas entre as distâncias das linhas de comunicação desde as respectivas bases de operações na Manchúria e, pelo seu oponente, no Japão. As operações entre os paralelos 39º e 38º favoreciam a coalizão comunista pois permitia manter a distribuição de material perfazendo um menor número de conversões de modais e distâncias relativamente reduzidas, e menos expostas à interdição aérea norte-americana. Enquanto isso, os Estados Unidos tinham que prover a maior parcela de seus recursos em distâncias muito maiores e as infraestruturas na Coreia do Sul eram ainda bastante limitadas no atendimento das demandas das forças de sua coalizão. Em especial, a geografia da Coreia do Norte impunha a divisão de forças e recursos o que constrangia a sustentação de grandes enfrentamentos por muito tempo ao norte de Seul.

No entanto, *não foi isso o que aconteceu*. Diferente disso, as forças chinesas não se prepararam para conduzir uma defensiva estratégica, embora o comandante Peng Dehuai contasse com a suspensão das operações para sua preservação de suas forças. Ao contrário disso, mesmo com o início da primeira ofensiva de Ridgway dez dias depois da ofensiva chinesa, Peng foi ordenado por Mao a conduzir enfrentamentos ofensivos que levaram as perdas substantivas. Por isso, um próximo passo dessa avaliação é apontar as razões históricas que levaram Mao a mudar seu plano original e a recomendar uma orientação estratégica tão distante de minhas hipóteses.

Primeiro, havia uma má-formulação no entendimento de Mao, e da diretoria do Politburo, de que tipo de guerra seria travado contra os Estados Unidos. Reconhecia-se que havia a possibilidade de que os Estados Unidos declarassem guerra à China, mas essa seria outra guerra limitada e de curta duração devido às distâncias e recursos envolvidos. Ainda assim, a liderança chinesa antecipava como pior cenário possível aquele em que os chineses não fossem capazes de aniquilar as forças norte-americanas na Coreia e a guerra se tornasse um impasse enquanto os Estados Unidos já tivessem iniciado ataques a territórios chineses. Os efeitos econômicos seriam grandes, principalmente pelo feito que isso teria no reforço das facções nacionalistas e pequenos burgueses.⁶⁹⁷ Portanto, os objetivos políticos chineses e suas motivações eram, originalmente, bastante claros: a guerra com os Estados Unidos era uma guerra limitada.

Entretanto, o entendimento chinês de guerra limitada constrangia a possibilidade de barganha e avaliação dos objetivos políticos de seu oponente em comparação aos seus próprios, de maneira a considerar possibilidades de barganha e permuta de ganhos. Em comunicação para Peng em 4 de dezembro de 1950, é possível ter uma ilustração desse julgamento:

É possível que a guerra seja resolvida rapidamente, é também possível que a guerra seja prostrada. Nós estamos preparados para combater por, pelo menos, um ano. É bem pro-

⁶⁹⁷ ZHANG, Shu Guang. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953**, Lawrence: University Press of Kansas, 1995, p. 78.

vável que o inimigo queira negociar um cessar-fogo agora. Nós negociariamos apenas quando o inimigo aceitar a retirada da Coreia, mas primeiro tiver se retirado para o sul do paralelo 38°. É mais vantajoso que nós não apenas tomemos Pyongyang, mas também capturemos Seul. Nós iremos focar na eliminação da força inimiga, mas principalmente das forças sul-coreanas. Com essa ação, nós estaremos em uma posição mais forte para compelir os imperialistas dos Estados Unidos a se retirarem da Coreia.⁶⁹⁸

Isso se dava principalmente pela perspectiva e experiência particulares de Mao, calcadas em guerras ilimitadas anteriores,⁶⁹⁹ e nesse sentido similar àquelas dos generais norte-americanos, em que havia apenas dois métodos para a realização de objetivos de uma guerra: a vitória a partir de uma posição defensiva para desgaste do oponente (como contra o Japão) ou por meio de golpes fulminantes (como, por exemplo, no caso contra as forças nacionalistas chinesas).⁷⁰⁰ É possível considerar como Mao embasou suas orientações para a Guerra Sino-americana calcado nessas experiências passadas, migrando do primeiro tipo de perspectiva estratégica para o segundo tipo ao passo que ele alterou seus objetivos políticos, de defensivos para ofensivos. Certamente, se mantida as correspondências, incluía-se aí uma revisão da estimativa da correlação de meios: de uma condição de desvantagem numérica para uma de vantagem. Mais grave que isso, a concepção chinesa para a conduta da Guerra Sino-americana parecia não conferir utilidade a operações defensivas para além de pausas entre operações ofensivas em sequência, se assemelhando à concepção doutrinária norte-americana de 1949 (ver capítulo seis).

Segundo, Mao e a elite chinesa desprezavam os interesses norte-americanos na região,⁷⁰¹ um erro grave, em particular, no contexto de guerras limitadas. Até a intervenção norte-coreana em 1950, era consensual que os Estados Unidos não tinham um histórico de intervenção em guerras civis, e se o fizesse no caso coreano, seria por intermédio de terceiros. Tal percepção era reforçada por Stalin e Kim il-Sung pelo fato de a União Soviética ter construído uma considerável vantagem militar na Coreia e parecia ter maior e mais organizada capacidade naval e aérea no Extremo Oriente.⁷⁰² Isso teve como consequência a falta de preparo e inteligência sobre os comandantes norte-americanos e suas forças combatentes.

Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra da Coreia, a nova avaliação política chinesa ainda mantinha seus traços de desconsideração dos reais objetivos políticos norte-americanos e executava automaticamente seu ideário normativo, sintetizada na literatura como a teoria da zona intermediária.⁷⁰³ Ademais, esse forte conteúdo ideológico precisa ser compreendido como necessário para a sobrevivência do partido chinês durante a guerra civil e na guerra com o Japão, e ainda na delicada situação que se encontrava a China entre as superpotências da Guerra Fria.⁷⁰⁴

⁶⁹⁸ Ibid., p. 121.

⁶⁹⁹ BI, Jianxiang. *On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies*, Tese (Doutorado) – Carleton University, 1996, p. 294.

⁷⁰⁰ JIANXIANG, Bi. *The Impact of Clausewitz on Mao: War and Politics*. Dissertação (Mestrado) – University of Alberta, Edmonton, 1989, p. 89, 92.

⁷⁰¹ ROE, P. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, Novato: Presidio, 2000, p. 51.

⁷⁰² MANSOUROV, Alexander. *Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War*, Tese (Doutorado) – Universidade de Columbia, 1997, p. 50–52.

⁷⁰³ HU, Wanli. *Mao's American Strategy and the Korean War*, Amherst: Universidade de Massachusetts, 2005, p. 222–223; ROE. *The Dragon Strikes: China and Korean War, June-December 1950*, p. 51.

⁷⁰⁴ HU. *Mao's American Strategy and the Korean War*, p. 5.

Terceiro, as inclinações beligerantes mais fortes por parte de chineses, se comparadas com as dos norte-americanos, podem ser explicadas ainda por sua maior proximidade ao teatro de operações coreano e subsequente vulnerabilidade a contragolpes a seus territórios nacionais. De um ponto de vista chinês, a campanha internacional norte-americana, conduzida desde 1949, contra o reconhecimento da China, e, logo, de suas fronteiras, as colunas de uma coalizão sob a bandeira das Nações Unidas em avanço em direção ao rio Yalu e a possibilidade de um regime político hostil na Coreia eram a realização de uma campanha ofensiva com objetivos políticos positivos; ainda que a coalizão das Nações Unidas, e em especial os Estados Unidos, não tivessem metas bélicas explícitas com relação à Manchúria. Isso criava um sentimento hostil da elite chinesa com relação aos Estados Unidos em decorrência do histórico recente de submissão da China a potências estrangeiras. Assim, não se deve tomar de maneira gratuita como o aparato e contexto chineses pressionaram Mao a ter uma posição assertiva com relação à guerra civil coreana ao passo que ela se internacionaliza.⁷⁰⁵

Quarto, a elite chinesa era fustigada a escalada pelos objetivos ilimitados da guerra entre as Coreias e pelas ambições de Stalin. É importante lembrar que o desenho da coalizão comunista em torno da Guerra Sino-americana foi repleto de maus cálculos e manipulações das várias partes, de maneira que nunca houve uma coordenação fina nem uma convergência real de interesses políticos.⁷⁰⁶ Cada um dos três líderes operou a partir de premissas que eram acobertadas e fatos que eram fabricados ou meias verdades. Kim soube explorar os desejos de Stalin e Mao para a Ásia e de que haveria uma vitória rápida e que os Estados Unidos nunca responderiam, pelos menos a tempo.⁷⁰⁷ Stalin não era incentivado pelos argumentos de Kim, mas pelos interesses próprios e soviéticos e na condição de que Mao aceitasse entrar na guerra. Mao via que não podia negar aos camaradas norte-coreanos a oportunidade de unificação que os chineses demandavam para eles mesmos. Mao se preocupava desde o início que a ação de Kim provocaria a resposta dos Estados Unidos, e isso cancelasse a tomada de Taiwan. Por fim, a coalizão nunca produziu mecanismo de análise conjunta ou tomada de decisão conjunta, e de qualquer maneira, isso nunca envolveu a Coreia do Norte. Essa desarticulação intencionada foi ainda mais marcante entre as chancelarias soviéticas e chinesas.⁷⁰⁸

Por isso tudo, Mao tomou uma decisão estratégica antes de uma revisão cristalina dos objetivos políticos chineses e ainda sem a produção de um novo plano de guerra propriamente dito, apenas a expansão do anterior com mais ambição e assumindo maiores riscos.

Em 13 de dezembro de 1950, ele determinou que as forças chinesas ultrapassassem o paralelo 38º e tomassem Seul. A formulação dos novos objetivos políticos era subjacente a uma vitória no teatro de operações e os cálculos políticos e deu paralelamente à condução da ofensiva de Ano-Novo, que passou a ser vislumbrada com a captura de Seul em 4 de janeiro e alcance do paralelo 37º, quatro dias depois. Daí em diante, Mao parece ter tido apenas olhos para o futuro glorioso que essa vitória poderia dar a China e ignorou as condições de barganha diplomática em Nova York e as condições das forças chinesas na Coreia. No primeiro caso, a recusa chinesa aos seus próprios termos de paz incorreu na ofensiva diplomática norte-americana desde o dia 18 de janeiro, que levou à aprovação

⁷⁰⁵ Ibid., p. 219–221; JIAN, Chen. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, New York: Columbia University Press, 1994, p. 209, 218–219.

⁷⁰⁶ MANSOUROV. *Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War*, p. 400–401.

⁷⁰⁷ Ibid., p. 395, 397.

⁷⁰⁸ GONCHAROV, Sergei; LEWIS, John; XUE, Litai. *Uncertain Partners: Stalin, Mao, and the Korean War*. Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 214–215, 217.

da resolução treze dias depois em que apontava a China como país agressor. Com isso, os Estados Unidos neutralizaram a possibilidade de concessões aos chineses no âmbito das Nações Unidas. No segundo caso, a nova direção de guerra dada por Mao não focava na retenção de posições e defensivas mesmo depois da tomada de Seul e continuou-se a ofensiva por mais dez dias ao sul do paralelo 38°. Mais que isso, o problema parece ter sido que o atendimento dos objetivos políticos pela ofensiva de janeiro de 1951, muito antes do esperado, parece ter criado uma contradição no julgamento de Mao. Pois, ele parecia ter a suposição e a expectativa que o momento de maior vantagem para qualquer barganha seria meses depois, entre abril e maio, para quando se planejava a maior ofensiva chinesa.⁷⁰⁹ Para ele, a possibilidade de maximização dos resultados dos campos de batalhas superava qualquer proposta de cessar-fogo.⁷¹⁰ A questão aqui não é simplesmente a falta de avaliação da correlação entre fins e meios, mas de ausência de julgamento de como os novos resultados estratégicos e diplomáticos serviram a produção de novos fins políticos chineses.⁷¹¹

Tal ausência de julgamento político por parte de Mao persistiu até maio, após o fracasso da Ofensiva da Primavera e a abertura da contraofensiva das forças norte-americanas. Apenas em junho, com avançado estágio de desarranjo das forças chinesas e norte-coreanas que Mao concedeu com a orientação de lutas limitadas enquanto se negociava. Apesar da revisão dos objetivos estratégicos e políticos chineses, manteve-se a anterior má qualidade de articulação entre a coalizão comunista, de decisão política chinesa e as operações militares, pois não existia um processo decisório e todas as questões foram levadas *ad hoc*. Consequentemente, quando da abertura das negociações de cessar-fogo, não existiam parâmetros de compromisso político com os Estados Unidos, muito menos metas de negociação de médio e longo prazo.

Correlacionando as condições políticas, estratégicas e logísticas iniciais para a guerra e suas outras prioridades políticas, tenho que criticar negativamente as decisões de Mao Tse-Tung ao apoiar uma intervenção que produzisse mais que a garantia do *status quo ante* da intervenção norte-coreana que favorecesse a redução mútua da presença militar de todas as partes. Dos pontos de vistas estratégicos e logístico, era necessária uma resolução política que permitisse o recuo e redução, pelo menos, parcial das forças chinesas da Coreia. Entre todas as partes envolvidas, quem possuía piores condições estruturais para seguir lutando era a China, sendo, portanto, quem deveria urgir e moldar os eventos estratégicos e diplomáticos para uma resolução aceitável quanto antes. Portanto, uma redução, senão uma retirada geral de forças estrangeiras da região, *inclusive das forças soviéticas*, servia mais a China naquele momento do que qualquer outro desenvolvimento. Ou seja, o custo de investimento para realizações de objetivos políticos mais ambiciosos demandava a suspensão ou postergação na realização de outros objetivos políticos chineses considerados essenciais, além do enorme risco envolvido.

Note-se que a má-orientação política de Mao não ocorreu num vácuo. Ele foi constante e diligentemente informado das condições relativas das forças chinesas por Peng e demais oficiais chineses. No entanto, como é comum na história da guerra, seus erros eram produtos de uma convicção própria. Ademais, os primeiros reveses no teatro de operação a partir de fevereiro e março também não justificavam a “má-influência” de Stalin. Os interesses particulares deste eram

⁷⁰⁹ CHRISTENSEN, Thomas J., *Useful Adversaries: Grand Strategy, Domestic Mobilization, and Sino-American Conflict, 1947-1958*, Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 144.

⁷¹⁰ FARRAR-HOCKLEY, Anthony, *The British Part in the Korean War, Vol. II: An Honourable Discharge*, London: HMSO, 1995, p. 104.

⁷¹¹ STUECK, *Rethinking the Korean War*, p. 140.

reconhecidos desde o início da intervenção chinesa e não podiam mais ser tomados como desculpa para os erros de Mao.

O comandante das forças chinesas Peng Dehuai não era um incompetente e um irresponsável. Ele assumiu improvisadamente o comando de um contingente organizado às pressas para operação em teatro e contra oponentes desconhecidos em condições logísticas precárias. Ainda assim, os resultados que seu comando produziu em janeiro de 1951 foram extraordinários. Possivelmente, ele merece ser registrado como o último grande general chinês.

Enquanto suas orientações políticas eram razoáveis, também assim o foram a qualidade de seus planos e decisões estratégicas. Até então, ele foi capaz de manter foco de seu planejamento e ter margem para prover resultados. As perdas sofridas no corredor central em fevereiro e em março em todo front foram previstas por ele. Porém, a ingerência de Mao em assuntos rotineiros de comando, os entraves com assessores soviéticos e o oficialato norte-coreano e o desafio administrativo de um segundo contingente militar chinês levaram a condições ainda piores de comando contra um novo comandante oponente que soube antecipar boa parte de seus movimentos. Isso refletiu no plano de sua segunda ofensiva.

Ele foi mal formulado – sendo extremamente complexo e otimista ao conduzir as mesmas linhas gerais de ataque no mesmo teatro da ofensiva anterior. Por um lado, esse foi um plano sem criatividade, mecanicista e sem entender completamente o que seu segundo contingente – particularmente o IX Grupo-de-Exércitos – era capaz de prover em termos combatentes: de fato, menos do que o primeiro e mais veterano contingente. Por outro lado, Peng parecia desejar se livrar quanto antes de sua responsabilidade, desde que parecia reconhecer ser incapaz de superar todas as deficiências de suas forças. Ademais, um erro replicado em todas as suas ofensivas era a ausência de planos de contingência e de parâmetros para o ponto culminante do ataque. Esse erro foi fatal no segundo pulso da ofensiva da primavera e o resultado desastroso.

No capítulo seis deste livro, eu aponte as deficiências logísticas e táticas das forças chinesas – incapazes de sustentar ofensivas por mais que poucos dias ao sul da Coreia do Norte e pouco capazes na condução de enfrentamentos defensivos. Enquanto, a primeira deficiência era irresolúvel no curto prazo, um comandante mais energético poderia ter imposto mais zelo de adaptação doutrinária sobre as unidades mais veteranas e bem equipadas do segundo contingente chinês. Ainda que os combatentes chineses fossem pouco versados em manobras defensivas, seus oficiais e resiliência própria dessas unidades comprovaram na contraofensiva norte-americana de maio – apesar das baixas sofridas – que tinham capacidade de adaptação no seu emprego tático.

Por fim, apenas muito tardiamente Peng foi capaz de ler suas condições relativas de força no teatro e explorar as melhores condições de concentrar suas forças no corredor central contra o X Corpo-de-Exército norte-americano. A competência questionável do seu comandante, o general Ned Almond, era conhecida desde novembro de 1950, bem como as vantagens de terreno, logísticas e táticas já haviam sido observadas nas batalhas de Hoengseong em fevereiro de 1951. Na única oportunidade em que Peng investiu maciçamente nesse setor – no segundo pulso da Ofensiva da Primavera – os resultados não foram alcançados em razão do desgaste de suas próprias forças após uma ofensiva e marchas forçadas para reposicionamento do setor ocidental e, fundamentalmente, em decorrência da idiosincrasia de algumas unidades norte-americanas que salvaram o dia.

13.2 AVALIAÇÃO E CRÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS

O impacto da Guerra Sino-americana no cálculo político dos Estados Unidos foi que ela tornou ainda mais complicado e urgente definições de sua política externa para a Ásia e a Guerra Fria que eram mal resolvidas desde junho de 1950. Ou seja, a indefinição da revisão dos objetivos políticos e metas bélicas contra a China se deu porque ainda não tinham sido definidas as finalidades para a guerra contra a Coreia do Norte. Existiam três objetivos políticos gerais de sua política externa para os quais não se sabia ao certo como materializar a partir da aplicação limitada de forças combatentes: a retirada de forças combatentes comunistas da Coreia do Sul, a contenção de futuras agressões comunistas à Coreia do Sul e a contenção ofensivas motivadas pela União Soviética em outras regiões do globo.⁷¹² Antes de novembro de 1950, a China não era considerada uma variável relevante para nenhuma delas. Portanto, o reconhecimento e, depois, o atendimento desses objetivos gerais, tendo que considerar uma resolução com a China como um objetivo político intermediário, demandou um ajuste de foco no emprego de todo o aparato norte-americano ainda em construção para o qual não havia qualquer preparo.

Assim, aponta-se que os Estados Unidos cometeram dois graves erros políticos de início. O primeiro erro foi que consideraram a Guerra da Coreia como um ato isolado do restante da Ásia. Ou seja, eles consideraram os efeitos da guerra apenas sobre seu principal rival: a União Soviética. Consequentemente, o segundo erro foi que os Estados Unidos não foram capazes de organizar uma resposta decisiva à intervenção chinesa, dando a Mao e Stalin tempo e a possibilidade de iniciativas estratégica e diplomática.⁷¹³ A surpresa estratégica da intervenção chinesa provocou tal choque e desamparo que os Estados Unidos não foram capazes de desenhar um rumo de ação efetivo por quase três meses. Tiveram os Estados Unidos reconhecido mais rapidamente o envolvimento chinês, eles poderiam, por exemplo, ter se preparado para o estabelecimento de linhas e pontos de defesa desde o início ou pelo menos a mais tempo. Esses erros eram identificados por Matthew Ridgway quando ele assumiu o comando do Oitavo Exército e embasavam a cautela no desenho de seu plano e de cada operação.⁷¹⁴

Numa avaliação de plano e efetivo comando de Ridgway, existe maior proximidade com a minha hipótese apresentada nos capítulos 4 e 8. Ridgway adequou sua primeira defensiva para preservação das forças combatentes e desgaste das chinesas. Ele reviu seu plano de uma única ofensiva original para duas de intentos distintos. Uma para reconquista da Coreia do Sul e criação de uma área tampão e uma segunda para compelir a abertura das negociações. Entre elas, a defensiva estratégica tinha o objetivo de assegurar os objetos estratégicos dessa guerra e impor baixas aos oponentes. Tomando como referência a tabela 13.1 novamente, note-se que os norte-americanos abriram sua primeira ofensiva com inferioridade nominal de números, mas ainda assim tiveram sucesso em razão das baixas condições logísticas chinesas para sustentar mais que 1/3 de suas forças efetivamente no front. Apesar disso, apenas em meados de março que Ridgway decidiu pela recaptura de Seul, o porto de Inchon e do paralelo 38º com clara observação do ponto culminante do ataque: ou seja, pela delimitação de um limiar do avanço onde as forças norte-americanas pudessem resistir a ataques chineses. A Linha Kansas respeitava essa concepção.

⁷¹² GEORGE, Alexander. American Policy-Making and the North Korean Aggression. In: **Korea and the Theory of Limited War**, Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 75.

⁷¹³ COTTRELL, Alvin; DOUGHERTY, James. The Lessons of Korea: War and the Power of Man. In: **Korea and the Theory of Limited War**, Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 81.

⁷¹⁴ RIDGWAY, Matthew B. **The Korean War**, New edition. New York: Da Capo Press, 1986, p. 12; 14; 53; 60–67.

Nesse sentido, é impressionante o efeito na correlação de forças da defensiva norte-americana contra a 2ª ofensiva chinesa, reduzindo o efetivo chinês em quase 100 mil soldados. Por fim, é importante ressaltar a significativa reversão da correlação de força entre maio e junho, que corrobora a proposição de Clausewitz quanto ao impacto estratégico da contraofensiva e perseguição em uma condição que o oponente ultrapassou o ponto culminante da vitória. Isso indica também a urgência chinesa para a abertura das negociações e concessão de recuar dos objetivos políticos apresentados em janeiro.

Ainda que de um ponto de vista da teoria da guerra de Clausewitz e de sua metodologia, assume-se a importância do comandante das forças combatentes na análise crítica da guerra, o papel de Matthew Ridgway na Guerra Sino-Americana foi um divisor de águas. Seu caso e devido reconhecimento em vida são coisas raras. Na história militar dos Estados Unidos desde então, apenas o general David Petraeus na contenção da insurgência iraquiana entre 2007 e 2013 teria um papel equivalente, mas muito menos crítico e definitivo.⁷¹⁵ Ridgway concebeu um modo de condução da guerra que ia contra a tradição de seu exército. Ainda que ele compartilhasse das mesmas experiências de seus colegas de oficialato, salta aos olhos sua distinção em relação a eles quanto à capacidade de negar concepções estratégicas determinísticas e padronizadas, mesmo que tivessem auferido sucessos anteriores. Ele negou a experiência marcial da Segunda Guerra Mundial e adaptou as bases doutrinárias ao contexto dessa guerra e ao seu plano. Com isso, ele contrariou seus pares e seu próprio estamento, tendo como consequência ser uma figura *muito reconhecida, porém pouco conhecida*. Talvez a maldição que acompanhou essa falta de consideração do legado de Ridgway, e aprender suas lições sobre a condução de guerras limitadas, foi o fato de que os Estados Unidos nunca mais tiveram um general capaz de materializar planos de campanha com resultados obtidos por Ridgway na guerra na Coreia e outras que se desenrolaram depois dela, com a exceção da Guerra do Golfo em 1991.

Ridgway teve duas características adicionais singulares. Primeiro, ele teve que lidar com o maior e mais variado contingente de forças multinacionais em termos nominais e proporcionais de uma coalizão desde então. A viabilidade dessa empreitada que marcou as características organizacionais da OTAN e o padrão norte-americano na composição desse tipo de força na atualidade. Segundo, Ridgway atuou como autoridade representativa plenipotenciária nas negociações com a China. Ele demonstrou grande desconforto na atuação desse papel e, de fato, foi aquele em que ele teve mais baixo desempenho. Ainda assim, ele foi capaz de ungir as orientações, às vezes, ambíguas, às vezes confusas de Washington, e compreender e perseguir as reais intenções políticas por trás delas.

Deve-se reconhecer ainda o papel do general James Van Fleet em elevar ainda mais o desempenho combatente do Oitavo Exército, principalmente, das divisões sul-coreanas e torna-las unidades críveis, logo úteis, estrategicamente. O Oitavo Exército norte-americano nunca mais foi capaz de manter o alto desempenho depois de 1951. Primeiro, porque, após o início das negociações e estabilização do teatro de operações coreano, a ênfase no reforço do contingente militar na Alemanha se acentuou. Segundo, teve início a política de rotação de soldados, o que produziu queda na coesão e proficiência operacional das divisões norte-americanas. Terceiro, como compensação, passou a existir ainda maior ênfase na constituição das forças combatentes sul-coreanas, com mais atenção a seleção, treinamento de soldados e educação de oficiais.⁷¹⁶

⁷¹⁵ DUARTE, Érico. Uma Análise Crítica Preliminar da Estratégia do Surge no Iraque, 2007-2010, *Conjuntura Austral*, v. 4, n. 15-16, p. 32-48, 2013.

⁷¹⁶ FAUTUA, David T. The "long pull" Army: NSC 68, the Korean War, and the creation of the Cold War U.S. Army, *The Journal of Military History*, v. 61, n. 1, p. 93, 1997, p. 113-114.

No entanto, preciso apontar que ambos os comandantes norte-americanos erraram na organização da defensiva estratégica contra o segundo pulso da ofensiva chinesa da primavera. A brevidade do primeiro pulso e a baixa densidade do front no corredor central não os autorizavam repetir a má decisão de concentração de divisões sul-coreanas no corredor central, executada na Batalha de Hoengseong em fevereiro de 1951, e teve um preço quase decisivo. Não fossem as atuações das 2ª e 3ª Divisões norte-americanas, o resultado da Batalha do Rio Soyang seria outro.

Por um lado, enquanto a 2ª Divisão, em especial seu 23º Regimento, já fosse a unidade mais decisiva da guerra, cumprindo missões fundamentais nas batalhas de Chipyeong-ni, Wonju, entre outras, sua centralidade e sucesso na última grande batalha da Guerra Sino-Americana deu-se, em boa medida, pelo acaso. Pelo encontro inesperado e desinformado da coluna de infiltração chinesa no flanco do ataque à linha sul-coreana. Pelas fontes que temos acesso, não existiu antecipação ou avaliação situacional que orientasse a importância de seu bloqueio e que se essa infiltração chinesa expandisse para uma ruptura, ela ameaçaria toda a linha defensiva do Oitavo Exército no setor ocidental. Por outro lado, não existia precedência para o tipo de deslocamento e emprego da 3ª Divisão, tempestivamente da defesa de Seul para percorrer entre 150 e 200 quilômetros e contenção dos três pontos de ruptura das divisões sul-coreanas nessa batalha. Isso foi resultado de um desempenho de serviços logísticos e uma sincronia entre unidades aéreas e terrestres replicados apenas na Operação Tempestade do Deserto, porém com incomparável disponibilidade de recursos e planejamento.

Nesse sentido, a Guerra Sino-americana ressalta a centralidade do combate na guerra. Mais incisivamente, governos e sociedades importam para a guerra, mas sua decisão é sujeita ao ambiente de acaso e espírito criativo em que as diferentes qualidades de comandantes e forças combatentes operam. Mesmo a maravilha tecnológica militar do século 21 não é capaz de ofuscar esses aspectos da natureza da guerra e não deve ofuscar o reconhecimento de quando feitos como esses são realizados.

Por fim, uma crítica negativa a MacArthur parece ser desnecessária desde que ele passou a ser considerado como um ponto de vulnerabilidade da coalizão das Nações Unidas pelos seus próprios pares – norte-americanos e chineses. Como primeiro Comandante do Extremo Oriente, MacArthur tinha uma posição de enorme poder. Possivelmente por isso mesmo que ele exacerbou seus traços de egocentrismo até a insubordinação. Isso foi sua derrocada. Apesar da notoriedade que ganhou em vida, MacArthur tornou-se a personificação do mau exemplo de comandante em uma república democrática. As colocações ao seu respeito teriam sempre um tom irônico com alusões a sua “majestade”. Possivelmente na história dos Estados Unidos, apenas Benedict Arnold recebeu maior notoriedade pela má-conduta e derrocada como comandante. Porém, o caso de Arnold foi de traição à Revolução Americana, o que mostra quão grave tem sido a imagem de MacArthur.

13.3 AS IMPLICAÇÕES DA GUERRA SINO-AMERICANA

Como uma guerra limitada, os resultados políticos da Guerra Sino-americana não eram polares entre si – ou que se denomina como um “jogo de soma zero”. Seus resultados foram distintos sobre as principais potências envolvidas e foram percebidos também em tempos diferentes.

Para a China, a continuidade na Guerra mesmo depois da impossibilidade da vitória tinha seu valor e significado pela assistência que ela garantiu da União Soviética. Por volta de 1952, com realização da maior parte da transferência militar acordada em 1951, a China havia adquirido tudo o

que queria em termos de material bélico, com exceção de armamento nuclear. Mas a China dispunha de equipamento impensável quando desenhado sua parceria estratégica com a União Soviética na negociações entre dezembro de 1949 e janeiro de 1950.

Adicionalmente, a mobilização da sociedade chinesa para o estado de guerra deu a oportunidade para a concentração de poder nas mãos de Mao e do Partido Comunista. Essa mobilização política permitiu mudanças estruturais importantes durante e posterior à guerra, como: a coletivização da agricultura, a nacionalização da indústria e campanha contra os grupos remanescentes do regime político anterior sob Chiang Kai-shek.⁷¹⁷

Apesar desse otimismo de Mao, a guerra contra os Estados Unidos foi um desastre econômico e de política externa e se questiona se a aquisição desse material bélico e da salvaguarda da Manchúria, da forma como foram alcançados, justificaram a maior intervenção militar da história da China, com o emprego de 2,3 milhões de soldados, 672 pilotos, e 600 mil civis como mão de obra, com o custo de:

- Um milhão de baixas, sendo 150 mil mortos, 383 mil feridos, 450 mil hospitalizados e 21,7 mil prisioneiros;
- 3,3 bilhões de dólares em perdas materiais (valor da época);
- 5,6 milhões de toneladas de perda de bens e suprimentos, incluindo quase 4 mil aviões e 13 mil veículos.⁷¹⁸

Os custos econômicos e a mobilização política da sociedade dessa guerra ecoaram sob toda a era Mao, especialmente porque eles foram reforçados pelo isolamento chinês da Ásia e do mundo e pela dependência soviética. Além disso, com a assistência militar soviética veio sua influência sobre as forças armadas chinesas, que foi duramente confrontada a partir de expurgos nos anos 1950 e depois da Revolução Cultural. Apenas nos 1970, com ascensão de Deng Xiapoing que a China superou as consequências da Guerra Sino-americana.

Por parte da União Soviética, Stalin entendia que o prolongamento da guerra com a China distanciaria os Estados Unidos da Europa e drenaria dólares e vidas.⁷¹⁹ De fato, no curto prazo, a União Soviética se beneficiou do atendimento do objetivo de distanciar a China dos Estados Unidos, possível ainda pela perpetuação da Coreia do Norte como um estado dentro da zona de influência soviética. Além disso, ela teve baixo custo pelo ganho de experiência e aprendizado das capacidades militares norte-americanas. No entanto, os Estados Unidos nunca perderam o foco na Europa e a Guerra Sino-americana não afetou a economia norte-americana. Pelo contrário, numa perspectiva mais ampla e de longo prazo, ela provocou o rearmamento dos Estados Unidos e a militarização da Guerra Fria. Nesse sentido, segurança e objetivos estratégicos soviéticos, principalmente, na Europa, foram constrangidos.⁷²⁰

Para os Estados Unidos, a Guerra Sino-americana implicou na formulação de uma grande estratégia e na maturação de um aparato institucional adequado para tal. Antes disso, os Estados

⁷¹⁷ JIAN. *China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation*, p. 220–223.

⁷¹⁸ ZHANG. *Mao's Military Romanticism*, p. 247; LI, Xiaobing; MILLET, Allan; YU, Bin, Introduction, In: *Mao's Generals Remember Korea*, Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 5–6.

⁷¹⁹ MILLETT, Allan R. *The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North*, Lawrence: University Press of Kansas, 2010, p. 13–14.

⁷²⁰ GONCHAROV; LEWIS; XUE. *Uncertain Partners*, p. 202.

Unidos tiveram uma política externa global reativa, desarticulada entre seus vários instrumentos e subfinanciada. Apesar dos custos e crises na conduta dessa guerra, eles foram o lado que saiu mais fortalecido. Contraditoriamente, isso não impediu que houvesse reveses negativos no longo prazo. Primeiro, a forma de deflagração da guerra e a controvérsia institucional doméstica para sua conduta provocaram a degradação do controle legislativo de guerras norte-americanas. De fato, deste caso em adiante, os Estados Unidos muito raramente travariam “guerras” no seu sentido jurídico e claramente reconhecido, mas conduziria “operações de estabilização”, “intervenções humanitárias” e outras formulações eufemísticas que reduziam o controle do Congresso sobre Executivo e mal informavam e engajavam a sociedade nas instancias de uso da força no estrangeiro. Segundo, a Guerra Sino-americana reproduziu a divisória bipolar na Ásia com reforçada presença norte-americana, o que pôs por terra a proposta de um pacto que lançasse as bases de multilateralismo e regimes regionais em troca de acordos e relações bilaterais com os Estados Unidos e Japão. De certa maneira, isso inibiu o desenvolvimento regional e foi apenas retomado com o fim da Guerra Fria nos anos 1990. Terceiro, pelas circunstâncias das operações militares e das negociações de cessar-fogo e da idiosincrasia de Matthew Ridgway, as lições de guerras limitadas não foram devidamente aprendidas, principalmente, pelo Exército norte-americano e erros doutrinários e de conduta foram cometidos novamente nas guerras limitadas futuras, com destaque para a Guerra do Vietnã.

REFERÊNCIAS

- ACHESON, Dean. **The Korean War**. New York: W. W. Norton, 1971.
- ALLISON, Fred. Perfecting close air support in Korea. **Naval History**, v. 20, n. 2, p. 45, [s.n.], 2006.
- ANGSTROM, Jan; WIDEN, J. J. **Contemporary Military Theory: Dynamics of War**. London; New York: Routledge, 2015.
- APPLEMAN, Roy Edgar. **Ridgway Duels for Korea**. Texas: Texas A&M University Press, 1990.
- ART, Robert. Coercive diplomacy: What Do We Know? *In*: ART, Robert; CRONIN, Patrick (Org.). **The United States and Coercive Diplomacy**. Washington: United States Institute of Peace, 2003.
- BARNES, Robert. Branding an Aggressor: The Commonwealth, the United Nations and Chinese Intervention in the Korean War, November 1950–January 1951. **Journal of Strategic Studies**, v. 33, n. 2, p. 231–253, 2010.
- BARNES, Robert. Branding the Aggressor: The Commonwealth, the United Nations and Chinese Intervention in the Korean War, November 1950–January 1951. *In*: CASEY, Steven (Org.). **The Korean War at Sixty: New Approaches to the Study of the Korean War**. New York: Routledge, 2012, p. 69–92.
- BASSFORD, Christopher. John Keegan and the Grand Tradition of Trashing Clausewitz. **War in History**, v. 1, n. 3, p. 319–336, 1994.
- BENNETT, D. Scott; STAM III, Allan. The Duration of Interstate Wars. **The American Political Science Review**, v. 90, n. 2, p. 239–257, 1996.
- BERGER, Carl. **The Korea Knot: A Military-Political History**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1957.
- BETTWY, Samuel William. **The Korean War Termination Experience, 1951-1953: Strategy and Policy Lessons Learned**. Rochester, NY: Social Science Research Network, 2015. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=2604615>. Acesso em: 19 out. 2018.
- BI, Jianxiang. **On the Strategies of East Asian Limited Wars: States, Militaries, Technologies**. Tese (Doutorado) – Carleton University, 1996.
- BICKEL, Keith B. **Mars Learning: The Marine Corp's Development of Small Wars Doctrine, 1915-1940**. Boulder: Westview Press, 2000.
- BLAIR, Clay. **The Forgotten War: American in Korean, 1950-1953**. New York: Anchor, 1987.
- BLOOMFIELD, Lincoln Palmer. **International Military Forces**. Boston: Little, Brown, 1964.
- BOOSE, Donald. **US Army Forces in the Korean War 1950-53**. Oxford: Osprey Publishing, 2005.
- BYMAN, Daniel; WAXMAN, Matthew. **The Dynamics of Coercion: American Foreign Policy and the Limits of Military Might**. New York: Cambridge University Press, 2002.

CENTENO, Miguel. **Blood and Debt: War and the Nation-State in Latin America**. Philadelphia: Penn State University Press, 2003.

CHRISTENSEN, Thomas J. Threats, Assurances, and the Last Chance for Peace: The Lessons of Mao's Korean War Telegrams. **International Security**, v. 17, n. 1, p. 122, 1992.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Vom Kriege**. Düsseldorf: Null Papier Verlag, 2012.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On War**. Princeton: University of Princeton Press, 1984.

COLEMAN, J.D. **Wonju: The Gettysburg of the Korean War**. Illustrated edition. Washington: Brassey's US, 2000.

CONNOR, Robert. Defensive Operations: The Defense of No Name Line in the Korean War. In: **Combined Arms in Battle since 1939**. Fort Leavenworth: Combat Studies INstitute, 1992, p. 75–82.

CORBETT, Julian S. **Some Principles of Maritime Strategy**. London, New York: Longmans, Green and Co., 1911.

CORBETT, Julian S. **Some Principles of Maritime Strategy**. Project Gutenberg eBook, 2005.

CORBETT, Sir Julian S. **Maritime Operations in the Russo-Japanese War, 1904-1905: Volume One**. Annapolis: Naval Institute Press, 2015.

COTTRELL, Alvin; DOUGHERTY, James. The Lessons of Korea: War and the Power of Man. In: **Korea and the Theory of Limited War**. Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 79–92.

CRANE, Conrad. Raiding the beggar's pantry: The search for airpower strategy in the Korean War. **The Journal of Military History**, v. 63, n. 4, p. 885, 1999.

DEHUAL, Peng. **Memoirs of a Chinese Marshal: The Autobiographical Notes of Peng Dehuai (1898-1974)**. Honolulu: University Press of the Pacific, 2005.

DEHUAL, Peng. My Story of the Korean War. In: **Mao's Generals Remember Korea**. Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 30–37.

DENG, Feng. Negotiations before Negotiations: China's Alliance Politics and the Prelude to the Kaesong Talks, 1950-1951. **Journal of Sino-Western Communications**, v. 5, n. 2, p. 13–32, 2013.

DICKENS, Samuel. USAF Reconnaissance during the Korean War. In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). **Coalition Air Warfare in Korea**. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 239–253.

DINIZ, Eugenio; PROENÇA JUNIOR, Domício. A Criterion for Settling Inconsistencies in Clausewitz's On War. **Journal of Strategic Studies**, v. 37, n. 6–7, p. 879–902, 2014.

DONNELLY, William. "The Best Army that Can Be Put in the Field in the Circumstances": The US Army, July 1951-July 1953. **Journal of Military History**, v. 71, n. 3, p. 809–847, 2007.

DONNELLY, William. Thunderbirds in Korea: The U.S. 45th Infantry Division, 1950-1952. **The Journal of Military History**, v. 64, n. 4, p. 1113, 2000.

DOUGHERTY, Kevin. **The United States Military in Limited Wars: Case Studies in Success and failure, 1945-1999**. Jefferson: McFarland, 2012.

DUARTE, Érico. A Conduta da Guerra na Era Digital e suas Implicações para o Brasil: uma Análise de Conceitos, Políticas e Práticas de Defesa. **Texto para Discussão (Ipea)**, v. Junho, 2012.

DUARTE, Érico. **A Independência Norte Americana: Guerra, Revolução e Logística**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

DUARTE, Érico. Uma Análise Crítica Preliminar da Estratégia do Surge no Iraque, 2007-2010. **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 15–16, p. 32–48, 2013.

DUARTE, Érico; MACHADO, Luis Rodrigo. Uma Análise Crítica da Guerra das Malvinas/Falklands pela Teoria das Operações Marítimas em Guerras Limitadas de Corbett. *In: ENCONTRO DA ENABED*, 10. **Anais [...]** São Paulo: Abed, 2018.

DUYVESTEYN, Isabelle. **Clausewitz and African Wars** – Politics and Startegy in Liberia and Somalia. New York: Frank Cass, 2004.

ECKER, Richard. **Korean Battle Chronology**. Jefferson: McFarland, 2005.

EDWARDS, Paul. **Korean War Almanac**. New York: Facts on Life, 2006.

EDWARDS, Paul M. **Combat Operations of the Korean War: Ground, Air, Sea, Special and Covert**. [s.l.]: McFarland, 2009.

EDWARDS, Paul M. **United Nations Participants in the Korean War**. Jefferson: McFarland & Company, 2013.

ELLIS, J. W.; GREENE, T. E. The Contextual Study: A Structured Approach to the Study of Political and Military Aspects of Limited War. **Operations Research**, v. 8, n. 5, p. 639–651, 1960.

ENGLISH, John A.; GUDMUNDSSON, Bruce I. **On Infantry**. Revised. Westport: Praeger, 1994.

EVANHOE, Ed. **Darkmoon: Eighth Army Special Operations in the Korean War**. Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 1995.

FARRAR-HOCKLEY, Anthony. **The British Part in the Korean War: A Distant Obligation**. London: HMSO, 1990.

FARRAR-HOCKLEY, Anthony. **The British Part in the Korean War: An Honourable Discharge**. London: HMSO, 1995.

FARTUA, David. The “Long Pull” Army: NSC 68, the Korean War, and the Creation of the Cold War U.S. Army. **Journal of Military History**, v. 61, n. 1, p. 93–120, 1997.

FEHRENBACH, T.R. **This Kind of War: The Classic Korean War History – Fiftieth Anniversary Edition**. Dulles: Brassey’s, 2000.

FINNEGAN, John. The Intelligence War in Korea: an Army Perspective. *In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). Coalition Air Warfare in Korea*. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 203–226.

FOOT, Rosemary. **A Substitute for Victory: The Politics of Peacemaking at the Korean Armistice Talks**. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

FREEDMAN, Lawrence. Ukraine and the Art of Limited War. **Survival**, v. 56, n. 6, p. 7–38, 2014.

- FRIEDMAN, N. **Fifty-Year War**: Conflict and Strategy in the Cold War. Annapolis: Naval Institute Press, 2000.
- FUTRELL, Robert F. **The United States Air Force in Korea, 1950-1953**. Washington: United States Government Printing, 1997.
- GAT, Azar. **A History of Military Thought**: From the Enlightenment to the Cold War. 1. ed. New York: Oxford University Press, USA, 2002.
- GEORGE, Alexander. American Policy-Making and the North Korean Aggression. *In: Korea and the Theory of Limited War*. Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 66–79.
- GIANGRECO, Dennis M. **Artillery in Korea**: Massing fires and Reinventing the Wheel. Leavenworth: US Command and General Staff College, 2003.
- GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. New York: Cambridge University Press, 1983.
- GODWIN, Paul. Change and Continuity in Chinese Military Doctrine, 1949-1999. *In: Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949*. Amonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 23–55.
- GOLDHAMER, Herbert; CORPORATION, Rand. **The 1951 Korean Armistice Conference**: A Personal Memoir. Santa Barbara: Rand, 1994.
- GONCHAROV, Sergei; LEWIS, John; XUE, Litai. **Uncertain Partners**: Stalin, Mao, and the Korean War. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- GOODRICH, Leland. **Korea**: A Study of U.S. Policy in the United Nations. Washington: Council on Foreign Relations, 1956.
- GOUGH, Terrence J. **US Army Mobilization and Logistics in the Korean War**: A Research Approach. Washington: US Center of Military History, 1987.
- GRAY, Colin. Across the Nuclear Divide, Strategic Studies Past and Present. **International Security**, v. 2, n. 1, p. 24–46, 1977.
- GRIFFIN, Christopher. From Limited War to Limited Victory: Clausewitz and Allied Strategy in Afghanistan. **Contemporary Security Policy**, v. 35, n. 3, p. 446–467, 2014.
- GRYGIEL, Jakub; MITCHELL, Wes. Limited War Is Back. **National Interest**, n. 133, p. 37–44, 2014.
- GUGELER, Russell A. **Combat Actions in Korea**. [s.l.]: University Press of the Pacific, 1954.
- GUTTMAN, Allen. **Korea and the Theory of Limited War**. Lexington: DC Heath & Company, 1967.
- HAAS, Michael E. **In the Devil's Shadow**: UN Special Operations During the Korean War. Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 2000.
- HAKON, Ostholt. **The First Year of Korean War**: The Road toward Armistice. Tese (Doutorado) – Kent State University, 1982.
- HALPERIN, M.H. The Limiting Process in the Korean War. *In: Korea and the Theory of Limited War*. Lexington: DC Heath & Company, 1967, p. 92–106.
- HAMBURGER, Kenneth Earl. **Leadership in the Crucible**: The Korean War Battles of Twin Tunnels and Chip'yong-Ni. Austin: Texas A&M University Press, 2003.

- HANDEL, Michael. Corbett, Clausewitz, and Sun Tzu. **Naval War College Review**, v. 53, n. 4, p. 106, 2000.
- HANSON, Thomas. The Eighth Army's Combat Readiness Before Korea: A New Appraisal. **Armed Forces & Society**, v. 29, n. 2, p. 167–184, 2003.
- HARUKI, Wada. **The Korean War: an International History**. Plymouth: Rowman & Littlefield, 2014.
- HAWKINS, William. Imposing peace: Total vs. Limited Wars, and the Need to Put Boots on the Ground. **Parameters**, v. 30, n. 2, p. 72, 2000.
- HERMANSEN, M. **United States Military Logistics in the First Part of the Korean War**. Dissertação (Mestrado) – University of Oslo, Oslo, 2000.
- HERMES, Walter. **United States Army in the Korean War: Truce Tent and Fighting Front**. Washington: US Center of Military History, 1992.
- HESS, Gary. **Presidential Decisions for War: Korea, Vietnam, the Persian Gulf, and Iraq**, second edition. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.
- HOUSE, J. **Combined Arms Warfare in the Twentieth Century**. Lawrence: University Press of Kansas, 2001.
- HOYT, Edwin Palmer. **The Day the Chinese Attacked: Korea, 1950: the Story of the Failure of America's China Policy**. New York: McGraw-Hill Pub. Co., 1990.
- HU, Wanli. **Mao's American Strategy and the Korean War**. Tese (Doutorado) – Universidade de Massachusetts, Amherst, 2005.
- HUNTINGTON, Samuel. **O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- HUSTON, J. A. **Guns and butter, powder and rice: U.S. Army Logistics in the Korean War**. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 1989.
- WIDEN, J. J. Sir Julian Corbett and the Theoretical Study of War. **Journal of Strategic Studies**, v. 30, n. 1, p. 109, 2007.
- JACKSON, Colin. Lost Chance or Lost Horizon? Strategic Opportunity and Escalation Risk in the Korean War, April–July 1951. **Journal of Strategic Studies**, v. 33, n. 2, p. 255–289, 2010.
- JAKOBSEN, Peter Viggo. Coercive Diplomacy. In: COLLINS, Allan (Org.). **Contemporary Security Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- JAKOBSEN, Peter Viggo. Pushing the Limits of Military Coercion Theory. **International Studies Perspectives**, v. 12, n. 2, p. 153–170, 2011.
- JERVIS, R. The Impact of the Korean War on the Cold War. **Journal of Conflict Resolution**, v. 24, n. 4, p. 563–592, 1980.
- JIAN, Chen. **China's Road to the Korean War: The Making of the Sino-American Confrontation**. New York: Columbia University Press, 1994.
- JIAN, Chen. In the Name of Revolution: China's Road to the Korean War Revisited. In: **The Korean War in World History**. Lexington: University Press of Kentucky, 2004.

- JIANXIANG, Bi. **The impact of Clausewitz on Mao: war and politics**. Dissertação de mestrado, University of Alberta, Edmonton, 1989. Disponível em: <https://era.library.ualberta.ca/public/view/item/uuid:a2bb3570-c6de-4b85-8dc2-d54b883200e6> . Acesso em: 4 mar. 2012.
- JONES, R.K. Limited warfare as a pragmatic concern: The bounds of domestic consensus, the controlled use of force, and United States security. **DAI**, v. 57, n. 01A, p. 290, 1995.
- JONES, Robert Keith. **Limited Warfare as a Pragmatic Concern**. Tese (Doutorado) – Louisiana State University, Baton Rouge, 1995.
- JORDAN, Kelly C. **Three Armies in Korea: The Combat Effectiveness of the United States Eighth Army in Korea, July 1950-June 1952**. Tese (Doutorado) – The Ohio State University, Columbus, 1999.
- JOWETT, Phillip. **Chinese Civil War Armies, 1911-1949**. Oxford: Osprey, 1997.
- JOY, Turner C. **How Communists Negotiate**. New York: Macmilian, 1955.
- KAUFMANN, Burton. **The Korean War: Challenges in Crisis, Credibility, and Command**. New York: Newbery, 1986.
- KIM, Jin Kyung. **The Evolution of the Korean War and the Dynamics of Chinese Entry**. Tese (Doutorado) – University of Hawaii, Honolulu, 1996.
- KING, Benjamin. Transportation in the Korean War,. *In*: NEUFELD, Jacob; WATSON, George (Org.). **Coalition Air Warfare in Korea**. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 305–314.
- KNIGHT, Peter. Intelligence. *In*: BOOSE, Donald; MASTRAY, James (Org.). **The Ashgate Research Companion to the Korean War**. London: Rombach, 2014, p. 199–212.
- KOREA INSTITUTE OF MILITARY HISTORY. **The Korean War**, Volume 2. Lincoln: University of Nebraska Press, 2001.
- KRINER, Douglas; SHEN, Francis. Limited War and American Political Engagement. **The Journal of Politics**, v. 71, n. 04, p. 1514–1529, 2009.
- KRULAK, V. **First to Fight**. Annapolis: Naval Institute Press, 1984.
- LAYNE, C. The Unipolar Illusion Revisited: The Coming End of the United States' Unipolar Moment. **International Security**, v. 31, n. 2, p. 7–21, 2006.
- LEARY, William M. **Anything Anywhere Anytime: Combat Cargo in the Korean War**. Honolulu: University Press of the Pacific, 2005.
- LEE, Heajeong. **The Making of American hegemony from the Great Depression to the Korean War**. Illinois: Northwestern University, 1998.
- LEVINE, Alan. **Stalin's Last War; Korea and the Approach to World War III**. McFarland: Jefferson, 2005.
- LI, Xiaobing. **China's Battle for Korea: The 1951 Spring Offensive**. Bloomington: Indiana University Press, 2014.
- LI, Xiaobing; MILLET, Allan; YU, Bin. **Mao's Generals Remember Korea**. Lawrence: University Press of Kansas, 2001.

- LICHTERMAN, Martin. Korea: Problems in Limited War. *In: National Security in the Nuclear Age: Basic Facts and Theories*. New York: Praeger, 1960, p. 31–56.
- MAHONEY, Kevin. **Formidable Enemies: The North Korean and Chinese Soldier in the Korea War**. New York: Presidio Press, 2001.
- MALKASIAN, Carter. **A History of Modern Wars of Attrition**. Westport: Praeger, 2002.
- MALKASIAN, Carter. Toward a Better Understanding of Attrition: The Korean and Vietnam Wars. **The Journal of Military History**, v. 68, n. 3, p. 911–942, 2004.
- MANSOUROV, Alexander. **Communist War Coalition Formation and the Origins of Korean War**. Tese de (Doutorado) – Universidade de Columbia, 1997.
- MATRAY, James I. Mixed Message: The Korean Armistice Negotiations at Kaesong. **Pacific Historical Review**, v. 81, n. 2, p. 221–244, 2012.
- MCCANN, David R.; STRAUSS, Barry S. **War and Democracy: A Comparative Study of the Korean War and the Peloponnesian War**. New Ed. New York: East Gate Book, 2001.
- MCGLOTHLEN, Ronald L. **Controlling the Waves: Dean Acheson and U.S. Foreign Policy in Asia**. New York: W W Norton, 1993.
- MCLELLAN, D.S. Dean Acheson and the Korean War. **Political Science Quarterly**, v. 83, n. 1, p. 16–39, 1968.
- MILLER, Jerry. Air Power Coordination during the Korean War. *In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). Coalition Air Warfare in Korea*. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 178–200.
- MILLETT, Allan R. **Semper Fidelis (Macmillan Wars of the United States)**. New York: Free Press, 1991.
- MILLETT, Allan R. **The War for Korea, 1945-1950: A House Burning**. Lawrence: University Press of Kansas, 2005.
- MILLETT, Allan R. **The War for Korea, 1950-1951: They Came from the North**. Lawrence: University Press of Kansas, 2010.
- MINISTRY OF PATRIOTS & VETERANS AFFAIRS. **Brother Nations, Korea and Turkey: A History of Turkish Soldiers' Participation in the Korean War**. Seoul: Republic of Korea, 2007.
- MITCHELL, George Charles. **Matthew B. Ridgway: Soldier, Statesman, Scholar, Citizen**. [s.l.]: Stackpole Books, 2002.
- MOSSMAN, Billy. **Ebb and Flow: November 1950 – July 1951**. Washington: Center of Military History – United States Army, 1990.
- MOTT IV, William. **The Philosophy of Chinese Military Culture: Shih vs. Li**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- MOUNT, Graeme Stewart; LAFERRIÈRE, André. **The Diplomacy of War: the Case of Korea**. Montreal: Black Rose Books, 2004.

- NA, Jongnam. **Making Cold War Soldiers** : the Americanization of the South Korean Army, 1945-1955. Tese (Doutorado) – University of North Carolina, Chapel Hill, 2006.
- NAKAJIMA, M. The Sino-Soviet Confrontation: Its Roots in the International Background of the Korean War. **The Australian Journal of Chinese Affairs**, n. 1, p. 19–47, 1979.
- OSGOOD, Robert E. **Limited War Revisited**. Boulder, Colo: Westview Pr, 1979.
- OSTHOLM, Hakon. **The First Year of Korean War; The Road toward Armistice**. Tese (Doutorado), Kent State University, 1982.
- PIERPAOLI, Paul G. **Truman and Korea**: The Political Culture of the Early Cold War. Columbia: University of Missouri Press, 1999.
- POOLE, John. **Phantom Soldier**: The Enemy's Answer to U.S. Firepower. Emerald Isle: Posterity Press, 2001.
- PROENÇA JÚNIOR, Domício; DUARTE, Érico. Os Estudos Estratégicos como Base Reflexiva da Defesa Nacional. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 50, n. 1, p. 29–46, 2007.
- RIDGWAY, Matthew B. **The Korean War**. New edition. New York: Da Capo Press, 1986.
- RIDGWAY, Matthew B. **Why We Are Here?** [s.l]: [s.m], 1951.
- RIGGS, James Richard. **Congress and the Conduct of the Korean War**. Purdue University, 1972.
- ROE, P. **The Dragon Strikes**: China and Korean War, June-December 1950. Novato: Presidio, 2000.
- ROE, Patrick C. The Ghost of Manchuria. In: NEUFELD, Jacob; WATSON JR, George (Org.). **Coalition Air Warfare in Korea**. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 227–238.
- RONGZHEN, Nie. Beijing's Decision to Intervene. In: **Mao's Generals Remember Korea**. Lawrence: University Press of Kansas, 2001.
- ROTTMAN, Gordon L. **Korean War Order of Battle**: United States, United Nations, and Communist Ground, Naval, and Air Forces, 1950-1953. Santa Barbara: Praeger Publishers, 2002.
- RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David; MCDEVITT, Michael A. Introduction. In: **Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949**. Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 3–22.
- SCHELLING, Thomas C. **Arms and Influence**. Santa Barbara: Praeger, 1977.
- SCHNABEL, James F.; WATSON, Robert J. **The Joint Chiefs of Staff and National Policy**: Volume III 1951-1953 The Korean War Part Two. Washington: Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff, 1998.
- SHEN, Zhihua. China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese–Soviet–Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War. **Journal of Strategic Studies**, v. 33, n. 2, p. 211–230, 2010.
- SHEN, Zhihua. China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese–Soviet–Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War. In: CASEY, Steven (Org.). **The Korean War at Sixty**: New Approaches to the Study of the Korean War. London: Routledge, 2014, p. 49–68.
- SHENG, Michael. Chinese Intervention. In: **The Ashgate Research Companion to the Korean War**. London: Routledge, 2014, p. 359–370.

- SHRADER, Charles R. **Communist Logistics in the Korean War**: Westport: Greenwood Press, 1995.
- SHRADER, Charles R. **U.S. Military Logistics, 1607-1991**: A Research Guide. annotated edition. Westport: Greenwood Press, 1992.
- SIMMS, Brendan. **Three Victories and a Defeat**: The Rise and Fall of the First British Empire. 1st edition. New York: Basic Books, 2008.
- SOFFER, Jonathan. **General Matthew B. Ridgway**: from Progressivism to Reaganism, 1895-1993. Westport: Praeger, 1998.
- STANLEY, Elizabeth A. Ending the Korean War: The Role of Domestic Coalition Shifts in Overcoming Obstacles to Peace. **International Security**, v. 34, n. 1, p. 42–82, 2009.
- STEWART, Richard W. **Staff operations**: The X Corps in Korea, December 1950. Kansas: U.S. Army Command and General Staff College, 1991.
- STUECK, William. **Rethinking the Korean War**: A New Diplomatic and Strategic History. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- SUIT, William W. US Air Force Korean Logistics. In: NEUFELD, Jacob; WATSON, George (Org.). **Coalition Air Warfare in Korea**. Washington: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 259–277.
- SUIT, William W. USAF Logistics in the Korean War. **Air Power History**, v. 49, n. 1, p. 46, 2002.
- THORNTON, Richard. **Odd Man Out**: Truman, Stalin, Mao, and the Origins of the Korean War. Washington: Brassey's, 2000.
- TSE-TUNG, Mao. **Selected Works of Mao Tse-Tung Volume II**. [s.l.]: Foreign Language Press, 1967. Disponível em: <http://www.marx2mao.com/PDFs/MaoSW2.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019.
- TUCKER, Spencer. **Encyclopedia of the Korean War**: A Political, Social and Military History. New York: Checkmark Books, 2002.
- US ARMY. **FM 100-5**: Operations. Washington: [s.n.], 1949.
- VALENTINE, Janet Graff. **The American Soldiers in the Korean War**. Tese (Doutorado) – University of Alabama, Tuscaloosa, 2002.
- WEATHERSBY, Kathryn. Stalin and the Decision for War in Korea. In: **War and Democracy**: A Comparative Study of the Korean War and the Peloponnesian War. New York: East Gate Book, 2001.
- WEATHERSBY, Kathryn. The Soviet Role in the Korean War: the State of Historical Knowledge. In: **The Korean War in World History**. Lexington: University Press of Kentucky, 2004.
- WEISIGER, Alex. **Logic of War**: Explanations for Limited and Unlimited Conflicts. Ithaca: Cornell University Press, 2013.
- WILDENBERG, Thomas. Logistic Support for Conducting Sustained Air Operations at Sea: The US Navy Experience in Korea. In: WATSON, George; NEUFELD, Jacob (Org.). **Washington**: US Air Force History and Museums Program, 2005, p. 278–286.

WORTZEL, Larry. The Beijing-Tianjin Campaign of 1948-1949: The Strategic and Operational Thinking of the People's Liberation Army. *In: RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David; MCDEVITT, Michael A. (Org.). Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949.* Armonk: ME Sharpe, 2003, p. 56-72.

XUEZHI, Hong. The CPVF's Combat and Logistics. *In: Mao's Generals Remember Korea.* Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 106-138.

YU, Bin. What China Learned from its "Forgotten War" in Korea. *In: Mao's Generals Remember Korea.* Lawrence: University Press of Kansas, 2001, p. 9-29.

ZHANG, Shu Guang. Command, Control, and the PLA's Offensive Campaigns in Korea, 1950-1951. *In: RYAN, Mark; MCDEVITT, Michael A. (Org.). Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949.* Armonk: M.E. Sharpe, 2003, p. 91-122.

ZHANG, Shu Guang. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953.** Lawrence: University Press of Kansas, 1995.

ZHANG, Xiaoming. **Red Wings over the Yalu: China, the Soviet Union, and the Air War in Korea.** College Station: Texas A&M University Press, 2003.

ZHANG, Yuan Lin. **Mao Zedong und Carl von Clausewitz : Theorien des Krieges, Beziehung, Darstellung und Vergleich.** Tese (Doutorado) – Universidade de Mannheim, Mannheim, 1995.

ZHIHUA, Shen; XIA, Yafeng. Mao Zedong's Erroneous Decision During the Korean War: China's Rejection of the UN Cease-fire Resolution in Early 1951. **Asian Perspective**, v. 35, n. 2, p. 187-209, 2011.

ZHU, Pingchao. **The Road to an Armistice: an Examination of the Chinese and American Diplomacy during the Korean War cease-Fire Negotiations, 1950-1953.** Tese (Doutorado) – Miami University, Oxford, Ohio, 1998.

